

A HISTÓRIA  
DO  
NOME DA MINHA RUA

*Memórias*

*Biográficas*

*de Matão*

Eduardo Matuiski



## Matão-SP

### Legislação Digital

#### LEI Nº 4.208, DE 10 DE AGOSTO DE 2010

Autógrafo nº 85/2010  
Projeto de lei nº 91/2010  
Autoria: Vereador Ademir de Souza

Dispõe sobre a autorização para receber, em doação, o livro "A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA", de autoria do cidadão CARLOS EDUARDO FUTRA MATUISKI, bem como sobre o tombamento de referida obra como Patrimônio Público Cultural e dá outras providências.

A Câmara Municipal de Matão decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Público autorizado a receber, em caráter de DOAÇÃO, o livro denominado "A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA", de autoria do cidadão CARLOS EDUARDO FUTRA MATUISKI, que faz parte integrante da presente lei.

Art. 2º Fica tombado como patrimônio histórico e cultural do município de Matão, a obra disposta no artigo 1º da presente Lei, como forma de preservação da história das pessoas ou datas comemorativas que serviram de inspiração para compor o nome das ruas e avenidas de nossa cidade.

Art. 3º O tombamento de que trata a presente lei deverá constar do livro Tombo Histórico do Município de Matão.

Art. 4º O bem tombado, não poderá ter a escrita original das 342 biografias registradas alterada em nenhuma hipótese, ressalvado apenas a sua complementação em aparte, com a indicação da fonte.

Parágrafo único. No caso das 247 biografias que restam ser incluídas, num total de 589 logradouros registrados até o mês de Agosto de 2009, conforme a indicação do autor registrada às fls. 3, 4 e 5 do referido compêndio bibliográfico, as mesmas poderão receber a inclusão, devendo porém constar a fonte que registrar as informações.

Art. 5º A partir da publicação desta Lei, ao serem nomeadas Ruas e Avenidas da cidade, o Executivo Municipal cuidará para que o histórico dos homenageados, lançados nos respectivos Projetos de Lei, de pessoas ou datas, sejam também registrados no livro tombado pela presente Lei.

Parágrafo único. Constará do registro no livro, o nome do autor, o número do projeto de Lei e o número da respectiva Lei convertida, com a homenagem a ser registrada.

Art. 6º O bem ora tombado fica sujeito à vigilância permanente do Departamento de Cultura com auxílio do Conselho do Arquivo Histórico de Matão, que zelará pela sua preservação.

Art. 7º O Departamento de Cultura tomará as providências de praxe para a perfeita execução desta lei, bem como poderá cuidar da sua impressão, ou ainda, disponibilizar o seu conteúdo em site oficial, garantindo através de ferramentas próprias a preservação do seu conteúdo, para pesquisas ou trabalhos de interesse de qualquer cidadão.

Art. 8º As despesas necessárias para a execução da presente Lei correrão por conta das dotações existentes alocadas na Secretaria de Educação e Cultura.

Art. 9º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio da Independência, aos 10 de agosto de 2010.

Dr. Adauto Scardoelli  
Prefeito Municipal

\* Este texto não substitui a publicação oficial.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*



# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*



# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

À minha esposa  
Vera Lúcia,  
diamante inquebrantável, luz da  
nossa família, pela paciência  
e companheirismo.

Aos nossos filhos,  
Rafael Eduardo e Maria Helena,  
pérolas de inestimável valor, razão  
da nossa existência.

*(E.M.)*

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

(E.M.)

*“Dedico à minha querida Matão  
um pequeno gesto de resgate  
da memória da sua gente,  
perenizando a grandeza  
de sua história”.*

*Eduardo Matuiski*

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## ENSAIO SOBRE AS BIOGRAFIAS

Após fecunda e feliz experiência de rascunhar as histórias de 65 personalidades que se transformaram em Patronas de Biblioteca, Espaço Cultural, Creches, Emeis, Escolas Municipais e Estaduais, recontando através desta viagem um pouco da história de nossa querida Matão (*Memorial da Educação, Unigraf, agosto de 2000, Matão-SP*), com o advento e a perpetuação dos mecanismos de pesquisa oferecidos pela *Internet*, resolvemos deflagrar um verdadeiro mergulho às nossas origens, içando e trazendo à tona a história de vida de uma grande parte de nossos antepassados, perpetuados com nomes de Ruas, Avenidas e Praças de Matão, oferecendo tais biografias, ou “fragmentos biográficos” para a posteridade em uma nova linguagem que permitirá não só a consulta e a pesquisa rápida como também a permanente compilação de novos dados biográficos que forem sendo desvendados, além da possibilidade de inclusão imediata de denominações posteriores, o que nos dá a certeza de que este trabalho não ficará estático, e nem será esquecido num canto qualquer, adjetivo pejorativo relegado aos livros, com o qual não concordamos, uma vez que os livros nunca serão substituídos totalmente, pois o prazer e a companhia de um bom livro foi, é e será (assim esperamos!) inigualável.

O nosso trabalho não é novo. A ferramenta que temos à disposição é que nos permite ir além. Muitos abnegados contaram a história de Matão e, através das páginas lidas e relidas de obras primas elaboradas por Januário Groppa, Azor da Silveira Leite, Alceu de Araújo Nantes, Olga Lian, Adail Pedro, Paulo Pavarini, Luiz Marques Bueno e outros tantos ilustres “contadores” da nossa epopéia é que conseguimos entender a bravura incansável desta gente ordeira, trabalhadora e, acima de tudo, cidadãos conscientes que escreveram, letra a letra, palavra por palavra, página por página da História de Matão.

Quis o destino que este tesouro, ou a idéia inicial de petrificar a história e posteriormente, multiplicá-la além dos nossos limites territoriais ganhando a região, o Estado, o País... e o mundo, coubesse a nós, servidores e multiplicadores de nossos próprios acontecimentos.

**Biografar** significa fazer a biografia, descrever a história de vida de uma pessoa,

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

função desenvolvida pelo Biografista ou Biógrafo. Ainda bem que temos vários personagens que se aventuraram nesta missão, única maneira de resgate da nossa memória, objetivando delinear, dar contorno e vida aos aspectos históricos da humanidade. Se não fosse pelas mãos de tais agentes, o que saberíamos de nossos mais longínquos ancestrais? Na árvore genealógica, cabe aos avós passarem adiante a história da cadeia familiar, bem como os costumes, tradições, etc. Fatos pitorescos ocorridos com entes familiares, fatos notáveis, outros nem tanto. É uma cadeia de acontecimentos que ao se formar, relatam a nossa efêmera passagem por aqui. Não fossem significativos e fortes tais elos se perderiam levando consigo a história, deixando um buraco irreparável na linha do tempo.

Não deixe sua história se perder, esse é o nosso lema! Temos a grata satisfação de ter conhecido pessoalmente vários dos atores que foram eternizados em nossas vias públicas, bem como aqueles que ao longo de sua brilhante jornada relataram e os que ainda relatam a Matão de outrora, a nossa querida Terra-Mãe, nossa razão de viver, a Terra da Saudade.

Devemos a todos os que fincaram seus objetivos neste abençoado solo um agradecimento solene. Seus familiares são a prova viva de que toda a batalha valeu a pena. Nenhum deles, por menor sacrifício que tenha feito será diminuído frente aos vultos mais consagrados de nossa história, pois fizeram parte do todo, de uma coletividade, de uma união de forças invisíveis que permeou os contornos da suprema beleza de nossa querida "comuna", como dizem os italianos.

Então, pensando em como contar esta grande história, utilizamos todos os materiais disponíveis. Pedimos ajuda a todas as pessoas que pudessem nos auxiliar, recorreremos a todos os órgãos públicos, meios de comunicação, utilizando também como fonte de nossa pesquisa o banco de dados da Câmara Municipal de Matão além do rico material existente em livros; revistas e jornais de nossa cidade, para que pudéssemos ofertar, da forma mais completa possível, um presente para a nossa cidade.

Durante a jornada de compilação das biografias nos deparamos com algumas dificuldades, como por exemplo, a ausência de histórico ou biografia do homenageado que muitas vezes já não possui parentes em nossa cidade; além disso, diante da envergadura do desafio, não houve tempo hábil para contatar familiares dos homenageados e esta tarefa

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

jamais seria finalizada contando apenas com a boa vontade do autor. Os números finais falam por si só: foram catalogados **589** logradouros. Conseguimos biografar a história de **342** deles; restando ainda **247** histórias para serem contadas.

Sendo assim, nos rendemos às infinitas possibilidades oferecidas pela era da informática, capaz de levar informações a milhares, milhões de pessoas, com um simples toque de botão; apresentando à população tudo o que já foi registrado até o mês de agosto de 2009, e abrindo um canal permanente de pesquisa que poderá ser acessado por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, atores que através de efetiva participação certamente nos auxiliarão na construção das 247 biografias que ainda não foram finalizadas, além da possibilidade de inclusão permanente de novos dados e informações.

Dessa forma, disponibilizamos no site oficial do Município todo o material já finalizado e abaixo dos nomes dos homenageados que ainda não tiveram suas biografias ultimadas, destacamos o seguinte aviso: **Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).**

Entretanto, não nos esquecemos do livro e do seu importante papel histórico. Edição única será entregue à Casa da Cultura – Biblioteca Municipal, para sacramentar o lançamento dos dados disponibilizados no site oficial da Prefeitura Municipal de Matão.

O livro, à disposição na Biblioteca Municipal, marca e perpetua o acontecimento. Ele fica. Os dados, disponibilizados na rede mundial de computadores são de domínio público e não quedarão estáticos, jamais.

**CÁRLOS EDUARDO FUTRA MATUISKI**

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## APRESENTAÇÃO

Os habitantes das regiões urbanas residem em ruas ou avenidas nos diversos bairros das cidades, forma encontrada para individualizar cada família, cada cidadão, possibilitando que ele seja encontrado em meio a um milhão de habitantes, por exemplo. Os logradouros públicos, espaço de livre circulação, são divididos em: Rotatória: intersecção de vias na qual o fluxo de trânsito se dá em sentido único em torno de um terrapleno central; Viela: rua estreita, beco; Travessa: rua transversal, entre duas outras mais importantes, Rua: via pública de circulação urbana; Avenida: via urbana mais larga do que a rua; Beco: rua estreita, fechada num dos seus extremos; Ladeira: rua íngreme; Alameda: rua ou avenida marginada de árvores; Via: lugar por onde se vai ou se é levado, estrada, caminho, direção, rumo; Rodovia: via destinada ao tráfego de veículos autônomos que se deslocam sobre rodas, autovia, estrada de rodagem.

Essa fundamental forma de organização é utilizada pelos mais diversos seguimentos de logística, possibilitando o cruzamento de informações, envio de documentos, distribuição de periódicos informativos e de uma gama infindável de produtos entregues via correio, etc.

Por isso, o nome da nossa rua é uma ferramenta utilizada quase que diariamente: para recebermos aquela deliciosa pizza comprada pelo telefone, um remédio que não conseguimos encontrar na farmácia de nosso bairro, um produto comprado pela televisão ou pela internet, para recebermos o talão de cheque, para recebermos as ligações de água, de luz, etc, e, é claro, para o posterior envio das contas.

Onde você mora? Qual o nome da rua? A esta pergunta, respondemos quase que mecanicamente, mas você saberia dizer por que o nome de sua rua foi batizado de Rua dos Ventos Uivantes? Saberia dizer quem foi João Pessoa, uma das ruas principais de nossa cidade?

Para conhecermos um pouco mais como nasceram algumas ruas

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

de nossa cidade, precisamos regressar no tempo, até o nascimento de Matão. O primeiro presidente da Câmara Municipal de Matão foi o **Capitão Theophilo Dias de Toledo**, e o primeiro Intendente (Prefeito) de Matão, foi **Cairbar de Souza Schutel**, eleitos em Sessão Preparatória, realizada em 28 de março de 1.899, ambos com 05 (cinco) votos. Após a instalação da histórica Sessão, criou-se a primeira Lei Municipal, diploma que delimitou o perímetro urbano da Vila do Matão, composto: “pelo patrimônio chamado do Santo, delimitado como está na gleba, tirada na divisão judicial e acrescido respectivamente do território, que vai até a linha da Estrada de Ferro e mais cem braças além”. Criava-se ainda, através da Lei Municipal nº 01, a primeira idéia da direção e do traçado das ruas e avenidas. No art. 2º, §1º assim ficou a redação : “Terão nome de Ruas propriamente ditas aquelas que se acham lançadas na direção da Nascente à Poente e Avenidas as que estão na direção de Norte a Sul.

As ruas e avenidas de Matão nem sempre tiveram os nomes que hoje ostentam, como homenagens prestadas as pessoas ilustres ou como lembrança de uma data histórica importante. O projeto de lei de agosto de 1915 decretou : Art. 2º: as ruas da cidade passam a ser denominadas: RUA 1- PRUDENTE DE MORAES, RUA 3-DO COMMERCIO, RUA 5-RUY BARBOSA, RUA 7-JOSÉ BONIFÁCIO, RUA 9-CEZARIO MOTTA e RUA 11-CASTRO ALVES. Art.3º as avenidas terão as seguintes denominações: AV.0 - TIRADENTES, AV.2 -28 DE AGOSTO, AV.4- 15 DE NOVEMBRO, AV.6- 7 DE SETEMBRO, AV.8- 13 DE MAIO, AV.10-CAMPOS SALLES e AV.12-COLOMBO.

Em 08 de fevereiro de 1942, o Decreto-Lei nº57, denominava as vias públicas do Bairro Alto (Major Joaquim Gabriel de Carvalho e Coronel Leão Pio de Freitas), na Vila Santa Cruz (Cairbar Schutel, Theófilo Dias de Toledo e Nhonhô Magalhães).

Voltando de nossa viagem no tempo, vamos descobrir que muitas pessoas além de você também já se perguntaram sobre a origem dos nomes e

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

as biografias das pessoas imortalizadas nas ruas, avenidas e praças de Matão... e foi mais longe, catalogou e ofereceu o presente trabalho às futuras gerações de nossa terra.

Hoje, após três anos de trabalho de pesquisa, você poderá conhecer a origem e a história do nome da sua rua, perpetuando o sentimento daqueles que um dia escolheram o nome de batismo para o local onde você escolheu como seu domicílio; poderá também ser um agente da história, nos ajudando a finalizar as 247 biografias de vários homenageados que ainda não tiveram seu exemplo de vida registrado nas páginas deste livro.

Resgatar e multiplicar os acontecimentos históricos são algumas das melhores formas de preservarmos o patrimônio cultural dos habitantes de uma cidade e esta tarefa, tenha certeza, cabe à sociedade como um todo, cada qual contribuindo com o que sabe para que todos possam usufruir do conhecimento e das informações.

Agradecemos a todas as pessoas que nos auxiliaram neste incansável trabalho de resgate da memória de nossa querida Terra da Saudade e, envaidecidos, entregamos este singelo presente para a nossa querida Matão.

O Autor.

## ÍNDICE

<b>LETRA</b>	<b>PÁGINA</b>
A.....	23
B.....	49
C.....	58
D.....	74
E.....	78
F.....	83
G.....	89
H.....	93
I.....	96
J.....	100
L.....	121
M.....	131
N.....	145
O.....	150
P.....	155
Q.....	166
R.....	169
S.....	182
T.....	195
U.....	203
V.....	204
W.....	211
Y.....	213
Z.....	214

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## NOME DAS RUAS EM ORDEM ALFABÉTICA

Obs:- Abreviações utilizadas nesta relação: AL(Alameda), A(Avenida), E(Estrada), R(Rua), RD(Rodovia), RT (Rotatória), PÇ (Praça), RL (Recanto de Lazer), P (Parque Ecológico), V(Via) e VL(Viela). Seguimos rigorosamente a ordem do nome dos homenageados, seguido do título (Ex: Manoel Azevedo- Cabo, Leão Pio de Freitas-Coronel, Leônia Melito-Madre, Antonio Santo).

### A-

1. ABEL DE BARROS- R
2. ABILIO LAURIANO- R
3. ABOLIÇÃO - PÇ
4. ACHILES CHIOZZINI-R
5. ACRE-R
6. ADALBERTO ANTUNES- R
7. ADEILTON JOSÉ DA CRUZ - PÇ
8. ADELAR MACHADO-R
9. ADELINO BESSI-R
10. ADELMO MINGOSSI- A
11. ADEMIR PEREIRA- R
12. ADOLFO GUANDALINI - A
13. ADRELINO ALVES - PÇ
14. AÉRICO MACCAGNAN-R
15. AFONSO CALLEGHER – R
16. AFONSO MACCAGNAN – R
17. ALAGOAS -A
18. ALBERTO BENASSI – A
19. ALBERTO BERNICHI – R
20. ALBERTO BIDUTTI –R
21. ALBERTO GOMES DE FARIA – R
22. ALBINO JOÃO BALDAN- VEREADOR - A
23. ALCIDES GULINI – A
24. ALCIDES TORRES – R
25. ALDO ALDANO BOTURA – R
26. ALDO GORGATTI- VEREADOR - R
27. ALDO NICOLUCCI – A
28. ALEXANDRE DALLE VEDOVE – A/PÇ
29. ALEXANDRE DOS SANTOS PIRES – R
30. ALFEU TADEI – R
31. ALFREDO DE PAIVA GARCIA - PÇ
32. ALFREDO DOMINGUES DE MORAES – A
33. AMADEU ROMANELLI –R
34. AMÁLIA MINGOSSI – A
35. AMAPÁ -A
36. AMAURI SQUISATTI - VEREADOR - A
37. AMAZONAS-R
38. AMÉRICO APPOLONI – R
39. AMÉRICO BRASILIENSE-A
40. AMÉRICO VEZZANI – R

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

41. ANA MARIA GOMES - R
42. ANDRÉ CHIOZZINI - R
43. ANDRÉ RIZZO - A
44. ANÉSIO SCUTTI- VEREADOR - A
45. ANGELIN RÉ - A
46. ANGELINA G. DERÂMIO - R
47. ANGELINO GARDINI - R
48. ANGELO BELINI - A
49. ANGELO BÉTTIO - R
50. ANGELO MACCAGNAN - R
51. ANGELO PASTORI - R
52. ANGELO RAGASSI - A
53. ANGELO VERGA - R
54. ANIBAL RIBEIRO - A
55. ANTHERO QUARESMA - A
56. ANTONIO -SANTO - A
57. ANTONIO ALCAUSA - R
58. ANTONIO AZEVEDO - PÇ
59. ANTONIO BELUCCI - R
60. ANTONIO BENFATI - A
61. ANTONIO BOVO - R
62. ANTONIO BROCHETTO - R
63. ANTONIO CELLI - R
64. ANTONIO CIOFFI - A
65. ANTONIO COELHO - A
66. ANTONIO DA SILVA COELHO-R
67. ANTONIO DA SILVEIRA LEITE - R
68. ANTONIO DE RIZZO - A
69. ANTONIO FERREIRA - PÇ
70. ANTONIO GARBIN - A
71. ANTONIO GERALDO GRANATA - R
72. ANTONIO GORGATTI - A
73. ANTONIO LIAN - A
74. ANTONIO LOPES - A
75. ANTONIO LUNARDI - A
76. ANTONIO MAGOLO - R
77. ANTONIO MANECHINI - R
78. ANTONIO MORILION SÓRIA - R
79. ANTONIO NAPOLEÃO - R
80. ANTONIO PEDRO DA SILVA - A
81. ANTONIO PEREIRA -A
82. ANTONIO POLTRONIERI- R
83. ANTONIO RADAELLI - R
84. ANTONIO RAMOS GOMES - R
85. ANTONIO RODRIGUES LOPES - R
86. ANTONIO RUOCCO - R
87. ANTONIO SILVEIRA LEITE - R
88. ANTONIO SILVEIRA MENDONÇA-R
89. ANTONIO TANAKA - R
90. APARECIDA- (NOSSA SENHORA DE) - PÇ
91. APARECIDO FERRAZ - A
92. APARECIDO FERREIRA DE CARVALHO - R
93. APARECIDO LÚCIO - PÇ

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

94. APARECIDO SCUTTI - A
95. APARÍCIO DA SILVA COELHO - A
96. AQUILINO BENASSI - A
97. ARARAQUARA - A
98. ARCHIMEDES DALMIGLIO- R
99. ARISTODÉMO POMPEU LANZA - R
100. ARMANDO ANTONIO MOCHETTI - R
101. ARMANDO BELLENTANI - R
102. ARMANDO FECHIO - R
103. ARMANDO GAMBERINI - R
104. ARMINIO DE ARRUDA CAMARGO - A
105. ARTECERCE MOLINARI- R
106. ARTHUR ANTONIOSSI - R
107. ARHUR BANDELLI - R
108. ARTHUR CECCHETO - R
109. ARTHUR DANTAS - R
110. ARTHUR RIBEIRO - R
111. ATÍLIO DE BONITO - R
112. ATÍLIO LANGHI - A
113. AUGUSTO BAMBOZZI - V
114. AUGUSTO BELLINI - R
115. AUGUSTO FERREIRA - A
116. AURÉLIO DIAS - A

## B-

1. BABY FERRAZ MARQUEZI - R
2. BAHIA - R
3. BALDAN - A
4. BAMBOZZI - R
5. BARTOLOMEU FERREIRA - PÇ
6. BASÍLIO BAMBOZZI - R
7. BATISTA- PADRE - A
8. BATISTA GANDINI - R
9. BEATRIZ ZANARDI GARDINI - PÇ
10. BELARMINO CAPARELLI - R/A
11. BENEDITO ALEIXO DO NASCIMENTO - R
12. BENEDITO FERREIRA - R
13. BENEDITO FURINI - PÇ
14. BENEDITO QUEIROZ - A
15. BENÍCIO PINTO DE MENDONÇA - A
16. BENTO DE MIRANDA MELLO - R
17. BERNARDINO SCUTTI - A
18. BOIADEIRA - E
19. BORBOREMA - A
20. BORTOLO BIAVA - A
21. BRASIL - A
22. BRASÍLIA -R

## C-

1. CAIRBAR SCHUTEL- A
2. CAMPOS SALLES - A

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

3. CAPRI - A
4. CARL FISCHER - V
5. CARLOS ALBERTO ULSSON - A
6. CARLOS BELLINI - A
7. CARLOS CICOGNA - R
8. CARLOS GALLI - R
9. CARLOS GUILHERME EDUARDO FISCHER - R
10. CARLOS JOHANSEN - R
11. CARLOS MARIANI - A
12. CARLOS MESSE - A
13. CARLOS MONTEIRO DE CASTRO - R
14. CARLOS PINOTTI - R
15. CARLOS VICENTE DE OLIVEIRA JR. - A
16. CARMO CIOFFI - R
17. CÁSSIO BOTTURA - A
18. CASTRO ALVES - R
19. CATANDUVA - R
20. CATARINA - SANTA - R
21. CATHARINA BARLETA MORIS - R
22. CEARÁ - R
23. CESÁRIO MOTTA - R
24. CEZAR ANGELINI - A
25. CEZAR SICHIERI - A
26. CEZAR ZANARDI - A
27. CHLORITÁ DE OLIVEIRA PENTEADO MARTINS - PROFESSORA - A
28. CLARA MARGUTTI DA SILVA - R
29. CLÁUDIO BEVILACQUA - R
30. CLEÓPHAS GUIMARÃES - A
31. CLITO BASTIA - V
32. CLOVIS VALENTIM - R
33. CONSTANTINO BASTIA - R
34. CRISTO REDENTOR - PÇ
35. CYPRIANO FERREIRA - R

## D-

1. DANIEL ANTONIO DE BRITO - A
2. DANTE PECORARI - R
3. DELMINA ALBARICCI GONÇALVES - R
4. DEZOLINA MANCINI CIOFFI - A
5. DIONÍZIO MELETTE - R
6. DOBRADA - R
7. DOMÍCIO NATAL DE LIMA - R
8. DOMINGOS MARIANI - A
9. DOMINGOS MASSELANI - A
10. DOMINGOS PRIMIANO - R
11. DOMINGOS SCHIAVETTO - R
12. DOMINGOS SIQUITELLI - R
13. DOMINGOS TORRES - R
14. DORGIVAL PEREIRA ALMEIDA - R
15. DORIVAL PEREIRA RIBEIRO - R
16. DORIVALDO VECTURI - PÇ
17. DORVALINO AGOSTINI - R

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

18. DURVAL DE SOUZA - R

## E-

1. ECOLÓGICO - P
2. EDGAR LOMBARDI - A
3. EDÍLIO BIGAL - PÇ
4. EDUARDO DA SILVA MATTOS - A
5. ELIAS ALANE - R
6. ELIAS RAIMUNDO DE BRITO - R
7. ELPÍDIO M. MIRANDA - R
8. ENÉIAS AUGUSTO DE SOUZA - A
9. ENTARO OKADA - R
10. ENZO CASTELLANI - R
11. ERASTO GONÇALVES - R
12. ERMANO ROSSI - A
13. ERMÍNIA AVOZANI PINOTTI - V
14. ERNESTO CAVICHIOLLI - R
15. ERNESTO GORGATTI - A
16. ESPÍRITO SANTO - A
17. ESPÍRITO WALDEMAR SALTO - VL
18. ESUARDO MACHADO - R
19. EUGÊNIO PANEGOSSI - PÇ
20. EVARISTO DE ABREU - PÇ

## F-

1. FARIA LIMA - RD
2. FAZENDA - E
3. FELICE ZAMBOM - A
4. FELIPPE THOMAZ GRANATO - A
5. FERDINANDO BAMBOZZI - PÇ
6. FERES LIAN - R
7. FIORAVANTE BERTACHINI - A
8. FIORAVANTE CALABRETTI - R
9. FIRENZE - R
10. FRANCISCO - SÃO - PÇ
11. FRANCISCO ALBERICCI - A
12. FRANCISCO CARLOS MARTINS - R
13. FRANCISCO COMELLI - R
14. FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO - R
15. FRANCISCO MALZONI - A/RD
16. FRANCISCO MASTROPIETRO - A
17. FRANCISCO PEDRO ANTONIO - R

## G-

1. GARAUD - PADRE - PÇ
2. GENOVA - R
3. GERMANO FÉLIX PEREIRA - R
4. GERMANO PRIMO PINOTTI - A
5. GIBOTI - VL

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

6. GILDO NICOLUCCI - A
7. GOÍAS - A
8. GREGÓRIO PERCHES DE MENEZES - A
9. GRIMALDO BONINI - A
10. GUARIBÁ - R
11. GUERINO RIBEIRO - R
12. GUIDO CARDIM - R
13. GUILHERME FERRANTE - A
14. GUILHERME PAULIQUE - A
15. GUILHERME PEDRO - A

## H-

1. HABIB GABRIEL - A
2. HAMILTON BASTIA - R
3. HENRIQUE CORREIA - RL
4. HENRIQUE FURINI - R
5. HERALDO PERACINI - R
6. HÉRCULES BONONI - R
7. HERMELINDA GASPARINI FURINI - R
8. HUMBERTO BESSI - A
9. HUMBERTO PAIOLA - A

## I-

1. IBITINGA - A
2. ILDA TAVARES DA COSTA - R
3. IRENE BRANDES - AL
4. IRIS BELODI - R
5. ISAIAS SIMÃO - R
6. ITALO FERREIRA - R
7. ITALO MODÉ - A
8. ITÁPOLIS - R
9. IVO DALL'ACQUA - R
10. IVO GRANATA - A
11. IZIDORO ADAIL BOTTESINI - R

## J-

1. JABOTICABAL - R
2. JAIME RODRIGUES COELHO - A
3. JANDYRA PEREIRA CORREA SILVA - A
4. JANUÁRIO FRANCISCO DE SOUZA - R
5. JARCYRO ROSA - A
6. JERÔNIMO NUNES NOGUEIRA - R
7. JOANA TONOLLI DE FARIA - PÇ
8. JOÃO ANTONIO DOS SANTOS FILHO - PÇ
9. JOÃO ANTONIO MARQUEZ - A
10. JOÃO ANTONIO MARTINS - A
11. JOÃO AUGUSTO ARRUDA - R
12. JOÃO BAPTISTA CHIOLINO - R
13. JOÃO BATISTA ESQUILINO - R

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

14. JOÃO BEGATTI - R
15. JOÃO BERETTA - A
16. JOÃO BORDIGNON - R
17. JOÃO CARVALHO - R
18. JOÃO CECCHETO - R
19. JOÃO CORREA - A
20. JOÃO DAMAZIO - A
21. JOÃO DORNELAS - A
22. JOÃO H. MENDONÇA - R
23. JOÃO LEONI - PÇ
24. JOÃO MARCHESAN - A
25. JOÃO MORAES - R
26. JOÃO PESSOA - R
27. JOÃO POLETTI - A
28. JOÃO RIBEIRO - R
29. JOÃO ROSSI - A
30. JOAQUIM GABRIEL DE CARVALHO- MAJOR - R
31. JOAQUIM LIBERATO COSTA - R
32. JOELINA DA SILVA SANTOS - R
33. JORGE CHECCHETO - A
34. JORGE DA CUNHA - A
35. JORGE DUMONT - R
36. JORGE GOMES DA COSTA -R
37. JORGE LIAN - DR - R
38. JOSÉ AKIAU - R
39. JOSÉ AMÂNCIO DO NASCIMENTO FILHO
40. JOSÉ AMARO DA SILVA
41. JOSÉ ANTONIO VIDAL JR. - A
42. JOSÉ ARTIMONTE - R
43. JOSÉ BONIFÁCIO - R
44. JOSÉ BORSETTI - R
45. JOSÉ BURJALE - R
46. JOSÉ CALEGARI - A
47. JOSÉ CARLOS FERREIRA - R
48. JOSÉ CARLOS RUEDA - A
49. JOSÉ CERQUEIRA - A
50. JOSÉ DA COSTA FILHO - A
51. JOSÉ DA CUNHA - R
52. JOSÉ DE OLIVEIRA- A
53. JOSÉ DE PAULA - R
54. JOSÉ DE SOUZA - R
55. JOSÉ ENGE - A
56. JOSÉ GARAIB - R
57. JOSÉ GERALDO - R
58. JOSÉ GOMES FIGUEIRA - R
59. JOSÉ GONÇALVES - A
60. JOSÉ GOULART PEREIRA - R
61. JOSÉ GUERRA - R
62. JOSÉ HIPÓLITO - R
63. JOSÉ LIAN - A
64. JOSÉ LUIZ WAGNA - PÇ
65. JOSÉ MARQUES CALDEIRA DE ASSUMPÇÃO - R
66. JOSÉ MARTINHO MARTINS - R

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

67. JOSÉ MONDINI - R
68. JOSÉ O BEOZZO - R
69. JOSÉ PERLATO - R
70. JOSÉ PILÓ - A
71. JOSÉ PIO CORREIA DA SILVA - A
72. JOSÉ ROSA - R
73. JOSÉ SCHIMIDT - A
74. JOSÉ SGARDIOLI - A
75. JOSÉ SIMÃO KFOURI - R
76. JOSÉ TEÓDULO RODRIGUES - R
77. JOSÉ TIBURTINO LOPES - R
78. JOSÉ TORTORELLO - VEREADOR - R
79. JOSÉ VAZ DE CAMARGO - R
80. JOSÉ VENÂNCIO DE FREITAS JR. - A
81. JOSÉ VIEIRA PRIOSTI - A
82. JOSÉ VIEIRA PRIOSTI JR. - V
83. JOSÉ ZANARDI - A/PÇ
84. JOSÉ ZANGARI - PÇ
85. JOSEPHINA N. VIDAL - A
86. JUNDIAÍ - R
87. JURANDIR LIBÓRIO - R

## L-

1. LAERT JOSÉ TARALLO MENDES - PREFEITO - A
2. LAURENTINO GABRIEL - PÇ
3. LAURINDO GONÇALVES - R
4. LAURINDO PINOTTI - A
5. LÁZARO DE CASTRO FREITAS - R
6. LEANDRO BOCCHI - R
7. LEÃO PASTORI - R
8. LEÃO PIO DE FREITAS - CORONEL - R
9. LEONIA MELITO - MADRE - R
10. LEÔNIDAS CALÍGOLA BASTIA - DR - PÇ
11. LEONILDA FRANCISCO PERSIGUELLI - R
12. LESTER STONER EBERSOLE - PASTOR - R
13. LINO CHIOZZINI - A
14. LINO TREVISAN - R
15. LOUIS FERNAND EBERSOLE - R
16. LOURENÇO - SÃO - R
17. LOURENÇO MANZI - R
18. LUCAS INÁCIO BARBOSA - R
19. LUCIANO GANDINI - R
20. LUCIANO PINOTTI - R
21. LUCINDO GONÇALVES - R
22. LUDWIG ECKES - A
23. LUIZ ALBINO BASSOLLI - A
24. LUIZ ANDREATTI - R
25. LUIZ AUGUSTO AMARAL SAMPAIO - A
26. LUIZ BOVALINE NETO - R
27. LUIZ CALDEIRA - R
28. LUIZ CALEGARI - A
29. LUIZ CIOFFI - R

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

30. LUIZ FAGGIONI – R
31. LUIZ FALCONI- VEREADOR – A
32. LUIZ GAGINI – R
33. LUIZ GONZAGA DA SILVA – R
34. LUIZ GONZAGA DA SILVEIRA LEITE – V
35. LUIZ MANCINI - R
36. LUIZ MAZZUCHELLI – R
37. LUIZ RODRIGUES ESTEVES – A

## M-

1. MANOEL DE AZEVEDO- CABO – R
2. MANOEL GIMENEZ – R
3. MANOEL GOUVEIA – R
4. MANOEL MACHADO – A
5. MANOEL MINGORANCE – A
6. MANTOVA – R
7. MANUEL TEIXEIRA DÓRIA - V
8. MARANHÃO – R
9. MARCHESAN – A
10. MARCI JOSÉ VALVERDE – R
11. MARCÍLIO CECCHETO – A
12. MARCOS MONAZZI – R
13. MARGARETE COELHO DE CARVALHO – R
14. MARGARIDA OLIVEIRA DOS REIS – R
15. MARIA APARECIDA BARROS – R
16. MARIA APARECIDA MARIANO ANDRÉ - R
17. MARIA APARECIDA MORO - PÇ
18. MARIA CAMPOS SALTO – R
19. MARIA DE LOURDES TANAKA – R
20. MARIA ELIZA MORATO MARTINS- PROFESSORA – A
21. MARIA FAVERI TROLI - R
22. MARIA GAZONI - A
23. MARIA HAIK LIAN – R
24. MARIA PEREIRA DOS SANTOS – A
25. MARIANA SOUZA FAGGIONI – R
26. MARINA GANDINI – R
27. MÁRIO CHIOZZINI - PÇ
28. MÁRIO ESPELHO – R
29. MÁRIO PINOTTI – A
30. MARLENE DAVID DOS SANTOS – R
31. MARLENE PICCHI- PROFESSORA – R
32. MATHIAS DIAS DE TOLEDO – A
33. MATO GROSSO – A
34. MATO GROSSO DO SUL – A
35. MAURO MENGATTI – PÇ
36. MIGUEL MATAVELLI - PÇ
37. MILANO – R
38. MILCIADES BOTTURA - ENGENHEIRO – R
39. MILTON ANTONIO ORTIZ – R
40. MILTON MARCHESAN – A
41. MILTON SIMONETE TRENCH – R
42. MINAS GERAIS – A
43. MONTE ALTO – A

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

44. MONZA - A

## N-

1. NAPOLEÃO BOTTURA - A
2. NAPOLI - R
3. NARCISO BALDAN - R/V
4. NELSON ANTONIO ROMÃO- PADRE - A
5. NELSON DOMINGOS DE MORAES - A
6. NHONHÔ MAGALHÃES - A
7. NÍCOLA MANZI - V
8. NILSON BARBAÇO - A
9. NÚNCIO MALZONI - PÇ

## O-

1. OCTACÍLIO DAVID- RT
2. OCTACÍLIO RIBEIRO- PROFESSOR - R
3. OCTAGINO SILVEIRA LEITE- R
4. ODAIR PEDRO DE MELLO - R
5. ODILON AUGUSTO - R
6. ODONE MARCHESAN - A
7. OLINDO FRIGIERI - R
8. OLINTO BUZZARO - A
9. ONEIDA TRAVASSOS DOURADO - A
10. ORESTE BOZELLI - R
11. ORESTES QUARÉSIMA - R
12. ORLANDO JOSÉ SCUTTI - V
13. OSMAR DA COSTA - PÇ
14. OTÁVIO BARBOSA DA SILVA- R
15. OTONI CORREA - R

## P-

1. PALAMEDE CAVICHIOLE - R
2. PARÁ- R
3. PARAIBA- R
4. PARANÁ- A
5. PARTICULAR - E
6. PASCHOAL TREVISAN - A
7. PAULINO GRANATA - A
8. PAULO - SÃO - A
9. PAULO MANZI - R
10. PEDREIRA - R
11. PEDRO BERNAVA - A
12. PEDRO BIGAL - R
13. PEDRO DE OLIVEIRA BASÍLIO - A
14. PEDRO GUILHERME NONIS - R
15. PEDRO GUERREIRO - R
16. PEDRO IVO FRATINI - A
17. PEDRO JACOMINE - A
18. PEDRO JARDIM - R

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

19. PEDRO LAVEZZO – A
20. PEDRO MARTINS – R
21. PEDRO MARTINS DE FREITAS – A
22. PEDRO PERCHES DE AGUIAR – R
23. PEDRO RONDANIM - PÇ
24. PERIMETRAL - R
25. PERNAMBUCO – R
26. PERSI MANTOVANI – R
27. PHILOMENA CIORLINO – R
28. PHILOMENA DURANTE GARBIM – R
29. PIAUÍ – R
30. PINDORAMA – A
31. PISA – A
32. PRATA – E
33. PRIMO ZANAZZI - R
34. PRUDENTE DE MORAES – R

## Q-

1. QUÉZIA FERREIRA – R
2. QUINZE DE NOVENBRO – A

## R-

1. RAFAEL JUAREZ SOLA – A
2. RAFAEL TRAVALHONI - A
3. RAIMUNDA RIBEIRO LIMA – R
4. RAUL ERASMO CAPPARELLI - RT
5. REYNALDO ROMANELLI – A
6. RENATO PICCHI – R
7. RICARDO CARDIM – A
8. RICARDO SALVI - R
9. RINCÃO – A
10. RIO DE JANEIRO – A
11. RIO GRANDE DO NORTE – R
12. RIO GRANDE DO SUL – A
13. RIVADÁVIA FARIA - V
14. ROBERTO GARDINI – A
15. ROMA – A
16. RONDÔNIA – A
17. ROSSI – A
18. RUGGERO BALDAN – V
19. RUI BARBOSA – R
20. RUTH TOLEDO MALZONI-R

## S-

1. SALDANHA DA GAMA – A
2. SALUSTIANO FERREIRA DOS SANTOS - R
3. SALVADOR T. GALRÃO- DR. - R
4. SANDRA ELISA PICCHI COMAR – R
5. SANTA CRUZ – A

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

6. SANTO NONIS – R
7. SAUDADE - AL
8. SAULE BORTOLANI – A
9. SAVÉRIO PINOTTI – R
10. SEBASTIANA A FERNANDEZ- R
11. SEBASTIANA SCARPINATI DE MORAES – R
12. SEBASTIANA SILVEIRA DE MENDONÇA – A
13. SEBASTIÃO C. SILVA – R
14. SEBASTIÃO JUNQUEIRA – R
15. SEBASTIÃO LIMA – R
16. SEBASTIÃO PHELIPE – R
17. SEBASTIÃO VERÍSSIMO – A
18. SEGUNDO GATTI – A
19. SERAFIM HERMIDA SOARES – R
20. SÉRGIO FELÍCIO DE SOUZA – R
21. SERGIPE – A
22. SERVIDÃO - E
23. SETE DE SETEMBRO – A
24. SHIZUKO KAVAHARA - R
25. SILVINO CAMPI – R
26. SILVIO MOREIRA MELO – R
27. SILVIO QUAREZIMA – R
28. SILVIO TOMASELLI – R
29. SINHARINHA FROTA – R
30. SIQUEIRA CAMPOS – A
31. SIZENANDO SILVEIRA LEITE – PÇ
32. SYLVIO DE MATTOS CARVALHO - PÇ
33. STÉFANO D'AVASSI – R
34. SUSANNA KATHARINA PETER - R
35. SYLVIA PARDI BUENO – A

## T-

1. TABATINGA – R
2. TANCREDO NEVES - PÇ
3. TAQUARITINGA – A
4. TEREZINHA RIBEIRO DE FREITAS BARBOSA - A
5. TERIGI BASTIA – R
6. THEOPILO DIAS DE TOLEDO- A
7. THOMAZ SPINELLI – R
8. TIRADENTES – A
9. TITO BURINI – R
10. TOLEDO MALTA – A
11. TORINO – R
12. TRABALHADOR – RD
13. TROLESÍ – A

## U-

1. URBANO PEREIRA DE AGUIAR – A

## V-

1. VALDOMIRA MARIA FACHIN - R

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

2. VALENTIM BONONI- R
3. VANDERLEI APARECIDO PEREIRA - R
4. VENINA CHIACHIO ARROYO - R
5. VENEZIA - R
6. VERGÍLIO DE DEUS MOREIRA - R
7. VERONA - R
8. VICENTE BARBOSA DA SILVA - V
9. VICENTE CÓRDOA - R
10. VICENTE INFANTE - R
11. VICENTE JOÃO BERNARDI - A
12. VICENTE MASTROPIETRO - R
13. VICENTE RUSSO - R
14. VICENTE VESPA - R
15. VICTÓRIO CHIOZZINI - R
16. VICTÓRIO PINOTTI - R
17. VINTE E OITO DE AGOSTO - A
18. VIRGÍLIO BALLISTA- R
19. VIRGÍLIO TAGLIAVINI - R
20. VIRGÍLIO TURCATO - A
21. VITAL BOMTEMPO - A

## W-

1. WALDEMAR AMBROGGIO BOTTURA - PÇ
2. WALSIR PAIOLA - R
3. WASHINGTON LUIZ - RD
4. WILSON ANTONIO BOVOLIN - R
5. WILSON DE FARIA - A

## Y-

1. YOLANDA TAGLIAVINI GROPPA - R
2. YOLANDA TOMAZELLI CECCHETO - A

## Z-

1. ZELINDA GATTI ALCAUSA - V

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# A

## ABEL DE BARROS

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou de e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ABÍLIO LAURIANO

Nascido em 21 de abril de 1909, no município de Bom Conselho, estado de Pernambuco. Casou-se com Dona Maria Francisca Ferreira em 1925, sendo que dessa união nasceram os filhos: José, Jacira, Cleuza, Francisco, Adalgisa, Eduardo, Adelina, Lourisval, Guiomar, Antonio e Otávio. O senhor Abílio, homem simples, trilhou sua vida pelos caminhos da honestidade, da dignidade e da honradez, deixando aos seus familiares uma vida repleta de bons exemplos. Teve suas raízes no campo e foi para exercer a missão de trabalhar na terra que aqui chegou em 1964, indo prestar serviços na propriedade do Sr. Dalmino Trevisan, hoje Jardim Itália e, com a mesma dedicação que cuidava do trabalho, cuidava da família, pois não media esforços para proporcionar aos seus filhos e também aos seus netos, uma vida digna, se empenhando para educa-los e prepara-los para a vida, não deixando que nada lhes faltasse. Seu lar era o ponto de encontro preferido de toda a família, pois ali todos sentiam o calor humano, o aconchego e o carinho necessário para fazê-los felizes e realizados. A história de Abílio Lauriano se iguala à de tantos outros nordestinos que chegaram a nossa querida Matão, em busca de dias melhores e aqui derramaram o suor, cuidando para brotar o progresso e o desenvolvimento, deixando a sua contribuição cultural e laboral estampada nas páginas de nossa história. Abílio faleceu em 05 de novembro de 1989, deixando saudade aos filhos, 35 netos, 45 bisnetos e 8 tetranetos.

## ABOLIÇÃO

Na época em que os portugueses começaram a colonização do Brasil, não existia mão-de-obra para a realização de trabalhos manuais. Diante disso, eles procuravam usar o trabalho dos índios nas lavouras; entretanto, esta escravidão não pôde ser levada adiante, pois os religiosos se colocaram na defesa dos índios condenando sua escravidão. Assim, os portugueses passaram a fazer o mesmo que os demais europeus daquela época. Eles foram à busca de negros na África para submetê-los ao trabalho escravo em sua colônia. Deu-se, assim, a entrada dos escravos no Brasil. Os negros, trazidos do continente Africano, eram transportados dentro dos porões dos navios negreiros. Devido as péssimas condições deste meio de transporte, muitos deles morriam durante a viagem. Após o desembarque eles eram comprados por fazendeiros e senhores de engenho, que os tratavam de forma cruel e desumana. Apesar desta prática ser considerada "normal" do ponto de vista da maioria, havia aqueles que eram contra este tipo de abuso. Estes eram os abolicionistas (grupo formado por literatos, religiosos, políticos e pessoas do povo); contudo, esta prática permaneceu por quase 300 anos. O principal fator que manteve a escravidão por um longo período foi o econômico. A economia do país contava somente com o trabalho escravo para realizar as tarefas da roça e outras tão pesadas quanto estas. As providências para a libertação dos escravos deveriam ser tomadas lentamente. A partir de 1870, a região Sul do Brasil passou a empregar assalariados brasileiros e imigrantes estrangeiros; no Norte, as usinas substituíram os primitivos engenhos, fato que permitiu a utilização de um número menor de escravos. Já nas principais cidades, era grande o desejo do surgimento de indústrias. Visando não causar prejuízo aos proprietários, o governo, pressionado pela Inglaterra, foi alcançando seus objetivos aos poucos. O primeiro passo foi dado em 1850, com a extinção do tráfico negreiro. Vinte anos mais tarde, foi declarada a Lei do Ventre-Livre ( 28 de setembro de 1871). Esta lei tornava livre os filhos de escravos que nascessem a partir de sua promulgação. Em 1885, foi aprovada a Lei Saraiva-Cotegipe ou dos Sexagenários, que beneficiava os negros de mais de 65 anos. Foi em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, que a liberdade total finalmente foi alcançada pelos negros no Brasil. Esta lei, assinada pela Princesa Isabel, abolia de vez a escravidão no Brasil.

## ACHILES CHIOZZINI

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ACRE

É controversa a origem desse nome; conforme alguns, teria origem na palavra tupi, *aquiru*, que significa rio verde; conforme outros, a palavra é corruptela de Aquiri, nome de um rio da região, também de etimologia tupi; numa certa carta o nome desse rio teria sido mal escrito, dando pretexto a que se lesse "Agr" ou "Acre". Acre também é a denominação de uma cidade localizada no norte de Israel, chamada akko em hebraico ou akka em árabe. Foi uma antiga fortaleza dos cruzados, tendo feito parte do reino de Jerusalém, sendo na época denominada São João de Acre. Acre é também unidade de medida de área. É um estado brasileiro situado no sudoeste da região Norte. Até o início do século XX pertencia à Bolívia. Porém, desde o princípio do século XIX, grande parte de sua população era de brasileiros que exploravam seringais e que, na prática, acabaram criando um território independente. Em 1904, o presidente Rodrigues Alves sancionou a lei de criação do Território do Acre. Em 1920 foi unificado e, em 15 de junho de 1962, durante a presidência de João Goulart, foi elevado à categoria de estado, sendo o primeiro a ser governado por uma brasileira, a professora Iolanda Fleming. Sua capital é Rio Branco. Estado composto por 12 municípios em 5 micro-regiões. A maior parte da população dedica-se ao extrativismo vegetal. É o maior produtor brasileiro de borracha. Pratica-se também a coleta de castanha-do-pará e a extração de madeiras. A navegação fluvial é de vital importância para a economia do Estado, pois as principais cidades localizam-se ao longo dos rios. Alguns Acreanos conhecidos: o médico Adão Jatene, o jornalista e escritor Armando Nogueira, Chico Mendes, a novelista Glória Perez e o Deputado Enéas Carneiro.

## ADALBERTO ANTUNES

Ainda estamos reescrevendo a biografia de Adalberto Antunes. Pinçamos nota sobre os Voluntários que se inscreveram para revolução de 1930, e, encontramos, entre os nomes biografados, as figuras de Theophilo Dias de Toledo, Ítalo Ferreira, Esuardo Machado e de Adalberto Antunes, tanto que seu pai, Benedito José Antunes, não sabendo quando o filho voltaria, publicou nota na Comarca em 24 de julho de 1932, informando que os credores de seu filho deveriam apresentar suas contas dentro de oito dias que, sendo verdadeiras, seriam prontamente pagas. Em 04 de setembro de 1932, o jornal "A Comarca", publicou um quadro de honra aos voluntários matonenses em prol da santa cruzada constitucionalista: estão lá os nomes de Erasto Gonçalves, Fioravante Bertachini, Mário Pinotti e Adalberto Antunes, confirmando que este cidadão participou ativamente da história de sua cidade, do seu estado, e do seu país, dignificando sua família e amigos com seu ideal patriota.

## ADEILTON JOSÉ DA CRUZ

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ADELAR MACHADO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ADELINO BESSI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ADELMO MINGOSSI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ADEMIR PEREIRA

Nascido em 16 de abril de 1952, na cidade de Glória, estado da Bahia, casou-se com a Senhora Maria Celeste da Silva Pereira, na cidade de Riachão do Jacuipe-RN. Vindo para o estado de São Paulo, foi morar na cidade de Santos, onde trabalhou no armazém das docas, procurando uma vida melhor para sua dedicada esposa e seus quatro filhos: Alysson, Virgílio, Priscilla e Dayane. Em 1986, mudou-se para Matão. Chegando em nossa cidade, foi trabalhar na empresa Citrosuco Paulista, indicado por amigos da Citrosuco de Santos. Trabalhou também nas empresas Cemibra e Baldan, até aquele triste e inesquecível

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

dia 25 de setembro de 1997, quando inesperadamente, para a tristeza de todos, seguindo a vontade de nosso Pai maior, seguiu para o outro plano, de onde, temos a certeza, estará sempre junto de nós, embora deixando um vazio enorme em sua casa e em inúmeros corações que aprenderam a amá-lo e respeitá-lo. Pela marcante simplicidade e, principalmente pela humildade, tratou a todos sempre com igualdade, desde aqueles do mais alto nível até o faxineiro, sendo chamado por todos de pai, desde os mais velhos até os mais jovens colegas funcionários. Chefe de família exemplar e marido maravilhoso, excelente pai e amigo dos filhos, com quem aprenderam muito com sua sabedoria e honestidade, ensinando sempre o dever de respeitar a todos e honrar sempre o nome da família.

## **ADOLFO GUANDALINI**

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## **ADRELINO ALVES**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **AÉRICO MACCAGNAN**

Aérico ou Érico, grafia que ainda causa dúvidas, era oriundo de uma das famílias de comerciantes mais antigas de Matão, a família Maccagnan. Filho de Ângelo Maccagnan e de Dona Ana, era irmão de Afonso Maccagnan. Sua família foi proprietária de um dos mais velhos armazéns da cidade, casa que vendia sacarias de farinha, açúcar, quartolas de vinho puramente italiano e polenta. Consta que seu armazém era estabelecido na antiga Rua do Comércio, hoje Rua João Pessoa. A família Maccagnan, oriunda da cidade de Américo Brasiliense foi proprietária do primeiro hotel da cidade, o Hotel Maccagnan, de propriedade dos filhos de Ângelo: Afonso e José. Naquela época, era neste hotel que todos os viajantes que passavam pela região se abrigavam. Num edifício de fachada longa, com cerca de 35 metros de frente, o hotel possuía um grande salão de refeições e do lado direito uma cozinha, onde havia um fogão à lenha. Naqueles tempos já existia serpentina no fogão, para esquentar a água. Na parte interna do hotel ficavam os quartos e um banheiro misto (masculino e feminino) de cada lado. Para se tomar banho, enchia-se um latão de 20 litros de água, puxava-se e pendurava-se o latão, abrindo a torneira para se lavar. A água poderia ser quente, fria ou misturada, morninha...! A família foi dona ainda de uma casa de ferragens e de uma loja de fazendas. Matão deve muito à família Maccagnan, pioneira no comércio e ativa participante da nossa História.

## **AFONSO CALLEGHER**

Nasceu em 22 de agosto de 1905, em Gorgo, província de Trevisó, Itália. Filho de Elizabetta Silvestrini e Santos Callegher. Em 1922, com 17 anos, veio para o Brasil se radicando no município de Boa Esperança do Sul, Comarca de Ribeirão Bonito. Contraiu matrimônio com Ivolina Zampieri Callegher em 08 de junho de 1929. Chegou em Matão em 1930, fixando residência na Fazenda Boa Vista e tinha como atividade econômica a lavoura do café. Afonso Callegher se destacou como massagista dos esportistas amadores que o procuravam quando as contusões resultantes da prática de esportes os incomodavam. Mais tarde, em 1961, mostrou seus dotes como exímio jardineiro e horticultor na Fazenda Primavera e Creche Santa Isábel, como um grande amante da natureza. São seus filhos: José Callegher casado com Maria Ruiz Rendon, Dirce Callegher casada com Marino Cavichioli, Erasmo Callegher casado com Rutinéia Benfatti, Elza Callegher casada com Roberto Paganini e João Caligher casado com Maria Celeste Tortorelo. Afonso era muito amado por seus 12 netos e bisnetos. Por sua integridade, modéstia, religiosidade e simpatia conquistou vários laços de amizade. Faleceu em Matão aos 16 de janeiro de 1996.

## **AFONSO MACCAGNAN**

Oriundo de uma das mais antigas famílias de comerciantes era filho de Ângelo Maccagnan e de Dona Ana, irmão de Aérico Maccagnan. Casado com Ângela Bergamascho. Sua família, proveniente de Américo Brasiliense, foi proprietária de um dos mais velhos armazéns da cidade, casa que vendia sacarias de farinha, açúcar, quartolas de vinho puramente italiano e polenta. Consta que seu armazém era estabelecido na antiga Rua do Comércio, hoje Rua João Pessoa. Afonso, juntamente com seu irmão José, foi dono de loja de ferragens, de uma loja de fazendas e do primeiro hotel da cidade, o Hotel Maccagnan. Naquela época, era neste hotel que todos os viajantes que passavam pela região se abrigavam. Num edifício de fachada longa com cerca de 35 metros de

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

frente, o hotel tinha um grande salão de refeições e do lado direito uma cozinha, onde havia um fogão à lenha. Naqueles tempos já existia serpentina no fogão, para esquentar a água. Na parte interna do hotel ficavam os quartos e um banheiro misto (masculino e feminino) de cada lado. Para se tomar banho, enchia-se um latão de 20 litros de água, puxava-se e pendurava-se o latão, abrindo a torneira para se lavar. A água poderia ser quente, fria ou misturada, morninha..! Consta ainda da biografia de Afonso que era amante do esporte, participando ativamente do futebol amador, como em 1945, ano em que figurou no Campeonato Amador de nossa cidade ao lado de outras figuras importantes como Cleophas Guimarães, Isidoro Adail Botesini, Hamilton Bastia, Durval de Souza e Orlando José Scutti.

### **ALAGOAS**

Nome de um estado brasileiro situado a leste da região Nordeste. Foi batizado com este nome porque seu litoral apresenta muitas lagoas costeiras (17, ao todo), estando localizado entre os dois maiores centros açucareiros do Nordeste (Pernambuco e Bahia), o estado de Alagoas desenvolveu e consolidou sua economia baseada nos engenhos de açúcar e na criação de gado, em que predominava o trabalho escravo de negros e de mestiços. Piratas estrangeiros atacaram sua costa, atraídos pelo pau-brasil, entre os séculos XVI e XVII. Conta a história que o navegador italiano Américo Vesúcio, a serviço de Portugal, foi o primeiro explorador do litoral de Alagoas. O Estado conta com 93 municípios espalhados em 13 micro-regiões. É o penúltimo Estado brasileiro em superfície, terceiro em densidade demográfica (90,00 hab/km<sup>2</sup>), sendo que pouco mais da metade da população vive na zona rural. No século XVI foi também invadido pelos franceses. Em 1535, Duarte Coelho Pereira, donatário da capitania de Pernambuco retomou o controle da área para os portugueses, incentivando o plantio da cana e a construção de engenhos. Com a independência do Brasil, em 1822, foi convertida em província. Em 1839, Maceió passou a ser a nova capital, em substituição à cidade de Alagoas, hoje Marechal Deodoro. A partir dos anos 60, a economia alagoana se beneficia dos programas da Sudene para a exploração do sal-gema, recebendo também investimentos da Petrobrás para a prospecção e produção de petróleo. Alagoanos famosos: Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, lexicógrafo, Cacá Diegues, cineasta, o cantor Djavan, Graciliano Ramos, escritor, Pontes de Miranda, escritor, jurista e filósofo, Zagalo, ex-jogador e ex-técnico da Seleção Brasileira de Futebol. Não nos esqueçamos que Alagoas também nos deu os dois primeiros presidentes do Brasil: os Marechais Deodoro da Fonseca (1º Presidente) e Floriano Peixoto (2º Presidente).

### **ALBERTO BENASSI**

Orjundo de uma das famílias mais antigas de Matão foi casado com Zilda Giglioli, com quem teve os filhos: Pilese, Olívio, Aquilino, Úrica, Svília, Dionéia e Paulo. Seu filho Aquilino foi industrial em nossa cidade, participando ativamente do crescimento de Matão. Em 1942 foi tesoureiro do Hospital de Caridade e diretor da Legião Brasileira de Assistência. Em 1962, como presidente do Lions Clube, inaugurou o banco de sangue e o posto de hidratação infantil, anexos ao hospital.

### **ALBERTO BERNICHI**

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### **ALBERTO BIDUTTI**

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### **ALBERTO GOMES DE FARIA**

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### **ALBINO JOÃO BALDAN (Vereador)**

O sobrenome Baldan é parte da história de nossa cidade, uma das mais antigas famílias de comerciantes de Matão. A história da Família Baldan remonta aos primeiros passos que nossa querida Matão deu,

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

enquanto novo horizonte de perspectivas buscado pelas famílias que aqui se instalaram e fizeram de nossa cidade o porto seguro que hoje vivenciamos. A família Baldan, composta de uma linhagem de comerciantes, um dos primeiros a fixar moradia aqui, estabeleceu-se em janeiro de 1928, construindo seu primeiro campo de trabalho num pequeno barracão alugado e coberto de zinco na Avenida Tiradentes, estrutura que até hoje podemos visualizar. Dois anos mais tarde mudou de dependências e nos anos 40, consolidava sua estrutura definitiva. Em 1928 chegaram aqui Narciso e Carillo os dois irmãos mais velhos, depois vieram o Patriarca Pietro e os irmãos Adolfo, Serafim, Pierim e Maria, provenientes de Noale, Veneza. Iniciou a produção de implementos e maquinários para a agricultura pioneira no Brasil (discos para arados e grades). O peixe é símbolo do cristianismo, é homenagem aos homens de fé, que regam a terra com o suor dos seus rostos. Colacionamos abaixo a homenagem feita pela Câmara Municipal de nossa cidade: "...Falar do merecimento que reveste a matéria, seria inócua para não dizer desnecessário, posto que a empresa Baldan Implementos Agrícolas S/A, desde a sua instalação em 1928, vem oferecendo grande contribuição para o nosso Município. Paginando velhos acontecimentos da história de Matão, saltam aos nossos olhos, velhas imagens que manifestam a evidência de uma trajetória de luta, competência, capacidade e desenvolvimento e dentro desse contexto, vem à tona a empresa Baldan, que delineou ao longo de sua vida, um caminho de trabalho, de fé e de perseverança, acreditando sempre no progresso e no desenvolvimento do nosso Município. Somado a essas razões, também é de se considerar que essa homenagem de dar denominação à Avenida onde está instalada a empresa, teve seu início nos idos de 1972, quando o então Prefeito Municipal denominou através do Decreto nº 789, de 26 de outubro de 1972, que a área que abrangia a totalidade da Perimetral Sul teria o nome de Avenida Baldan, ao longo dos seus 3.200 metros. Ocorre que, com o passar dos anos e com o advento da Constituição Federal de 1988, e, por consequência, da Lei Orgânica do Município de Matão, a atribuição de denominar vias e próprios municipais, passou a ser sacramentada através de Lei. Isto posto, o legislador teve oportunidade de fragmentar, através das Leis Municipais nºs 1.918, de 19 de novembro de 1990, e nº 2.177, de 28 de agosto de 1992, a homenagem já sacramentada através do Decreto citado, levando toda a ilustre família Baldan ao constrangimento. Buscamos, com a redação dada através de seu artigo 1º, por nós ora apresentado, somar à denominação instituída através da Lei Municipal nº2.336, de 04 de abril de 1994, um pequeno trecho que vai desde a Avenida Trolezi, até encontrar com a divisa do aeródromo Armando Natalle, para que no futuro não se dê ao mesmo, uma outra denominação..." Em edição da Revista "A Comarca" do ano de 1982, foi escrito um artigo destinado a contar a história do surgimento de nossas indústrias e a história da Baldan, a mais antiga das fábricas de implementos agrícolas da cidade, foi relembrada. Fundada nos anos 20, por Narciso Baldan. Na década de 60 a empresa conheceu uma fantástica explosão, situando-a entre as maiores fábricas de implementos da América. Em 13 de junho de 2003, a Câmara Municipal de Matão concedeu o Título de Honra ao Mérito pelos 75 anos dos produtos Baldan, homenagem que ficou estampada nas páginas da Revista de "A Comarca" do mesmo ano, reportagem que ainda apresentou uma antiga foto da família com os seguintes integrantes: Adolfo, Carillo, Pietro, Narciso, Serafim, Pedro, Oscar, Matilde, Walter, Maria, Vilmer e Elza. A matéria faz uma retrospectiva da família originária de Noale, Província de Veneza, Itália, que desembarcou na década de 20 no Brasil para concretizar um sonho: a Narciso Baldan & Irmãos. Era o primeiro passo para uma das mais modernas produções de máquinas para o preparo do solo e plantio direto/convencional. Mas a história não conta apenas o sucesso e, sim, os momentos de muita dedicação da Família Baldan, que aplicava seu suor na moldagem do ferro e do aço, idealizando as máquinas agrícolas com uma tecnologia inigualável. Os produtos Baldan possuem a tradição que os inclui no seleto grupo de empresas empenhadas no desenvolvimento do Brasil, desde a inauguração da primeira oficina até a consolidação de um grande patrimônio. Todos esses anos foram construídos com o envolvimento de milhares de pessoas. A Agri-Tillage, empresa que comercializa os produtos Baldan continua essa história com muita alegria e satisfação. Na oportunidade da homenagem foi lançada uma revista comemorativa aos 75 anos dos produtos Baldan com páginas em três idiomas: português, inglês e espanhol. A revista descreve a chegada dos Baldan no Brasil, as primeiras oficinas, inovações, etapas, os meios de transporte, o atual parque fabril, produtos, o primeiro disco fabricado no Brasil, inaugurações, visitas ilustres, comemorações, etc. Repleta de fotos – muitas da família Baldan –, a revista se constitui numa importante fonte de informação sobre o trabalho da Família e dos produtos Baldan até a Agri-Tillage.

### ALCIDES GULINI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### ALCIDES TORRES

Nasceu em 16 de novembro de 1956 em Matão. Filho de João Torres e de Dona Angelina Córdua Torres, ambos falecidos. Tinha como irmãos: Olga, Teresa, Euclides, Cecília, Adelino, Maria e Diva. O Sr. Alcides era casado com a Sra. Fátima Maria Marins e deste casamento nasceu o filho Marcos Vinícios Marins

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Torres. Alcides era carinhosamente conhecido como Telo, apelido que recebeu desde sua infância de sua irmã Diva. O Telo sempre teve ao seu redor muitos amigos, quer seja no esporte o qual sempre prestigiou e apoiou em nossa cidade, quer seja em outras rodas de amizades. Foi um grande torcedor e incentivador da Matonense, além de ativo participante nas festividades da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida no Bairro Alto. Grande companheiro, como metalúrgico que sempre foi, trabalhando muitos anos na empresa Baldan, construindo com sua dedicação e simpatia um grande círculo de amizade. Com o seu falecimento em 03 de janeiro de 2003, muitos sentiram a perda deste grande amigo e a tristeza ficou com todos que participaram de seu convívio social. Para que seu nome fosse registrado para a posteridade, em nome de tantos outros construtores da história de nossa querida Matão, emprestou sua história de vida à uma rua de nossa cidade, gravando no coração do povo de seu tempo e do porvir, uma centelha viva de honestidade, trabalho e dedicação à família e à coletividade deste terra.

## **ALDO ALDANO BOTURA**

Aldo representa a tradicional família dos comerciantes mais antigos de nossa cidade. Era filho de Oprando Bottura e de Dona Josephina Tagliavini. Foi casado com Ana Monazzi.

**Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).**

## **ALDO GORGATTI (Vereador)**

Aldo Gorgatti era proveniente de uma das mais antigas famílias de comerciantes de nossa cidade. Em 11 de outubro de 1891, desembarcaram no Porto de Santos, vindos de Borgofranco Sul Pó, província de Mantova-Itália, seu pai Ernesto Mauro Gorgatti, sua mãe Dona Evelina Pinotti e seus irmãos: Menipo, Gemma, Lerica, Aiace, Emília, Merope, Beatriz, João Baptista. Seu pai, quando a família veio para Matão, dedicou-se à construção civil. Seu trabalho está ligado à construção dos seguintes prédios: Grupo Escolar, Câmara Municipal, Sociedade Stella D'Itália (da qual foi um dos fundadores). Com a morte do pai em 1934, Aldo muda-se para Bálamo, ficando nesta cidade por algum tempo, chegando a exercer a vereança naquela cidade. Casado com Júlia Botesini, tiveram os filhos: Luiz Geraldo, Leda, Leyle, Lauro Antonio e Laerte José. Aldo resolveu voltar para Matão e aqui continuou o trabalho de seu pai, na construção civil, sendo um ativo cidadão em todas as áreas nas quais participou. A trajetória de vida de Aldo Gorgatti é rica em detalhes, sendo um dos incentivadores dos carnavais do Grêmio, tendo inclusive organizado, com os jovens da época, a famosa Turma Cresce que mereceu, de sua lavra, a marchinha carnavalesca, "A Turma Cresce". Foi músico excepcional, deixando para a posteridade uma enorme quantidade de composições musicais. Segundo relatos, possuía a partitura original da Valsa de Pedro Perches, "Saudades de Matão". Matonense de fecunda trajetória, trabalhando sem parar durante toda a sua existência na luta gloriosa pelo pão de cada dia, tinha a capacidade artística que tanto ornou sua virtude profissional, moral e humana, que o levou a construir os edifícios da Citrosuco, da Bambozzi e da Irmãos Marchesan. Seu nome está escrito no livro das benemerências de nossa cidade, na arte, na música, na religião e na caridade. Ajudou como ninguém a arquitetar o monumento chamado Matão. Aldo Gorgatti foi Vicentino, participando ativamente de todas as questões ligadas à filantropia. Pela estatua de sua personalidade, acabou eleito suplente de vereador no ano de 1953, sagrando-se vereador eleito no pleito de 1959. Antes disso, no ano de 1957 era vice-presidente do conselho deliberativo do Clube Societá Stella D'Itália. No ano de 1962 integra o Conselho de Assistência ao Menor. Volta em 1963 a ser eleito como suplente da Casa Legislativa. Sua carreira política demonstra que entre os anos de 1964 a 1969 dedicou-se plenamente à população, sendo escolhido como primeiro secretário da mesa diretora no ano de 1968. Na revista de "A Comarca" de 1994, na reportagem intitulada "Matão de todas as gentes", foi dedicada uma reportagem sobre a família Gorgatti. No texto, contou-se um fato curioso acontecido no casamento de Aldo Gorgatti: "...Igreja toda lotada de convidados. Todos compenetrados, ouvindo o que o sacerdote dizia. De repente, um estrondo e mais outros e mais outros que se sucedem. O pânico tomou conta de todos. Foi um "salve-se-quem-puder, a torre da Igreja está despencando!" Mas não era nada disso. Na estação ferroviária, um vagão que transportava fogos de artifício incendiou-se e provocou toda a confusão e susto. Pior a consequência da confusão foi o Padre não ter registrado, no livro próprio, o casamento. Esse fato só foi descoberto por ocasião do batizado do primeiro filho - Luiz Geraldo..." Pelos serviços prestados à comunidade e sua caminhada dentro do legislativo, é homenageado no ano de 1968, emprestando seu nome para figurar na Sala de Sessões da Câmara Municipal de Matão, como Patrono daquela Casa de Leis, recebendo ainda a homenagem de ter seu nome figurando em uma das vias públicas de nossa cidade como sinal de agradecimento pelo muito que significou para esta Terra da Saudade.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## ALDO NICOLUCCI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ALEXANDRE DALLE VEDOVE

Filho de uma das mais antigas famílias de Matão foi casado com Dona Assumpta Andreucci com quem teve os filhos: Isaura, Adélia, Ofélia, Yvone, Darcy, Elizabethe, Tereza e Maria. Recebeu nome de Rua e nome de Praça.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ALEXANDRE DOS SANTOS PIRES

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ALFEU TADEI

Nasceu em Araraquara no dia 16 de julho de 1920, primeiro filho de Thereza da Silva Taddei e Pedro Taddei. Desde pequeno, aos 7 anos, começou a trabalhar com a família do Sr. Pedro Martini, varrendo o pastificio, levando lenha para a casa da família, fazendo pequenas compras ou entregas, passando, mais tarde, a trabalhar diretamente no Pastificio Martini. Em 1936, aos 16 anos, muda-se para Matão e começa a trabalhar na antiga Padaria Toscana, da família Pauli que, logo após adquire a Fábrica de Macarrão, para onde se transfere e, então, passa a assumir a tarefa de fabricar o macarrão e fazer funcionar a fábrica, permanecendo neste emprego até 1961, quando o Pastificio Pauli foi desativado. Em 06 de novembro de 1961, a fábrica volta a funcionar, agora com novos donos e nova razão social "Semoleite", e novamente ele é chamado para assumir o posto onde permaneceu até o ano de 1983, quando foi demitido por estar velho. Foram 47 anos de trabalho num único estabelecimento. Matão foi sua terra. Aqui ele constituiu família, casando-se com a matonense Palmyra Collognezzi Pinotti e aqui nasceram os filhos: Shirley, Sílvia, Antonio Carlos e Ana Maria, e os netos Antonio Carlos, João Paulo, Carlos Eduardo e Luiz Fernando. O trabalho era seu lema. Durante muitos anos, nas festas do Padroeiro Bom Jesus, da Creche Santa Isabel, Educandário, no Natal, no Ano Novo, na Páscoa, era ele quem assava, graciosamente, os frangos e leitões, além de outras carnes para o brilhantismo de tais comemorações. Trabalho esse que iniciava de madrugada e não tinha hora para terminar. Nas horas vagas, encontrava tempo para outros serviços como padeiro, garçom ou nos preparativos de festas e bailes. Alfeu trabalhou até poucos dias antes de sua morte em 04 de agosto de 1990 e aqui foi enterrado, como sempre desejou. Amava Matão com uma paixão de filho, como se nascido aqui, respondendo prontamente e orgulhosamente quando lhe perguntavam de onde era: "...graças a Deus sou de Matão...".

## ALFREDO DE PAIVA GARCIA

Nascido em 01 de dezembro de 1930, era filho de Sebastião Garcia e de Dona Alice Paiva Garcia foi casado com Nair Nicolina Pizzoli Garcia. Do enlace, nasceram os filhos: Fábio César, Magda Priscila, Margherita de Cássia e Cláudia Isabele. Alfredinho, como era conhecido, foi uma das figuras marcantes do funcionalismo público municipal. Chefe dos Serviços Municipais, dedicou-se na administração do cemitério municipal cuidando inclusive do levantamento e da organização administrativa dos registros, além disso, era também de sua responsabilidade a administração dos jardins, praças, das avenidas e ruas de nossa cidade por mais de 14 anos. Reconhecido profissional, honrou com sua conduta de ótimo marido e pai de família exemplar, pessoa de enorme coração, cultivando amizades no local de trabalho e na comunidade onde sempre esteve presente auxiliando sempre que era solicitado, a quem quer que fosse. Exemplo disso é que, mesmo antes de ser chefe de departamento da Prefeitura, quando ainda era o gerente das Fazendas do Cambuhy, doou a primeira torre de TV para Matão, um claro gesto de abnegação e solidariedade à sua comunidade. Um de seus amigos, o escritor Luiz Marques Bueno, que durante muitos anos foi Diretor dos Serviços Urbanos, desenhou assim o caráter de Alfredo de Paiva Garcia: "...um homem fenomenal, extraordinário, que melhorou tudo onde teve sua administração. Todas as praças da cidade, inclusive a Praça da Abolição, tiveram a supervisão de Alfredinho, desde sua construção e conservação, além de ter realizado um trabalho memorável no cemitério municipal, motivo de orgulho dos matonenses pela sua limpeza, calçamento e conservação. Foi um belo de um servidor, um verdadeiro profissional..."; finalizou Bueno. Alfredo de Paiva Garcia faleceu em 22 de março de 1990. Como forma de homenageá-lo por tudo o

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

que sua figura significou para nossa gente, emprestou seu nome a uma das maiores praças de nossa cidade, local de grandes apresentações, palco de shows e de todas as manifestações culturais, políticas e de lazer de nosso município.

## ALFREDO DOMINGUES DE MORAES

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) de (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## AMADEU ROMANELLI

Amadeu Romanelli nasceu em Ferrara, Itália, em 29 de setembro de 1881, filho de Giuseppe Romanelli de Dona Luiza Bandiera Romanelli. Veio para o Brasil ainda menino, aportando em Santos no ano de 1888, no navio Sud América. Durante a viagem para o Brasil, Frederico, um dos irmãos de Amadeu contraiu uma febre, obrigando a família inteira a ficar de quarentena e nesse meio de tempo, Frederico desapareceu, sendo encontrado muitos anos depois, num dos encontros da enorme família, quando descobriram que ele acabou indo para o sul do país. A família veio inicialmente morar na cidade de São Carlos, trabalhando na Fazenda Cintra. De São Carlos, se mudaram para Matão, aproximadamente no ano de 1897, adquirindo terra da Fazenda La Plata, nas proximidades do Pau D' Alho. Amadeu foi casado com Avelina Bárbara Bocaletti com quem teve os filhos: Frederico, Reynaldo, Irineu, Aldo, Ricardo, Arnaldo, Ernestina, Luiza e Adelina, todos nascidos e casados com membros de famílias matonenses. Amadeu trabalhou na formação de cafezais e principalmente na pecuária, comprando gado em Goiás e Mato Grosso, e trazendo para nossa região. A família Romanelli tem toda a sua vida ligada aos cafezais que foram ocupando os espaços. Às boiadas, aquela imensidão de gado que, - trazido de todos os cantos, cruzando as estradas e a nossa "Boiadeira"-, ia semeando sonhos de grandeza. De Goiás, de Mato Grosso o gado era tangido, eles no lombo dos burros e dos cavalos, suportando a fadiga das distâncias, a inclemência das chuvas e o castigo da poeira. Ele e seus filhos foram grandes incentivadores das corridas de cavalos, as famosas raias. Eram vidrados no turfe e tiveram corredores famosos: Sereno, Sangue Azul, Operária, Prisco, Baio, Pachá, Garota, dentre tantos outros belíssimos animais de corrida. Homem trabalhador e honesto deixou a todos a recordação de pessoa de bem, que soube ser bom e justo na vida. Em reportagem da Revista "A Comarca" de 1991, publicou-se matéria relativa as raias ou corridas de cavalos dos tempos idos. Entre os anos 20 a 40, o interior do estado de São Paulo viveu o esporte intensamente. A Raia se constituía de uma disputa entre dois animais: dois cavalos, duas éguas, ou um cavalo e uma égua (explicava a matéria). Havia um local, uma pista projetada de extensão relativa, dois quilômetros, aproximadamente. De um ponto inicial - a partida-, os animais saíam em desabalada carreira para atingir o ponto final ou chegada. Apostas eram realizadas atingindo muitas vezes importâncias bem razoáveis. Alguns termos ligados ao esporte ficaram registrados: "cola e luz", por exemplo, era o nome que se dava à vantagem de um corpo inteiro, isto é, da cabeça ao rabo. Quando um animal vencía uma corrida, com essa vantagem, ganhava por "Cola e luz". A raia de Matão ficava na divisa com as terras da Fazenda dos Ingleses, lá na Vila Santa Cruz, numa extensão que se dirigia da vila para a propriedade da família Picchi. Em termos de disposição de hoje (na época da reportagem) ficava a partir da esquina onde se localiza a oficina Grande Prêmio (Av. Araraquara esquina com a Rua Itápolis) e se dirigia para a propriedade que atualmente pertence ao Sr. Décio Miniussi. A reportagem comenta sobre os aficionados do esporte, como a família Romanelli (o Reynaldo, o Irineu e o Amadeu), os Silveira Leite (o Quim, o Antídio, o Bento e outros), os Artimonte, os Pereira de Aguiar (Urbano, Brasilino, Ismael), os Barreto, os Cardim e outros, muitos outros. A Professora Ceci Romanelli Prado colaborou com a matéria e apresentou um contrato de corrida de cavalos da época. O contrato foi pactuado entre os senhores Bento Silveira Leite e Pedro Cardim, para correr os cavalos de propriedade dos senhores Amadeu Romanelli e Dirceu de Camargo. O Cavalo de Amadeu era o célebre Sereno, tordilho pedrez e o de Dirceu Camargo era o Mouro, com uma pequena estrela na testa. O trato estipulava uma distância a ser percorrida de 274 metros, inclusive o partidor de dez metros, mais 66 metros de aumento, com duas paradas. O Valor da aposta foi de 3:000\$000 (três contos de réis). O documento foi assinado por Pedro Cardim, Bento Silveira Leite, Manoel Mendes Silveira e Brasilino Pereira de Aguiar. Data: Matão, 08 de fevereiro de 1931, assinado também por Reynaldo Romanelli. Local: Raia da Vila Santa Cruz. Para que as corridas fossem realizadas dentro da estrita legalidade, outro documento histórico é um Alvará da Delegacia de Polícia de Matão em favor de Gino de Evasi, para realizar uma corrida de cavalos na Raia da Vila Santa Cruz desta cidade de Matão, pelo prazo de um dia. Tal Alvará de licença está datado de 18 de julho de 1936, assinado pelo Delegado de Polícia João Nepomuceno Freitas Junior. Um terceiro documento, mais interessante ainda é uma cópia de um Ofício da Companhia Agrícola Fazendas Paulistas, assinado pelo seu gerente geral, Dan Haggard, dirigido ao Sr. Reynaldo Romanelli, reclamando de danos causados nas cercas da fazenda, quando da realização das corridas de cavalos. Tal documento está datado de 24 de julho de 1936. Quanta história!! Amadeu Romanelli faleceu em 27 de janeiro de 1958. A

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

família agradeceu a lembrança quando Amadeu foi homenageado, emprestando seu nome e sua história de vida a uma das vias públicas de nossa cidade.

## AMÁLIA MINGOSSO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## AMAPÁ

O nome dado ao antigo território, hoje estado, provém do tupi, *amapá*, nome de uma árvore da família das apocináceas (*Parahancornia amapa*), de madeira útil, e cuja casca, amarga, exsuda látex medicinal, de aplicação no tratamento da asma, bronquite e afecções pulmonares, tendo seu externo poder resolutivo e cicatrizante de golpes e feridas. O Amapá é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está situado à nordeste da região Norte. Ocupa uma área de 143.453,7 km<sup>2</sup>. A capital é Macapá. O Estado possui 9 municípios e 4 micro-regiões, sendo que as cidades mais populosas são Macapá e Santana. A economia basicamente gira em torno do extrativismo e pecuária, sendo o principal produtor brasileiro de manganês. Com o nome de capitania da Costa do Cabo Norte, a região sofreu invasões de ingleses e holandeses, expulsos pelos portugueses. No século XVIII a França reivindicou a posse da área. O Tratado de Utrecht, de 1713, estabeleceu os limites entre o Brasil e a Guiana Francesa, que não foram respeitados pelos franceses. A descoberta do ouro e a valorização da borracha no mercado internacional, durante o século XIX, promoveram o povoamento do Amapá e acirram as disputas territoriais, mas, em 1º de dezembro de 1900, a Comissão de Arbitragem de Genebra concedeu a posse do território ao Brasil, incorporado ao Pará com o nome de Araguari. Em 1943 tornou-se território federal batizado como Amapá. A descoberta de ricas jazidas de manganês e petróleo na Serra do Navio, em 1945, revolucionou a economia local. Em 5 de outubro de 1988, com a promulgação da Constituição, foi elevado à categoria de Estado.

## AMAURI SQUISATTI (Vereador)

Filho de Orlando Squisatti e de Dona Rosa Fonseca Squisatti, ambos naturais de Matão, sendo seus irmãos: Benedito Aparecido Squisatti, Rosana Aparecida Squisatti e Sueli Aparecida Squisatti. Ao verificarmos a história de sua família, vamos nos deparar com um caminho percorrido à custa de muita luta e trabalho. Seu pai, o Sr. Orlando, homem de origem humilde, desempenhou serviço de lavrador nas fazendas da região até o ano de 1961, tendo a partir desta data, ido em busca de dias melhores na Capital, onde lá permaneceu por mais de uma década, trabalhando como operário. Sua mãe, Dona Rosa, também pessoa simples, faz questão de, com muita humildade, relembrar o tempo da lida com a terra ao lado do esposo e de seus familiares, da experiência da vida urbana e da dedicação empregada exclusivamente à família. Quando a família retornou para Matão, Amauri contava com oito anos de idade, tendo passado sua infância e adolescência na Chácara de propriedade da família Gardini, localizada no Bairro Alto. Seus amigos mais próximos eram os filhos das famílias que residiam na Chácara da Rua Vicentina, ou Rua da Buchada (Rua Coronel Leão Pio de Freitas). As famílias do Cidinho, do Raminho do Chuca (já falecido), da Mariazinha, do Laert, da Dona Jacira, num clima de muita humildade e simplicidade, acompanharam o crescimento da criança, do adolescente e do jovem Amauri Aparecido Squisatti. Tendo iniciado sua escolaridade na Capital, concluiu o primeiro Grau na EEPG Professora Chlorita de Oliveira Pentead Martins, cursando depois o 2º Grau na EEPG Professor Henrique Morato. Sua trajetória vertiginosa foi muito breve, em proporção à sua alegria e entusiasmo de viver, mas a maior virtude em sua curta existência de vida foi sua religiosidade. Numa prática de firme propósito de interação fé e vida, alcançando sempre a dimensão profética da fé, assumindo junto com outros companheiros de caminhada, a luta na organização do povo nas comunidades, nos bairros e nas fábricas. Onde alguém clamasse por justiça social, lá estava o jovem irmão, amigo e companheiro, com todo o seu dinamismo, coragem e até ousadia, às vezes, até mesmo enfrentando o desafio de não ser entendido por alguns que jamais aceitavam "os de baixo", incomodando as estruturas que deveriam ser questionadas. Amauri sempre entendeu que para o bem da classe trabalhadora, seria de fundamental importância a conquista de instrumentos legais para a luta. Por essas razões, torna-se sindicalista na categoria dos trabalhadores nas indústrias da alimentação, junto com tantos outros (as) companheiros (as), constrói um movimento sindical de luta em nossa cidade. No campo da política partidária, as lutas anteriores o credenciaram a se identificar com o Partido dos Trabalhadores, tornando-se uma das personalidades mais expressivas do partido, elegendo-se vereador constituinte nas eleições de 15 de novembro de 1988, sendo o vereador mais votado dentro da legenda do PT. Fez do seu pouco tempo de mandato, tanto na via institucional como na extensão social do mandato, um compromisso com os pobres, com os trabalhadores, com os moradores da periferia, com os estudantes e com os assentados da Fazenda Monte Alegre (Horto Florestal de Silvânia). No ambiente da comunidade do Jardim do Bosque, desenvolvendo e fazendo crescer sua espiritualidade, juntamente com tantos outros jovens,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

nasceu algo maior entre ele e Maria Helena Ferraz com quem construiu o sonho de constituir família. Um namoro de testemunhos de vida, dentro da vivência comunitária, levou-os ao enlace matrimonial no dia 01 de abril de 1989. O desejo de construir uma sociedade mais justa e fraterna não o escusava de ser o esposo e companheiro presente, pois era um propulsor de ideais também de família a constituir. Mas, infelizmente, no dia 10 de setembro de 1990, às 1730 hs, um acidente de trânsito interrompeu sua caminhada, levando-o à luta derradeira pela vida por mais seis longos dias, vindo a falecer no dia 16 de setembro de 1990. No coração daqueles que tiveram a felicidade de com ele conviver, deixou um legado de exemplos e de benfeitorias, pois o saudosismo que nos impregna a alma quando relembremos os seus feitos, significam a maior obra que ele deixou. Muito embora tenha tido uma vida breve entre nós, seus predicados marcaram sua história com tinta de ouro, deixando como herança à determinação, a coragem e o ímpeto jovial de quem sabia o que queria. Tais exemplos são lembrados por seus amigos, seus familiares e seus companheiros de luta. Hoje, o nome de Amauri ostenta uma das ruas de nossa cidade, símbolo da coragem e da luta contra as desigualdades sociais, exemplos a serem seguidos pela nossa e pelas futuras gerações. Veio, viu e venceu. A história de Matão é a história de vidas como a dele, pessoas que nascem para alterar e melhorar o mundo em que vivemos. Perpetuar tais virtudes, antes de ser um dever, é reconhecer que somos produtos daquilo que vivemos; uns produzem as trilhas, outros embelezam o caminho, e muitos, como Amauri, desbravam os novos horizontes, dando real sentido à nossa efêmera permanência neste mundo.

## AMAZONAS

Provém do latim *amazona*: mulher de caráter guerreiro e viril. Mulher que monta cavalo. O primeiro explorador do estado do Amazonas foi o espanhol Francisco Orellanas, que descia o rio, vindo do Peru, quando pensou ter visto uma tribo de mulheres guerreiras. Como existia a lenda grega, foi esse o nome escolhido para denominar o grande rio. Daí o nome do Estado. O Amazonas é uma das 27 unidades federativas do Brasil, sendo a mais extensa de todas elas. Integram o Estado 62 municípios distribuídos em 13 micro-regiões. As cidades mais importantes são Manaus, Manacapuru, Tefé, Parintins e Itacoatiara. É o maior Estado do país, mas tem uma das menores densidades demográficas (1,34 hab/km<sup>2</sup>). A maioria da população vive ao longo dos rios e é constituída por mestiços e índios. Amazonas também é o nome do maior e mais caudaloso dos rios brasileiros, primeiro do mundo em volume de água e segundo em extensão depois do Nilo. Tem 5,8 milhões de km<sup>2</sup> de bacia hidrográfica, dos quais 4,8 milhões de km<sup>2</sup> estão no território brasileiro. O rio é francamente navegável por 4.000 quilômetros e, somado aos demais afluentes, a área navegável atinge 25.000 km. É nele que ocorre o fenômeno das pororocas provocadas pelo encontro das águas com as marés mais altas, na fase de preamar. Na programação da FIAM na Suframa, localizada no Distrito Industrial, com diferentes pólos industriais, o Amazonas - AM, o maior Estado em extensão territorial da Federação é um dos maiores expositores de produtos regionais e industriais, fomentador de projetos institucionais, seminários e palestras sobre diversos temas, especialmente os relacionados a inovação tecnológica, biodiversidade, turismo, formação de capital intelectual e outros, principalmente ligados ao desenvolvimento sustentável da região.

## AMÉRICO APPOLONI

Integrante de uma das mais antigas famílias de Matão era filho de Thomaz Appoloni e de Dona Fortunata Morelli.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## AMÉRICO BRASILIENSE

Américo Brasiliense de Almeida Mello, nascido em São Paulo aos 8 de agosto de 1833, falecido no Rio de Janeiro em 25 de março de 1896, foi o terceiro governador, - de março a dezembro de 1891-, do estado de São Paulo e primeiro presidente deste Estado. Formou-se em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco na turma de 1855. Antes de exercer o cargo de governador do estado já havia ocupado cargos públicos em diversas regiões do país. Foi também presidente das províncias da Paraíba e do Rio de Janeiro. Já em São Paulo, foi vereador (1881/1882) e deputado provincial (entre 1868 e 1889). Nomeado terceiro governador, exerceu o cargo de 7 de março a 11 de junho de 1891. Continuou no poder como primeiro presidente do estado, em decorrência da Constituição de 1891, que estabeleceu o título de Presidente para o chefe do Executivo. Presidiu o Estado de 11 a 13 de junho e de 16 de junho a 15 de dezembro de 1891. Foi substituído, nas datas intermediárias, por Cerqueira César. Enfrentou um período de grandes conturbações em São Paulo. Coube a Américo Brasiliense promulgar a primeira Constituição do Estado. Abandonou o cargo antes de completar o mandato. Elaborou o primeiro projeto da Constituição federal de 1891. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no ano de 1896, quando

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

ocupava o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal. No início da década de 60, ocorreu o plebiscito para emancipação político-administrativa de Américo Brasiliense, então distrito de Araraquara, que teve a aprovação total da população amerliense. Em janeiro de 1965, ocorreu a primeira eleição, cuja posse do primeiro prefeito de Américo Brasiliense aconteceu em 21 de março daquele mesmo ano, data da instalação do município. A denominação da cidade de Américo Brasiliense, de origem portuguesa, foi idealizada pelo Sr. Manoel Antonio Borba e demais imigrantes portugueses que se instalaram em terras doadas pelo governador de São Paulo que na ocasião fez a indicação que foi levada através de um deputado à apreciação da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, que aprovou por unanimidade. Encontramos ainda outra notícia sobre Américo Brasiliense. A Convenção de Itu foi a primeira convenção com representantes republicanos das classes conservadoras de várias cidades paulistas. Na convenção, foi aprovada a criação de uma assembléia de representantes republicanos que se reuniria e designaria os negócios do partido. Participaram 133 convencionais, sendo 78 cafeicultores e 55 de outras profissões. A assembléia de Itu revestiu-se de excepcional solenidade, cujas deliberações ecoaram por todo o Brasil, conclamando os espíritos para a campanha liberal, que culminaria com a implantação do regime republicano federativo.

### AMÉRICO VEZZANI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ANA MARIA GOMES

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ANDRÉ CHIOZZINI

Foi um dos funcionários mais antigos da empresa Bambozzi, sendo por ela homenageado, em 30 de julho de 1966. André entrou na empresa em 1923.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ANDRÉ RIZZO

Integrante de uma das famílias mais antigas de nossa cidade, André Rizzo foi casado com Silvéria Francisca com quem teve os filhos: Paulina, Francisco, Catharina, Salvador, Marisa e José. Em 1929, participa da fundação da Conferência Vicentina de Matão.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ANÉSIO SCUTTI (Vereador)

Nasceu num sítio perto da Seção Tamanduá, parte integrante da antiga Fazendas Cambuhy, neste município de Matão, no dia 31 de março de 1934, às duas horas da tarde, num sábado de aleluia. Naquele tempo, a Aleluia era comemorada às duas horas da tarde. Filho de Bernardino Scutti foi casado com Dona Zenaide da Silva Scutti com quem teve os filhos: Márcia Cristina Scutti Polsani, casada com Adauto de Jesus Polsani; Andréia Paula Scutti Pereira, casada com Wagner Candido Pereira e Carlos Renato Scutti, casado com Patrícia Helena B. F. Scutti. Começou a trabalhar aos oito anos quando foi levado por um tio a Ibaté. Anésio tinha mais cinco irmãos e como sua tia era muito doente e não tinha condições de oferecer escola e alimentação, sua iniciação profissional começou muito cedo trabalhando das 13 às 20 horas em troca da escola e da comida. Segundo palavras de Anésio, "...foi terrível viver longe de minha mãe durante 4 anos. Nesta época minha família morava na Fazenda Itaquerê..." Dos onze aos dezoito anos trabalhou como colono de fazenda, bóia-fria, servente de pedreiro, padeiro e alguns outros serviços. Quando sua família veio morar em Matão, começou a trabalhar no comércio e, graças a sua facilidade em se comunicar com as outras pessoas, seu ingresso no ramo comercial foi facilitado, trabalhando no início na Casa Popular, de propriedade do Sr. Romanof Kfourí. Com o passar dos anos, adquiriu profundo conhecimento da profissão e, com a capacidade de que era possuidor, abriu seu próprio estabelecimento comercial na cidade, a casa Teciveste, em 15 de abril de 1968, alcançando muito sucesso, pois até hoje a citada casa está localizada na Rua João Pessoa, conhecida como Teciveste, dirigida pelos seus familiares. Na comunidade, sempre despontou como um grande colaborador nas realizações dos festejos do Padroeiro da

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

cidade, nos trabalhos assistenciais promovidos pelo Rotary Clube e pelo Lions Clube, ambos de Matão, tendo também se destacoado na política local, quando foi eleito vereador, participando ativamente do progresso e do desenvolvimento de nosso Município. O historiador Azor da Silveira Leite assim descreveu a trajetória de Anésio: "...*personalidade na sombra do silêncio partindo praticamente do nada e chegando num ponto vertical com abnegação triunfante na carreira comercial do nosso evoluído Matão. Foi Presidente da Associação Comercial e Industrial de Matão...*". Segundo reportagem da Revista "A Comarca" do ano de 1986, Anésio, em entrevista captada por Azor da Silveira Leite, comentou que à partir de 1979, graças aos seus companheiros de trabalho, começou a dar passos mais largos, foi quando adquiriu estabilidade, sendo e estando muito tranqüilo e muito grato a tudo e a todos. Foi Presidente da Associação Comercial por duas vezes. Ajudou a organizar o S.P.C., reivindicando contatos com Associações de todo o estado, colocando a nossa Associação para funcionar, de fato. Acumularam um fundo para socorrer colegas que pudessem estar em dificuldades, mas, graças a Deus – segundo ele – nunca foi preciso. Anésio disse que tudo o que foi possível fazer frente à Associação em benefício da classe foi realizado e, graças a esse trabalho de reorganização a Associação funciona hoje muito bem. Como já atuara na esfera política, foi-lhe perguntado o que diria aos nossos homens públicos. Anésio aceitava o Plano De Estabilização do Governo da época, mas fazia uma ressalva sobre a legislação trabalhista, que, segundo ele, deveria ser revista, principalmente com relação ao pequeno operário e o trabalhador rural, que precisavam ganhar mais, e agora. No âmbito municipal não tinha nada a acrescentar, dizendo que nossos homens públicos eram trabalhadores natos e seu recado era para que continuassem trabalhando em benefício de nossa maravilhosa população. Naquele ano (1986), Matão completava 88 anos de história e Anésio deixou a seguinte mensagem: "...*Minha mensagem ao povo de Matão pela passagem dos 88 anos é de muita fé e esperança. Dou graças a Deus por ter nascido aqui, nossos conterrâneos e todos que aqui vieram estão de parabéns. Matão é a terra prometida. Quero lembrar a todos que meu saudoso pai, Bernardino Scutti, esse ilustre desconhecido para muitos foi um dos fundadores de Matão, apesar de não constar em nenhum arquivo, devido à sua humilde condição de vida. Anésio Scutti faleceu no dia 17 de fevereiro de 1994.*

### ANGELIN RÉ

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ANGELINA G. DERÂMIO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ANGELINO GARDINI

Nasceu em 20 de novembro de 1926 na cidade de Matão, era lavrador e sempre residiu em Matão. Filho de Roberto Gardini e Beatriz Zanardi Gardini, também sempre residentes em Matão. Angelino Gardini era casado com Aparecida Vitorino Gardini nascida em 10/09/1927 na cidade de Matão, filha de Liberato Vitorino e Amalha Pompeu. Tinha 5 filhos todos casados, sendo destes casamentos lhe renderam 13 netos e 6 bisnetos. Morreu aos 72 anos, sendo estes todos vividos no Bairro Alto desta Cidade. Durante muitos anos da sua vida contribuiu na limpeza da cidade através da coleta de lixo, sendo este feito com tração animal. Foi um dos fundadores do depósito de lixo localizado na pedreira e que permaneceu ativo por muitos anos. Também trabalhou na fábrica de facas da família Albarici. Angelino Gardini faleceu no dia 24/05/1999 com 72 anos, sendo supultado nesta cidade e deixando 5 filhos. Valdecir José Gardini, Osvaldo Gardini, Dorivaldo Gardini, Aparecido Gardini e Maria Aparecida Gardini.

### ANGELO BELINI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ANGELO BETTIO

A família Bettio é uma das mais antigas na história de Matão, sempre ofertando gerações de cidadãos abnegados e dispostos a escrever um pouco de nossa própria história. Não foi diferente com Ângelo Bettio.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Casado com Teresa Angelina Brefari, com quem teve os filhos: Elza, Ermínio, Paschoal, Isidoro, Maria Aparecida e Fausto. Ângelo foi Conselheiro da Comissão de Compilação dos Estudos do Societá Stella D' Itália em 1938 e integrante do Conselho Deliberativo em 1957.

## ANGELO MACCAGNAN

Oriundo de uma das mais antigas famílias de comerciantes. Casado com Ana Toccheto, com quem teve os filhos: João, Érico (Aérico), José, Affonso, Francisco, Cezar e Júlio. Sua família foi proprietária de um dos mais velhos armazéns da cidade, casa que vendia sacarias de farinha, açúcar, quartolas de vinho puramente italiano e polenta. Consta que seu armazém era estabelecido na antiga Rua do Comércio, hoje Rua João Pessoa. A família Maccagnan, oriunda da cidade de Américo Brasiliense foi proprietária do primeiro hotel da cidade, o Hotel Maccagnan, de propriedade dos filhos de Ângelo: Afonso e José. Naquela época, era neste hotel que todos os viajantes que passavam pela região se abrigavam. Num edifício de fachada longa, com cerca de 35 metros de frente, o hotel possuía um grande salão de refeições e do lado direito uma cozinha, onde havia um fogão à lenha. Naqueles tempos já existia serpentina no fogão, para esquentar a água. Na parte interna do hotel ficavam os quartos e um banheiro misto (masculino e feminino) de cada lado. Para se tomar banho, enchia-se um latão de 20 litros de água, puxava-se e pendurava-se o latão, abrindo a torneira para se lavar. A água poderia ser quente, fria ou misturada, morninha....! A família foi dona ainda de uma casa de ferragens e de uma loja de fazendas. Matão deve muito à família Maccagnan, pioneira no comércio e ativa participante da nossa História.

## ANGELO PASTORI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANGELO RAGASSI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANGELO VERGA

Nascido em 10 de Junho de 1900 – Natural da Cidade de Matão, residiu na Rua Rui Barbosa, filho de imigrante Italiano: Ambrosio Verga, casado com Augusta Sartorelli Verga, teve cinco filhos : Alexandre Verga, João Verga, Luis Verga, Mario Verga, Maria Aparecida Verga, trabalhou no Açougue do Sr. Hugo Castellani – Rua João Pessoa 773 tendo como profissão : Açogueiro, veio a falecer em 01 de Agosto de 1963.

## ANÍBAL RIBEIRO

O nome dele aparece como representante dos motoristas de Matão.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANTHERO QUARESMA

Nasceu em Varginha, estado de Minas Gerais e veio para Matão em 21 de agosto de 1910, onde fixou residência, constituiu família e investiu tudo o que ganhou com o fruto do seu honrado trabalho na lavoura e na pecuária. Seu exemplo de vida continua sendo perpetuado pelos seus filhos.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANTONIO (Santo)

Santo Antônio é o Santo mais popular do Brasil e também, é conhecido por ser o Padroeiro dos pobres, Santo casamenteiro, sempre sendo invocado para se achar objetos perdidos. Fernando de Bulhões (verdadeiro nome de Santo Antônio), nasceu em Lisboa em 15 de agosto de 1195, numa família de posses. Aos 15 anos entrou para um convento agostiniano, primeiro em Lisboa e depois em Coimbra, onde provavelmente se ordenou. Em 1220 trocou o nome para Antônio e ingressou na Ordem Franciscana, na esperança de, a exemplo dos mártires, pregar aos sarracenos no Marrocos. Após um ano de catequese nesse país, teve de deixá-lo devido a uma enfermidade e seguiu para a Itália. Indicado professor de teologia

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

pelo próprio são Francisco de Assis, lecionou nas universidades de Bolonha, Toulouse, Montpellier, Puy-en-Velay e Pádua, adquirindo grande renome como orador sacro no sul da França e na Itália. Ficaram célebres os sermões que proferiu em Forlì, Provença, Languedoc e Paris. Em todos esses lugares suas prédicas encontravam forte eco popular, pois lhe eram atribuídos feitos prodigiosos, o que contribuía para o crescimento de sua fama de santidade. A saúde sempre precária levou-o a recolher-se ao convento de Arcella, perto de Pádua, onde escreveu uma série de sermões para domingos e dias santificados, alguns dos quais seriam reunidos e publicados entre 1895 e 1913. Dentro da Ordem Franciscana, Antônio liderou um grupo que se insurgiu contra os abrandamentos introduzidos na regra pelo superior Elias. Após uma crise de hidropisia (Acúmulo patológico de líquido seroso no tecido celular ou em cavidades do corpo), Antônio morreu a caminho de Pádua em 13 de junho de 1231. Foi canonizado em 13 de maio de 1232 (apenas 11 meses depois de sua morte) pelo papa Gregório IX. A profundidade dos textos doutrinários de santo Antônio fez com que em 1946 o papa Pio XII o declarasse doutor da igreja. No entanto, o monge franciscano conhecido como Santo Antônio de Pádua ou de Lisboa tem sido, ao longo dos séculos, objeto de grande devoção popular. Sua veneração é muito difundida nos países latinos, principalmente em Portugal e no Brasil.

### ANTONIO ALCAUSA

Nascido aos 18 de agosto de 1903, faleceu aos 15 de outubro de 1982. Natural de Vélez Málaga, província de Málaga, Espanha. Filho de Sebastião Alcausa Fernandes e Elvira Sarrido Martins. Veio para o Brasil em 1906, pelo navio Los Andes, juntamente com seus pais e uma irmã mais velha, de nome Remédios. Aportaram em Santos no dia 17 de agosto de 1906. Passou rapidamente com sua família pela Casa do Imigrante, em São Paulo e pela zona rural entre as cidades de Limeira e Charqueada e se estabeleceu na zona rural de Matão. Em 1923, após deixar a zona rural, passou a ser um dos primeiros motoristas de praça de nossa querida Matão. Casou-se em 24 de maio de 1928 com Josepha Loketti, nascida em 30 de abril de 1910, em Bueno de Andrada, povoado pertencente à Araraquara. Ela era de origem italiana. O casal teve nove filhos dos quais sete estão vivos. (Olga, Núncio Geraldo, Ruth, Yvone, Maria Lydia, Antonio José e Luiz Fernando). Dos sete filhos, seis são professores. O casal teve 21 netos, todos formados nas mais variadas profissões: advogados, corretores de imóveis, fisioterapeutas, engenheiros, farmacêuticos, fonoaudiólogos, promotores, médicos, arquitetos, entre outras. Destaque-se em Antonio Alcausa o amor à família e ao trabalho. Trabalhou durante 50 anos, sendo 22 como motorista de praça nas cidades de Matão, Duartina, Londrina e Jales; 12 anos como Administrador de grandes fazendas de café nas cidades de Itápolis, Matão e Dobrada e 16 anos em outras profissões (tratorista, motorista de caminhão, gerente de fábrica de calçados, etc). Está sepultado no cemitério local, deixando muita saudade junto aos seus, que têm muito orgulho e respeito por ele.

### ANTONIO AZEVEDO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### ANTONIO BELUCCI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### ANTONIO BENFATI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### ANTONIO BOVO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### ANTONIO BROCHETTO

Antonio Brochetto pertencia a uma das mais antigas famílias de nossa cidade. Casado com Josefina Sartorello, com quem teve os filhos: Mário, Alexandre, Iolanda, Vitório, Angelina e Alberto.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## ANTONIO CELLI

Nascido em 21 de outubro de 1927, no município de Santa Lúcia, Fazenda São Luiz, onde viveu até os 12 anos, mudando-se com a família para a cidade de Matão a qual adotou como sendo sua terra natal. Morou inicialmente na Fazenda Flórida, Companhia dos Ingleses, onde trabalhava na lavoura de café. Antonio Celli não tinha nenhuma formação escolar, mas isso não o impediu de ensinar os seus colegas, a arte de ler e de escrever. Em julho de 1947, já com quase 20 anos, casou-se, embora sua determinação de ajudar o próximo não parou. Em 1954 começou a trabalhar na empresa E.F.A., estrada de Ferro, onde ficou até se aposentar. Paralelamente a esse trabalho, ele nunca mediu esforços para tentar amenizar o sofrimento de pessoas que o procuravam. Visitava com freqüência os doentes mais necessitados e abandonados, às vezes pela própria família. Visitava também, com a mesma freqüência, bairros pobres e carentes, ajudando no que fosse necessário. Quando encontrava alguma família com crianças sem batismo, ou mesmo casais sem ser casados, e havendo o interesse da união, ele providenciava tudo. Quando encontrava uma família passando necessidade, saía pela vizinhança pedindo alimentos, remédios e o que fosse necessário para melhorar um pouco a vida daquelas pessoas. Fazia o possível para encaminhar as famílias até a igreja e assim terem a esperança de uma vida melhor. Sempre teve participação ativa na Paróquia, e, entre as muitas atividades por ele exercidas, ele foi: Ministro da Eucaristia por duas vezes, Presidente da Legião de Maria por duas vezes, Cobrador do Dízimo, Professor de Catecismo, Presidente dos Marianos, Presidente das Cruzadas Eucarística e de Cursos de Preparação para o casamento, colaborando ainda com a construção da Igreja Nossa Senhora Aparecida. Sua vida, de total doação, foi dedicada em ajudar o próximo só se encerrando com seu falecimento em 02 de maio de 1994.

## ANTONIO CIOFFI

Nasceu em 29 de maio de 1895, na cidade de Ravello, nas encostas montanhosas de Salerno, Itália Meridional e durante toda a sua vida, soube honrar tanto sua pátria de origem quanto amar desmensuradamente o Brasil. Veio para nossa cidade quando Matão ainda era Distrito e, durante aproximadamente setenta anos, regou esta terra com o suor de seu rosto, ganhando como deve ser ganho o pão nosso de cada dia para si e para a sua honrada família. Foi carroceiro da Fazenda Trindade, homem de bondade solicitude e vontade de servir. Foi casado com Dona Pia Bertassi, com a qual teve os filhos: Domingos (Neno), José (Zito), Aparecida, Lídia, Lúcia e Lourdes, formando uma prole digna das bênçãos do céu. Com as noras, genros, netos e bisnetos, constituiu um legítimo legado de bondade, de amor e de honra na sua passagem pela terra. Faleceu aos 84 anos de idade, consternando amigos e parentes, principalmente aqueles que conheceram seu caráter ilibado e personalidade incontestável, deixando um exemplo insofismável de bem-querer e respeito pelos semelhantes, sendo reconhecido, portanto, como um verdadeiro homem de bem, de simplicidade singular, honestidade de propósitos, cidadão italiano e respeitador das leis, que soube ser bom e justo na vida.

## ANTONIO COELHO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuisli@hotmail.com](mailto:eduardomatuisli@hotmail.com).

## ANTONIO DA SILVA COELHO

A história de Matão confunde-se com a vida e a trajetória deste cidadão oriundo de Araraquara. Foi casado com Maria da Silveira Moraes. Ele foi o responsável pelo esquadrejamento da cidade, sem trena. Um dos seus assessores "técnicos" foi "Nhô" Urbano Pereira de Aguiar que, com varas de sapuva, cordas e laços de couro cru, mediram a cidade. Outra passagem interessante: na biografia de Ignês da Silva Coelho, filha de Antonio, consta que a família se estabeleceu na região em 1890. Em 1892 ela assistiu, em sua casa, na cidade de Araraquara, a histórica compra do patrimônio de Innocêncio Antonio da Costa para a construção da capela aqui em Matão, sendo testemunha ocular dos primórdios de nossa querida cidade, vivenciando suas nove décadas iniciais. Antonio, como já mencionado anteriormente, definiu e demarcou as vias públicas do Arraial do Senhor Bom Jesus das Palmeiras, gleba recém-adquirida de 10 alqueires, que virou patrimônio da Paróquia.

## ANTONIO DA SILVEIRA LEITE

Outra gigante figura na história de nossa cidade. Antonio foi descendente de uma das mais antigas famílias de Matão, filho de Ismael da Silveira Leite. Consta, no livro do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, uma lista dos primeiros 100 casamentos realizados em nossa cidade. Entre os anos de 1897/1898 o número 59 da lista é o casamento de Antonio da Silveira Leite com Filomena Funiassari. Junto com os moradores de fazendas que pertenciam ao município de Jaboticabal: Innocêncio Antonio da Costa, Major Joaquim Gabriel de Carvalho, José Hipólito Fernandes e Theophilo Dias de Toledo, Antonio iniciou as

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

primeiras tratativas da nossa existência como cidade. Foi de Theophilo a idéia de edificar uma cidade e juntos, convocaram a primeira reunião com os principais moradores, resolvendo que tal edificação se daria sob o patrocínio do Senhor Bom Jesus. Formou-se a comissão que adquiriu de Innocêncio Antonio da Costa, 10 alqueires de terra. Theophilo foi o tesoureiro desta comissão e os quarteirões da nova área foram divididos em datas. Criada a Paróquia do Distrito de Paz, o território desligou-se de Jaboticabal, passando a fazer parte da cidade de Araraquara.

## ANTONIO DE RIZZO

A família Rizzo integra o rol das mais antigas de nossa cidade. Antonio de Rizzo foi casado com Joana Furlan, com quem teve os filhos: José Luiz, Maria, Hermínia, Ângelo, João, Hélio, Irene, Olga, Olynto, Antonio e Jacinto. Mudou-se da Fazenda Itaquerê para a Boa Vista em 1923, quando ela ainda pertencia a Nhonhô Magalhães, antes de ser vendida aos ingleses, sempre trabalhando como podador de café. Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANTONIO FERREIRA

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANTONIO GARBIN

Nasceu em Matão, nos idos de 1909, filho de João Garbin e de Dona Helena Pecorari. Foi casado com Dona Anna Leopoldo Garbin, falecida nesta cidade aos 15 de outubro de 1972. Irmão de Roberto Garbin, conhecido no meio artístico como "Chico Fumaça", pois trazia grande semelhança com o famoso ator Mazaropi. De família numerosa, Antonio deixou os filhos: Eunice, Úrica, Valter, João, Gilberto, Antonio, Maria de Lourdes (Malu) e Elza, além de um legado de luta e de trabalho. Antonio batalhou muito para criar os filhos, exercendo as atividades de poceiro, numa época que essa profissão era bastante dificultosa, pelo grande esforço físico e risco que expunha àqueles que a desempenhavam, diante da falta de recursos e de tecnologia dos tempos de outrora. Mesmo assim, nunca desanimou diante da luta desenvolvida com garra e afinco para manter a família e criar sua numerosa prole. Após essa fase, iniciou a profissão de carroceiro, função que exerceu até os seus últimos dias. Amou Matão e, através de seu trabalho humilde muito a honrou, contribuindo para o seu desenvolvimento e engrandecimento. Faleceu com 80 anos, no dia 09 de janeiro de 1989.

## ANTONIO GERALDO GRANATA

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANTONIO GORGATTI

A família Gorgatti foi uma das primeiras famílias de comerciantes a se instalar em nossa cidade. Consta que Antonio Gorgatti foi primeiro suplente de Delegado de Polícia em Matão. Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## ANTONIO LIAN

Filho de Féres Lian e Maria Haik Lian, nasceu em Matão. Casado com Maria Conceição Zákia Lian, com a qual teve os filhos: Antonio Fernando, Emília Maria, Sandra Maria e Nádia Maria. Antonio, carinhosamente chamado por Lian, era muito querido por todos os que o conheceram. Era muito inteligente, foi, a partir de 1947, e durante muitos anos, secretário da Prefeitura Municipal de Matão. Foi presidente e fundador da Associação Comercial de Matão e, por diversas vezes, foi presidente do time de basquete do Club Stella D'Itália, da nossa cidade. Esteve ainda à frente do movimento para a instalação da Caixa Econômica Estadual em Matão, tendo êxito nesta empreitada. Lian, como era chamado por todos que o conheceram, muito trabalhou para a prosperidade de Matão. Exemplo de filho, de pai, de esposo, de avô e de irmão, não mediu esforços para prestar serviços junto à entidades filantrópicas. Ele foi um homem extraordinário e trabalhador, que muito fez pelo progresso da Terra da Saudade. Pelos grandiosos serviços prestados à coletividade, Antonio Lian foi homenageado, emprestando seu nome à Avenida três da Vila Pereira, de nossa cidade. Despediu-se de sua estada fecunda na terra, no dia 03 de julho de 1967, deixando nos anais

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

da vida uma credencial da mais alta estima, admiração e respeito. Os matonenses continuarão tendo Antonio Lian na memória e no coração. (*Olga Lian*).

### **ANTONIO LOPES**

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **ANTONIO LUNARDI**

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **ANTONIO MAGOLO**

Nasceu em Santa Rita do Passa Quatro, no dia 03 de fevereiro de 1916. Mudou-se para Nova Esperança, estado do Paraná, vivendo ali até o ano de 1973, quando veio para a cidade de Matão, residindo na Vila Pereira. Foi casado com Irmã Bertelli Magolo e dessa união tiveram os filhos: Leomar, Jacinto, Avelino, Adelaide, Antonio Magolo Filho, Ataíde, João Magolo Neto, Pedro Magolo Sobrinho, Maria Aparecida e Maria de Lourdes. Sempre foi uma pessoa humilde, mas deixou como legado o caráter e a honestidade como adjetivos de sua vida.

### **ANTONIO MANECHINI**

Filho dos imigrantes italianos Sr. Carlos Manechini e Dona Albertina Helena, Antonio nasceu em 13 de abril de 1912, na cidade de Araraquara. Mudou-se para Matão e aqui se casou com Dona Cezira Zambelli Manechini em 17 de agosto de 1936, nascendo dessa união as filhas: Ivone, falecida em acidente, Lourdes, casada com Sr. Lourival Pereira e Maria Helena, casada com o Sr. Walcir Paiola. Prestou serviço na Prefeitura Municipal desde a época do Prefeito Newton Caivano, afastando-se em 1954 para trabalhar com o Sr. Arnaldo Botesini. Em 1959 retornou à Prefeitura Municipal, sendo efetivado no serviço público, trabalhando então na bomba d' água e no cemitério da sede, aposentando-se em 1982, pela Prefeitura. Foi um servidor exemplar, tendo desempenhado suas funções com grande orgulho e responsabilidade. Seus exemplos foram seguidos à risca por suas filhas, pois a Lourdes também se sobressaiu como funcionária municipal eficiente, prestando relevantes serviços na Prefeitura Municipal; sua filha Maria Helena dedicou-se à nobre missão de educadora. Por estas razões e por representar o Sr. Antonio Manechini um grande exemplo de filho de imigrante, que aqui chegou para constituir família e honrar nossa querida Matão, como se dela fosse filho, recebeu a homenagem de ter seu nome figurado em uma das ruas de nossa cidade.

### **ANTÔNIO MORILION SÓRIA**

Nasceu em Araraquara em 16 de Setembro de 1929 e veio ainda criança para cidade de Matão, onde residiu desde então com seus pais que aqui eram comerciantes e fizeram história. Antonio Morilion Sória seguiu sua vida também comerciante, herança herdada de seus pais. Seu primeiro comércio foi um bar e restaurante na década de 60, no antigo Esporte Club localizado na Avenida 15 de Novembro, onde hoje é a loja Magazine Luiza. Posteriormente seu restaurante foi transferido para a Sociedade Recreativa Matonense-(SOREMA), onde servia além de refeições também famosas marmiteix. No ano de 1975 inaugurou seu Bar na Rua João Pessoa em frente a Citrosuco, no ano de 1982 mudou-se para o Jardim do Bosque inaugurando seu estabelecimento comercial chamado Loja Casa Grande que vendia uma grande quantidade de mercadorias. Antonio Morilion Sória através de seu trabalho foi um dos fundadores de feira Municipal da Cidade, assim como um dos primeiros moradores e comerciantes do Bosque, onde permaneceu trabalhando em seu estabelecimento até 1994 aonde veio a falecer em 16 de Novembro, deixando sua esposa Leoninha Rodrigues Sória e seus filhos Maria Amélia Morilion Trevisan, Marta Janete Morilion Sória Berniche e Marcelo Antonio Morilion. Dando continuidade ao ramo do comércio, seus filhos Maria Amélia, hoje proprietária da Amelinha Tecidos e Marcelo Antonio, proprietário da Display Informática, possuem seus estabelecimentos no mesmo endereço onde foi fundada a antiga Loja Casa Grande, ainda existente, sua filha Marta seguiu carreira Farmácia e assim sua história ainda continua através de filhos e netos. "Um homem como nenhum outro digno e honesto, um trabalho de exemplo que jamais esqueceremos saudades e muito amor ainda residem em nosso peito de honrosas lembranças"

### **ANTONIO NAPOLEÃO**

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## ANTONIO PEDRO DA SILVA

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ANTONIO PEREIRA

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ANTONIO POLTRONIERI

Nasceu em 16 de julho de 1930, na cidade de Dobrada. Morava na Fazenda Aquidaban e, aos 20 anos conheceu sua esposa Isaura Carvalho Poltronieri com quem se casou em 1950. Deste casamento, nasceram os filhos: Luis e Vera Lúcia. Mudou-se para Matão em 1963, vindo para trabalhar como fiscal rural. De 1984 a 1987 trabalhou na Central Citrus, no Bairro da Boa Vista. De 1987 a 1996, trabalhou na Prefeitura Municipal de Matão, onde se aposentou. Em 1996, mesmo aposentado começou a trabalhar com o Sr. Roberto Mastropietro, labor que só terminou no ano de 2003. Foi exemplo de um bom pai, bom marido e bom avô. Faleceu em 09 de fevereiro de 2004.

## ANTONIO RADAELLI

Oriundo de uma das famílias mais antigas de Matão, Antonio Radaelli foi casado com Aires Mingossi. Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ANTONIO RAMOS GOMES

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ANTONIO RODRIGUES LOPES

Filho de uma das famílias mais antigas de Matão, Antonio Rodrigues Lopes, natural da Espanha, veio para Matão no ano de 1901. Conheceu sua esposa Maria Benitez, na cidade de Casa Branca, onde ela trabalhava na lavoura. Casaram-se e, como eram colonos e a festa não acabava nunca, o dono da fazenda chegou e falou: "... Ou vocês voltam ao trabalho ou eu vou mandar todo mundo embora!..." (frase do neto Luis Barione Rodrigues). Do enlace, nasceram os filhos: Carmem, Henrique, Laureano, Antonio Filho, Hermínio, Jayme e Geny. Os Rodrigues Lopes foram um dos primeiros comerciantes de nossa cidade. Em 1901 nascia a Casa Rodrigues, loja que comercializava material hidráulico e elétrico, gás e ferragens, sendo a primeira a ter uma bomba de combustível para os poucos automóveis da época. Até hoje a Casa Rodrigues mantém a tradição familiar, atendendo a toda a população matonense, desde o seu nascimento, no início do século passado.

## ANTONIO RUOCCO

Nascido em Matão no dia 16 de dezembro de 1913, era filho de Luigi Ruocco e de Dona Carmella Cioffi, italianos e lavradores. Trabalhou juntamente com seus pais na lavoura até a idade adulta, quando casou-se na Comarca de Itápolis no dia 17 de julho de 1937, com a Sra. Eleonora Berto Ruocco, também descendente de imigrantes italianos, filha de Seraphino Berto e de Dona Osti Tereza, italianos lavradores. Agricultor, pecuarista, cidadão, chefe de família, esposo e pai exemplar, deixou muitos amigos. Estabeleceu-se na cidade de Matão por volta de 1942, quando iniciou seus negócios na pecuária. Simplicidade, respeito, solidariedade, coragem, sabedoria e honestidade foram suas principais características. Foi colaborador voluntário da Prefeitura Municipal durante as gestões dos Prefeitos Antonio Natalino Artimonte e Armando Bambozzi. Na sua simplicidade soube educar e formar seus 05 filhos: Laura, Luiz Orlando, Maria Edena, Maria Tereza, Carmen Lucia, sendo quatro professoras e um dentista. Deixou 12 netos e 5 bisnetos nas diversas profissões: advogado, corretor de imóveis, professora, fisioterapeutas, dentista, farmacêutica, médicas veterinárias, médico, engenheiro agrônomo, nutricionista, bióloga, zootecnista, etc. O Sr. Antonio, homem de vida simples, fez do trabalho honrado o seu lema de vida. Sabia solidarizar-se com os que dele precisavam, homem de princípios, aconselhava com sabedoria. Sua trajetória é um atestado de dignidade, honestidade, amor para com a família, aos amigos e ao próximo, sem nunca ter feito disso um meio para sua promoção pessoal e social, razão pela qual teve seu nome perpetuado, figurando em uma de nossas vias públicas, sinal de respeito e agradecimento da população

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

matonense pela sua profícua permanência entre nós. Faleceu no dia 03 de novembro de 1989.

### ANTONIO SILVEIRA LEITE

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### ANTONIO SILVEIRA MENDONÇA

Nascido aos 02 de fevereiro de 1922 na cidade de Dobrada, foi casado com Cecília Maria Moraes Mendonça. Do enlace nasceram os filhos: Antonio Moraes e Benício Moraes Mendonça. Antonio trabalhou na Citrosuco, Caixa Econômica Federal e Banco Julião Arroyo. Faleceu no dia 04 de julho de 1992, deixando mulher, filhos, 4 netos e 3 bisnetos.

### ANTONIO TANAKA

Nascido em 17 de julho de 1942, na cidade de Borborema, era filho de Francisco Tanaka e Maria de Lourdes Tanaka. Casou-se com Elza Mitsuko Inoue Tanaka com que teve os filhos: Leandro Tanaka e Leonardo Tanaka. Farmacêutico exemplar começou a carreira aos doze anos de idade, lavando vidros na Farmácia São José e, depois de três anos de trabalho, começou a aplicar injeções, manipular remédios e fazer aplicações de soro em domicílio, tendo aprendido tudo isso com o "mestre" Cyro Virgínio Modé. Tanaka foi entrevistado em 2003 pela Revista de "A Comarca", momento no qual pode relembrar sua trajetória de vida, sentindo-se realizado ao manipular remédio e fazer aplicações, que eram feitas nos domicílios, a pé ou de bicicleta. Além disso, os preços nos remédios eram colocados manualmente, não como hoje, cuja etiqueta é impressa pelo computador, dizia ele. Hoje, o computador faz a contabilidade, controle e o acompanhamento de clientes. Através de sua força e de sua determinação adquiriu sua própria farmácia, chamada de Farmácia Central. Depois adquiriu a Farmácia Schutel e, por último edificou a Drogaria Santo Antonio. Tanaka tinha um círculo de amizade muito grande. Era um profissional competente, atendendo a todos sempre com um sorriso, um amigo para todas as horas, uma criatura cativante e, ao mesmo tempo tímido. Sempre honrou a profissão que abraçou, dando o melhor de si para ajudar a todos os que o procuravam. Sua felicidade era ver seus clientes satisfeitos e, na reportagem em que foi entrevistado, deixou uma mensagem: *"...Agradeço a Deus por me dar força para enfrentar o dia-a-dia. Agradeço a Deus e a todas as pessoas que me proporcionaram essa oportunidade, pois nesta profissão maravilhosa construí minha família e estudei meus filhos. Continuo trabalhando na drogaria, para satisfazer a todos que me procuram..."* Antonio Tanaka faleceu em 10 de janeiro de 2004. Seu nome e sua história não devem ficar somente entre os familiares e amigos que compartilharam de sua estada nesta terra, pelo contrário, deve ser contado pelas gerações futuras, e, ao batizarem uma das vias públicas de nossa cidade com o seu nome, foi feito justiça pelo exemplo que o pequeno Antonio, mas gigante Tanaka significou para todos os matonenses que o conheceram.

### APARECIDA (Nossa Senhora de)

Nossa Senhora Aparecida ou Nossa Senhora da Conceição Aparecida, é a virgem Padroeira do Brasil. O seu santuário localiza-se em Aparecida, no estado de São Paulo, e a sua festa é comemorada, anualmente, a 12 de outubro. Há duas fontes sobre o achado da imagem, que se encontram no Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida (anterior a 1743) e no Arquivo Romano da Companhia de Jesus, em Roma. A sua história tem o seu início em meados de 1717, quando chegou a Guaratinguetá a notícia de que o conde de Assumar, D. Pedro de Almeida e Portugal, governador da então Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, iria passar pela povoação a caminho de Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto), em Minas Gerais. Desejosos de obsequiar-lo com o melhor pescado que obtivessem, os pescadores Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves lançaram as suas redes no rio Paraíba do Sul. Depois de muitas tentativas infrutíferas, descendo o curso do rio chegaram a Porto Itaguçu, a 12 de outubro. Já sem esperança, João Alves lançou a sua rede nas águas e apanhou o corpo de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição sem a cabeça. Em nova tentativa apanhou a cabeça da imagem. Envolveram o achado em um lenço e, animados pelo acontecido, lançaram novamente as redes com tanto êxito que obtiveram copiosa pesca. Durante quinze anos a imagem permaneceu na residência de Felipe Pedroso, onde as pessoas da vizinhança se reuniam para orar. A devoção foi crescendo entre o povo da região e muitas graças foram alcançadas por aqueles que oravam diante da imagem. A fama dos poderes extraordinários de Nossa Senhora foi se espalhando pelas regiões do Brasil. A família construiu uma capela no alto do morro dos Coqueiros, aberta à visitação pública em 26 de julho de 1745. Diante do aumento no número de fiéis, em 1834 foi iniciada a construção de uma igreja maior – a atual Basílica Velha. Em 6 de novembro de 1888, a Princesa Isabel visitou pela segunda vez a Basílica e ofertou à santa uma coroa de ouro cravejada de

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

diamantes e rubis, juntamente com um manto azul. No ano de 1894 chegou a Aparecida um grupo de padres e irmãos da Congregação dos Missionários Redentoristas, para trabalhar no atendimento aosromeiros que acorriam aos pés da imagem para rezar com a Senhora "Aparecida" das águas. A 8 de setembro de 1904, a imagem foi coroada, solenemente, por D. José Camargo Barros. No dia 29 de abril de 1908, a igreja recebeu o título de Basílica Menor. Vinte anos depois, a 17 de dezembro de 1928, a vila que se formara ao redor da Igreja no alto do Morro dos Coqueiros tornou-se Município. Em 1929, Nossa Senhora foi proclamada Rainha do Brasil e sua Padroeira Oficial, por determinação do Papa Pio XI. A imagem retirada das águas do Rio Paraíba em 1717, é de terracota e mede quarenta centímetros de altura. Em estilo seiscentista, como atestado por diversos especialistas que a analisaram (Dr. Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, os monges beneditinos do Mosteiro de São Salvador, na Bahia, Dom Clemente da Silva-Nigra e Dom Paulo Lachenmayer), acredita-se que originalmente apresentaria uma policromia, como era de costume à época, embora não haja documentação que o comprove. A argila utilizada para a confecção da imagem é oriunda da região de Santana do Parnaíba, na Grande São Paulo. Quando foi recolhida pelos pescadores, o corpo estava separado da cabeça e, muito provavelmente, sem a policromia original, devido ao período em que esteve submersa nas águas do rio. A cor de canela com que se apresenta hoje deve-se à exposição secular à fuligem produzida pelas chamas das velas, lamparinas e candeeiros, acesas pelos seus devotos. Em 1978, após sofrer um atentado que a reduziu a quase duzentos fragmentos, foi encaminhada ao Professor Pietro Maria Bardi (à época, diretor do Museu de Arte de São Paulo – MASP), que a examinou, juntamente com o Dr. João Marinho, colecionador de imagens sacras brasileiras. Foi então totalmente restaurada, no MASP, pelas mãos da artista plástica Maria Helena Chartuni. Embora não seja possível determinar o autor ou a data da confecção da imagem, através de estudos comparativos concluiu-se que ela pode ser atribuída a um discípulo do monge beneditino frei Agostinho da Piedade, ou, segundo Silva-Nigra e Lachenmayer, a um dos seus irmãos de Ordem, frei Agostinho de Jesus. Apontam para esses mestres as seguintes características: forma sorridente dos lábios; queixo encastado, tendo, ao centro, uma covinha; penteado e flores nos cabelos em relevo; broche de três pérolas na testa; e porte corporal empinado para trás. Para celebrar o centenário da Coroação da Imagem da Padroeira do Brasil, a Associação de Joalheiros e Relojoeiros do Noroeste Paulista (Ajoresp), com apoio técnico do Sebrae (São Paulo), promoveu um Concurso Nacional de Design, visando selecionar uma nova Coroa comemorativa do evento. O Júri Institucional do evento selecionou, por consenso, o projeto da designer Lena Garrido, em parceria com a designer Débora Camisasca, de Belo Horizonte (Minas Gerais). A nova peça foi confeccionada em ouro e pedras preciosas especialmente para a solenidade do Centenário da Coroação de Nossa Senhora Aparecida, no dia 8 de setembro de 2004.

### **APARECIDO FERRAZ**

Filho de Sebastião Ferraz e de Dona Catarina Ferreira Ferraz, nasceu no dia 24 de março de 1947, na Companhia Agrícola Fazendas Cambuhy, onde seu pai era administrador da Seção Américo, residindo ali até 1965, quando ainda menor, mudou-se para Matão. Trabalhou como frentista de posto de gasolina e posteriormente, como caixeiro da Fischer. Quando completou 18 anos de idade, começou a trabalhar na Citrosuco Paulista, sendo este o seu primeiro trabalho registrado na Carteira Profissional. Trabalhou pesado, chegando a limpar o rio, amassar concreto e na câmara fria, passando pelo evaporador e mecânica e, com o passar do tempo, foi encarregado de turma e, sem seguida, supervisor de produção. Foram vinte anos de serviços prestados à Citrosuco, quando, no ano de 1984, a empresa associou-se à Brascitrus, uma indústria de suco de Mirassol, sendo transferido para lá, a fim de exercer o cargo de gerente industrial, até aquela triste e inesquecível segunda-feira, dia 17 de maio de 1993, quando inesperadamente, para a tristeza de todos, seguindo a vontade de nosso Pai maior, seguiu para um outro plano, de onde, temos a certeza, estará sempre junto de nós, embora deixando um vazio enorme em sua casa e em inúmeros corações que aprenderam a amá-lo e respeitá-lo. Pela marcante simplicidade, e, principalmente, pela humildade, tratou a todos sempre com a mesma igualdade, desde aqueles do mais alto nível, até o faxineiro, sendo chamado por todos de pai, desde os mais velhos até os mais jovens dos funcionários. Embora residindo em Mirassol, voltava todos os finais de semana para Matão, para rever seus amigos e a cidade que tanto gostava, onde sempre manteve sua casa, onde hoje reside sua família. Foi casado com Dona Elizete Doraci Nonis Ferraz, com quem teve três filhos: Mônica Luciana, Giovana Regina e Marcelo Henrique. Foi um chefe de família exemplar e um marido maravilhoso, excelente pai e amigo dos filhos, com quem aprenderam muito com sua sabedoria e honestidade, ensinando sempre o dever de respeitar a todos e honrar sempre o nome da família.

### **APARECIDO FERREIRA DE CARVALHO**

Homem humilde. Casado com a Sra. Fátima Aparecida Ignácio de Carvalho. Pai de cinco filhos. Mais conhecido como "Mugão", nasceu em 12 de setembro de 1955 e faleceu ainda jovem, aos 24 de dezembro de 2000. Era soldador de profissão, mas sua atividade mais reconhecida se fazia na sociedade, onde

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

sempre prestou excelentes serviços. Foi presidente da Escola de Samba Mocidade Alegre e também presidente do Botafogo Futebol Clube. Samba e futebol, suas grandes paixões. Através de sua dedicação, contribuiu sobremaneira com o carnaval de rua e com o futebol amador de nossa cidade.

### APARECIDO LÚCIO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### APARECIDO SCUTTI

Nasceu no dia 24 de maio de 1929, em Matão. cursou o primário na cidade Nova Europa no ano de 1940. cursou o secundário na escola de agricultura de Japoticabal no ano de 1948. Frequentou ainda o curso superior na Escola Di Scineza Agrária em Éboli, na Itália, no ano de 1952. Gerente Geral da fazenda Santa Veridiana em Santa Cruz das Palmeiras, Aparecido coordenou toda a parte técnica, administrativa e comercial da fazenda que, na época, era uma grande empresa produtora de café, de leite, de bovinos de corte, além de grande produtora de algodão e de cereais, no período de 1952 a 1957. Foi sócio-gerente da empresa A Scutti & Cia Ltda, pequena empresa de venda de máquinas agrícolas e insumos agropecuários, coordenando as atividades administrativas e comerciais até 1958. Durante o período de 1959 a 1966, fez cursos na área de agricultura na América do Sul, América Central, América do Norte e também na Europa. Proprietário da fazenda Santa Filomena, localizada no município de Cáceres, Mato Grosso, coordenou as atividades gerenciais até 1974. Foi ainda sócio-gerente da firma Somater-Sociedade Matogrossense de Topografia e Economia Rural, coordenando a parte administrativa e comercial da mesma, até abril de 1978. À partir de 1979, dedicou-se, no Distrito Federal, a profissão de corretor de imóveis, além de administrar o Edifício Mariana construído em Brasília e, simultaneamente, foi administrador da Associação de Condomínios do Distrito Federal – ASCON-DF, criando e presidindo logo depois o SINDICON-DF – Sindicato de Condomínios do Distrito Federal. Deixou viúva a Sra. Maria Helena Alencar Scutti e seis filhos: Paulo Henrique Scutti, Carmem Sylvia Scutti Agassi, Marco Antonio Scutti da Costa Brava, Renata Scutti, Mariana Scutti e Maria Helena Scutti.

### APARÍCIO DA SILVA COELHO

Foi nomeado Prefeito de Matão nos períodos de 13 de abril de 1931 a 11 de maio de 1936 e de 23 de maio de 1936 a 16 de setembro de 1938. Aparício era irmão de Antonio da Silva Coelho. Na revista de "A Comarca" datada de 1973, foi publicado o retrospecto dos prefeitos de Matão que contribuíram para o crescimento de nossa cidade. Segundo a reportagem: "...Outro prefeito focalizado em clichê nesta Revista de "A Comarca" que fez uma brilhante gestão foi o Professor Apparício da Silva Coelho, grande mediador do município em hora que São Paulo içou o estandarte da Revolução Constitucionalista de 1932, justamente nos momentos que o povo paulista se encontrava entre a vida e a morte da sua situação moral e civil! Matão o reconhece em memória por todo o sempre..." No ano de 1936, nascia em Matão, a Associação Comercial e Industrial.

### AQUILINO BENASSI

Oriundo de uma tradicional família de nossa cidade, Aquilino era filho de Alberto Benassi e Dona Zilda Giglioli. Aquilino teve 6 irmãos: Pilese, Olívio, Úrica, Svília, Dionéia e Paulo. Aquilino foi casado com Eliza Teixeira de Barros. Tendo a profissão de industrial, participou ativamente do crescimento de Matão. Em 1942 foi tesoureiro do Hospital de Caridade e diretor da Legião Brasileira de Assistência. Em 1962, como presidente do Lions Club, inaugurou o banco de sangue e o posto de hidratação infantil, anexos ao hospital. Foi ainda presidente do Lions Clube de Matão em 1962/1963.

### ARARAQUARA

Araraquara (tupi): Alguns historiadores acreditam que signifique refúgio ou paradeiro das araras. Outros entendem o nome, formado por ara (dia) e quara (morada), como morada do dia. Outros ainda apontam que Araraquara vem de "aracoara", que significa "morada do dia" ou "morada do Sol". Por isso a cidade é conhecida como a "Morada do Sol". Para outros, o termo vem de arara-kwara, que significaria refúgio dos papagaios; arara é mais comumente assim traduzido. Não é a toa que a expressão Morada do Sol foi adotada por uma emissora de rádio local. Araraquara virou município, ainda como São Bento de Araraquara, em 10 de julho de 1832. População em 2004: 194.401 habitantes. Os "Campos de Araraquara" um caminho para as minas. No período colonial, os "Campos de Araraquara" abrangiam uma vasta região, ainda inexplorada pelos colonizadores brancos, estendendo-se desde o rio Piracicaba até os confins do sertão, na divisa com a capitania de Mato Grosso. Delimitada também pelos cursos do Tietê e Mogi, desde

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

o início do século XVII a região já era alvo da ação bandeirante na busca de índios da cata ao ouro, recebendo os primeiros registros históricos a partir de 1724, quando as autoridades da capitania de São Paulo tentavam encontrar um caminho terrestre alternativo para chegar às minas de Cuiabá. Partindo de Itu, as entradas percorriam os "Campos de Araraquara", margeavam o Tietê, alcançando finalmente o Rio Grande e daí as regiões mineradoras. A vastidão do território e a ausência da autoridade colonial possibilitaram que a partir da segunda metade do século XVIII, os "Campos de Araraquara" recebessem os primeiros povoadores não indígenas, representados por escravos fugidos, perseguidos pela justiça e garimpeiros, atraídos pela existência de ouro nos rios Jacaré-Pipira, Jacaré-Guaçu, Chibarro, ribeirão da Cruzes e do Ouro. A atividade mineradora nos "Campos de Araraquara" mereceu registro testemunhal de José Bonifácio de Andrada e Silva. A ocupação efetiva, no entanto, tem como marco histórico o ano de 1790, quando Pedro José Neto, mineiro de Barbacena, se fixou na região proveniente da Vila de Itu, onde fora acusado de delito. O povoamento se intensifica a partir de 1810, com a chegada de moradores originários de Minas Gerais, Itu, Piracicaba, Tietê, Porto Feliz, Jundiá e Campinas. Dispondo de vasto espaço e de pastagem abundante, a criação de gado bovino foi, por muito tempo, a principal atividade econômica da região. Havia também rebanhos de eqüinos, suínos, carneiros, cabras e uma rudimentar agricultura de subsistência, baseada no cultivo de milho, arroz, feijão, algodão e fumo. Nessas circunstâncias, enclausurada no sertão e especializada na pecuária, a economia dos "Campos de Araraquara" caracterizava-se como uma atividade subsidiária da região açucareira (Campinas, Jundiá, Piracicaba, Itu, Porto Feliz), para onde "exportava" parte de sua produção. Elevada à condição de Freguesia de São Bento de Araraquara, subordinada à Vila de Itu, em 22 de agosto de 1817, data oficial de fundação da cidade, consagrando-se Pedro José Neto como o principal personagem pelo surgimento de Araraquara. Nessa época, a região contava 303 habitantes, dispersos em várias propriedades rurais, onde, além dos fazendeiros e familiares, trabalhavam 54 escravos e 100 agregados. O primitivo núcleo urbano, habitado por carpinteiros, ferreiros, sapateiros, oleiros, tecelões e funcionários da administração, desenvolveu-se ao redor da capela erigida em louvor a São Bento, padroeiro da cidade. O Município de Matão, que faz divisa com a cidade de Araraquara, homenageou a cidade co-irmã, dando-lhe nome de uma de suas vias públicas.

### ARCHIMEDES DALMIGLIO

Oriundo de tradicional família matonense, Archimedes era filho de Felice Dalmiglio e de Virgínia Romanelli. Foi casado com Dulce da Silveira.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ARISTODEMO POMPEU LANZA

Filho de Ricieri Lanza e de Dona Albina Vessoni, tradicional família de nossa cidade, Aristodemo foi casado com Maria Mingossi.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ARMANDO ANTONIO MOCHETTI

Armando era filho de Carlos Mochetti e de Dona Germina Bambozzi, uma das mais antigas famílias de Matão. Foi casado com Pálmira Rossi.

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ARMANDO BELLENTANI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ARMANDO FÉCHIO

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ARMANDO GAMBERINI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **ARMÍNIO DE ARRUDA CAMARGO**

Um dos comerciantes mais antigos de nossa cidade, Armínio não só se destacou no ramo comercial como também foi um cidadão participativo de todas as discussões e conquistas que Matão amealhou nos tempos passados. Em 1947, Armínio integra a comissão de avaliação do terreno que seria desapropriado para a construção do centro de esportes. Em 15 de abril de 1947 é nomeado Prefeito Municipal, função desempenhada até dezembro desse mesmo ano. Em 1963 foi eleito suplente de vereador, voltando à Casa Legislativa no ano de 1964 como vereador eleito, cargo que cumpriu até o ano de 1969, sendo eleito presidente da Casa em 1964 e 1969.

## **ARTECERCE MOLINARI**

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão era filho de Victorio Molinari e de Dona Clarinda Barbi. Foi casado com Maria Gonçalves.

**Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).**

## **ARTHUR ANTONIOSSI**

Filho de tradicional família de nossa cidade, Arthur foi casado com Romilda Trelveline com quem teve os filhos: Antonio, Nelson, Roberto, Adélio, Adelino, Maria, Aparecida e José.

**Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).**

## **ARTHUR BANDELLI**

Nascido em Araraquara em 14 de fevereiro de 1910, filho de João Bandeli e Luisa Canoletti. Foi lavrador antes de ingressar na Estrada de Ferro Araraquara, onde trabalhou até se aposentar. Escolheu a cidade de Matão para aqui viver e constituir sua família. No ano de 1944, casou-se com a Sra. Alzira da Costa, tendo quatro filhos: Maria Helena Bandeli, João Batista, casado com Carmem Luiza Bandeli, Edna Aparecida Bandeli e Antonio Carlos Bandeli casado com Izaura Bandeli. Arthur Bandeli, homem trabalhador e honesto, soube transmitir à sua família e aos amigos, os valores e a alegria que nortearam toda a sua vida, fazendo-o querido por todos aqueles que tiveram o privilégio de desfrutar de sua companhia. Por várias décadas foi morador da parte alta da cidade, mais precisamente na Vila Guarani. O Sr. Arthur é mais um dos ilustres cidadãos que muito contribuíram para o desenvolvimento desta terra e por sua história de vida e de seus descendentes, a homenagem de gravar o seu nome numa das vias públicas de nossa cidade, mais do que justa, é um sinal de que a efêmera permanência física não significa o fim de nossos destinos, mas um dos estágios que nos aguardam e, nossos exemplos, gestos e atitudes são ferramentas por nós utilizadas para mostrar aos outros que honra, dignidade e fé, são atributos que devem ser buscados, copiados e perenizados para sempre.

## **ARTHUR CECCHETO**

Arthur Ceccheto e sua esposa Thereza Ruzza, eram oriundos da cidade de Veneza e desembarcaram no Brasil, trazendo consigo a saudade da pátria distante, mas com a determinação de todos aqueles que, na viril consciência de que tinham missão a cumprir, chegavam para construir um futuro e conquistar um solo fértil para sua família. Inicialmente fixaram residência na cidade de Bragança Paulista, iniciando uma atividade febril com armazém de secos e molhados, no bairro das Araras. Daí a mais um pouco de tempo, estabelecerem-se com uma fábrica de camisas. O casal Ceccheto teve três filhos: João Ceccheto, casado com Dona Yolanda Tomazelli Ceccheto, Jorge Ceccheto, casado com Dona Olga Tagliavini Ceccheto e Marcílio Ceccheto, casado com Dona Helena Elia Bambozzi Ceccheto. Em 1929, "seu" Arthur resolveu dirigir suas atividades em outra região do estado de São Paulo, considerando-a mais promissora, mais convidativa e, portanto, mais de perto encontrando suas forças sempre renovadas para realizar seus planos e anseios. Veio com a família para Matão e, em sociedade com o Sr. Alzira Freire, adquiriu o armazém, então, pertencente ao Sr. José Gonçalves, localizado na Avenida XV de Novembro e que, anteriormente, já se chamara Casa Bastia. A sociedade iniciou seus trabalhos em 14 de janeiro de 1930, mas poucos meses depois, em julho do mesmo ano, o Sr. Alzira deixou a sociedade e Arthur permaneceu sozinho como único dirigente do empreendimento, até o ano de 1934. Neste mesmo ano é inaugurado o prédio da Rua Castro Alves, nº 798, para onde foram transferidas as instalações da Casa Ceccheto. Trabalho árduo, mas compensado. A clientela era grande e proporcionou novas oportunidades. Foi quando a família adquiriu uma propriedade rural, nas proximidades de São Lourenço do Turvo, a Fazenda Varginha. O ano de 1944 trouxe uma grande tristeza para todos. Falecia Thereza Ruzza. Como que para diminuir as tristezas, os

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

filhos resolveram dividir com o pai as responsabilidades diretas da organização e passaram a integrar a sociedade. Primeiro os dois mais velhos, João e Jorge; um pouco tempo a seguir, o mais novo, Marcílio. 1949 seria outro ano de amargura familiar. Arthur Ceccheto também faleceu. Houvera cumprido a sua missão. Deixara com os filhos, bem plantada em cada coração, a semente do trabalho, da dedicação e do amor pelo serviço da comunidade. Assumindo totalmente a direção da empresa, os três irmãos alteraram a razão social para Irmãos Ceccheto. Em primeiro de Janeiro de 1953, Jorge se afastou da sociedade, para dedicar-se a outras atividades, enquanto João e Marcílio continuaram no ramo tradicional de seu trabalho, agora com a colaboração de seus filhos, dentre eles o Luiz Ceccheto, carinhosamente conhecido como Luizinho. No ano de 1966, no mês de julho, no dia 06, novamente a tristeza sacudiu o coração da família. Desta vez, foi Luizinho que, inesperadamente, faleceu. Mas estava marcado: em 1972, a família perderia mais um de seus membros. Jorge Ceccheto, depois de lutar com denodo e coragem, em benefício das coisas públicas e políticas do Município de Matão, partiu para a eternidade. Sacudida por todos esses percalços, nem assim a família Ceccheto deixou de olhar para o futuro, deixou de planejar suas atividades, deixou de progredir. Vendeu-se a Fazenda Varginha, e inaugurado, em primeiro de setembro de 1973, o primeiro supermercado completo de Matão, contando com os descendentes mais jovens da família (Arthur Fernando e Basílio, filhos de Marcílio e João Arthur, filho do "seu" João), até a morte do "major" Marcílio. Foi neste mesmo tempo que a organização efetuou a compra da extinta firma Bidutte & Pirolla. Perdera-se um dos esteios, mas ganhara-se outra viga importante na luta pelo desenvolvimento, com a participação de José Marcos. Aproveitando a era das modernizações, o armazém mais tradicional da cidade foi transformado em mini-mercado, em dezembro de 1977. A Revista de "A Comarca" do ano de 1979 contou toda esta trajetória de três gerações sendo que a quarta, com 40 netos já estava quase pronta para também chegar lá. Na reportagem publicou-se foto do Casal João Ceccheto e de Dona Yolanda Tomazelli Ceccheto (Iole), além da foto da Loja Matriz, instalada na Av. XV de Novembro esquina com a Rua Castro Alves, divulgando disposição da família Ceccheto em continuar merecendo a preferência da população matonense, saudando os 81 anos de aniversário de Emancipação Política e Administrativa de nossa cidade e comemorando 50 anos de vida dos Supermercados Ceccheto, cujo slogan era "Isso é Tradição". A coragem, a determinação e o total amor por nossa Terra da Saudade, dignificou todos os integrantes da família Ceccheto, homens e mulheres de fibra que com suas trajetórias individuais e exemplos para a comunidade ergueram pilastras imorredouras de nossa história, cujos exemplos são perseguidos pelos seus descendentes, deixando no livro da vida matonense um capítulo especial, que jamais será esquecido.

### ARTHUR DANTAS

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

### ARTHUR RIBEIRO

Filho de uma das mais antigas famílias de Matão. Foi casado com Maria Thereza da Silva Coelho, com quem teve os filhos: Maria Conceição, Lídia, Luiz Gonzaga, Antonio de Pádua e Arthur Ribeiro Junior. Consta um segundo matrimônio, com Dona Benedita Rodrigues, no qual vieram os filhos: Zuleika, Maria Thereza, Alba Regina, Irênê Sônia e Iria. Arthur Foi coletor estadual de Matão por muitos anos. Tinha como hobby a música, sendo um dos fundadores do Sport Clube 7 de Setembro, além de organizador do "Jazz-Sport", conjunto musical composto por 12 hábeis musicistas que fizeram muito sucesso na época. Tinha grande laço de amizade com o historiador Januário Groppa. Faleceu em 11 de abril de 1943, na cidade de Santos.

### ATÍLIO DE BONITO

Acrescentamos à biografia de Atílio, um texto produzido pelo advogado Luiz Francisco Fernandes, o "pelanca", que foi publicado no jornal "A Comarca", intitulado "Aquele uma do Atílio": "...Corria célere a campanha eleitoral matonense de 1976 e até meado de junho ainda dava ares de que seria concorrida. O bipartidarismo engessava o processo eleitoral e a ditadura militar - no poder desde 1964 - fingia perpetuidade para ocultar o inesperado baque que sofrera na eleição legislativa de 1974 com a expressiva vitória dos candidatos do MDB. No pleito municipal cada partido podia lançar candidatos em três legendas e o eleito era aquele mais votado do partido que somava mais votos. Já doente do coração - lançado na primeira legenda do MDB em parceria com Celso Gimenes e Antonio Geraldo Pinotti - Laert Tarallo Mendes, o Laertão, permanecia infocável na afeição popular que conquistara em seu primeiro mandato (1969/72). As pesquisas de opinião não eram confiáveis como as de hoje e só eram feitas nas capitais e grandes centros. Logo, no âmbito local, por mais que se revelasse evidente a tendência do eleitor em favor de determinado candidato, a prudência mandava aguardar a abertura das urnas. Não obstante, os candidatos não deixavam

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

de sondar alguns termômetros curiosos e empíricos: Um deles a inclinação de Wilson Elói Cardin para apostar na vitória de certo candidato. Ou as 'prévias' da Bambozzi, Baldan e Marchesan. Assim como Cardin nunca perdia as apostas que bancava, a tendência do chão de fábrica também nunca malograva. No partido da Arena, emparceirado a Hélio Bernardi e Benedito Stoque, Lauro Gorgatti despontava como forte concorrente no quadrilátero central da cidade, aparência que o apoio do Prefeito Celso de Barros Perche mais ajudava a robustecer. Mas no fundo tudo não passava de simulação e exercício de convencimento que os candidatos tentavam inculcar nos eleitores; assim, quanto maior a contundência que imprimiam a seus argumentos, mais perdiam em credibilidade de vitória. Enquanto se esforçavam para criar uma atmosfera de prováveis vencedores, os atributos carismáticos e a empatia popular do Laertão iam devorando a preferência nos bairros. Nas pouquíssimas residências que visitara, ofegante e extenuado por causa da doença, o clima de comoção não deixava dúvida sobre o rumoroso resultado que brotaria das urnas dias depois: Laertão vencia em todas as sessões e só a somatória de votos dos outros cinco candidatos poderia derrotá-lo e ainda assim por estreita diferença. Durante aquela campanha, por noites e noites, o Vereador Palamede Cavichioli e seu fiel escudeiro Attilio De Bonito visitaram eleitores. O Attilio De Bonito que em outros e maus tempos da política sem democracia se envolvera, lá na capital paulista, no fogo cruzado do Getulismo/Integralismo, era aquele mesmo De Bonito Attilio que anos depois, ao lado do Palamede, cruzaria nossos bairros à cata de votos para o Laertão. Numa noite, quando 'batiam' a Vila Pereira, um morador manifestou profunda preocupação com o projeto que Attilio lhe passara em nome do Laertão. Com ares de novidadeiro inconfiante, De Bonito se aproximou do ouvido do eleitor e em tom quase solene anunciou que se Laertão vencesse, o asfalto da Pereira era questão de dias - Mas Seo Attilio, eu ainda tô pagando a prestação do lote, do material da casa, como é que vou pagar o asfalto? Sentindo que perdia o voto, Attilio retornou rápido ao ouvido do eleitor e naquele seu marcante sotaque italianado corrigiu: - Vá, vá negón! Fica frio. O Laertón só fala que vai fazê o isfarti, mais depois eli num faiz isfarti ninhum! Tempos depois, na esquina da 28 com a José Bonifácio, pedi ao Palamede que confirmasse o episódio; o primeiro presidente da Sorema nem negou nem confirmou; apenas ajeitou o saquinho de pão que trazia junto ao peito e sorriu; pressentindo que iria insistir, desconversou perguntando sobre a saúde do meu avô Sebastião... As histórias e as estórias de figuras populares como Attilio de Bonito contam a trajetória de nossa querida Matão do passado que jamais poderiam ficar apenas nas reminiscências daqueles que viveram tão lindos anos dourados, devendo ser repassadas, recontadas e compartilhadas com as futuras gerações; é a história de nossa gente, é a história de Matão.

## ATÍLIO LANGHI

Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).

## AUGUSTO BAMBOZZI

Filho de uma das castas mais antigas de nossa cidade, Augusto era filho de Basílio Bambozzi e de Dona Egle Molinari. Foi casado com Onélia Bottesini. A história da Bambozzi foi contada em 1972, numa reportagem da revista de "A Comarca", que começou assim: Nos idos de 1920, Basílio e Ferdinando Bambozzi, fundavam B.Bambozzi & Irmão, indústria que já era um orgulho para Matão naquela época. A cidade foi crescendo e crescendo também foi a indústria, vieram os seus filhos, receberam das mãos dos incansáveis batalhadores a incumbência de partir para frente e assim o souberam fazer e de uma forma espetacular formaram uma grande indústria. A empresa Bambozzi que começara com a fabricação de sorveteiras, geladeiras, máquinas de benefício de arroz e café, partira depois para máquinas hidráulicas e elétricas e hoje são fabricados os melhores produtos do ramo, tais como: conversores para solda elétricas, grupos geradores de solda elétrica, retificadores para solda elétrica, transformadores para solda elétrica, alternadores, hidro-elétricos, benzitos, motores elétricos e tambores. A empresa não só distribui seus produtos para todo o Brasil como também para o mercado internacional, destacando-se entre os maiores consumidores os países do México, Paraguai, Bolívia, Chile e Peru. A notícia veiculava ainda o nascimento da Fundação Bambozzi, entidade assistencial de utilidade pública em âmbito municipal, realizando várias atividades como o amparo médico, social e esportivo. Na época, a empresa tinha 500 funcionários e naquele ano de 1973 já havia firmado convênio com a UNIMED, prestando atendimento médico e hospitalar aos seus funcionários. A reportagem menciona ainda que a empresa havia criado o "Bambo Notícias", jornal feito não somente aos seus funcionários, mas também a todos os matonenses e de uma forma geral a quem dele quisesse desfrutar. Informativo, alegre, foi de agrado geral e tecido de muitos elogios. Outro ilustre representante da família Bambozzi governou a cidade de Matão entre os anos de 1964 a 1969. Seu nome: Armando Bambozzi. Tinha como predicação a capacidade para a perfeita organização da máquina administrativa, de onde nascia um perfeito entrosamento que se refletia no aprimoramento de todas as obras do seu governo. Homem bondoso, que sabia lidar com todo carinho com os servidores municipais,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

como também com o público em geral. Tais palavras foram retiradas de artigo assinado pela historiadora Olga Lian, da Revista de "A Comarca" do ano de 1999, periódico que contou toda a trajetória de vida dos nossos personagens e da própria vida de Matão; caros documentos de valor histórico incalculável; sem eles, dificilmente poderíamos retroceder no túnel do tempo para resgatarmos tudo o que Matão nos reservou nos tempos idos. Ainda bem que vários abnegados se debruçaram, num determinado período de tempo, para registrar fatos e acontecimentos que hoje podemos reproduzir e multiplicar...e não esquecer...! Difícil imaginar Matão sem a família Bambozzi que alargou os horizontes do nome de nossa cidade em todos os cantos do mundo.

## **AUGUSTO BELLINI**

Oriundo de uma das famílias mais antigas de nossa cidade. Augusto foi casado com Árgia Borgonovi com quem teve os filhos: Maria, Luciano, Antonio, Fioravante, Ernesto, Rosina e Odone. Em 1929, participa da fundação da conferência Vicentina.

**Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com).**

## **AUGUSTO FERREIRA**

A história de Augusto Ferreira é a história de Matão. Cidadão honrado participou ativamente de todas as conquistas que orgulham os habitantes desta terra. Foi o fundador do jornal "A Comarca", semanário que nasceu em 04 de janeiro de 1925, e que foi dirigido por ele e por seu irmão Ítalo Ferreira até setembro de 1962, sendo, por isso, considerado o paladino da imprensa matonense, o arauto do nosso progresso, mantendo acesa a chama da operosidade matonense e conclamando sem parar as forças latentes do povo, para um Matão sempre maior! No ano de 1943, Augusto foi eleito conselheiro da diretoria do Hospital de Caridade. Em 1944, era o responsável do departamento de propaganda da Legião Brasileira de Assistência. Sua vida política o credencia nos anais de nossa história como uma das figuras mais expressivas da Terra da Saudade, tendo sido eleito vereador nos seguintes anos e mandatos: de 1948 a 1951, de 1952 a 1955, de 1956 a 1959 e de 1960 a 1963, sendo, nos anos de 1954 e 1955, presidente daquela Casa de Leis. Em reportagem publicada na Revista de "A Comarca" do ano de 1977, sob o título "A Comarca, símbolo de vanguarda", o historiador Januário Groppa fez uma retrospectiva da história do jornal. Segundo ele, Augusto Ferreira, irmão de Ítalo, enfrentou verdadeiras borrascas por longo tempo, passando por dificuldades e amarguras que melhor seria mantê-las em segredo, uma vez que tais momentos teriam influído na sua própria vida particular, mas, como sua determinação era maior, manteve acesa a chama do seu jornal lutou contra a falta de solidariedade e colaboração e teve persistência e fibra moral, ante a perseguição política da qual foi alvo, um jornalista nato capaz de dizer numa manchete o sentido dum artigo inteiro. Segundo Januário, que se considerava discípulo de Augusto Ferreira, o maior vereador de todos os tempos da vida política de Matão tinha nome e esse nome era o de Augusto Ferreira. Augusto Ferreira faleceu com 90 anos, viúvo de Dona Itália Maccagnan Ferreira.

## **AURÉLIO DIAS**

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# B

## BABY FERRAZ MARQUEZI

Enid-, assim mesmo, com "d" mudo. É filha de Matão. Apelidada de "Baby", nasceu em 01 de novembro de 1925, filha de José Dias Ferraz e Vilmera Batista Ferraz. Suas irmãs: Geni e Vilma. Enid Santa Ferraz Marquezi, desde menina, ganhou carinhosamente o nome de Baby, apelido que a acompanhou durante toda a sua existência. Em 1937, termina o 4º ano primário no Grupo Escolar de Matão. Sua Professora foi Dona Verônica Dropello. Em 1947, forma-se professora Normalista, pela Escola Estadual de Taquaritinga, iniciando-se no Magistério, lecionando na Escola Mista da Fazenda Palmares. Em 1948 recebeu o Certificado da Diretoria de Ensino Secundário, habilitando-a a lecionar "trabalhos manuais". Em 1949 participa do Curso de Saúde Geral, promovido pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Em 1955 foi removida da Escola Mista para o Grupo Escolar Dr. Leopoldino Meira Andrade, localizado, na época, dentro da Fazenda Boa Vista, esperando uma transferência definitiva para a Escola José Innocêncio da Costa. Baby, como era mais conhecida, casou-se em 1955 com Jorge Sylvio Marquezi, também apelidado de "Tico Tomazelli", filho de Américo Marquezi e Elvira Tomazelli Marquezi, tendo as filhas Maria do Rosário, Maria Tereza e Maria Silvia. O Sr. Jorge, ou Tico, ganhou este apelido porque, desde os seis anos e meio de idade, veio morar com o avô, para poder estudar na cidade. Desde então, passou a trabalhar na relojoaria do avô, conhecida como relojoaria Tomazelli, a primeira de Matão. Enid era uma mãe extremamente carinhosa, amorosa, dedicada, compreensiva e batalhadora. Filha de Maria na juventude era uma católica fervorosa, além de ser uma pessoa muito alegre que adorava a vida, vivendo-a com toda a intensidade possível. Gostava de cinema, de dançar, participando ativamente de festas e eventos sociais, sempre em benefício das entidades filantrópicas da cidade. Enid ou Baby dedicou sua vida à família e aos seus alunos, pois adorava lecionar, participando de todos os cursos que a enriquecessem no campo da educação, procurando aperfeiçoar-se sempre, para poder passar novos conhecimentos aos seus alunos. Lecionou no José Innocêncio da Costa por mais de vinte anos, vindo a falecer em 05 de outubro de 1974, com apenas 48 anos de idade, dois anos antes de se aposentar, contando ainda com três licenças prêmio que ela não tirou, podendo assim contar no seu tempo de magistério. Pela sua extrema dedicação no campo da educação, Enid passou a ter seu nome gravado na história de nossa terra no momento em que recebeu a homenagem de se tornar patrona da Escola Municipal localizada em Silvânia. Como forma de singelo agradecimento pelos seus deveres de educadora e participante ativa dentro da comunidade, recebeu ainda, carinhosamente, a honra de emprestar seu apelido BABY a uma das ruas de Matão, cidade pela qual sempre lutou e amou.

## BAHIA

A Bahia é um estado situado ao sul da Região Nordeste. Tem como limites Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Piauí (N); Oceano Atlântico (E); Minas Gerais e Espírito Santo (S); Goiás e Tocantins (O). Ocupa uma área de 567.295,3 km². Sua capital é Salvador. As cidades mais populosas são Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Itabuna, Ilhéus e Juazeiro. Cerca de 90% da sua área está acima dos 200 m. Os seus rios principais são: o São Francisco, Paraguaçu e Jequitinhonha. É o estado brasileiro que possui maior influência da cultura africana: a música, culinária, religião e o modo de vida de sua população apresentam grande contribuição dos escravos africanos. Local de chegada dos primeiros portugueses ao Brasil no ano de 1500, a região do que viria a ser o estado da Bahia começou a ser povoada em 1534. Tomé de Souza, o primeiro governador-geral, fundou Salvador, que se tornou a primeira capital do país em 1549, sendo por muitos anos a maior cidade das Américas. Em 1572, o governo colonial dividiu o país em dois governos, um em Salvador, e o outro no Rio de Janeiro, esta situação se manteve até 1581, quando a capital do Brasil passou a ser novamente apenas Salvador. A capital foi transferida para o Rio de Janeiro definitivamente em 1763, pelo Marquês de Pombal. Salvador concentrou uma grande população de europeus, índios, negros e mestiços, em decorrência da economia centrada no comércio com dezenas de engenhos instalados na vasta região do Recôncavo. No antigo Palácio do Governo do Estado, é visível a riqueza do período. O território original da Bahia compreendia a margem direita do rio São Francisco (a esquerda pertencia a Pernambuco). Estava, basicamente, dividido entre dois grandes feudos: a Casa da Ponte e a Casa da Torre, dos senhores Guedes de Brito e Garcia D'Ávila, respectivamente – promotores da ocupação de seu território. Ingleses e holandeses atacaram a Bahia no Século XVII. Salvador chegou a ficar sob domínio holandês entre 1624 e 1625, mas foi retomada pelos portugueses. (Nota sobre a invasão holandesa: Os

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

holandeses chegaram à capital baiana com inúmeras embarcações e mais de 3.600 soldados. Salvador, que não recebeu reforço, tinha apenas 80 militares, que debandaram com a maioria da população na iminência do ataque). Os holandeses chegaram à praça deserta, exceto pelo governador, que segurava a espada em riste prometendo defender a cidade até a morte. Foi detido). Em 1798, foi cenário da Conjuração Baiana, que propunha a formação da República Bahiense - movimento pouco difundido, mas com repressão superior àquela da Inconfidência Mineira: seus líderes eram negros instruídos (os alfaiates João de Deus, Manuel Faustino dos Santos Lira e os soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens) associados a uma elite liberal (Cipriano Barata, Moniz Barreto e Aguilar Pantoja), mas só os populares foram executados, mais precisamente no Largo da Piedade a 8 de novembro de 1799. Mesmo após a declaração de independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, a Bahia continuou ocupada pelas tropas portuguesas, até à rendição destes, ocorrida no dia 2 de julho de 1823. Por essa razão a data é comemorada pelos baianos como o Dia da Independência da Bahia. Com a independência do Brasil, os baianos exigiram maior autonomia e destaque. Como a resposta foi negativa, organizaram levantes armados que foram sufocados pelo governo central. Ocorreram outros incidentes políticos importantes na Bahia, como, por exemplo, o bombardeio de Salvador, em 1912. A Bahia contribuiu ativamente para a história brasileira, e muitos expoentes baianos constituem nomes de proa na política, cultura e ciência do país.

### BALDAN

A história da Família Baldan remonta aos primeiros passos que nossa querida Matão deu, enquanto novo horizonte de perspectivas buscado pelas famílias que aqui se instalaram e fizeram de nossa cidade o porto seguro que hoje vivenciamos. A família Baldan, composta de uma linhagem de comerciantes, um dos primeiros a fixar moradia aqui, estabeleceu-se em janeiro de 1928, construindo seu primeiro campo de trabalho num pequeno barracão alugado e coberto de zinco na Avenida Tiradentes, estrutura que até hoje podemos visualizar. Dois anos mais tarde mudou de dependências e nos anos 40, consolidava sua estrutura definitiva. Em 1928 chegaram aqui Narciso e Carillo os dois irmãos mais velhos, depois vieram o Patriarca Pietro e os irmãos Adolfo, Serafim, Pierim e Maria, provenientes de Noale, Veneza. Iniciou a produção de implementos e maquinários para a agricultura pioneira no Brasil (discos para arados e grades). O peixe é símbolo do cristianismo, é homenagem aos homens de fé, que regam a terra com o suor dos seus rostos. Colacionamos abaixo a homenagem feita pela Câmara Municipal de nossa cidade: *"...Falar do merecimento que reveste a matéria, seria inócua para não dizer desnecessário, posto que a empresa Baldan Implementos Agrícolas S/A, desde a sua instalação em 1928, vem oferecendo grande contribuição para o nosso Município. Paginando velhos acontecimentos da história de Matão, saltam aos nossos olhos, velhas imagens que manifestam a evidência de uma trajetória de luta, competência, capacidade e desenvolvimento e dentro desse contexto, vem à tona a empresa Baldan, que delineou ao longo de sua vida, um caminho de trabalho, de fé e de perseverança, acreditando sempre no progresso e no desenvolvimento do nosso Município. Somado a essas razões, também é de se considerar que essa homenagem de dar denominação à Avenida onde está instalada a empresa, teve seu início nos idos de 1972, quando o então Prefeito Municipal denominou através do Decreto nº 789, de 26 de outubro de 1972, que a área que abrangia a totalidade da Perimetral Sul teria o nome de Avenida Baldan, ao longo dos seus 3.200 metros. Ocorre que, com o passar dos anos e com o advento da Constituição Federal de 1988, e, por consequência, da Lei Orgânica do Município de Matão, a atribuição de denominar vias e próprios municipais, passou a ser sacramentada através de Lei. Isto posto o legislador teve oportunidade de fragmentar, através das Leis Municipais nºs 1.918, de 19 de novembro de 1990, e nº 2.177, de 28 de agosto de 1992, a homenagem já sacramentada através do Decreto citado, levando toda a ilustre família Baldan ao constrangimento. Buscamos, com a redação dada através de seu artigo 1º, por nós ora apresentado, somar a denominação instituída através da Lei Municipal nº2.336, de 04 de abril de 1994, um pequeno trecho que vai desde a Avenida Trolezi, até encontrar com a divisa do aeródromo Armando Natalle, para que no futuro não se dê ao mesmo, uma outra denominação..."* Em edição da Revista "A Comarca" do ano de 1982, foi escrito um artigo destinado a contar a história do surgimento de nossas indústrias e a história da Baldan, a mais antiga das fábricas de implementos agrícolas da cidade, foi lembrada. Fundada nos anos 20, por Narciso Baldan. Na década de 60 a empresa conheceu uma fantástica explosão, situando-a entre as maiores fábricas de implementos da América. Em 13 de junho de 2003, a Câmara Municipal de Matão concedeu o Título de Honra ao Mérito pelos 75 anos dos produtos Baldan, homenagem que ficou estampada nas páginas da Revista de "A Comarca" no mesmo ano, reportagem que ainda apresentou uma antiga foto da família com os seguintes integrantes: Adolfo, Carillo, Pietro, Narciso, Serafim, Pedro, Oscar, Matilde, Walter, Maria, Vilmer e Elza. A matéria fez uma retrospectiva da família originária de Noale, Província de Veneza, Itália, que desembarcou na década de 20 no Brasil para concretizar um sonho: a Narciso Baldan & Irmãos. Era o primeiro passo para uma das mais modernas produções de máquinas para o preparo do solo e plantio direto/convencional. Mas a história não conta apenas o sucesso e, sim, os

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

momentos de muita dedicação da Família Baldan, que aplicava seu suor na moldagem do ferro e do aço, idealizando as máquinas agrícolas com uma tecnologia inigualável. Os produtos Baldan possuem a tradição que os inclui no seleto grupo de empresas empenhadas no desenvolvimento do Brasil, desde a inauguração da primeira oficina até a consolidação de um grande patrimônio. Todos esses anos foram construídos com o envolvimento de milhares de pessoas. A Agri-Tillage, empresa que comercializa os produtos Baldan continua essa história com muita alegria e satisfação. Na oportunidade da homenagem foi lançada uma revista comemorativa aos 75 anos dos produtos Baldan, com páginas em três idiomas: português, inglês e espanhol. A revista descreve a chegada dos Baldan no Brasil, as primeiras oficinas, inovações, etapas, os meios de transporte, o atual parque fabril, produtos, o primeiro disco fabricado no Brasil, inaugurações, visitas ilustres, comemorações, etc. Repleta de fotos – muitas da família Baldan –, a revista se constitui numa importante fonte de informação sobre o trabalho da Família e dos produtos Baldan até a Agri-Tillage.

## **BAMBOZZI**

A história da Bambozzi foi contada em 1972, numa reportagem da revista de "A Comarca", que começou assim: Nos idos de 1920, Basílio e Ferdinando Bambozzi, fundavam B.Bambozzi & Irmão, indústria que já era um orgulho para Matão naquela época. A cidade foi crescendo e crescendo também foi a indústria, vieram os seus filhos, receberam das mãos dos incansáveis batalhadores a incumbência de partir para frente e assim o souberam fazer e de uma forma espetacular formaram uma grande indústria. A empresa Bambozzi que começara com a fabricação de sorveleiras, geladeiras, máquinas de benefício de arroz e café, partiria depois para máquinas hidráulicas e elétricas e hoje são fabricados os melhores produtos do ramo, tais como : conversores para solda elétricas, grupos geradores de solda elétrica, retificadores para solda elétrica, transformadores para solda elétrica, alternadores, hidro-elétricos, benzitos, motores elétricos e tambores. A empresa não só distribui seus produtos para todo o Brasil como também para o mercado internacional, destacando-se entre os maiores consumidores os países do México, Paraguai, Bolívia, Chile e Peru. A notícia veiculava ainda o nascimento da Fundação Bambozzi, entidade assistencial de utilidade pública em âmbito municipal, realizando várias atividades como o amparo médico, social e esportivo. Na época, a empresa tinha 500 funcionários e naquele ano de 1973 já havia firmado convênio com a UNIMED, prestando atendimento médico e hospitalar aos seus funcionários. A reportagem menciona ainda que a empresa havia criado o "Bambo Notícias", jornal feito não somente aos seus funcionários, mas também a todos os matonenses e de uma forma geral a quem dele quisesse desfrutar. Informativo, alegre, foi de agrado geral e tecido de muitos elogios. Outro ilustre representante da família Bambozzi governou a cidade de Matão entre os anos de 1964 a 1969. Seu nome: Armando Bambozzi. Tinha como predicação a capacidade para a perfeita organização da máquina administrativa, de onde nascia um perfeito entrosamento que se refletia no aprimoramento de todas as obras do seu governo. Homem bondoso, que sabia lidar com todo carinho com os servidores municipais, como também com o público em geral. Tais palavras foram retiradas de artigo assinado pela historiadora Olga Lian, da Revista de "A Comarca" do ano de 1999, periódico que contou toda a trajetória de vida dos nossos personagens e da própria vida de Matão; caros documentos de valor histórico incalculável; sem eles, dificilmente poderíamos retroceder no túnel do tempo para resgatarmos tudo o que Matão nos reservou nos tempos idos. Ainda bem que vários abnegados se debruçaram, num determinado período de tempo, para registrar fatos e acontecimentos que hoje podemos reproduzir e multiplicar...e não esquecer...! Voltando ao Prefeito Armando Bambozzi, ele assumiu a prefeitura no dia 02 de janeiro de 1964 levando em seu coração a esperança de fazer de Matão uma cidade mais linda e progressista. Quando terminou seu mandato, desceu a mesma escadaria tendo cumprido seu dever com honra e dignidade. Armando faleceu aos 82 anos de idade, em 06 de julho de 1999, mas, sua trajetória de vida, bem como a de toda a família Bambozzi jamais será apagada da memória do povo de Matão. Difícil imaginar Matão sem a família Bambozzi que alargou os horizontes do nome de nossa cidade em todos os cantos do mundo.

## **BARTOLOMEU FERREIRA**

JOSÉ BARTOLOMEU FERREIRA, foi prefeito, integrante da Junta Governativa entre 19/10/1930 a 05/11/1930, sendo depois Prefeito nomeado para o período de 11/11/1930 a 13/04/1931, voltando ao cargo no período de 26/04/1939 a 30/12/1946. Notas da época: No dia 17-03-1940 Abria-se concorrência para a aplicação de paralelepípedos na cidade. Até então as ruas eram de terra. Em 20-02-1941 a Biblioteca Municipal era inaugurada. Em 27-07-1940 é inaugurada a agência do Banco do Brasil. Em 31-12-1940 o Decreto-Lei nº 42 criava o Ginásio Municipal de Matão. Através do Decreto-Lei nº 45 datado de 20-02-1941 estava criada a Biblioteca Pública Municipal. Em 07-04-1941 Matão perdia um filho ilustre, com o falecimento do Major Joaquim Gabriel de Carvalho. No dia 08-04-1941 o prefeito Bartholomeu abria concorrência pública para calçamento das principais ruas. Eram 10.455 m2 de paralelepípedos de primeira.

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

No ano de 1943 era inaugurada a Escola Estadual Prof<sup>o</sup> Henrique Morato, no centro da cidade. No dia 19-04-1944 É inaugurado o Posto de Assistência Médico-Sanitária. Em 01-09-1944, pelas mãos de Luizinho Pereira nascia o São Lourenço Atlético Clube. No ano de 1944 nascia a Escola Estadual Leopoldino Martins Meira de Andrade que funcionou inicialmente dentro da Fazendas do Cambuhy, sendo posteriormente instalada no Bairro do Jardim Paraíso. No dia 30-06-1945 É inaugurada a agência da Caixa Econômica do Estado de São Paulo. Em 22-05-1946 nascia a Creche Santa Izabel. No ano de 1946 nascia a empresa Marchesan. O ano de 1946 marcaria também a data da inauguração da Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Chlorita de Oliveira Penteado Martins, no Cardim.

### **BASÍLIO BAMBOZZI**

Basílio Bambozzi escreveu uma grande e importante página de nossa história. Dono das Oficinas Bambozzi, seu espírito de comerciante e de empreendedor não o afastou das demais atividades que o integraram na comunidade. Em 1957 era membro do conselho deliberativo e integrante da comissão de desportos do Societá Stella D' Itália Em 1962, foi homenageado com o título de cidadão matonense pelos inúmeros serviços prestados ao município. Foi casado com Dona Egle Molinari com quem teve os filhos: Bruno, Hugo, Augusto, Erna Honorina, Helena e Zita. A história da Bambozzi foi contada em 1972, numa reportagem da revista de "A Comarca", que começou assim: Nos idos de 1920, Basílio e Ferdinando Bambozzi, fundavam B. Bambozzi & Irmão, indústria que já era um orgulho para Matão naquela época. A cidade foi crescendo e crescendo também foi a indústria, vieram os seus filhos, receberam das mãos dos incansáveis batalhadores a incumbência de partir para frente e assim o souberam fazer e de uma forma espetacular formaram uma grande indústria. A empresa Bambozzi que começara com a fabricação de sorveteiras, geladeiras, máquinas de benefício de arroz e café, partiria depois para máquinas hidráulicas e elétricas e hoje são fabricados os melhores produtos do ramo, tais como: conversores para solda elétricas, grupos geradores de solda elétrica, retificadores para solda elétrica, transformadores para solda elétrica, alternadores, hidro-elétricos, benzitos, motores elétricos e tambores. A empresa não só distribui seus produtos para todo o Brasil como também para o mercado internacional, destacando-se entre os maiores consumidores os países do México, Paraguai, Bolívia, Chile e Peru. A notícia veiculava ainda o nascimento da Fundação Bambozzi, entidade assistencial de utilidade pública em âmbito municipal, realizando várias atividades como o amparo médico, social e esportivo. Na época, a empresa tinha 500 funcionários e naquele ano de 1973 já havia firmado convênio com a UNIMED, prestando atendimento médico e hospitalar aos seus funcionários. A reportagem menciona ainda que a empresa havia criado o "Bambo Notícias", jornal feito não somente aos seus funcionários, mas também a todos os matonenses e de uma forma geral a quem dele quisesse desfrutar. Informativo, alegre, foi de agrado geral e tecido de muitos elogios. Basílio Bambozzi faleceu em 19 de março de 1948. Difícil imaginar Matão sem a família Bambozzi que alargou os horizontes do nome de nossa cidade em todos os cantos do mundo.

### **BATISTA (Padre)**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **BATISTA GANDINI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **BEATRIZ ZANARDI GARDINI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **BELARMINO CAPARELLI**

Casado com Dona Camila Generosa Pinoti Capparelli. Um de seus filhos: Raul Erasmo Capparelli. Nome de rua em Matão e nome de Avenida em Silvânia.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **BENEDITO ALEIXO DO NASCIMENTO**

Um dos doze filhos da família nasceu na região do ouro, município de Araraquara, em 21 de agosto de 1907. Filho do negro africano Aleixo José do Nascimento, oriundo do estado da Bahia, que se fixou na zona rural da redondeza de Araraquara e depois em Matão. Sua mãe, Maria da Conceição Barbosa, nasceu no estado de Minas Gerais, de origem mestiça (resultado da mistura do branco português com índio). As tradições de uma família igual a do senhor Aleixo devem ser respeitadas por todos nós, pois, nas condições que seus antepassados vieram e viveram em terras brasileiras, é questão de honra homenagear-lhes. "Seo" Aleixo cresceu no meio rural. Em 1914, morou na fazenda Santa Josefina. Andava de camisola (vestimenta da garotada da época) e comia muito pirão. Ouvia a distância o que os mais velhos comentavam e, seguindo a tradição, passou para os filhos, que certamente passarão para os netos. Na década de 20, ele e o irmão Luizinho, no sonho de ganhar muito dinheiro, arrendaram alguns alqueires de terra para plantar café. Mas, com a crise da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, os dois pequenos fazendeiros levaram prejuízo. Desgostoso com o acontecimento, Aleixo foi trabalhar com Manoel Rodrigues, empreiteiro que prestava serviços à ferrovia, em 1930. Ganhando um pouco de experiência no ramo, dois anos após, morando no bairro Silvânia, município de Matão, ingressou na Estrada de Ferro Araraquarense (EFA). Naquele bairro, a família fazia sua despesa no Armazém dos Capparelli e Terige Bastia. Benedito casou-se em 1935, no Distrito de Bueno de Andrade. Com a jovem araraquarense, Benedita Camargo de Jesus Aleixo, filha de ferroviário e empregada da família José Foz. O casal teve os filhos: Lourival, Eduardo e Izaura. Benedito fazia questão que todos os seus filhos tivessem estudo. Ensinou-lhes uma boa conduta cristã e encaminhou-os a sempre participar das atividades cívicas, respeitando sempre os mais velhos acima de tudo. Ensinou-os a visitar os idosos no Asilo e os doentes no hospital. Passou todos os conhecimentos em ferrovia para os filhos. Insistia que aprendessem a plantar, criar galinhas, porcos, enfim, tudo o que poderia servir para o gasto. Incansavelmente frisava que era preciso estar, sempre, em contato com a natureza para se valorizar mais a vida. Aleixo sempre teve boa influência no meio da sociedade por onde passou, inclusive, na sociedade matonense. Foi Vicentino prestando serviços aos velhinhos e necessitados do Asilo São Vicente de Paula. Só os deixou quando ficou doente. Mesmo assim, vivia conversando com as pessoas na rua. Quem o conheceu há de convir que sua presença representava a tranquilidade e a boa vontade de viver, somente. Enfim, "Seo" Aleixo foi um homem simples, batalhador, sério, honesto, bom pai, bom chefe de família, bom profissional e, acima de tudo, amigo de todos. Foi uma pessoa que sempre viveu em paz e que nunca guardou ressentimentos. Com certeza está no céu, ao lado dos seus antepassados e amigos, gozando as dádivas de Deus.

## **BENEDITO FERREIRA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **BENEDITO FURINI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **BENEDITO QUEIROZ**

Nasceu no dia 03 de novembro de 1930 na cidade de Serra Azul. Filho de Benedicto Queiroz e Rosa dos Santos Queiroz. Mudou-se ainda quando criança para a Fazenda Santa Etelvina, na cidade de Matão, onde trabalhou como lavrador. Em 24 de junho de 1950, casou-se com a Sra. Yolanda Albanezi, nascida em Matão em 12 de janeiro de 1930. Dessa união nasceram sete filhos: Claudina Queiroz, Leonilde Queiroz, Benedicto Queiroz Filho, Zilda Maria Queiroz, Edson Queiroz, Sonia Maria Queiroz e Laert Queiroz, todos criados, educados e casados aqui em nossa cidade. Seu Benedicto trabalhou também como lavrador durante muito tempo na Fazenda Sertãozinho, da Cia Agrícola Fazendas do Cambuhy, em Matão. Na década de 60, mudou-se para o Bairro Toriba, também pertencente à mesma Companhia, vindo a trabalhar como caldeireiro durante 11 anos, na Fábrica de Óleos Alimentícios Cambuhy, no período de 13 de fevereiro de 1963 a 21 de novembro de 1975, sendo, por todo este tempo, um funcionário exemplar, cumpridor dos seus deveres, proporcionando-lhe grandes amizades, só deixando de trabalhar na empresa porque esta encerrou suas atividades. Ainda trabalhou como guarda-porteiro nas empresas Marchesan, Baldan e Bambozzi. Exerceu várias funções nas empresas Imbral e Velozcor. Nas suas horas de lazer gostava muito de jogar bocha, malha, truco, etc. Residia na Rua Yolanda Tagliavini Groppa, 71, Jardim Buscardi, quando, no dia 04 de outubro de 2000, veio a falecer.

## **BENÍCIO PINTO DE MENDONÇA**

Filho de uma das mais antigas famílias de Matão, Benício foi casado com Dona Cecília de Lima com quem

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

teve os filhos: Benício, Alda, Maria, Adolpho, Antonio Lima e Osvaldo. Em segundas núpcias, com Dona Sebastiana Silveira, teve os filhos: Décio, Edith e Antonio.

### **BENTO DE MIRANDA MELLO**

Natural de Araraquara nasceu em 26 de março de 1990. Era filha de David de Miranda Mello e de Dona Amélia Orminda de Mello. Foi casado com Erina Ignês Fattore Mello, também natural da cidade de Araraquara, nascida em 20 de junho de 1905, filha de Amábile Fattore e Creuza Braghirole. Faleceu em Matão, onde residia há muitos anos, no dia 13 de outubro de 1988, deixando os seguintes filhos: Luciano Mello, casado com Cezule Fêdozzi, Therezinha Edena Mello, casada com Oscar Baldan e Amélia de Miranda Mello, viúva.

### **BERNARDINO SCUTTI**

Pai de Anésio Scutti e mais cinco irmãos, moradores num sítio perto da Seção Tamanduá, parte integrante da antiga Fazendas Cambuhy, neste município de Matão. O filho de Bernardino Scutti, o empresário Anésio Scutti terminou assim uma entrevista publicada na Revista de "A Comarca" do ano de 1986 : : *"...Minha mensagem ao povo de Matão pela passagem dos 88 anos é de muita fé e esperança. Dou graças a Deus por ter nascido aqui, nossos conterrâneos e todos que aqui vieram estão de parabéns. Matão é a terra prometida. Quero lembrar a todos que meu saudoso pai, Bernardino Scutti, esse ilustre desconhecido para muitos foi um dos fundadores de Matão, apesar de não constar em nenhum arquivo, devido à sua humilde condição de vida..."*

### **BOIADEIRA**

A antiga Estrada Boiadeira foi tema de discussão legislativa, conforme texto do Projeto de Lei: "Dispõe sobre o tombamento da Estrada Municipal que liga Matão a Silvânia, Assentamentos e Horto Florestal, denominada "Boiadeira".

Art.1º Fica pela presente lei, tombado como patrimônio histórico e cultural do município de Matão, a Estrada Municipal que liga Matão a Silvânia, Assentamentos e Horto Florestal, denominada "Boiadeira"

Art.2º Fica o Poder Executivo autorizado a tomar todas as providências necessárias. Art.3º O tombamento de que trata a presente lei deverá constar do Livro do Tombo Histórico do Município de Matão.

Art.4º O bem tombado não deverá, em caso nenhum, ter alterada a sua finalidade e percurso original, podendo receber obras para atender a segurança dos usuários; O Município notificará os proprietários lindeiros para que respeitem as divisas e removam os obstáculos da via, implicando a desobediência em multa de 10 (dez) salários mínimos mensais.

Art.5º O bem público ora tombado fica sujeito à vigilância permanente do Departamento de Cultura, com o auxílio do Conselho do Arquivo Histórico de Matão, que zelará pela sua preservação.

Art.6º O Conselho do Arquivo Histórico de Matão tomará as providências de praxe para perfeita execução desta lei, junto ao Executivo Municipal.

Art.7º Esta lei entrará em vigência na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Matão, aos 30 de março de 2004.

A justificativa para a edição desta lei foi a seguinte: A Estrada Municipal foi uma das primeiras vias que ligava a sede do município com a região de Araraquara, servia principalmente aos fazendeiros, sitiantes e outros moradores da área rural que deslocavam seus rebanhos, daí ter surgido o nome de Estrada Boiadeira. Visa, portanto, o presente projeto de lei preservar a história do município e liberar o uso do patrimônio público que se encontra em estado de abandono e servindo para fins diversos da sua destinação histórica.

### **BORBOREMA**

Nos antigos mapas do Estado de São Paulo, do começo do século, notava-se uma grande parte do oeste assinalada por "terrenos inexplorados". É que a guarda avançada, na boca do chamado Sertão, era a cidade de Araraquara. E daí em diante, rumo as barrancas do Rio Paraná até o Porto Taboado na divisa de Mato Grosso, havia uma precária estrada. Era a via de penetração para o interior, pontilhada de lugarejos que deram origem as importantes cidades da atual Araraquarense. Nessa estrada, depois de Araraquara, era Matão, pequena cidade, o lugar mais perto e de maior conveniência para o comércio dos recentes municípios de Boa Vista das Pedras (Itápolis), Ibitinga, e para os poucos habitantes que se localizavam no

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

"Fugidos". "Fugidos" foi o primeiro nome do núcleo incipiente que deu origem a cidade de Borborema. Aliás, essa denominação era também a do ribeirão que banha a região e desemboca no rio Tietê; até hoje é conservado este nome. A origem desse nome, como todas as designações dos bairros rurais, sempre lembram algum acidente geográfico ou uma história interpretando, as vezes, um nome esquisito como os nossos "Pito Aceso", "Farinha Podre" ou "Baixada da Égua. O nome de "Fugidos" tem a seguinte história; no tempo da escravidão em nosso país, alguns escravos foragidos das fazendas das imediações de Araraquara, formaram uma espécie de quilombo nas margens desse ribeirão. Esses ex-escravos, com o desbravamento do sertão, foram dispersando-se, permanecendo, porém alguns remanescentes. A cidade de Borborema tem como fundador principal o Sr. Nicolau Pizzolante quando em meados de 1870 chegava a região ainda denominada de "fugidos" uma vez que na região central paulista eram poucas as povoações. No centro do local onde futuramente existiria a cidade corre um rio denominado de Ribeirão dos Fugidos, nome este atribuído ao povoado nascido em 1902. Borborema teve este curioso nome até 1908 ou 1909 quando passou para o nível de Distrito recebendo então o nome de Borborema, nome este atribuído graças a um amigo paraibano do fundador, influenciado pelo "significado" da palavra que seria sinônimo de Serra Alta, em língua indígena, "pora-pora ema". Logo, em 1925 desmembrou-se e passou para o nível majoritário de Município então com 500 habitantes na sede municipal. Mas passou a ter os poderes logo depois, quando definitivamente instalado em 21 de Março de 1926. Borborema teve um crescimento lento até a década de 30 onde neste período teve o seu auge, chegando a ser uma das maiores potências da região central ultrapassando as vizinhanças. Foi o período do café e do algodão onde a economia alavancou e explodiu em progresso até a década de 40 onde, entre outros fatores, houve a queda do algodão e Borborema quase desertou, foi a maior queda da história do município. Neste período chegou ao município a Estrada de Ferro Douradense, que mais tarde ajudou na recuperação da cidade juntamente com o início de outras culturas. Hoje, Borborema vive um período melhor, com um franco desenvolvimento ligado ao turismo, graças ao seu potencial em recursos hídricos e sua forte indústria do bordado, que atraem pessoas de diversos estados do sul, sudeste e centro-oeste, podendo brevemente transformar-se na "Estância Turística de Borborema" o que muito ajudaria no seu segundo surto de desenvolvimento. É conhecida regionalmente como "Capital Nacional da Amizade", ainda "Terra da Semaninha". Suas praias e condomínios fechados ajudam na divulgação da mesma sendo um grande pólo turístico regional. Borborema é hoje reconhecida pela Embratur como um pólo de turismo, uma vez que dentro da sua região administrativa, apenas três cidades conseguiram adquirir o título e/ou selo de atração turística. Borborema preocupa-se com seu meio ambiente, sendo hoje uma das raras cidades do centro paulista que trata 100% do esgoto, tendo elevada qualidade de vida.

## **BORTOLO BIAVA**

Nascido na Itália chegou a Matão no ano de 1910, em companhia de seus irmãos João e Olívia. Eram órfãos e estavam sob a tutela de um tio. Não afeto às lides da lavoura, Bortolo começou a trabalhar como aprendiz, na Padaria Toscana. Tornou-se padeiro e, a seguir, montou sua própria padaria – a Padaria Central. Bortolo foi casado com Dona Margarida Romanelli com quem teve os filhos: Rômolo, Nair, Alzir e Luiza. A Padaria Central foi inaugurada em 1919 e encerrou suas atividades em 1980, passando a funcionar sob nova administração. Seus filhos Rômolo e Alzir Biava são o orgulho do esporte matonense. Rômolo foi um grande esportista, tendo sido técnico do CAM- Clube Atlético Matonense; dirigiu ainda o Cruzeiro Futebol Clube do Bairro Alto e a Associação Atlética Cap.Padilha. Seu nome ficou ligado ao basquete matonense, do Sport Clube 7 de Setembro. O outro filho, Alzir Biava, chamado o "Corujão", é o Mestre dos Mestres do Xadrez em Matão. Sábio, prudente, paciente, constante, enérgico, dá sua vida ao xadrez. E seu gosto lhe valeu um dos maiores presentes: seu filho, Mário Silas é Grande Mestre Internacional. Incansável, são inúmeros os títulos que o Xadrez matonense lhe deve. A família Biava, através de seus descendentes elevou o nome de Matão, e Bortolo Biava, imigrante que escolheu Matão para constituir sua família, empresta a sua trajetória de vida a uma de nossas vias públicas, em sinal de agradecimento desta Terra.

## **BRASIL**

A República Federativa do Brasil é o maior e mais populoso país da América Latina e o quinto maior em área e população do mundo. Sua área total é de 8.514.876,599 km<sup>2</sup>, localiza-se na parte centro-oriental da América do Sul. Suas fronteiras ao norte são com a Venezuela, a Guiana, o Suriname e com o departamento ultramarino francês da Guiana Francesa; à leste e sudeste faz fronteira com o Oceano Atlântico. Ao sul, limita com o Uruguai; a sudoeste, com a Argentina e o Paraguai; a oeste, com a Bolívia e o Peru, e a noroeste, com a Colômbia. Os únicos países sul-americanos que não fazem fronteira com o Brasil são o Chile e o Equador.

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Bem além do território continental, o Brasil também possui alguns pequenos grupos de ilhas no Oceano Atlântico: Penedos de São Pedro e São Paulo, Fernando de Noronha, e Trindade e Martim Vaz. Há também um complexo de pequenas ilhas e corais chamado Atoil das Rocas. A origem do nome do Brasil deu lugar a nada menos que onze hipóteses diferentes, até que o brasileiro Adelino José da Silva Azevedo as resumiu em uma só num livro publicado em 1967, no qual provou que se trata de uma palavra de procedência celta, embora suas origens mais remotas possam ser rastreadas até os fenícios. Este povo manteve um intenso comércio de um corante vermelho que se extraía de um mineral cujos principais provedores eram os celtas, povo minerador que explorava jazidas da Iberia até a Irlanda. Os gregos sucederam aos fenícios no comércio deste produto, a que chamavam "kinnabar", e que passou ao latim como "cinnabar", ao português como "cinábrio" e ao espanhol como "cinabrio". Como uma das características das línguas celtas é a inversão de partículas, a "kinnabar" chamaram "barkino", que daria lugar a "barcino", adjetivo que se aplica a certos animais de pelo avermelhado e que, com variantes, passou a designar a cor vermelha em várias línguas de influência celta. Na Idade Média, os artesãos começaram a usar um colorante vermelho extraído da madeira que na Toscana chamou-se "verzino", em Veneza "berziy", em Gênova "brazi", nome que logo foi usado para designar também a madeira de onde era extraído, que ficou conhecida na Europa como "palo brasil" ou "palo de Pernambuco", e em Portugal como "pau-brasil". Na época dos descobrimentos, era comum aos exploradores guardar cuidadosamente o segredo de tudo quanto achavam ou conquistavam, a fim de explorá-lo vantajosamente, mas não tardou em se espalhar na Europa que haviam descoberto uma certa "ilha Brasil" no meio do atlântico, de onde extraíam o pau-brasil. O gentílico "brasileiro" surgiu no século XVI e se referia inicialmente aos que comerciavam àquela madeira e, mais tarde, aos portugueses que chegavam àquela lugar exótico em busca de fortuna. Nota: Seja qual for a origem da palavra "Brasil", compreende-se que quem escolheu ou permitiu dar esse nome à colônia portuguesa, foram os próprios portugueses. Antes de ficar com a designação atual "Brasil" as novas terras descobertas foram designadas de: Monte Pascoal (quando os portugueses avistaram terras pela primeira vez), Terra dos Papagaios (primeiros contatos, designação mais popular), Ilha de Vera Cruz, Terras de Santa Cruz, Nova Lusitânia (?), Cabrália (?)..

## BRASÍLIA

Brasília é a capital da República Federativa do Brasil, localizada no território do Distrito Federal. Inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, sendo a terceira capital do Brasil. A partir desta data iniciou-se a transferência dos principais órgãos da administração federal para a nova capital com a mudança das sedes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário federais. No último censo realizado pelo IBGE (2000) foi indicada uma população de 2,05 milhões de habitantes (Distrito Federal inteiro), sendo 1,96 milhão na área urbana e cerca de 90 mil na área rural. As últimas projeções (IBGE 2004) indicam que a população total já esteja em cerca de 2,36 milhões de habitantes. Está situada na Região Centro-Oeste. O plano urbanístico da capital, conhecido como "Plano Piloto", foi feito pelo urbanista Lucio Costa e muitas de suas construções foram projetadas pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer. Brasília é formada pela Asa Norte, Asa Sul, Setor Militar Urbano, Setor de Garagens e Oficinas, Setor de Indústrias Gráficas, Área de Camping, Eixo Monumental, Esplanada dos Ministérios, Setor de Embaixadas Sul e Norte, Setor de áreas Isoladas Norte, sediando os três poderes da República Federativa do Brasil: Executivo, Legislativo e Judiciário. Segundo o geógrafo Aldo Paviani, Brasília é constituída por toda a área urbana do Distrito Federal, e não apenas a parte tombada pela UNESCO ou a região central, pois a cidade é polinucleada, constituída por várias regiões administrativas, de modo que as regiões periféricas, como a Ceilândia e Gama, entre outras, estão articuladas às centrais, especialmente na questão do emprego, e não podem ser entendidas como cidades autônomas. Desde a primeira constituição republicana já constava um dispositivo que previa a mudança da Capital Federal do Rio de Janeiro para o interior do país. No ano de 1891, foi nomeada a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, liderada pelo astrônomo Luiz Cruls e integrada por médicos, geólogos e botânicos, que fizeram um levantamento sobre topografia, o clima, a geologia, a flora, a fauna e os recursos materiais da região do Planalto Central. A área ficou conhecida como Quadrilátero Cruls e foi apresentada em 1894 ao Governo Republicano. *Brasiliense* é o nome que se dá a quem nasceu em Brasília. *Cândango* é o termo dado a quem vive em Brasília, mas não nasceu na cidade. Atualmente também tem sido utilizado por alguns brasilienses para se identificarem. De origem africana, *Cândango* significa "ordinário", "ruim", e era a denominação que se dava aos trabalhadores que participaram da construção de Brasília. Abaixo, colacionamos a lista de todos os Presidentes do Brasil. Temos o período em que o presidente governou o Brasil, seguido de seu nome

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

completo e, entre parênteses, o nome ou apelido pelo qual ficou conhecido.

## **PRESIDENTES DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

- 1889 - 1891 - Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (Marechal Deodoro da Fonseca)  
1891 - 1894 - Marechal Floriano Vieira Peixoto (Marechal Floriano Peixoto)  
1894 - 1898 - Prudente José de Moraes Barros (Prudente de Moraes)  
1898 - 1902 - Manuel Ferraz de Campos Sales (Campos Sales)  
1902 - 1906 - Francisco de Paula Rodrigues Alves (Francisco Alves)  
1906 - 1909 - Afonso Augusto Moreira Penna (Afonso Penna)  
1909 - 1910 - Nilo Peçanha (Nilo Peçanha)  
1910 - 1914 - Marechal Hérmes Rodrigues da Fonseca (Marechal Hermes da Fonseca)  
1914 - 1918 - Wenceslau Brás Pereira Gomes (Wenceslau Brás)  
1918 - 1919 - Delfim Moreira da Costa Ribeiro (Delfim Moreira)  
1919 - 1922 - Epitácio da Silva Pessoa (Epitácio Pessoa)  
1922 - 1926 - Arthur da Silva Bernardes (Arthur Bernardes)  
1926 - 1930 - Washington Luís Pereira de Sousa (Washington Luís)  
1930 - Junta governativa: General Tasso Fragoso, Gen. João de Deus Mena Barreto e Almirante Isaías de Noronha  
1930 - 1945 - Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas)  
1946 - 1951 - General Eurico Gaspar Dutra (Dutra)  
1951 - 1954 - Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas)  
1954 - 1955 - João Café Filho (Café Filho)  
1956 - 1961 - Juscelino Kubitschek de Oliveira (Juscelino Kubitschek - JK)  
1961 - Jânio da Silva Quadros (Jânio Quadros)  
1961 - 1964 - João Belchior Marques Goulart (João Goulart - Jango)  
1964 - 1967 - Marechal Humberto de Alencar Castello Branco (Marechal Castello Branco)  
1967 - 1969 - Marechal Arthur da Costa e Silva (Marechal Costa e Silva)  
1969 - 1974 - General Emílio Garrastazu Médici (General Médici)  
1974 - 1979 - General Ernesto Geisel (General Ernesto Geisel)  
1979 - 1985 - General João Baptista de Oliveira Figueiredo (General Figueiredo)  
1985 - 1990 - José Sarney (Sarney)  
1990 - 1992 - Fernando Afonso Collor de Melo (Fernando Collor)  
1992 - 1995 - Itamar Augusto Cautiero Franco (Itamar Franco)  
1995 - 2002 - Fernando Henrique Cardoso (Fernando Henrique Cardoso - FHC)  
2003 - 2006 - Luiz Inácio Lula da Silva. (Lula).  
2007 - - Luiz Inácio Lula da Silva. (Lula)

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

C

## CAÍRBAR SCHUTEL

Cairbar Schutel (Farmacêutico), foi o Primeiro Intendente (Prefeito) de Matão. Nas palavras de Januário Groppa: "... *Ilustre farmacêutico, grande propulsor da Doutrina Espírita. História de fatos e feitos revestidos em favor dos que mais sofrem. Não foi apenas um predestinado espiritual do passado, trata-se de um dos mais legítimos cidadãos: honorários de nossa Terra, pelas suas qualidades de homem probo, Professor emérito, generosidade abundante, cultura incontestável, proeminência moral, conselheiro inigualável, amante da pobreza, consolo dos fracos e amparo dos desesperados, personalidade intangível e verdadeira glória de homem público.*" O escritor Azor Silveira Leite também deixou sua impressão sobre Cairbar: "... *Abandonava seus afazeres materiais servindo a todos, sem se servir de ninguém, na sua histórica tarefa de Primeiro Intendente do Matão nascente, coordenador dos primeiros apontos e algarismos do nosso Executivo...*" Além disso, foi também um dos comerciantes mais antigos de Matão. Tivemos acesso a biografia completa desta marcante figura no cenário histórico de Matão: No dia 22 de setembro de 1868, filho do casal Anthero de Souza Schutel e Rita Tavares Schutel, nasceu Cairbar de Souza Schutel, no Rio de Janeiro, então sede da Corte Imperial do Brasil, onde praticou em diversas farmácias e aos 17 anos de idade foi para o Estado de São Paulo, trabalhando como farmacêutico em Piracicaba, Araraquara e depois em Matão, cidade em que viveu durante 42 anos. Possuidor de brilhante cultura, de grande prestígio social e, sobretudo, de notória autoridade moral, acabou sendo escolhido para o honroso e histórico cargo de primeiro Prefeito da cidade de Matão, cargo que ocupou por duas vezes, a primeira de 28 de março a 07 de outubro de 1899, voltando a exercê-lo de 18 de agosto a 15 de outubro de 1900, conforme consta das atas e dos registros históricos da municipalidade matonense. Nascido em família católica, batizado aos 7 anos de idade, Cairbar Schutel cumpria suas obrigações perante a Igreja de Roma. Entretanto, já adulto e vivendo em Matão, passou a receber, em sonhos, a visita constante de seus falecidos pais, porque ele ficara órfão de ambos com menos de 10 anos de idade. Insatisfeito com as explicações de um padre para o fenômeno, Schutel procurou Quintiliano José Alves e Calixto Prado, que realizavam reuniões de práticas espíritas domésticas, logrando então entender a realidade do mundo extrafísico. Convertido ao Espiritismo, cuidou logo de legalizar o Grupo (hoje Centro) Espírita Amantes da Pobreza, cuja ata de instalação foi lavrada no dia 15 de julho de 1905. Resolvido a difundir a Doutrina Espírita pelos quatro cantos do mundo - e mesmo vivendo em uma pequena e modesta cidade no interior do Brasil -, o "Bandeirante do Espiritismo", como ficou conhecido Cairbar Schutel, fundou o jornal "O Clarim" no dia 15 de agosto de 1905, e a RIE - Revista Internacional de Espiritismo no dia 15 de fevereiro de 1925, ambos circulando até hoje. Além disso, o incansável arauto da Boa Nova, com todas as dificuldades da época e da região, viajava semanalmente até a cidade de Araraquara para proferir, aos domingos, as suas famosas 15 "Conferências Radiofônicas", pela Rádio Cultura de Araraquara (PRD - 4), no período de 19 de agosto de 1936 a 02 de maio de 1937. Escritor fértil, entre 1911 e 1937 escreveu os livros O batismo, Cartas a esmo, Conferências radiofônicas, Histeria e fenômenos psíquicos, O diabo e a igreja, Espiritismo e protestantismo, O espírito do cristianismo, Os fatos espíritas e as forças X..., Gênese da alma, Interpretação sintética do apocalipse, Médiuns e médiunidades, Espiritismo e materialismo, Parábolas e ensinamentos de Jesus, Preces espíritas, Vida e atos dos apóstolos, A questão religiosa, Liberdade e progresso, Pureza doutrinária, A vida no outro mundo e Espiritismo para crianças. Para publicá-los, Schutel não mediu esforços: adquiriu máquinas, papel, tinta, cola e outros insumos para impressão, procurando escolher sempre material de primeira categoria. Desse esforço surgiu a Casa Editora O Clarim, que hoje emprega inúmeros funcionários em Matão, tendo publicado mais de cem títulos de obras de renomados autores, encarnados e desencarnados. Consciente de sua responsabilidade como cidadão, cuidou de regularizar a sua união com D<sup>a</sup>. Maria Elvira da Silva e Lima, com ela se casando no dia 31 de agosto de 1905; o casal Schutel não teve filhos carnis, porém sua dedicação aos semelhantes ficou indelevelmente marcada na história de Matão, uma vez que ambos jamais deixaram de atender aqueles que os procuravam. Depois de curta enfermidade, Cairbar Schutel faleceu em Matão, no dia 30 de janeiro de 1938. Durante e após suas exéquias, inúmeras pessoas de Matão, das cercanias, do Estado de São Paulo e de diversas regiões do Brasil prestaram-lhe comovente tributo de gratidão e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido, tendo certamente cumprido a sua missão. Aliás, o prestigioso jornal 'A Comarca', de Matão, em sua edição de 6 de fevereiro de 1938, consignou o seguinte: "É absolutamente impossível em Matão falar-se quer da nossa história passada, quer da nossa história hodierna sem mencionar Cairbar Schutel. Cairbar Schutel foi, para Matão, um dínamo propulsor do seu progresso, um arauto dedicado e eloquente das suas aspirações de cidade nascente. Mais do que isso foi o

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

homem que, como farmacêutico, acorria com o seu saber e com a sua caridade à cabeceira dos doentes, naqueles tempos em que o médico era ainda nos sertões que beiravam o 'Rumo', uma autêntica 'avis rara'. "Militando na política por algum tempo, a sua atuação pode ser traduzida no curto parágrafo que abaixo transcrevemos, fragmento de um discurso pronunciado em 1923, na Câmara Estadual, pelo Deputado Dr. Hilário Freire, quando aquele ilustre parlamentar apresentou o projeto da criação da Comarca de Matão. Eilo: 'Em 1898, o operoso, humanitário e patriótico cidadão Sr. Cairbar de Souza Schutel, empregando todo o largo prestígio político de que gozava, e comprando com os seus próprios recursos o prédio para instalação da Câmara, conseguiu, por intermédio de um projeto apresentado e defendido pelo Dr. Francisco de Toledo Malta, de saudosa memória, a criação do município de Matão'. Dizem algumas comunicações mediúnicas que o Espírito Cairbar Schutel está, no mundo espiritual, encarregado pela divulgação do Espiritismo na Terra; sendo confirmada tal informação, essa nobre tarefa está muito bem dirigida, porque o movimento espírita deve muito ao querido "Bandeirante do Espiritismo", assim como à sua digníssima esposa D<sup>a</sup>. Maria Elvira da Silva Schutel, pois, como diz a sabedoria popular, ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher! (Biografia escrita por Eliseu da Motta Júnior, escritor, orador e diretor da Revista Internacional de Espiritismo - RIE, de Matão-SP). Em revista de "A Comarca" datada de 1973, o nome de Cairbar Schutel é reverenciado como o Primeiro Intendente da Prefeitura Municipal de Matão, sendo o sol que pôs fim à longa noite que entrevava Matão, dificultando-lhe a arrancada dos seus primeiros passos! Naquela época, o cargo público não era remunerado e os serviços eram prestados como múnus público. Segundo relato da revista: "...Cairbar trajetava de Matão a Araraquara à serviço da Prefeitura, cavalcando seu forte burro preto reluzente, indo e voltando no mesmo dia, quase sempre às penumbras da noite, atravessando matagais perigosíssimos e picadões apavorantes de antanho. Em sua administração foram realizadas, entre outras coisas: 01 de abril de 1899 foi realizada a feitura dos caminhos dentro do município: Bairro da Lagoa, da Dobrada, Fazendinha e Fazendinha II. O projeto de lei nº 1 cuidava do orçamento provisório, sobre a cobrança do Imposto Municipal. Foi também votado o projeto de lei nº 2 que suspendia a utilização de fossas fixas dentro do povoado. Em 05 de agosto de 1899 a Vila é iluminada por lampiões doados pelos moradores. A Matão que hoje conhecemos foi embalada pelas mãos de Cairbar, histórico personagem que dedicou sua vida à nossa comunidade que em sinal de respeito dedicou-lhe a honra de estampar suas virtudes e sua história a uma das vias públicas de Matão.

## CAMPOS SALLES

Manuel Ferraz de Campos Sales (Campinas, 15 de fevereiro de 1841 — Santos, 28 de junho de 1913). Filho de Francisco de Paulo Salles e Anna Cândida Ferraz. Foi um político brasileiro e Presidente da República do Brasil entre 1898 e 1902. Bacharel em direito pela faculdade de direito de São Paulo, Campos Sales ingressou, logo após se formar, no Partido Liberal. A seguir, participou da criação do Partido Republicano Paulista (PRP), em 1873. Campos Salles exerceu a função de vereador e juiz ordinário na cidade de São Carlos. Elegeu-se senador em 1890, mas renunciou ao cargo quatro anos depois para se tornar governador do estado de São Paulo, cargo que exerceu até 1898. Nesse ano foi eleito presidente da república, substituindo Prudente de Morais em uma época que a economia brasileira, baseada na exportação de café e borracha, não ia bem. Julgava que todos os nossos problemas tinham uma única causa: a desvalorização da moeda. Desenvolveu a chamada *política dos governadores*, através da qual tentou obter o apoio do Congresso através de relações de clientelismo e favorecimento político entre o governo central, representado por si próprio enquanto presidente, estados, representados pelos respectivos governadores, e municípios, representados pelos coronéis. Na economia, Campos Salles, decidiu que a resolução do problema da dívida externa era o primeiro passo a ser tomado. Em Londres, o presidente e os ingleses estabeleceram um acordo, conhecido como "funding-loan". Com esse acordo, suspendeu-se por 3 anos o pagamento dos juros da dívida; suspendeu-se por 13 anos o pagamento da dívida externa existente; o valor dos juros e das prestações não pagas se somariam à existente; a dívida começaria a ser paga em 1911, com o prazo de 63 anos com juros de 5% ao ano; as rendas da alfândega do Rio de Janeiro e Santos ficariam hipotecadas aos banqueiros ingleses, como garantia. Então, livre do pagamento das prestações, Campos Salles, pôde levar adiante a sua política de "saneamento" econômico. Combateu a inflação, não emitindo mais dinheiro e retirando uma parte de circulação. Depois combateu os déficits orçamentários, reduzindo a despesa e aumentando a receita. Joaquim Murcinhu, Ministro da Fazenda, cortou o orçamento do Governo Federal, elevou todos os impostos existentes e criou outros. Finalmente, dedicou-se à valorização da moeda, elevando o câmbio de uma taxa de 48 mil-réis por libra para 14 mil-réis por libra. Após o mandato presidencial, (1898-1902) foi senador por São Paulo e diplomata na Argentina. Esta importante figura do cenário político brasileiro tinha a Profissão de advogado. Foi o quarto presidente do Brasil, terceiro período do Governo Republicano (15.11.1898 a 15.11.1902), assumindo o governo com 57 anos, através de eleição direta, tendo recebido 420.286 votos. Seu nome foi inserido na história de Matão, quando em 07 de maio de 1897 criou o nosso Distrito de Paz, como presidente do Estado de São Paulo. Encontramos ainda uma outra nota sobre Campos Salles. A Convenção de Itu foi a primeira convenção

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

republicana realizada na cidade de mesmo nome, no interior paulista, com a presença de republicanos das classes conservadoras de várias cidades paulistas. Na convenção, foi aprovada a criação de uma assembléia de representantes republicanos e nomeada uma comissão que designaria os negócios do partido. Participaram 133 convencionais, sendo 78 cafeicultores e 55 de outras profissões. A assembléia de Itu, idealizada por Campos Salles revestiu-se de excepcional solenidade, cujas deliberações ecoaram por todo o Brasil, conclamando os espíritos para a campanha liberal, que culminaria com a implantação do regime republicano federativo.

## CAPRI

Pequena ilha calcária de costas escarpadas, localizada no subúrbio da cidade de Nápoles, prolongamento da península de Sorrento, em frente ao golfo de Nápoles (Itália). Tradicional centro turístico da Campânia. É a antiga *Capreae* romana. Residência favorita de Tibério, a ilha possui vestígios de 12 vilas que a ele pertenciam, das quais duas foram escavadas. Nápoles (*Napoli* em italiano) é uma comuna italiana do sul de Itália, da região da Campânia, província de Nápoles com cerca de 1.000.000 habitantes (censo de 2001) e com cerca de 4.400.000 habitantes na região metropolitana (que compreende áreas na província de Caserta, Avelino e Salerno). Nápoles é a terceira cidade da Itália após Roma e Milão e tem a segunda maior região metropolitana após a de Milão. Localiza-se na baía de Nápoles, no mar Tirreno. É um porto importante e o principal centro industrial e comercial do sul do país. É também um centro turístico, pois, nos seus subúrbios localizam-se vários locais de interesse: o vulcão do monte Vesúvio, as ruínas de Pompéia e Hérculano, as ilhas de Capri, (conforme descrição acima), e Ischa. O seu centro histórico foi declarado patrimônio mundial pela UNESCO. Tem origem na antiga cidade de *Neapolis*. Foi conquistada pelos romanos no século IV a.C. No século VI passou para domínio bizantino e no século VIII constituiu-se em ducado independente. Em 1139 passou a pertencer ao reino da Sicília. A universidade foi fundada em 1224 e passou a ser, no final do século XIII, a capital do reino. Em 1282 passou para a coroa de Aragão, sendo denominado reino de Nápoles. No século XVIII passou a ser independente, sendo anexado ao reino da Sardenha em 1860 e de Itália em 1861. Embora a História da Itália identifique-se em seu início com a do Império Romano e parece que não existira nada antes, o certo é que os gregos e os etruscos no século VIII a.C. e os galos no século V já tinham formado colônias nas costas da península e de ilhas. Previamente eles, os Terramanara ao norte e os Vilavonia no centro já tinham habitado o solo italiano, durante a pré-história. Se bem é certo que até a unificação do território pelos romanos no século III a.C. Itália não consegue entrar na História com peso específico. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: *"...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."*

## CARL FISCHER

Sinônimo da pujança de Matão, Carl Fischer, que veio para o Brasil no ano de 1928, foi o fundador, juntamente com Ludwug Eckes, da Citrosuco Paulista em nossa cidade, no ano de 1963. Reportagem da Revista de "A Comarca" datada de 1972 relatava um pouco dessa história, dizendo que em meados da década de sessenta estourava no seio da comercial-industrial de nossa cidade a notícia de aqui seria instalado um Packing House, para a seleção e exportação de laranjas, pela portentosa firma Fischer S/A, e pouco tempo depois dava-se sua inauguração para orgulho dos matonenses. Anos se passaram, e foi iniciada a construção de mais uma indústria, que é a nossa Citrosuco Paulista S/A e, com isso Matão foi se desenvolvendo, passando já seu nome a ser conhecido além de nossas fronteiras. Em especial, devíamos isso a Carl Fischer, e a Câmara Municipal de Matão lhe conferiu em 19 de março de 1965 o título de Cidadão Matonense prestando assim a mais justa homenagem, a quem muito devemos. Ainda segundo a reportagem: *"...Hoje Carl Fischer dá para Matão mais uma indústria, sendo suas obras avaliadas em seis bilhões de cruzeiros antigos, e serão mais centenas de operários que ali estarão ganhando seu sustento, serão mais divisas em moedas para nosso País, e ao nosso ilustre homenageado fica aqui nosso reconhecimento..."*. Carl Fischer foi realmente o homem que ajudou a mudar uma realidade através da ação, dinamismo e inteligência. Tal afirmativa foi proferida pelo Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, no ano de 1978, quando o empresário recebeu o Prêmio Tendência 1978 na categoria Exportação. O Prêmio, ofertado aos homens que ajudaram a mudar a realidade brasileira foi entregue durante concorrida cerimônia na sede da Rede Manchete, que contou com a presença de quatro ministros

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

de estado, governadores, autoridades civis e militares e representantes do mundo empresarial brasileiro, encontro que foi definido como uma festa de otimismo da casa dos Bloch. Reportagem da Revista "A Comarca" de 1988 contava um pouco da história da empresa Citrosuco Paulista que, naquele tempo, completava 25 anos de existência. O Grupo, nascido no ano de 1963, foi fundado por dois homens de larga visão empresarial: Carl Fischer e Ludwuiq Eckes que conseguiram, naquela época enxergar o excelente negócio em que iria se transformar a indústria cítrica brasileira. A participação do Brasil no mercado internacional de suco concentrado de laranja foi alavancado em 1962, quando fortes geadas praticamente arrasaram os pomares da Flórida, nos Estados Unidos, reduzindo drasticamente as disponibilidades norte-americanas neste setor. A escolha do município de Matão para o investimento fabuloso que posteriormente seria destinado na construção da empresa levou em conta várias determinantes: Matão era o centro de uma vasta região de laranjais, com solo, clima e precipitações pluviométricas extremamente benéficos à cultura de citros. Matão contava com 10 mil habitantes, mas a fama de Corpus Christi já era conhecida e a cidade vivia um entusiasmado surto de progresso, alicerçado num vigoroso parque industrial. Dobrada vivia na expectativa de sua Emancipação Político-Administrativa e Matão aguardava ansiosamente as imagens dos canais de televisão (Tupi, Canal 4 e Record, Canal 7). Instalada a fábrica, Matão conheceu o progresso e a Citrosuco Paulista alargou os seus horizontes enquanto empresa, levando o nome de nossa cidade aos quatro cantos do mundo, concretizando as aspirações de seus dois ilustres fundadores. Carl Fischer, esta altiva e importante figura no cenário matonense faleceu em 30 de janeiro de 1988 com 79 anos, quando se encontrava em uma viagem de negócio em Cingapura, vítima de um ataque cardíaco, deixando viúva Dona Lili. Por tudo o que significou e ainda significa para todos os matonenses, Carl Fischer teve seu nome estampado em uma de nossas vias públicas, em sinal de reverência e agradecimento. Coletamos ainda outras memórias do Alemão e exportador de laranjas. Corre uma lenda sobre Carl Fischer e as laranjas. No começo dos anos 30 ele estava num salão de barbeiro, no Rio de Janeiro, quando ouviu, pelo rádio, que uma geada havia arrasado os laranjais da Flórida. Saiu do Rio de Janeiro direto para o interior de São Paulo, indo até a região de Limeira, Araraquara e Matão, e desandou a comprar toda a laranja que encontrava pela frente, embarcando caixas e caixas para os Estados Unidos, ganhando fortuna e começando seu próprio negócio de exportador de frutas. Pessoa de arrojo, de coragem, capacidade de tomar uma decisão num estalar dos dedos, traços característicos. Sua ousadia empreendedora fez abrir novos mercados, como a Holanda, a Bélgica e a Alemanha. Em 1935, a sua empresa já tinha construído três packing houses, onde as laranjas eram armazenadas, selecionadas, separadas e colocadas nas caixas que seguiriam para os navios, para os compradores da Europa e dos Estados Unidos. Uma dessas packing houses ficava em Nova Iguaçu, outra em Taubaté, no Vale do Paraíba, e a terceira em Limeira. Foi proprietário de fazenda com plantação de banana e goiaba e legumes destinadas à Capital Federal (Rio de Janeiro-1937). No mesmo ano Fischer adquiriu uma companhia marítima, que pouco tempo durou, em virtude da II Guerra Mundial. Com a Guerra e o fim das exportações, Fischer ficou quase a zero. No anos 40, homem de visão, sua preocupação era com o transporte, navegação. Em 1950 ele representa a empresa de Navegação Norddeutscher Lloyd, de Bremen, cuidando da navegação de toda a Bacia Amazônica, primeiro passo para a criação da Navunidos S/A em 1951 que rapidamente se transformou na representante das maiores companhias nacionais e estrangeiras que atuavam em navegação de cabotagem no Brasil. Em 1954 adquire com seus sócios a empresa de Navegação Aliança. A história do suco de laranja é contada da seguinte forma por Félix Urquiza: *"...O Fischer me chamou para um daqueles fabulosos jantares no Copacabana Palace. Terminado o jantar, ficamos conversando, trocando idéias sobre as coisas. Ele queria saber como andava o negócio da navegação. Eu sentia que ele estava dando voltas ao redor do que realmente queria dizer. Não sabia o que seria. Até que Fischer falou assim, muito franco, que era esse o jeito dele comigo: - Olha aqui, Felinho, precisamos conversar sobre uma coisa. E a coisa é a seguinte: a exportação de laranjas não está indo tão bem como antes. Acabo de chegar da Europa, e a nossa laranja, você sabe... alemão, holandês, inglês, esse pessoal acha que faca não foi inventada para descascar laranja com a mão, como se fosse tangerina. E o problema é que as laranjas da Espanha e da África do Sul você descasca com a mão, e a nossa, do Rio ou do interior de São Paulo, não. Essa diferença, usar ou não usar a faca, está sendo muito grande contra nós. Então, sabe o que andei pensando? Acho que você deve viajar. Ir até os Estados Unidos. Porque o futuro não está na laranja: está no suco. Fique de olho nos americanos, eles vivem fazendo coisas novas, não param de encontrar caminhos que ninguém conhece. Faça agora uma viagem, depois outra, e mais outra, quantas forem necessárias, até aprender direito essa história de suco de laranja concentrado e congelado. Era 1963. Nas mãos de Félix Urquiza, Carl Fisher e de outro Alemão, Ludwuiq Eckes, um dos maiores exportadores de suco de laranja dos Estados Unidos, nascia a Citrosuco Paulista Sociedade Anônima.*

### CARLOS ALBERTO ULSSON

Nascido na cidade de Pirassununga no ano de 1892 era filho de Karl Olsson e de Martha Cristina Svanberg. Foi casado com Rosa Mariana Sicalla Ulsson, com a qual teve os filhos: Carlos Vital, Alberto Baptista, Miguel Alpino, Benedito Eugênio, Marta Cristina, Raquel, Maria e Madalena. Carlos trabalhou na construção

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

do Quartel de Cavalaria de Pirassununga, como encarregado Feitor de Turma. Depois, trabalhou numa fazenda modelo como maquinista de máquina de beneficiar café entre outros afazeres como carpinteiro, pedreiro e contra-mestre na Fábrica de Óleo de Mamona. Em 1936, mudou-se com a família para a Fábrica de Óleo Cambuhy, situada em Toriba, exercendo as funções de carpinteiro, tanoeiro, entre outras, até aposentar-se. Carlos foi eleitor desde sua emancipação até a idade de 60 anos. Viveu e trabalhou em Matão durante 26 anos de sua vida, vindo falecer em 18 de outubro de 1961, em sua residência, situada na Rua Prudente de Moraes, nº354-Fundos. Seus passos pela Terra da Saudade não foram em vão. Neles ficaram marcados a honestidade, a dignidade e a determinação; conjunto do caráter que envolvia sua marcante figura. Hoje, seu nome ostenta uma das ruas de nossa cidade, como forma de perpetuar sua história e seus exemplos de vida.

## **CARLOS BELLINI**

Oriundo de uma das mais antigas famílias residentes em Matão, Carlos Bellini foi casado com Dona Cezira Corniani com quem teve os filhos: Péricles, Alfredo, Elvira, Adelaide, Alice, Esmeralda e Eneide.

*(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).*

## **CARLOS CICOGNA**

*(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).*

## **CARLOS GALLI**

Nasceu em Matão em 18/02/1921. Casou-se com Gersomina S. Galli, com quem teve 4 filhos: Antonio Carlos Galli, Provido Gérsio Galli, Amélia Terezinha Galli e Maria Ângela Galli Chiozzini. Trabalhou sempre como padeiro e depois como taxista. Foi sempre um empregado exemplar, tendo desempenhado com grande orgulho e responsabilidade as suas funções. Carlos Galli tinha muito orgulho de ser matonense e sempre honrou nossa querida Matão, deixando exemplos que foram seguidos à risca pelos seus filhos.

## **CARLOS GUILHERME EDUARDO FISCHER**

Nascido no Rio de Janeiro, filho de Carl Fischer e Lily Fischer, aos nove anos de idade descobriu sua vocação para o mundo dos negócios. Nessa época acompanhava as reuniões de negócio do pai, com importadores de laranja. Acompanhava o pai aos mercados, leilões (antigamente as frutas eram vendidas em leilões), subia a bordo dos navios que traziam as frutas e acompanhava o descarregamento. O menino adorava aquela movimentação. Aos 14 anos foi morar na Alemanha, para continuar os estudos em solo europeu. Quando retornou, em 1959, já contava 19 anos, entrando definitivamente nos negócios do seu pai. Entretanto, mal começara a trabalhar no escritório de exportação, foi convocado para o serviço militar. Seu pai insistiu muito para que ele fosse, pois achava importante para a sua formação. Poliglota (falava cinco línguas) acabou sendo transferido para o Estado Maior das Forças Armadas, como intérprete. Durante três meses, período em que o Capelão teve que se ausentar para resolver o traslado das cinzas de soldados brasileiros mortos na Itália, assumiu a capelania militar e fez, entre outras coisas, a tradução do missal militar americano para o português. Por volta de 1961, assumiu os Paking Houses de Matão, Bebedouro e Limeira, onde cuidava da exportação de frutas frescas, principalmente para a Europa. Carlos Fischer participou intensamente da construção da Citrosuco. Costumava dizer que nessa época aprendeu, por exemplo, que a delegação dos poderes de uma empresa não elimina o desempenho pessoal do dono em qualquer assunto, sem levar em conta dia e hora. E acrescentava: *"... sem prejuízo de relatórios, estatísticas e qualquer outra informação escrita, a verdadeira liderança se exerce no contato direto com os colaboradores, especialmente os de nível gerencial..."* Em 1963, casou-se com Maria do Rosário Malzoni. Desta união nasceram as filhas: Bianca, Ana Luísa, Alessandra e Renata. Carlos consolidou o Grupo, levando-o à posição de líder mundial no negócio de suco de laranja, com operação integrada (plantio, industrialização, armazenamento e logística), adquirindo e modernizando uma unidade industrial produtora de suco de laranja na Flórida, nos Estados Unidos. Ampliou e modernizou ainda, seguindo sua vocação em agro-negócio, o plantio, a industrialização e a comercialização de maçã, na região de Fraiburgo, Santa Catarina, tornando-se o maior produtor de maçã do país. Apesar de sua formação profissional adquirida no exterior e voltada para o agro-negócio, possuía visão e liderança sobre todos os segmentos de atuação do Grupo, tendo participado na conceituação e consolidação da maior empresa privada de navegação do país, a Empresa de Navegação Aliança. Assim como seu pai, Carlos Fischer tinha o hábito de almoçar todos os dias com 15, 20 e até 25 funcionários, entre diretores, gerentes e chefes de divisão, pois entendia que dirigir uma empresa tem mais aspectos pragmáticos do que dogmáticos: *"... o que hoje está certo, amanhã poderá*

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

*estar errado, ou vice-versa...*"- dizia. Quando lhe perguntavam se achava mais difícil administrar uma empresa familiar, como era o caso do Grupo Fischer, respondia que mesmo uma empresa familiar deve ter mentalidade e estrutura profissional, sob pena de não progredir. A ascensão de cargos de gerência e diretoria, por exemplo, deve estar baseada em eficiência profissional. Dessa maneira ele nunca tomava uma decisão importante sem ouvir seus colaboradores mais próximos. Sobre isso dizia: "... gosto de consenso. Acho que setenta por cento do êxito empresarial provém do bom senso e, como tudo na vida, de um pouco de sorte..." Surpreendendo os concorrentes pela ousadia e coragem, fez um negócio que certamente orgulharia seu pai. Comprou a parte pertencente ao sócio Grupo Eckes e assumiu totalmente o controle acionário da Citrosuco Paulista, que a partir de então passou a ser uma empresa 100% brasileira. Empresário consciente da importância social dos grupos empresariais e dos princípios éticos nos negócios participava ativamente do apoio comunitário, nas mais diversas regiões do país onde o Grupo opera, pautando sua atuação de forma discreta, característica de seus princípios e personalidade. Dirigindo as empresas do grupo num momento de transformações dos mercados interno e externo, advindos da globalização, com arrojo e segurança, Carlos Fischer soube acompanhar as grandes mudanças, dando ao Grupo a solidez das grandes companhias bem administradas. A paixão do empresário pela Sociedade Esportiva Matonense foi traduzida no apoio concreto em patrocinar a equipe de futebol. Tal apoio, sem dúvida nenhuma, foi um dos fatores fundamentais para o sucesso alcançado pelo time na época. Mesmo residindo no Rio de Janeiro, de onde comandava seus negócios, Carlos Fischer estava sempre bem informado sobre tudo o que acontecia com a sua querida "Matonense". Nos jogos mais importantes ele estava lá nas numeradas, estimulando a equipe e vibrando de alegria com cada gol. Muitas vezes, empolgado com a vitória de seu time, ele não resistia e descia até os vestiários para cumprimentar pessoalmente os atletas e diretores. Ao receber o Título de Cidadão Matonense, em dezembro de 1999, Carlos Fischer fez questão de citar seu amor à nossa equipe, no emocionado discurso que fez, agradecendo a honraria. Sua morte, aos 61 anos, na madrugada do dia 30 de agosto de 2000, foi uma perda irreparável, não só para seus entes queridos, suas empresas e a citricultura nacional.

## CARLOS JOHANSEN

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## CARLOS MARIANI

Carlos Mariani, descendente de uma das mais antigas famílias de Matão, era filho de Domingos e de Dona Adélia Pirola. Carlos teve 8 irmãos: João, Júlio, Cezar, Antonio, Silvio, Natalina, Maria e Joana. Foi casado com Inocência Gonçalves.

## CARLOS MESSE

ascido na cidade de Dourado aos 12 de junho de 1915, era filho de Alexandre Messe de Dona Zaíra Fabre Messe. Chegando em Matão no ano de 1930, aqui viveu toda a sua trajetória, vibrando como matonense nato todos os acontecimentos que fizeram de Matão uma cidade progressista e desenvolvida. Casado com Dona Virgínia Colli Messe, lutadora incansável, companheira inseparável, seu braço direito para auxiliá-lo na criação e educação dos filhos: Aurasir Antonio, Maria Helena, Catarina e José Alexandre. O casal constituiu um lar perfeito, semeando por onde passaram exemplos de dignidade, de caráter e de honradez, atributos seguidos à risca pelos filhos e netos, que, sem sombra de dúvida, hoje formam uma das famílias mais tradicionais de nossa cidade. Carlos prestou serviços por muitos anos na antiga IBEC, sendo que depois se dedicou à função de taxista, missão difícil nos dias de hoje, exposta aos perigos da estrada e da noite, muito embora disso muito se orgulhasse, pois era um lutador nato e nunca encontrou obstáculo para executar qualquer trabalho, fosse ele penoso ou ameno. Sua família representava para ele a maior fortuna, e sua residência era o local de maior aconchego e calor humano para encontro dos filhos, filhas, noras, genros, netos e bisnetos, exemplo típico de família matonense, que vêem, nos mais velhos, um porto seguro para ancorar suas alegrias e buscar sabedoria para resolver seus problemas. Felizes daqueles que tiveram um lar como o de Carlos e Virgínia como abrigo. Amou Matão como se fosse sua terra natal, falando dela com orgulho para todos os que usavam o seu veículo como transporte. O nome dele, ao desfilar em uma das vias públicas de nossa cidade é um exemplo de um ilustre cidadão que por esta terra passou deixando marcas de dignidade e respeito, forma encontrada para homenagear sua trajetória de vida e de sua tradicional família, além de prestar o agradecimento da população de Matão à todos os taxistas que ajudaram e ajudam a transportar pessoas e a escrever a nossa história.

## CARLOS MONTEIRO DE CASTRO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **CARLOS PINOTTI**

Um matonense que dedicou seus anos de vida em prol da cidade que tanto amou. Constituiu sua família e registrou seu nome e sobrenome na história de Matão, como outras tantas famílias italianas aqui instaladas, com muito suor e trabalho. Carlos era filho de Antonio Pinotti e de Dona Regina Palma Setti. Consta, no livro do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, uma lista dos primeiros 100 casamentos realizados em nossa cidade. Entre os anos de 1897/1898 o número 36 da lista é o casamento de Carlos Pinotti com Dona Ida Pinotti. No mandato de Arminio de Arruda Camargo ele foi convidado para trabalhar na Prefeitura Municipal tendo como responsabilidade o encargo de cuidar do abastecimento de água para a cidade. Atuou também na gestão do Dr. Leônidas Calígola Bastia, sendo este casado com sua sobrinha, Dona Palmira Bastia. Trabalhou ainda com seu irmão, Laurindo Pinotti, na construção das Rodovias Faria Lima e Washington Luiz, rodovias de suma importância para o desenvolvimento de nossa cidade. Seus filhos herdaram o exemplo de amor e de admiração pela Terra da Saudade.

## **CARLOS VICENTE DE OLIVEIRA JR.**

Nasceu em 06 de fevereiro de 1979, em São Paulo. Filho de Carlos Vicente de Oliveira e de Dona Helena Santos Oliveira, colaboradores desta Edilidade. Carlos chegou em Matão com cinco anos de idade, na companhia de seus pais e da irmã Valéria, no ano de 1984. Cursou a pré-escola na EMEI do Bairro Alto, tendo ainda cursado o primeiro Grau na EEPG Professora Chlorita de Oliveira Penteado Martins e, posteriormente estudou na EMPSG Adelino Bordignon. Empenhado em se especializar em mecânica geral, passou a freqüentar o SESI na vizinha cidade de Araraquara. "Júnior", como todos os conheciam, era um jovem assim como tantos outros, impetuoso pela força da idade, trazendo consigo tantos ideais a serem desenvolvidos. Sonhava com um futuro promissor, mas que pela fatalidade de um acidente ocorrido em 01 de outubro de 1995, ficou estagnado no tempo. Seus pais, zelosos com a integridade e o caráter de seus filhos, não mediram esforços para proporcionar aos mesmos, exemplos de uma vida digna e honrada. E foi nesse ambiente de honradez e integridade que Junior cresceu e viveu.

## **CARMO CIOFFI**

Nascido em Matão, aos 10 de maio de 1942, filho de Luiz Cioffi e Genoeffa Geraldo Cioffi. Casou-se com a Sr<sup>ª</sup> Alzira Lopes Cioffi, com quem teve duas filhas Maria do Carmo e Márcia Helena. Foi metalúrgico, trabalhou na Marchesan S/A Implementos e Máquinas Agrícolas por 30 anos e depois foi um dos sócios da Mecime Metalúrgica Cioffi e Melo situada anteriormente nas vizinhanças da Citrosuco Paulista S/A, e por motivos da mesma necessitar ampliar suas atividades em nosso município, o Sr. Carmo e seus sócios (irmão e cunhado) não titubearam quando solicitados em negociá-las com a Empresa, permitindo que a mesma expandisse e se transformasse nessa potência que hoje representa um dos orgulhos de nossa cidade. Posteriormente foi cedido a eles um terreno no Distrito Industrial, situado na Avenida dos Estados, onde os mesmos puderam ampliar seu ramo de atividade em grades e esquadrias metálicas. Ficaram com essa sociedade por 17 anos, quando por motivos particulares a sociedade foi desfeita. Com a sociedade desfeita, o Sr Carmo e seu irmão José Luiz começaram a investir em terras, sítios no nosso município (estrada dos Pescadores e São Lourenço do Turvo). Muitos o conheciam como "Luthoni" apelido carinhosamente adquirido pelo Sr Armando Marchesan, quando ainda a empresa Irmãos Marchesan era situada na Rua Rui Barbosa no centro. Seu passatempo favorito era pescar, ia muito ao Rio Jacaré, onde passava seus domingos e feriados. Na Convivência familiar, foi sempre exemplo, seguido dignamente pelas suas filhas. Teve uma contribuição significativa nas comunidades religiosas, onde com seu caminhão boiadeiro transportava gado e outras prendas para as quermesses (leilões) de nossas Paróquias. O Sr Carmo Cioffi faleceu em Matão no dia 21 de fevereiro de 2002, vítima de câncer. Pelas razões expostas, e por outras razões que só as pessoas que com ele conviveram podem testemunhar a intenção da presente homenagem que, é perpetuar o exemplo de um homem digno e honrado, que viveu para o bem da família e da comunidade de Matão.

## **CÁSSIO BOTTURA**

Descendente de tradicional família de comerciantes, Cássio possui uma biografia caudalosa e impressionante de aproximadamente 40 páginas! Nascido em 20 de janeiro de 1920, em Matão, filho de Napoleão Bottura e de Dona Noêmia Rossi Bottura, Cássio estudou no Grupo Escolar de Matão, indo depois concluir seus estudos no Ginásio do Estado, na vizinha cidade de Araraquara. Fez o curso complementar no Ginásio São Bento, em São Paulo, durante os anos de 1937 a 1938. Aprovado no

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

concurso de habilitação para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo iniciou o ensino superior em 1939, diplomando-se no ano de 1944. Durante o curso médico estagiou como acadêmico e monitor, nos Departamentos de Histologia e Embriologia, dedicando-se, particularmente, ao estudo da Hematologia, passando a ministrar aulas em cursos de diversas naturezas, adestrando-se na Clínica Médica da segunda enfermaria de medicina de mulheres da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, ocupando a cadeira de terapêutica clínica. Neste período passou a publicar trabalhos sobre citologia da medula óssea e doenças do sangue, visando sua tese de Doutorado. Tempo depois, ingressa no serviço médico do hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo, lá permanecendo durante dois anos, atuando como médico residente e sob regime de trabalho permanente. Foi médico interno e médico adjunto no pronto socorro, familiarizando-se com os diferentes problemas da medicina de urgência, sendo um dos idealizadores do Curso de Medicina e Cirurgia de Urgência, que passou a ser realizado anualmente, transmitindo aos médicos e estudantes, a experiência colhida no pronto socorro do Hospital das Clínicas. Estagiou ainda no serviço de moléstias da nutrição e dietética, iniciando seus conhecimentos em endocrinologia e do metabolismo. Através desta tarefa, iniciou o desenvolvimento de estudos de problemas metabólicos relacionados às condições clínicas de urgência, resultando numerosas publicações divulgadas pelos componentes do hospital. Neste período, elaborou sua tese de doutoramento com o título "Gênese e Evolução dos Megacarióticos- Contribuição para o Estudo da Citologia da Medula Óssea Humana", defendida em 12 de setembro de 1946, sendo aprovado com distinção, adquirindo o título de Doutor em Medicina. Após o doutorado, exerceu inúmeras tarefas, como a de médico auxiliar do serviço de moléstias do Hospital das Clínicas, elaborando cursos anuais de especialização ministrados pelos componentes do serviço, entre outros. Em 1953 foi nomeado assistente do departamento de clínica médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Em 1957 é contemplado com uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, com duração de um ano, na Europa, cuja finalidade era o aperfeiçoamento em assuntos ligados à hematologia. Estagiou em Milão e em Florença, na Itália. Depois, seguiu para Paris, França. Foi também para a Inglaterra, onde terminou a fase de aperfeiçoamento. Retornou ao Brasil iniciando um trabalho investigativo sobre o desenvolvimento de um método próprio para o estudo dos cromossomos humanos, utilizando células de medula óssea. Foi ainda professor assistente no ensino da Hematologia e responsável pela Seção de Hematologia do Hospital das Clínicas. Cássio Bottura realizou cerca de 60 trabalhos em nome da ciência médica, muitos em língua inglesa, publicados em revistas especializadas, apresentados em palestras, aulas e seminários, difundindo e dividindo todo o conhecimento que adquiriu durante sua trajetória dedicada ao gênero humano. Sua história de vida orgulha toda Matão, que foi mãe de filho tão dileto, menino que ultrapassou os limites do conhecimento e levou nossa cultura para outras cidades do mundo, dignificando uma família tradicional e todos os cidadãos que tiveram o privilégio de conhecer a estatura e o grau de inteligência deste filho da Terra da Saudade. Pelo serviço que prestou à natureza humana, ter emprestado seu nome para figurar em uma via pública de nossa cidade, foi uma pequena homenagem prestada a um grande homem; mas saibam todos que a história de Cássio é também a história de Matão, que durante décadas gerou ilustres personagens que alteraram o rumo da história, dignificando sua gente, seus amigos e seus familiares, levando um pouco da nossa história, trazendo na bagagem sabedoria e deixando muita saudade ao partir do nosso mundo quando chamado pelo nosso Pai. Em outubro de 2007, no lançamento do livro "Ruas e Caminhos", coletânea de biografias da cidade de Ribeirão Preto, soubemos que o Professor Cássio Bottura possui nome de praça na vizinha cidade, homenagem recebida pelos relevantes serviços prestados àquela comunidade. Casado com Inês Amábilis Bottura, faleceu em Ribeirão Preto, em 26 de janeiro de 1988.

## CASTRO ALVES

Em 14 de março de 1847 nascia, numa fazenda a sete léguas da vila de "Curralinho", Salvador, Bahia, Antônio Frederico de Castro Alves, filho do Dr. Antônio José Alves, cirurgião e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, e de sua mulher D. Clélia Brasília da Silva Castro. Os primeiros anos da vida, passou no sertão da terra natal, do qual havia de guardar indelével impressão. Em 54, porém, já estava com a família na capital e cursava com o irmão mais velho, José Antônio, as aulas do Ginásio Baiano, dirigido pelo afamado educador Abílio César Borges, depois Barão de Macaúbas. No colégio o jovem Castro Alves, estimulado no lar por seu pai, iria encontrar uma atmosfera literária, produzida pelos oiteiros, ou saraus, então em moda, festas de arte, música, poesia, declamação de versos. Aos treze anos faz os primeiros versos. Em 1862, foi fazer o curso anexo da Faculdade do Recife. Lá ele foi tribuno e poeta sempre requisitado nas sessões públicas da Faculdade, nas sociedades estudantis, na platéia dos teatros, incitado desde logo pelos aplausos e ovações, que começara a receber, e ia num crescendo de apoteose. Era, então, um belo rapaz, de porte esbelto, tez pálida, grandes olhos vivos, negra e basta cabeleira, voz possante, dons e maneiras que impressionavam a multidão, impondo-se à admiração dos homens e arrebatando paixões às mulheres. Ocorrem então os primeiros romances, os quais ele nos fez sentir em seus versos, os mais belos poemas líricos do Brasil. Influência decisiva em sua vida exerceu a atriz

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

portuguesa Eugênia Câmara, que veio ao Brasil com Furtado Coelho. Esta foi uma fase de intensa produção literária e a do seu apostolado por duas grandes causas: uma social e moral, a da abolição da escravatura; outra, a república, aspiração política dos liberais mais exaltados. Data deste tempo o seu drama Gonzaga ou a Revolução de Minas, representado primeiramente na Bahia e depois em S. Paulo, no qual conseguiu consagrar as duas grandes causas de sua vocação. No início de 68, passou pelo Rio, recebendo a consagração pública de José de Alencar e de Machado de Assis. Em São Paulo deu continuidade aos seus estudos, e continuou principalmente a produção intensa dos seus poemas líricos e heróicos, publicados nos jornais ou recitados nas festas literárias, e que produziam a maior e mais ruidosa impressão; tinha então 21 anos, e possuía uma nomeada incomparável na sua geração, que deu, entretanto, os mais formosos talentos e capacidades literárias e políticas do Brasil; basta lembrar alguns nomes: Fagundes Varela, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Bias Fortes, Martim Cabral, Salvador de Mendonça e tantos outros, que lhe assistiram aos triunfos e não lhe disputaram a primazia. É que ele, na linguagem divina que é a poesia, lhes dizia "a magnificência de versos que até então ninguém dissera, numa voz que nunca se ouvira", como disse Constâncio Alves. Possuía uma voz dessas que "fazem pensar no glorioso arauto de Agamenon, imortalizado por Homero, Taltibios, semelhante aos deuses pela voz...", como disse Ruy Barbosa. Pregava o advento de uma "era nova", segundo Euclides da Cunha. Tuberculoso, aventara uma estadia na cidade de Caetité, onde moravam seus tios e morrera o avô materno (o Major Silva Castro, herói da Independência da Bahia), dois grandes amigos (Otaviano Xavier Côtrim e Plínio de Lima) e cujo clima era tido como salutar. Mas na fazenda paterna, resolve realizar uma caçada. Era em fins de 68: num acidente, feriu o pé com um tiro. Disso resultou longa enfermidade, cirurgias, chegando ao Rio no começo de 69, para salvar a vida, mas com o martírio de uma amputação. Mutilado, obrigado a procurar o consolo da família na terra natal, e os bons ares do sertão, em fevereiro de 1870, na fazenda Santa Isabel, situada em Itaberaba, procurando melhora na saúde. Em setembro, voltou para Salvador. Sua última aparição em público foi em 10 de fevereiro de 1871 numa récita beneficente. Infelizmente pouco durou, vindo a falecer em Salvador às três e meia da tarde, no Solar da Família em Salvador, em 6 de Julho de 1871. O trabalho de resgate e preservação de suas obras foi fruto da dedicação pessoal do ex-colega e amigo Ruy Barbosa. Afrânio Peixoto, ex-presidente da Academia, reuniu em dois volumes toda a produção do poeta, bem como escritos diversos (sob os títulos de "Relíquias" e "Correspondência"). Em 1947 o Instituto Nacional do Livro, do Ministério da Educação e Cultura, comemorou o centenário do nascimento do poeta com uma grande exposição, da qual resultou um livro comemorativo, trazendo importantes documentos que fizeram parte do evento. Ele foi um grande poeta. Castro Alves é um dos patronos da Academia Brasileira de Letras, cadeira número sete.

## CATANDUVA

Catanduva (tupi): Mato duro e seco, cerrado. Antes, era chamada de São Domingos do Serradinho, em homenagem ao padroeiro da cidade. Por influência de um político vaidoso, em 1909 ganhou seu nome, sendo chamada de Vila Adolfo. O coronel Adolfo perdeu o terreno em 14 de novembro de 1917, quando a vila passou a ser município e conservou seu nome atual. Caa-tan-duba: dois aa abertos e largos [caa]; a nasal percutida pelo couro cru de pele esticada de bovino [tan]; a vogal escura [u] de dois tempos [du] e a vogal aberta em estacato: [ba Caa-tan-du-ba/ Catanduva. Enfim, o grito selvagem, a mensagem, o apelo ao ajuntamento e a alegria de ver criaturas envolvidas num projeto comum/incomum: construir uma vila que escorresse pelo declive do São Francisco e, sem temer as febres palustres do Rio São Domingos, escalasse o aclive da Rua Brasil, rumo ao futuro. A topografia de Catanduva é como o dorso dum serrote: morro abaixo/córrego/morro acima/platô breve//morro abaixo/córrego etc. Por isso é que o aguerrido carteiro, ao cruzar a linha férrea da Rua Florianópolis, perde fôlego, apela, empurra carga e veículo morro acima e só voltará ao selim da bicicleta na altura da Rua São Luís. Este desenho ou recorte topográfico chama-se talvegue. Assim, por mais vigorosa que seja a sua dinâmica muscular, Catanduva irá dizer-lhe que a Natureza triunfará sempre sobre nós. Talvegues tatuados no coração. O Rio de Janeiro adentra pelos olhos, Catanduva é cardial, muscular e sonora: Caa-tan-du-ba. O rio, a mata, animais, índios. A Natureza estava ali há muito tempo. Mal tocada. Alguém vindo de São Carlos ou Araraquara, em direção do sertão rio-pretense, passou por ali, apeou, fez um foguinho, preparou café, deitou-se e dormiu um bom sono. Depois continuou viagem. Outro viajante viu sinais de fogo, parou etc. Um terceiro e um quarto. O quinto pôs abaixo umas árvores, aparelhou a madeira, edificou a casa. Duas, três, vinte casas. A vila. A vila roubou à Natureza o de que precisava para ser cidade. A Natureza encolheu-se, afastou-se para longe, escondeu-se na linha de horizonte. O rio transportou dejetos cada vez mais e em maiores quantidades. O rio bufou, reclamou, inchou, adoeceu, alagou áreas ribeirinhas, vingou-se de quem o machucara. Como diziam os gregos, Nêmesis é cruel e vingadora. Um dia ela abre o ventre e solta um tsunami enfurecido. Temos de reaprender como estabelecer relações pacíficas com a Natureza. Ernesto Ramalho traçou no mapa o arruamento inicial da cidade em cima da mesa de trabalho, xícara de café ao lado dos papéis. A partir da estação ferroviária, morro acima, riscou o braço maior da cruz de Cristo (Rua Brasil); cem metros

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

abaixo, riscou o braço menor (o antigo Parque das Américas: como são 3, ele desenhou 3 seções ocupadas por imenso jardim). Os veículos subiam a R. Brasil, porque esse era o percurso lógico de uma cidade em crescimento, como a espinha dorsal da criança ao alongar-se rumo à adolescência. Ao lado da Natureza, os topói, a cidade. Ao lado do mundo 1, o mundo 2. Ao lado do existente (fragmento do Éden bíblico), o que não se via, a idéia, a representação da idéia, o risco no papel, a construção, a permanência, o diálogo, a identidade (id = próprio do + ent = ser + idade = a qualidade do que é próprio do ser). Serradinho com o serrote, Vila Adolfo com o discreto ruído dos negócios. Como virar Catanduva? Como crescer? Como mudar a voz? Como trocar calças curtas por compridas? Como esticar-se? Ernesto Ramalho tinha um binóculo de longo alcance implantado nas órbitas oculares. À rua fronteira à estrada de ferro ele chamou de Rio de Janeiro, capital da República por 60 anos; a paralela ascendente foi chamada de São Paulo, o nosso Estado. Visionário, deu-se conta da expansão da futura cidade. Traçou-lhe as radiais: 7 de Setembro e XV de Novembro. A República de 89 instalou-se em Catanduva em 1918 com ER: 13 de Maio, 24 de Fevereiro, 21 de Abril, 3 de Maio. Civilista, brincou com linhas gregas, cruzamentos e entrecruzamentos, Estado e capital, o deus Aion divertia-se com os planetas: Pará/Belém, Amazonas/Manaus, Rio Grande do Norte/Natal, Paraná/Curitiba, Santa Catarina/Florianópolis. Catanduva virou um Atlas sócio-político de escala diminuída. O nome revela a pedra, por trás da pedra oculta-se a idéia, o mundo está embutido na idéia. Ao percorrer Catanduva, a pé, você segue a trilha dos nomes. Você não se perde nessas trilhas. O Minotauro jamais residiria em Catanduva. Aqui Dédalo não iria edificar o terrível labirinto. Catanduva ergueu-se da prancheta pelas mãos de ER. Ramalho desenhou essa topografia urbana 60 anos antes de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, em Brasília. Ele foi um racionalista lírico. Como Joaquim Cardoso, foi poeta e arquiteto. A partir de 1917 (em 18, oficializou-se a emancipação política do município), a cidade escorreu pelas vertentes do São Francisco e da Vila Mota, cruzou o charco do futuro Parque das Américas, a ponte de madeira do Rio São Domingos e subiu a Rua Brasil. Na altura do número 500, plantou a Praça da República, na forma de harpa. Em torno da praça, multiplicaram-se os bancos ou casas bancárias, como eram denominadas na época. O Banco do Brasil de Catanduva é a terceira agência do País. A Praça da República é feita da mesma matéria de que foi feita a Revolução Francesa antes do Terror e do recuo bonapartista: o lugar do passeio ao sol ou noturno, mas também, como a ágora dos atenienses, o da comunicação política, o lugar em que se discutem as razões ou desrazões do mundo precário. O homem, como disse Aristóteles, é o animal da palavra.

### **CATARINA (Santa)**

Descobrimos a biografia de várias Santas com o nome de Catarina. Vamos narrar a vida de cada uma delas: 1- Santa Catarina, mártir em Alexandria. Essa Santa, excepcionalmente popular, padroeira dos filósofos e da moças, é uma das que a Igreja eliminou de seu calendário uma vez que sua história é particularmente fantasiosa e sua lenda de origem tardia. Seu nome verdadeiro era Ecatarina e vivia no Egito. A Festa tradicional dessa Santa é no dia 25 de novembro. 2- Santa Catarina de Gênova (Gênova 1447 – id 1510). Filha do vice-rei de Nápoles, se dedicando a cuidar de doentes pobres, antes de consagrar-se à vida religiosa. Canonizada em 1737. 3- Santa Catarina de Siena (Caterina Benincasa), religiosa italiana (Siena 1347 – Roma 1380). Membro da ordem terceira de São Domingos desempenhou eminente papel na vida da Igreja na época em que o papado ficou sediado em Avignon: foi ela quem convenceu Gregório XI a voltar para Roma (1376). Quando eclodiu o Cisma (1378), lutou para contê-lo, partilhando então de sua vida entre o êxtase doloroso e uma correspondência destinada a suplicar a todos os grandes países da Europa que restaurassem a paz e a unidade da Igreja. Canonizada em 1461. Seu livro "Da Doutrina Divina e sua Correspondência", estão entre as obras clássicas da literatura italiana. Por sua obra mística, principalmente o "Diálogo" (1376), foi incluída entre os doutores da Igreja em 1970. 4- Santa Catarina de Ricci, nascida em Florença/Itália (1522-1590). 5-Santa Catarina Labore, nascida na França. 5-Santa Catarina da Suécia, nascida na Suécia em 1331. Santa Catarina também é o nome de um Estado brasileiro da região sul, situado entre o Paraná, ao N, Rio Grande do Sul, ao S, Oceano Atlântico, a E, e Argentina, a O. Sua capital é Florianópolis. Possui 260 municípios agrupados em 20 microregiões. Cerca de 70% da população reside nas cidades. Os maiores centros urbanos são: Joinville, Florianópolis, Blumenau, Lages, Criciúma e Itajaí. Sua base econômica é a agropecuária. É o maior produtor nacional de maçãs, além de grande produtor de aves. Nas últimas décadas desenvolveram-se atividades turísticas, tendo como principais atrações às belas praias de seu litoral entre Itajaí e Laguna (Ilha de Santa Catarina, Camboriú, Porto Belo e Laguna). Desde os primeiros anos do descobrimento o litoral de Santa Catarina foi visitado por expedições portuguesas e espanholas. Proclamada a Independência do Brasil, a Capitania transformou-se em província que sofreu profundos reflexos da Guerra dos Farrapos (Rio Grande do Sul em 1835). Na segunda metade do século XIX foi intensificada a imigração européia, principalmente alemã e, em menor intensidade, italiana. Durante a II Guerra Mundial, enfrentaram a infiltração nazista no Estado, tentando prejudicar o esforço de guerra brasileiro. Governado por interventores até 1945, o Estado elegeu seu governador pelo voto direto no ano de 1982.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## CATHARINA BARLETA MORIS

Nasceu na cidade de Monte Alto aos 17 de junho de 1905. Casou-se aos 18 anos de idade com o Sr. João Moris, e, dessa união, nasceram os filhos: Jorge, João Moris Filho, Leonor, Oswaldo, Olga, Lourdes, Vanildo, José, Afonso e Olivar, constituindo uma família numerosa, composta, além dos filhos, por mais trinta e dois netos, cinquenta e sete bisnetos e nove tataranetos. Envolvidos pelo sonho de trabalhar a terra e tirar dela o sustento dos filhos aliado à possibilidade de dias melhores, o casal empenhou-se de corpo e alma à lida no campo. Inicialmente, Catharina, que hoje representa o exemplo de mulher lutadora, iniciou sua caminhada ao lado do então jovem marido, enfrentando as intempéries, oferecendo o suor de seu trabalho como seiva para se construir o futuro da família Moris. Dito e feito! Após alguns anos de trabalho duro na roça, conseguiram adquirir um sítio nas imediações da Fazenda Josefina. Mas o espírito de luta e desempenho de Dona Catharina não ficou restrito à área de sua propriedade agrícola. Tomou rumo diverso, ganhou toda a região vizinha, pois ela se fez uma dama de ferro, de coração de ouro, pois possuía uma força imensa para romper qualquer barreira, mas com a humildade suficiente para ajudar a todos os que dela precisavam. Na época em que viveu, era tudo muito difícil, então, pela força das circunstâncias, aperfeiçoou-se como parteira, ajudando inclusive no parto do vereador que propôs a homenagem de transformar o nome desta figura materna em história viva de nossa cidade, símbolo que foi de uma época que jamais poderemos esquecer. Mas, como toda fortaleza humana, por mais forte que seja, um dia sucumbe. Faleceu com 89 anos, aos 31 de dezembro de 1994. Ao perpetuar seu nome numa das vias públicas de nossa cidade, prestamos homenagem a tantas outras Catharinas anônimas que tanto lutaram para fazer desta nossa terra, uma cidade progressista e humana.

## CEARÁ

O Ceará é um Estado brasileiro da Região Nordeste. Tem por limites o Oceano Atlântico a norte e nordeste, o Rio Grande do Norte e a Paraíba a leste, Pernambuco a sul e o Piauí a oeste. Sua área total é de 146.348,30 km<sup>2</sup>, ou 9,37% da área do Nordeste e 1,7% da superfície do Brasil. Para alguns, o nome Ceará vem de ciará, "canto de jandoin", no dizer dos índios; outros vêem a formação da palavra em ceuro "canto forte" e zara "pequena arara". Há quem veja no nome Saara, a origem. Os primeiros exploradores da terra viram notável semelhança na região com o famoso deserto africano. Apresenta-se o étimo ci e arará "moléstia do calor", lugar sujeito às moléstias do calor ou da seca. O Ceará começaria a se desenvolver apenas depois de sua separação de Pernambuco (em 1799) e sua história foi sempre marcada por lutas políticas e movimentos armados. Esta instabilidade prolongou-se durante o Império e a Primeira República, normalizando-se depois da reconstitucionalização do País, em 1945. Existem relatos de que os espanhóis Vicente Pinzon e Diogo Lepe desembarcaram nas costas cearenses antes da viagem de Cabral ao Brasil. A de Pinzon chegou a um cabo identificado como o da Ponta Grossa, a que se acredita ser o Mucuripe e Lepe na Barra do Ceará, em Fortaleza. Essas descobertas não puderam ser oficializadas devido ao Tratado de Tordesilhas. As terras equivalentes ao Ceará foram doadas a Antonio Cardoso de Barros, mas este não se interessou em colonizá-las. As terras do Ceará ficaram entregues a piratas e corsários, que exploraram o âmbar-gris, as madeiras de lei, a pimenta e o algodão nativo. A primeira tentativa séria de colonização ocorre com Pero Coelho de Souza, que aporta no Ceará em 1605 com mulher e filhos, demonstrando por isto certo interesse em colonizar o Ceará. Em 1613, porém sobrevém a primeira seca registrada na história do Ceará fazendo perecer Pero Coelho e família. A colonização do Estado, iniciada no século XVII, foi dificultada pela forte oposição das tribos indígenas e só tomou impulso com a construção, na embocadura do rio Pajeú, do forte holandês Schoonenborch, que em 1654, foi tomado pelos portugueses. Com seu nome mudado para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, o forte tornou-se a sede da Capitania. Em 1813 torna-se governador do Ceará o português Inácio de Sampaio. Este reúne os literatos no palácio do governo e dá incentivo às letras e às artes. O século XIX começa no Ceará com movimentos insurrecionistas, como a República do Crato, em 1813, movimento de cunho republicano-liberal liderada pela tradicional família cratense dos Alencar. Tal movimento foi reprimido com dureza pelo governador provincial do Ceará. Em 1825 o Ceará toma parte na Confederação do Equador, com Tristão Gonçalves, liberal, aplicando um golpe e tornando-se chefe do governo cearense. A Confederação é frustrada pelas forças imperiais e Tristão morre durante os combates contra as forças legalistas do Império. O ciclo de conflitos termina com a Revolução Pintista, iniciada por Pinto Madeira, que visava o retorno da monarquia absolutista. Mais uma vez a insurreição termina rechaçada pelas forças imperiais. No século XIX, um movimento de grande importância aconteceu no Ceará: a campanha abolicionista, que aboliu a escravidão em 25 de março de 1884, antes da Lei Áurea. Tal movimento teve participação da maçonaria, através da Sociedade Libertadora Cearense.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## CESÁRIO MOTTA

Cesário Nazianzeno de Azevedo Motta e Magalhães Júnior. Político brasileiro, Nascido em Porto Feliz em 5/03/1847. Falecido no Rio de Janeiro em 25/04/1897. Diplomado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi grande propagandista da República, Participando ativamente da campanha republicana. Em 1877 foi eleito deputado provincial, integrando o triunvirato do primeiro governo republicano de São Paulo. Em 1890 elegeu-se Deputado Federal e participou da Constituinte de 1891. Remodelou a instituição pública do Estado, fundou estabelecimentos gratuitos de ensino, de nível médio e a Escola Política do Senado. Como higienista, promoveu o saneamento do porto de Santos e trabalhou pela extinção da febre amarela, combateu a cólera e a varíola. Foi ainda Secretário do Interior no primeiro governo de Bernardino de Campos. Sobre Cesário Motta, encontramos também a seguinte nota: A Convenção de Itu foi a primeira convenção republicana, realizada na cidade paulista de mesmo nome, com representantes republicanos das classes conservadoras de várias cidades paulistas. Na convenção, foi aprovada a criação de uma assembléia de representantes republicanos e eleita uma comissão que designaria os negócios do partido. Participaram 133 convencionais, sendo 78 cafeicultores e 55 de outras profissões. A assembléia de Itu revestiu-se de excepcional solenidade, cujas deliberações ecoaram por todo o Brasil, conclamando os espíritos para a campanha liberal, que culminaria com a implantação do regime republicano federativo. Nas asas da imaginação, com estudo e arte, filhos de Capivari, por nascimento ou adoção, se deixam levar sem fronteiras, pois desde o início de sua formação, a cidade apresenta nomes que se aventuram no mundo das artes, da política, do esporte, etc., tendo alguns deles alcançado projeção nacional e internacional. Já em 1880, o teatro encontra espaço na cidade quando o Dr. Cesário Motta Júnior escreve a comédia "A calpirinha", com o enredo retratando a Capivari daquela época e levada à cena por alguns atores amadores daquela cidade. Cesário Motta Júnior, filho do médico Dr. Cesário Motta e de Clara Cândido Motta, nasceu em Porto Feliz, em 05/03/1847. Ali iniciou seus estudos e depois foi para o Rio de Janeiro estudar medicina. Quando formado veio trabalhar em Capivari e aqui ficou até tomar-se deputado da Assembléia Constituinte, em 1891. Cesário Motta Júnior tomou-se conhecido e querido na cidade de Capivari, não só como médico, mas também por exercer ativamente sua cidadania, lutando pelas áreas da educação e saúde, preocupando-se com a higiene e o bem-estar da população. Foi um dos idealizadores e sócio-fundadores da Sociedade de Medicina de São Paulo e primeiro presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Pouco tempo depois, em 1883, o gramático, jornalista e romancista Júlio Ribeiro manda construir uma casa, à Rua Bento Dias, onde instala um colégio e escreve ali sua célebre obra "A carne". Nessa casa, funciona atualmente, a Casa da Criança, uma entidade de assistência ao menor. A cidade possuía também, em 1884, a casa de ensino "O Aterneu Capivariano", internato e externato dirigido pelo professor Serafim José Horto e Melo. Considerado como um político que viveu muito à frente do seu tempo, Cesário Motta foi, talvez, o que mais se preocupou com a educação na história de nosso estado. E seu trabalho trouxe reflexos positivos na vida de São Paulo. Esta biografia tem o mérito de analisar o personagem considerando o meio social em que viveu. Ressalta ainda a sua liderança no meio maçônico, tirando do prestígio desse movimento e força para seus projetos educacionais. Cesário Motta remodelou a instrução pública do Estado de São Paulo e fundou a Escola Politécnica de São Paulo.

## CÉZAR ANGELINI

Oriundo de uma das famílias mais antigas de Matão. Filho de Francisco Angelini e de Dona Michelina Marchesan, imigrantes italianos. Nasceu em Ibaté, aos 15 de agosto de 1907. Em 1930 veio para Matão, exercendo a profissão de açougueiro nos açougues das famílias Romanelli (na Rua João Pessoa) e Chiozzini (na Avenida XV de novembro). Em 23 de fevereiro de 1933 contraiu núpcias com Dona Amábilis Dolores Bigal Angelini. Durante dois anos residiu com a família na cidade de Dobrada, atuando como proprietário de um açougue arrendado no vizinho município. Palmeirense que gostava de uma moda de viola, viveu para o trabalho e para sua família, criando os filhos Iranette Aparecida, Everardo José, Paulo Francisco e Laércio José. Residiu durante vários anos no centro da cidade e atuou como açougueiro até o ano de 1954, profissão que lhe valeu a alcunha de "Cezar Açougueiro". No mesmo ano, muda-se com a família para o Bairro Alto e como servidor público da Prefeitura Municipal, foi o responsável pela zeladoria da extinta "Escola do Comércio". Faleceu em 8 de agosto de 1930 em Matão, cidade que tanto amou e dignificou através de seu trabalho e exemplo de vida.

## CÉZAR SICHIERI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## CÉZAR ZANARDI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## CHLORITA DE OLIVEIRA PENTEADO MARTINS (Professora)

Oriunda de uma das mais antigas famílias de nossa cidade, Chlorita, nascida na cidade de Descalvado no dia 20 de abril de 1907, era filha de Francisco Zoelo de Oliveira Penteado e de Alice Garcia Penteado. Formou-se em uma Escola Normal de São Carlos e veio para Matão no ano de 1926, lecionar em uma escola na Estação de Silvânia. Após seu casamento com Sr. José Martins, deixou o magistério, voltando mais tarde a lecionar em São Lourenço do Turvo. Chlorita estava sempre presente nas festas beneficentes, procurando com seu ímpeto solidário, angariar fundos para o campo social. Em 1927, na Festa do Padroeiro, era uma das participantes na barraca brasileira, representando uma colônia. Em setembro de 1933 idealiza e dirige um Teatro Beneficente no Sport Clube 7 de Setembro. Em 1937 foi removida para o Grupo Escolar José Innocência da Costa, permanecendo até 1.944. Neste Período (1938), foi presidente da Legião Brasileira de Assistência e Dama de Caridade, primeira secretária da Liga Matonense contra a tuberculose, procurando formar um grupo de pessoas para a fundação do Grupo de Escoteiros de Matão, ocorrido em 1939. Incansável, após ver criado o Grupo de Escoteiros, encabeçou campanha para aquisição da Fanfarra, para desfilar nos festejos comemorativos do aniversário de Matão. Em 1945 foi transferida, por permuta, para o Grupo Escolar Dr. Leotônio Monteiro de Barros Filho, em São José do Rio Preto. De volta para Matão, seu sonho era a fundação de uma creche para cuidar das crianças pobres, cujas mães precisavam sair de casa para trabalhar. Viu seu sonho realizado em 22 de maio de 1946, com a criação da Creche Santa Izabel, da qual foi uma das fundadoras e também diretora. Ensinava crianças e moças para as festas de teatro, festas, essas, sempre visando fins filantrópicos: auxílio para a Creche, asilo, caixa-escolar e, principalmente, para a construção de casas para os pobres na Vila Vicentina. No ano de 1946, volta a lecionar no Grupo Escolar Dr. Leopoldino Meira Andrade, na Fazenda Boa Vista, até 1.948, sendo neste ano removida para o Grupo Escolar José Innocência da Costa. Nesta Escola, Chlorita fazia exposições anuais de marcenaria, trabalhos feitos por seus alunos do 4º ano, sob sua orientação. Chlorita sempre auxiliou os pobres, não só no campo material, como no espiritual também. Preocupava-se com a saúde dos menos favorecidos, encaminhando-os ao Dr. Salvador Toledo Galvão, que, de boa vontade, colaborava atendendo-os gratuitamente. Faleceu em 28 de agosto de 1951. Pelos seus relevantes trabalhos em prol dos menos favorecidos, símbolo de caridade e de amor ao próximo, lidadora artística incansável, teve, merecidamente, seu nome perpetuado na história de Matão ao receber póstuma homenagem, passando a denominar uma das ruas de nossa cidade e de se tornar patrona da escola pública da Vila Cardim.

## CLARA MARGUTTI DA SILVA

Filha de Navaro Margutti e Ângela Galbiati, nascida em 07 de agosto de 1918, em São Lourenço do Turvo. Casou-se com Sebastião Maria da Silva, lavrador de profissão e viveram muitos anos em nossa cidade. Da união, nasceram os filhos: Maurina, Neusa, Maurílio, Josefina, Geraldo, Antonio Maria e Jesus Henrique. No ano de 1973, se mudam para Matão, residindo na Av. José da Costa Filho, na Vila Pereira. Dona Clara trabalhou muito para não deixar faltar nada para seus filhos e era muito dedicada e amorosa para com os seus. No dia 19 de novembro de 2004 veio a falecer, deixando saudades para seus filhos, noras, genros, netos e bisnetos.

## CLÁUDIO BEVILACQUA

Proveniente de uma das mais antigas famílias de Matão, Cláudio era filho de Antonio Bevilacqua e de Dona Amélia Verde. Foi casado com Antenesca Trolli.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## CLEÓPHAS GUIMARÃES

Nascido em Matão aos dois de maio de 1916, era filho de Domingos Clementina, casado em 27 de setembro de 1947 com Dona Antonia Ramos Guimarães. O casal teve os filhos: Cleogumar Guimarães, Cleonice Guimarães, Cleodival Guimarães, Cleodemir Guimarães, Cleonides Guimarães e Cleodinei Guimarães, e os netos: Haroldo Mondini Guimarães e Ulysses Guimarães. Tipógrafo por profissão, exerceu

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

suas funções no jornal "A Comarca", (fundado por Augusto Ferreira em 04 de janeiro de 1925), durante vários anos, quando em 1959 ingressou na carreira pública judiciária, exercendo o cargo de Oficial de Justiça, no Fórum local, até o seu falecimento em 07 de novembro de 1975. Cleophas Guimarães figura no quadro dos inesquecíveis desportistas de nossa cidade, deixando imensa saudade na coletividade, como exemplo admirável de esportista, cultivando amizades das mais expressivas com seus competidores. Foi amante do esporte e exemplo de sua geração, sempre se destacando em todas as competições de que participou. Sua atuação no Bola ao Cesto de Matão, como se denominava na época o basquete, foi estupenda, como integrante da memorável equipe do Sport Club 7 de Setembro, que elevou o nome de Matão bem alto no cenário esportivo brasileiro. Não tão somente o basquete haveria de consagrá-lo, nasceu com o alto sentido dos grandes esportistas e praticou com brilhantismo quase todos os esportes conhecidos. Foi o grande herói, propulsor do esporte matonense que, nas décadas de 30, 40 e 50 projetou o nome de nossa cidade, incentivando as gerações que desabrochavam a seguir seu magnífico e patriótico exemplo. Uma de suas mais significativas conquistas foi a participação, durante longos anos, na Corrida de São Silvestre de São Paulo, onde sempre logrou colocações honrosas, que dignificaram o nome desta nossa querida Terra da Saudade. Resta-nos a lembrança feliz deste homem bom, terno e carinhoso que, dentro de toda a sua humildade, nos brindou com uma vivência maravilhosa, tanto no seio de nossa sociedade, como no seio de sua família. *"... Cleophas Guimarães será para todo o sempre um nome lendário na história esportiva de Matão, onde seu nome ficará gravado em letras de ouro, como o mais fabuloso esportista que tivemos em todos os tempos..."* (texto extraído do Ofício nº 518/79 do Serviço de Cultura, Esporte e Turismo, enviado à família de Cleophas Guimarães, em 29 de novembro de 1979, quando foi realizada a primeira Prova de Pedestrianismo de Matão, batizada Prova Pedestre "Cleophas Guimarães", em reconhecimento aos feitos deste ilustre matonense. Mas Cleophas não amava apenas o esporte, como também a música, que o levou a integrar a Banda Saudade de Matão, que, juntamente com o maestro Flamínio Mazzoni e vários outros músicos, alegravam as noites e as festividades de nossa querida cidade, no coreto municipal, memórias que fazem seus familiares e amigos retroagirem no tempo, resgatando nos poros da memória a felicidade e alegria de ter podido compartilhar com os matonenses queridos, momentos inesquecíveis na praça "Barão do Rio Branco", hoje batizada com o nome do saudoso médico, Dr. Calígola Bastia. Além das facetas já apresentadas, Cleophas era espírita, obtendo seus ensinamentos religiosos na Doutrina Espírita, no Centro Espírita "Amantes da Pobreza". A Doutrina Espírita, através de seu codificador "Alan Kardec", com a publicação do livro dos Espíritos lançado em 18 de abril de 1857, é uma nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal, nos conduzindo a Deus, tornando-nos conhecedores dos nossos deveres e do nosso destino no mundo espiritual. O Espiritismo reproduz a moral de Jesus, que se resume em "fazer o bem sem olhar a quem e orar pelos que nos perseguem e caluniam". *Vale a pena conhecer também a história de Allan Kardec, (Hippolite Leon Denizard Rivail), que nasceu em Lion, França, em 3/10/1804. Aos doze anos foi para a Suíça estudar no Instituto de Educação fundado por Henrique Pestalozzi. Na França, com 24 anos, iniciou sua função de educador e pedagogo, escrevendo o livro: Curso Prático e Teórico de Aritmética. Em 1857, lançou seu primeiro livro sobre a doutrina Espírita. Seus livros doutrinários foram traduzidos em mais de 10 idiomas, alcançando uma marca de mais de dois milhões de exemplares publicados só no Brasil.* A altiva figura de Cleophas Guimarães, ente querido que sempre inspirou seus familiares e amigos a ter fé, ter esperança e fazer a caridade, sendo para todos, um apoio, um exemplo, fazendo com que encontremos junto dele, de Jesus e de Deus, nosso Pai eterno, as forças que nos faltam nas provações da vida, a fé que salva e o amor que consola. Pelo exemplo de cidadão participativo e atuante dentro da comunidade matonense, a história de sua passagem pela terra, às sementes que fez gerár com a continuidade de sua descendência são atributos que jamais serão esquecidos, quer pelos seus entes queridos, quer pela imensa população matonense que teve o privilégio de ter Cleophas Guimarães em seu convívio. Sua trajetória e sua história de vida é a história de nossa terra, é o livro de recordação que, todos os dias, tentamos abrir em nossas memórias, revivendo época, revivendo amigos, revigorando nossas caminhadas. Uma rua, uma vida, várias histórias.....Para consagrar o real significado e a dimensão dos atos praticados por Cleophas Guimarães, seu nome foi esculpido em logradouro público para que todas as gerações que por ali transitarem tenham conhecimento de que o "Cleophas" marcou a nossa Matão de ontem e ajudou-a a ser a Matão de nossos dias, de forma brilhante, digna e imorredoura.

## CLITO BASTIA

Oriundo de uma das famílias de comerciantes mais antigos de Matão, Clito era filho de Terige Bastia e de Dona Felisbina Pedro. Era irmão de Constantino Bastia.

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **CLÓVIS VALENTIM**

Filho de Pedro Valentim e Vitória Comine Valentim, nasceu em Matão aos 16 de fevereiro de 1943, onde hoje se encontra a Fazenda Santa Carolina, onde trabalhou com seus quatro irmãos. Aos 20 anos, com a perda do pai, assumiu as responsabilidades da casa. Aos 23 anos casou-se com Elizabeth Ramalho Gomes. O casal teve um único filho, nascido em 1968: Marcos Antonio Valentim. Clóvis morou em São Paulo onde trabalhou na Brastemp, ficando na capital durante seis anos. Na sua volta para Matão, trabalhou como construtor durante sete anos e depois resolveu abrir um comércio para ele e seu filho, um bar que funcionou por dez anos. Depois disso, ele e o filho edificaram a Marmoraria Imperial, no Bairro do Retiro. Clóvis faleceu em 26 de julho de 2005, por rejeição à uma cirurgia de ponte safena, infarto e insuficiência respiratória, deixando na esposa Elisabeth Ramalho Gomes, no filho Marcos Antonio Valentim e nos netos Leticia, Larissa e Valentino e, nos seus amigos, muitas saudades, pelo exemplo de dedicação e honestidade que permeou toda a sua vida.

## **CONSTANTINO BASTIA**

Oriundo de tradicional família de comerciantes de nossa cidade, Constantino foi filho de Terigi e de Dona Felisbina Pedro. Era irmão de Clito Bastia. Foi casado com Dona Maria Bastia.

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

## **CRISTO REDENTOR**

O Cristo Redentor é uma estátua localizada na cidade do Rio de Janeiro, a 709 metros acima do nível do mar, no morro do Corcovado. De seus 38 metros, oito estão no pedestal. Foi inaugurada às 19h15 do dia 12 de outubro de 1931, depois de cerca de cinco anos de obras. No dia 7 de julho de 2007, em Lisboa, no Estádio da Luz, foi eleita uma das novas sete maravilhas do mundo. A construção do monumento religioso no local foi sugerida pela primeira vez em 1859, pelo padre lazarista Pedro Maria Boss, à Princesa Isabel. No entanto, apenas retomou-se efetivamente a idéia em 1921, quando se avizinhavam as comemorações pelo centenário da Independência. A estrada de rodagem que dá acesso ao local onde hoje se situa o Cristo Redentor foi construída em 1824. Já a estrada de ferro teve seu primeiro trecho (Cosme-Velho-Paineiras) inaugurado em 1884. No ano seguinte, 1885, o segundo trecho foi concluído, completando a ligação com o cume. A ferrovia, que tem 3.800 metros de extensão, foi a primeira a ser eletrificada no Brasil, em 1906. A construção do Cristo Redentor ainda é considerada uma dos grandes capítulos da engenharia civil brasileira. O dono do projeto levou sua vida inteira construindo a estátua, que foi construída em concreto armado e revestida de pedra-sabão, originária do próprio pico do Corcovado. A pedra fundamental da estátua foi lançada no dia 4 de abril de 1922, mas as obras somente foram iniciadas em 1926. Dentre outras pessoas que colaboraram para a sua realização, podem ser citados o engenheiro Heitor da Silva Costa (autor do projeto escolhido em 1923), o artista plástico Carlos Oswald (autor do desenho final do monumento) e o escultor francês de origem polonesa Paul Landowski (executor da escultura). Alguns historiadores especulam que o monumento seria um presente da França para o Brasil em resposta a algumas tentativas de invasão. Na cerimônia de inauguração no dia 12 de outubro de 1931, estava previsto que a iluminação do monumento seria acionada a partir da cidade de Nápoles, de onde o cientista italiano Guglielmo Marconi emitiria um sinal elétrico que seria retransmitido para uma antena situada no bairro carioca de Jacarepaguá, via uma estação receptora localizada em Dorchester, Inglaterra. No entanto, o mau tempo impossibilitou a façanha, e a iluminação foi acionada diretamente do local. O sistema de iluminação original foi substituído duas vezes: em 1932 e no ano 2000. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) em 1937, o monumento sofreu obras de recuperação em 1980, quando da visita do papa João Paulo II e novamente em 1990. Outro conjunto de obras importantes foi feito em 2003, quando foi inaugurado um sistema de escadas rolantes e elevadores para facilitar o acesso à plataforma de onde se vê a estátua. Conhecido como símbolo não só da cidade do Rio de Janeiro, mas também do Brasil, a estátua do Cristo Redentor tem seus direitos de uso comercial pertencentes à Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro, embora haja disputa por parte dos herdeiros envolvidos na concepção da obra. Há que se observar, ainda, que a estátua está situada em logradouro público, estando portanto sujeita a ter sua imagem captada pelas lentes dos milhares de turistas que a contemplam e que transformam este ponto turístico numa verdadeira "torre de babel". Ao completar 75 anos em 12 de outubro de 2006, o Cristo Redentor foi transformado em santuário do Brasil. O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eusébio Oscar Scheid, quer que o local deixe de ser apenas atrativo turístico e se torne local de peregrinação. Casamentos e batizados também poderão ocorrer aos pés da estátua, de 38 metros de altura, possivelmente a partir do primeiro semestre do ano que vem (2008), após o término de obras que ainda não foram iniciadas. O aniversário foi celebrado com uma missa e entrega dos prêmios Cristo Redentor. Um deles concedido ao deficiente visual Paulo Bastos, que já escalou o morro do Corcovado, onde fica o

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

monumento. Para adequar o espaço existente à celebração de ritos católicos a Arquidiocese do Rio de Janeiro utiliza-se da capela de Nossa Senhora Aparecida, na base da estátua. Como já mencionado, no dia 7 de julho de 2007, em uma festa realizada em Portugal, o Cristo Redentor foi incluído entre as nova sete maravilhas do mundo moderno. A decisão, após um concurso informal, foi baseada em votos populares (Internet e telefone), votação esta que ultrapassou a casa dos cem milhões de votos. Todavia, o concurso não possui o apoio da UNESCO, que apontou a falta de critérios científicos para a escolha das maravilhas. A sete maravilhas do mundo antigo são: o Colosso de Rodas (Grécia), a Estátua de Zeus em Olímpia (Grécia), o Farol de Alexandria (Egito), os Jardins Suspensos da Babilônia (Irã), o Mausoléu de Halicarnasso (Turquia), as Pirâmides de Gizé (Egito) e o Templo de Ártemis (Turquia). As sete novas maravilhas do mundo são: a Grande Muralha (China), Petra (Jordânia), o Cristo Redentor (Brasil), Machu Picchu (Peru), Chichén Itzá (México), o Coliseu (Itália) e o Taj Mahal (Índia).

### **CYPRIANO FERREIRA**

Cypriano, ou Sipriano Ferreira, foi integrante de uma das mais antigas famílias de Matão, imigrantes italianos que se estabeleceram em nossa cidade. Foi casado com Josefina Octaviano, com quem teve os filhos: Benta, Maria, Olga, Juliana, Antonio Octávio, Ovídio, João e José.

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

D

## DANIEL ANTONIO DE BRITO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## DANTE PECORARI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## DELMINA ALBARICCI GONÇALVES

Natural de Matão nasceu no dia 29 de novembro de 1992, filha de Francisco Albaricci e Ângela Mochetti Albaricci. Casou-se no dia 30 de outubro de 1947 em Matão, com Alcides João Aurélio Gonçalves. Natural de Taquaritinga. Nessa união, viveram juntos trinta e sete anos e tiveram sete filhos: Maria Ângela, Benedita Aparecida, Sidnei Antonio, José Francisco, Terezinha, Celso Luis e Silvio Carlos. A vida de Delmina sempre foi muito sofrida, tendo em vista tratar-se de uma família humilde e simples. Começou desde pequena a trabalhar e cuidar dos irmãos. Mesmo depois de casada sempre lutou para nunca deixar de faltar o necessário aos seus filhos e, quando possível, aos seus amigos e familiares, pois, era uma pessoa muito religiosa, um exemplo de mulher. Quando começou a comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, da Vila Pereira, no ano de 1973, denominada então de Barraca da Vila Pereira, Delmina, juntamente com suas amigas de bairro, foi uma das primeiras voluntárias da comunidade a se organizar, para a realização de terços, missas, novenas, caridades e festas com o intuito de construir a igreja da Paróquia. Além de todos esses compromissos, ela ainda arrumava tempo para fazer visitas aos doentes, coisa que fazia de coração. Trabalhou na comunidade por muito tempo, comunidade esta que com sua colaboração e de muitos outros, conseguiu construir a então denominada Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da Vila Pereira. Para ela era uma satisfação muito grande poder participar de todos os eventos da Paróquia, até que um dia uma doença terrível tomou conta de sua vida. Ela lutou muito contra essa doença, tinha uma fé muito grande em poder recuperar sua saúde e voltar a fazer tudo que gostava, mas, infelizmente, não resistiu e veio a falecer em 1993, deixando saudades a seus familiares e amigos. Seu nome, sua trajetória dentro da comunidade matoense não poderiam passar despercebidas, emprestando seu nome e sua história a uma via pública de nossa cidade, homenagem que toda a família e amigos receberam com os corações enlutados, mas certos de que o papel que lhe fora reservado foi cumprido à risca.

## DEZOLINA MANCINI CIOFFI

Nasceu em 24 de agosto de 1931 na cidade de Matão. Viveu na zona rural até os 18 anos de idade, quando se casou com João Ciofi, em 29 de abril de 1950. Desta união, nasceram os filhos: Luiz, José, Antonio, Ana Maria, João Roberto, Maria Aparecida, Fátima Terezinha e Paulo Argemiro, tendo sempre uma vida difícil de muitos sacrifícios. Aos 32 anos ficou viúva e precisou criar seus filhos, sozinha trabalhando como doméstica e professora de datilografia. Católica fervorosa, sempre com fé, amor e dedicação, conseguiu educar seus filhos no caminho do bem. Depois de passar por duras penas, viu todos os filhos criados, empregados e ajudando-a no sustento do lar. Aos poucos os filhos foram seguindo cada um o seu caminho, casando-se e constituindo família. Quando finalmente estava na hora de descansar, resolveu que ainda faltava uma etapa de sua vida para ser concretizada. Como cristã, acreditava que todos nós estamos no mundo para cumprir uma finalidade específica – amar e servir. E assim, dedicava-se ao trabalho do lar e à igreja. Começou ajudando nos afazeres da igreja, chegando a ser Coordenadora de Catequese e Ministra da Eucaristia. Para servir aos irmãos, sempre achava um tempo. Interessava-se pela situação de cada um dos doentes do seu setor, aos quais levava a comunhão. Com gestos de carinho e conforto, conquistava muitas pessoas para Deus. A vivência do evangelho transformou-a profundamente, sendo totalmente desapegada das coisas materiais e até de seus projetos pessoais. Viveu para o amor, morreu pela violência do trânsito quando voltava de uma de suas caminhadas matinais. O salão paroquial onde foi velada tornou-

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

se pequeno para acolher a multidão de amigos e familiares que foram dar seu adeus, expressando o que ela representava para aqueles que a conheceram.

### DIONÍZIO MELETTE

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### DOBRADA

Dobrada palavra de origem portuguesa. Nome de um município que faz divisa com Matão. Na região havia duas Sesmarias. Uma delas chamava-se Dobrada, por causa dos tropeiros que lá passavam e perguntavam: "Vamos pela dobrada (curva) de cá ou de lá?". Foi fundada no final do século 19 e emancipada de Matão em março de 1965. Dobrada tem sua formação datada em 1900 em torno de grandes fazendas cafeeiras que depois se transformaram em sítios e chácaras. Por volta de 1911 tornou-se Distrito de Matão. Os anos 20/30 foram os anos dourados para a história do município. Lá a cultura cafeeira predominava. Nesta época a população vivia "tempos de vaca gorda". Porém os anos 50/60/70 foram difíceis. Com a transformação das culturas do café para a laranja houve o êxodo rural, grande parte das famílias, deixaram o campo para habitar as cidades. Dobrada consegue sua emancipação político-administrativa em 28 de março de 1965, passando a caminhar através de seu próprio regime político. Na década de 80 e 90, as fazendas de café e laranja transformam-se em canaviais para suprir as necessidades das usinas que estavam em ascensão, trazendo à Dobrada, grande número de imigrantes nordestinos para a safra. Há dúvidas quanto à origem do nome do município. O que consta é que de Sesmaria dos Cocais em 1893, passou a se chamar bairro do Santiago em 1900. Tudo indica que o nome tem a ver com um sítio espanhol, dono da maior parte destas terras, que se chamava Santiago. Com o passar dos anos, por causa da curva que fazia no final da rua boiadeira, por onde os tropeiros passavam e às vezes paravam para pernoitar, o nome Dobrada foi surgindo. Os tropeiros diziam um para o outro que, quando passassem pelo povoado, parariam na dobrada do Santiago para descansar. Daí surgiu o nome de Dobrada.

### DOMÍCIO NATAL DE LIMA

Filho de Paulino Jesus de Lima e Ipólita Maria de Lima, nasceu em 25 de Dezembro de 1926 no Município de Riacho dos Machados, no Estado de Minas Gerais, onde viveu até os 11 (onze) anos de idade, quando mudou-se, para o Estado de São Paulo. Em 24 de Dezembro de 1950 casou-se com Benedita Pereira da Silva em IBIRÁ-SP e, desta união nasceram 13 (treze) filhos, sendo 07 (sete) mulheres e 06 (seis) homens. Em 1977 mudou-se para o Município de Matão, estabelecendo desde então à Rua Pedro Bigal, nº 1165 - Bairro Alto, Domicílio foi admitido na Prefeitura Municipal de Matão prestando seus serviços por 15 (quinze) anos, a princípio na função de ajudante de obras na confecção de asfaltos de importantes Ruas como São Lourenço, Avenida Padre Nelson, entre outras, com o tempo em virtude dos esforços no trabalho teve complicações de saúde, quando fora transferido a cozinha da Prefeitura Municipal contribuindo no preparo da merenda escolar e após na padaria onde permaneceu até obter aposentadoria, foi homem digno de incontestável reputação, adepto ao Evangelho Cristão Pentecostal, membro da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, deixou seu legado de boa conduta a sociedade e principalmente aos 13 (treze) filhos, 27 (vinte e sete) netos, 8 (oito) bisnetos e 1 (um) tataraneto, todos residentes em Matão, Domicílio Natal de Lima veio a óbito em 05 de setembro de 2006 deixando saudades.

### DOMINGOS MARIANI

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, Domingos Mariani foi casado com Dona Adélia Pirola, com quem teve os filhos: Carlos, João, Júlio, Cezar, Antonio, Silvio, Natalina, Maria e Joana.  
(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### DOMINGOS MASSELANI

Proveniente de uma das mais antigas famílias de nossa cidade, Domingos Masselani era filho de José Masselani e de Dona Maria Monte Magni.  
(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

### **DOMINGOS PRIMIANO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **DOMINGOS SCHIAVETTO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **DOMINGOS SIQUITELLI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **DOMINGOS TORRES**

Oriundo de uma das famílias de comerciantes mais antigas de Matão, Domingos Torres foi o barbeiro mais antigo de nossa cidade, aposentando-se em 1976, com 80 anos, 70 dos quais dedicados à profissão.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **DORGIVAL PEREIRA ALMEIDA**

Nasceu na Paraíba, cidade de Água Branca, em 10 de dezembro de 1934. Filho de Pedro Pereira de Almeida e Teresa Gomes de Almeida. Dorgival, enquanto criança, ajudava os pais na lavoura, garantindo o sustento e a sobrevivência. Passou a infância até a juventude como sacristão na Paróquia da cidade. Aos 17 anos, partiu para São Paulo, na época do sonho dourado, em busca de melhores condições de vida na terra das oportunidades. Desembarcou na estação portando apenas os documentos, deixando apenas a certeza da volta para buscar sua futura esposa Joselita. Por volta de 1953 começou a trabalhar na Olivetti, em São Paulo, depois de quatro anos de sua chegada. Já estabelecido volta a sua terra natal para buscar e se casar com Joselita Maria Conceição de Oliveira, retornando para São Paulo, onde nasceram os primeiros filhos: Paulo Humberto e Antonio Sérgio. Dorgival trabalhou durante 10 anos como supervisor de qualidade na empresa. No ano de 1963, começou a trabalhar na Usina Bonfim, hoje Usina Corona como operador de Evaporador, lá permanecendo por 15 anos. Nesta época nasceram os filhos Carlos Alberto e Ângela. Dorgival e Joselita criaram os quatro filhos num ambiente de humildade e dignidade. Em 11 de dezembro de 1978 a família mudou-se para Matão e Dorgival foi trabalhar na indústria de suco Frutropic, hoje Coimbra, como encarregado de evaporadores, lá permanecendo por 10 anos até se aposentar. Sua maior preocupação era o estudo, pois, na época, a formação educacional era o único bem maior que um pai poderia deixar para seus filhos. Fez muitos amigos, gostava da casa sempre cheia, com mesa farta, lanche para as turmas de amigos dos filhos que jogavam futebol, tendo sua casa como ponto de encontro certo no final das partidas. Nos últimos anos de sua vida, Dorgival adoeceu e passou por grandes sofrimentos, mesmo assim conservou seus princípios e sua honestidade como um grande cidadão. Faleceu no dia 13 de abril de 2000, com 66 anos de idade, deixando muitas saudades para a esposa, filhos, netos e amigos. Cada ser humano deixa lembranças que não se apagam com o tempo. Honestidade e dignidade, predicados inseparáveis na vida de Dorgival, reforça a cada dia a sua lembrança. Residiu durante muitos anos na Rua Itápolis e na Rua Guariba, no Jardim Buscardi. Muito dedicado com seus familiares e amigos, partiu deixando saudades.

### **DORIVAL PEREIRA RIBEIRO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **DORIVALDO VECTURI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **DORVALINO AGOSTINI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## DURVAL DE SOUZA

Segundo as palavras de Januário Groppa, Durval de Souza foi um comediante e um desportista nato, sempre figurando nas competições de nossa cidade. Em 1945 participa do campeonato amador de futebol, juntamente com outras ilustres figuras do cenário matonense. Coursou o primário em Matão e desde os bancos escolares prometia ser um grande artista, feito que conseguiu concretizar. Continuando nossa pesquisa, encontramos, na Revista "A Comarca" do ano de 1976, uma reportagem completa com o ator Durval de Souza. Matonense, produtor e artista de rádio, TV e cinema, emprestava ainda sua voz para comerciais e "jingles". Trabalhou com Golias na TV Record, Canal 7, no programa "Bacará-76", na Rede Tupi de Televisão com a equipe de Renato Aragão em "Os Trapalhões". Trabalhou ainda no Canal 13, Rede Bandeirantes, produzindo a "Hora do Bolinha", e o programa Edson Cury. Comediante, também tinha um programa diário na Rádio Record de São Paulo. Sempre que podia, dizia que era de Matão, dando tanto destaque à nossa cidade que foi apelidado de bairrista, alcunha que tinha orgulho de possuir. Nesta edição especial da Revista "A Comarca", Durval de Souza foi entrevistado, dizendo que não visitava a cidade havia oito anos, surpreendendo-se, na época, com o progresso verificado. Há oito anos atrás, tinha vindo à Matão para fazer um Show, a pedido do Pe. Amador, cuja renda seria destinada à construção da Igreja Matriz. O Show, com o pessoal do Canal 7, foi realizado no Cine Yara e dele participaram, entre outros artistas, o Pimentinha, Chocolate e Carlos Zara. Depois, voltou com o Blota Júnior, na época em que ele era Secretário de Turismo, para assistirem a Procissão de Corpus Christi. No dia da entrevista, disse que já havia visitado os parentes, o seu tio Angelim, a Tia Elisa, a Salete e o Dr. Waldemar Kfour. Ao percorrer as ruas de Matão, confidenciou que se lhe trouxessem à Matão vendado, não saberia em que cidade estava, dizendo-se deslumbrado com o que viu. Visitou os bairros da Pereira, da Santa Cruz, que ele chamava de Rapoza e viu tanta gente trabalhando, pintando, tanto campinho de futebol fazendo futuros craques, falando da loteria esportiva, e reconhecendo-o como artista de televisão, dizendo que tinha orgulho de estar em sua terra, apesar de que por apenas um dia, mas que esse dia valia por oito anos! Durval dedicou toda sua vida ao teatro, lembrando-se dos cirquinhos que fazia com a molecada, com palito de fósforos de ingresso. Depois fez Escola de Artes Dramáticas, trabalhando em 30 lugares diferentes em 29 anos de carreira. Citou uma de suas lembranças: *"... uma delas é do meu avô, o velho Afonso Macagnam. Eu subia na mangueira e ele ficava embaixo. Havia umas mangas borbon e eu joguei na cabeça dele, e ele falava assim – "desgrachiato desses pacharinho", eu pegava outra manga e pumba; e ele: pacharinho desgrachiato, até que ele me avistou. Foi buscar a espingarda dentro de casa, e até hoje não sei quanto tempo fiquei lá em cima e como de lá desc. Tem tanta coisa que a gente fez aqui, rapaz..."* Durval comentou ainda que havia constituído família, com esposa e duas filhas, estando velho na carreira, mas que tinha ainda muita coisa para fazer do que ficar vivendo do pecúlio do Geisel (presidente). Havia terminado dois filmes, num deles fazia o papel de Hitler. O outro filme era de pornochanchada, chamado "sexo furado", película que ele não recomendou aos menores de 14 anos. Neste filme, trabalhou com Ankitó, sendo o patrão dele. Confessou que nunca havia assistido aos filmes que havia feito. Durval fez dupla de sucesso com vários artistas, como Consuelo Leandro, Manuel da Nóbrega, da Praça é Nossa, tendo recebido o troféu Roquete Pinto por cinco vezes consecutivas, além de haver recebido, das mãos do apresentador Sílvio Santos, o prêmio "Campeões de Simpatia". Trabalhou ainda com Chico Anísio, um dos mais notáveis humoristas do teatro de da Televisão brasileira. Ao término da entrevista, fez a seguinte declaração de amor à sua querida Matão: *"... Mas eu gosto muito de Matão, gosto de todos daqui, e sempre que eu passo pelos corredores lá da TV, todos mexem comigo, sabem que eu sou daqui de Matão. Eles falam: He, Matão, o Chico Anísio, o Golias, o Aragão, todo o pessoal de lá. Muito obrigado e parabéns. Hoje eu li "A Comarca" e está sensacional. Muito boa a editoração, o papel, excelente a impressão. Muito obrigado pela entrevista..."* Durval de Souza morreu com 54 anos, em 05 de março de 1982, na cidade de São Paulo. Pessoas como Durval de Souza merecem o nosso mais caro agradecimento, pelas suas conquistas pessoais, sem esquecer sua origem e suas tradições, traços que levamos para a vida inteira; onde quer que estejamos somos aquilo que recebemos de nossa geração anterior, é muito de nossa personalidade amolda-se pelo lugar em que nascemos, pelos lugares por quais passamos, pelas pessoas com as quais convivemos, isto é, nossa formação é sinal característico de tudo o que sentimos, de tudo o que vivemos. Não dá para esquecermos nossas mais caras lembranças. Isto é trajetória e história de vida. Como foi a de Durval de Souza, transformado em nome de via pública da cidade que ele tanto amou e tanto divulgou.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# E

## ECOLÓGICO (Parque)

Nicho ecológico é o modo de vida de cada espécie no seu habitat. Representa o conjunto de atividades que a espécie desempenha, incluindo relações alimentares, obtenção de abrigos e locais de reprodução, ou seja, como, onde e à custa de quem a espécie se alimenta, para quem serve de alimento, quando, como e onde busca abrigo, como e onde se reproduz. Numa comparação clássica, o habitat representa o endereço da espécie, e o nicho ecológico equivale à profissão. Por exemplo, nas savanas africanas, capim, zebras, leões e abutres ocupam o mesmo habitat, mas têm nichos ecológicos distintos. O capim produz a matéria orgânica por meio da fotossíntese e serve de alimento às zebras, que são comidas por leões. Os restos são aproveitados por abutres. Para entendermos a função de uma espécie na manutenção do equilíbrio de um ecossistema, vamos imaginá-lo sem ela. Sem leões, a quantidade de zebras aumentaria e haveria diminuição do capim. Com menos capim, a população de zebras reduziria, assim como as populações de todos os seres vivos que dependem direta e indiretamente do capim.

## EDGAR LOMBARDI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## EDÍLIO BIGAL

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## EDUARDO DA SILVA MATTOS

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ELIAS ALANE

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ELIAS RAIMUNDO DE BRITO

Nascido em Votuporanga aos 04 de fevereiro de 1955, mais reconhecido por todos como "matonense", pelo amor que dedicava à nossa querida cidade, divulgando e engrandecendo o seu nome no exercício de sua profissão de caminhoneiro, cuja missão era rasgar estradas desse imenso Brasil, transportando produtos fabricados na Terra da Saúde. De origem humilde, era filho de Moisés Raimundo de Brito de Dona Amélia Rosa de Brito, moradores desta cidade. Orgulhava-se por possuir uma família digna e feliz. Seus irmãos: Sebastião Raimundo de Brito, Pedro Raimundo de Brito, Laudelino Raimundo de Brito, Ana Rosa de Brito e Isabel Rosa Brito Silva. Elias trabalhou por dois anos na Usina Santa Adélia e 15 anos na Citrosuco, exercendo a função de carreteiro, falecendo no volante, num acidente ocorrido na primeira curva da Rodovia dos Imigrantes, já na serra, viagem com destino a Santos, deixando órfã sua única filha Juliana de nove anos. Norteado pela conduta exemplar, traçou sua vida pelas trilhas da honestidade, retidão de caráter e, principalmente, pela humildade, atributos que lhe proporcionaram enorme número de amigos conquistados durante sua vida. Para sua família e seus amigos sempre ofertou uma palavra de carinho e de conforto. Transmitia otimismo, fazendo questão de contagiar a todos com a sua alegria de viver e com sua crença em Deus e nos homens de bem, qualidades que sempre colocava acima de qualquer outra coisa. Considerado como um nobre cidadão, seu nome sinaliza uma de nossas vias públicas, resultado de seus exemplos, de sua determinação e fé inabaláveis.

## ELPÍDIO M. MIRANDA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ENÉIAS AUGUSTO DE SOUZA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ENTARO OKADA

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, Entaro foi casado com Tsuyoi Okada, com que teve os filhos: Chiger, Minoro, Osamu, Nelson, Mitsue e Tochiar.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### ENZO CASTELLANI

Representante de tradicional família de comerciantes de nossa cidade, Enzo Castellani nasceu em Migleano, Itália e veio para o Brasil junto com o seu pai, o Sr. Primo Castellani, quando ainda tinha sete anos de idade. Sua mãe não acompanhou a família nesta viagem. A família Castellani sempre trabalhou no ramo de açougue, com produtos artesanais; pai e filho trouxeram na bagagem a experiência adquirida na longínqua Itália, ofertando aos matonenses a saborosa cozinha européia no ramo de carnes frescas, lingüiças temperadas com ervas finas, receita tradicional da família. Enzo Castellani foi casado com Dona Carolina Cicogna. Em 1908, Enzo é vice-presidente da comissão de compilação dos estatutos do Societá Stella D' Itália. Em 1938 é conselheiro do clube, na função de tesoureiro. Enzo foi proprietário do açougue do povo, ou Açougue Castellani, antiga casa de carnes de nossa cidade instalada na Rua do Comércio, nº 31, atual Rua João Pessoa. A principal característica do açougue era uma cabeça de boi que ficava no meio das duas portas de ferro. Naquela época, o próprio açougueiro fazia o bate. Enzo ia no pasto, comprava o boi, trazia o boi no laço até o Matadouro Municipal, deixava o boi na "mangueira" e no outro dia fazia o abate. Esta tarefa acontecia duas a três vezes por semana. Os bois eram adquiridos na região ou vinham de trem, provenientes do Mato Grosso. O gado descia no armazém de cargas, na plataforma, passava pela Avenida XV de Novembro, pela Estrada Boiadeira (Rua São Lourenço) e seguia até o Matadouro Municipal, que ficava onde é a estação de tratamento de esgoto da Citrosuco. Como ficava ao lado do Rio São Lourenço, quando havia enchente o transtorno era muito grande. Enzo Castellani faleceu em 20 de março de 1948. O açougue funcionou até 1978, quando encerrou suas atividades. Atualmente, o neto de Enzo Castellani, o conhecido Enzo Achilles, resgatou a tradição da família Castellani e fornece seus produtos artesanais a várias famílias de Matão, mantendo viva uma tradição inimitável.

### ERASTO GONÇALVES

Oriundo de uma das famílias mais antigas de Matão foi filho de José Maria Gonçalves e Cândida Ferreira Gonçalves. Nasceu em 05 de fevereiro de 1909, em Matão. Foi irmão de José Gonçalves. Casou-se com Dona Luiza Pedro e dessa união nasceram os filhos: Edmar, Eraide, Cândida, Edeni, Edgar, Edna e José Maria. Erasto Gonçalves prestou serviço à Pátria como revolucionário na Revolução de 1932. Em 04 de setembro de 1932, o Jornal "A Comarca" publicou um quadro de honra aos voluntários matonenses em prol a santa cruzada constitucionalista e o nome de Erasto, entre outros, figurava naquela edição histórica. Prestou serviço na Prefeitura Municipal até a sua aposentadoria, na gestão do então Prefeito Armando Bambozzi. Foi um servidor exemplar, tendo desempenhado com grande orgulho e responsabilidade todas as suas funções. Seus exemplos foram seguidos à risca pelos seus filhos. Por estas razões e por representar um grande exemplo de filho matonense, que aqui constituiu família e honrou nossa querida Matão, teve seu nome gravado em uma das ruas de nossa cidade.

### ERMANO ROSSI

Nascido em Matão aos 06 de outubro de 1915, foi o primeiro filho do casal Paulino Rossi e Ignez Gilioli. Foi casado com Flaminda Massoni com quem teve as filhas Atenéa e Aléa. Ermano trabalhou 17 anos como escriturário, na Fábrica de Óleo Cambuhy, localizada em Toriba, hoje um bairro de Matão, até a venda da Companhia Agrícola Fazendas Paulista, em novembro de 1956. Continuou seu trabalho, agora prestados à Companhia Santo Anselmo de Administração e Participações, onde permaneceu alguns meses e, a convite de pessoas conhecedoras de sua capacidade, honra e honestidade, foi convencido a mudar para a firma IBEC- Research Institute, firma esta dedicada a pesquisa agrícola, onde também trabalhou como escriturário, até se aposentar. Ermano foi uma pessoa muito querida e contava com a estima e admiração de quantos o conheceram em sua proveitosa existência. Seu lema, durante sua vida foi: "o trabalho, a honra e a honestidade". Faleceu em 02 de fevereiro de 1972, com 56 anos de vida, no Hospital de Caridade de

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Matão, onde se achava em tratamento.

## ERMÍNIA AVOZANI PINOTTI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ERNESTO CAVICHIOLLI

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, Ernesto foi casado com Dona Tereza Monazzi com quem teve os filhos: Desdemona, Evelina, Otelo, Palamede, Valdemar, Marino, Aristides e Cleodina. Seu filho, Palamede Cavichioli, representa para todo o povo matonense, e, especialmente para o Poder Legislativo de Matão, exemplo de dignidade, honestidade e lealdade para toda a classe política não só de Matão como de todo o país. Foi vereador entre os anos de 1973 a 1977, sendo vice-presidente da Mesa Diretora no ano de 1973; é vereador reeleito entre 1977 a 1983, ocupando novamente a vice-presidência da Mesa no ano de 1977. No exercício da vereança e na sua vida profissional e pessoal, norteou-se por atos heróicos e inesquecíveis em favor de nossa comunidade, onde prevalecia, acima de tudo e de todos e a qualquer custo, uma batalha humanitária incansável, em busca da dignidade, principalmente dos meros favorecidos. Palamede nutria grande amor por Matão e seu objetivo maior foi batalhar sem descanso para o seu progresso e desenvolvimento. Matão deve o eterno reconhecimento pelo ímpar legado deixado pela família Cavichioli, cujos descendentes foram artífices da construção da nossa Matão de hoje.

## ERNESTO GORGATTI

Em 11 de outubro de 1891, desembarcaram no Porto de Santos, vindos de Borgofranco Sul Pó, província de Mantova-Itália, Ernesto Mauro Gorgatti, sua esposa Dona Evelina Pinotti e os filhos: Menipo, Gemma, Lérica, Aiace, Emília, Merope, Beatriz, João Baptista e Aldo. Quando veio para Matão, Ernesto dedicou-se à construção civil. Seu trabalho está ligado à construção dos seguintes prédios: Grupo Escolar, Câmara Municipal, Sociedade Stella D'Itália (da qual foi um dos fundadores). Ernesto faleceu em 23 de novembro de 1934.

## ESPIRITO SANTO

Na Bíblia hebraica (Velho Testamento), o termo *Ruach HaKodesh* é usado muitas vezes; ele é traduzido literalmente como *Espírito Santo*. Ele se refere à presença de Deus na forma experimentada por um ser humano. A maioria dos cristãos considera o *Espírito Santo* como o próprio Deus, parte da Trindade. A literatura midrash contém muitas afirmações acerca do Espírito Santo. É escrito que o Espírito Santo, sendo de origem celeste, é composto, como tudo aquilo que vem do céu, de luz e de fogo. Quando descansou sobre Finéias, a sua face ardeu como um archote (*Lev. Rabbah 21*). Quando o Templo foi destruído e o povo de Israel foi para o exílio, o Espírito Santo regressou ao céu, o que é indicado em *Eccl. 12:7*: "o espírito voltará para Deus" (*Midrash Eccl. Rabbah 12:7*). O espírito por vezes fala com voz masculina, e outras com voz feminina (*Eccl. 7:29*). Isto é, como a palavra "ruah" é tanto masculina como feminina, o Espírito Santo foi concebido como sendo por vezes como um homem e outras como uma mulher. De acordo com a tradição Judaica, o Espírito Santo se apresenta apenas a uma geração digna, e a frequência das suas manifestações é proporcional à retidão. Não se registraram manifestações deste no tempo do Segundo Templo (*Yoma 21b*), embora se dessem muitas no tempo de Elias (*Tosefta ao Talmude Sotah, 12:5*). De acordo com *Jó 28:25*, o Espírito Santo repousa sobre os Profetas em vários graus, alguns profetizando o conteúdo de apenas um livro, outros preenchendo dois livros (*Midrash Lev. Rabbah 15:2*). Ainda assim não repousava sobre eles continuamente, mas apenas por períodos de tempo. Os estágios de desenvolvimento, dos quais o mais elevado é o Espírito Santo, são os seguintes: zelo, integridade, pureza, santidade, humildade, temor do pecado, o Espírito Santo. O Espírito Santo conduziu Elias, o qual traz os mortos à vida (*Yer. Shab. 3c*, acima, e passagem paralela). O ato sagrado através do Espírito Santo (*Midrash Tanhuma, Vayeki, 14*); qualquer um que ensine a Torah em público partilha do Espírito Santo (*Midrash Canticles Rabbah 1:9*, end; comp. *Midrash Lev. Rabbah 35:7*). Quando Finéias pecou, o Espírito Santo apartou-se dele (*Midrash Lev. Rabbah 37:4*). A tradição Judaica divide os livros da Bíblia Hebraica em três categorias, de acordo com o nível de que os seus autores terão alcançado. Os resultados visíveis da atividade do Espírito Santo, de acordo com a concepção Judaica, são os livros da Bíblia, os quais terão sido, na sua totalidade, compostos sob a sua inspiração. Todos os Profetas falaram "no Espírito Santo"; e o sinal mais característico da presença do Espírito Santo é o dom de profecia, no sentido em que a pessoa sobre a qual ele repousa vê o passado e o futuro. De acordo com o Talmude, com a morte dos três últimos profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias, o Espírito Santo cessou de se manifestar em Israel; mas o *Bat Kol* (voz celestial) ainda estava disponível. A Torah (cinco livros de Moisés) diz-se ter sido escrita por Moisés

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

através de uma revelação verbal direta de Deus. Os Neviim (profetas) são livros escritos por pessoas que receberam um elevado nível de profecia. Os Ketuvim (escritos, agiógrafa) são escritos por pessoas que possuem um menor nível de profecia conhecido como inspiração divina, *Ruach HaKodesh*. De acordo com uma das perspectivas do Talmude, o Espírito Santo estava entre as dez coisas que foram criadas por Deus no primeiro dia (Talmude *Bavli, Hag. 12a, b*). Embora a natureza do Espírito Santo, na realidade, não esteja descrita em lugar algum, o seu nome indicia que era concebido como uma espécie de vento que se manifestava através de ruído e luz. De especial interesse é a distinção feita pelas antigas autoridades Judaicas entre o "Espírito do Senhor" (o qual é o termo mais comum para referir o Espírito Santo no Tanakh) e a Shekinah, a presença de Deus. Esta distinção é feita no Talmude, o qual nos dá uma lista das coisas que se encontravam no primeiro Templo de Jerusalém, mas ausentes do segundo Templo. Esta lista inclui o Espírito Santo e a Shekinah. A diferença não é facilmente compreendida, mas parece que a glória da Shekinah era, de alguma forma, mais tangível do que o Espírito. Isto poderia referir-se à presença literal de Deus no Santo dos Santos, e à presença de Deus que dele emanava em alguma forma especial, em oposição à presença do Espírito Santo, o qual estaria em muitos locais, mundo afora, e especialmente em indivíduos. No Tanakh, entretanto, esta presença do Espírito é reservada para os reis, profetas, sumo sacerdotes, etc. e não é concedida ao crente comum. Espírito Santo também é o nome de um Estado Brasileiro que se originou da criação de uma capitania doada a Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo português que aportou na região a 23 de maio de 1535. Tratava-se de um domingo do Espírito Santo, razão pela qual a capitania recebeu esse nome. Os indígenas que habitavam a região apresentaram muita resistência ao processo colonizatório, recuando para a floresta e iniciando, a partir de então, uma luta de guerrilhas contra os portugueses, que se prolongaria até meados do século seguinte. Além dos índios, os colonizadores tiveram ainda que enfrentar constantes incursões de piratas franceses, holandeses e ingleses na região. A partir do século XVII, com a criação dos primeiros engenhos de açúcar, o interior do Estado começou a ser povoado, desenvolvendo-se a atividade agrícola e o comércio. No início do século XVIII, porém, a economia local entrou em processo de estagnação e a capitania, até então subordinada à Bahia, foi reintegrada à Coroa. Em 1810 adquiriu plena autonomia, passando a ser administrada por um Governador. Com a chegada de imigrantes suíços, alemães, holandeses e açorianos, a partir de 1823, a economia da região voltou a crescer. Embora os fazendeiros tenham se arruinado com o fim da escravatura, em 1888, a grande corrente de imigração liderada por italianos, que se manteve de 1892 a 1896, fez crescer a cultura do café, saneando as finanças do Estado e permitindo o seu desenvolvimento. Essa base agrícola histórica deu origem à denominação "capixaba", dada às pessoas originárias do Estado do Espírito Santo, que, na língua indígena tupi, quer dizer terra boa para a lavoura.

## ESPÍRITO WALDEMAR SALTO

Filho de Carlos Salto e Emília Sgarbi, nascido em 06 de outubro de 1920 na cidade de Jaboticabal. Formou-se Técnico-Agrícola e veio para Matão no ano de 1957, onde exerceu a profissão de Agro-técnico no Horto Florestal e Fazenda Primavera. Em 1972, segundo nota da Revista "A Comarca", reportagem que comentava sobre a sucessão municipal, Espírito era o Chefe dos Serviços de Obras e Viação da Prefeitura Municipal há cinco anos e um dos pré-candidatos ao cargo de Prefeito de Matão nas eleições de 15 de novembro daquele ano. Havia sido escolhido como candidato pelo MDB - Movimento Democrático Brasileiro, para representá-lo no pleito que se avizinhava. Espírito foi o fundador do Núcleo Orquidófilo de Matão, onde exerceu o cargo de presidente durante três anos. Na gestão daquela Administração, Espírito era considerado o braço direito do Prefeito Dr. Laert Tarallo Mendes, considerando sua visão e tirocínio administrativo, além de sua formação como Paisagista e Urbanista, considerável currículo que o diferenciava dentro da Administração. Aposentou-se na Prefeitura Municipal. Em 10 de junho de 1978, Espírito é empossado na presidência do Rotary Clube de Matão, tornando-se o segundo presidente daquele Clube de serviços. Pai exemplar, deixou os filhos: Izilda Márcia, Carlos Eduardo, Elizeti, Paulo Roberto, Luiz Felipe, Henrique Vinícios, Alexandre Augusto e Ana Cristina. Os saudosos de boa memória ainda se lembram dos enfeites de natal instalados na Chácara Roseiral, propriedade de Espírito Waldemar Salto, que, entre os anos de 1995 a 1998, abria as portas de sua casa para a população matonense e demais visitantes, maravilhados com o presépio de Natal e com as esculturas brilhantes, iluminando as mentes e os corações de adultos e crianças que passaram pelo local. Após sua partida, no dia 03 de outubro de 1999, com 78 anos, os enfeites foram instalados no Asilo sendo mantida a tradição que ele criou. Realmente, ele tinha o "espírito" do Natal! Seu nome será sempre lembrado como exemplo de amor à natureza.

## ESUARDO MACHADO

Em 1930, o nome de Esuardo Machado aparece como inscrito para participar da Revolução, tanto que seu pai, Benedito José Antunes, não sabendo quando o filho voltaria, publicou nota no jornal "A Comarca", em

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

24 de julho de 1932, informando que os credores de seu filho deveriam apresentar suas contas dentro de oito dias que, sendo verdadeiras, seriam prontamente pagas. Ativo participante da comunidade, Eduardo auxilia na festa de confraternização da LBA com objetivo de angariar fundos ao Hospital de Caridade no ano de 1943.

### **EUGÊNIO PANEGOSSI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **EVARISTO DE ABREU**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

F

## FARIA LIMA

Florian Peixoto Faria Lima. Militar e político brasileiro, nascido no Rio de Janeiro no ano de 1917, então Distrito Federal. Militar, ocupava o posto de capitão-de-mar-e-guerra, em 1961, quando foi nomeado subchefe da Marinha no Gabinete Militar da presidência da República, no governo de Jânio Quadros, cargo que exerceu até a posse do presidente João Goulart, em setembro. Em 1967, já sob o governo instaurado após o movimento militar de 1964, foi nomeado adido naval junto às embaixadas do Brasil em Washington e Ottawa. Exerceu ainda cargos de subchefe de organização do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) e diretor de transportes da Petrobrás, antes de pedir transferência para a reserva remunerada em 1971. Foi nomeado presidente da Petrobrás em 1973, em substituição a Ernesto Geisel, que iria se candidatar à presidência da República. Em julho de 1974, foi indicado pelo já presidente Geisel para assumir o governo do novo estado do Rio de Janeiro, resultante da fusão entre o antigo estado e a Guanabara. Empossado, ingressou oficialmente na Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de apoio ao governo federal. Deixou o governo em 1979 e passou a dedicar-se à iniciativa privada.

## FAZENDA

Introduzimos agora as memoráveis passagens da Companhia Agrícola Fazendas Paulistas, Fazendas do Cambuhy, remanescente da Sesmaria do Cambuhy, que originalmente possuía 31.500 alqueires de terra, em sua maioria matas de primeira qualidade. O texto foi retirado de pesquisa histórica elaborada pelo historiador Dr. Adail Pedro e trechos do livro de Luiz Marques Bueno, outro incansável historiador de nossa cidade. "...Em 1820, D. João VI, rei de Portugal, doou a Sesmaria do Cambuhy ao Coronel Joaquim José de Moraes Leme que, por sua herança, a passou para o Conselheiro do Império, Dr. Bernardino Avelino de Gavião Peixoto, que iniciou a formação de fazendas de café. Após algumas vendas, em 1911, a família Gavião Peixoto vendeu o remanescente de 23.312,93 alqueires ao Dr. Carlos Leôncio de Magalhães ("Nhonhô Magalhães"), que deu seqüência na formação de fazendas de café. Finalmente, em 04 de novembro de 1924, o Dr. Magalhães vendeu a propriedade a Brazilian Warrant, através de sua subsidiária, Companhia Agrícolas Fazendas do Cambuhy, pela vultosa importância, na época, de meio milhão de libras esterlinas, o maior cheque jamais preenchido no Brasil, segundo jornais da época. A Brazilian Warrant, teve origem com a chegada ao Brasil, em 1820, do inglês Edward Johnston, que fundou, em 1842, a E. Johnston & Co. Durante muitos anos, a Cambuhy fora considerada um modelo de fazenda. E por sua localização privilegiada, foi projetada pelos ingleses para ser a sede da Companhia, passando as demais fazendas a denominar-se por seções para facilitar a localização e controle, pois na sua totalidade era denominada de "Fazendas do Cambuhy". Existiam então 22 seções: Araruba, Água Sumida, Américo, Alabama, Boa Vista, Curupá, Califórnia, Córrego Fundo, Contribuição, Fazenda de Criar, Flórida, Guanabara, Lenheiro, Las Palmas, Mato Grosso, Niágara, Santa Cândida, São João, Tamanduá, Teixeira Leite, Toriba e Virgínia. Algumas dessas seções possuíam a extensão de mais de mil alqueires de terra, por onde eram distribuídos o plantio tendo como prioridade o nosso café. Eram muito bem servidas por dois ramais de ferrovias: a Estrada de Ferro Araraquarense (E.F.A.), que iniciava pela Estação Silvânia, anteriormente denominada Santa Josepha, inaugurada em 02 de abril de 1901, Toriba, inaugurada em 08 de janeiro de 1911, Quilometro 11, chamada Teixeira Leite, inaugurada em 20 de novembro de 1911, Cambuhy, inaugurado em 12 de agosto de 1911, Uparoba, inaugurado em 01 de janeiro de 1914, Araruba, inaugurada em 22 de fevereiro de 1929, Curupá, inaugurado em 01 de agosto de 1916, que ficava cerca de três quilômetros da divisa da fazenda; ao todo, haviam 38 quilômetros em leito bastante sinuoso, evitando-se cortes e aterros dado às dificuldades da época de sua construção. O outro ramal era o da Estrada de Ferro Douradense, que cruzava por quatro quilômetros a seção Alabama. Eram por estes ramais que se escoava toda a produção de café, rumo ao porto de Santos, que de lá se destinava à Europa, e principalmente aos Estados Unidos da América, que até então eram os maiores consumidores do café brasileiro, o nosso ouro verde. Para ser ter uma idéia da importância das Fazendas do Cambuhy para a cidade de Matão e para toda a região, havia, no município sede e distritos, 5.000 habitantes, enquanto que na Fazenda havia 12.000 habitantes. Aos finais de semana, o comércio era intenso, pois afluía para a cidade a população das fazendas em busca de roupas, aviamentos, sapatos e outros produtos que não eram por eles produzidos. Os moços e mocinhas vinham também em busca de alguns poucos produtos que pudessem embalar suas comidinhas valdades, tais como pó de arroz, sabonetes, carmim, talcos, para as meninas, e para os meninos, um óleo fixador para cabelos, e, excepcionalmente, uma colônia para pós-barba, pois além de

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

*poucos recursos, eram vigiados de perto pelos pais, que por sua vez eram muitos severos, e tais produtos até então eram considerados supérfluos...* São memórias assim que queremos ver perpetuadas e espalhadas pelo mundo, via rede mundial de computadores, a chamada internet....

### FELICE ZAMBOM

Felice Zambom foi integralista, ferroviário, orador, cristão e Vicentino. Foi também vereador de 1964 a 1969. Faleceu no ano de 1973. Pesquisando antigos documentos visando dar corpo à biografia de Felice Zambom, encontramos uma dedicatória escrita pelo seu filho, Felício Tadeo Zambom, na Revista de "A Comarca", datada de 1975, cujo título é "Já é tempo...", texto que reproduzimos abaixo: "... Num estado de espírito muito diferente de outras ocasiões em que ocupei colunas deste tradicional e respeitado jornal, emocionado até, volto a escrever porque já é tempo de o filho prestar esta homenagem mil vezes cogitada e ensaiada, à um Pai que hoje como ontem, permanece vivo na minha lembrança, a qual permite-me vê-lo, ouvi-lo e senti-lo. Eu converso sempre com ele. Agora, estou apenas tornando pública esta conversa, porque meu Pai um dia ensinou-me a falar de forma que todos possam ouvir e assim o faço. Dois anos já se passaram, querido velho, e neste tempo todo meu pensamento rompeu idéias, contudo, não consegui falar de ti; apenas procurei agir como você, mas... estou aquém, muito aquém do exemplo que me deixastes. E pensar que inúmeras vezes o ajudei a redigir discursos, trocando idéias; pensar que muitas vezes influí nos seus objetivos e planos; pensar que me proporcionastes o diálogo de pai e filho, além do diálogo de homens, como se no seu nível eu estivesse, buscando formar o meu caráter, e pensar, pensar, pensar em tantas coisas mais que juntos realizamos, posso afirmar que tudo serviu na minha formação, de tal forma que vou colocando na minha bagagem, a sua herança. Mas, ao pensar que até agora faltou-me todos os recursos para escrever sobre você, realmente sinto-me endividado para contigo, eis que já é tempo de que eu diga que você foi, é e será o meu grande ídolo. Não pela ausência Pai, mas quantos e quantos filhos não desfrutaram como eu, da felicidade de se orgulhar do próprio pai. Esta verdade chega a ser estarrecedora e só imagino quantos filhos melhores filhos seriam, se pudessem ter no pai, a imagem que tenho eu do Senhor. Não pela sua ausência Pai, mas se o Senhor estivesse vivo agora, quem bom seria, não é mesmo? Eu gostaria muito de que o Senhor passeasse no meu "Voquinho". Iríamos pescar sempre. Quando eu me casasse então, iria leva-lo passar dias em minha casa. Que pena que o Senhor foi embora antes que o tempo me ofertasse tais oportunidades. Como eu gostaria, meu Deus, de ter estado mais do que estive junto de meu Pai, para oferecer-me a ele, para servi-lo. Mas, se pelo menos esta lamentação tivesse alguma validade de um alertar aqueles filhos que, privilegiadamente, possuem o seu Pai. Que o desfrutem, que o indaguem, que busquem o diálogo, que o compreendam, que o perdoem, que o ouçam, que o respeitem, que o amem, porque quando ele faltar...Eis aqui querido velho o que me foi possível fazer em sua homenagem, utilizando os argumentos mais autênticos e despojados de quaisquer intenções exibicionistas, porém, equivalentes à sua dignidade, à simplicidade, à pureza e à coragem que caracterizavam a marca registrada de Felice Zambom, meu Pai..." Sinceramente, não precisaríamos falar mais nada. Eis o combustível que move nossa vontade infinita de dedicar à Matão o resgate de trajetórias de vidas como a de Felice, sob pena de estarmos pecando por omissão frente às futuras gerações. Nós, através de humilde colaboração, queremos ver desabrochar a história da História de vida de nossos mais caros cidadãos, difundindo e multiplicando exemplos como os acima reproduzidos.

### FELIPPE THOMAZ GRANATO

Nasceu em Bueno Aires, Argentina, em 15 de janeiro de 1908. Era filho de Domingos Granato e de Dona Clorinda de Fábila Granato, ambos de origem italiana. A família veio para o Brasil, estabelecendo-se primeiramente na cidade de Rio Claro, quando foi naturalizado com a cidadania brasileira. Depois se mudaram para Dobrada onde Felipe viveu sua adolescência e juventude. Casou-se aos vinte e cinco anos com Cândida Rosa da Silva. Desse matrimônio nasceram os filhos: Wilton Antonio Granato, Nancy de Lourdes Aparecida Granato, Maria José Granato e Maria Rita Granato. Teve 12 netos e 5 bisnetos. Quando tinha os dois primeiros filhos, mudou-se para Matão onde permaneceu até o fim de sua vida. Trabalhou em sítios e fazendas e também trabalhou na cidade com servente de pedreiro. Depois, trabalhou na Prefeitura de Matão por muitos anos. Com 60 anos mais ou menos, começou a ter fortes depressões e por esse motivo, colocaram-no para trabalhar no banheiro público, por ser um serviço mais leve. Com a progressão de sua doença, afastou-se do serviço público e foi aposentado. Morou na Av. Campos Salles, nº 470, Centro da cidade, por quarenta anos. Viveu ainda por algum tempo vindo a falecer no dia 24 de agosto de 1995, sendo sepultado no cemitério de nossa cidade.

### FERDINANDO BAMBOZZI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## FÉRES LIAN

Artista plástico e orquidófilo, chegou ao Brasil em 1927, vindo do Líbano no navio Estrela, tendo desembarcado no porto de Santos. Instalou-se aqui em Matão com a casa comercial "Casa Feres", a primeira loja comercial instalada em Matão, cuja atividade comercial continua até hoje. Foi casado com Maria Haik Lian, tendo sete filhos: Jamil, Antonio, José, Jorge, Maria de Lourdes, Helena e Olga. Sobrava-lhe bondade, fraternidade, humildade, dignidade, educação e personalidade. Nos primeiros tempos, Féres contou com a ajuda dos filhos, principalmente do Antonio e do José. Quando moço, Antonio foi funcionário da Prefeitura Municipal de Matão. José continuou trabalhando com o pai, na loja de armarinhos. Aliás, uma das características principais da Casa Feres, era a venda de chapéus Ramenzoni. Com o falecimento de José, assumiu a direção da empresa o seu genro, Armando Biagioni Sobrinho, casado com Beatriz Helena. Féres Lian era o amor; a misericórdia e a vida. Féres viveu como vivem as flores, espargindo amor e alegria. Matão está repleta de seus nobres ofícios prestados à todos que dele precisaram como amigo das horas incertas. Entre as muitas atividades exercidas pela Família Lian está a fundação, com outros comerciantes da época, da Associação Comercial e Industrial de Matão. Féres Lian trabalhou muito pelo engrandecimento de Matão, Terra da Saudade. Pelos muitos serviços prestados à coletividade, foi homenageado com nome de rua no Jardim Morumbi. Despediu-se de sua estada fecunda no dia 21 de julho de 1985. A consternação geral fez-se sentir de modo comovente, pondo a cidade toda de luto. Féres continua vivo na memória de todos que tiveram a felicidade em sentir bem de perto sua bondade peregrina na sua passagem pela Terra... 96 anos... vividos no encantamento da mais pura bondade, espargindo amor ao próximo. Féres Lian, muito querido por todos os matonenses, faz parte da História de Matão. Operoso e incansável, deixou nos anais da vida uma credencial da mais alta admiração e respeito. A posteridade continuará tendo Féres Lian na memória e no coração. *(Olga Lian)*.

## FIORAVANTE BERTACHINI

Oriundo de uma das mais antigas famílias de comerciantes que se instalou em nossa cidade, "Fiorindo" como era conhecido, era filho de Stanislau Bertachini e de Dona Rosa Virginiani. Nasceu na cidade de Dobrada em 21 de dezembro de 1909. Foi casado com Anita Dall' Acqua. Em 04 de setembro de 1932, o jornal "A Comarca" publicou um quadro de honra aos voluntários matonenses em prol da santa cruzada constitucionalista, figurando entre eles o nome de Fioravante Bertachini. Segundo as palavras de Januário Groppa: "... *trabalhador intemerato, homem de bem, retezado pelo labor permanente e ungido de sentimentos nobres, figura que passava assobiando suas melodias por todas as vias públicas de Matão...*" Faleceu com 56 anos de idade, em 29 de abril de 1965.

## FIORAVANTE CALABRETTI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## FIRENZE

Florença (Firenze ou *Florentia*) é um município italiano, capital da região da Toscana e da província homônima. Estende-se por uma área de 102 km<sup>2</sup>, tendo uma densidade demográfica de 3453 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Bagno a Ripoli, Campi Bisenzio, Fiesole, Impruneta, Scandicci e Sesto Fiorentino. Florença foi durante muito tempo considerada a capital da moda. É considerada o berço do Renascimento italiano, e uma das cidades mais belas do mundo. Tornou-se célebre, também, por ser a cidade natal de Dante Alighieri, autor da "Divina Comédia", que é um marco da literatura universal. Neste Poema ele descreve a cidade de Florença em muitas passagens, assim como alguns de seus contemporâneos florentinos célebres, que também são personagens da obra. Florença tem origem num antigo povoado italiano. A cidade foi governada pela família Médici desde o início do século XV até meados do século XVIII. O primeiro líder da cidade pertencente à família Médici foi Cosme, o velho, que chegou ao poder em 1437. Foi um protetor dos judeus na cidade, iniciando uma longa relação da família com a comunidade judaica, uma relação tensa, que se tornaria comprometedor com a italiana. Florença teve antes e durante o período de governo dos Médici uma influente comunidade judaica, que deteve um papel proeminente na arte, finanças e negócios da cidade até que os judeus passaram a ser perseguidos mais fortemente pela Inquisição italiana. A Grande Sinagoga de Florença, também conhecida como *Tempio Maggiore*, Templo Principal, é considerada uma das mais belas da Europa. Destacam-se as diversas e belíssimas catedrais de épocas e estilos diferentes. A cidade também é cenário de obras de artistas do Renascimento, como Michelangelo, Leonardo Da Vinci, Giotto, entre outros. Nesta cidade nasceram os papas: Leão X, Clemente VII, Clemente VIII, Leão XI, Urbano VIII e Clemente XII. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

## FRANCISCO (São)

São Francisco de Assis, nascido Francisco Bernardone (Assis, 26 de setembro de 1181 – 3 de outubro de 1226) foi um frade católico; fundador da "Ordem dos Frades Menores", mais conhecido como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente: as igrejas católicas costumam realizar cerimônias em honra aos animais próximas à data que o celebram, dia 04 de outubro. Seu nome de batismo era inicialmente Giovanni Bernardone (João Bernardone), dado pela mãe provavelmente em homenagem a João Batista. Seu pai, Pedro Bernardone, o altera para Francisco Bernardone. Por razões ainda controversas, acredita-se que o nome seria uma homenagem à França, país com que o pai mantinha relações comerciais. Outra possibilidade é que talvez sua mãe fosse de origem francesa. Em Assis o menino ficou conhecido como Francisco, ou seja, o "pequeno francês". Certa vez, antes de sua final conversão, teve a visão de um esplêndido palácio, em que encontrou toda sorte de armas e uma noiva belíssima. No sonho, foi chamado pelo nome de Francisco e seduzido pela promessa de possuir todas aquelas coisas. Tentou, por isso, ir à Apúlia para entrar no exército e, tendo preparado com muita largueza tudo que era preciso, apressou-se para receber o grau de honra militar. Seu espírito carnal sugeria-lhe uma interpretação carnal da visão que tivera, quando nos tesouros da sabedoria de Deus ocultava-se algo muito mais preclaro. Foi assim que, uma noite, estando a dormir, alguém lhe falou pela segunda vez em sonhos, interessado em saber para onde estava indo. Contou-lhe seus planos e disse que ia combater na Apúlia, mas foi solitamente interrogado por ele: - "Quem lhe pode ser mais útil: o senhor ou o servo?" - "O senhor", respondeu Francisco. E ele: "Então, por que preferes o servo ao senhor?" - "Que queres que eu faça, Senhor (cfr. At 9,6)" perguntou Francisco. E o Senhor responde: "Volta para a terra em que nasceste (cfr. Gn 32,9), porque é espiritualmente que vou fazer cumprir a visão que tivestes". Refeito da grave doença e em período de transição que mudará sua vida, encontrava-se caminhando fora da cidade, quando viu um leproso vindo na sua direção, ficou apavorado, pois tinha horror desta doença, quis fugir, mas manteve-se firme, dirigiu-se ao doente, beijou-lhe as mãos e o rosto, em demonstração de afeto e encheu-lhe a bolsa de moedas, com generosidade. Ao retirar-se sentiu-se vitorioso e voltou-se para ver uma vez mais o estranho, não logrou ao perceber figura alguma na estrada, o homem desaparecera misteriosamente. Após este fato sente o chamado de Deus, mas não muito, ainda viria o Segundo chamado Divino. São Francisco costumava orar numa velha e abandonada capela, São Damião, frente a um crucifixo repetia fervorosamente: "Concedei-me Senhor, que Vos conheça, para poder agir sempre segundo a vossa luz e de acordo à vossa Santíssima vontade". Um dia, orando nas ruínas da Igreja de São Damião, ante a imagem de Cristo Crucificado, parêceu-lhe ouvir claramente: "Francisco, não vês que a minha casa está em ruínas? Restaura-a para mim!" Pensando tratar-se do velho templo onde se achava, agiu de pronto, contando para a reforma com o dinheiro de seu pai, que tinha em suas mãos. Comparece ante o Bispo Dom Guido III acusado pelo pai de furto, devolve ao genitor o que lhe pertence, até as roupas e se declara servo de Deus. Pede ao Bispo sua bênção e abandona a cidade em busca dos caminhos do Senhor. É o começo da sua vida religiosa. O Bispo vê nesse gesto o chamado do Altíssimo e se torna seu protetor pelo resto da vida. São Francisco renuncia à todos os bens que o prendiam neste mundo, veste-se como eremita e começa a restaurar a Capela de São Damião e a cuidar dos leprosos. Sofre e luta da forma mais intensa; ele, que teve de tudo, abraça a pobreza, deve primeiramente vencer-se a si mesmo, para logo pedir esmolas. Ora e trabalha intensamente. Conta a história que São Francisco amava tanto o Cristo crucificado que pediu ardentemente duas graças: que antes de morrer pudesse ele mesmo sentir na alma e no corpo o amor e sofrimento da paixão. O Santo de Assis alcançou essas duas graças. Ele pode ver no céu, um Serafim todo resplandecente de luz que se aproximou e então recebeu os estigmas de Cristo, transpassando-lhe os pés e as mãos. Isto se deu em 14 de setembro de 1224. São Francisco retorna a Sta. Maria dos Anjos, muito doente e quase cego, muitos foram os milagres realizados com seus estigmas. A corte papal envia-lhe médico para tratamento mas nada resolve. Sabendo-se próximo da morte, desde a planície lança uma bênção sobre Assis, compõe o "Cântico ao Sol" e dita seu testamento. Francisco morre, rodeado de seus Filhos Espirituais. Fez ler o Evangelho e na Última Ceia abençoa seus filhos espirituais presentes e futuros. Foi sepultado na Igreja de São Jorge na cidade de Assis. A dois anos de sua morte é canonizado pelo próprio Papa Gregório IX no dia 16 de julho de 1228, que vai a Assis. Conta-se que inicialmente o Papa

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Gregório IX duvidou da veracidade da chaga do lado de São Francisco. Conforme depois relatou, apareceu-lhe uma noite São Francisco e erguendo um pouco o braço direito, descobriu a ferida do lado e o Papa viu o sangue com água que saía da ferida, assim toda dúvida foi apagada. Em 1230, com a construção da nova Basílica na cidade de Assis, que recebe seu nome como forma de homenagear o Santo nascido nesta cidade, suas relíquias foram transladadas para o altar deste templo sagrado.

## FRANCISCO ALBERICCI

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, Francisco foi casado com Ângela Mochetti com quem teve os filhos: Maria Jesuína, Rosa, Idalina, Hermínia, Ivio, Delmina, Romolo, Giocondo, Henedina e Archimedes.

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

## FRANCISCO CARLOS MARTINS

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

## FRANCISCO COMELLI

A família Comelli é uma das mais antigas de Matão, reservando-nos linhagem de cidadãos abnegados, participantes ativos da comunidade e atores da história de nossa cidade. Francisco chegou em Matão no ano de 1901, proveniente de São Carlos. Montou uma casa de comércio e iniciou sua caminhada de trabalho em favor de Matão. Casado com Dona Guelfina Luzia Pimpinatti, nasceram os filhos: Carolina, Luiza, Guiomar, João Antonio, Alder, Lourdes, Lea e Ana Cleide. Um dos momentos mais alegres na vida da família foi a comemoração das Bodas de Diamante do casal maior. Francisco e Guelfina viveram juntos e felizes, participando da vida de cada um dos filhos, noras, genros, netos e bisnetos, por 61 anos. Seu "Chico" Comelli serviu, durante muitos anos, a coletividade matonense como carroceiro. De seu trabalho calmo e tranqüilo Matão guarda muitas lembranças. Uma tradição que envolveu a família Comelli foi à vocação para a área farmacêutica, tendo em seus filhos verdadeiros abnegados em cuidar da saúde de nossa população. Carolina, uma das filhas, casou-se com Cyro Modé, um dos mais antigos farmacêuticos de nossa cidade; João Antonio e Alder também se profissionalizaram como farmacêuticos que sempre se dedicaram à nossa coletividade, além do filho de Alder, Paulo Francisco, que deu continuidade a esta importante profissão em nossa cidade.

## FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO

Nasceu no Distrito de Bueno de Andrada, município de Araraquara, aos 12 de novembro de 1923. Foi casado com Geni Maria Albano Ribeiro. Do conúbio, tiveram seis filhos: Maria Helena Ribeiro do Nascimento, casada com José Jesus Nascimento; Marta Aparecida Ribeiro; Sílvia Maria Ribeiro Pereira, casada com José Maria Pereira; Erley José Ribeiro, casado com Palmira Helena Moreno Ribeiro; Eliana Aparecida Ribeiro e Adriana Paula Ribeiro. Francisco passou a maior parte de sua vida desenvolvendo suas atividades laborais e sociais no nosso município. Trabalhou algum tempo na zona rural e durante 35 anos como ferroviário da FEPASA. Dentre os muitos méritos que justificam a homenagem de figurar como nome de uma das ruas de nossa cidade, destaca-se o de fundador do Clube Henrique Dias. Faleceu em 13 de maio de 1998, pranteado por familiares, amigos e admiradores.

## FRANCISCO MALZONI

A história da família Malzoni está ligada ao crescimento de nossa cidade. Consta que Francisco Malzoni dirigiu a construção do Hospital de Caridade de Matão, inaugurado em 12 de dezembro de 1937.

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

## FRANCISCO MASTROPIETRO

Oriundo de uma das mais antigas famílias de nossa cidade, Francisco era filho de Vicente Mastropietro e de

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Dona Rosa Taliberti. Francisco teve 11 irmãos: Porcia, Ana, Giacomo, Luiz, Aida, Amleto, Rômolo, Reno, Irene, Armando e Lydia. Francisco Mastropietro foi casado com Dona Iris Bastia.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### FRANCISCO PEDRO ANTONIO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

G

## GARAUD (Padre)

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## GÊNOVA

Gênova é uma cidade e comuna italiana da região da Ligúria, província de Gênova, com cerca de 900.000 habitantes na área metropolitana. Estende-se por uma área de 243 km<sup>2</sup>, tendo uma densidade populacional de 2484 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Arenzano, Bargagli, Bogliasco, Bosio (AL), Campomorone, Ceranesi, Davagna, Masone, Mele, Mignanego, Montoggio, Sant' Olcese, Sassello (SV), Serra Riccò, Sori, Tiglieto, Urbe (SV). Gênova é um importante porto marítimo que rivaliza com a cidade francesa de Marselha na disputa pelo lugar de melhor porto do mar Mediterrâneo e é considerado um centro industrial cujo crescimento econômico e internacionalização data dos séculos XII e XIV. É também capital da província de mesmo nome, e ocupa lugar de destaque no golfo de Gênova. A cidade de Gênova remonta aos Gregos, como o atestam as escavações de um local de enterramento datado do século IV a.C., mas provavelmente o porto terá tido uma utilização mais antiga. A cidade foi destruída pelos Cartagineses em 209 a.C., sendo posteriormente reconstruída pelos Romanos, que a usaram como base durante a guerra que travaram com a Ligúria. No período que medeia a queda do Império Romano (476) e o século XI, pouco se sabe desta cidade. A partir do século XI, Gênova torna-se uma república marítima governada por cônsules. A cidade contribuiu então com o envio de barcos no combate aos corsários sarracenos nas águas territoriais italianas; aliaram-se a Pisa, para expulsar os muçulmanos da Córsega e da Sardenha mas posteriores desentendimentos geraram disputas entre estas duas cidades-estado, ambas importantes. No século XII os genoveses alargaram o seu território e partiram para as cruzadas trazendo para a sua cidade ricos saques. Os mercadores genoveses enriqueceram bastante com o transporte de mercadorias do Médio Oriente como a seda, pedras preciosas e as especiarias, muito apreciadas na Europa por esta altura, levando-os a estabelecer entrepostos comerciais em vários pontos do Mediterrâneo e do mar Egeu, até ao mar Negro. O comércio era facilitado pelo bom relacionamento com o Império Bizantino; contudo, as proveitosas relações comerciais com esta parte do mundo trouxeram graves conflitos com a República de Veneza, a sua rival comercial com a qual Gênova se envolveu numa guerra em meados do XIII, época em que o seu poderio tinha atingido maior amplitude. Gênova esmagou Pisa na Batalha de Meloria, de 1284, e os venezianos foram derrotados em Curzola, em 1299. Panorama de Gênova em 1490. A partir de 1257, Gênova, uma cidade governada por mercadores e banqueiros, aprendeu a lidar com reis e papas, envolvendo-se em conflitos que resultaram em divisões internas. Esta disputa pelo poder gerou grupos rivais que não se inibiram de pedir auxílio a forças externas. A desordem criada era tal que o próprio doge instituído em 1339 não conseguiu superar. Contudo, e apesar deste contexto muito conturbado, a sua pujança manteve-se até 1380, data em que a sua marinha foi derrotada pelos venezianos em Chioggia, ato que precipitou o seu declínio. Córsega foi o seu último reduto, rendendo-se aos franceses em 1468. Nesta Cidade nasceram os Papas: Inocêncio IV, Adriano V, Inocêncio VIII, Bento XV. O doge Andrea Doria restaurou a estabilidade de Gênova com a ajuda do sacro imperador romano em 1528. A cidade era dominada pela França e o Piemonte; no entanto, só perdeu a sua independência em 1797, com a chegada de Napoleão Bonaparte, que integrou Gênova na República da Ligúria, uma província depois absorvida pelo Império Francês em 1805. Dez anos depois Gênova foi integrada no reino da Sardenha. Depois da unificação italiana em 1861, e combinado com um rápido desenvolvimento industrial do norte do país, Gênova galgou a posição de maior porto marítimo da Itália. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...A aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## GERMANO FÉLIX PEREIRA

Nasceu em Limoeiro, estado de Pernambuco, aos 13 de maio de 1920, criando-se no sertão bravo, enfrentando a seca e as dificuldades do nordeste brasileiro. Procurando melhorar de situação, resolveu tentar a sorte no estado de São Paulo, vindo em pau-de-arara até chegar à cidade de Marabá Paulista. Já casado com Dona Josefa Conceição, dessa união nasceram os filhos: Irene, Edite, Rita, Manoel, Iracema, Graciana, Neuza, Daniel, Samuel, Ezequiel, Luzia, Noel de Noemia. Por volta de 1985, resolveu mudar-se para Matão, continuando seu trabalho como lavrador. Germano foi um exemplo de vida em razão de sua luta, de sua humildade, de sua força de vencer os obstáculos e de seu caráter, predicados cultivados durante toda a sua vida e que lhe renderam muitas amizades e respeito, sendo motivo de orgulho para seus filhos, netos e bisnetos. Germano tinha uma frase: "...meus amigos, o mundo é uma escola...", tais palavras sintetizam os pensamentos de Germano Felix Pereira que ajudou a construir um pedaço da história de Matão.

## GERMANO PRIMO PINOTTI

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, Germano era filho de Victorio e de Dona Hermínia, casado com Ana Arruda.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## GIBOTI

(Se você é da família ou a conhece, ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## GILDO NICOLUCCI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## GOIÁS

Goiás: Seu nome vem de *Goiá*, tribo indígena antiga. Para outros, o nome teve origem no tupi, *gwa ya*, cujo significado é "gente semelhante", "indivíduo da mesma raça". Outros vêem o nome em *guaiás*, que significa "nomes de índios". Goiás: indivíduo da lendária tribo de ameríndios que habitava o planalto central do Brasil. No final do século XVI as explorações portuguesas limitaram-se apenas ao litoral. A caça ao índio, a busca por riquezas minerais e a evangelização são os principais responsáveis pela exploração do centro-oeste. O desbravamento inicial da região deve-se aos missionários do norte e aos bandeirantes do sul. Já no século XVII, em função da Catequese empreendida pelos jesuítas na Amazônia, missionários sob a chefia de frei Cristóvão de Lisboa percorrem a área do Tocantins, onde fundam a Missão religiosa em 1625. Mas as origens históricas de Goiás estão diretamente ligadas à corrida do ouro empreendida pelos bandeirantes paulistas em razão da qual o território goiano é esquadrihado ao longo do século XVIII. Os paulistas Bartolomeu Bueno das Silva, filho de Anhangüera, João Leite Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado, em troca da isenção de impostos pela passagem dos rios da região, por três gerações, e outras vantagens, saem de São Paulo em 1722 para descobrir as abundantes lavras de Goiás em 1725. Com o objetivo de novas descobertas, Bartolomeu Bueno retorna ao território goiano em 1726 onde é levantada a primeira povoação goiana, o Arraial da Barra, na confluência dos rios Vermelho e Bugre. As descobertas auríferas se sucedem, próximas à Barra: Santana, origem de Vila Boa (1727), São João Batista (Ferreiro). Ouro fino, Anta, Santa Rita e Tesouras. Na região dos Pireneus e junto ao rio das Almas as minas de Meia Ponte (1731), atual Pirenópolis. As incursões se aprofundam pelo território e a zona do Tocantins é explorada, vindo a ser descoberta as minas mais produtivas de Goiás: Maranhão (1730), Água Quente (1732), Traíras (1735) e Cachoeira (1736). Antes, Domingos Rodrigues do Prado havia descoberto minas quase tão ricas quanto as do Tocantins, em Crixás (1734). Ao final da década de 1730 se descobre jazidas na região montanhosa localizada entre o Tocantins e a Bahia: São Luís (Natividade) em 1734, São Félix (1736), Pontal, Porto Real (1738), Arraias, Cavalcanti (1740) e Pilar. E entre 1740 e 1750, Carmo (1746), Santa

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Luzia, Conceição, Bonfim, Caldas Novas e Cocai (1749). O estado de Goiás possui 232 municípios, distribuídos em 20 microrregiões. Tem a maior taxa de crescimento populacional do país, absorvendo grande contingente de migrantes de outras regiões, atraídos pela expansão das fronteiras agrícolas ou pelos principais centros urbanos do Sul e do Sudeste do Estado, que possui as maiores reservas de níquel e de amianto, sendo o primeiro produtor do país.

## GREGÓRIO PERCHES DE MENEZES

Oriundo de uma das mais antigas famílias que se estabeleceram em nossa cidade, Gregório era filho de Argemiro Perches de Menezes e de Dona Palmira Lanzona. Consta, no livro do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, uma lista dos primeiros 100 casamentos realizados em nossa cidade. Entre os anos de 1897/1898 o décimo segundo da lista é o casamento de Gregório Perches de Menezes com Dona Rosélia Machado.

## GRIMALDO BONINI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## GUARIBA

Guariba é um município do estado de São Paulo. Localiza-se a uma latitude de 21°21'36" Sul e a uma longitude 48°13'42" Oeste, estando a uma altitude de 618 metros. Sua população estimada em 2004 era de 32 200 habitantes. Possui uma área de 270,4 km<sup>2</sup>. Guariba (origem tupi): O nome da cidade se refere à espécie de macacos guariba, que predominavam na região à época da sua fundação, em 1893. A localidade se originou na sesmaria dos Pintos, onde um grupo de fazendeiros de café decidiu dar início a uma povoação. O ato oficial de criação da cidade data de 21 de setembro de 1895, com a inauguração da capela de São Matheus Evangelista, padroeiro da cidade. O bugio (também conhecido por guariba ou barbado) está entre os maiores primatas neotropicais, com comprimento de 30 a 75 centímetros. Sua pelagem varia de tons ruivos, ruivo acastanhados, castanho e castanho escuro. No caso da subespécie *Alouatta guariba clamitans*, os machos são vermelho-alaranjados e as fêmeas e jovens são castanho escuros. Ele é famoso por seu grito, que pode ser ouvido em toda a mata, e pela presença de pêlos mais compridos nos lados da face formando uma espécie de barba. O *Alouatta guariba* é a espécie de bugio que habita a Mata Atlântica, desde o sul da Bahia (subespécie *Alouatta guariba guariba*) até o Rio Grande do Sul, chegando ao norte da Argentina, na região de Misiones (subespécie *Alouatta guariba clamitans*). As duas subespécies constam na lista do Ibama como criticamente em perigo e vulnerável, respectivamente. Assim como a maior parte das pequenas cidades do interior paulista, Guariba passou no final da década de 60 por uma modernização agrária, quando a civilização cafeeira existente na cidade perdeu espaço para a atual civilização da usina. Neste período, houve uma reestruturação espacial tanto em relação ao campo como em relação às cidades. Reestruturação não entendida somente a partir do despovoamento do campo e povoamento das cidades, mas também nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. É a partir dos anos 70 que Guariba recebe intenso número de migrantes para o trabalho no setor sucro-alcooleiro, advindos de Minas Gerais, Paraná e estados nordestinos. A chegada destes trabalhadores separou a cidade entre o centro, onde vivem as famílias mais antigas de Guariba, e a vila (bairro Alto), onde se concentram os "bóias-frias". O bairro Alto, também conhecido como "João-de-Barro" - denominação que chama a atenção para a forma com que as casas foram construídas pelos próprios migrantes, com a "taipa" (lajotas de barro), e não com tijolos e cimento, que é a forma *moderna* e *paulista* de construção das casas -, juntamente com outros bairros como o Jd. Hortência, Jd São Bento e Vila Jordão, constituem uma precária periferia que, na forma de um "U", abraça o centro guaribense, onde se encontram a prefeitura, o Fórum e o comércio da cidade, assim como as casas de classe média. Por ser um espaço diferenciado de todos os outros, é que esta periferia pode ser considerada um campo autônomo, um espaço social marcado pelas relações sociais intra e intergrupos. Para os moradores mais antigos de Guariba, é o bairro em que vivem os "invasores", a gente de maus costumes, violenta e responsável pela desordem existente na cidade, impressões que contribuem para que uma relação preconceituosa entre os "nativos" e os "de fora" torne-se constante entre os guaribenses e os migrantes.

## GUERINO RIBEIRO

Filho de Afonso Ribeiro e de Dona Joana Casara Ribeiro, nasceu em Araraquara no dia 8 de março de 1920. Mudou-se para Matão em 1965. Casou-se com Sebastiana de Lemos Ribeiro, com quem teve 5 filhos, 3 homens e 2 mulheres. Trabalhou em máquina de benefício de café e como empreiteiro na área

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

rural. À partir de 1976, trabalhou como taxista no ponto de táxi da Praça Laurentino Gabriel, na Vila Santa Cruz. Faleceu no dia 20 de fevereiro de 1988, deixando familiares e muitos amigos. Guerino Ribeiro, conhecido como "Gueriniinho", além de ser exemplo de vida, sempre se dedicou ao próximo no sentido de ser prestativo e fazer justiça.

### **GUIDO CARDIM**

Guido Cardim foi filho de Pedro e Santina Gaino, irmão de Ricardo Cardim, casado com Maria Aparecida Cortez.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **GUILHERME FERRANTE**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **GUILHERME PAULIQUE**

Nascido em Santa Adélia, no dia 29 de setembro de 1933, era filho de Duílio Paulique e Felicia Invalde. Na infância, residia em Tabapuã, onde, juntamente com os irmãos Zelinda, Zenaide, Aparecida, Iraci e José, ajudavam os pais na lavoura. Após um ano do falecimento de seu pai e contando dez anos de idade, veio com toda a família residir em Matão, conseguindo seu primeiro emprego na oficina do Sr. Rudgero Baldan. Mais tarde, se transferiu para a Marchesan S/A, onde o trabalho era cortar e transportar toras do mató para a serraria da empresa. Em 11 de janeiro de 1953, conseguiu emprego na Baldan, onde, exercendo a função de ferreiro, trabalhou na forja, no esmeril, no forno de tempero de discos para grade de arados, etc, por um período de 25 anos, até aposentar-se, em 06 de janeiro de 1978. Com seu jeito de ser, conquistou um sem número de amigos e esta popularidade fez com que fosse escolhido pela classe metalúrgica para fazer parte do Sindicato dos Metalúrgicos de Matão, desde sua fundação em junho de 1962, até dezembro de 1979, exercendo, nestes 17 anos, o cargo de Diretor Tesoureiro. Guilherme usufruiu sua aposentadoria até o dia 1º de dezembro de 1987, quando, acometido de uma enfermidade, veio a falecer. A homenagem prestada ao Sr. Guilherme Paulique, cujo nome passou a denominar uma de nossas vias públicas, estende-se a todos os metalúrgicos de nossa cidade que, com o suor de seus rostos, abnegação, profissionalismo e determinação gravaram a história de Matão no mármore eterno de nossas lembranças.

### **GUILHERME PEDRO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# H

## HABIB GABRIEL

Nasceu em São Paulo no dia 22 de fevereiro de 1924, filho de Hassib Gabriel e Helena Garaib Gabriel. Em 1932 veio com a família para Matão, passando a residir na Av. XV de Novembro, nº 1.117. Estudou no Grupo Escolar de Matão, a atual EEPG "José Innocêncio da Costa", onde fez o curso primário. Em seguida, passou a cursar o ginásio no antigo Anglo Latino e, logo após, fez o colegial em Araraquara. No ano de 1942 foi o bibliotecário do Grêmio Literário Ruy Barbosa. Em 1947, aos 23 anos, retornou a São Paulo e montou na Vila Mariana, onde também residiu, um bazar para comercializar presentes e artigos escolares. Ainda em São Paulo, formou-se químico industrial pelo Liceu "Eduardo Prado". Casou-se com Sylvia Rossi em Matão, no dia 12 de fevereiro de 1950, e continuou a trabalhar no bazar em São Paulo, já começando a desenvolver seu aguçado tino comercial. Fascinado pela arte cinematográfica e, em especial, por publicações com histórias em quadrinhos e periódicos, retornou a Matão em 1957 e deu início ao sonho de construir o Cine Yara. Às duras penas e muito trabalho, finalizou o cinema no ano de 1959, luxuosamente decorado com motivos indígenas, constituindo-se numa das principais casas de espetáculo da região. Sua grande capacidade de iniciativa, que o caracterizou por toda a vida como um empreendedor nato, já despontava quando acompanhava as obras no cinema e, ao mesmo tempo, se dedicava ao ramo de construções em geral, tendo edificado várias casas populares na rua que dá acesso para a saída Matão-Dobrada, nas imediações do pontilhão sobre os trilhos da Fepasa, na Vila Guarani. Em 1962, em sociedade com Azor Silveira Leite, Benedito Calari e José Cândido Ferreira, adquiriu o jornal A Comarca, até então pertencente a Augusto Ferreira, e a gráfica impressora do jornal, hoje Indústria Matonense de Artes Gráficas "IMAG" Ltda. Com o passar do tempo, adquiriu as partes de seus sócios e foi o diretor de A Comarca por mais de 30 anos. Responsável pelo gerenciamento financeiro e comercial, foi ao lado do filho Paulo Sérgio Gabriel o grande responsável pelo desenvolvimento da empresa, tanto na definição da linha editorial do jornal quanto na modernização do maquinário gráfico. Em meados dos anos 80, enveredou pelo ramo das confecções ao montar a ICEL - Indústria de Artigos Esportivos, da qual se desfez logo em seguida. Mas dando continuidade à sua capacidade de realizar, voltou a atenção para o setor de construções e instituiu a HG-Planejamento e Construções Ltda, que edificou os Conjuntos Habitacionais "José Garaib" e "Hassib Gabriel", no Bairro Alto. Além das atividades profissionais, sempre desenvolveu trabalhos assistenciais e pertenceu ao Lions Clube de Matão, chegando a ocupar vários cargos na diretoria da entidade sendo presidente em duas oportunidades (67/68 e 79/80), presidente de divisão e vice-governador do então distrito L-5, hoje L-17. Também foi presidente da Festa do Padroeiro Senhor Bom Jesus de Matão, pertenceu à diretoria da APAE e foi vice-presidente do Estoril Tênis Clube, arcando sozinho com as despesas da equipe em seu último ano de atividade. No ano de 1965, integrou o conselho deliberativo do CEMIC e no ano de 1970 foi o tesoureiro da Guarda-Mirim. Habib Gabriel faleceu aos 69 anos de idade, no dia 17 de novembro de 1993, no Hospital Carlos Fernando Malzoni. Ao conhecermos sua intensa atividade profissional, caracterizada pela personificação da imagem de um autêntico empreendedor, temos a real dimensão de sua grandeza como ser humano. Na verdade, Habib Gabriel deixou como legado o seu caráter correto, a dignidade de suas atitudes, a bondade estampada em seus gestos e a intacta hombridade que o fizeram, acima de tudo, um ser humano muito especial. Eis a nossa missão: não deixar que a história de personagens como Habib Gabriel se apague; ele que contribuiu tanto, contando as histórias de nossa Matão de ontem, teve sua trajetória eternizada, figurando em uma das vias públicas de nossa cidade que muito deve à família Gabriel pela sua coragem, determinação, idealismo profissional e pelos exemplos que sempre nortearam seus descendentes.

## HAMILTON BASTIA

Hamilton José Barbosa, Natural de Matão, nascido em 29 de dezembro de 1920. Falecido em 27 de dezembro de 1967. Filho de Djalma Bastia e de Dona Auta Mariano Alves, antigos comerciantes que aqui se instalaram. Deixou seis filhos. De família tradicional desta cidade, foi funcionário público estadual da casa da layoura, atual casa da agricultura, trabalhando anteriormente na IBEC e também como alfaiate. Muito querido na cidade, era presença constante nos eventos sociais de Matão e um amante do esporte. Em 1945 integrava equipe no campeonato amador de nossa cidade.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **HENRIQUE CORREIA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **HENRIQUE FURINI**

Nasceu em 29 de abril de 1915. Natural de Dobrada, no sítio Três Pontes, onde trabalhou na lavoura com seus pais e irmãos. Casou-se em 1936 com Ermelinda Gasparini Furini, vivendo com a mesma durante 60 anos, até a viuvez em 1996. Desse casamento nasceram: Alzira Furini Geraldo, Zaíra Furini Pinotti e José Osvaldo Furini, aliás, todos eles são naturais do mesmo sítio e da mesma casa em que "Riquinho" passou sua vida até os 33 anos de idade. Em 1949 mudou-se para terras bem próximas à cidade, num pequeno sítio. Em 1954 tornou-se morador da Vila Santa Cruz, onde permaneceu até sua morte. Dona Ermelinda fazia doces e "Seu Henrique" vendia-os numa cesta, de charrete. E, com o sucesso do produto, a pequena cozinha transformou-se numa fábrica de doces que abastecia várias cidades da região. Após algumas decepções com o negócio, tornou-se taxista. Não se tratava de um táxi comum, era uma bela perua vermelha e branca e, não havia quem não o reconhecesse! Cuidava do veículo como uma pérola, transportava famílias,romeiros, estudantes, times de futebol, grupos musicais, trabalhadores. Era cuidadoso. Nunca envolveu seus passageiros em acidentes e se orgulhava de não ter nenhuma multa na carteira. Ao final da tarde dos sábados, era comum encontra-lo, juntamente com a esposa, levando flores no túmulo do filho, precocemente falecido. Aos domingos, compromisso sagrado, missa da sete da manhã na Matriz do Bom Jesus e a sagrada comunhão (Pe. Amador foi amparo e consolo durante os anos de doença). Gostava de uma bela e quentinha sopa de capeleti acompanhada de vinho. Nos inícios e finais dos dias, cuidava da horta, do jardim (plantas e gramado), "para evitar os ninhos de formigas", com uma vasilha cheia de massa de cimento. Com a chegada da idade, com muito custo e insistência dos familiares, vendeu a querida companheira de trabalho e comprou um fusca "cerquinha", "para ir à missa e ao cemitério". Divertia-se com os velhos amigos na Praça da Santa Cruz, participando assiduamente dos jogos da Matonense, assistindo os do Palmeiras (suas paixões esportivas) e ouvindo a Rádio Notícias. Dona Ermelinda adoeceu e longamente o "Riquinho" fez-lhe companhia. Sofreu com suas internações e dores. Após a morte da esposa, desanimou e entristeceu. Como havia ficado só, na casa que havia sido do casal, não aceitou morar com ninguém. A família se revezava em cuidados, especialmente as filhas e a nora, Maria Antonia. Adoeceu e ficou acamado por vários meses. Italiano de sangue quente, mas de coração "mole", transformou-se num chorão, principalmente quando as pessoas mais queridas iam visitá-lo. Faleceu após longa agonia e como queria: em sua casa, num começo de noite de uma terça-feira de fevereiro, acompanhado de familiares e vizinhos amigos. A Vila Santa Cruz nunca mais foi a mesma. Os jogos da Matonense nunca mais foram os mesmos nem os coações de seus familiares e amigos. Quanta saudade! Mesmo os bisnetos que não o conheceram em vida, sabem de suas histórias pitorescas e convivem com fotos e objetos que a família, especialmente os netos José Henrique e José Eduardo, guardam e cuidam com carinho. A presença do "Vô Furini" sempre será cultivada, pois quem é amado não morre, apenas "muda de endereço".

## **HERALDO PERACINI**

De família tradicional de nossa cidade, sempre trabalhou em prol da nossa comunidade. Amou Matão como ninguém e acompanhou passo a passo o seu desenvolvimento, vibrando a cada obra erguida, a cada passo dado rumo ao progresso. Por essas razões, foi homenageado e emprestou o seu nome para figurar numa das ruas de nossa cidade.

## **HÉRCULES BONONI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **HERMELINDA GASPARINI FURINI**

Dona Hermelinda, ou "Vó Hermelinda", assim a chamavam os muitos amigos e conhecidos, filhos, netos e bisnetos. Defensora da família foi casada com Henrique Furini, união que aconteceu em Dobrada, em 07 de novembro de 1936, vivendo com ele por mais de 60 anos. Mulher firme e de muita fé e oração, passou por revezes dolorosos em sua vida, principalmente a perda precoce do filho mais novo, José Osvaldo e, para o qual, todos os sábados, enquanto pôde, juntava margaridas, palmas e rosas para enfeitar a sepultura. Mulher do trabalho teve sua fama espalhada pela região quando provavam os doces da fábrica da família, especialmente a saborosa paçoca. Foi ainda proprietária de uma pequena loja de tecidos e confecções e, por mais de 20 anos atendeu aos muitos clientes e amigos da Vila Santa Cruz. Mulher da solidariedade,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Muito colaborou com as festas e quermesses da antiga barraca da Capela da Santa Cruz e da construção do Educandário Santo Antonio. Mulher da paz, sempre tinha palavras de esperança e consolo mesmo nos momentos mais tensos e difíceis. Mulher das lágrimas, buscava conforto para suas saudades com o feço nas mãos e os olhos marejados. Mulher das dores conviveu com longa e difícil enfermidade, experimentando em sua carne a morte que se aproximava aos poucos e lhe ia arrancando pedaços do próprio corpo e as forças para o dia-a-dia. Vó Hermelinda, aquela que fazia a melhor torta de banana do mundo! Que todo o sábado preparava o bolo e pudim de leite, esperando os netos e as filhas que vinham visita-la; que, aos domingos, pontualmente às 11 horas, tinha o almoço posto à mesa e, onde, delicadamente havia sempre um prato a mais para quem eventualmente chegasse, sentindo-se acolhido. Uma matonense de coração. Viveu no mesmo endereço por mais de 40 anos: Rua Rui Barbosa, 1661 (Vila Santa Cruz). Mulher que gerou vida: Alzira, casada com Waldemar, Zaira, casada com José e José Osvaldo casado com Maria Antonia. Esses geraram mais vidas: Marlene, casada com Reinaldo, de onde nasceram Héloisa, Reinaldinho e Luiz Paulo; José Domingos, casado com Débora e pais de Felipe; Marco, casado com Cristiane, Fátima e Zezé (filho), casado com Suzana e pais de João Pedro e Maria Júlia; José Henrique, casado com Ana Lúcia e pais de Gabriel e Ana Luiza; José Eduardo, casado com Adriana e pais de Mariana, Marina e Marília; Josiane, José Osvaldo (Júnior), casado com Ewelli; José Ricardo, pai de Raquel e casado com Ana Cristina, pais de João Guilherme. Além das netas Naiara, Ana Rita e Mariângela. Vidas que geram vidas e, mesmo para as novas gerações, seus exemplos e suas lembranças são claras porque "... só se tem saudade do que é bom, se chorei foi porque amei... (Diácono Nelsinho Correa). E isso vai construindo, com que por retalhos, a história de cada um de nós, de nossa família e da nossa cidade. Tal exemplo de dedicação à família, aos amigos e à comunidade, não poderia passar em brancas nuvens. Dona Hermelinda dignificou sua trajetória, pintando sua história com cores exemplares, fortes e inapagáveis. Deu-nos uma família numerosa, tal qual seus inúmeros exemplos dentro da história de Matão. A história de um povo, a trajetória de uma comunidade, o exemplo de vida de uma nação se faz com pessoas. Elas escrevem, dia a dia, as páginas que nunca mais serão apagadas. Nossa estada é muito curta aqui. Se tivermos a dignidade de semear amor, colheremos a gratidão e o respeito de nossos familiares e amigos; não só daqueles que tiveram o privilégio de nossa convivência, mas de toda uma geração. Essa história, a de Dona Hermelinda, que começou décadas atrás, não pode ser uma página virada, pelo contrário, deve ser a capa emoldurada de todas as nossas aspirações. Ao viver entre nós, ela escreveu a Matão de ontem, projetou a Matão de hoje e, através dos seus inúmeros descendentes, relegou a história que ainda alguém escreverá no amanhã. Novamente, nos sentimos gratificados por sermos agentes da multiplicação de exemplos semelhantes ao de Dona Hermelinda, a qual, infelizmente, não tivemos o prazer de conhecer. É por causa de histórias assim que resolvemos abrir nossos horizontes. A saga da família Gasparini não pode, jamais, ficar relegada no aconchego de seus familiares e inúmeros amigos, pelo contrário, ela deve ser multiplicada, invadir as ruas e enaltecer várias outras figuras que, como a Vó Hermelinda, com sua bondade, adoçaram e embalsamaram os sonhos e aspirações de uma pequena cidade do interior, onde, mais do que nunca, possui um coração imensurável de exemplos dignos, de cidadãos honoráveis, e são tais exemplos, tais histórias que queremos contar para as futuras gerações que ainda virão. O nome de Hermelinda ostenta uma via pública de nossa cidade, prova indelével de que o concreto sozinho não é nada, é frio, impessoal e obra morta. Ao contrário das pessoas que vêm e vão, elas dignificam sua presença no tempo em que vivem e encorajam seus sucessores no tempo do porvir. Elas vão, mas seus exemplos não são apagados jamais.

## HUMBERTO BESSI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## HUMBERTO PAIOLA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## IBITINGA

Ibitinga origem tupi-guarani: A palavra significa ibi= terra + tinga= branca, terra branca, por causa do solo claro da região. O povoamento iniciou-se no final do século passado, por volta de 1880. Ganhou status de município em 04 de julho de 1890. Quem nasce no município é denominado de ibitinguense. As datas mais importantes do município são: 04 de julho (aniversário) e 06 de agosto (dia do Senhor Bom Jesus, Santo Padroeiro). Em 1842, aconteceu em Minas Gerais a Revolução Liberal, rebelião que foi controlada pelas forças Imperiais, mas os fatos forçaram muitas famílias a procurarem novas terras. Esta é uma das teorias para explicar a migração para o interior paulista; outros historiadores acreditam que a decadência da mineração do ouro seja o motivo. Foi no final do mesmo que as famílias mineiras, Landim e de Pedro Alves de Oliveira o Velho Amaro, chegaram à região de Campos de Araraquara, de onde os Amaro partiram para o norte e fundaram a cidade de Boa Vista das Pedras, mais tarde conhecida como Itápolis. Os Landim rumaram para o sul e se estabeleceram na cachoeira de *Wamicanga*, povoado que foi quase dizimado pela febre palustre e por ataques indígenas. Partiram então, em direção ao nordeste até chegarem na confluência dos córregos Saltinho e São Joaquim, terra que foi dividida entre o clã, para que fosse mais bem cultivada. A Miguel Landim coube a região entre o Córrego São Joaquim e o Córrego Água Quente, onde foi formado o povoado da Capela da Água Quente, cujo provável ano da fundação é 1860. No dia 3 de outubro de 1870, Miguel Landim e sua esposa Ana Custódio de Jesus, doaram à Mitra Diocesana o patrimônio onde se formou a Vila de Ibitinga. Em 1885, por Lei provincial de número 105, Ibitinga foi elevada à categoria de Distrito de Páz e em 4 de julho de 1890, por força da Lei de número 66, assinada pelo então governador, Prudente de Moraes Barros, teve a sua emancipação político-administrativa. O município tem uma área de 696 km<sup>2</sup> e possui o Distrito de Cambaratiba que é motivo de orgulho para a cidade. Está localizado no Centro Geográfico do Estado - Vale do Médio Tietê, a 360 km da Capital - São Paulo. Os recursos naturais são abundantes tem área de rara beleza, sendo banhada pelos rios Tietê, Jacaré-Pepira, Jacaré-Guaçu, São Lourenço, São João, Ribeirão dos Porcos. Assim, o município se destaca também em seu sistema fluvial. O rio Tietê conserva suas águas despolidas e abriga a Usina Hidrelétrica de Ibitinga, que através do canal da eclusa, integra a importante Hidrovia Tietê-Paraná. O Gasoduto Brasil-Bolívia também passa por aqui. O Jacaré-Pepira detém o título do rio mais limpo e preservado do nosso Estado. Nele está localizado o Pantaninho – a única reserva pantanosa com similaridade impar, tanto na fauna quanto na flora ao Pantanal Mato-grossense. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população está estimada em 46.620 habitantes Elevada a freguesia em 1885 e a categoria de Vila no dia 4 de julho de 1890. Passou à comarca no dia 5 de março de 1923. O município está localizado às margens do Rio Tietê. O padroeiro da cidade é o Senhor Bom Jesus de Ibitinga, sua imagem foi trazida do forte de Itapura pelo Fundador da cidade Miguel Ladim, como pagamento de uma promessa. A Matriz foi inaugurada a 20 de janeiro de 1914, onde se encontra a imagem do Senhor Bom Jesus. Em 1987, o município tornou-se Área de Proteção Ambiental. Em 1992, de acordo com a Lei nº 8.199, o município foi elevado a Estância Turística.

## ILDA TAVARES DA COSTA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## IRENE BRANDES

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ÍRIS BELODI

Oriundo de uma das mais antigas famílias que se instalaram em Matão, Iris foi filho de Giuseppe Bellodi e de Dona Lucia Dalmiglio. Foi casado com Leonor Garaib (Geni).  
(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ISAÍAS SIMÃO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ÍTALO FERREIRA

Oriundo de uma das famílias mais antigas de Matão, Ítalo foi filho de Francisco Ferreira e de Dona Conceição dos Santos. Foi casado com Trindade Ferreira. Ítalo Ferreira foi Prefeito de Matão de 31 de dezembro de 1946 a 15 de abril de 1947. Em sua administração, em 10 de fevereiro de 1947, criava-se o Ginásio Estadual de Matão. Ítalo ainda fez parte da história da imprensa matonense quando, juntamente com seu irmão, Augusto Ferreira, fundaram o jornal "A Comarca", semanário que nasceu em 04 de janeiro de 1925 sendo dirigido pelos irmãos até setembro de 1962. Pelo dinamismo e determinação, seu irmão foi considerado o paladino da imprensa matonense o arauto do nosso progresso, mantendo acesa a chama da operosidade matonense e conclamando sem parar as forças latentes do povo, para uma Matão sempre maior! No ano de 1977, a Revista de "A Comarca" publicou reportagem assinada por Januário Groppa, intitulada "A Comarca, símbolo de vanguarda", relatando a história de fundação do jornal e reafirmando a posição de Ítalo Ferreira como o patriarca da imprensa de nossa cidade, a quem Matão muito devia. Naquela época, já circulava o jornal "O Clarim" e Ítalo lançou o primeiro jornal, cujo título era "A Semana", periódico de curta duração, à vista das sérias dificuldades técnico-financeiras da época, quando 25 bananas custavam um tostão, ou seja, cem réis em moeda corrente do país. Insatisfeito com o ocorrido, o indomável Ítalo Ferreira, nascido jornalista, tentou o lançamento dum jornal diário denominado "A Palavra", que teve por curiosidade histórica, apenas um dia de vida, com a soltura do primeiro e último número, quais razões valeriam honestamente uma narrativa de Humberto de Campos ou Graciliano Ramos, e que, com o perdão de ambos relataremos em síntese, o porque de um só dia de vida de "A Palavra", que os sonhos jovens e audazes de Ítalo Ferreira pretendiam fosse o jornal diário da escassa população encasulada na Vila do Senhor Bom Jesus de Matão, ainda vagindo como criança de cueiro. Januário comenta que o nascimento e a morte do jornal se deu porque Ítalo fez publicar violenta nota contra o famigerado Tenente Galinha, mandante da Polícia de Capturas que varria os sertões em busca de ladrões de animais, cometendo barbaridades sem precedentes, mesmo contra aqueles que não deviam. O Coronel Leão Pio de Freitas, então Prefeito de Matão, pediu a Ítalo que não escrevesse mais nada contra o perigoso e oficialmente autorizado Tenente Galinha, pois isto poderia custar-lhe a vida! Em resposta, o intemerato jornalista disse: Coronel. Se me é tolhida a liberdade de dizer aquilo que sinto em defesa do direito e da justiça em favor dos inocentes, declaro "A Palavra" encerrada para sempre. Depois, determinado como nunca, lançou, na cidade de Dobrada "O Município", periódico que teve alguma duração nos tempos apavorantes das eleições realizadas "a bico de pena". Neste período, Ítalo foi um incansável militante pela criação da Comarca de Matão, ao lado dos Deputados Estaduais Dr. Hilário Freire e Dr. Caio Simões, luta que esbarrava no poderio político de Araraquara nas mãos do Dr. Bento de Abreu Sampaio Vidal. A grandeza de Ítalo Ferreira se descortina a cada pesquisa. Sua trajetória e determinação representam um povo que nunca se deixou abater diante das dificuldades, sempre procurando mais, sempre avançando e conquistando nossa identidade como povo laborioso, ordeiro e trabalhador.

## ÍTALO MODÉ

Oriundo de uma das mais antigas famílias matonenses, Ítalo Modé foi casado com Dona Ítala Roque, com quem teve os filhos: Anselmo, Roque, Inês, Cyro Virgíneo, Sílvio Armando, Olívio Germano, Ivo Augusto e Zoraide.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ITÁPOLIS

Itápolis é a palavra híbrida formada por: Ita –pedra do Tupi-Guarani e Polis – cidade em Grego, significando assim "Cidades das Pedras". Itápolis - Espírito Santo do Córrego das Pedras em 1871; Boa Vista das Pedras em 1891; Pedras em 1906 e Itápolis em 1910 (Lei nº 1234 de 22 de dezembro de 1910).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Foi Curato em 1871; Freguesia em 1886; Município em 1891; Termo a 1892; Delegacia de 3ª Classe em 1910, quando Pedras, passou a se chamar Itápolis e quando a Comarca foi instalada. Seu território é conhecido desde 1723, quando por lá chegou uma bandeira à procura de ouro. Um de seus fundadores é Pedro Alves de Oliveira, que ergueu a capela de pedras, primitivo nome de Itápolis (cidade da pedra). Virou município em 13 de junho de 1891. A cidade está colocada dentro e a leste da fazenda Boa Vista do São Lourenço que tem área de 11.105 alqueires e 96 centésimos de terra. Confronta-se ao lado com as fazendas da Roseira e Água Quente; a Leste com as fazendas Barra dos Marianos, Grama e Tijuco Preto; ao Norte com as fazendas da Cachoeira e Cachoeirinha, ou São Francisco; e a Oeste com as fazendas do Ribeirão dos Porcos e Roseira. A qualidade da terra é variada destacando-se a vermelha arenosa e a branca arenosa. Seu território é aproveitado em pastagens e plantações de cana, café, algodão, fumo, cereais e frutas. Suas matas são ricas em: madeira de lei, peroba, canela, aroeira, e o bálsamo. Fundada por Pedro Alves de Oliveira em 20 de outubro de 1862, natural de São Simão. A luta pela posse da Comarca entre esta cidade e Ibitinga foi de 1892 a 1910, trazendo grande animosidade entre os dois povos. Em 1911 havia cinco distritos - o da sede, São João da Estiva (Novo Horizonte), Campo Alegre (Itajobi), Fugidos (Borborema) e Nova América, que foi criada em 1910 pela Lei nº 122-8, promulgada pelo governador do Estado Albuquerque Lins. O Distrito de Tapinas foi criado em pela Lei nº 2213. Em 1842, Miguel Landim e Pedro Alves de Oliveira e suas famílias aqui ficaram estabelecendo-se no Ribeirão dos Porcos. Em 1856, conforme escritura lavrada no Cartório da então Vila de Araraquara, Comarca de Mogi-Mirim, os proprietários da Fazenda venderam-na ao Alferes Pedro Alves de Oliveira. Foi erguida a Capela Velha do Espírito Santo do Ribeirão dos Porcos e a fazenda mudou de nome para Boa Vista do São Lourenço. Em 20 de outubro de 1862 estava fundada a cidade de Itápolis, por Alferes Pedro Alves de Oliveira que ergueu o povoado Espírito Santo do Córrego das Pedras. Miguel Landim e os seus, seguiram em frente até encontrar o lugar desejado onde ergueu o povoado que originou a cidade de Ibitinga. Este município, que faz divisa com Matão, tem seu nome numa das vias públicas de nossa cidade.

## IVO DALL' ÁCQUA

Nasceu em 30 de setembro de 1914, no Horto Florestal em Bueno de Andrade, Distrito de Araraquara. Foi filho de Attilio Dall'Acqua e Ângela Modolo Dall'Acqua e, com mais quinze irmãos, completava a família desses imigrantes italianos. Viveu grande parte de sua vida na vizinha cidade de Itápolis, onde trabalhou como padeiro, exercendo também a função de sacristão junto à igreja católica daquela localidade. Casou-se com Rosa Leite Dall'Acqua em 1939 e desta união, nasceram sete filhos. Em 1947, com o objetivo de dar melhores condições de vida aos seus, veio para Matão, onde foi recebido com carinho e muito calor humano pelo povo da cidade. Com a sua humildade característica, não foi difícil angariar um sem número de amizades e, durante o período que viveu entre nós, umas três décadas, distribuiu muito amor, carinho e amizade fraterna. Logo que chegou a Matão foi trabalhar como porteiro do Cine Polyteama, onde se aposentou por invalidez, portador que era do mal de chagas. Passou então a exercer profissão de autônomo, vendendo carnês, bilhetes de loteria, revistas e jornais, percorrendo as ruas da cidade. Foi um dos pioneiros em Matão no ramo de banca de revistas e jornais, chamada Vamos Ler. Não era matonense de nascimento, mas pelo coração e por sua opção, amava esta cidade como se aqui tivesse nascido e ficava deslumbrado com o desenvolvimento e crescimento que naquela época já se fazia sentir em todos os limites de Matão. Com o seu trabalho e seus exemplos de honestidade, de amor ao próximo e de religiosidade na fé católica, seguidor que era da palavra de Deus, procurou criar seus filhos com ensinamentos e exemplos necessários para que todos eles levassem uma vida digna e honrada. Com a doença já num processo adiantado, precisou parar de trabalhar e, no dia 05 de agosto de 1979, veio a falecer, deixando para todos uma saudade imensa. Sua trajetória e exemplo de vida não ficaram esquecidos, pois seu nome hoje ostenta uma das ruas de nossa cidade, forma viva de perpetuar as figuras que, como Ivo, elevaram o nome de nossa terra, estendendo este gesto a todos aqueles que atuaram na área de informação em nossa cidade, propulsores do conhecimento e das notícias recebidas pelos matonenses da época.

## IVO GRANATA

Um dos mais antigos sorveteiros de ruas de Matão.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **IZIDORO ADAIL BOTTESINI**

Izidoro foi um grande desportista. Em 1945 participou, juntamente com outros atletas, do Campeonato Amador de Futebol.

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

J

## JABOTICABAL

Jaboticabal, palavra de origem portuguesa: A fertilidade de suas terras começou a atrair desbravadores por volta de 1820. Ao redor da capela de sua padroeira, Nossa Senhora do Carmo, o povoado se desenvolveu até a emancipação, em 16 de julho de 1828. Em praticamente todos os estados brasileiros existem cidades cujos nomes derivam de frutas. A origem do nome de Jaboticabal é um bosque de jaboticabeiras nativas que existia dentro do primeiro perímetro demarcado. Jaboticabal significa, portanto, bosque de jaboticabeiras. A origem da palavra jaboticaba é indígena (tupi): "iaouti kaua", fruta de que se alimenta o jabuti. A palavra tem diversas variações: jaboticaba, jabuticaba, jabaticaba, jabotecaba e jabuticava. A grafia tradicional do nome da cidade, que sempre foi Jaboticabal, ganhou caráter oficial por lei municipal de 1960. A exemplo de Jaboticabal, várias outras cidades brasileiras têm nomes derivados de frutas. Aracaju significa "cajueiro dos papagaios". Araçatuba, Terra dos Araçás (nome dado em virtude da abundância de uma planta chamada Araçá, que produz um fruto de sabor adocicado que era abundante naquelas terras); Bananal (SP), Barra dos Coqueiros (SE), Buriti dos Lopes (PI), Butiá (RS), Cajamar (a cidade nasceu a partir da frase indígena "caí a mar", que quer dizer "fruto colorido e manchado", inspirado no fruto do araçazeiro, uma árvore abundante naquelas terras), Coqueiral (MG), Coqueiro Baixo (RS), Coqueiro Seco (AL), Coqueiros do Sul (RS), Frutal (MG), Laranjal Paulista (SP), Laranjeiras do Sul (PR), Limeira (SP), Nova Araçá (RS), Pitangueiras (SP), Sapucaia do Sul (RS), e Taiúva (SP), cujo nome vem de amoreiras brancas, chamadas, popularmente de taiúva. O fundador da cidade chamava-se João Pinto Ferreira, um imigrante português que nasceu por volta de 1778, na Freguesia de Santo Estevão de Regadas, região de Bastos. Em 1816, Pinto Ferreira compra de João Rodrigues de Lima um grande latifúndio chamado fazenda Cachoeira, rebatizada de fazenda Pintos. As terras da fazenda Pintos vão sendo povoadas pelos descendentes do casal João Pinto Ferreira e Joana Eufrosina de Jesus, pelas famílias de agregados e por novos habitantes, que compram partes das terras da fazenda chamada então de Ribeirão da Cachoeira, aquelas paragens ficavam a doze léguas (66,6 km) do povoado mais próximo, São Bento de Araraquara. Pela distância e pelas dificuldades de comunicação, Pinto Ferreira decide fundar uma povoação dentro de suas terras. Em 1828, ele demarca uma gleba de terra, doada à Nossa Senhora do Carmo, e à margem direita do córrego Jaboticabal ergue uma rústica capela, coberta com folhas de palmeira. Em 1848, Jaboticabal é elevada a distrito de Paz; em 1857, a Freguesia; e em 1867, apenas 39 anos após sua fundação, Jaboticabal ganha o status de vila, desmembrando-se de Araraquara. Nesse mesmo ano de 1867, em 7 de outubro, morre o fundador João Pinto Ferreira, sepultado no antigo cemitério, hoje praça 9 de Julho. Naquela época a cidade idealizada pelo imigrante português já tinha quase cinco mil habitantes, estendendo seus limites até os rios Mogi-Guaçu, Grande, Tietê e Paraná – abrangia, então, regiões que hoje integram os territórios de São José do Rio Preto, Jales, Fernandópolis, Votuporanga, Araçatuba, Barretos, Catanduva e Novo Horizonte. Torna-se cidade em 6 de outubro de 1894. O grande desenvolvimento de Jaboticabal, na segunda metade do Século XIX, está diretamente ligado ao avanço da cafeicultura no oeste paulista e à chegada da ferrovia e dos imigrantes. A população, de 5.269 habitantes em 1872, salta para 26.224 moradores em 1886. Nas três primeiras décadas do Século 20, Jaboticabal foi um importante centro regional, com indústrias de alimentação, cerâmicas, fábricas de louças e olarias. Com a crise de 1929, desencadeada pela quebra da Bolsa de Nova York, e a decadência da cafeicultura, Jaboticabal experimenta duas décadas de estagnação econômica. Somente a partir dos anos 50 a cidade conhece uma nova fase de reativação da economia, com a expansão da cana e a produção de açúcar e álcool, produtos que ainda hoje são o motor da economia local. Reduto da Unesp, Jaboticabal é sede de um dos campi da Unesp- Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". Criada em 1966, a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) oferece cinco cursos de graduação (Administração, Agronomia, Ciências Biológicas, Medicina Veterinária e Zootecnia), dez programas em nível de pós-graduação, mestrado e doutorado, além do Curso Profissionalizante de Técnico em Agropecuária (equivalente ao 2º Grau) e Ensino Médio. A faculdade está instalada numa fazenda de 844 hectares de solo fértil, com dezenas de laboratórios, biblioteca, quatro anfiteatros e instalações para a criação de bovinos, suínos, caprinos, equinos, aves, búfalos, coelhos, abelhas e bichos-da-seda, além de animais aquáticos. No campus encontra-se também o Centro de Aqüicultura da Unesp (Caunesp), unidade complementar que desenvolve programas de pesquisa, extensão e de ensino de pós-graduação em aqüicultura de águas interiores (peixes, rãs, camarões e jacarés). A estrutura do campus inclui ainda centro de convenções, estação agroclimatológica, praça de esportes com ginásio coberto, piscina e campo de futebol e atendimento médico gratuito. Localizada a 54 km de Ribeirão Preto, Jaboticabal tem 708,6 km<sup>2</sup> de área, abrangendo também os distritos de Lusitânia e Córrego Rico. A população é de 67.389 habitantes. Situada

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

na bacia hidrográfica do rio Mogi-Guaçu, Jaboticabal faz divisas com Pitangueiras (norte), Taiúva (noroeste), Monte Alto (oeste), Taquaritinga (sudoeste), Guariba (sul), Pradópolis, Barrinha e Sertãozinho (leste). A economia, da base agrícola, tem como destaques a Coplana, cooperativa que possui o maior armazém do mundo para amendoim em big-bag (37,5 mil toneladas), e as usinas São Carlos e Santa Adélia. O setor de cerâmicas é expressivo – a maior empresa é a Stéfani. Jaboticabal possui ainda indústrias como a Basilar (massas) e a Jaboti (refrigerantes).

## **JAIME RODRIGUES COELHO**

Nasceu em Guaranésia, Minas Gerais, em 04 de julho de 1928. Casou-se em Muzambinho, Minas Gerais, em 11 de setembro de 1954, com a Senhora Geralda Romano Coelho, e dessa união nasceram os filhos: Jaci, Daniel, Amauri, Dimas, Jesuína, Alaíde e José Carlos, sendo suas noras Aparecida, Sílvia e Joselene e seus genros Antonio Alves e Viterlei Galhati. Veio para Matão na década de 80, e a adotou como se fosse a sua terra natal. De origem humilde, trouxe sempre consigo o firme propósito de batalhar para o sustento da família e, acima de tudo, para proporcionar aos seus filhos uma vida digna e honrada. Em 13 de junho de 1987, empregou-se na Prefeitura Municipal, prestando serviços no Ginásio de Esportes. Seu Jaime era muito bem quisto dentre seus companheiros de trabalho, sempre prestativo e pronto para executar o seu serviço, constituindo por estas razões, no seio do funcionalismo, um exemplo de seriedade no serviço público municipal. Aposentou-se em 13 de junho de 1995. Faleceu deixando para trás uma vida de bons exemplos e de dignidade, seguidos à risca por seus filhos, filhas, genros e noras.

## **JANDYRA PEREIRA CORREA SILVA**

Nascida em Matão no dia 16 de fevereiro de 1900, era filha de Ottoni Correa e Colleta Pereira de Almeida. Ottoni Correa, araraquarense, abriu a fazenda Pau D'Alho, aqui em Matão, onde passou a residir com sua família. Perto da sede ficava a estrada de ferro e sua estação Pimenta Bueno. Jandira era casada com Pedro Altenfelder Cintra Silva, filho de Christiano Godofredo Altenfelder Silva e Francisca da Silveira Cintra Silva, fazendeiros em Matão, donos da fazenda Santa Maria. Jandira e Pedro tiveram duas filhas: Maria de Lourdes, casada com Paulo Marcondes Ciarlo, ex-diretor da Escola Professor Henrique Morato e Maria Alice, casada com Rubens Travitzky, residentes em Marília. Jandira amava muito à sua cidade, e contava um grande repertório de casos sobre pessoas da Matão antiga e admirava a nova Matão, pelo seu belo traçado, largas avenidas, sua bela arborização, jardins e indústrias. Queria ser enterrada aqui. Por isso, foi providenciado o traslado de seu esposo Pedro, do cemitério da Consolação, em São Paulo, para o ossário da Matriz do Senhor Bom Jesus. Jandira faleceu no dia 06 de fevereiro de 1995, aos 95 anos de idade, deixando nove netos e dezessete bisnetos.

## **JANUÁRIO FRANCISCO DE SOUZA**

Nasceu em 08 de novembro de 1937, na cidade de São João de Paraíso, Minas Gerais. Mudou-se para Matão no ano de 1984. Casou-se com a Senhora Palmira Janarde de Souza, com quem teve os seguintes filhos: Elizabete, Neusa, Creúza, Jucelino, Pedro, Maria José, Paulo, Elizete, Ademir, Luiz, José Roberto, Terezinha, Elias e Célia. Seus filhos lhe deram 25 netos. Januário trabalhou na Citrosuco Agrícola, na Terceira, onde exerceu o cargo de tratorista, na Fazenda Bonanza, onde exerceu o cargo de serviços gerais, na Solmo Empreiteira de Obras, onde atuou como pedreiro da construção civil. Com o seu falecimento em 02 de fevereiro de 2004, todos perderam um pouco da alegria e do entusiasmo que sempre o acompanhava, com certeza na lembrança e no coração da esposa Palmira, dos filhos, netos e amigos, exemplo de vida a ser seguido por todos que o conheceram.

## **JARCYRO ROSA**

Filho de José Alexandre Rosa e Guilhermina Francisco dos Santos, nasceu em 02 de fevereiro de 1933, na cidade de Brazópolis, Minas Gerais. Foi casado, em primeiras núpcias, em 28 de janeiro de 1956, com Maria José dos Santos, na cidade de Mirador, estado do Paraná, com a qual teve dois filhos: Aparecido dos Santos e Rilda Fátima Rosa. Casou-se pela segunda vez, em 05 de maio de 1984, na cidade de Mairinque, com Regina Isidora Ramos Rosa. Nascido em Minas Gerais, logo cedo se mudou com a família para o estado do Paraná, na cidade de Andirá, onde trabalhou como lavrador e participou de todos os movimentos sociais e religiosos da comunidade. Em 1954, ele foi para a cidade de Mirador, tendo permanecido por pouco tempo, retornando a Andirá onde ficou até 1971, quando se mudou para Ivaiporã, residindo nesta cidade até 1981. Também em Ivaiporã, Jarcyro participou de todos os movimentos do bairro, sendo coordenador do coral de cântico da igreja e coordenador do clube de futebol daquela cidade. No final de

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

1981, mudou-se para a cidade de Alumínio, município de Mairinque-SP, permanecendo ali até 1985, também com o mesmo brilhantismo de sempre. Em 1985, mudou-se para Matão, vindo a residir no Bairro do Jardim Paraíso, sendo uma das primeiras famílias do bairro e um dos fundadores da Comunidade do Jardim Paraíso (COJAPA), com uma participação atuante e fundamental para o seu crescimento. Faleceu em 08 de fevereiro de 1995.

## **JERÔNIMO NUNES NOGUEIRA**

Filho de Zacarias Nogueira Mendes e de Ana Nunes Nogueira, nascido em 26 de janeiro de 1945 na cidade de Quixeré, estado do Ceará, falecido em 27 de julho de 2006, deixando os filhos: Thelma Rodrigues Nogueira, Jerônimo Nunes Nogueira Filho e Gabriel Nunes Nogueira, e esposa Cleuza Rodrigues Nogueira. Esposo honrado e pai exemplar. Ativo em movimentos sociais, na luta a favor dos menos providos. Corretor de imóveis, proprietário da Imobiliária Nosso Lar. Sempre honrando a profissão amada por ele, dava o melhor de si para ajudar a todos os que o procuravam.

## **JOANA TONOLLI DE FARIA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOÃO ANTONIO DOS SANTOS FILHO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOÃO ANTONIO MARQUEZ**

Nasceu em 31 de janeiro de 1925. Natural de Dobrada. Tinha a agricultura como atividade, sendo comerciante na área de beneficiamento de café. Casou-se com a Senhora Aparecida Possi Márquez, sendo que desta união nasceram os filhos: José Benedito Márquez, Alaíde Aparecida Márquez Zavatti, Luiz Carlos Márquez, Jandira Natalina Marquez, Antonio Roberto Márquez, Maria do Carmo Márquez Pedro, Maria Helena Marquez Pontes, Francisco Carlos Márquez, João Paulo Márquez e Júlio César Márquez.

## **JOÃO ANTONIO MARTINS**

Oriundo de uma das mais antigas famílias aqui instaladas, João Antonio foi filho de José e de Dona Luzia, casado com Adelaide Gentil Pires.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOÃO AUGUSTO ARRUDA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOÃO BAPTISTA CHIOLINO**

Nasceu em Araraquara-SP., aos 03 de março de 1913, filho de Salvador Chiolino e de Concheta Gerinella. Vindo com a família para esta cidade de Matão, fixou residência na Vila Santa Cruz, onde veio a se casar com Maria Chimoto. Do consórcio, advieram os filhos Maria Cleide Chiolino Petraca, Cleide Chiolino Manzi, Cleodete Maria Chiolino e Clovis Salvador Chiolino. Afeito ao trabalho, iniciou suas atividades como lavrador. Na década de 50, foi admitido como funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos – D.C.T. de Matão, função esta que exerceu até seu falecimento, ocorrido em data de 06 de novembro de 1966. Foi uma pessoa atuante na vida social e política de nossa cidade. Embora nunca tivesse exercido cargos políticos, no entanto, por sua popularidade, sempre era requisitado para participar e atuar nas campanhas eleitorais, por ocasião das eleições para prefeito e governador do Estado.

## **JOÃO BATISTA ESQUILINO**

Nasceu em 20 de fevereiro de 1920, em Guaranésia, Minas Gerais. Casou-se com Luiza Ornellas Esquilino em 27 de julho de 1951, mudando-se para Matão no ano de 1987 onde criou seus filhos e netos. Morador

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

do Jardim Primavera, seu João era amigo de todos os moradores do bairro e seus filhos seguiram seu exemplo de amor e amizade sendo uma das famílias mais conhecidas e queridas daquele bairro. Com seu falecimento em 25 de dezembro de 2002, todos perderam um pouco da alegria e do entusiasmo que sempre os acompanhavam e, com certeza, na lembrança e no coração da esposa Luiza, dos filhos, dos netos e dos amigos do Jardim Primavera, ficou o exemplo de vida e dignidade a serem seguidos por todos os que o conheceram.

## JOÃO BEGATTI

Nasceu na cidade de Sarandí, Minas Gerais, no dia 03 de junho de 1928. Casou-se com a Sra. Tereza Facioni, no ano de 1949, em Tanabi-SP. Desta união tiveram os filhos: Otávio Begatti, Genir Begatti, Brasilina Begatti, Teófila Begatti, Fátima Begatti, Antonio Vitorino Begatti, Paulo Begatti, Valdir Donizete Begatti e Neide Bernadette Begatti. Mudou-se para Matão no de 1991, onde exerceu a função de comerciante no Jardim do Bosque, na Rua Pará, nº 513. Residia na Rua Antonio Geraldo Granata, nº 148, Vila Cardim, quando faleceu, no dia 24 de dezembro de 2002.

## JOÃO BERETTA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOÃO BORDIGNON

Filho de Ângelo Bordignon e de Luzia Bordignon Zanandréa, Giovanni Bordignon nasceu em janeiro de 1870 em Belvedere di Teze, província de Vicenza, Itália, ocasião do falecimento de sua mãe. Oriundo de uma das mais antigas famílias que se instalaram em Matão, João Bordignon retornou à Itália com o pai, de onde voltou acompanhado da família de sua tia Luiza Bordignon Zanandréa aos sete anos de idade, fixando residência em Matão-SP. Casou-se com sua prima Thereza Zanandréa com quem teve os filhos: Adelino, Máximo Milone, Antonio, Angelina, Norberto, Ângelo e José. Em 1962 João Bordignon recebe o título de cidadão matonense pelos serviços prestados à nossa comunidade. O patriarca da família Bordignon que veio para Matão, Sr. Ângelo, consta do livro escrito por Euclides Bordignon como descendente do Ramo Q. Sua segunda geração possui, pelos relatos, cinco filhos nascidos em nossa cidade. Os descendentes da terceira geração, filhos de Adelino Luiz Bordignon, são todos nascidos em Matão, assim como os filhos de Norberto Bordignon. Na quarta geração, os filhos de Armando Luiz Bordignon, Carmelita Bordignon Pereira, Vicente Bordignon, Norival Ângelo Bordignon, Noedir Bordignon e Nivaldo Bordignon são, quase todos, nascidos também em nossa cidade. A pesquisa sobre a numerosa família Bordignon, compilada no livro que traz, na capa, o Brasão da Família, foi apresentada pelo jornalista Rogério Bordignon, filho de Norival Ângelo Bordignon. O livro, editado pela primeira vez no ano de 1975 e reeditado em 1986 narra toda a saga de uma numerosa família que originou-se em Worms (Alemanha) passando pelo antigo reino da borgonha em Savóia, fixando-se na Itália, na região do vêneto, em Romano D' Ezzelino, entre Bassano e Vicenza. O descendente e escritor Euclides Bordignon relata que tradicionalmente os Bordignons eram agricultores. As condições de vida, porém, não eram boas naqueles tempos, pois metade da produção do trabalho estafante dos camponeses era levada pelo proprietário da terra, "il padrone" e dos 50% restantes a Igreja levava o dízimo, sobrando 40% ao trabalhador e à sua família. O administrador (fattore) do senhor das terras fiscalizava tudo e, por isso era odiado pelos camponeses. Esse regime desumano durou até a queda do Fascismo, no final da II Guerra Mundial, quando os grandes latifúndios foram desapropriados e as terras vendidas aos agricultores. Nada revolta mais a um homem de bem do que trabalhar árdua e honestamente o tempo todo e, ao fim de sentir-se explorado. Por isso quando por volta de 1875 começou o fluxo emigratório para as Américas, muitos da família resolveram emigrar, afrontando os perigos da travessia marítima na qual tantos emigrantes morreram, e de uma terra selvagem e primitiva, para colherem os frutos do trabalho livre e o direito de serem os senhores do seu próprio destino. Uns partiram para o novo Mundo, outros para a França e, mesmo na longínqua Austrália os descendentes de emigrantes podem ser encontrados. No Brasil, grande parte preferiu os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Graças ao trabalho genealógico empreendido por Euclides, teve ele a oportunidade de conhecer muitos Bordignons não só do Brasil como da Itália e França e, por correspondência os norte-americanos. O historiador notou, para sua satisfação, muitos traços em comum: boa saúde física e mental, amor ao trabalho, disciplina e obediência às leis, senso de responsabilidade, bons sentimentos, cordialidade e capacidade para vencer. (Op City, fls. 14/15).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **JOÃO CARVALHO**

Nasceu a cidade de Serãozinho aos 12 de julho de 1918. Era filho de Jerônimo Carvalho e de Dona Benedita S. Carvalho. Casou-se com Dona Aparecida da Silva Carvalho e dessa união nasceram as filhas: Maria Sílvia, Sonia Maria, Vera Lúcia e Ana Maria, hoje todas casadas e mães dedicadas dos seus onze netos. João Carvalho morou em Matão por mais de 30 anos prestando grande colaboração para o engrandecimento de nossa cidade, pois, como ferroviário da FEPASA, conseguiu, ao longo da prestação do serviço público, demonstrar uma jornada exemplar marcada pela responsabilidade e dedicação. Fez amigos como ninguém, se empenhando para atender com presteza todos que lhe procuravam, não fazendo distinção de classe social, deixando para as filhas, netos e bisnetos, um legado de luta e determinação, marcado pela cordialidade, caráter e amor ao próximo. Por essas razões, e ainda por pretender homenagear, além da família Carvalho, o ferroviário João Carvalho, que dignamente representará nos anais da história de Matão todos os demais ferroviários anônimos que tanto colaboraram para o progresso de nossa terra, seu nome hoje ostenta uma das ruas de Matão, prova de que seus exemplos foram dignificantes e devemos perpetuar sua vida e sua trajetória.

## **JOÃO CECCHETO**

Nascido numa das mais antigas famílias de Matão, era filho de João Arthur Ceccheto e de Dona Tereza Ruzza, imigrantes italianos provenientes de Veneza que embarcaram no Brasil, trazendo consigo a saudade da pátria distante, mas com a determinação de todos aqueles que, na viril consciência de que tinham missão a cumprir, chegavam para construir um futuro e conquistar um solo fértil para sua família. João foi casado com Julia Benassi. Seu segundo matrimônio foi com Dona Yolanda Tomazelli. Inicialmente seus pais fixaram residência na cidade de Bragança Paulista, iniciando uma atividade febril com armazém de secos e molhados, no bairro das Araras. Daí a mais um pouco de tempo, estabelecerem-se com uma fábrica de camisas. Em 1929, "seu" Arthur resolveu dirigir suas atividades em outra região do estado de São Paulo, considerando-a mais promissora, mais convidativa e, portanto, mais de perto encontrando suas forças sempre renovadas para realizar seus planos e anseios. Veio com a família para Matão e, em sociedade com o Sr. Alziro Freire, adquiriu o armazém, então, pertencente ao Sr. José Gonçalves, localizado na Avenida XV de Novembro e que, anteriormente, já se chamara Casa Bastia. A sociedade iniciou seus trabalhos em 14 de janeiro de 1930, mas poucos meses depois, em julho do mesmo ano, o Sr. Alziro deixou a sociedade e Arthur permaneceu sozinho como único dirigente do empreendimento, até o ano de 1934. Neste mesmo ano é inaugurado o prédio da Rua Castro Alves, nº 798, para onde foram transferidas as instalações da Casa Ceccheto. Trabalho árduo, mas compensado. A clientela era grande e proporcionou novas oportunidades. Foi quando a família adquiriu uma propriedade rural, nas proximidades de São Lourenço do Turvo, a Fazenda Varginha. O ano de 1944 trouxe uma grande tristeza para todos. Falecia Thereza Ruzza. Como que para diminuir as tristezas, os filhos resolveram dividir com o pai as responsabilidades diretas da organização e passaram a integrar a sociedade. Primeiro os dois mais velhos, João e Jorge; um pouco tempo a seguir, o mais novo, Marcílio. O ano de 1949 seria outro ano de amargura familiar. Arthur Ceccheto também faleceu. Houvera cumprido a sua missão. Deixara com os filhos, bem plantada em cada coração, a semente do trabalho, da dedicação e do amor pelo serviço da comunidade. Assumindo totalmente a direção da empresa, os três irmãos alteraram a razão social para Irmãos Ceccheto. Em primeiro de Janeiro de 1953, Jorge se afastou da sociedade, para dedicar-se a outras atividades, enquanto João e Marcílio continuaram no ramo tradicional de seu trabalho, agora com a colaboração de seus filhos, dentre eles o Luiz Ceccheto, carinhosamente conhecido como Luizinho. No ano de 1966, no mês de julho, no dia 06, novamente a tristeza sacudiu o coração da família. Desta vez, foi Luizinho que, inesperadamente, faleceu. Mas estava marcado: em 1972, a família perderia mais um de seus membros. Jorge Ceccheto, depois de lutar com denodo e coragem, em benefício das coisas públicas e políticas do Município de Matão, partiu para a eternidade. Sacudida por todos esses percalços, nem assim a família Ceccheto deixou de olhar para o futuro, deixou de planejar suas atividades, deixou de progredir. Vendeu-se a Fazenda Varginha, e inaugurado, em primeiro de setembro de 1973, o primeiro supermercado completo de Matão, contando com os descendentes mais jovens da família (Arthur Fernando e Basílio, filhos de Marcílio e João Arthur, filho de João Ceccheto), até a morte do "major" Marcílio. Foi neste mesmo tempo que a organização efetuou a compra da extinta firma Bidutte & Pirolla. Perdera-se um dos estelios, mas ganhara-se outra viga importante na luta pelo desenvolvimento, com a participação de José Marcos. Aproveitando a era das modernizações, o armazém mais tradicional da cidade foi transformado em mini-mercado, em dezembro de 1977. A Revista de "A Comarca" do ano de 1979 contou toda esta trajetória de três gerações sendo que a quarta, com 40 netos já estava quase pronta para também chegar lá. Na

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

reportagem publicou-se foto do Casal João Ceccheto e de Dona Yolanda Tomazelli Ceccheto (Iole), além da foto da Loja Matriz, instalada na Av. XV de Novembro esquina com a Rua Castro Alves, divulgando disposição da família Ceccheto em continuar merecendo a preferência da população matonense, saudando os 81 anos de aniversário de Emancipação Política e Administrativa de nossa cidade e comemorando 50 anos de vida dos Supermercados Ceccheto, cujo slogan era "Isso é Tradição". A coragem, determinação e total amor por nossa Terra da Saudade, dignificou todos os integrantes da família Ceccheto, homens e mulheres de fibra que com suas trajetórias individuais e exemplos para a comunidade ergueram pilstras imorredouras de nossa história, cujos exemplos são perseguidos pelos seus descendentes, deixando no livro da vida matonense um capítulo especial, que jamais será esquecido.

## JOÃO CORREA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOÃO DAMÁZIO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOÃO DORNELAS

Nasceu no dia 03 de maio de 1917 na cidade de Araraquara. Faleceu no dia 18 de junho de 1985. Morou em Araçatuba até os anos 50, onde posteriormente mudou-se para a cidade de Motuca, na Fazenda Monte Alegre. Nos anos 60 morou em Bueno de Andrade. Em 1975 mudou-se para a Fazenda Flor do Cambuhy, município de Matão, até a data de seu falecimento. O Sr. João Dornelas viveu momentos de grande satisfação nessa fazenda em que trabalhava. Com seu jeito calmo e compreensivo, conquistava sempre a amizade de todos. Seu maior orgulho era sempre nos finais-de-semana, quando reunia-se em sua casa, familiares e amigos. O Sr. João transmitia sempre aos seus amigos muita paz, até que no ano de 1983, faleceu sua esposa e companheira Dona Deolinda de Freitas Dornellas. Mesmo assim, insistiu em continuar morando na fazenda com uma das filhas, até que no dia 18 de junho de 1985, faleceu com uma doença no coração, deixando um exemplo de vida e saudades em todos que o conheceram.

## JOÃO H. MENDONÇA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOÃO LEONI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOÃO MARCHESAN

A história da família Marchesan, uma das mais antigas de nossa cidade, confunde-se com a história de Matão. O nome transformado em Avenida, inaugurada no ano de 1980, foi uma das formas encontradas para perpetuar a memória desta importante família, homenageando seus inúmeros descendentes. João Marchesan, patriarca da família, foi igualmente homenageado, passando a figurar em uma de nossas vias públicas. No ano de 1978, Januário Groppa escreve, em reportagem publicada na Revista de "A Comarca", texto sobre os heróicos Irmãos Marchesan, afirmando que as páginas daquela brilhante revista eram portadoras de operosidades e eventos que naquela época falavam pela boca de ontem ocorrências notáveis, dignas de serem lembradas e não deixa-las encobertas nos entulhos de outrora. Cita sobre a tenacidade do Comendador Armando Marchesan e seu operoso irmão Luiz Marchesan, admirável líder de alta categoria e participante no difícil cargo de administrar com raro vislumbre, uma das mais poderosas indústrias da América do Sul. Argumenta sobre a escalada veloz nas culminâncias da glória, baseada no equilíbrio administrativo e fabulástico dos Irmãos Marchesan, que transcende todas as expectativas humanas, dão-lhe crédito numa altura respeitável e consagração merecida por uma razão simples: eles vieram de baixo para cima! Em 1982, Revista histórica de "A Comarca" novamente reservou uma página dedicada a Marchesan. Naquela época, segundo a reportagem, o progresso da empresa era considerável para quem havia começado em 1946 (há 61 anos) fazendo carroças e implementos de tração

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

animal em modestas instalações num prédio da cidade. De lá pra cá, a Marchesan se transformou no que é hoje: indústria de transcendental importância para o nosso País. A filosofia da empresa, transformada em slogan é "a agricultura é a maior indústria do mundo...". Em 1986, 40 anos depois do nascimento da Oficina Brasil que funcionou na Av. Siqueira Campos e depois passou a ser denominada de Irmãos Marchesan, instalava-se em amplas e modernas dependências a empresa Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas Tatu, num espaço digno da altura e da competência de seus fundadores: Armando, José Alberto, Luiz e João Carlos Marchesan. Voltamos às palavras de Januário Groppa sobre os Irmãos Marchesan, na reportagem de 1978: "...*Netos descendentes de João Marchesan, inteligente imigrante italiano vindo em busca da América, dotado dum claro tino comercial, tão logo alicerçada a base da sua estabilidade, quando ainda as aves cantavam nas restingas contornantes da primitiva Capela à cerca de 80 anos idos, instalou a primeira cervejaria de baixa fermentação, legítimo surto naquela era dos vagidos iniciais da Terra da Saudade. Dá para crer que os denodados Irmãos Marchesan, herdaram o sangue borbulhante e sede de triunfo do "nono" paterno, e daí a razão de tamanha odisséia, desse notável par de órfãos adolescentes, iniciando como só Deus sabe, com uma desprezível tenda de "ferreiros de aldeia", confeccionando ganchos, êsses e ferragens miúdas para carroças e outros similares e chegando no vertiginoso presente como paradigmas de labor fecundo, capacidade de conquistas pasmadoras, perseverança ilimitada e lídimos heróis galgando o pináculo das mais altas realizações da América do Sul, por glória exclusivamente deles... o ponto alto desses audazes Irmãos Marchesan, é aquele de não terem recebido maiores ensinamentos e cõdignos, em virtude da pobreza estacada neles bem nos albores da mocidade, contudo, isto não impediu que a inteligência e sonhos prismáticos de também ganharem um lugar melhor ao sol da vida que os colocasse no vértice da lidês industriais, da agricultura, da pecuária e do convívio com a culta coletividade social de Matão... A odisséia desses heróis valeria por uma narrativa literária, descrevendo em linguagem de ouro a ascensão apoteótica dos Irmãos Marchesan, em tão curto lapso de tempo, fazendo em menos de três décadas, aquilo que outros não fizeram em mais de meio século. Entretanto, - finaliza Januário - mesmo singelamente, sentimo-nos honrados prestando-lhes louvores merecidos com raízes na sinceridade e propósitos inquebrantáveis de profunda amizade e respeito por todos os títulos... patrimônios inalienáveis do nosso Matão de Meu Deus!..." A família Marchesan que muito dignifica a história de Matão merece nossos agradecimentos por todos os exemplos advindos de seus descendentes que enaltecem e engrandecem toda a trajetória de nossa querida cidade.*

## JOÃO MORAES

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOÃO PESSOA

João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (Umbuzeiro, 24 de janeiro de 1878 – Recife, 26 de julho de 1930) foi um político brasileiro. Era sobrinho do ex- Presidente da República Epitácio Pessoa. Além de viver no estado natal, passou um tempo de sua vida no Rio de Janeiro e no Pará. Teve passagem pelo Exército como Ministro do Supremo Tribunal Militar. Quando ainda era Presidente da Província da Paraíba (Governador do Estado) e compunha a chapa à Presidência da República de Getúlio Vargas, como candidato a Vice-presidente, foi assassinado, em Recife, por João Duarte Dantas, seu adversário político, jornalista, cuja residência fora invadida por tropas da Polícia da Província, durante a gestão de Pessoa, e cujas cartas íntimas à professora Anayde Beiriz foram trazidas a público. Seu legado histórico desperta certa polêmica. Os defensores de João Pessoa alegam que ele foi um combatente das oligarquias locais e se contrapunha aos interesses de grupos tradicionais, embora ele mesmo proviesse de família de oligarcas. A cidade de João Pessoa é assim denominada em sua memória. Antes chamada Paraíba - mesmo nome do Estado - a capital teve seu nome alterado, logo após o assassinio de João Pessoa, episódio considerado o estopim da Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Naquele período, foram perseguidos e mortos muitos opositores do grupo político de que Pessoa fazia parte. O momento de exceção em que se deu a homenagem, entre outras razões, justificaria, segundo alguns pessoenses, a discussão sobre uma nova alteração na denominação da cidade. No início do século XVI os franceses ocupam a região nordestina e conquistam a confiança dos índios potiguares. Essa aproximação dificulta a colonização portuguesa. Em 1585 o português João Tavares constrói, na foz do rio Paraíba, o Forte de São Felipe, para defender a área dos ataques dos franceses. Nasce, então, ali, a cidade de Filipéia. A paz com os indígenas, porém, só se consolida em 1599, após a destruição de aldeias inteiras e de uma epidemia de varíola que exterminou dois terços da população nativa. Em 1634, a região foi invadida pelos holandeses, quando a cidade recebeu novo nome: Friederstadt. Assim permaneceu durante 20 anos. Em 1654, os invasores foram expulsos por André Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira tomou posse do cargo de governador da cidade,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

que passou a chamar-se Parahyba. Em 1684 tornou-se a capital da província, perdendo essa posição quando a Parahyba foi incorporada a Pernambuco, em 1753. Os paraibanos participaram ativamente da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824. Em 1930 o governador João Pessoa de Albuquerque é indicado como candidato a vice-presidente da República na chapa de Getúlio Vargas, pela Aliança Liberal. Seu assassinato, em julho daquele ano foi um dos pretextos para a Revolução de 1930. Em meio à comoção que atingiu os paraibanos com o assassinato de seu governador, no Recife, a cidade ganhou seu nome definitivo, João Pessoa, através de Lei Estadual.

## **JOÃO POLETTI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOÃO RIBEIRO**

Filho de imigrantes portugueses nasceu no dia 24 de julho de 1923, em São José do Rio Preto. Passou sua juventude em Floreal, uma cidadezinha do interior paulista, onde se casou com Laurentina Carlos Ribeiro, mudando posteriormente para Jales, onde viveu de 1948 a meados de 1967, trabalhando como lavrador e, apesar da pouca escolaridade, sempre demonstrou carisma muito grande tendo constituído família com seis filhos. Ainda em 1867, procurando melhores condições para todos os seus veio para Matão, onde fixou residência, tendo sido recebido pelo povo com muito carinho e calor humano. Seu primeiro trabalho nesta terra foi na Fischer, setor rural, onde esposa e filhos também trabalhavam, o que veio a facilitar a permanência em definitivo na cidade de Matão. Trabalhou também na Citrosuco, mas foi na primeira empresa que se destacou pelo trabalho dedicado e responsável, chegando a ser homenageado por seus superiores com placa de honra ao mérito, pelos serviços prestados. João Ribeiro não foi matonense por nascimento, mas sim por opção e por orgulho, pois foi aqui que através de seu trabalho conseguiu criar seus filhos, dando a eles uma vida digna e justa com condições para que cada um traçasse seu caminho. Quem o conheceu, tinha nele um exemplo de vida, marcado pela dignidade, honestidade, honradez e amor ao próximo, sempre trabalhando e lutando com uma força de vontade marcante que somente os fortes conseguem ter. Nem mesmo quando da morte de sua esposa, com quem dividiu suas responsabilidades por 42 anos, deixou-se abater pelo desânimo, procurando manter a união e o amor familiar acima de tudo. Nos 72 anos de vida, dos quais mais da metade vivida em Matão, sempre mostrou a clareza da mente e leveza da alma, nos atos de compreender e estender a mão aos mais necessitados. Apesar da idade, sempre procurou se atualizar e acompanhou a evolução dos tempos com consciência, relacionando-se muito bem com crianças, jovens e adultos. Em suas conversas nunca deixou de demonstrar o orgulho que sentia por Matão, pelas mudanças que viu acontecer na cidade que o acolheu tão bem. Faleceu em 20 de março de 1995, deixando a todos muita saudade e o exemplo da missão cumprida, exemplo este, demonstrado por todos os seus descendentes, que aqui também se estabeleceram de maneira definitiva, participando ativamente na comunidade matonense.

## **JOÃO ROSSI**

Oriundo de uma família tradicional de Matão, João Rossi era filho de Davi Rossi e de Adele Bonini. Foi casado com Saide Giglioli. João Rossi exerceu a função de juiz de paz e casamenteiro até o ano de 1980. Retrospectiva da Revista de "A Comarca" de 1981 relatava: Durante 54 anos, João Rossi foi o Juiz de Casamentos do Cartório do Registro Civil de Matão e, vencido pela idade, se aposentava. A família forense local não deixou, entretanto, de lhe prestar significativa homenagem, colocando na Sala de Casamentos uma grande fotografia de Rossi.

## **JOAQUIM GABRIEL DE CARVALHO (Major)**

Ilustre figura do cenário matonense, Joaquim nasceu em Tietê. Era filho de José Hyppólito Fernandes e de Dona Luiza Leite de Carvalho. Foi casado com Dona Felicíssima de Carvalho. Conhecido como "Nhô Quim", era um dos moradores das fazendas que pertenciam a Jaboticabal. Juntamente com Theophilo e seu irmão Mathias Dias de Toledo, mais Antonio da Silveira Leite, Innocêncio Antonio da Costa e seu pai, José Hipólito Fernandes, formaram um grupo de moradores que num determinado contexto histórico idealizou o nascimento de nossa querida Terra da Saudade. Coube a Theophilo Dias de Toledo a idéia de edificar uma cidade. Sendo assim convocou a primeira reunião com os principais moradores, acima citados,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

resolvendo que tal edificação se daria sob o patrocínio do Senhor Bom Jesus. Formada a comissão, adquirem de Innocênio Antonio da Costa, 10 alqueires de terra. O Tesoureiro da presente cruzada em prol do nascimento de Matão, foi Theophilo Dias de Toledo. Os 10 alqueires foram transformados em quarteirões, divididos em datas. Estava então criada a Paróquia do Distrito de Paz, território que se desligou de Jaboticabal e passou a fazer parte da cidade de Araraquara. Além da efetiva participação no nascimento do município, o Major Joaquim Gabriel de Carvalho foi presidente do Diretório Municipal do Partido Republicano e intendente (prefeito) de nossa cidade no ano de 1908, voltando ao cargo entre o período de 02/07/1917 a 15/01/1923, voltando à chefia do executivo no curto período de 11/05/1936 a 23/05/1936. Voltaria ainda ao cargo maior do município entre 16/09/1938 a 26/04/1939. No ano de 1925 foi também Presidente da Câmara Municipal. Faleceu com 75 anos de idade, em 07 de abril de 1941.

## JOAQUIM LIBERATO COSTA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOELINA DA SILVA SANTOS

Nascida em 14 de fevereiro de 1933, na cidade de Porteira, Minas Gerais. Ainda pequena, partiu, juntamente com seus irmãos e seus pais para a cidade de São Paulo, Capital, a procura de uma vida melhor, onde moraram por muitos anos. Trabalhou em algumas empresas até casar-se com José dos Santos, tornando-se apenas secretária do lar, onde dedicou sua vida amorosamente aos seus filhos: Helena, Neusa, Adélia, Maria Bernardete, José Carlos e Regina. Constantemente contava aos seus familiares o seu desejo intenso de, ainda um dia, poder morar em uma cidade do interior e, de como isso seria bom para seus filhos. Um dia, ao vir passear em Matão, apaixonou-se pela cidade à primeira vista, escolhendo-a para passar o resto de sua vida. Mudou-se para Matão no dia 06 de fevereiro de 1985. Diabética há 19 anos, sua doença agravou outros órgãos, vindo a ter problemas cardiovasculares, falecendo aos 67 anos, em 10 de junho de 2000. Deixou além dos filhos, 7 netos e 1 bisneto.

## JORGE CHECCHETO

Jorge Ceccheto, oriundo de uma tradicional família de comerciantes que se instalaram em nossa cidade era filho de Arthur e de Dona Tereza Russa. Seus pais, imigrantes italianos oriundos de Veneza, desembarcaram no Brasil, trazendo consigo a saudade da pátria distante, mas com determinação de todos aqueles que tinham uma missão a cumprir, construindo um futuro e conquistando um solo fértil para sua família. Jorge foi casado com Dona Olga Tagliavini. A família, que inicialmente residiu em Bragança Paulista, veio depois para Matão, uma vez que seu pai considerava-a mais promissora, mais convidativa e, portanto, mais de perto encontrando suas forças sempre renovadas para realizar seus planos e anseios. Seu pai Arthur, em sociedade com o Sr. Alziro Freire, adquiriu o armazém, então, pertencente ao Sr. José Gonçalves, localizado na Avenida XV de Novembro, que, anteriormente, já se chamara Casa Bastia. A sociedade iniciou seus trabalhos em 14 de janeiro de 1930, mas poucos meses depois, em julho do mesmo ano, o Sr. Alziro deixou a sociedade e Arthur permaneceu sozinho como único dirigente do empreendimento, até o ano de 1934. Neste mesmo ano é inaugurado o prédio da Rua Castro Alves, nº 798, para onde foram transferidas as instalações da Casa Ceccheto. Trabalho árduo, mas compensado. A clientela era grande e proporcionou novas oportunidades. Foi quando a família adquiriu uma propriedade rural, nas proximidades de São Lourenço do Turvo, a Fazenda Varginha. O ano de 1944 trouxe uma grande tristeza para todos. Falecia Thereza Ruzza. Como que para diminuir as tristezas, os filhos resolveram dividir com o pai as responsabilidades diretas da organização e passaram a integrar a sociedade. Primeiro os dois mais velhos, João e Jorge Ceccheto; um pouco tempo a seguir, o mais novo, Marcílio. O ano de 1949 seria outro ano de amargura familiar. Arthur Ceccheto também faleceu. Houvera cumprido a sua missão. Deixara com os filhos, bem plantada em cada coração, a semente do trabalho, da dedicação e do amor pelo serviço da comunidade. Assumindo totalmente a direção da empresa, os três irmãos alteraram a razão social para Irmãos Ceccheto. Emérito cidadão, Jorge Ceccheto participou ativamente de todas as conquistas que levaram Matão ao seu momento atual. Em 10 de agosto de 1944 participa da fundação do São Lourenço Atlético Clube, sendo o tesoureiro da primeira diretoria. Em primeiro de Janeiro de 1953, Jorge Ceccheto se afastou da sociedade da empresa familiar, para dedicar-se a outras atividades, enquanto João e Marcílio continuaram no ramo tradicional de seu trabalho, agora com a colaboração de seus filhos, dentre eles o Luiz Ceccheto, carinhosamente conhecido como Luizinho. Em 1957, Jorge Ceccheto integra o conselho deliberativo do Società Stella D' Itália, demonstrando todo o seu desprendimento e preocupação com a vida em sociedade. Figura popular e determinada, não escaparia da política e de seus ideais de bem servir à população. Foi eleito vereador para o mandato de 1956 a 1959, sendo vice-presidente da Mesa nos

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

últimos tres anos (57/59). Reeleito para o mandato de 1960 a 1963, volta ser vice-presidente da Mesa diretora no biênio 60/61. Mas estava marcado: em 1972, a família perderia mais um de seus membros. Jorge Ceccheto, depois de lutar com denodo e coragem, em benefício das coisas públicas e políticas do Município de Matão, partiu para a eternidade. A Revista de "A Comarca" do ano de 1979 contou toda esta trajetória de três gerações sendo que a quarta, com 40 netos já estava quase pronta para também chegar lá. Na reportagem publicou-se foto do Casal João Ceccheto e de Dona Yolanda Tomazelli Ceccheto (lote), além da foto da Loja Matriz, instalada na Av. XV de Novembro esquina com a Rua Castro Alves, divulgando disposição da família Ceccheto em continuar merecendo a preferência da população matonense, saudando os 81 anos de aniversário de Emancipação Política e Administrativa de nossa cidade e comemorando 50 anos de vida dos Supermercados Ceccheto, cujo slogan era "Isso é Tradição". A coragem, determinação e total amor por nossa Terra da Saudade dignificou todos os integrantes da família Ceccheto, homens e mulheres de fibra que com suas trajetórias individuais e exemplos para a comunidade ergueram pilastras imorredouras de nossa história, cujos exemplos são perseguidos pelos seus descendentes, deixando no livro da vida matonense um capítulo especial, que jamais será esquecido.

## JORGE DA CUNHA

Nasceu em Matão no dia 10 de setembro de 1931, filho de Manoel da Cunha e de Dona Maria Juventa. Teve dois irmãos oriundos do primeiro casamento de seu pai: Francisco e Benedita. Seus outros irmãos: Maria, João, Josefa, Aparecida, Sebastião, Francisco, Joaquim e Margarida. Casou-se com Zilda Amélia Viscardi em 23 de junho de 1962, adotando como seu filho o primogênito de Dona Zilda, que ficara órfão de pai aos três meses de vida e que hoje é o vereador, Aparecido do Carmo de Souza, o Cidinho do Partido dos Trabalhadores. O Sr. Jorge teve dois filhos com Dona Zilda: Valdecir que atualmente mora em Maringá, no Paraná e Luzia. O Sr. Jorge era um homem extremamente simples como simples foram os seus familiares que são numerosos na cidade, levando sua vida pacata e honrada de trabalhador rural e de metalúrgico na Indústria Albaricci Implementos Agrícolas. Ao receber a homenagem de emprestar o seu nome para uma das ruas de nossa cidade estamos homenageando muitos heróis anônimos, lutadores humildes e simples que ajudaram no crescimento e na grandeza de nossa querida Terra da Saudade. Jorge da Cunha faleceu no dia 09 de novembro de 2002.

## JORGE DUMONT

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JORGE GOMES DA COSTA

Cidadão exemplo. Pai de família e esposo de conduta inabalável. Em 1989, recebeu o Título de Cidadão Matonense, pelos relevantes serviços prestados à comunidade. Comerciante dos mais respeitados do bairro da Vila Santa Cruz, "Fortaleza" como era mais conhecido, era democrático por natureza e um cristão fervoroso. Deixou mais de uma dezena de filhos, netos e bisnetos para perpetuar a história de família. Esse homem de bem, que com o seu trabalho ajudou a escrever uma importante página da história de Matão veio a falecer em 2004, emprestando seu nome e sua trajetória de vida a uma via pública de nossa cidade.

## JORGE LIAN (Dr.)

Jorge Lian era filho de Fêres Lian e Maria Haik Lian, casal que veio do Líbano para Matão no navio Estrela, em 1920. A família Lian faz parte da história de Matão com orgulho. Fez o curso primário em nossa cidade, no Grupo Escolar José Inocêncio da Costa, onde se diplomou. Em Matão, Jorge clinicou ao lado dos médicos Dr. Salvador de Toledo Galvão e Luiz Góes, no Hospital de Caridade de Matão, hoje Hospital Carlos Fernando Maizoni, prestando grandes serviços ao próximo. Foi professor da Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo, onde lecionou e clinicou durante vários anos. Lecionou também nas Faculdades de Medicina de Curitiba e de Sorocaba. Foi vicentino e muito trabalhou pelos pobres, pelas crianças e pelos idosos da nossa cidade. Jorge fundou o Posto de Saúde na idade de Piedade, onde também foi vereador por diversas gestões. Amante do futebol foi presidente do time Santa Cruz, também na cidade de Piedade. Médico dedicado e competente ajudou a construir a história de Matão, prestando serviços a todos os que o procuravam com amor, gentileza, presteza e capacidade. Em 04 de maio de 1968, recepciona o Governador Abreu Sodré que visitou o Posto de Puericultura de nossa cidade. Neste mesmo ano, no dia 06 do mês de agosto, Jorge Lian recebe o título de Cidadão Matonense, por todos os serviços prestados à comunidade. Pelos grandiosos serviços prestados à coletividade, Dr. Jorge Lian foi homenageado, emprestando seu nome à uma das ruas do Loteamento Azulville, aqui em Matão. Viveu

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

como vivem as flores, espargindo amor no encantamento da mais pura bondade, sempre sendo considerado "pai dos pobres". Seu nome dignifica e enobrece nossa Matão que ele sempre amou. No apogeu da vida, faleceu em 24 de março de 1990. Seu nome estará para sempre gravado na história desta Terra, na memória e no coração dos matonenses. *(Olga Lian)*.

## **JOSÉ AKIAU**

Filho de imigrantes chineses que vieram ao Brasil por volta de 1990, tendo fixado-se inicialmente no estado do Rio de Janeiro, vindo posteriormente para o interior do estado de São Paulo, dedicando-se ao trabalho rural nas fazendas da região de Dobrada. José aprendeu o ofício de barbeiro, profissão que abraçou e com a qual conseguiu educar seus cinco filhos, nascidos de uma união, em 1930, com Dona Carmem Guerreiro Akiau. Residiu em Dobrada, na Rua do comércio, onde nasceram seus quatro primeiros filhos, até o ano de 1941, quando se mudou para Matão, onde continuou exercendo a profissão de barbeiro até aposentar-se no ano de 1968. Dessa forma, durante quase três décadas, contribuiu com o comércio matonense, tendo aqui conseguido proporcionar a todos os seus filhos formação profissional, como professores primários ou contabilistas, únicos cursos disponíveis na cidade, na época. Veio a falecer na cidade de Santos, onde se encontrava a passeio, no dia 16 de maio de 1969.

## **JOSÉ AMÂNCIO DO NASCIMENTO FILHO**

Nascido no dia 13 de março de 1949 na cidade de Naranjuba-SP, era casado com a Sra. Maria de Fátima da Fonseca Nascimento, com quem teve quatro filhos: Washington da Fonseca Nascimento, Lindomar Fonseca do Nascimento, Núbia Fonseca do Nascimento e Itair Fonseca Nascimento. Trabalhou em várias empresas de Matão: Baldán, Elite e Saudades de Matão Prestadora de Serviços. No ano de 1974 sofreu um derrame que lhe deixou seqüelas, paralisando o lado direito de seu corpo, impossibilitando-o de continuar trabalhando. Devido a isso, foi aposentado por invalidez. Para José Amâncio isso foi a gota d'água, pois sempre fora uma pessoa muito trabalhadora, batalhadora e prestativa com o próximo. Com o passar do tempo, adaptou-se à situação e, apesar da seqüela que o impossibilitava de certos movimentos, não se deixou abater, andava pelas ruas do bairro, dando atenção a todos os que vinham falar com ele, pois era muito conhecido. Sempre procurou ajudar as pessoas que lhe procuravam. Infelizmente numa noite de sexta-feira do mês de outubro de 2001, sofreu um infarto, sendo socorrido no hospital, ficando internado para receber o atendimento médico necessário. Como lutador, ele lutou e batalhou até cessarem suas forças. No dia 13 de novembro de 2001, veio a falecer, deixando doces e alegres lembranças e muitas saudades nos corações de seus familiares e amigos. Sua numerosa família está triste por tê-lo perdido, mas, ao mesmo tempo, alegrem-se em saber que ele sempre foi um grande exemplo de pai, de esposo, de amigo, enfim, um grande exemplo da espécie humana. Homens bons passam pela terra, cumprem suas tarefas e retornam para o Deus supremo. Seus familiares e todos aqueles que tiveram o prazer de seu convívio têm a certeza de que hoje existe alguém lá em cima velando pelos seus aqui na Terra.

## **JOSÉ AMARO DA SILVA**

Nascido em 15 de outubro de 1924 na cidade de Cupira -PE. Casou-se com Maria Glória Costa Silva, com quem teve os filhos: José Aparecido da Silva, Maria de Lourdes da Silva, Maria Elizabete Silva, Elio Amaro Silva, Luiz Carlos da Silva, Julio Cezar da Silva, Lucilene Fátima da Silva, Paulo Sérgio da Silva, Sandra Amaro da Silva, Simone Amaro da Silva e José Amaro da Silva. De Pernambuco, foi para o Paraná e, após isso, no ano de 1980, veio para trabalhar na cidade de Matão, exercendo a função de lavrador, morando aqui até quando veio a falecer, no dia 21 de fevereiro de 1994.

## **JOSÉ ANTONIO VIDAL JR.**

Nasceu aos 06 de novembro de 1914, filho de José Antonio Vidal e de Dona Eliza de Jesus Vidal. De origem humilde, porém norteado pelos princípios de retidão e de caráter, tinha como meta principal de sua vida, a família e o trabalho. Educou seus filhos ao lado de sua esposa, Senhora Josefina, mãe e dona de casa exemplar, dando-lhes ensinamentos que lhes proporcionaram uma vida honrada e honesta, legado também deixado a seus netos. Foi em vida, um lutador incansável, e acima de tudo, um cidadão que amava Matão e dela muito se orgulhava. São seus filhos: Antonia Darci Nucci Vidal, solteira, Maria Elisa Vidal Cavichia, casada com Malvino Cavichia, José Antonio Vidal, casado com Antonia Vinzizotto Vidal e Dalva Vidal Bordignon, casada com Norival Ângelo Bordignon. Sem sombra de dúvidas, o Sr. José Antonio Vidal Junior representou com muita propriedade, àqueles cidadãos que exerceram anonimamente durante toda a

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

existência, a nobre missão de engrandecer Matão com seu trabalho, contribuindo sobremaneira para o seu progresso e desenvolvimento.

## JOSÉ ARTIMONTE

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, José Artimonte foi casado com Dona Paulina Cicogna com quem teve os filhos: Antonio, Victória, Armando, Hélio, Ana Maria, Vanda, João Oswaldo e Renato Sebastião. Sua vida está totalmente ligada às conquistas beneméritas de nossa cidade, prova maior de seu desprendimento material e ativo participante das causas sociais. Em 1938 é conselheiro da comissão de compilação dos estudos do Societá Stella D' Itália. Em 1942 é conselheiro do Hospital de Caridade de nossa cidade. Em 1957 participa da inauguração do Albergue São José, doação da sua família.

## JOSÉ BONIFÁCIO

José Bonifácio de Andrada e Silva, Patriarca da Independência. Estadista brasileiro (Santos-SP, 1763 – Niterói-RJ, 1838). Formado em Ciências Naturais e Direito (Coimbra), conquistou tão grande fama que o duque de Lafões o fez entrar logo para a Academia de Ciências de Lisboa. Durante dez anos percorreu a Europa aprofundando seus conhecimentos, de volta a Portugal (1800), recebeu então as honras de desembargador e o título de Doutor. em Filosofia, sendo nomeado Professor de Geognósia e Metalurgia em Coimbra. Escreveu, nessa época, várias memórias, onde apresentou o resultado de seus estudos e pesquisas. De suas atividades científicas resultaram também diversos trabalhos por ele lidos na Academia de Ciências de Lisboa. Por ocasião da Invasão francesa (1807), alistou-se no corpo acadêmico, servindo como Major e depois como Tenente-Coronel. Expulsos os invasores, tornou-se chefe de polícia do Porto. Jubilado no magistério universitário (1819), retornou ao Brasil e, atendendo apelo de paulistas importantes, deixou-se envolver pelos acontecimentos políticos da época, iniciando fecunda carreira de homem público. Foi vice-presidente da junta governativa de São Paulo (1821), e, depois, ministro da pasta do Reino e da de Estrangeiros. Alarmados com as medidas que já começavam a ser tomadas no Rio de Janeiro para recolonizar o Brasil por Lisboa, os paulistas enviaram uma deputação ao príncipe regente, pedindo-lhe que não cumprisse aquelas ordens. Dela fez parte José Bonifácio, que redigiu a petição dos paulistas. Sua grande capacidade e seus dotes políticos tornaram-no, junto a D. Pedro, o principal organizador da Independência. O grito do Ipiranga (7 de setembro de 1822), foi, na verdade, o arremate do processo de emancipação, do qual José Bonifácio foi o grande arquiteto. Era considerado o mais culto brasileiro do seu tempo. Em 1838, mudou-se da Ilha de Paquetá para Niterói, onde veio a falecer.

## JOSÉ BORSETTI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ BURJALE

Nasceu em Bebedouro e veio para Matão em 1936. Membro da Associação Comercial de Matão desde os primeiros tempos foi o fundador da Fábrica de Meias de Matão, juntamente com seu Tio Abraão Kfourri (Meias Sônia). Teve estabelecimento comercial desde 1953, montando uma mercearia onde mais tarde seria instalado o Supermercado Cecchetto. Foi um grande contribuinte da escola e do curso anexo primário da Escola Professor Henrique Morato, ajudando com material escolar e dando merenda sempre que possível. Sempre ajudou as pessoas carentes de nossa cidade, doando agasalhos, roupas, alimentos, etc. Casado com Maria Conceição Bonini, teve uma filha, Maria José Burjale, que hoje vem prestando relevantes serviços na área educacional de nossa cidade. Adotou Matão como sua família de coração. Faleceu em 24 de maio de 1992.

## JOSÉ CALEGARI

Nasceu na cidade de Ribeirão Preto, em 05 de fevereiro de 1911. Mudou-se para Matão em agosto de 1978, exercendo a função de lavrador. Foi casado com Maria Aparecida Américo Calegari e, dessa união, nasceram os filhos: Aparecida Calegari, Benedita Calegari, Antonia Calegari, Paulo Calegari, Luzia Calegari, Girdo Calegari, Josefa Calegari, Leonilda Calegari, Nair Calegari, José Calegari Filho, Sebastião Calegari, Lucia Calegari, e Iraci Calegari. Residiu em Matão até o seu falecimento que ocorreu em 27 de fevereiro de 1993.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **JOSÉ CARLOS FERREIRA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ CARLOS RUEDA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ CERQUEIRA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ DA COSTA FILHO**

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, José da Costa Filho foi casado com Dona Maria Teixeira da Costa com quem teve os filhos: Nabor, Ivan, Edynea, Thalís e Wladimir.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ DA CUNHA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ DE OLIVEIRA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ DE PAULA**

Sua figura representa um grande exemplo para todos os matonenses. De origem humilde, casou-se com Dona Maria Deolinda Oliveira de Paula, tendo desta união nascido os filhos: Orlando, Luiz Carlos, Antonio, Paulo, Maria, Nair, Benedita, José Rubens e Divino. Deixou 32 netos, todos residentes em Matão. Muito lutou para criar seus filhos, dentro do mais alto padrão de decência e dignidade, exemplos que ficaram marcados até hoje, sendo seguidos à risca por filhos e netos. No campo laboral, muito dignificou a classe metalúrgica, trabalhando por muitos anos na Bambozzi, lá fazendo muitos amigos, que passaram a ser sua segunda família. Alegre, solícito e cordial, esteve sempre pronto para auxiliar àqueles que dele precisavam, exercendo durante toda a sua vida, um verdadeiro sacerdócio, se empenhando não só na manutenção de sua família, mas dando um pouco de alento às pessoas que viviam à sua volta. De forma a perpetuar seu exemplo de vida, emprestou seu nome e sua história a uma das ruas de nossa cidade, terra que ele sempre amou e dignificou.

## **JOSÉ DE SOUZA**

Natural da Ilha da Madeira, Portugal, nasceu aos 26 de dezembro de 1903. Chegou ao Brasil no ano de 1918, com 15 anos de idade. Casou-se em 1926, na cidade de Matão com Dona Filomena Gomes de Souza, nascida aos 05 de junho de 1906, também natural da Ilha da Madeira. Dessa união nasceram os filhos: Olga, José, Izaura, Sebastião Fernando, Mário Fernando, Maria Izabel, Palmira, Oswaldo, Alberto, Geraldo, Maria José e Luiz. José de Souza exerceu a profissão de pedreiro, tendo construído várias casas que integraram as colônias das fazendas de Matão, além das casas construídas na cidade. Além das casas, construiu obras públicas de calçamentos e outras, requisitadas pela Municipalidade, colaborando de forma concreta na construção do progresso de nosso Município. Foi um grande trabalhador dentro de sua

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

profissão e, apesar de sua simplicidade, sempre deu à família e à sociedade, o exemplo de um homem trabalhador, digno e honesto. Primeiramente viveu nas fazendas da região, vindo depois a residir na cidade, nela permanecendo até a sua morte ocorrida no ano de 1972. Sua esposa, Dona Filomena, batalhou ao seu lado como mulher íntegra e forte, exercendo sempre o papel de mãe e esposa dedicada. Ela veio a falecer no de 1989, quando contava 82 anos. José de Souza representa o exemplo de imigrante português que adotou Matão como segunda Pátria, como muitos que o antecederam e centenas de outras importantes figuras que continuaram escolhendo Matão como solo amado. Eles trouxeram para cá os seus costumes, sua força de vontade e sua garra. Pela honradez com que foi escrita a História de José de Souza, uma via pública ostentando o seu nome e sua trajetória de vida era o mínimo que poderíamos ter feito, como sinal de respeito, como homenagem perpétua de seu amor pelo nosso país e pela nossa Terra da Saudade.

## JOSÉ ENGE

José Enge, casado com Margarida Visneovsky, vieram da Iugoslávia em 1925, deixando Gjurggenovo a bordo do Cap Norte aportando em Santos 30 dias depois, no dia 10 de novembro. Três ou quatro dias depois estavam na cidade de Araraquara. Os filhos do casal: José Enge Filho, Antonio, Luiza e Ernesto. Segundo relato de José Enge Filho, em entrevista publicada na Revista "A Comarca" de 2003, sua família foi levada para a Fazenda Serra d'Água pelo Senhor Ayello, que nos recebeu e acompanhou. Na Serra d'Água só nos deram água,- lembra ele. Ao verem a família chegando os responsáveis pelas terras acenaram negativamente com a cabeça, informando que não precisavam mais de imigrantes. Acabaram ficando numa casa na Vila Xavier. Os imigrantes conseguiram empregos; José Enge e seus irmãos encontraram empregos na serralheria borghi, que ficava na Rua 10, bairro do Carmo. As casas foram construídas em mutirão. A casa da família Enge ficava na Vila Furlan, hoje Melhado. Com o propósito de vir para Matão, José Enge deixou o emprego e foi trabalhar na serralheria de Amadeo Mortari, onde hoje é a Confecções Elite. A família ainda voltou para Araraquara e retornou a Matão. Construtor, José Enge teve seu nome ligado às principais construções de prédios como a Maternidade do antigo Hospital de Caridade, da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus, do Lar São Vicente de Paulo, do antigo Cine Polyteama e de vários outros. Um dos momentos mais agradáveis, na presença da família, em Matão, aconteceu por ocasião do casamento do filho José com Adens Molinari. Nessa oportunidade uma orquestra iugoslava visitava o Brasil e esteve em Matão, na sede do Sport Clube 7 de Setembro, executando e cantando músicas iugoslavas e abrilhantando a solenidade matrimonial. Sua esposa, Dona Margarida, sempre foi uma pessoa de índole cristã, tendo pertencido à Irmandade do Sagrado Coração de Jesus. Durante muitos anos, acolheu, em sua residência, como comensal, o Vigário da Paróquia, Pe. Alfredo Reith. A família Enge foi homenageada pela reportagem da Revista "A Comarca" de 2003, contando a trajetória do patriarca, José Enge, de José Enge Filho e demais descendentes, relatando sobre o trabalho artístico desenvolvido pelos seus integrantes. Entre os trabalhos, estão os perfis tampados de alumínio na frente da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus, a estrutura dos vitrões do Fórum e o Cruzeiro da Via Narciso Baldan, entre outros. A Serralheria Luen, foi comandada pelo Sr. José Enge Filho e Luiz. Entre outras especialidades da serralheria estão as churrasqueiras tradicionais. Os enfeites ornamentais nas ruas e avenidas da cidade para a celebração de Corpus Christi são feitos com a utilização dos moldes fabricados pela Serralheria Luen. Segundo relato de José Enge Filho (falecido), ele acreditava que tudo havia começado com um desenho de uma flor trazida por Angelin e Fausto Bettio, no ano de 1963. Em 1965, chapas foram compradas para fazer os moldes. No ano seguinte foi mais e mais, até nossos dias atuais, 44 anos de trabalho artístico, amor e dedicação. Em alguns anos, lembrou José Enge Filho, tivemos que interditar parte da Rua Cesário Motta para trabalhar no meio da rua. O molde mais complicado foi o desenho de um cacho de uva. Não eram só as uvas, mas as folhas bicudas e os detalhes. Certa vez, continuou ele, tivemos que montar um molde no dia anterior a Corpus Christi. Tentaram fazer, mas não conseguiram e nos pediram na última hora. Trabalhamos a noite toda, numa neblina! Nossos olhos queimavam. Colocamos no local por volta das cinco horas da madrugada. Almoçamos e jantamos mortadela naquele dia, recordou Luiz. Vejam como é o destino. Imigrantes que aportaram no Brasil, inicialmente vindos em busca de um futuro, numa terra distante, com uma população e língua totalmente desconhecida, transformaram a história de nosso país, a história de nossa cidade. Ao escreverem o seu futuro com dignidade, determinação e trabalho deixaram para nós, seus descendentes, um passado dignificante e honrado. Cada cidadão, cada família, cada trajetória, cada história é a nossa história. Quantas pessoas visitam Matão e se encantam com a beleza da nossa cidade, com avenidas largas, com o verde que simboliza a vida, com a fé concretizada no dia de Corpus Christi, entre outras tantas coisas que temos para mostrar. E como isso é possível? Graças à determinação de várias gerações que aqui fincaram seus ideais, como a exemplar família Enge, que vinda de tão longe e protagonista de tantos acontecimentos de nosso cotidiano, que hoje é impossível contarmos a história de Matão sem contarmos igualmente a história de seus descendentes e de todos os exemplos que ao longo dos anos foram sendo cultivados, enchendo os corações dos matonenses de orgulho pela escolha desta

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Terra para que aqui fizessem história, a nossa própria história.

## **JOSÉ GARAIB**

Nasceu em Beirut, na Síria, no ano de 1875. No início do século XX, imigrou para o Brasil, trazendo de navio consigo sua esposa Maria e a filha Helena. Já radicado aqui em Matão, teve mais duas filhas, Geni e Salua. Afeito ao trabalho, iniciou suas atividades como comerciante. Montou uma sapataria na esquina da Rua Prudente de Moraes com a Avenida 15 de novembro, onde, por muito tempo exerceu suas atividades. Faleceu em 02 de fevereiro de 1932, aos 56 anos de idade. Foi uma pessoa atuante na vida social e política de nossa cidade, contribuindo ativamente para o seu desenvolvimento econômico.

## **JOSÉ GERALDO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ GOMES FIGUEIRA**

Vindo de Portugal em busca de uma vida melhor, casou-se em Matão com Dona Carolina Marques dos Ramos Figueira, nascendo dessa união os filhos: Manoel, casado com Dona Santa Amâncio, José Gomes Figueira Filho, casado com Dona Iraci Benatti Figueira e Luiz Francisco, casado com Dona Maria Helena Rodrigues Gomes Figueira. Da constituição dessa continuidade familiar foram gerados 09 netos, todos casados e esses, por sua vez, deram continuidade à família Figueira, somando a ela mais 15 bisnetos. José Gomes trabalhou como lenhador nas Fazendas Piratininga e Passa Cinco, dando sempre aos filhos um grande exemplo de humildade, força de vontade e trabalho. Posteriormente, aperfeiçoou-se na profissão de marceneiro, fazendo dela um sacerdócio, tornando-se muito mais um mestre do que um simples operário, já que fazia questão de, com muito orgulho, ensina-la a quem se interessasse pelo labor. Proprietário de uma área de terra na Rua Major Joaquim Gabriel de Carvalho, no Bairro Alto, tornou-se bastante conhecido naquela região, marcando naquelas imediações a tradição de uma família digna e honrada, pois seus exemplos e virtudes hoje ainda vivem no coração de seus filhos e netos que, com muito orgulho dignificam o nome da família. José Gomes Figueira representa para o Município de Matão mais um grande exemplo de imigrante português que aqui aportou, nos deixando, além de uma família laboriosa e digna, seus costumes e suas tradições que enriquecem a nossa história. Faleceu no dia 18 de junho de 1964, deixando para trás um caminho de luta por onde hoje caminham seus descendentes.

## **JOSÉ GONÇALVES**

Filho de uma das mais tradicionais famílias de Matão, José Gonçalves foi filho de José Maria Gonçalves e de Dona Cândida Ferreira. Casado com Dona Amélia Chiozzini. Foi irmão de Erasto Gonçalves. Foi proprietário da Casa Bastia, armazém de secos e molhados, ferragens, louças, material de construção, entre outros produtos, localizada na Av. XV de Novembro, posteriormente vendida, em dezembro de 1929, para Arthur Ceccheto e Alziro Freire. Em 1983, José Gonçalves recebe homenagem do Sindicato Rural de Matão, por ter sido apontado pelo INCRA como produtor do ano.

## **JOSÉ GOULART PEREIRA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ GUERRA**

Em 24 de maio de 2002, Matão se despedia de um dos seus mais ilustres matonenses de coração. Embora nascido na vizinha cidade de Taquaritinga, José Guerra adotou Matão como seu berço, onde desenvolveu sua personalidade voltada para o bem estar da família, cercado do carinho de sua esposa, de seus filhos, genros e noras, de seus netos, bisnetos e tataranetos. No convívio em sociedade angariou a admiração e o respeito de inúmeros amigos. No trabalho constituiu-se num dos mais respeitados e renomados carpinteiro e marceneiro de nossa cidade. Nasceu no dia 22 de janeiro de 1917, filho de Caetano Guerra e Antonio

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Salimena Guerra. Foi casado com Elisa da Rocha e do conúbio resultaram cinco filhos: Pedra Antonia Guerra, Dionízio Estevan Guerra, Etevaldo José Guerra, Eulália Guerra e Osvaldo Aparecido Guerra. Seu filho Dionízio Estevan Guerra foi vereador em nossa cidade em duas legislaturas. Trabalhador incansável, José Guerra não media esforços para atender sua clientela. Dado o seu profissionalismo e o respeito no trato com as pessoas, indistintamente, sempre que foi solicitado, dirigia-se às residências não importando para ele a dimensão do serviço a ser feito. Desde um simples reparo numa fechadura até a troca ou execução de todo um mobiliário, o atendimento era sempre o mesmo. Como se vê, através deste breve relato, trata-se de um nome de um cidadão digno e de um profissional responsável, por conseguinte, merecedor de ostentar, com seu nome e sua história de vida, uma das vias públicas de nossa cidade, perenizando suas condutas como forma de exemplo a ser seguido pelas futuras gerações.

## JOSÉ HIPÓLITO

O Tenente – Coronel José Hyppólito Fernandes, era um dos moradores das fazendas que pertenciam a Jaboticabal. Juntamente com Theophilo e seu irmão Mathias Dias de Toledo, mais Antonio da Silveira Leite, Innocêncio Antonio da Costa e seu filho, Major Joaquim Gabriel de Carvalho formaram um grupo de moradores que num determinado contexto histórico idealizou o nascimento de nossa querida Terra da Saudade. Coube a Theophilo Dias de Toledo a idéia de edificar uma cidade. Sendo assim convocou a primeira reunião com os principais moradores, acima citados, resolvendo que tal edificação se daria sob o patrocínio do Senhor Bom Jesus. Formada a comissão, adquirem de Innocêncio Antonio da Costa, 10 alqueires de terra. O Tesoureiro da presente cruzada em prol do nascimento de Matão foi Theophilo Dias de Toledo. Os 10 alqueires foram transformados em quarteirões, divididos em datas. Estava então criada a Paróquia do Distrito de Paz, território que se desligou de Jaboticabal e passou a fazer parte da cidade de Araraquara. José Hyppólito Fernandes, além de um dos artífices da criação de nossa querida Terra da Saudade foi o primeiro presidente da mesa provisória, da primeira sessão da Câmara Municipal, em 28 de março de 1899 e um dos primeiros vereadores eleitos no ano de 1902.

## JOSÉ LIAN

Nascido em Matão aos 22 de fevereiro de 1917. Filho de Feres Lian e Maria Haik Lian. Casado com Aparecida de Oliveira Penteado Lian, com a qual teve os filhos: Beatriz, casado com Armando Blagioni e Regina Célia, casada com Jair Ghion, e dois netos: Débora Cristina e Luiz Eduardo B. Lian. A família Lian, proveniente do Líbano, instalou-se em Matão no ano de 1927. Nasce a Casa Feres, cuja atividade comercial continua até hoje. Nos primeiros tempos, o Sr. Feres contou com a ajuda dos filhos homens, Antonio e José. Logo depois, Antonio foi trabalhar na Prefeitura Municipal e José permaneceu trabalhando na loja de armarinhos que vendia, entre outras coisas, o conhecido chapéu Ramenzoni. José fez o curso primário no Grupo Escolar José Innocêncio da Costa, onde se diplomou. Formou-se Técnico em Contabilidade, no Colégio São José, da nossa cidade, estudando a noite. José foi um grande esportista, jogador de tênis e também de basquete, na Societá Stella D'Itália, ganhando muitos troféus e medalhas nos campeonatos que disputou por ser o melhor cestinha dos times existentes na nossa cidade, engrandecendo a Terra da Saudade que ele tanto amou. José Lian não media esforços para prestar serviços junto as entidades filantrópicas. Foi um grande pai, grande amor e grande vida. Faleceu no dia 28 de julho de 1993, disseminando na sua passagem pela terra, 76 anos vividos espargindo amor ao próximo, operoso e incansável deixando nos anais da vida uma credencial da mais alta admiração, amor e respeito. A família Lian exerceu várias atividades dentro da comunidade matonense, entre elas a criação, juntamente com outros matonenses, da Associação Comercial e Industrial de Matão. Pelos grandiosos serviços prestados à coletividade José foi homenageado com um próprio municipal no Residencial Noya Cidade, na Avenida onze. José Lian faz parte da História de Matão. Sigamos o exemplo de José, valorizemos as bênçãos da Vida, difundamos: amor, paz, solidariedade e gratidão por onde passarmos, justificando em atos edificantes a nossa passagem pela Terra. José Lian é considerado pelos matonenses que muito o amam e sempre o lembrarão com saudades, como "protetor dos pobres e dos necessitados". (*Olga Lian*).

## JOSÉ LUIZ WAGNA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## JOSÉ MARQUES CALDEIRA DE ASSUMPÇÃO

Oriundo de uma das mais antigas famílias a se instalar em nossa cidade, José Marques nasceu em Sant – Anna, Ilha da Madeira em Portugal, aos 29 de março de 1875 e faleceu em 12 de setembro de 1961, com 86 anos de idade e 64 de Brasil. Durante 62 anos viveu na região de Matão desses, quase vinte anos dentro de nossa cidade. Veio de Portugal em 1897 com destino ao município de Araraquara e dois anos depois para Matão. Trabalhou alguns anos como "camarada" como se dizia antigamente. Depois disso, comprou um sítio no Bairro do Pau D'Alho, cujo nome era Sítio Capim Fino, com 28,5 alqueires, na região de Matão. Casou-se com Anna da Conceição Martins no dia 05 de dezembro de 1908. Também foi proprietário de 10 alqueires de terra na estrada da Boiadeira, perto do Sr. Felício Lopes, onde hoje reside o Sr. Davoglio, da Fazenda Santa Izabel, no Pau D'Alho. Foi dono também das terras onde hoje é a fábrica da Cambuhy Citrus e proprietário das casas na Rua Cesário Motta, nº 853, onde já esteve instalado o INSS e onde funciona atualmente a Secretaria da Saúde do município, da casa na Av. XV de novembro nº 49, que depois passou a ser nº 195 e, posteriormente nº 716, de propriedade de seu filho Sebastião Marques Caldeira. Tais casas foram as primeiras a serem construídas em Matão. Quando casou tinha 33 anos, e a esposa contava com 15 anos de idade. Foram casados durante 18 anos, um mês e sete dias. Sua esposa faleceu com 33 anos e dezoito dias. Ela deixou sete filhos: A. Maria, José, Domingos, Antonia, Antonio, Sophia e Sebastião, este com menos de 22 meses de vida. José, Domingos e Antonia são falecidos. Portanto, José Marques criou seus filhos com dignidade e honradez e muito trabalhou para o crescimento da nossa cidade. O nome da família Caldeira se encontra no livro do escritor Azor Silveira Leite e, sem dúvida nenhuma, é uma das pilastras que ajudaram a escrever a história desta abençoada Terra da Saudade.

## JOSÉ MARTINHO MARTINS

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, José Martinho Martins era filho de José A. Martins e de Dona Luzia da Graça. Foi casado com Dona Marina Correa.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ MONDINI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ O BEOZZO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ PERLATO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ PILO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ PIO CORREIA DA SILVA

O major José Pio Correia da Silva foi um dos primeiros vereadores eleitos da história de Matão, no ano de 1902.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ ROSA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## **JOSÉ SCHIMIDT**

A história dessa figura confunde-se com a história de nossa querida cidade. José era oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão. Foi casado com Dona Cândida Loyola com quem teve os filhos: Sebastião, Ana Maria, Iraídes, Maria José e Carlos. Antes de se tornar proprietário e comerciante nesta cidade de Matão, onde foi por longos anos estabelecido como popularíssimo "Bar Schimidt", na Rua Rui Barbosa, esquina da Avenida XV de Novembro, José era homem feito na lavoura, com larga experiência em administração e direção de fazendas e em todas as atividades agrícolas. Foi certamente neste trato intenso e longo com a terra e constante trabalho que formou um caráter exemplar da mais absoluta integridade. Por sua bondade e seriedade, foi convidado a participar como um dos fundadores da Sociedade São Vicente de Paulo, em 29 de maio de 1929, permanecendo como um dos elementos predominantes nas atividades da entidade, principalmente na delicada responsabilidade de tesoureiro. Sempre foi cercado de muita consideração e estima que tinham seus amigos: Genaro Groppa, Dr. Hudson Buck Ferreira e do Revmo. Padre Alfredo Reith. Nesta época (anos 20/30), Matão não contava com mais de 15 mil habitantes e, como poucos, José Schimidt foi um dos comerciantes mais respeitados. Seu estabelecimento tinha como característica a manutenção de um ambiente sempre muito limpo e familiar. O bar era local de grandes decisões políticas e esportivas do cenário matonense. Em 14 de janeiro de 1945, uma súbita enfermidade o levou à morte, mas ele deixou como exemplo de homem de bem, filhos e netos até hoje de conduta religiosa e trabalhadores honestos: Iraydes Paiolo, Maria José Schimidt Avando, Ana Maria, Candú, José Luis, João Paiolo e Chico Dumont. O nome de José Schimidt figura hoje em uma das ruas de nossa cidade como forma de perpetuar sua trajetória de vida, os seus exemplos de cidadão honrado, e pela sua árvore genealógica aqui plantada, cidade que viu suas qualidades e suas virtudes serem espalhadas pela nossa Matão de ontem, resultando na Matão de hoje e projetando a Matão que queremos para o amanhã.

## **JOSÉ SGARDIOLI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ SIMÃO KFOURI**

Tradicional família de comerciantes, José Simão Kfourí foi casado com Maria Kfourí. Libaneses, imigraram para o Brasil no ano de 1910, estabelecendo-se em Matão, adquirindo a Casa Guarani.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ TEÓDULO RODRIGUES**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ TIBURTINO LOPES**

Nasceu em Caeteté, estado da Bahia, aos 21 de maio de 1912. Casado com Dona Francisca Rosa Lopes, sendo que dessa união nasceram seis filhos: João de Souza, Leozina Francisca Neves, Flozina Lopes Sanches, Manoel Lopes Neves, Joaquim Lopes Neves e Luiz Lopes Neves. Ao lado da esposa e dos filhos, constituiu uma família exemplar e bastante numerosa, contando com 37 netos e 87 bisnetos. Chegou em Matão no ano de 1965, sempre exercendo a profissão de pedreiro autônomo. Sua missão mais importante na cidade de Matão foi plantar a primeira semente da Igreja Assembléia de Deus, pois, iluminado por Deus aqui chegou, com o firme propósito de trazer os ensinamentos bíblicos para o nosso povo. A semente germinou em solo fértil, cresceu saudável e viçosa e hoje nos enche de orgulho por vê-la uma árvore frondosa, florescendo, frutificando e se reproduzindo. Para cuidar da pequenina semente, contou sempre com a ajuda de seu irmão, Manoel Tiburtino, hoje Pastor Presidente da Assembléia de Deus de Matão e Região. O Presbítero José Tiburtino Lopes faleceu aos 03 de julho de 1998, deixando um legado de luta, dignidade, fé e religiosidade a ser seguido não só pelos seus filhos, netos e bisnetos, mas por toda a comunidade evangélica de nossa cidade. Exemplo dessa natureza deve ficar para sempre registrado na nossa história e por isso, todos os vereadores aprovaram por unanimidade a homenagem que foi concedida ao Senhor José Tiburtino Lopes que emprestou seu nome para uma das ruas de nossa cidade.

## **JOSÉ TORTORELLO (Vereador)**

Oriundo de uma das mais tradicionais e antigas famílias de nossa cidade, José Tortorello nasceu em 18 de

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

junho de 1905, na cidade de Rio Claro, filho de Miguel Tortorello e de Dona Clara Sabino Tortorello. Foi casado com Antonia Capóvilla Tortorello, sendo que desta união nasceram os seguintes filhos: José Carlos, Jarbas Miguel, Luiz Olinto, Antonio de Pádua, Maria Estela, Jayme Aparecido e Maria Celeste. Exerceu a atividade de ferroviário nas cidades de Pimenta Bueno, Gonzaga de Campos, São José do Rio Preto, Catanduva, Santa Ernestina, Fernando Prestes e Matão. Exemplar chefe de família, não mediu sacrifícios para dar estudo aos seus filhos, sendo todos eles formados nas áreas do Direito e do Magistério. Seus filhos sempre exerceram ou ainda exercem profissões e atividades de relevo na sociedade brasileira, pontificando-se como Advogados, Juizes de Direito, Procuradores do Estado, Procuradores do Município, Promotores de Justiça, Administradores de Ensino e de Empresas, Escritores, Tribunais, Deputados, Vereadores, Prefeitos e Professores de ensino Primário, Secundário e Superior. Apesar de possuir simplesmente um diploma dos primeiros bancos escolares, José Tortorello foi, acima de tudo, um idealista, acreditando piamente em seu trabalho e em sua capacidade, sempre adotando o lema no sentido de que jamais haveria óbice para aquele que pretende vencer na vida. Como ferroviário, foi considerado, nas décadas de 1.940 e de 1.950, um dos maiores líderes do sindicalismo da classe, sendo idealizador da criação de uma Associação da Classe dos Ferroviários da Araraquarense, bem como da Colônia de Férias dos Ferroviários nas Termas de Ibirá. Aposentou-se como agente de Estação de Classe Especial da Estrada de Ferro Araraquara (EFA). De acendrado espírito patriota, participou ativamente no Estado de São Paulo da Revolução Constitucionalista de 1.932, dando sua colaboração como telegrafista. Com formação fincada no trabalhismo, sempre exerceu atividades de cunho político nas cidades de S. José do Rio Preto, Catanduva, Santa Ernestina, Fernando Prestes e em nossa querida Matão, aonde foi vereador por dois mandatos, entre 1956 a 1959 e 1960 a 1963, sempre recebendo votações expressivas e significativas, atuando como Presidente da Câmara em dois biênios. José Tortorello jamais esqueceu a atividade religiosa, sendo que em Gonzaga de Campos, sob sua inspiração e orientação, foi construída na década de 1.940, a Igreja daquela localidade, existente até os dias de hoje. Faleceu em 25/02/88.

## **JOSÉ VAZ DE CAMARGO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **JOSÉ VENÂNCIO DE FREITAS JR.**

Mais conhecido como "Ditinho", nasceu em Matão no dia 04 de junho de 1902. Era filho de Venâncio de Freitas e de Dona Gertrudes de Castro Freitas. Casou-se em 14 de abril de 1932, com Annita Gorgatti de Freitas, com quem teve 5 filhos: Walter, Ary de Castro, Wilma, Ana Maria e Diva. José Venâncio frequentou o Grupo Escolar (Grupão) hoje Escola José Innocência da Costa, nos idos de 1910, cujos saudosos tempos retratou nas suas crônicas através do jornal "A Comarca", em meados de 1961, sob o título: "Bons tempos...tempos de Grupó..." Gráfico por profissão, iniciou-se bastante cedo nas lides jornalísticas, mantendo, durante o ano de 1922, no período de 09/02 a 19/11 o jornal "O Pescador". Colaborou também nesta década sob os mais diversos pseudônimos, nos diversos jornais. Todos eles de curta duração, mantidos com grande sacrifícios e enorme idealismo pelos jovens sonhadores da época, conforme relatos do livro "Uma História para Matão", do professor e historiador Azor da Silveira Leite. Reservista de primeira categoria, classe de 1902, prestou o serviço militar em Caçapava, tendo sido incorporado no dia 30 de maio de 1927 como soldado nº 471, no 6º RI - 1ª BTI - 1ª Companhia. Em 02 de maio de 1928 foi promovido a cabo da esquadra e, a 26 de julho desse mesmo ano, foi promovido a 3º sargento para a reserva. Em 26 de julho de 1928 foi excluído por conclusão de tempo, sendo reincluído em 13 de outubro de 1930, no mesmo Batalhão, na Terceira Companhia, conforme Decreto nº 19.351, de 05 de outubro de 1930. Em 31 de outubro de 1930, foi novamente excluído de suas atividades, por terem cessado as hostilidades que imperavam no regime político da época. Futebolista emérito, José Venâncio defendeu com destaque, durante o período em que prestou o serviço militar, A. A. Caçapavense a ponto de, naquela época, ter sido convidado para treinar no clube carioca Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, convite que teve que recusar em razão dos compromissos com a família, que exigia sua volta para Matão. Após dar baixa do serviço militar em 1928, foi, durante o período de 1929 a 1935, instrutor do Núcleo de Tiro de Guerra de Matão e também instrutor do primeiro grupo de escoteiros criado em 1939 por iniciativa da saudosa professora Chlorita de Oliveira Penteado Martins que o distinguiu com tão honroso convite. Tipógrafo e impressor por mais de 40 anos, profissão da qual sempre se orgulhou, trabalhou durante mais de três décadas no jornal espírita "O Clarim", colaborando, no decorrer de vários anos, com crônicas e artigos no jornal "A Comarca", órgão onde manteve, nos anos 40, durante um período considerável, a coluna "Do Meu Cantô", sob o pseudônimo de "Sapo Velho". Mesmo depois de aposentado, a partir de 1962, já residindo em São Paulo, ainda continuou a emprestar sua colaboração, embora esporádica, ao Jornal "A Comarca", com

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

seus escritos sob o título "Bons tempos... futebol do passado, futebol de verdade – reminiscências das lutas e dificuldades enfrentadas pelos esportistas para a formação e manutenção dos times de futebol, alcançando algumas evidências no cenário futebolístico da época, pelo alto valor dos jogadores com que contavam em suas fileiras, tais como José Martins (Zeca), Augusto Ferreira, José Ferraz (Juquita), Antonio Gorgatti, Riciotti, Érico Maccagnan, David Rossi e outros, ao lado dos quais ele tão bem pontificou, conforme relatos constantes na obra "Uma História para Matão", de autoria do historiador e professor Azor da Silveira Leite. Melhor testemunho do que o dado por nós, seus filhos, a respeito de sua participação na vida da cidade, com a qual ele cresceu junto, com ela se identificando, durante grande parte de sua vida, são suas crônicas e seus artigos incluídos em várias páginas do livro de Azor da Silveira Leite, além de uma crônica necrológica a ele dedicada pelo também saudoso Januário Groppa, em "A Comarca", de 06 de outubro de 1984, sua delicada homenagem ao amigo e companheiro do jornalismo. Pelas mãos de José Venâncio, o cotidiano de nossos familiares foi descrito, figurando em páginas de jornais e perpetuados nas obras do escritor e historiador Azor da Silveira Leite. Sua trajetória é a história de Matão; que ele, como ninguém, conseguiu escrever com ferro quente, gravada que ficou no mármore de nossas lembranças. Da caneta de pena à caneta esferográfica, dos tipos, linotipos, máquinas de datilografia aos computadores, José Venâncio resgatou, através de suas crônicas, um momento da história, que não ficará perdida apenas nas reminiscências de quem com ele conviveu, pois já foram perpetuadas nas obras escritas pelo professor Azor. Muito mais após a homenagem que lhe foi concedida, emprestando sua altiva figura, seus infundáveis exemplos, toda a genealogia de sua família, passando a figurar numa de nossas ruas, prova de que nossa efêmera passagem por este terra, em sendo correta, nasce, cresce, morre, mas dá frutos, e tais frutos são a nossa esperança de um amanhã sempre melhor.

## JOSÉ VIEIRA PRIOSTI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ VIEIRA PRIOSTI JR.

Conhecido como seo Zeca, nasceu em Matão aos 18 de outubro de 1914 e faleceu em 24 de fevereiro de 1990. Foi casado com Angelina Favaro Priosti, com quem teve os filhos Antonio, José Adilson, Aristeu, Ademar e Mário. Família estabelecida no ramo da indústria e comércio e que contribuiu com o desenvolvimento e a grandeza do nosso município.

## JOSÉ ZANARDI

Nome de Rua e de Praça.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSÉ ZANGARI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JOSEPHINA N. VIDAL

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## JUNDIAÍ

Jundiaí (tupi): Surgiu no século 18 por estímulo do casal Rafael de Oliveira e Petronilha Antunes, que lá estabeleceu um alojamento para descanso dos bandeirantes paulistas em incursões ao sertão. Chegou até a ser conhecida como Mato Grosso de Jundiaí. O nome foi dado pelos índios em referência ao principal peixe da região, o jundiá, uma vez que jundiaí, em tupi, significa o rio dos jundiás, ou bagres. Em 1655 Jundiaí marcava o limite norte do povoamento da capitania de São Vicente. Este povoamento acusava dois rumos principais: um de Jundiaí para leste, atingindo a zona montanhosa banhada pelo rio Atibaia, e outro de Jundiaí para o norte, alcançando o vale do rio Moji-guaçu. No primeiro caso, surgiu a fundação do povoado na Fazenda de São João, por Jerônimo de Camargo, onde em 1655 se fixaram os índios trazidos

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

do sertão pelo padre Mateus Nunes, povoado que passou a ser capela curada em 1680. Em 1676, nasceu a povoação de Nazaré. Depois da descoberta das minas no século XVIII chegou a traçado definitivo o «caminho dos Guaiazes», partindo de Jundiá, atravessando as povoações de Moji-Mirim e Moji-Guaçu, rumando para o noroeste por áreas que mais tarde formaram o Sul de Minas Gerais. No dia 28 de março de 1865, Jundiá foi elevada à condição de cidade. Em 1865, tornou-se município. A inauguração de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Desterro, no ano de 1651, marcou o início do reconhecimento da povoação de Jundiá. Quatro anos mais tarde, Jundiá foi elevada à categoria de vila. O aniversário da cidade é comemorado em 14 de dezembro. Nesse dia, não é feriado. Nas décadas seguintes, a cidade tornou-se uma estratégica área de entroncamento ferroviário, o que possibilitou a imigração de ingleses, espanhóis e italianos, motivados por incentivos governamentais, que tentavam substituir a mão-de-obra escrava. Nas últimas décadas do século XIX, Jundiá destacou-se como importante centro produtor de café do estado de São Paulo e, a partir de 1890, a cidade recebeu uma grande massa de imigrantes italianos, cujas influências começaram a surgir em perfeita sintonia com os habitantes da cidade. Na primeira metade do século XX, Jundiá descobriu a sua vocação industrial, o que perdura até hoje, pois a cidade possui um dos maiores parques industriais da América Latina. Jundiá destaca-se, atualmente, no desenvolvimento das áreas cultural, educacional, tecnológica e ambiental. A indústria do lazer também está incrementando a economia da cidade, com a instalação de parques temáticos que atraem turistas e geram empregos. Situada a 63 quilômetros da capital do estado de São Paulo, Jundiá possui cerca de 340 mil habitantes, distribuídos em uma área de 432 km quadrados. O acesso à cidade é feito pelas rodovias Anhangüera, Bandeirantes e Dom Gabriel Paulino Couto, além da proximidade com as rodovias Castelo Branco, Dom Pedro I e Fernão Dias. Jundiá faz limite com 11 municípios: Várzea Paulista, Campo Limpo Paulista, Franco da Rocha, Cajamar, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Itupeva, Louveira, Vinhedo, Itatiba e Jarinú.

## JURANDIR LIBÓRIO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

L

## LAERT JOSÉ TARALLO MENDES (Prefeito)

Nascido em 03 de setembro de 1928, na cidade Itápolis. Filho de Miguel Arc' Ângelo Mendes e Rosa Tarallo Mendes. No ano de 1950, Laert chega a Matão, para ser professor do atual Instituto de Educação Prof. Henrique Morato, para lecionar artes (trabalhos manuais). Em 1955 casou-se com Dona Edynea Bastia Mendes, professora de alfabetização durante muitos anos. Era admirado em todas as classes sociais, principalmente entre os trabalhadores do comércio, indústria e agricultura, bem como no meio estudantil. Como todo homem de capacidade e prestígio, Laert não deixou a política de lado, sendo o executivo que por mais tempo governou a cidade. De seu governo o povo se recorda com saudade, pois a cidade recebeu uma infinidade de melhorias as quais até hoje ainda se encontram diante dos olhos do povo que por ele foi governado, por duas vezes. Em 1959, funda, juntamente com um grupo de entusiastas, a entidade para construção da piscina. Em 1959 participa das eleições como candidato a vereador. Em 1962, faz parte da diretoria da Sociedade Matonense de Natação. Neste mesmo ano, recebe efusivos elogios pela sua participação, com quadros referentes à procissão do Corpus Christi que fizeram parte da exposição na Primeira Feira de Arte Popular na Capital Paulista. Em 1963, funda o Partido Libertador de Matão. Em 1966 fez parte da primeira diretoria da APAE, tornando-se vice-presidente desta importante entidade. Foi também diretor da Escola Técnica de Comércio, Professor Afonso Lemos. Sua primeira gestão como prefeito de Matão, deu-se no período de 02 de fevereiro de 1969 a 31 de janeiro de 1973. Em 24/05/1969 era inaugurada a agência do Banco Banespa, antiga Casa Bancária Irmãos Malzoni e atual Santander. Em 02/02/1970 é criado o crédito para os serviços de retransmissão de sinais de TV. Neste ano nascia a Guarda Mirim "Dr. José Roberto Paim". Em 26/04/1970 foi inaugurado os serviços de água em São Lourenço do Turvo. No ano de 1972 inaugurava-se a Escola Estadual Professor Roberto Veltre, no bairro do Retiro Na segunda gestão foi de 01 de fevereiro de 77 a 02 de maio de 1981. Nesta segunda gestão, permaneceu por dois anos a mais no cargo, através de uma Lei Federal que adiou as eleições. Laertão era considerado, além de grande líder, o mentor político do MDP e PMDB, cujo nome se constituiu numa bandeira desfraldada, modelo para os políticos da época e exemplo de virtude e perfeição nos dias atuais. Foi um líder político que fez romper-se a tradição PSPista, dando início à administração manda brasa. Filantropo, dedicava aos humildes grande parte do seu tempo, atendendo-os em caso de doença, na Santa Casa de Misericórdia, da qual foi vice-provedor no ano de 1974, quando trouxe para nossa cidade muitos médicos de renome atual, além de fazer parte como membro ativo do Conselho de Comunidade. Em 1974 recebe o título de cidadão matonense, pelos serviços prestados à comunidade de nossa terra. No ano de 1976, é um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Matão. O diretor da Faculdade foi o Cônego Amador Romão, tendo como Vice-Diretora a esposa de Laert, a professora Edynea Bastia Mendes. Em 1977 a cidade de Matão estava integrada ao sistema telefônico Chamado DDD. Em 1977 é realizada a Primeira Feirinha em Matão. Em 1978 inaugura a Rodoviária " Prefeito Martins de Castro". Durante o período de seu governo, várias escolas e praças foram construídas. Em seu governo dotou a antiga praça Barão do Rio Branco, hoje praça Dr. Leônidas Calígola Bastia, dos sanitários públicos e da cobertura do ponto de táxis, além da construção do prédio onde hoje se encontra a Prefeitura Municipal. Com a construção bem adiantada, planejava terminar o hotel defronte à Prefeitura para que se transformasse em Hotel Municipal, onde funcionou o "Varandas" e atualmente o Picanhas ". Em 1981 afasta-se do cargo, deixando um discurso memorável aos matonenses, cujos trechos mais marcantes seguem abaixo: *"... As mãos que se erguem para o trabalho sustêm o país e lhe dão configuração de Pátria. Todos trabalham não apenas para o sustento e o bem estar de sua família, mas para um ideal mais nobre. O progresso do país é a meta de todos, em busca da felicidade comum. Nada mais significativo, pois, que evôquemos nossas raízes, e ergamos um brinde a todos aqueles que, através dos tempos, edificaram a grandeza de Matão. O amor a esta terra ditosa há de ser símbolo risonho de nosso venturoso porvir, que se assenta no sublime ideal que embala nossos corações. Todos os objetivos serão alcançados, pela índole da nossa gente e o vigor de seus braços, pelo sentimento de brasilidade de todo matonense..."*. Faleceu em 02 de maio de 1981. No mesmo ano de seu falecimento, Laert recebe, representado por membros de sua família, uma Comenda no Hotel Hilton, e no luxuoso Hotel Maksoud Plaza, recebe um Diploma e um Troféu,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

prêmio por ter sido considerado o melhor prefeito de todo o Estado de São Paulo. Em 1982, foi inaugurado o Conjunto Poliesportivo, denominado Laert Tarallo Mendes, sendo essa uma das pouquíssimas obras que ele não conseguiu terminar, porque a morte ceifou-lhe o futuro. Foi igualmente homenageado com um busto, localizado de frente à Prefeitura Municipal. Além disso, recebeu também a homenagem de ter seu nome em uma das principais avenidas de nossa cidade. Por tais razões, a homenagem que fizeram, dando-lhe postumamente a láurea de ter se transformado em Patrono da Escola pública do bairro do Jardim Alvorada, além de justa, foi um sinal de agradecimento pela grandeza que significou este vulto de nossa querida Terra de Matão.

## **LAURENTINO GABRIEL**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LAURINDO GONÇALVES**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LAURINDO PINOTTI**

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, Laurindo Pinotti foi casado com Dona Carolina Zambom. Era filho de Antonio Pinotti e de Dona Regina Palma Setti. Laurindo e seu irmão Carlos trabalharam na construção das Rodovias Faria Lima e Washington Luiz, rodovias de suma importância para o desenvolvimento de nossa cidade. Seus filhos herdaram o exemplo de amor e de admiração pela Terra da Saudade.

## **LÁZARO DE CASTRO FREITAS**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LEANDRO BOCCHI**

Filho de Secondo Bocchi e de Albina Di Biazi, imigrantes italianos que vieram para o Brasil no início do ano 1880. Leandro nasceu em Carbonara Di Pó, Mantova, na Itália, no dia 27 de agosto de 1870. Em Matão, constituiu família, cultivou a terra e formou a fazenda de café com o suor de seu trabalho unido ao de seus filhos no Bairro do Retiro, em Matão. Em 1916, sua propriedade contava com cerca de 9.000 pés de café e, além de suas atividades agrícolas, cuidava de uma olaria e mantinha uma área para pastagem, alugada aos criadores da época. A casa, onde morou, existe até hoje, localizada nas proximidades da via férrea que passa sob o pontilhão da Av. Trolesi que vai para o Bosque e Jardim Popular. Foi casado com Dona Emília Russi Bocchi com quem teve os filhos: Mathilde, Primo, Segundo, Athilio, Décimo, Domingos, Zaíra, Fiorinda, Conchilia e Maria. O primeiro filho do casal, faleceu com apenas 2 anos de idade. Este fato está registrado nas pesquisas realizadas pelo historiador Adail Pedro, quando de seus mergulhos historiográficos que enalteceram figuras tão edificantes quanto a de Leandro Bocchi, em busca de nossas histórias mais longínquas, descortinando o véu do passado e perpetuando suas trajetórias para as gerações vindouras. Da numerosa família Bocchi, várias outras foram derivadas e, Leandro Bocchi foi avô de Oscar e Walter Baldan e de Luiz e Armando Marchesan, outras duas famílias tradicionalíssimas de nossa cidade. A família Bocchi, presente em vários segmentos de nossa sociedade, merece o nosso respeito e a nossa gratidão por terem escolhido terra tão dádívosa, plantando aqui as sementes de gerações e gerações de cidadãos ativamente comprometidos com a história de nossa Terra da Saudade, ajudando a formá-la desde o seu início, dando inúmeras contribuições. Leandro Bocchi faleceu no ano de 1943, aos 60 anos, em Matão. Ilustre figura, pioneiro na construção de nossa cidade, Leandro Bocchi jamais poderia ter sua trajetória de vida esquecida diante dos olhos de seus familiares e amigos, sem que a história lhe garantisse a perpetuação do seu nome numa das vias públicas de Matão, berço de prosperidade de sua família, orgulho para a nossa cidade.

## **LEÃO PASTORI**

Filho do imigrante italiano Ângelo Pastori e da brasileira Maria Marcelina Castelli Pastori, nasceu no dia 11 de agosto de 1911, na Fazenda Monte Rosa, Distrito de São Lourenço do Turvo. Aos dois anos foi para a Itália, juntamente com seus pais e irmãos, onde presenciaram a primeira Guerra Mundial em 1914. Ao fim da guerra, a família retornou ao Brasil. Trabalhou com seus irmãos na Fazenda Monte Rosa, de 1930 a

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

1947, na lavoura do café. Em 20 de fevereiro de 1947, em São Paulo, numa igreja da Rua Vergueiro (Vila Mariana), casou-se com Ermínia Margutti. No final do mesmo ano, mudaram-se para Nova Columbia, município de Marília, onde abriram o seu próprio negócio, um armazém de secos e molhados. Mais tarde, para completar a felicidade do casal, nasceu o filho Leão Mauro. Em 1958 mudam-se para Matão, onde construíram uma casa, montaram um açougue e, logo mais tarde, um restaurante para os caminhoneiros que por ali passavam, em direção a Citrosuco, fundada naquela época. Leão e Nica (como é chamada carinhosamente a sua esposa Ermínia), Miriam Marcelina e Leão Mauro formavam uma família feliz. Em 30 de outubro de 1993, Leão veio a falecer, deixando a saudade, o exemplo e a lembrança do homem caridoso, honesto e trabalhador que sempre foi.

## **LEÃO PIO DE FREITAS (Coronel)**

A vida do Coronel Leão Pio de Freitas está inteiramente ligada ao nascimento de nossa cidade. Foi ele, por exemplo, que patrocinou o levantamento do cruzeiro, na criação do Arraial. Leão defendia o nascimento da cidade nas proximidades da fazenda de Ottoni Correa, sendo voto vencido pelos demais integrantes que discutiam a criação da nossa querida Matão que votaram pelo nascimento da cidade no campo da Água Comprida, local onde hoje é o jardim da Igreja Matriz. Tal decisão, muito bem pensada na época, deu-se em razão da topografia do local que permitiria a captação de água e a instalação de esgoto. Leão não só participou das reuniões iniciais da criação do Arraial como também se dedicou na esfera pública, sendo Prefeito do nosso município no período de 15/01/1908 a 15/08/1915. Alguns feitos realizados no seu período de governo: Em 1908 foi contratado estudo para o abastecimento de água, aquisição do manancial, captação e canalização. O prefeito estudava a construção do prédio próprio da Câmara Municipal. Em abril de 1908 o prédio das Escolas Reunidas estava pronto. Na mesma época o vereador Bernardino Gonzaga autorizava a construção de um Teatro Municipal de Verão. Em 05-06-1908 era lançada a pedra comemorativa do Paço Municipal, que seria inaugurado posteriormente em 21/02/1909. Em 12/09/1908 é criado o SOcietá Stella D' Itália, clube da colônia italiana. Ainda em 1908, Matão tinha as Escolas Reunidas e o Colégio Comercial. Em 1909 inaugurava-se o prédio da Casa da Cultura, que serviu como prédio da Prefeitura Municipal. O ano de 1910 marca a inauguração do prédio próprio da cadeia. Até então ela estava funcionando numa casa da Vila do Matão, antiga fábrica de meias Sônia. Em 08-01-1911, é inaugurada a Estação de Trem de Toriba. No mesmo ano é inaugurado os Serviços de Água e Esgotos, com taxa de 5 mil réis cada prédio, com direito a duas torneiras, mais 3 mil réis por torneira excedente. Em 30/03/1913 é inaugurado o Grupo Escolar, embora existam documentos datando tal acontecimento no ano de 1911. No mesmo ano de 1913 inaugura-se a luz elétrica fornecida pela empresa Força e Luz do Jahú. Ainda em 1913 dá-se isenção de 15 anos em impostos municipais para quem se habilitasse a construir o Teatro. Em 01-09-1913 o Coronel doa o prédio da Escolas Reunidas à Associação do Hospital de Caridade para que ali fosse mantida a Santa Casa de Misericórdia. Em agosto de 1915 as ruas e avenidas passam a ter novas denominações. Na Revista de "A Comarca" datada de 1973, em reportagem intitulada Matão do passado, encontramos um trecho que cuida de reverenciar a figura do Coronel Leão Pio de Freitas pela construção, em sua administração, do antigo prédio da Prefeitura Municipal, hoje Casa da Cultura. Aclamado como prefeito mor de Matão, cujos feitos ainda saltam aos nossos olhos, com a instalação, em 1911, de água, luz, telefone, esgotos, cadeia pública e outros melhoramentos que continuam atestando a glória da sua administração. O antigo prédio mantém de modo soberbo uma linha impecável de arte e estética, atravessando os anos sempre altaneiro, feito sentinela alerta e desafiando as intempéries e calamidades do tempo em passagem.

## **LEÔNIA MELITO (Madre)**

Nascida em 23 de junho de 1913 em Sapri, província de Salerno, Itália. Na sua adolescência ingressou no movimento Ação Católica, um dos mais prósperos da Igreja naquela época. Este movimento tinha por objetivo a formação da juventude cristã, para trabalhar na missão da Igreja, anunciando o Evangelho e denunciando os contra valores da sociedade secularizada. Leônia exercia sua liderança entre amigos e amigas, entusiasmando outros jovens a participar das atividades paroquiais. Ela ensinava Catequese, estudava a Palavra e orava diante do Santíssimo, visitando famílias que precisavam de uma palavra de fé e de esperança ou ajuda material. Aos finais de semana, ia à praia com seus familiares, mas gostava também de freqüentar teatros e concertos. Após participar de um retiro espiritual da Ação Católica, sentiu que sua vida estava ligada ao nobre ideal dos serviços missionários, e em junho de 1935, ingressou no Instituto das Irmãs Pobres Filha de Santo Antonio. No período da Segunda Guerra Mundial, a jovem religiosa enfrentava os bombardeios - Em Nápoles, socorrendo os pobres, os velhos, os doentes e as crianças órfãs e desamparadas. O seu testemunho de vida empolgava outras jovens que, sob sua orientação, decidiram deixar tudo e consagrarem suas vidas ao Senhor. Na década de 1950, religiosas orientadas por Madre

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Leônia deixou a Itália rumo ao Brasil, fazendo do sonho missionário, uma realidade, dedicando-se às diversas pastorais, trabalhando nos asilos, orfanatos, creches, escolas e hospitais. Em 1954, vem para Matão, trazendo consigo sua energia e sua devoção, inigualáveis, virtudes de uma alma caridosa, zelosa e sempre disposta a servir. Em 1957 vai para a cidade de Londrina, a convite de Dom Geraldo Fernandes, onde funda o movimento da Pia União das Filhas de Maria. Com sua vida totalmente dedicada aos atos religiosos, Madre Leônia orientava coroinhas, realizava encontros com famílias e nas celebrações, tocava o órgão e cantava com o povo. Em 1958, funda uma nova família religiosa, a Congregação das Missionárias de Santo Antonio Maria Claret ou missionárias Claretianas. Ela não foi apenas a fundadora dessa Ordem religiosa; durante vinte e dois anos, exerceu a missão de Superiora-Geral e mãe espiritual das irmãs. O seu ardor missionário, o número crescente de vocacionadas que abraçaram a vida religiosa nos anos seguintes e a vontade audaciosa e profética de responder aos apelos dos irmãos, fizeram com que, em pouco tempo, a Congregação se espalhasse pelos cinco Continentes. Faleceu no ano de 1980, vítima de um acidente automobilístico. Seu túmulo encontra-se no presbitério do Santuário Eucarístico, na cidade de Londrina, Paraná. Muitos leigos e leigas associaram-se à sua nobre missão evangelizadora, fundando o Instituto Claretiano de Leigos Missionários e a Fraternidade Eclesial Claretiana, sinais evidentes da fecundidade espiritual do carisma deixado pelos fundadores da Congregação. Como a luz que não conhece o caso, seu testemunho de vida iluminada a caminhada dos irmãos e irmãs que clamam por fraternidade e solidariedade, buscando caminhos de libertação para toda a opressão humana. No dia 19 de março de 1998, na Catedral de Londrina, Paraná, Dom Alberto Cavallin introduziu a causa da beatificação de Madre Leônia Milito. Em setembro do mesmo ano, realizou-se a primeira sessão do Tribunal Eclesiástico, iniciando-se o processo sobre a vida e virtude desta serva de Deus. Um ano após o início das atividades do Tribunal Eclesiástico, mais de cem pessoas escreveram ao Secretariado da Postulação, para narrar graças recebidas. Num folheto que conta sua trajetória de vida iluminada está escrito: *"... os santos, por onde passam, deixam o mundo melhor, semeiam coragem, força, esperança, bondade e dinamismo profético. São pessoas que agem, contemplando a face de Deus esculpida em cada irmão de caminhada..."* Dizia Madre Leônia: *"...santidade não é senão amor..."* Pela sua dedicação e amor intenso, Madre Leônia Milito foi homenageada, emprestando seu nome a uma das ruas do bairro do Jardim Cambuhy, como forma de agradecimento por tudo que fez à comunidade matonense; além disso, seu nome figura também como Patrona do Educandário Santo Antonio, construído em 06 de agosto de 1961 e que abriga atualmente, a Creche denominada Gotinha de Orvalho.

### LEÔNIDAS CALÍGOLA BASTIA (Dr)

Em 01/01/1948 o Dr. Leônidas foi empossado prefeito através de eleições diretas (1.121 votos), após 17 anos de prefeitos nomeados. No dia 20/02/1948 é fundada a Escola Técnica do Comércio. Em 1950 é criado o Lar Espírita Cairbar Schutel, visando amparar famílias pobres, assistência dos menores na casa abrigo como uma creche, passando a internato. No mesmo ano é criada a Escola Normal de Matão e um curso profissionalizante. No dia 09/09/1951 inaugurava-se o Posto de Puericultura de Matão (antigo Posto de Saúde). Em 20-04-1951 era inaugurada a agência do Banco Arthur Scatena. Sua administração terminou em 31 de dezembro de 1951. Assim como o Dr. Salvador de Toledo Galvão, Leônidas Calígola Bastia foi médico de família. Em 26/03/1988 é homenageado com o Diploma de Sócio Honorário e Benemérito do Corpo Clínico do Hospital. A unidade de pediatria do hospital foi batizada com seu nome. Como reconhecimento, a antiga praça localizada na área central da cidade, conhecida como Praça Barão do Rio Branco, passou a ter o seu nome. A vida do Dr. Leônidas merece o nosso maior respeito e reconhecimento pois ele foi o verdadeiro sacerdote da medicina. Foi o primeiro médico matonense. Será sempre o primeiro. Nascido em Matão, aos 10 de janeiro de 1910, filho de Terige Bastia e de Filisbina Peter Bastia. Fez o curso primário em Matão, o ginásio no Ginásio Anglo Brasileiro em São Paulo, onde também estudou o colegial. Formou-se médico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 1936. Além de clinicar particularmente também exerceu suas funções no antigo Hospital de Caridade de Matão. Também foi médico do Posto de Saúde de nossa cidade e médico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais por vários anos. Casou-se com Palmyra Capparelli Bastia, em 30/09/1940, com a qual teve quatro filhos. Em 31 de julho de 1999, aos 89 anos de idade, despediu-se da sua estada fecunda na Terra da Saudade. Foi em vida uma das pessoas mais preciosas que Matão teve. A cidade é prova viva dos seus nobres ofícios, quer seja como brilhante homem público, quer seja pela figura do médico dedicado e bom amigo. Sua bondosa figura estará sempre nos corações daqueles que o conheceram para que perpetuem seu nome, sua imagem e sua memória àqueles que não tiveram esta grata convivência.

### LEONILDA FRANCISCO PERSIGUELLI

Nasceu em Santa Lúcia, no dia 20 de março de 1917. Mudou-se para Matão em 1965. Casou-se com José

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Persiguelli com quem teve seis filhos. Leonilda era muito dedicada à família e aos amigos. Faleceu em 02 de janeiro de 202, deixando marido, filhos, netos, bisnetos e muitos amigos, para saudade de todos.

## **LESTER STONER EBERSOLE (Pastor)**

O Pastor Lester Stoner Ebersole nasceu em 02 de janeiro de 1925 em Lancaster, Pennsylvânia, Estados Unidos. Foi casado com Louis Fernand Ebersole, nascida em 19 de outubro de 1922, em Jonestown, Pennsylvânia, Estados Unidos, e emérita professora de Inglês. Juntamente com sua esposa veio para o Brasil em julho de 1958, pastorando na cidade de Valinhos, Tabatinga e em Matão. Juntos, formavam um casal humilde, dentro e fora da religião, que muito realizou como profíctentes do culto evangélico, da caridade em favor dos pobres e dos enfermos, sempre com nobreza e amparo. Infelizmente o casal deixou este mundo após um acidente fatal. Sua esposa, Lois, veio a falecer em 28 de maio de 1983. O pastor Lester faleceu em 18 de junho do mesmo ano. O fato foi lamentado por todos os matonenses, deixando um rastro de saudade e crédito de imensa gratidão da nossa terra. Para que suas pegadas não ficassem apenas na lembrança de quem os conheceram, foram homenageados com nome de rua para que as futuras gerações conheçam e reverenciem a trajetória de vida dedicada à religião de dois estrangeiros que escolheram o nosso país para professarem a sua fé e a nossa cidade como última morada.

## **LINO CHIOZZINI**

Oriundo de uma das famílias mais antigas de nossa cidade. Consta, no livro do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, uma lista dos primeiros 100 casamentos realizados em nossa cidade. Entre os anos de 1897/1898 o número 45 da lista é o casamento de Lino Chiozzini com Dona Edwirges Cappi., com quem teve os filhos: Letícia, Antenesca, Victorio, Ida, Egydio, Amélia, Mário, Zelinda, Esmeralda e Durvalina.

## **LINO TREVISAN**

Imigrante italiano oriundo de Vicenza chegou ao Brasil em 1925, tendo aportado em Santos. De lá seguiu para a cidade de Dobrada onde cumpriu o contrato de imigrante, mudando-se depois para Ribeirão Preto. Lá se casou com Júlia Tomazelli, também filha de imigrantes. O casal recebeu a dádiva do primeiro filho ainda em Ribeirão Preto, chamado Dalmino Trevisan. Em 1932, em razão de grave crise que assolou a Nação, mudou-se para Dobrada a procura de trabalho. Lá nasceram: Milone Tomazelli Trevisan, casado com Ivone Tereza Passerini, Júbiça Trevisan Béggio, casada com Lorenzo Béggio, Dalva Trevisan Roveri, casada com Ednor Roveri, Ivone Trevisan Giaquinto, casada com Luiz Giaquinto, Galder Trevisan, casado com Elizete Durante e Marlene Teresa Fernandes, casada com Moisés Fernandes. Dentre todos, quatro deles residem em Matão, destacando-se o filho mais velho, Dr. Dalmino Trevisan que ingressou na política e foi eleito vereador na Câmara Municipal de Matão, tomando posse no seu primeiro mandato em 01 de janeiro de 1964, onde se destacou pelo seu devotado trabalho, sendo reeleito por mais quatro vezes consecutivas, permanecendo ativo na Casa Legislativa até 31 de dezembro de 1986. Neste período, Dalmino foi presidente da Câmara em quatro oportunidades. Quando Lino iniciou seu labor com uma pequena oficina de conserto de implementos agrícolas, carroças e charretes ainda na cidade de Dobrada, não mediu esforços para que seus filhos o acompanhassem no trabalho e desenvolvessem uma conduta honrada, sempre lutando para vencer as dificuldades do cotidiano. A família de Lino Trevisan inegavelmente contribuiu na construção da história de nossa cidade, destacando-se, entre outras, nas áreas industrial, comercial e legislativa desta terra, sinal do trabalho, da honradez e da devoção total, predicados que Lino Trevisan carregou durante sua vida e soube tão bem oferecer aos seus descendentes. Na justificativa dos vereadores que propuseram a homenagem a Lino Trevisan, ficou a frase: "...quem meu filho beija, meus lábios adoça...", em reconhecimento à história de Lino e a do colega de vereança Dalmino, filho do homenageado.

## **LOUIS FERNAND EBERSOLE**

Louis Fernand Ebersole, nascida em 19 de outubro de 1922, em Jonestown, Pennsylvânia, Estados Unidos, e emérita professora de Inglês. Foi casada com o Pastor Lester Stoner Ebersole, que nasceu em 02 de janeiro de 1925 em Lancaster, Pennsylvânia, Estados Unidos. Juntamente com seu esposo veio para o Brasil em julho de 1958, auxiliando o marido em sua peregrinação na cidade de Valinhos, Tabatinga e em Matão. Juntos, formavam um casal humilde, dentro e fora da religião, que muito realizou como profíctentes do culto evangélico, da caridade em favor dos pobres e dos enfermos, sempre com nobreza e amparo. Infelizmente o casal deixou este mundo após um acidente fatal. Louis, veio a falecer em 28 de maio de

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

1983. O pastor Lester faleceu em 18 de junho do mesmo ano. O fato foi lamentado por todos os matonenses, deixando um rastro de saudade e crédito de imensa gratidão da nossa terra. Para que suas pegadas não ficassem apenas na lembrança de quem os conheceram, foram homenageados com nome de rua para que as futuras gerações conheçam e reverenciem a trajetória de vida dedicada à religião de dois estrangeiros que escolheram o nosso país para professarem a sua fé e a nossa cidade como última morada.

## **LOURENÇO (São)**

São Lourenço de Brindisi homem providencial que marcou sua época. Exímio cruzador, pregador, apologista, diplomata, taumaturgo e sábio, amigo de Papas, do Imperador e de Príncipes, foi venerado ainda em vida pelo povo como Santo Júlio César – nome de batismo do Santo. Nasceu em Brindisi a 22 de julho de 1559, filho de Guilherme Russo e Isabel Masella, casal modelarmente religioso, que desde o berço lhe incultiu o temor e o amor de Deus. Aos oito anos de idade perdeu o pai; pouco depois foi admitido na escola dos meninos oblatos, espécie de pequeno seminário dos frades franciscanos, onde sua inteligência invulgar, fidelíssima memória e aplicação ao estudo o fizeram notar por parte de mestres e condiscípulos. Adolescente, foi morar com o tio paterno, Padre Rossi, em Veneza. Este dirigia uma escola privada para alunos que seguiam o curso na Universidade de São Marcos e logo descobriu no sobrinho o tesouro que lhe fora confiado. Não hesitou em incentivá-lo na via da santificação e no desejo de abraçar a vida religiosa. Assim, Júlio César entrou para a Ordem dos Capuchinhos, em Veneza, tomando em religião o nome Lourenço, com o qual tornar-se-ia célebre. Entregou-se ao estudo das línguas latina, hebraica e grega, além de aprofundar-se em História e Filosofia. Nossa pesquisa descobriu outra biografia sobre São Lourenço que antecede à narrada anteriormente. Trata-se de São Lourenço, diácono da Igreja de Roma e mártir (Espanha c.210 – Roma 258). Intimado pelo prefeito de Roma a entregar as riquezas da Igreja, distribuiu tudo aos pobres. Torturado, foi estendido sobre a grelha de ferro ardente. A basílica de São Lourenço Fora dos Muros foi erguida em sua memória.

## **LOURENÇO MANZI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUCAS INÁCIO BARBOSA**

Nascido em 28 de fevereiro de 1916 na cidade de Quixadá, Ceará. Casou-se em 24 de abril de 1952 com Beatriz Firmino dos Santos Barbosa, vivendo com ela até o dia que sua companheira partiu, no dia 22 de novembro de 1990. Dessa união, nasceram os filhos: Antonia, casada com Ananias Alves, Maria Ivonete, casada com Ezequiel de Souza, Maria Lionete, casada com Darci da Silva, Daniel, casado com Rose, Joel, casado com Luciana, Madalena, casada com Nelson e ainda Marta, Paulo e Davi, tendo ainda deixado 14 netos, todos eles residindo em Matão. Procurando uma vida melhor para todos os seus, mudou-se para Matão, vindo da cidade de Jales, no dia 11 de junho de 1980. Desde sua chegada a Matão até o dia de seu falecimento, Lucas Inácio Barbosa trabalhou na Indústria Mecânica Panegossi. Homem humilde e muito religioso freqüentava assiduamente sua igreja Assembléia de Deus, deixando um exemplo de vida a ser seguido pelos filhos, netos e muitos amigos aqui cativados pelo seu carisma e bom testemunho como cristão. Faleceu em 15 de janeiro de 1995.

## **LUCIANO GANDINI**

Oriundo de uma das mais antigas famílias de comerciantes a se instalarem em nossa cidade, Luciano Gandini foi casado com Dona Emilia Pinotti Gandini com quem teve os filhos: Angelina, Antonio, Vincenzo Hugo, Marina, Mário, Maria Antonieta e Gino Hugo. Luciano Gandini faleceu em 1922, com a idade de 56 anos. Levado por amigos para São Paulo chegou a internar-se num hospital, para exames e uma possível cirurgia. Fugiu pela janela e retornou à Matão ao sentir o cheiro do éter. Sua esposa, Emilia Pinotti, teve uma vida longa, falecendo com 93 anos, em 1989.

## **LUCIANO PINOTTI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## LUCINDO GONÇALVES

Filho de José e Olívia Gonçalves nasceu na cidade de Tapinas no dia 12 de julho de 1938. Aos 17 anos, seu pai, que já era agricultor, adquiriu terras na cidade de Matão, para onde se mudaram. Lucindo então trabalhou junto de seu pai até o ano de 1961, quando se casou com Neide Caldeira e, juntos, mudaram-se para a cidade, tentando sua independência financeira. Lucindo foi trabalhar como administrador de fazendas e motorista. Durante este período tiveram três filhas, hoje todas casadas e seis netos. Depois de algum tempo conseguiu finalmente suas próprias terras onde plantou laranja e depois iniciou um trabalho com granja, tornando-se assim uma pessoa realizada profissionalmente. Sua honestidade era motivo de muito orgulho para seus familiares mas, sua maior qualidade sem dúvida nenhuma foi a solidariedade com o próximo. Sempre que sabia que alguém precisava de ajuda, lá estava ele, independentemente de horário ou lugar, era só dar uma ligadinha e pronto, o Lucindo estava lá. Sua alegria foi contagiante, onde quer que fosse ele logo estava rodeado por amigos contando suas histórias (causos) e fazendo todos rirem muito. Não dispensando também uma boa roda de viola acompanhada principalmente por sanfoneiros. Participava ativamente do Sindicato Rural e fazia muita festa durante as excursões realizadas pela entidade. Infelizmente sua trajetória não foi muito longa pois, no dia 14 de maio de 2004, com apenas 65 anos veio a falecer, levando junto dele uma boa parte da alegria de viver de toda a sua família, mas sem dúvida, deixou como herança sua honestidade e solidariedade com o próximo.

## LUDWIG ECKES

Sinônimo da pujança de Matão, Ludwug Eckes, foi o fundador, juntamente com Carl Fischer, da Citrosuco Paulista em nossa cidade, no ano de 1963. Reportagem da Revista de "A Comarca" datada de 1972 relatava um pouco dessa história, dizendo que em meados da década de sessenta estourava no seio da comercial-industrial de nossa cidade a notícia de aqui seria instalado um Packing House, para a seleção e exportação de laranjas, pela portentosa firma Fischer S/A, e pouco tempo depois dava-se sua inauguração para orgulho dos matonenses. Anos se passaram, e foi iniciada a construção de mais uma indústria, que é a nossa Citrosuco Paulista S/A e, com isso Matão foi se desenvolvendo, passando já seu nome a ser conhecido além de nossas fronteiras. Reportagem da Revista "A Comarca" de 1988 contava um pouco da história da empresa Citrosuco Paulista que, naquele tempo, completava 25 anos de existência. O Grupo, nascido no ano de 1963, foi fundado por dois homens de larga visão empresarial: Carl Fischer e Ludwug Eckes que conseguiram, naquela época enxergar o excelente negócio em que iria se transformar a indústria cítrica brasileira. A participação do Brasil no mercado internacional de suco concentrado de laranja foi alavancado em 1962, quando fortes geadas praticamente arrasaram os pomares da Flórida, nos Estados Unidos, reduzindo drasticamente as disponibilidades norte-americanas neste setor. A escolha do município de Matão para o investimento fabuloso que posteriormente seria destinado na construção da empresa levou em conta várias determinantes: Matão era o centro de uma vasta região de laranjais, com solo, clima e precipitações pluviométricas extremamente benéficos à cultura de citros. Matão contava com 10 mil habitantes, mas a fama de Corpus Christi já era conhecida e a cidade vivia um entusiasmado surto de progresso, alicerçado num vigoroso parque industrial. Dobrada vivia na expectativa de sua Emancipação Político-Administrativa e Matão aguardava ansiosamente as imagens dos canais de televisão (Tupi, Canal 4 e Record, Canal 7). Instalada a fábrica, Matão conheceu o progresso e a Citrosuco Paulista alargou os seus horizontes enquanto empresa, levando o nome de nossa cidade aos quatro cantos do mundo, concretizando as aspirações de seus dois ilustres fundadores. Colhemos outros apontamentos. O nome do alemão Ludwug Eckes entrou para a história de Matão no exato momento em que associou-se a Carl Fischer e Félix Urquiza, proprietários da Fischer S/A, e mais um grupo de americanos; juntos criaram a Citrosuco Paulista S/A com o objetivo de exportar suco de laranja. Ludwug, velho companheiro de Carl Fischer, já era, na época, um dos maiores exportadores de suco de laranja para os Estados Unidos. Com a sociedade e a implantação de uma fábrica, a partir de novembro de 1963, pretendiam (e conseguiram) ser os primeiros exportadores brasileiros de suco de laranja. A fábrica, instalada num prazo de seis meses, exportou, no seu primeiro ano de funcionamento, mil toneladas de suco. Um milhão de quilos de suco concentrado! A decisão do Prefeito Antonio Artimonte em conceder a doação do terreno para a construção da fábrica, mudou de vez a história da cidade, que passou a figurar na lista das cidades mais importantes do Estado e do país. Segundo relato de Félix Urquiza, a escolha da cidade de Matão para sediar tamanho investimento deveu-se à sua intuição, uma espécie de visão que ele teve. Num belo dia do ano de 1963, depois de percorrerem pomares da região, voltando para Araraquara, Félix e seu amigo Renato Rocha, -fazendeiro e pequeno produtor de laranja da região-, foram apanhados por um tremendo pé d'água. Félix conhecia bem Limeira, Araraquara e Bebedouro, mas nunca tinha dado muita importância a Matão. Justamente naquela noite de tremenda tempestade, não puderam seguir viagem e pararam em Matão. Na hora, Félix se encantou com a cidade e decidiu: **"a fábrica vai ser aqui"** (extraído do Livro O Félix é assim e ponto, de Félix Urquiza, Rio de Janeiro, julho de 2007, pgs.88/89).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **LUIZ ALBINO BASSOLLI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ ANDREATTI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ AUGUSTO AMARAL SAMPAIO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ BOVALINE NETO**

Conhecido por Bovolin. Espírito alegre, contemporizador, desempenhou durante muitos anos, com empenho e zelo, o cargo pelo qual cursou em 1975, na Administração do Prefeito Celso de Barros Perche. Aqueles que puderam privar de sua amável convivência e leal amizade, não o esquecerão jamais. Pelos serviços prestados à comunidade matonense, a memória do inesquecível Bovolin mereceu tal reverência, emprestando seu nome a uma das ruas de nossa cidade.

## **LUIZ CALDEIRA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ CALEGARI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ CIOFFI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ FAGGIONI**

Oriundo de tradicional família de Matão foi filho de Gerônimo e Dona Rosa Valdi. Foi casado com Dona Mariana de Souza. Em 1957, Luiz integra o conselho deliberativo do Societá Stella D' Itália, fazendo parte da comissão de desportos.

## **LUIZ FALCONI (Vereador)**

Período em que foi vereador: de 1960 a 1963.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ GAGINI**

A família Gagini era composta de antigos moradores da Companhia dos Ingleses. Luiz dedicou sua vida em prol do desenvolvimento da região. Dentro da empresa exerceu várias atividades desde camponês a cargos de direção, sempre reconhecido pela sua dedicação, e pelo seu desenvolvimento nas missões que lhe eram atribuídas. Além das atividades normais, foi um grande incentivador do esporte amador (futebol), onde também não poupou esforços para ter sempre uma equipe competitiva na seção conhecida como "Lenheiro", hoje Citricola. Foi casado com Irca Duarte Gagini, deixando sete filhos. Faleceu em 25 de julho de 1997.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## **LUIZ GONZAGA DA SILVA**

Nasceu em Matão, no dia 25 de agosto de 1949. Era filho de Antonio da Silva e Dona Adelina A. Fuzeto da Silva. Desde cedo, para ajudar o pai na melhora da renda familiar, dedicou-se ao trabalho. Seu primeiro emprego foi na Cadioli Implementos Agrícolas, local onde ficou até os 17 anos de idade. Depois, foi admitido na Baldan Implementos Agrícolas, onde permaneceu durante 15 anos, chegando ao posto de chefe do departamento de discos. Casou-se com Dona Zenaide Alão da Silva, tendo formado uma família exemplar, com seus três filhos: Marcos Roberto, Adriana Lúcia e Márcio Daniel. Com experiência, aos 33 anos de idade, passou a trabalhar por conta própria, em diversos ramos de atividade como: bicicletaria, empresa de montagens e construção de calhas. Na parte social, destacou-se trabalhando como vicentino, tendo participado de várias campanhas, trabalhos comunitários, almoços beneficentes, quermesses, etc. Foi integrante do MFC- Movimento Familiar Cristão, onde atuou, desde 1986, juntamente com outros casais da comunidade da Vila Santa Cruz. O objetivo principal era ajudar o próximo, além de fazer parte de comissões organizadoras de eventos em prol da igreja de Santa Cruz, realizando bingos, leilões, quermesses, etc. Luiz Gonzaga foi um cidadão exemplar como filho, esposo e pai, sempre respeitado por todos, sendo sua vida marcada pelo trabalho e pela dedicação e ajuda aos mais necessitados. Infelizmente, veio a falecer precocemente, no dia 20 de janeiro de 1993, deixando muita saudade a todos os que o conheceram e com ele conviveram.

## **LUIZ GONZAGA DA SILVEIRA LEITE**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **LUIZ MANCINI**

Filho de Antonio Mancini e Josefina Ferro, nascido em 14 de abril de 1904, falecido em 19 de outubro de 1980, deixando os filhos: Antonio Mancini, Carlos Mancini, Maria Lúcia Mancini e José Luiz Mancini. Luiz foi um trabalhador exemplar que exerceu inúmeras atividades sendo por vinte anos servidor público da Prefeitura Municipal de Matão, onde era um verdadeiro coringa em razão de sua dedicação à causa pública, por ser um funcionário na categoria de serviços gerais, nunca recusando uma missão, realizando todas elas dando sempre o melhor de si. Exemplo para a família, amigos e colegas de trabalho.

## **LUIZ MAZZUCHELLI**

Luiz Mazuchelli nasceu na Itália, mas veio para o Brasil com seus pais, quando tinha dois anos de idade. Sua família foi morar em Vargem Grande do Sul, para trabalhar no cultivo das plantações de café e, nesta cidade ele passou sua infância e adolescência, labutando ao lado de seu pai. Algum tempo depois, sua família mudou-se para Mococa, onde seu pai foi trabalhar numa farmácia, a mesma profissão que exercia na Itália. Em Mococa ele deixou de trabalhar em serviços campestres e passou a exercer a profissão de balconista em um armazém de secos e molhados. Casou-se com Santa Rota, com quem teve três filhos: João Baptista, Iza e Aristides. De Mococa mudou-se para Américo Brasiliense, onde também exerceu a atividade de balconista em um armazém de médio porte. Posteriormente, foi morar em Bueno de Andrada, passando a trabalhar no único armazém de secos e molhados existente no pequeno vilarejo. No final dos anos 20, veio para Matão em definitivo. Dispondo de um pequeno capital, comprou uma pensão, localizada na Avenida XV de Novembro, próxima do Rio São Lourenço, cujo nome era Pensão Mazuchelli. A pensão fornecia refeições diárias aos seus hóspedes, como também lhes dava pousada. Criou seus três filhos em Matão. Em 1929, participa da fundação da Conferência Vicentina. Ele e sua esposa labutaram na pensão até 1944, deixando a pensão para trabalhar em serviços de jardinagem. Em 1947 mudou-se para a Fazenda Boa Vista, passando a cuidar de uma nova pensão. No ano de 1949 voltou para a cidade, passando a trabalhar no Hospital de Caridade em serviços de enfermagem. Por fim, foi trabalhar na Prefeitura Municipal de Matão como zelador do posto de máquinas, que abastecia a cidade com água, até se aposentar. Um fato relevante de sua vida aconteceu no ano de 1961, quando enviou uma carta ao Presidente do Brasil, Dr. Jânio da Silva Quadros, pedindo que o naturalizasse cidadão brasileiro, com o objetivo de concretizar o sonho mais ardente de sua vida, uma vez que passou no Brasil quase toda a sua existência. O Presidente Jânio Quadros atendeu seu apelo e, em despacho divulgado na "Hora do Brasil" em cadeia nacional pelo rádio e por todos os grandes jornais do dia seguinte foi publicado seu despacho. Pelos serviços prestados à nossa comunidade, recebe o título de cidadão brasileiro, em solenidade presidida pelo Dr. Joaquim Macedo Vittencourt Neto, juiz de direito de nossa comarca. Por toda a vida foi sempre um homem simples e humilde, que sempre tratou seus semelhantes com bondade e carinho, tomando parte ativa na sociedade São Vicente de Paulo, amparando pessoas idosas.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **LUIZ RODRIGUES ESTEVES**

Oriundo de uma das mais antigas famílias de nossa cidade, Luiz Rodrigues Esteves foi casado com Dona Amélia Miranda, com quem teve os filhos: Iolanda, Lucélia, João, Leontina, Felício, Adelina, Valdemar e Armando.

**(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).**

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# M

## **MANOEL DE AZEVEDO (Cabo)**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **MANOEL GIMENEZ**

Proveniente de uma das mais antigas famílias de Matão, o Sr. Manoel Gimenez foi dono de um dos últimos armazéns de secos e molhados de nossa cidade. Foi casado com Dona Carmem Garcia com quem teve os filhos: Manoel Filho, Raphael, Assumpta, Dolores, Aurora, Carmem e Alzira. Seu filho, Raphael Gimenez deu continuidade ao comércio denominado Casa Gimenez e durante 50 anos trabalhou em prol da comunidade de Matão. Ao longo desses anos, o armazém de secos e molhados reuniu considerável freguesia. Eram famílias de confiança do Sr. Rapahel, quando se praticava o fiado, ou seja: as compras eram anotadas em cadernos e o pagamento ao final de cada mês. Muitos não tinham dinheiro para saldar a dívida e nem por isso perdiam o crédito. Nunca uma conta atrasada sofreu o risco de ser acionada. De 1960 a 1990 o Sr. Raphael dividiu o trabalho com o filho, Celso Gimenes, ex-presidente da Câmara Municipal de Matão. Seu outro filho, Jayme Gimenes, também vereador e presidente da Câmara, foi Prefeito de Matão por dois mandatos e Deputado Estadual representando nossa cidade e a nossa região na Assembléia Legislativa de São Paulo. Manoel Gimenez e todos os seus descendentes ajudaram a escrever a história de Matão e por isso, merecem nosso respeito e gratidão por dignificarem toda uma geração que edificou nossa Matão de ontem, legando-nos uma cidade cuja memória não deve ser apagada jamais.

## **MANOEL GOUVEIA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **MANOEL MACHADO**

Foi um dos comerciantes mais antigos de Matão.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **MANOEL MINGORANCE**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **MÂNTOVA**

A província de Mântua é uma grande planície atravessada pelo rio Pó. A região é uma das mais férteis da Itália sendo intensamente cultivada e densamente povoada. A cidade de Mântua é de origem romana, sendo a terra natal de Virgílio famoso escritor romano. Foi construída em uma ilha no meio de um lago formado pelo rio Mincio. Tem aproximadamente cerca de 60.000 habitantes. A província de Mântua está dividida em 79 municípios ("comune", em italiano). Mantova ocupa um dos primeiros lugares na Itália em relação à renda per capita e qualidade de vida. A riqueza da região provém da agricultura, graças às terras férteis da planície do Pò. Está a 40km de Verona, 130km de Milão, 150km de Veneza e 100 km de Bolonha. Em termos artísticos, a Piazza Sordello, é uma das jóias do Renascimento italiano, podendo-se destacar entre seus monumentos o Palazzo Ducale, a Basílica de Sant'Andrea, o Palazzo Te, a Casa del Mantegna, etc, além de uma rica coleção de obras de arte de pintores famosos. Mântua surgiu sobre duas pequenas ilhas criadas pelo rio Mincio, o qual circunda a cidade por três lados, tendo os nomes de Lago Superior, do Meio e Inferior. A cidade surgiu por volta de 2.000 a.C. Por volta de 600 a.C. desenvolveu-se no local uma cidade etrusca. O nome da cidade está relacionado a divindade etrusca Mantus. Entre a primeira e segunda guerra púnicas passou ao domínio romano, mas sem se tornar um centro importante. Após a queda do império romano (476 d.C.), a cidade sofreu invasões dos bárbaros, sendo dominada pelos godos, bizantinos, longobardos e francos. Por volta do ano 1000 passou a ser posse dos Canossa, cuja última representante foi a condessa Matilde, falecida em 1115. Após a sua morte, Mântua tornou-se uma cidade independente, resistindo contra as forças imperiais. Em 1198, Alberto Pitentino controlou o curso do

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Mincio, criando os quatro lagos que durante séculos constituíram a proteção natural da cidade. Em 1273 Pinamonte Bonacolsi assumiu o poder. Durante seu breve governo, Mântua se enriqueceu de monumentos e palácios. Em 1328, o último dos Bonacolsi foi assassinado durante uma revolução popular e o domínio passou à família Gonzaga. No período 1707-1797, teve um grande desenvolvimento sob o domínio austríaco. Em 1866, Mântua passou a fazer parte do Estado Italiano. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

## MANUEL TEIXEIRA DÓRIA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MARANHÃO

O Maranhão é uma das 27 unidades federativas do Brasil, região Nordeste. Ocupa uma área de 333.365,6 km<sup>2</sup>. O nome desse Estado, segundo a opinião mais comum, veio do nome do rio Maranhão; ao que se conta, os primeiros exploradores teriam dado esse nome ao rio, para indicar, em castelhano, que não era mar; *mar non*. Outros autores dão como origem do nome as palavras tupis, *mbara*, que significa "mar", e *nã*, que significa "corrente". Para outros, o nome ter-se-ia originado da maranhas, topônimo de Minho (província de Portugal). Finalmente, outros procuram localizar o étimo do nome desse estado na expressão tupi-guarani *mair-anhangá*, que significa "espírito de mair". A capital é São Luís. As cidades mais importantes: São Luís, Imperatriz, Timon e Caxias. Com altitudes reduzidas e topografia regular, apresenta um relevo modesto, com cerca de 90% da superfície abaixo dos 300 metros. Tocantins, Gurupi, Pindaré, Mearim, Parnaíba, Turiaçu e Itapecuru são os principais rios. Sua economia se baseia na indústria (transformação de alumínio em alumina, alimentícia, madeireira), nos serviços, no extrativismo (babaçu), na agricultura (soja, mandioca, arroz, milho) e na pecuária. Sua ocupação aconteceu a partir da ocupação francesa, que tentava fundar colônias no Brasil, mas foi impedida pela corte portuguesa, que acaba por expulsá-los da região e fundar o forte de São Luís (nome este que foi dado pelos franceses e mantido pelos portugueses). São Luís é a única capital do Brasil cujo nome é de origem francesa. O Maranhão, por ser localizado em um bioma de transição entre o semi-árido nordestino e a Amazônia, apresenta ao visitante uma mescla de ecossistemas somente comparada, no Brasil, com a do Pantanal Mato-Grossense. Possui mais de 650 km de litoral, sendo, portanto, o estado com o 2º maior litoral brasileiro, sendo superado apenas pela Bahia. O turismo praticado nele pode ser classificado em 2 tipos: turismo ecológico e turismo cultural/religioso. O Maranhão possui paisagens e natureza exuberantes. Possui três focos principais: o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, o delta das Américas e Chapada das Mesas. Na capital maranhense, encontramos a maior parte dos valores históricos do estado preservados, em museus. Com mais de 3500 imóveis dos séculos XVIII e XIX, é referência no Brasil de aristocracia portuguesa, que ainda podemos ver instalada nas fachadas das casas do Centro Histórico de São Luís. A 1 hora de barco, saindo da capital, podemos encontrar Alcântara, outro ponto de referência histórico/arquitetônico do estado. No que se refere ao turismo religioso, o Maranhão possui três eventos importantes. Um deles acontece em Junho, na capital maranhense, onde são feitas festas em homenagem a Santo Antonio, São João, São Pedro e São Marçal. Já em Alcântara, no segundo domingo de agosto, acontece a festa de São Benedito. Também lá, em maio, acontece a Festa do Divino, o mais badalado evento profano-religioso do estado Maranhão. Tivemos conhecimento pelo Jornal do Senado, que o Senador Edison Lobão (PFL-MA), apresentou projeto visando a realização de plebiscito no Maranhão para que os eleitores do estado decidam sobre a conveniência de se criar o estado do Maranhão do Sul. Outros 38 senadores subscreveram a proposta que atende antiga reivindicação da população de todo o sul do estado. Dados do IBGE apontam que o Maranhão possui os piores indicadores econômicos tendo em vista a falta de investimentos de forma igualitária no estado inteiro. Segundo o senador, os investimentos públicos, desde a época colonial, são concentrados na Capital, São Luís. Pela proposta, o Maranhão do Sul teria a cidade de Imperatriz como Capital e cerca de 150 mil quilômetros de extensão, o que o tornaria o quinto maior Estado nordestino.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## MARCHESAN

A história da família Marchesan, uma das mais antigas de nossa cidade, confunde-se com a história de Matão. O nome transformado em Avenida, inaugurada no ano de 1980, foi uma das formas encontradas para perpetuar a memória desta importante família, homenageando seus inúmeros descendentes. No ano de 1978, Januário Groppa escreve, em reportagem publicada na Revista de "A Comarca", texto sobre os heróicos Irmãos Marchesan, afirmando que as páginas daquela brilhante revista eram portadoras de operosidades e eventos que naquela época falavam pela boca de ontem ocorrências notáveis, dignas de serem lembradas e não deixa-las encobertas nos cantos de outrora. Cita sobre a tenacidade do Comendador Armando Marchesan e seu operoso irmão Luiz Marchesan, admirável lidador de alta categoria e participante no difícil encargo de administrar com raro vislumbre, uma das mais poderosas indústrias da América do Sul. Argumenta sobre a escalada veloz nas culminâncias da glória, baseada no equilíbrio administrativo e fabulástico dos Irmãos Marchesan, que transcende todas as expectativas humanas, dão-lhe crédito duma altura respeitável e consagração merecida por uma razão simples: eles vieram de baixo para cima! Em 1982, Revista histórica de "A Comarca" novamente reservou uma página dedicada a Marchesan. Naquela época, segundo a reportagem, o progresso da empresa era considerável para quem havia começado em 1946 (há 61 anos) fazendo carroças e implementos de tração animal em modestas instalações num prédio da cidade. De lá pra cá, a Marchesan se transformou no que é hoje: indústria de transcendental importância para o nosso País. A filosofia da empresa, transformada em slogan é "a agricultura é a maior indústria do mundo..." Em 1986, 40 anos depois do nascimento da Oficina Brasil que funcionou na Av. Siqueira Campos e depois passou a ser denominada de Irmãos Marchesan, instalava-se em amplas e modernas dependências a empresa Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas Tatu, num espaço digno da altura e da competência de seus fundadores: Armando, José Alberto, Luiz e João Carlos Marchesan. Voltamos às palavras de Januário Groppa sobre os Irmãos Marchesan, na reportagem de 1978: *"...Netos descendentes de João Marchesan, inteligente imigrante italiano vindo em busca da América, dotado dum claro tino comercial, tão logo alicerçada a base da sua estabilidade, quando ainda as aves cantavam nas restingas contornantes da primitiva Capela à cerca de 80 anos idos, instalou a primeira cervejaria de baixa fermentação, legítimo surto naquela era dos vagidos iniciais da Terra da Saudade. Dá para crer que os denodados Irmãos Marchesan herdaram o sangue borbulhante e sede de triunfo do "nono" paterno, e daí a razão de tamanha odisséia, desse notável par de órfãos adolescentes, iniciando como só Deus sabe, com uma desprezível tenda de "ferreiros de aldeia", confeccionando ganchos, esses e ferragens miúdas para carroças e outros similares e chegando no vertiginoso presente como paradigmas de labor fecundo, capacidade de conquistas pasmadoras, perseverança ilimitada e lídimos heróis galgando o pináculo das mais altas realizações da América do Sul, por glória exclusivamente deles... o ponto alto desses audazes Irmãos Marchesan, é aquele de não terem recebido maiores ensinamentos e condignos, em virtude da pobreza estacada neles bem nos albores da mocidade, contudo, isto não impediu que a inteligência e sonhos prismáticos de também ganharem um lugar melhor ao sol da vida que os colocasse no vértice da lides industriais, da agricultura, da pecuária e do convívio com a culta coletividade social de Matão... A odisséia desses heróis valeria por uma narrativa literária, descrevendo em linguagem de ouro a ascensão apoteótica dos Irmãos Marchesan em tão curto lapso de tempo, fazendo em menos de três décadas, aquilo que outros não fizeram em mais de meio século. Entretanto, - finaliza Januário - mesmo singelamente, sentimo-nos honrados prestando-lhes louvores merecidos com raízes na sinceridade e propósitos inquebrantáveis de profunda amizade e respeito por todos os títulos....patrimônios inalienáveis do nosso Matão de Meu Deus!..."* A família Marchesan que muito dignifica a história de Matão, merece nossos agradecimentos por todos os exemplos advindos de seus descendentes que enaltecem e engrandecem toda a trajetória de nossa querida cidade.

## MARCI JOSÉ VALVERDE

Aos seis dias do mês de julho de 1995, na cidade de Pereira Barreto, nascia uma criança que recebeu o nome de Marci José Valverde, filho de Galdino Valverde e Olinda da Silva, sendo o segundo filho do casal que teve ainda os filhos Aparecido, Mara, Marina, Aparecida, Fátima e Marlene. Marci teve toda sua infância adolescência e parte de sua juventude, vivendo e trabalhando na lavoura, isto é, morando no sítio. Aos dezenove anos casou-se com Lenilza, que morava na mesma fazenda. Logo após o casamento, o casal muda-se para a cidade de Araçatuba, onde viveu por quatro anos. Nesta cidade nasceram dois dos três filhos do casal: Luciano e Marcelo. A família mudou-se para Matão no ano de 1979, onde nasceu o terceiro filho: Deives. Marci era residente na Rua Pedro Bigal nº 1375 no Bairro Alto. Trabalhou como vendedor ambulante, depois passou a trabalhar na Balcan, exercendo a função de soldador. Foi membro da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. No dia 12 de dezembro de 1981, dia em que se comemora o Dia da Bíblia foi covardemente assassinado por sua mulher. Fato lamentável. Uma tragédia vivida pela sua família.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Era excelente pai de família, homem honrado, digno e trabalhador. Na sua trajetória por essa vida primou pela humildade, retidão de caráter e, acima de tudo, fez de sua simplicidade um exemplo de cidadão e de ser humano. Foi mais uma vítima dessa violência absurda que reina entre nós, deixando, porém, muitas saudades e uma linda história de vida que sempre deve ser lembrada.

## **MARCÍLIO CECCHETO**

Proveniente de uma das mais antigas famílias de Matão, Marcílio era filho de Arthur Ceccheto e de Dona Teresa Ruzza, oriundos da cidade de Veneza e desembarcaram no Brasil, trazendo consigo a saudade da pátria distante, mas com a determinação de todos aqueles que, na viril consciência de que tinham missão a cumprir, chegavam para construir um futuro e conquistar um solo fértil para sua família. Marcílio Ceccheto foi casado com Dona Helena Bambozzi inicialmente seus pais fixaram residência na cidade de Bragança Paulista, iniciando uma atividade febril com armazém de secos e molhados, no bairro das Araras. Daí a mais um pouco de tempo, estabeleceram-se com uma fábrica de camisas. Em 1929, "seu" Arthur resolveu dirigir suas atividades em outra região do estado de São Paulo, considerando-a mais promissora, mais convidativa e, portanto, mais de perto encontrando suas forças sempre renovadas para realizar seus planos e anseios. Veio com a família para Matão e, em sociedade com o Sr. Alziro Freire, adquiriu o armazém, então, pertencente ao Sr. José Gonçalves, localizado na Avenida XV de Novembro e que, anteriormente, já se chamara Casa Bastia. A sociedade iniciou seus trabalhos em 14 de janeiro de 1930, mas poucos meses depois, em julho do mesmo ano, o Sr. Alziro deixou a sociedade e Arthur permaneceu sozinho como único dirigente do empreendimento, até o ano de 1934. Neste mesmo ano é inaugurado o prédio da Rua Castro Alves, nº 798, para onde foram transferidas as instalações da Casa Ceccheto. Trabalho árduo, mas compensado. A clientela era grande e proporcionou novas oportunidades. Foi quando a família adquiriu uma propriedade rural, nas proximidades de São Lourenço do Turvo, a Fazenda Varginha. O ano de 1944 trouxe uma grande tristeza para todos. Falecia Thereza Ruzza. Como que para diminuir as tristezas, os filhos resolveram dividir com o pai as responsabilidades diretas da organização e passaram a integrar a sociedade. Primeiro os dois mais velhos, João e Jorge; um pouco tempo a seguir, o mais novo, Marcílio Ceccheto. O ano de 1949 seria outro ano de amargura familiar. Arthur Ceccheto também faleceu. Houvera cumprido a sua missão. Deixara com os filhos, bem plantada em cada coração, a semente do trabalho, da dedicação e do amor pelo serviço da comunidade. Assumindo totalmente a direção da empresa, os três irmãos alteraram a razão social para Irmãos Ceccheto. Em primeiro de janeiro de 1953, Jorge se afastou da sociedade, para dedicar-se a outras atividades, enquanto João e Marcílio Ceccheto continuaram no ramo tradicional de seu trabalho, agora com a colaboração de seus filhos, dentre eles o Luiz Ceccheto, carinhosamente conhecido como Luizinho. No ano de 1966, no mês de julho, no dia 06, novamente a tristeza sacudiu o coração da família. Desta vez, foi Luizinho que, inesperadamente, faleceu. Mas estava marcado: em 1972, a família perderia mais um de seus membros. Jorge Ceccheto, depois de lutar com denodo e coragem, em benefício das coisas públicas e políticas do Município de Matão, partiu para a eternidade. Sacudida por todos esses percalços, nem assim a família Ceccheto deixou de olhar para o futuro, deixou de planejar suas atividades, deixou de progredir. Vendeu-se a Fazenda Varginha, e inaugurado, em primeiro de setembro de 1973, o primeiro supermercado completo de Matão, contando com os descendentes mais jovens da família (Arthur Fernando e Basílio, filhos de Marcílio Ceccheto e Dona Helena Bambozzi e João Arthur, filho do "seu" João), até o falecimento do "major" Marcílio Ceccheto. Foi neste mesmo tempo que a organização efetuou a compra da extinta firma Bidutte & Pirolla. Perdera-se um dos estelios, mas ganhara-se outra viga importante na luta pelo desenvolvimento, com a participação de José Marcos. Aproveitando a era das modernizações, o armazém mais tradicional da cidade foi transformado em mini-mercado, em dezembro de 1977. A Revista de "A Comarca" do ano de 1979 contou toda esta trajetória de três gerações sendo que a quarta, com 40 netos já estava quase pronta para também chegar lá. Na reportagem publicou-se foto do Casal João Ceccheto e de Dona Yolanda Tomazelli Ceccheto (Iole), além da foto da Loja Matriz, instalada na Av. XV de Novembro esquina com a Rua Castro Alves, divulgando disposição da família Ceccheto em continuar merecendo a preferência da população matonense, saudando os 81 anos de aniversário de Emancipação Política e Administrativa de nossa cidade e comemorando 50 anos de vida dos Supermercados Ceccheto, cujo slogan era "Isso é Tradição". A coragem, determinação e total amor por nossa Terra da Saudade dignificou todos os integrantes da família Ceccheto, homens e mulheres de fibra que com suas trajetórias individuais e exemplos para a comunidade ergueram pilstras imorredouras de nossa história, cujos exemplos são perseguidos pelos seus descendentes, deixando no livro da vida matonense um capítulo especial, que jamais será esquecido.

## **MARCOS MONAZZI**

Oriundo de uma das mais tradicionais famílias matonenses, Marcos foi casado com Dona Carmela Saint

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Cocce (Santa Cruz), com quem teve os filhos: João, Ana, Maria, Antonieta, Pasqual, Aparecida, Ida, Geraldo e Terezinha.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **MARGARETE COELHO DE CARVALHO**

Nascida em 11 de julho de 1957 em Matão. Era filha de Walter Coelho de Carvalho e de Dona Luci Barbosa de Carvalho. Professora de nível superior, formada em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Matão, licenciou-se plenamente em Letras na Faculdade de Jaboticabal. Era também formada em Inglês pela Cultura Inglesa de Ribeirão Preto, tendo lecionado nas escolas: Clube do Leitinho, da Prefeitura Municipal de Matão, Citrosuco Paulista, C.C.A.A., Escola Professor José Carlos Pinotti, Escola José Innocêncio da Costa, Escola Professor Odone Bellini, Escola Técnica Professor Dr. Sylvio de Mattos Carvalho, Escola Padre Nelson Antonio Romão, Escola Professor Henrique Morato, Escola Professora Chlorita de Oliveira Penteado Martins, Escola Professor Aderval da Silva, Escola Guerino Vedoato, Escola Deputado João Salgado Sobrinho, Escola Dr. Leopoldino Meira de Andrade e Escola Dorival de Carvalho. Margarete foi uma pessoa exemplar, admirada pelos familiares, amigos, alunos e demais pessoas da sociedade matonense que com ela conviveram, pela dedicação, amor ao próximo e o carinho com que trava a todos, independentemente de nível social. Pelo seu espírito de liderança, sempre levava a bom termo os problemas do cotidiano, o que fez dela uma pessoa inesquecível. Seu nome está gravado no mármore da história de nossa cidade como forma de perpetuar seus exemplos e sua total doação aos filhos desta terra, ensinando-os e preparando-os para a vida profissional, tarefa que cumpriu com louvor, estendendo a homenagem a todos os demais profissionais da educação que juraram educar nossos filhos fazendo desta profissão um verdadeiro ministério.

## **MARGARIDA OLIVEIRA DOS REIS**

Nasceu no dia 27 de julho de 1935, na cidade de Alto Santo, no estado do Ceará. Filha de José Guilherme dos Reis de Ana Maria de Jesus. Sua família contava 19 irmãos. Casou-se com João Mitonho de Moura, em 31 de dezembro de 1955, com quem teve 11 filhos. Viveram na cidade cearense até 1980, quando se mudaram para a cidade de Dobrada, onde após um ano, transferiram-se para Matão, em 1981. Margarida viveu durante 18 anos em nossa cidade e faleceu aos 63 anos, no dia 29 de maio de 1999, deixando 11 filhos, 30 netos e 9 bisnetos.

## **MARIA APARECIDA BARROS**

Mais conhecida como "Cida Barros", nasceu em Matão aos 08 de novembro de 1948. Casou-se e teve dois filhos: Daniel José de Barros e Cassiano Barros Toledo. Cida sempre foi uma pessoa humilde, mas batalhadora, muito bem relacionada com todas as classes sociais. Amorosa, dedicada com os filhos e demais familiares sempre procurou ajudar aos mais necessitados, nunca deixando de atender aos amigos que sempre procuravam uma palavra de consolo, uma palavra amiga. No ano de 2001, por uma fatalidade, foi acometida por uma doença ingrata e, no dia 14 de novembro a levou para junto de Deus. Seu nome ficou gravado na história de nossa querida Matão, emprestando sua história de abnegação e honestidade a uma das vias públicas de Matão.

## **MARIA APARECIDA MARIANO ANDRÉ**

Nasceu na cidade de Guarjuba/SP aos 12 de março de 1930, filha de Benedito Mariano Alves e Maria da Conceição Mariano Alves, é a 1ª filha dos 10 filhos do casal. Casou-se, no dia 29 de abril de 1950, com o Sr Domingos André falecido em 23/06/1999 (Cidadão Matonense, honraria concedida por esta casa por iniciativa deste vereador) com quem conviveu 49 anos, juntos construíram uma numerosa família, tiveram 17 filhos, dentre eles 2 natimorto. Seus filhos: Maria Aparecida André Cardoso, casada com Sebastião Cardoso; Dalva André Teodoro dos Santos, casada com Sebastião Teodoro dos Santos; Idalina André de Lima, casada com Edwar Alves de Lima; Lurdes André Risoli, casada com Gaspar Risoli Neto; Regina André de Souza, casada com Antônio Evilásio de Souza; Luiz Antônio André, casado com Maria Alice Nonis André; Benedito Carlos André, casado com Maria Aparecida Barbosa André; Padre Valdir do Carmo André, atualmente Pároco da Paróquia Santa Rita de Cássia em São Carlos; Dárcio André, casado com Inês Pávão André; Laerte André, casado com Maria Emília Ruocco André; Paschoal André, solteiro; Celso André, casado com Lucimara Brune André; Paulo Sérgio André, casado com Edna Antunes Chaves André;

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Alcides André, casado com Maria Inês Furtado André e José Roberto André, casado com Marisa André. Dona Maria Aparecida, teve 36 netos e 8 bisnetos, faleceu no dia 3 de dezembro de 2007, aos 77 anos de idade. Este vereador tem a honra de prestar, esta homenagem póstuma a dona Maria Aparecida, e engrandecer toda a sua família, por considerá-la, digna merecedora de manter viva em nosso município a história desta mãe que teve a felicidade de conhecê-la, e saber que concretamente esta foi de fato uma entre as pessoas a quem Cristo se referiu no evangelho dizendo "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus irmãos", dona Maria que não utilizou de nenhuma faculdade científica para viver a vida, ao contrário sua humildade e simplicidade na companhia do Sr Domingos, viveram da plena confiança e segurança no criador, foram abençoados por muitos filhos, dona Maria na plenitude fez a doação de vida pela família, pelos filhos. Escolheram a nossa cidade para dar continuidade na criação dos filhos, em 1976, instalaram residência na Vila Pereira e depois no Jardim Morumbi, onde ainda se encontra o imóvel de propriedade dos filhos. Homenagear dona Maria Aparecida, denominando esta via pública com o seu nome é garantir a história de Amor de uma mulher, simples e grande de feitos pela família numerosa, pela comunidade, é homenagear todos os seus familiares, é enriquecer a história da cidade de modo especial da comunidade Paroquial de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com todas as famílias residentes na parte Oeste da cidade. Soma-se a homenagem, o reconhecimento da contribuição desta família no desenvolvimento econômico, social e na construção da comunidade cristã em nosso município. Sem dúvida alguma, a história de nossa terra ficará melhor com esta denominação.

## MARIA APARECIDA MORO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MARIA CAMPOS SALTO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MARIA DE LOURDES TANAKA

Nascida em Uberaba, Minas Gerais em 21 de setembro de 1916, era filha de Zempati Inoue e Ossuga Inoue, filha de imigrantes japoneses. Veio para Matão em 1952, onde trabalhou nos cafezais das fazendas da Companhia Inglesa por muitos anos. Foi proprietária de um bar na Vila Santa Cruz e, posteriormente, de uma pensão para bóias frias vindo principalmente do Nordeste. Alguns só saíam da pensão para residência própria, após o casamento. Quando da substituição dos postes de iluminação de madeira por postes de cimento, serviço realizado pela empresa Sobratel, por falta de vagas nos hotéis da cidade, acolheu cerca de 40 pessoas de Campinas em sua pensão. Aqui em Matão ela criou, educou e casou todos os filhos: Maria Aparecida Boy, Antonio Tanaka, Clara Tanaka Rosa, Juari Tanaka, Benedita Inoue Massoca, Claudete Inoue Nogueira, José Aparecido Inoue, Sueli Aparecida Inoue de Oliveira e criou mais três enteados: João Benedito Flor, Maria Flor Diniz e Francisco Flor. Com muito esforço, conseguiu construir uma casa no bairro Nova Matão, residência escolhida pelo Padre Amador Romão para a realização de missas e outros encontros da comunidade católica. Faleceu em 04 de fevereiro de 1993, com 76 anos de idade, deixando 11 filhos, 33 netos e 17 bisnetos.

## MARIA ELIZA MORATO MARTINS (Professora)

Primeira Professora Pública, chamada de Dona Mariquinha, a mestra por excelência, amiga de Iolanda Tagliavini Groppa. Nobreza de caráter e amor, delicadez inata, simpatia singular.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MARIA FAVERI TROLI

Nasceu na cidade de Itápolis aos 9 dias do mês de Dezembro de 1958, ainda criança fixou residência com sua família na área rural de Matão, foi casado com o Sr. Domingos Trolí e deixou os filhos Marcos Antônio Trolí, Valcir Aparecido Trolí e Claudinéia Antonia Trolí. Juntos trabalharam e muito contribuíram para o desenvolvimento de Matão. A denominação da Rua 2 do Loteamento Residencial Trolí para a homenageada é o reconhecimento a Família Trolí por colaborar com o desenvolvimento de Matão e as dificuldades que enfrentaram para que o Residencial Trolí tornasse um empreendimento de sucesso.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## MARIA GAZONI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MARIA HAIK LIAN

Nasceu no Líbano aos 03 de julho de 1898. Em 06 de setembro de 1924, juntamente com seu esposo, Feres Lian, vieram diretamente para Matão, depois de aportarem no porto de Santos, oriundos do Líbano, através do navio Estrela. Feres e Maria, auxiliados pelo filho José, dirigiram durante suas vidas a "Casa Feres", grande casa comercial, a mais antiga da nossa cidade. Tiveram sete filhos: Jamil, Antonio, José, Jorge, Helena, Maria de Lourdes e Olga. Maria foi muito caridosa, sempre espargindo amor, auxiliando os pobres e todos os que dela precisavam. Foi fundadora da Creche Santa Isabel, quando esta era situada na Avenida 28 de Agosto. Foi presidente desta entidade e muito fez por ela. Também foi fundadora da Irmandade Coração de Jesus, da Igreja Matriz Senhor Bom Jesus. Durante sua vida todos os anos ela enfeitava e era coordenadora da Avenida XV de Novembro, no dia de Corpus Christi. Maria muito trabalhou e não mediu esforços para prestar serviços junto a entidades filantrópicas. Maria Haik Lian e família, em cada parte deste solo, em cada rua, em cada avenida marcaram suas esperanças, seus trabalhos, suas direções nos destinos da cidade de Matão. Pelos grandiosos serviços prestados à coletividade, foi homenageada, emprestando seu nome à Rua três do Residencial Beniamino Cadioli, de nossa cidade. Maria Kaik Lian faleceu no dia 15 de novembro de 1973, disseminando na sua passagem pela terra...72 anos...vivos espargindo amor e auxílio ao próximo, operoso e incansável, deixando nos anais da vida uma credencial da mais alta admiração e respeito. Muito amorosa, uma grande esposa, admirável mãe, grande avó e bisavó. Maria, chamada "mãe dos necessitados", foi ficar junto a Deus, deixando saudades aos matonenses que muito a amaram. (*Olga Lian*).

## MARIA PEREIRA DOS SANTOS

Nascida em 22 de junho de 1928, em Lençóis, no estado da Bahia. Casada com João José dos Santos, aos 18 anos de idade foi morar no estado do Paraná, na região agricultora da futura cidade hoje chamada Campina da Lagoa. Mãe de doze filhos empenhou-se a trabalhar com sua família na agricultura e, em agosto de 1979, mudou-se para o estado de São Paulo, vindo morar em Matão, onde passou a ser secretária do lar. Com a morte inesperada de seu marido em agosto de 1983, essa mãe dedicada e lutadora, criou seus filhos que ainda moravam com ela, residindo em Matão até os últimos dias de sua vida, sendo uma pequena contribuidora para o crescimento desta cidade. No dia 29 de junho de 2004, veio a falecer, vítima de uma parada cardíaca, deixando enormes saudades aos seus familiares e amigos.

## MARIANA SOUZA FAGGIONI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MARINA GANDINI

Oriunda de uma das mais antigas famílias de comerciantes a se instalarem em nossa cidade, Marina era filha de Luciano Gandini e de Dona Emília Pinotti Gandini. Marina teve mais 6 irmãos: Angelina, Antonio, Vincenzo Hugo, Mário, Maria Antonieta e Gino Hugo. Seu pai, Luciano Gandini faleceu em 1922, com a idade de 56 anos. Levado por amigos para São Paulo chegou a internar-se num hospital, para exames e uma possível cirurgia. Fugiu pela janela e retornou à Matão ao sentir o cheiro do éter. Sua mãe, Emília Pinotti, teve uma vida longa, falecendo com 93 anos, em 1989.

## MÁRIO CHIOZZINI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MÁRIO ESPELHO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## MÁRIO PINOTTI

Nascido no seio de uma das mais antigas famílias de Matão, Mário Pinotti era filho de Victorio e de Dona Hermínia. Foi casado com Dona Adélia Sitelli. Em 04 de setembro de 1932, a comarca publicou um quadro de honra aos voluntários matonense em prol da santa cruzada constitucionalista: está lá o nome de Mário Pinotti, honrando sua família, nossa cidade e o nosso Estado como prova de seu ideologismo.

## MARLENE DAVID DOS SANTOS

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MARLENE PICCHI (Professora)

Nasceu em 19 de fevereiro de 1949, na cidade de Matão. Filha de Emílio Picchi e Thereza Gróggia Picchi, irmã de Márcio Picchi e Marisa Picchi Toledo. Católica desde o berço estudiosa e prestativa, aos 15 anos teve seu primeiro emprego na Fazenda Citrícola e, logo depois, trabalhou no Hospital de Caridade de Matão, hoje Hospital Carlos Fernando Malzoni. Em 1968, formou-se no magistério, ministrando suas primeiras aulas como professora primária nos Colégios de Novo Horizonte e de São Paulo. Marlene gostava muito de sua profissão, e onde quer que encontrasse seus atuais e antigos alunos, abraçava-os e estes, demonstravam o imenso carinho e admiração que tinham por ela. Em 23 de janeiro de 1982, casou-se, na cidade de São Paulo, em sua segunda união com Luiz Carlos Espósito, nascendo desta união, em 01 de junho de 1983, sua única filha Bruna, mãe de seu único neto, Wagner Augusto. Como sempre fora criada em cidade do interior, após dois anos do nascimento de sua filha, pediu remoção para a cidade de Matão, para poder assim criar sua filha longe da cidade grande e perto de seus familiares, vindo a lecionar na Escola Odone Bellini e Escola Ernesto Masselani, onde lecionou até aposentar-se em 20 de abril de 1997. Marlene teve apenas três anos para aproveitar a sua aposentadoria, pois exatamente em janeiro de 2000, apareceu o primeiro câncer no intestino, precisando passar por uma cirurgia na cidade de Matão, começando assim uma luta com idas e vindas até a cidade de Barretos, onde realizava sessões de quimioterapia. Em 08 de outubro de 2001, um novo susto, uma metástase de câncer de intestino apareceu no ovário, tendo que ser submetida novamente a uma nova cirurgia, agora em Barretos, iniciando as sessões de radioterapia. Em 04 de fevereiro de 2002, apareceram os nódulos no pulmão, tendo que passar novamente por quimioterapia já que nesta região do corpo não há intervenção cirúrgica. Quando tudo parecia estar controlado, em 02 de setembro de 2002 foi internada apenas para tomar soro, pois estava um pouco fraca devido às sessões de quimio e radioterapia, passando por nova cirurgia de urgência. O quadro foi se complicando, passando alguns dias na UTI e outros no quarto do hospital. Mesmo um pouco fraca, após três meses de internação, conseguiu passar o natal e o ano novo com seus familiares, mas infelizmente, na primeira semana de janeiro, sofreu convulsões e precisou ser internada novamente, ficando vários dias na UTI, quando os médicos constataram que o câncer já estava alojado entre o cérebro e o cerebelo. Em 06 de abril de 2003 Deus a levou; ela veio ao mundo para iluminar o caminho de muitas pessoas, o da família e de seus amigos, tendo a certeza de que Ele a levou para o Seu lado, para uma vida plena, sem dor e sem tristeza, pois ela tinha um coração carismático, não olhava a quem quando se tratava de ajudar o próximo, estando sempre com uma palavra amiga para aconselhar quem quer que fosse. Adorava participar das missas no Asilo, onde dava atenção a todos os idosos e chamava-os pelo nome, gostava muito de trabalhar para a igreja, principalmente nas campanhas que o Grupo Bom Pastor preparava na Paróquia do Perpétuo Socorro. Marlene nos deixou muitas lições ao longo do tempo, foi conquistando o respeito e a admiração de todos que a cercavam. Nos três anos de luta, ela nunca reclamou, soube aceitar o que Deus preparou para ela, principalmente nos últimos sete meses em que esteve internada sempre alegre, tratando a todos com muito carinho e atenção, respeito e dignidade.

## MATHIAS DIAS DE TOLEDO

A trajetória de vida do Major Mathias Dias de Toledo, bem como a de seu irmão, Theophilo Dias de Toledo marcam o início da história do nosso município. Nos anais historiográficos consta que Antonio da Silveira Leite, Innocêncio Antonio da Costa, Joaquim Gabriel de Carvalho e José Hipólito Fernandes, moradores nas fazendas que pertenciam a Jaboticabal, reuniram-se com Theophilo, sendo que este teve a idéia de edificar uma cidade, convocando a primeira reunião entre os principais moradores, resolvendo que tal edificação se daria sob o patrocínio do Senhor Bom Jesus. Formou-se comissão que adquiriu de Innocêncio Antonio da Costa, 10 alqueires de terra. Theopilo foi o tesoureiro e seus quarteirões divididos em datas. Criada a Paróquia do Distrito de Paz, o território desligou-se de Jaboticabal, passando a fazer parte da cidade de Araraquara. O Major Mathias Dias de Toledo foi prefeito em nossa cidade no período de 19/10/1901 a

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

07/01/1902 ; de 02/08/1902 a 02/09/1902 e de 07/01/1904 a 30/10/1907 - Em 1901 Matão passava a ter sua primeira Escola Mista. Em 1905 foi construído o primeiro Coreto da cidade. No mesmo ano firmou-se contrato entre o poder público e uma concessionária, para a concessão de serviço funerário aos carentes. Em 1906 a primeira escola estadual era regida pelo Professor Justino Marcondes Rangel. Em 1902 o Major Mathias foi também presidente da Câmara Municipal.

## **MATO GROSSO**

Mato Grosso é um estado brasileiro localizado a oeste da região Centro-Oeste. A maior parte de seu território é ocupado pela Amazônia Legal, sendo o extremo sul do estado pertencente ao Centro-Sul do Brasil. Tem como limites: Amazonas, Pará (N); Tocantins, Goiás, (L); Mato Grosso do Sul (S); Rondônia e Bolívia (O). Ocupa uma área de 906.806,9 km<sup>2</sup>. A capital é Cuiabá. As cidades mais importantes são: Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, Cáceres e Barra do Garças. Extensas planícies e amplos planaltos dominam a área, a maior parte (74%) se encontra abaixo dos 600 metros de altitude. Juruena, Teles Pires, Xingu, Araguaia, Paraguai, Piqueri, São Lourenço das Mortes e Cuiabá são os rios principais. Pelo Tratado de Tordesilhas (7 de junho de 1494), a área pertencia à Espanha. Os jesuítas, a serviço dos espanhóis, criaram os primeiros núcleos, de onde foram expulsos pelos bandeirantes paulistas em 1680. Em 1718, a descoberta do ouro acelerou o povoamento. Em 1748, para garantir a nova fronteira, Portugal criou a capitania de Mato Grosso e lá construiu um eficiente sistema de defesa. O Estado de Mato Grosso foi ocupado durante o período de colonização do Brasil através das expedições dos Bandeirantes e do Tratado de Madri de 1751. Foram feitas diversas expedições entre elas as Bandeiras e as Entradas, as entradas foram financiadas por Portugal e partiam de qualquer lugar do Brasil e não ultrapassavam o Tratado de Tordesilhas. As bandeiras foram financiadas pelos paulistas e somente eles foram ao Oeste, ultrapassando Tordesilhas, inclusive. Os motivos pelos quais ocorreram as expedições para oeste do Brasil são diversos, a coroa portuguesa precisava ocupar as terras a oeste para se defender da ocupação espanhola de oeste para leste e preservar o Tratado de Tordesilhas. As expedições feitas pelos paulistas foram de caráter principal econômico como a procura por indígenas que era uma mão de obra mais barata que as ocorridas em 1717 e 1719, com o propósito de exploração de ouro e pedras preciosas. As monções em 1722 foram realizadas a fim de estabelecer a troca de mercadoria de consumo com o ouro nas áreas de mineração. Durante as bandeiras, uma expedição chegou ao rio Coxipó em busca dos índios Coxiponés e logo descobriram ouro nas margens do rio, alterando assim o objetivo da expedição. Em 1719 foi fundado o Arraial da Forquilha, as margens do rio Coxiponés formando o primeiro grupo de população organizado na região (atual cidade de Cuiabá). A região de Mato Grosso era subordinada a Capitania de São Paulo governada por Rodrigo César de Menezes, para intensificar a fiscalização da exploração do ouro e a renda ida para Portugal, o governador da Capitania muda-se para o Arraial e logo a elevada a Vila chamando Vila Real do Bom Jesus de Cuyabá'. A partir de 1748, Mato Grosso e Goiás são desmembradas da Capitania de São Paulo, criada então a Capitania de Mato Grosso. A mudança da capital ocorreu por motivos de distância e dificuldade de comunicação com os grandes centros do Brasil, o processo de transferência foi iniciado no governo de João Carlos Augusto d'Oeynhausen e Gravemberg, e grande parte da administração, foi transferida no governo de Francisco de Paula Magessi de Carvalho que por dificuldades na administração, a capital retornou a Vila Bela, somente em 1825 por um decreto de Dom Pedro I a capital ficou definitivamente em Cuiabá. Depois da proclamação da Independência do Brasil, todas as capitanias se tornaram províncias. O primeiro acontecimento político da época foi a Rusga, onde os grupos políticos liberais e conservadores queriam reformas políticas, sociais e administrativas. Em 1864 inicia a Guerra do Paraguai. O Paraguai fazia fronteira com Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), Mato Grosso participou com soldados protegendo as fronteiras do Estado. Depois de uma pequena divisão do Estado durante a revolta Constitucionalista onde o sul aproveitou a situação e formou um pequeno governo durante 90 dias, em 1977 o governo federal decretou a divisão do Estado de Mato Grosso, formando então Mato Grosso e Mato Grosso do Sul devido as "dificuldades em desenvolver a região".

## **MATO GROSSO DO SUL**

Mato Grosso do Sul é um estado brasileiro localizado no sul da região Centro-Oeste. Com capital na cidade de Campo Grande, o Mato Grosso do Sul constituía a parte meridional do estado do Mato Grosso, do qual foi desmembrado por lei complementar de 1977. Uma parte do antigo estado estava localizado dentro da Amazônia legal, cuja área, que antes ia até o paralelo 16, se estendeu mais para o sul, a fim de beneficiar com seus incentivos fiscais a nova unidade da federação. O Mato Grosso do Sul ocupa uma superfície de 358.159km<sup>2</sup> e limita-se ao norte com o Mato Grosso, a oeste com a Bolívia e o Paraguai, ao sul com o Paraguai e o Paraná e a leste com São Paulo, Minas Gerais e Goiás. A linha da divisa com o vizinho Mato Grosso segue limites naturais formados por vários rios. Narraremos os principais acontecimentos: 1830- Começou de fato o povoamento das terras que hoje constituem a atual Mato Grosso do Sul. 1839- O

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

capitão-tenente Augusto Leverge, cônsul geral do Brasil, foi nomeado com o intuito de estabelecer boas relações com o Paraguai, porém este só aceitou em 1843. 1844- O Brasil e o Paraguai iniciaram conversações sobre a navegação do Rio Paraguai, mas essa tentativa fracassou, uma vez que o Brasil não definiu os limites. Agora a Bolívia e o Paraguai reivindicaram as terras por brasileiros. Assim medidas foram tomadas a fim de evitar qualquer movimentação que viesse a ameaçar o território. 1850-Aconteceu a solenidade de fundação do forte no sopé do morro chamado Pão de Açúcar. Também neste ano Carlos Antônio Lopez cercou e abriu fogo contra essa mesma construção, obrigando os soldados do tenente Francisco se retirarem. Os índios guaicurus que viviam ali perto e que eram inimigos dos paraguaios, tentaram socorrer o tenente, porém tudo já havia sido destruído. Revoltados, subiram o Rio Paraguai e atacaram o Forte Olimpo. 1856- Em seis de abril deste ano, Brasil e Paraguai puseram termo aos desentendimentos, dilatando assim a questão por seis anos. 1858- Rio Branco (a missão do Rio Branco) foi a Assunção firmar uma convenção que liberava a navegação dos rios Paraguai e Paraná para os navios de guerra do Paraguai e do Brasil, porém a questão dos limites foi adiada. Estes foram os últimos entendimentos, pois seis anos depois Carlos Antônio Lopez, Solano, seu filho, executariam a invasão das terras disputadas. 1862-O Uruguai envolveu-se na revolução armada dos colorados contra ao poder em mãos dos brancos que apelou para Lopez, fazendo sua diplomacia mostrar ao presidente paraguaio, que disputava limites com o Brasil. Assim os diplomatas brancos diziam a Lopez que o Brasil invadiria o Uruguai para estender as fronteiras até o Rio Negro e a Argentina para incorporar o restante do pequeno país oriental ao seu território, seu ideal era conquistar a América do Sul, como Napoleão, tornou-se um monarca poderoso do velho mundo. A mando do ditador, um oficial do seu exército chegou a Corumbá em fins do ano de 1863, um estrategista de alto gabarito disfarçado de fazendeiro com grande interesse em conhecer os campos do sul e suas fazendas de gado. 1864- O sul de Mato Grosso, na colônia de Dourados é invadido pelo próprio espião Isidoro Resquim com uma numerosa guarnição sem obter sucesso sob o comando de Antônio João. Durante a guerra da Tríplice Aliança, quando o Brasil se uniu a Argentina e ao Uruguai para combater o Paraguai, o local foi uma das principais batalhas. 1870- Após a guerra o comércio internacional foi fator predominante para a ocupação da fronteira oeste brasileira. 1870- Terminava a guerra em 1º de março. No dia 23 de novembro de 1891 Marechal Deodoro da Fonseca renunciou tomando posse Marechal Floriano Peixoto. Em 1924 o Banco do Brasil instalava sua 14ª agência aberta no Brasil. Na época de 1930, na cidade, funcionavam 25 bancos internacionais e a libra esterlina era moeda corrente. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, a região sul aderiu ao movimento, sob a condição de que em caso de vitória obteria a divisão. É criado o Território de Ponta Porã em 13 de setembro de 1943 pelo governo de Getúlio Vargas e extinto em 18 de setembro de 1946 pela Constituição de 1946. Seu governador durante os três anos de existência foi o militar Ramiro Noronha. 1974- O governo federal com base na lei complementar nº 20, estabeleceu a legislação básica para a criação dos estados e territórios reascendendo assim a campanha pela autonomia. Em 11 de outubro de 1977, o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar 31, que criava o território de Mato Grosso do Sul, em área desmembrada do estado de Mato Grosso. 1979- Em 1º de janeiro, Mato Grosso do Sul torna-se oficialmente estado (lei sancionada por Ernesto Geisel) com a posse do governador nomeado, engenheiro gaúcho Harry Amorim da Costa, servidor público do Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS), autarquia federal hoje extinta. 1982- Primeira eleição direta do estado. 1986- A estrada que liga Campo Grande a Corumbá foi finalmente asfaltada. O Estado de Mato Grosso do Sul formava um só Estado juntamente com o Estado de Mato Grosso. Desde o início deste século, no entanto, a região sul de Mato Grosso aspirava tornar-se um Estado independente, idéia rejeitada pela região norte, que temia o esvaziamento econômico do Estado. Em 11 de outubro de 1977, foi aprovada lei que desmembrou a parte sul do Estado de Mato Grosso, transformando-a em Estado em 1º de janeiro de 1979. A justificativa apresentada pelo Governo Federal para realizar o desmembramento foi de que o antigo Estado de Mato Grosso ocupava área geográfica muito extensa e está naturalmente dividido por marcante diversidade ecológica, o que dificultava a sua administração. Enquanto a região norte, na entrada da Amazônia, é coberta por florestas, a região sul é formada por campos, nela se encontrando a maior parte do complexo do pantanal. O novo Estado, criado em 1979, foi governado por um interventor nomeado pelo Presidente da República até o ano de 1982, quando teve lugar a primeira eleição realizada para Governador do Estado. Em síntese, estudar a História do Movimento divisionista é resgatar a História do Estado de Mato Grosso do Sul, é conhecer a História do Brasil contemporâneo.

## **MAURO MENGATTI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **MIGUEL MATAVELLI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## MILANO

Milão ou Milano em italiano, cidade da Itália, capital da Lombardia e sede de província, com 4 milhões de habitantes na área metropolitana. Favorecida pela posição de entroncamento viário (ligação com o Mediterrâneo, na saída de rotas transalpinas) em meio à planície do Pó, Milão tornou-se o maior centro industrial italiano (mecânica, têxtil, química, material elétrico). Capital regional e metrópole econômica da Itália, é também um grande centro comercial (feiras internacionais), financeiro e cultural (universidades, Teatro de la Scala, editoras). De origem gaulesa, a cidade tornou-se romana em 222 a.C.; com o nome de Mediolanum, tornou-se, no Baixo Império, residência imperial e bispado celebrado por Santo Ambrósio (374-397). Devastada pelos bárbaros nos séculos V e VI, foi ofuscada por Pávia na época lombarda; no século IX, tornou-se o centro de um principado eclesiástico. Foi agitada, no século XI, por uma revolta de patarinos e tornou-se uma comuna. Sitiada e arrasada (1162) por Frederico Barba-Roxa, Milão rapidamente reergueu-se e retomou sua posição de capital econômica da Lombardia (armas, tecidos). As querelas comunais opuseram os guelfos Della Torre aos gibelinos Visconti. Estes fizeram de Milão um vasto principado, elevado a ducado em 1395. A partir de 1450, os Sforza sucederam aos Visconti (até 1535), entretanto, a cidade sofreu uma ocupação francesa (1499-1513), seguida de uma dominação espanhola prolongada (1535-1706). Os arcebispos São Carlos Borromeu e Frederico Borromeu transformaram-na em um centro da Contra-Reforma, enquanto a economia permanecia estagnada. Sob o domínio austríaco (1706-1733 e 1736-1796), Milão retomou certa atividade graças ao regime do despotismo esclarecido dos Habsburgo de Viena. Foi capital da República Italiana (1802), do reino da Itália (1805) e do Reino Lombardo Veneziano (1815), com o retorno do domínio austríaco (revolta de 1848). Em 1861, Milão foi novamente anexada ao reino da Itália. Milão possui várias Igrejas que remontam ao período paleocristão, transformadas ou reconstruídas, como S. Lourenzo e S. Ambrósio. Existem vários monumentos do Renascimento, realizados por artistas vindos de outras cidades italianas. O século XX fez de Milão um laboratório da arquitetura moderna, pois nesta bela cidade existem vários museus como a Galeria de Arte Moderna, o Museu Internacional de Arquitetura Moderna, entre outros. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: *"...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."*

## MILCIÁDES BOTTURA (Engenheiro)

Oriundo de uma das famílias de comerciantes mais antigas de nossa cidade, Milcíades foi Chefe da Casa da Agricultura. Participa da fundação da Associação Rural de Matão, no ano de 1962.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MÍLTON ANTONIO ORTIZ

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## MÍLTON MARCHESAN

A história da família Marchesan, uma das mais antigas de nossa cidade, confunde-se com a história de Matão. O nome transformado em Avenida, inaugurada no ano de 1980, foi uma das formas encontradas para perpetuar a memória desta importante família, homenageando seus inúmeros descendentes. No ano de 1978, Januário Groppa escreve, em reportagem publicada na Revista de "A Comarca", texto sobre os heróicos Irmãos Marchesan, afirmando que as páginas daquela brilhante revista eram portadoras de operosidades e eventos que naquela época falavam pela boca de ontem ocorrências notáveis, dignas de serem lembradas e não deixar-las encobertas nos entulhos de outrora. Cita sobre a tenacidade do

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Comendador Armando Marchesan e seu operoso irmão Luiz Marchesan, admirável lidador de alta categoria e participante no difícil encargo de administrar com raro vislumbre, uma das mais poderosas indústrias da América do Sul. Argumenta sobre a escalada veloz nas culminâncias da glória, baseada no equilíbrio administrativo e fabulástico dos Irmãos Marchesan, que transcende todas as expectativas humanas, dão-lhe crédito numa altura respeitável e consagração merecida por uma razão simples: eles vieram de baixo para cima! Em 1982, Revista histórica de "A Comarca" novamente reservou uma página dedicada a Marchesan. Naquela época, segundo a reportagem, o progresso da empresa era considerável para quem havia começado em 1946 (há 61 anos) fazendo carroças e implementos de tração animal em modestas instalações num prédio da cidade. De lá pra cá, a Marchesan se transformou no que é hoje: indústria de transcendental importância para o nosso País. A filosofia da empresa, transformada em slogan é "a agricultura é a maior indústria do mundo...". Em 1986, 40 anos depois do nascimento da Oficina Brasil que funcionou na Av. Siqueira Campos e depois passou a ser denominada de Irmãos Marchesan, instalava-se em amplas e modernas dependências a empresa Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas Tatu, num espaço digno da altura e da competência de seus fundadores: Armando, José Alberto, Luiz e João Carlos Marchesan. Voltamos às palavras de Januário Groppa sobre os Irmãos Marchesan, na reportagem de 1978: *"...Netos descendentes de João Marchesan, inteligente imigrante italiano vindo em busca da América, dotado dum claro tino comercial, tão logo alicerçada a base da sua estabilidade, quando ainda as aves cantavam nas restingas contornantes da primitiva Capela à cerca de 80 anos idos, instalou a primeira cervejaria de baixa fermentação, legítimo surto naquela era dos vagidos iniciais da Terra da Saudade. Dá para crer que os denodados Irmãos Marchesan herdaram o sangue borbulhante e sede de triunfo do "nono" paterno, e daí a razão de tamanha odisséia, desse notável par de órfãos adolescentes, iniciando como só Deus sabe, com uma desprezível tenda de "ferreiros de aldeia", confeccionando ganchos, esses e ferragens miúdas para carroças e outros similares e chegando no vertiginoso presente como paradigmas de labor fecundo, capacidade de conquistas pasmadoras, perseverança ilimitada e lídimo heróis galgando o pináculo das mais altas realizações da América do Sul, por glória exclusivamente deles... o ponto alto desses audazes Irmãos Marchesan, é aquele de não terem recebido maiores ensinamentos e condignos, em virtude da pobreza estacada neles bem nos albores da mocidade, contudo, isto não impediu que a inteligência e sonhos prismáticos de também ganharem um lugar melhor ao sol da vida que os colocasse no vértice da lides industriais, da agricultura, da pecuária e do convívio com a culta coletividade social de Matão... A odisséia desses heróis valeria por uma narrativa literária, descrevendo em linguagem de ouro a ascensão apoteótica dos Irmãos Marchesan em tão curto lapso de tempo, fazendo em menos de três décadas, aquilo que outros não fizeram em mais de meio século. Entretanto, - finaliza Januário - mesmo singelamente, sentimo-nos honrados prestando-lhes louvores merecidos com raízes na sinceridade e propósitos inquebrantáveis de profunda amizade e respeito por todos os títulos...patrimônios inalienáveis do nosso Matão de Meu Deus!..."* A família Marchesan que muito dignifica a história de Matão, merece nossos agradecimentos por todos os exemplos advindos de seus descendentes que enaltecem e engrandecem toda a trajetória de nossa querida cidade.

## MILTON SIMONETE TRENCH

Nasceu em Avaré, no dia 28 de abril de 1928. Veio para Matão em novembro de 1948, junto com a Companhia que construiu o trecho da ferrovia e da Rodovia Brigadeiro Faria Lima. Em Matão, conheceu Dona Mirian Bellintani, com quem constituiu família e teve os filhos: Sidnei (líder de trabalhadores rurais), Edmundo, conhecido pelos matonenses como Nino (empresário), Mara, Sandro (advogado e Diretor de Habitação da Prefeitura Municipal), Edson (ex-metalúrgico, atualmente comerciante), Tadeu (vereador) e Milton (agrimensor). Milton Simonete Trench foi um grande profissional como operador de máquinas pesadas, sempre se dedicando com seriedade e amor à Matão. Foi também servidor público da Prefeitura Municipal de Matão, tendo importante papel na construção (terraplenagens) do Ginásio de Esportes Décimo Chiozzini. Seus sete filhos desempenham funções em diversas esferas do nosso município, de maneira séria, voltados para o objetivo do bem comum, praticando aquilo que os pais lhes ensinaram.

## MINAS GERAIS

Minas Gerais: O nome desse estado adveio-lhe do fato de ser o depositário das mais abundantes minas dos mais diversos elementos. Afirmam, entretanto, os estudiosos, que o adjetivo "gerais", foi unido para colocar em evidência a oposição entre as minas particulares e não particulares; eram particulares as minas dos rios das Velhas, das Mórtes e dos Caetés. Contar a história de Minas é contar a história das pedras, da saga e da ambição de seus homens. E olha que é um relato muito antigo e também pouco conhecido, já que a presença humana é calculada em ousados 12 mil anos. Mais antigo que isto só suas pedras, aliás muitas, que fazem deste o estado mais rico em reservas minerais da nação. O estado também é famoso por

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

sua culinária simples, curiosa e deliciosa. Tanto é assim que conquistou o Brasil. Só para citar alguns exemplos: lombinho de porco assado, o tutu de feijão com torresmo e lingüiça, o feijão tropeiro com couve refogada, a galinha ao molho pardo. Não podemos esquecer os quitutes: queijo de minas, broa de milho, doce de leite. Rica, tradicional, histórica: assim é a cozinha mineira, cujas receitas são encontradas em caderninhos às vezes seculares. Em 1835 o dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-80), escolheu Minas como seu lugar para viver. Quis o destino que este médico, botânico e zoólogo se estabelecesse às margens de uma lagoa de águas milagrosas, que eram inclusive exportadas para a metrópole portuguesa. Na Freguesia de Nossa Senhora da Saúde da Lagoa Santa, Lund fez preciosas descobertas acerca dos primeiros habitantes da região. Os primeiros mineiros, poderíamos dizer. As muitas grutas da região, como as hoje famosas Lapinha e Maquiné, eram pouco exploradas e não despertavam interesses dos escassos estudiosos. Ainda sabemos pouco sobre os homens primitivos, suas crenças e seus modos de vida. Entretanto Lund deu sua contribuição valiosa para que a história começasse a ser contada. Suas incursões pelas grutas e cavernas trouxeram das sombras indícios irrefutáveis de que a presença humana é muito longínqua. No sítio arqueológico de Lagoa Santa, estão as segundas datações arqueológicas mais antigas do Brasil. Lund é considerado o pai da arqueologia brasileira por seu pioneirismo nos estudos da mastofauna pleistocência de Minas Gerais, pelo descobrimento e estudo do "Homem da Lagoa Santa" e por ter identificado cerca de 150 espécies de mamíferos fósseis.

## MONTE ALTO

Monte Alto é um município brasileiro do estado de São Paulo. Localiza-se a uma latitude 21°15'40" Sul e a uma longitude 48°29'47", estando a uma altitude de 735 metros. Sua população estimada em 2004 era de 45.599 habitantes. De onírica imagem a cidade real; assim fez-se Monte Alto. Do sonho de um jaboticabalense que tudo havia perdido em um incêndio surgiu a Cidade Sonho. Porfirio Luiz de Alcântara Pimentel era farmacêutico e cirurgião do imperador. Um dia sonhou com um planalto extenso tomado por um cafezal. Vislumbrou também que ao planalto dominava um monte, no alto do qual havia uma igreja. E em busca desse lugar ele partiu com o filho Antônio e com amigos. Embrenhou-se por terras desconhecidas, até encontrar o planalto e o monte com os quais havia sonhado. Venceu o monte e, ao chegar ao topo, teve a certeza de que sonhara mesmo com aquele lugar. Então exclamou aos que o acompanhavam: "Aqui se chamará Bom Jesus de Pirapora das Três Divisas de Monte Alto!". Adquiriu quatro alqueires para dar início à construção do povoado e, no dia de 15 de maio de 1881, em louvor ao Senhor Bom Jesus, com a celebração de uma missa, fundava-se Monte Alto que, a partir de então, pertenceria a Jaboticabal. Assim, graças ao forte desenvolvimento econômico baseado na cafeicultura, em 1895, apenas 14 anos após a fundação, Monte Alto tornava-se município, separando-se definitivamente de Jaboticabal. A criação da Comarca de Monte Alto deu-se em 1928. Pertenceriam a ela, além de Monte Alto, mais três municípios: Pirangi, Paraíso, e, posteriormente, Vista Alegre do Alto. O primeiro juiz foi Carlos Kiellander e o primeiro promotor público foi Maurílio Correa Giudece. A cidade de Monte Alto foi construída exatamente sobre o divisor de águas entre a bacia hidrográfica do Mogi Guaçu e a bacia hidrográfica do Turvo-Grande. A altitude média é de 735m, entretanto, alguns pontos ultrapassam os 800m. Assim, a cidade possui o clima tropical de altitude, que se evidencia acima dos 600m e se caracteriza por apresentar verões chuvosos e quentes e invernos secos e frios, em que geadas e temperaturas muito próximas do ponto de congelamento não são incomuns. Segundo a classificação climática de Köppen, Monte Alto possui o clima Cwa, que é assim caracterizado: a primeira letra, que é "C" e é sempre maiúscula, informa que se trata de um clima mesotérmico, com a temperatura média do mês mais frio inferior a 18°C e superior a -3°C e que há pelo menos um mês em que a temperatura média é igual ou superior a 10°C. A segunda letra, que é "w" e é frequentemente minúscula, explicita que as chuvas ocorrem predominantemente no verão, e que o mês menos chuvoso tem precipitação inferior a 60mm. A terceira letra, que é "a" e é sempre minúscula, indica que os verões são quentes, com a temperatura média do mês mais quente igual ou superior a 22°C. A população monte-altense, até o começo do século XX, era formada majoritariamente por portugueses e seus descendentes. Até mesmo o fundador de Monte Alto, Porfirio Luiz de Alcântara Pimentel, era descendente de portugueses. Houve também a chegada de muitos nordestinos, descendentes de portugueses, cuja migração não se confunde com as grandes migrações nordestinas iniciadas, sobretudo, a partir da década de 1950. A partir da década de 1920 começam a chegar os italianos e os alemães. Pouco depois chegam os japoneses. Assim, italianos alemães e japoneses alterariam a composição da população e seriam discriminados pela então elite monte-altense, especialmente durante a Segunda Grande Guerra. Dedicar-se-iam principalmente à agricultura e posteriormente, pouco a pouco, à indústria. Atualmente há em Monte Alto predomínio do setor secundário e do setor terciário da economia. Entretanto, o setor primário permanece como atividade importante, destacando-se a cultura da cebola e a produção de frutas para exportação. Monte Alto possui indústrias de grande porte que, juntamente com as indústrias de pequeno porte, conferem perfil industrial ao município, cuja população urbana ultrapassa os 93% da população total.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## MONZA

Monza é uma comuna italiana da região da Lombardia, província de Milão, com cerca de 122.263 (2004) habitantes. Tem uma densidade populacional de 3704 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Biassono, Lissone, Veduggio, Veduggio al Lambro, Villasanta, Concorezzo, Muggiò, Agrate Brianza, Cinisello Balsamo, Brugherio, Sesto San Giovanni. Já se falava de Itália, pelo menos como entidade geográfica, na época dos etruscos, povo muito civilizado, como testemunham as peças conservadas em alguns museus, sobretudo na Toscana e no Lácio, as regiões dos maiores estabelecimentos etruscos (presentes também na òmbria, na Campânia, em algumas áreas das atuais Emília e Lombardia). Depois vieram os romanos, que, a partir do século III a.C. unificaram sob o seu domínio a península inteira (e grande parte da Europa). A palavra Itália aparece numa moeda do século I a.C., cunhada pela confederação dos povos itálicos em revolta. A moeda foi encontrada em Abruzzo, em Corfinio, a antiga Corfinium, capital da chamada confederação Itálica. O longo domínio de Roma (do século III a.C. ao século V d.C.) deixou rastros indelévels na Itália: estradas, aquedutos, templos, monumentos, cidades, pontes, teatros. Memórias de um passado remoto e, no entanto extraordinariamente presente visível em cada canto da Itália, tanto no Norte quanto no Sul. Depois da decadência do Império Romano, a Itália foi invadida e dominada durante longos séculos por povos estrangeiros, sobretudo no Sul e na Sicília. No entanto, graças ao florescimento de cidades-estados independentes no Centro-Norte (Veneza, Florença, Siena, Gênova e Milão), a Itália tornou-se um país florescente nas artes e no comércio, próspero e civilizado. No século seguinte, os pequenos estados independentes não resistiram às invasões de grandes estados como a Espanha e a Áustria. Só o pequeno reino do permaneceu independente e, depois do parêntese da ocupação napoleônica, tornou-se o "motor" do Risorgimento, o grande movimento que levou, em 1870, à definitiva unidade da Itália, sob o comando da casa real dos Savóia. Depois da Segunda Guerra mundial, em 1946, um referendun popular aboliu a monarquia e proclamou a República. O resto é a história de hoje. Uma história inteira digna de ser vista. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# N

## NAPOLEÃO BOTTURA

Oriundo de antiga família de comerciantes que aqui se instalaram, Napoleão Bottura foi Coletor Federal em Matão. Foi casado com Dona Noêmia Rossi Bottura. Um dos seus filhos, Cássio Bottura, também figura na lista de personalidades que ajudaram a construir nossa Matão de hoje. Nascido em 20 de janeiro de 1920, em Matão, Cássio estudou no Grupo Escolar de Matão, indo depois concluir seus estudos no Ginásio do Estado, na vizinha cidade de Araraquara. Depois disso, inicia o curso superior na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Durante o curso médico estagiou como acadêmico e monitor, nos Departamentos de Histologia e Embriologia, dedicando-se, particularmente, ao estudo da Hematologia, passando a ministrar aulas em cursos de diversas naturezas, adestrando-se na Clínica Médica da segunda enfermaria de medicina de mulheres da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, ocupando a cadeira de terapêutica clínica. Cássio possui uma extensa biografia, contada na íntegra no espaço reservado ao seu nome, pois, como seu pai, Napoleão Bottura, teve o nome eternizado ao figurar em uma de nossas vias públicas. A história de vida de Napoleão Bottura e de toda a família Bottura é também a história de Matão, que durante décadas gerou ilustres personagens que alteraram o rumo da história, dignificando sua gente, seus amigos e seus familiares, levando um pouco da nossa história, trazendo na bagagem sabedoria e deixando muita saudade ao partir do nosso mundo quando chamado pelo nosso Pai.

## NÁPOLI

Nápoles (*Napoli* em italiano) é uma comuna italiana do sul de Itália, da região da Campania, província de Nápoles com cerca de 1.000.000 habitantes (censo de 2001) e com cerca de 4.400.000 habitantes na região metropolitana (que compreende áreas na província de Caserta, Avelino e Salerno). Nápoles é a terceira cidade da Itália após Roma e Milão e tem a segunda maior região metropolitana após a de Milão. Localiza-se na baía de Nápoles, no mar Tirreno. É um porto importante e o principal centro industrial e comercial do sul do país. É também um centro turístico, pois, nos seus subúrbios localizam-se vários locais de interesse: o vulcão do monte Vesúvio, as ruínas de Pompeia e Herculano, as ilhas de Capri e Ischia. O seu centro histórico foi declarado patrimônio mundial pela UNESCO. Tem origem na antiga cidade de *Neapolis*. Foi conquistada pelos romanos no século IV a.C. No século VI passou para domínio bizantino e no século VIII constituiu-se em ducado independente. Em 1139 passou a pertencer ao reino da Sicília. A universidade foi fundada em 1224 e passou a ser, no final do século XIII, a capital do reino. Em 1282 passou para a coroa de Aragã, sendo denominado reino de Nápoles. No século XVIII passou a ser independente, sendo anexado ao reino da Sardenha em 1860 e de Itália em 1861. Embora a História da Itália identifique-se em seu início com a do Império Romano e parece que não existira nada antes, o certo é que os gregos e os etruscos no século VIII a.C. e os galos no século V já tinham formado colônias nas costas da península e de ilhas. Previamente eles, os terramanara ao norte e os vilavonia no centro já tinham habitado o solo italiano, durante a pré-história. Se bem é certo que até a unificação do território pelos romanos no século III a.C. Itália não consegue entrar na História com peso específico. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construírem suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...*aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi...*"

## NARCISO BALDAN

Em 1928 chegaram aqui Narciso Baldan e Carillo, os dois irmãos mais velhos, depois vieram o Patriarca Pietro e os irmãos Adolfo, Serafim, Pierim e Maria, provenientes de Noale, Veneza. No mesmo ano, Narciso

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Baldan, em companhia de seus irmãos, funda a Oficina Baldan, hoje Baldan Implementos Agrícolas, empresa pioneira no comércio de implementos agrícolas em nossa cidade. A história da Família Baldan remonta aos primeiros passos que nossa querida Matão deu, enquanto novo horizonte de perspectivas buscado pelas famílias que aqui se instalaram e fizeram de nossa cidade o porto seguro que hoje vivenciamos. A família Baldan, composta de uma linhagem de comerciantes, um dos primeiros a fixar moradia aqui, estabeleceu-se em janeiro de 1928, construindo seu primeiro campo de trabalho num pequeno barracão alugado e coberto de zinco na Avenida Tiradentes, estrutura que até hoje podemos visualizar. Dois anos mais tarde mudou de dependências e nos anos 40, consolidava sua estrutura definitiva. A empresa iniciou a produção de implementos e maquinários para a agricultura pioneira no Brasil (discos para arados e grades). O peixe é símbolo do cristianismo, é homenagem aos homens de fé, que regam a terra com o suor dos seus rostos. Colacionamos abaixo a homenagem feita pela Câmara Municipal de nossa cidade: "...Falãr do merecimento que reveste a matéria, seria inócuo para não dizer desnecessário, posto que a empresa Baldan Implementos Agrícolas S/A, desde a sua instalação em 1928, vem oferecendo grande contribuição para o nosso Município. Paginando velhos acontecimentos da história de Matão, saltam aos nossos olhos, velhas imagens que manifestam a evidência de uma trajetória de luta, competência, capacidade e desenvolvimento e dentro desse contexto, vem à tona a empresa Baldan, que delineou ao longo de sua vida, um caminho de trabalho, de fé e de perseverança, acreditando sempre no progresso e no desenvolvimento do nosso Município. Somado a essas razões, também é de se considerar que essa homenagem de dar denominação à Avenida onde está instalada a empresa, teve seu início nos idos de 1972, quando o então Prefeito Municipal denominou através do Decreto nº 789, de 26 de outubro de 1972, que a área que abrangia a totalidade da Perimetral Sul teria o nome de Avenida Baldan, ao longo dos seus 3.200 metros. Ocorre que, com o passar dos anos e com o advento da Constituição Federal de 1988, e, por consequência, da Lei Orgânica do Município de Matão, a atribuição de denominar vias e próprios municipais, passou a ser sacramentada através de Lei. Isto posto, o legislador teve oportunidade de fragmentar, através das Leis Municipais nºs 1.918, de 19 de novembro de 1990, e nº 2.177, de 28 de agosto de 1992, a homenagem já sacramentada através do Decreto citado, levando toda a ilustre família Baldan ao constrangimento. Buscamos, com a redação dada através de seu artigo 1º, por nós ora apresentado, somar à denominação instituída através da Lei Municipal nº2.336, de 04 de abril de 1994, um pequeno trecho que vai desde a Avenida Trolezi, até encontrar com a divisa do aeródromo Armando Natalle, para que no futuro não se dê ao mesmo, uma outra denominação..." Também conhecido como Dr. X, Narciso Baldan faleceu em 17 de janeiro de 1975 com 73 Anos, deixando viúva Dona Narcisa Quaresima Baldan. Em edição da Revista "A Comarca" do ano de 1982, foi escrito um artigo destinado a contar a história do surgimento de nossas indústrias e a história da Baldan, a mais antiga das fábricas de implementos agrícolas da cidade, foi lembrada. Fundada nos anos 30, por Narciso Baldan. Na década de 60 a empresa conheceu uma fantástica explosão, situando-a entre as maiores fábricas de implementos da América.

## NELSON ANTONIO ROMÃO (Padre)

Uma das figuras mais ilustres da nossa cidade, Nelson Antonio Romão, nasceu em 29 de janeiro de 1921, em Bariri, primeiro filho de Frederico João Romão e Luiza Tereza Sândoli Romão, proprietário de uma área agrícola no mesmo município. Sua infância foi normal e feliz, demonstrando precocemente responsabilidade e carinho pelos animais, ajudando o pai no tratamento clínico dos animais da fazenda. Estudou o ensino primário na Escola Paroquial e o Ginásio fez no Colégio S. Norberto, na cidade de Jaú. Foi quando descobriu sua verdadeira vocação, a mais sublime de todas: a vocação sacerdotal. Em 1935, com apenas 14 anos, ingressa no Seminário de Pirapora, continuando depois os estudos no Seminário Menor Diocesano de São Carlos, quando este foi fundado por Dom Gastão Liberal Pinto. Ao término do Colegial, matriculou-se em Filosofia no Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo. Como seminarista demonstrou muita responsabilidade e tudo que fazia, Devoto de Nossa Senhora, o Terço foi a sua grande arma. Foi ordenado sacerdote na Catedral Santa Ifigênia, em São Paulo, em 08 de dezembro de 1946, pelo Exmo. Sr. Cardeal Motta, então Arcebispo de São Paulo. No dia 13 de dezembro de 1946, celebrou a primeira missa solene em Bariri, na Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, onde fora batizado. Em 1974, foi nomeado vigário de Santa Eudóxia, perto de São Carlos e Prefeito da disciplina do Ginásio Diocesano. Em 1950 foi nomeado vigário de Itajobi, onde ficou apenas 9 meses, sendo nomeado como Vigário da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matão. Padre Nelson ficou em Matão durante 22 anos de profícuos resultados: dedicado às vocações, fundou o Serra Clube, na Sede da Diocese e em Matão atendeu as 22 seções da Fazenda dos Ingleses, que naquela época contava com mais de 11 mil pessoas, enquanto que na cidade viviam apenas 6 mil habitantes. De segunda a sexta-feira, visitava a Companhia dos Ingleses, como era chamada, levando conforto na fé, na saúde e com muito amor. Seu jipe não tinha descanso. Realizava missões infantis e de adultos. Graças ao seu zelo e dedicação, a religião floresceu em toda a paróquia. Os pobres sempre recebiam amor e carinho. Fundou a primeira Creche Rural do Brasil, na Seção da Boa Vista. Mentor

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

espiritual, seu nome é um exemplo de dignidade e de respeito pela pessoa humana. Defensor do homem do campo trabalhou pela criação dos Sindicatos rurais e foi um dos fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos. Além de todas as suas atividades religiosas, Padre Nelson foi também professor de história na Escola Professor Henrique Morato. Em 1956 foi agraciado com o título de Cônego. Foi ainda reitor dos Seminários Maior e Menor da Diocese. Em 1966 foi nomeado Monsenhor, embora preferisse sempre ser chamado de Padre. Dedicado ao apostolado, atingiu a todas as camadas sociais sem distinção, formando algumas gerações de jovens que hoje honram muitos lares como maridos e esposas. Ministrou o primeiro Curso de Educação Sexual aos jovens de Matão. O catecismo paroquial às crianças e o ensino religioso nas escolas tomaram muito tempo no início do seu pastoreio. Os doentes sempre tiveram seu carinho e atenção. Em 1966 recebe o título de cidadão matonense. Construiu, com o povo, a Igreja Matriz que é o cartão postal da cidade. Trouxe as Irmãs religiosas da Itália que hoje se espalham por vários países da Europa, América e África. Padre Nelson realizou-se como "homem de Deus", levando uma vida totalmente consagrada a Deus, à Igreja e aos paroquianos. A família Romão, além de nos legar o Padre Nelson, teve também uma filha que se tornou irmã religiosa, falecida aos 21 anos de idade, além do Cônego Amador que edificou sua caminhada de fé na Paróquia do Senhor Bom Jesus. Faleceu em 24 de julho de 1973 em Santos, quando pretendia descansar. Sua dignidade, abnegação, perseverança e religiosidade são marcas de orgulho para Matão, cidade que teve a honra de receber um filho tão dileto. Homenageá-lo postumamente com nome de Avenida e como Patrono da Escola do Bairro de Santa Cruz foi uma das formas encontradas para perpetuar a memória de figura tão rara, brilhante e tão cara para todos nós.

## NELSON DOMINGOS DE MORAES

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## NHONHÔ MAGALHÃES

Carlos Leôncio Magalhães. Conhecido carinhosamente como Nhonhô Magalhães, é mencionado no livro de Januário Groppa como bandeirante mor de Matão. Único filho de Carlos Baptista Magalhães e de Dona Leôncia, nasceu em 06 de julho de 1875 na cidade de Araraquara. A família estabeleceu-se nesta cidade após insucessos comerciais de seu pai no Rio de Janeiro. Com recursos do armazém que administrava com o sogro, o pai de Nhonhô comprou terra. Em 1877 era eleito vereador de Araraquara, cidade que contava com cinco mil pessoas livres e 500 escravos. Quando Nhonhô tinha onze anos, sua família mudou-se para São Vicente. Em 1889, seu pai vence uma disputa judicial com o Conde do Pinhal e a família retorna para Araraquara. Seu pai associou-se à Casa Bancária Lara, Magalhães e Foz. Logo depois, consegue a concessão para construir a ferrovia de Araraquara até Santa Fé do Sul. Neste período (1899), Nhonhô começa a administrar as terras do pai. O período vivido pela família em Santos foi suficiente para que soubessem o valor econômico do café. Com 15 contos emprestados Nhonhô comprou a Fazenda Santa Ernestina. Em 1902, aos vinte e sete anos e recém-casado com Dona Ernestina o café estava na primeira florada. Neste momento decide acompanhar o pai e outras pessoas que tinham como objetivo uma insurreição pela volta da Monarquia, que chegou a ser instaurada por eles nas terras do Ribeirãozinho (Taquaritinga). Os rebeldes chegaram a reunir dois mil homens para tomar Araraquara, mas forças legais chegaram antes e prenderam o pai de Nhonhô por dois meses; Nhonhô se escondeu no mato, de onde saiu para se dedicar de corpo e alma às terras. Em 04 de novembro de 1924, Nhonhô foi protagonista da venda da Fazenda Cambuí que tinha mais de trinta mil alqueires, coalhada de cafeeiros, pastarias e frondosas matas virgens ainda abruptas, por 20 mil contos de réis (o maior cheque pago até então na história da República). Assim comenta Januário: "... Discorrer sobre Nhonhô Magalhães é um tema para letrados de alta procedência e profundidade em conhecimentos gerais e psicologia, para estampar o modo exato do temperamento audaz, indômito, triunfante, vista alongada de condor nos picos dos Andes e Mestre dos Mestres; que se dizem aptos para desvendar os mistérios da terra e sua germinação vegetativa. Longe, muito longe de mim a audácia, pretensão laudatória de parafrasear as teorias esmerilhadas com soberano realce do plantador de café, cana e criador de bois em manadas, chamado Nhonhô Magalhães. Apenas vejo-me feliz e honrado tê-lo conhecido de vista nos fins de 1920 na farmácia do saudoso Sr. Benedito Rosa de Lima e Costa, ouvindo-o chamar em alta voz seu administrador, Guido Traballi, assim: "Guido, vamos embora antes do sol descer, temos muito que ver nos talhões do café novo". Até 1923 e 1924 espaçadamente aportava em Matão com a rapidez dum bólido singrando o firmamento. Tal sua fama, sempre apressado e sua risada sonora e fácil, faz-me como se agora o estivesse vendo igual a sessenta e mais anos idos. Quando a 4 de novembro de 1924, vendeu a Fazenda Cambuí com mais de trinta mil alqueires..... à Brazilian Warrant Company, recebeu um cheque no valor de VINTE MIL CONTOS DE

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

*RÉIS, o maior cheque até então pago na História do Brasil, comentado com destaque na imprensa e no exterior, deixando Matão e o Brasil aturcidos ante o gigantesco negócio. Afim de valorizar esta minha nota singela, traçando como pude a personalidade de Carlos Leôncio Magalhães, sentindo-me orgulhoso e para mais clareza sobre o Grande Fazendeiro, transcrevi um trecho do seu fabuloso depoimento que o grande jornalista Joemir Betting), através de farta documentação antiga, inseriu em 6 de junho de 1975, na Folha de São Paulo: " O café planta cidades e eu planto café. Já plantei 5 milhões de pés. Um mundão de café. Sou um fiscador de ouro verde na boca do sertão, terra de macho. Mas o pessoal prefere elogiar os americanos, que estão plantando borracha na Amazônia. Vi uma plantação deles, lá no Pará. É um trabalho bonito. Os homens entram com tudo. Mas eu acho muito fácil plantar borracha com dólares. Difícil é plantar café com cuspe. Com cuspe, sim. Já tenho calo na língua de tanto selar papagaios. Comecei com 15 contos emprestados e continuo selando papagaios nas fuças do tabellão. Tudo que eu tenho, todo esse mundão, foi feito sem capital. A gente entra com trabalho e coragem e a terra faz o resto. A terra dá susto, mete medo, mas nunca deixa a gente na mão. Já passei por partos medonhos, mas quebrar, não quebrei. Na última geada, perdi tudo, uns dois milhões de pés, uns vinte mil alqueires torrados. Quando o sol nasceu, mandei podar tudo e enchi o cafezal de algodão. O café rebrotou e o algodão pagou tudo. Sabe o que eu vou fazer? Vou vender tudo o que eu tenho. Se os ingleses me pagarem 20 mil contos, vendo tudo mesmo. Sabe o que eu vou fazer com esse dinheiro? Vou projetar e executar uma fazenda modelo, uma fazenda que não está nos livros, não está na terra, mas está matutando na minha cabeça. Ainda acredito no café. Acho que o café ainda não terminou a obra que começou, um Brasil grande e forte. Mas a crise está no ar, meu faro não nega. Pode ser mera intuição, mas intuição é inteligência batendo recorde de velocidade. Quero uma fazenda apoiada num tripé: café, cana e boi. Se o café fracassar, o açúcar me salva. Se os dois falharem, me agarro no rabo do boi. Acho que chegou a hora de diversificar a lavoura. Já estamos em 1924, e daqui a cinco anos, se tanto, a coisa pode ficar muito feia. Se o café sofrer um desastre lá fora, o desastre será maior aqui dentro. Então, vou vender açúcar e carne, aqui ou no raio que o parta..." Como se pode ver, o seu depoimento é um desassombrado documento, que por natureza deve estar fulgurando na História do Brasil. Mas, acima de tudo, deveria servir de leme orientador a todos os plantadores de café, cana e criadores de bois de nossa Pátria. Matão em sua pujança presente muito deve ao Conselheiro do Império Bernardino Avelino de Gavião Peixoto, Carlos Leôncio Magalhães, e Cia Agrícola Fazendas Paulistas, alicerces da estabilidade da cidade grande e triunfante dos dias do amanhã longínquo..." Além do referido momento histórico, vamos descobrir a alma caridosa de Nhonhô Magalhães, protagonista que foi de uma doação de 400 contos de reis para ajudar na construção do Hospital de Caridade de nossa cidade, fato acontecido no ano de 1926. Na revista de "A Comarca" de 2003, em reportagem assinada pelo jornalista Rogério Bordignon, Salvador Scutti Júnior questionava: "O que Matão ofereceu para Nhonhô Magalhães?" Tal indagação é respondida pelo próprio formulador da pergunta, dizendo que a única homenagem foi à denominação de uma pequena avenida. Lamenta a falta de memória e a ausência de pessoas a multiplicar os exemplos de Carlos Leôncio Magalhães, sendo que ele mesmo passou a apresentar palestras sobre a vida de Nhonhô Magalhães e defende que a estrada que liga Matão à Embraer passe a ter o nome do Bandeirante do Café, título que coube anatomicamente à figura de Nhonhô. Defende o resgate histórico e a divulgação dos passos, atitudes e a revolução dos pensamentos de Nhonhô. Segundo a matéria, os exemplos desta figura são inúmeros, denominado como "Um pioneiro alegre, amigo de São Paulo" em reportagem veiculada por grande jornal paulistano. Eis aí uma pequena pitada da trajetória de um ilustre cidadão que Matão recebeu como um filho e que os demais conterrâneos jamais se esqueceram. Perpetuar a memória de Nhonhô, assim como a de muitos outros ilustres desconhecidos que por vários motivos a história não registrou é tarefa de todos nós. Parabéns para todas as pessoas que, de uma forma em geral, auxiliam no resgate e na multiplicação de nossa memória; só assim teremos a certeza de que não deixamos de escrever no livro da Terra Saudade os nomes dos seus mais caros construtores, cidadãos sonhadores, idealizadores, determinados e vitoriosos.*

## NÍCOLA MANZI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## NÍLSON BARBAÇO

Nasceu em Guaraci, estado do Paraná, no dia 25 de maio de 1952. Passou sua infância em uma pequena cidade do norte do Paraná chamada Colorado, onde cresceu, estudou e sempre trabalhou como alfaiate. Casou-se no ano de 1978, aos 24 anos, com Oscarina Neves, sendo que desta união nasceram dois filhos: Leandro Neves Barbaço e Grazielle Neves Barbaço. Mudou-se para o estado de São Paulo, chegando em Matão no ano de 1980. Trabalhou no comércio local nas Casas Pernambucanas e depois abriu seu próprio negócio, dedicando-se ao ramo de comércio na Vila Santa Cruz. Seu lazer era tocar violão e guitarra e, por

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

essa razão, participava da Comunidade do Bairro Alto, no coral da Igreja Nossa Senhora Aparecida, onde dedicava parte de sua vida. Na citada comunidade, fez muitos amigos, ganhando a admiração de todos. Morava no Jardim do Bosque, vizinho da capela São José. Entretanto, sendo acometido de um grave problema renal, lutou com muita fé e esperança e grande confiança em Deus, até os últimos momentos de sua vida, que embora breve, foi marcada por uma caminhada digna e honrada vindo a falecer em 19 de março de 1992, deixando muitas saudades a todos que o admiravam e que tiveram a felicidade de com ele conviver. Exemplo como o de Nilson Barbaço deve ficar registrado para sempre nos anais da história de nossa querida cidade. Isto foi concretizado e hoje seu nome ostenta uma das vias públicas de Matão.

### **NÚNCIO MALZONI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski



## OCTÁCILIO DAVID

Octacílio David, popularmente conhecido como "Tacião", nasceu em Jacaracé, na Bahia. Veio moço para São Paulo, em lombo de burro, como dizia e se instalou em Araruba e Curupá, antes de escolher Matão, em 1941. Foi inspetor de quarteirão por mais de dez anos. Comandou a Escola de Samba Unidos da Vila Santa Cruz por vinte anos. Foi taxista, durante 30 anos. Proprietário da Auto Escola Para Todos, de 1979 a 1999. Foi ainda vereador durante seis anos, de 1977 a 1983. Tacião era Cidadão Matonense, honraria concedida pela Câmara Municipal no dia 17 de novembro de 1995. Durante sua vida de muito trabalho e dedicação à esposa e à família, Tacião muito se orgulhava dos filhos, com carinho especial ao Carmo David, o Baiano, por ter sido jogador de futebol que defendeu a Ferroviária, o São Paulo e a Seleção Brasileira, nas décadas de 50 e 60. Com seu carisma conquistou inúmeros amigos e admiradores e se tornou orgulho para toda a família, até que Deus o levou para junto de si, no dia 11 de novembro de 1999, vítima de complicações respiratórias. Tacião foi casado com Dona Francisca Ferreira David com quem teve os filhos Marlene (já falecida), Carmo, Odete, Maria Aparecida e Edna. Por sua história de vida e pela alegria que Octacílio David, o Tacião, despertou no coração daqueles que tiveram o privilégio de conhece-lo, foi homenageado em uma importante rotatória de nossa cidade, obra pública que recebe os viajantes que adentram nossa querida Matão, para que conheçam a pujança desta Terra e as maravilhas que homens de bem como Octacílio David ajudaram a edificar.

## OCTACÍLIO RIBEIRO (Professor)

Filho de lavradores nasceu em Matão aos 27 de abril de 1994, ajudando os pais no trabalho da lavoura do café até a sua adolescência. Mais tarde trabalhou de metalúrgico e depois no Hospital de nossa cidade, na seção de Raio X. Lá conheceu Thereza de Jesus Fagione Ribeiro, com quem se casou e dessa união nasceram duas filhas. cursou a Faculdade de Ciências Filosóficas de São José do Rio Pardo, formando-se em Estudos Sociais. Passou a exercer a função de professor, ministrando aulas de História e de Geografia na cidade de Dobrada e em Matão na escola Professor Henrique Morato e na Escola Chlorita de Oliveira Penteado Martins. Faleceu em 24 de agosto de 1994. Pelos serviços prestados à comunidade de sua terra natal, seu nome simbolizou a árdua luta de tantos professores anônimos que fizeram e fazem desta terra uma cidade progressista, e mais humana, emprestando seu nome a uma das ruas de nossa cidade.

## OCTAGINO SILVEIRA LEITE

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ODAIR PEDRO DE MELLO

Nasceu na cidade de São José do Rio Preto aos 30 de junho de 1944, filho de Theotônio Alves de Mello e Maria das Dores da Cunha de Mello. Mudou-se para Matão em 1975, onde fixou residência. Casou-se com a Srª Iraide da Silva Mello, com quem teve 5 filhos: Clodoaldo, Claudia, Cristiane, Dawis e Anderson. Foi pedreiro sua vida toda, com especialidade em acabamentos. Odair Pedro de Mello, homem honesto, que tinha adoração pelos netos, torcedor fanático do Santos e orgulhoso da profissão que tinha. Não teve participação com comunidades mas estava presente na vida de sua família em especial filhos e netos, estes que hoje sentem muito sua falta.

## ODILON AUGUSTO

Filho de Margarida Augusto Albino e de João Pedro Augusto. Nascido na cidade de Araraquara teve cinco irmãos: Cloves Augusto, Maria Augusta Albino, Aparecida Augusta de Souza, Claudete Augusto Araújo e Normelino Avelino Rocha. Odilon morou no Horto Florestal até o ano de 1985, vindo depois para Matão indo trabalhar na Prefeitura Municipal de Matão, sendo considerado pelos seus colegas de trabalho como um excelente funcionário, sempre cumprindo com suas obrigações. Foi também, durante vinte anos, um parceiro indispensável no setor de obras da prefeitura, pois era um emérito conhecedor de todos os tipos de máquinas que existia neste setor.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## ODONE MARCHESAN

Nascido numa das mais tradicionais famílias de comerciantes que se instalaram em nossa cidade, Odone participou ativamente de todas as conquistas de Matão, através de seu desprendimento como homem público, lutando em prol de nossa comunidade. Sendo assim, elegeu-se vereador no período entre 1956 a 1959, sendo segundo secretário da Mesa Diretora durante os quatro anos de mandato. Odone integrou ainda o conselho deliberativo do Societá Stella D' Itália, no ano de 1957. Entre os anos de 1964 a 1969, foi vice-prefeito de Matão, tendo Armando Bambozzi como Prefeito. Alguns feitos desta administração: Em 28/03/1965 instala-se o município de Dobrada, ex- distrito de Matão. Neste mesmo ano, Matão se preparava para estender as redes de esgotos sanitários da Vila Santa Cruz e Vila Guarani, através de empréstimo. Ainda em 1965, nasce o Sindicato dos Metalúrgicos. No dia 11/06/1965 a procissão de Corpus Christi passava a fazer parte do calendário turístico do Estado de São Paulo. Em 21/08/1966 nascia a APAE em Matão. O distrito de São Lourenço do Turvo ganhava uma Escola Estadual em 1967. Esta escola foi municipalizada em 2001. No dia 04/05/1968 era inaugurado o Prédio do Fórum Dr. João Pires de Camargo. Em 27 de setembro de 1968 inaugurava-se a agência do banco do Brasil. O ano de 1968 marcou também a instalação de 400 aparelhos telefônicos automáticos em Matão. A história da família Marchesan, uma das mais antigas de nossa cidade, confunde-se com a história de Matão. O nome transformado em Avenida, inaugurada no ano de 1980, foi uma das formas encontradas para perpetuar a memória desta importante família, homenageando seus inúmeros descendentes. No ano de 1978, Januário Groppa escreve, em reportagem publicada na Revista de "A Comarca", texto sobre os heróicos Irmãos Marchesan, afirmando que as páginas daquela brilhante revista eram portadoras de operosidades e eventos que naquela época falavam pela boca de ontem ocorrências notáveis, dignas de serem lembradas e não deixa-las encobertas nos entulhos de outrora. Cita sobre a tenacidade do Comendador Armando Marchesan e seu operoso irmão Luiz Marchesan, admirável lidador de alta categoria e participante no difícil encargo de administrar com raro vislumbre, uma das mais poderosas indústrias da América do Sul. Argumenta sobre a escalada veloz nas culminâncias da glória, baseada no equilíbrio administrativo e fabulástico dos Irmãos Marchesan, que transcendia todas as expectativas humanas, dão-lhe crédito numa altura respeitável e consagração merecida por uma razão simples: eles vieram de baixo para cima! Em 1982, Revista histórica de "A Comarca" novamente reservou uma página dedicada a Marchesan. Naquela época, segundo a reportagem, o progresso da empresa era considerável para quem havia começado em 1946 (há 61 anos) fazendo carroças e implementos de tração animal em modestas instalações num prédio da cidade. De lá pra cá, a Marchesan se transformou no que é hoje: indústria de transcendental importância para o nosso País. A filosofia da empresa, transformada em slogan é "a agricultura é a maior indústria do mundo...". Em 1986, 40 anos depois do nascimento da Oficina Brasil que funcionou na Av. Siqueira Campos e depois passou a ser denominada de Irmãos Marchesan, instalava-se em amplas e modernas dependências a empresa Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas Tatu, num espaço digno da altura e da competência de seus fundadores: Armando, José Alberto, Luiz e João Carlos Marchesan. Voltamos às palavras de Januário Groppa sobre os Irmãos Marchesan, na reportagem de 1978 : *"...Netos descendentes de João Marchesan, inteligente imigrante italiano vindo em busca da América, dotado dum claro tino comercial, tão logo alicerçada a base da sua estabilidade, quando ainda as aves cantavam nas restingas contornantes da primitiva Capela à cerca de 80 anos idos, instalou a primeira cervejaria de baixa fermentação, legítimo surto naquela era dos vagidos iniciais da Terra da Saudade. Dá para crer que os denodados Irmãos Marchesan herdaram o sangue borbúlhante e sede de triunfo do "nono" paterno, e daí a razão de tamanha odisséia, desse notável par de órfãos adolescentes, iniciando como só Deus sabe, com uma desprezível tenda de "ferreiros de aldeia", confeccionando ganchos, esses e ferragens miúdas para carroças e outros similares e chegando no vertiginoso presente como paradigmas de labor fecundo, capacidade de conquistas pasmadoras, perseverança ilimitada e lidimos heróis galgando o pináculo das mais altas realizações da América do Sul, por glória exclusivamente deles... o ponto alto desses audazes Irmãos Marchesan, é aquele de não terem recebido maiores ensinamentos e condignos, em virtude da pobreza estacada neles bem nos albores da mocidade, contudo, isto não impediu que a inteligência e sonhos prismáticos de também ganharem um lugar melhor ao sol da vida que os colocasse no vértice da lides industriais, da agricultura, da pecuária e do convívio com a culta coletividade social de Matão... A odisséia desses heróis valeria por uma narrativa literária, descrevendo em linguagem de ouro a ascensão apoteótica dos Irmãos Marchesan em tão curto lapso de tempo, fazendo em menos de três décadas, aquilo que outros não fizeram em mais de meio século. Entretanto, - finaliza Januário - mesmo singelamente, sentimo-nos honrados prestando-lhes louvores merecidos com raízes na sinceridade e propósitos inquebrantáveis de profunda amizade e respeito por todos os títulos...patrimônios inalienáveis do nosso Matão de Meu Deus!..."* A família Marchesan que muito dignifica a história de Matão, merece nossos agradecimentos por todos os exemplos advindos de seus descendentes que enaltecem e engrandecem toda a trajetória de nossa querida cidade.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **OLINDO FRIGIERI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **OLINTO BUZZARO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **ONEIDA TRAVASSOS DOURADO**

Nasceu em 02 de agosto de 1935 em Lins e faleceu aos 21 de julho de 1991, na cidade de Matão, onde residia desde 1965. Deixou os seguintes filhos: Décio Dourado Filho, que atua na área contábil e como delegado do meio ambiente, Mariuza Dourado Zanon, proprietária de Escola de educação infantil, contribuindo com a formação educacional de nossas crianças e Marineide Travassos Dourado, que atua na área de turismo. Oneida era uma senhora simples, mas a sua curta existência de vida foi pautada pela sua honestidade, dignidade e honradez. Seu dinamismo e o desejo de contribuir para com o progresso e o desenvolvimento de nossa cidade fez com que ela se dedicasse junto com seu marido e filhos, nos processos junto aos órgãos estaduais para a abertura de empresas de nossa cidade. Dedicada ao seu trabalho e ao bem estar da família, trabalhou também no comércio, sendo proprietária de uma papelaria e de uma charutaria. No coração daqueles que tiveram a felicidade de com ela conviver, deixou, além de saudades, exemplos dignos de serem seguidos.

## **ORESTE BOZELLI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **ORESTES QUARÉSIMA**

Nasceu no dia 28 de setembro de 1919 em Matão. Filho de Ferucio Quarésima e Santina Quarésima Mantovani. Casou-se com Maria Reina Carrião Quarésima, com que teve os filhos: Edes, Jaime e Santina Quarésima. Aqui ele se estabeleceu e trabalhou por toda a sua vida, criando seus três filhos, chegando ainda a educar alguns netos, sendo sempre uma pessoa muito dedicada com toda a sua família. Em 10 de agosto de 2000, infelizmente, perdemos essa pessoa maravilhosa que, com certeza, estará sempre com todos os que puderam conhece-lo e admira-lo.

## **ORLANDO JOSÉ SCUTTI**

Oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão, Orlando José era filho de Julio Scutti e de Dona Benta Maria Ragazzi. Nasceu em 30 de dezembro de 1923, no sítio São Salvador, de propriedade da Seção Tamanduá, da Companhia Agrícola Fazendas Paulistas (Companhia Inglesa), império adquirido pelos bretões de Nhonhô Magalhães, cujas terras chegavam a 25 mil alqueires. O Sítio era de Salvador Scutti, avô de Orlando José, o irmão mais velho de Maria Idalina Scutti Bedutti, Salvador Scutti e Maria Elisa Scutti. Orlando foi casado duas vezes. Sua primeira esposa foi Maura Budeo, com quem teve os filhos: Rosmaly, Rosely, Rosangela e Rudinei. Com a segunda esposa, Cleuza Gonçalves da Silva Scutti, teve os filhos: Margherita e Marcelo. Orlando José foi um grande empreendedor sendo um dos proprietários da Central Citrus, indústria que exportava suco concentrado. Começou a trabalhar no ano de 1939 no escritório da Sesmaria da Companhia Inglesa, no bairro da Boa Vista. Tinha 16 anos. No ano seguinte toda a família se muda para Londrina, Paraná, onde seu pai quis arriscar o negócio de fretar caminhão. No auge da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se racionamento de combustível e os fretes ficaram comprometidos, fato que obrigou a família a retornar para Matão no ano de 1941. Trabalhador incansável, Orlando José ainda encontrava tempo para outra paixão: o esporte. No ano de 1945 integra equipe matonense no campeonato amador de futebol. Ainda no ano de 1941, Orlando foi trabalhar na histórica fábrica de Óleos Cambuhy, exercendo suas atividades no almoxarifado onde permaneceu até 1958. No final de 1958, a Companhia Inglesa encerrou suas atividades e todo o patrimônio foi vendido para o grupo Moreira Salles. Os funcionários foram indenizados e Orlando optou por comprar um posto de combustível em Matão, na esquina da Rua Rui Barbosa com a Avenida 28 de agosto, onde hoje está instalada a Casas Bahia. Orlando ficou menos de um ano com o posto. Ainda no ano de 1959, comprou o armazém Boa Vista, na confluência das atuais vias Orlando José Scutti e Augusto Bambozzi, onde seria a Central Citrus. Ficou com o

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

supermercado até 1970. Antes disso, no ano de 1966, associa-se ao irmão Salvador e Milton Groppa Aquino na instalação da Comercial de Frutas Matão Ltda, empresa que funcionou paralelamente ao Armazém Boa Vista, que tinha Orlando como único proprietário. Depois de 1970, apenas a Comercial de Frutas continuou existindo. A empresa se especializou na comercialização de limão, laranja, tangerina, abacate e outras frutas, vendidas em consignação ao Mercado Municipal da capital paulista até 1970, quando os três assumiram a venda direta no Municipal. No ano de 1974 iniciaram a comercialização com a Ceagesp. As frutas eram vendidas na banca da Rua M, número 54 (Municipal) e número 68<sup>A</sup> do Pavilhão HFB (Ceagesp). No ano de 1972 existiu ainda um Box para venda de frutas em Belo Horizonte. Em 1977, Orlando José implantou uma extração de óleo essencial de limão, início do processo de industrialização. O óleo do limão tahiti seguia para os Estados Unidos e o do limão siciliano para o Japão. Em 1978 a empresa altera sua razão social passando a denominar-se Indústria e Comércio de Frutas Matão Ltda. Antes disso, no ano de 1977 os três sócios adquiriram uma empresa que processava tomates, a Inbral, pertencente a Toddy Suconasa do Brasil. A idéia era a produção de sucos cítricos. Nasce a parceria com Antonio do Patrocínio Brandão, Bento Quaresma e Antonio Novaes Sobrinho, culminando na criação da Frutropic (atual Coinbra-Frutesp). Menos de um ano após a criação da parceria, Orlando, Salvador e Milton resolvem deixar o empreendimento. Em 1980 a Indústria e Comércio de Frutas Matão encerra a venda in natura de frutas, passando a fabricar suco concentrado de limão de laranja. Neste período a empresa muda o nome para Brascitrus, cuja semelhança com o nome Bascitrus, de Mirassol, obrigou a nova alteração para Frutaí. Em 1982, associados à família Fasanella, nasce o nome Central Citrus Ltda, momento em que se criou a marca fantasia "Daqui" com sucos concentrados em potes de vidro cujas bocas maiores foram projetadas para que uma colher de sopa pudesse entrar. A sociedade durou até o ano de 1987, quando Orlando José e Salvador deixaram a empresa. Nesta época Orlando José encontrava-se muito doente. Orlando José foi um grande empreendedor, empresário nato, de enorme visão, trabalhador incansável que só fez uma coisa na vida: trabalhou. Inclusive nos domingos pela manhã. Ele se irritava quando perdia a hora, gostava de ser o primeiro a chegar e o último a sair. Chegava às 6:00, 6:30hs. Dizia que ficava amargo quando entrava depois dos demais. Gostava de estar antes, de definir as coordenadas e trabalhar, saindo por volta das 19:30hs. Outra faceta de Orlando José Scutti era o seu exagero. Se tinha que fazer uma festa para 100 pessoas, acabava fazendo para 1.000! O churrasco, aqueles com valas no chão, na época da Comercial de Frutas começava às 10hs da manhã e não tinha hora nem dia para acabar. Vinham todos os funcionários, suas famílias, os vizinhos, e quem não tinha nada a ver com a confraternização, vinham todos! Entregava presentes aos amigos e para quem tentou ser seu inimigo, além de ajudar as pessoas necessitadas. Tinha caráter assistencialista, sempre auxiliando as entidades filantrópicas de Matão. Deu também muitos livros de presente. Não era de beber. Apreciava um drink, sem exagero. Era amante das músicas de Paul Mauriat e, para provar seu ecletismo, foi presidente da escola de samba da Vila Santa Cruz, sendo carregado no ar, da atual Praça Leônidas Calígula até o Clube Henrique Dias, quando a Escola foi campeã do carnaval. Orlando foi também presidente do Clube Henrique Dias e o primeiro presidente da FACIMA, em 1977. Segundo relatos de seu filho Rudinei, em entrevista à Revista de "A Comarca", edição de 2002, Orlando José começou a apresentar problemas nos rins que foram paralisados, no ano de 1986. Fez o implante dos rins em 1987, logo depois da venda da fábrica para os Fasanella. A negociação, não cumprida conforme estabelecida, ocasionou-lhe um derrame e duas noites em coma absoluto. Depois, foi conduzido ao Hospital para São Paulo. Em março de 1987 voltou a falar, a caminhar e a viajar, mesmo sem autorização médica. Tinha planos de implantar uma agroindústria, voltada para a banana e sucos exóticos, que tinham um preço muito maior no mercado. Infelizmente não conseguiu concluir mais este sonho. Vindo a falecer em 30 de novembro de 1988, com quase 65 anos de idade. Pela sua dedicação de amor à Matão, à sua família e, pelos gestos de cidadão abnegado, incansável, determinado e desbravador, escreveu sua trajetória nas páginas mais caras da História de nossa cidade, comunidade que, em respeito aos seus predicados, dedicou-lhe a homenagem de emprestar o seu nome a uma das Vias públicas desta abençoada Terra da Saudade.

## OSMAR DA COSTA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## OTÁVIO BARBOSA DA SILVA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

### **OTTÔNİ CORREA**

A grafia correta do nome é OTTONI, um dos primeiros vereadores eleitos na instalação da Comarca de Matão (1902), sendo intendente de Matão (Prefeito) de 04/08/1901 a 19/10/1901. Foi um dos antigos fazendeiros de nossa cidade. A família Correa é uma das mais antigas a se instalarem em nossa cidade. O Capitão Ottoni Correa era filho de Francisco Mariano Correa de Moraes e de Dona Matia Luiza de Almeida Moraes. Foi casado com Dona Coleta Pereira de Almeida com quem teve os filhos: Venina, Heloisa, Otacilio, Jandira, Azor, Elsia e Odila. A casa sede da fazenda era construída em forma de cruz e dentro de seus domínios, por onde passava a estrada de ferro, ficava a estação Pimenta Bueno. Faleceu em 1945, com 75 anos de idade, em São Paulo.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

P

## PALAMEDE CAVICHIOLE

Proveniente de uma das mais tradicionais famílias de nossa cidade, Palamede era filho de Ernesto Cavichioli e de Dona Tereza Monazzi. Palamede teve 7 irmãos: Desdemona, Evelina, Otelo, Valdemar, Marino, Aristides e Cleodina. Sua figura representa para todo o povo matonense, um cidadão plenamente ligado à sua comunidade. Palamede foi o primeiro presidente da SOREMA – Sociedade Recreativa Matonense em 1963/1964. Para o Poder Legislativo de Matão, foi exemplo de dignidade, honestidade e lealdade para toda a classe política não só de Matão como de todo o país. Foi vereador entre os anos de 1973 a 1977, sendo vice-presidente da Mesa Diretora no ano de 1973; e vereador reeleito entre 1977 a 1983, ocupando novamente a vice-presidência da Mesa no ano de 1977. No exercício da vereança e na sua vida profissional e pessoal, norteou-se por atos heróicos e inesquecíveis em favor de nossa comunidade, onde prevalecia, acima de tudo e de todos e a qualquer custo, uma batalha humanitária incansável, em busca da dignidade, principalmente dos menos favorecidos. Palamede nutria grande amor por Matão e seu objetivo maior foi batalhar sem descanso para o seu progresso e desenvolvimento. Matão lhe deve o eterno reconhecimento pelo ímpar legado por ele registrado em nossa história, e a proposta de perpetuar seu nome como uma das vias públicas de nossa cidade, é um pequeno gesto de reverência e reconhecimento pela sua trajetória e exemplo de vida para a nossa Matão, cidade que ele tanto amou, respeitou e ajudou a construir.

## PARÁ

Seu nome, para alguns autores, vem do rio afluente do Amazonas, Pará, ou *pa'ra*, do tupi, que significa "mar". O Pará é uma das 27 unidades federativas do Brasil, situado no centro da região norte. Tem como limites o Suriname e o Amapá ao Norte, o oceano Atlântico a Nordeste, o Maranhão a Leste, Tocantins a Sudeste, Mato Grosso a Sul, o Amazonas a Oeste e Roraima e a Guiana a Noroeste. Ocupa 1.253.164,5 km<sup>2</sup>. A capital é Belém e outras cidades importantes são Santarém, Ananindeua, Marabá, Altamira, Castanhal e Abaetetuba. O relevo é baixo e plano; 58% do território encontra-se abaixo dos 200 metros. As altitudes superiores a 500 metros estão nas serras de Carajás, Caximbo e Acarí. O Estado do Pará representa 16,66% do território brasileiro e 26% da Amazônia. Cortado pela linha do Equador no seu extremo norte, é dividido em 143 municípios, onde vivem cerca de seis milhões de pessoas. Os rios principais são o Amazonas, Tapajós, Tocantins, Jari e Pará. O Forte do Presépio, fundado em 1616 pelos portugueses, deu origem a Belém, mas a ocupação do território foi desde cedo marcada por incursões de holandeses e ingleses em busca de especiarias. Daí a necessidade dos portugueses de fortificar intensamente a área. No século XVII, a região, integrada à capitania do Maranhão, conheceu a prosperidade com a lavoura e a pecuária. Neste campo são variadas as possibilidades para os investidores que contam com a diversidade da produção mineral do Estado - do ferro às pedras preciosas, passando por manganês, cobre bauxita e com indústrias já em operação que produzem, por exemplo, alumina e alumínio. A meta no setor de agroindústria é a de fortalecer o desenvolvimento rural, através do consórcio entre agricultura e indústria. Ao lado das culturas já existentes, que vêm crescendo ano a ano, surgem indústrias como óleo de palma, sucos e polpas de frutas e de fibra de cocos. A introdução da cultura da soja apresentou resultados excelentes, índices de produtividade acima da média verificada no país, o que indica boas perspectivas para a atividade. As culturas de cacau e café também apresentam boas perspectivas. Além dos aspectos econômicos, o desenvolvimento da agroindústria utiliza basicamente áreas já degradadas, recuperando-as de forma produtiva e evitando a destruição de novas áreas. O Estado do Pará oferece inúmeros e fortes atrativos (49% dos atrativos naturais de toda a Amazônia, segundo a OEA - Organização dos Estados Americanos) para o turismo, atividade que vem crescendo, principalmente, depois dos investimentos em infra-estrutura realizados pelo Governo do Estado.

## PARAÍBA

A Paraíba é uma das 27 unidades federativas do Brasil, situada a leste da região Nordeste. Tem como limites o Rio Grande do Norte ao norte, o Oceano Atlântico a leste, Pernambuco ao sul e o Ceará a oeste.

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Ocupa uma área de 56.439,8 km<sup>2</sup>. A capital é João Pessoa. As cidades mais importantes são João Pessoa, Campina Grande, Santa Rita, Patos, Sousa Cajazeiras e Cabedelo. O relevo é modesto, mas não muito baixo; 66% do território estão entre 300 e 900 metros de altitude. A economia se baseia na agricultura (cana-de-açúcar, abacaxi, mandioca, milho, feijão), na indústria (alimentícia, têxtil, sucroalcooleira), na pecuária (de modo mais relevante, caprinos, na região do Cariri) e no turismo. No início do século XVI, os franceses já ocupavam a região e estabeleceram boas relações com os índios potiguaras. Só em 1585 João Tavares fundou, na foz do rio Paraíba, o forte São Filipe, para defender a área. A paz com os indígenas foi alcançada em 1599, mesmo assim após uma epidemia que dizimou a população nativa. Entre 1634 e 1654, a região foi ocupada pelos holandeses expulsos por André Vidal de Negreiros. Novos apresamentos de índios nos anos seguintes provocaram revoltas que forçaram uma intervenção militar da metrópole. Em 1753, foi subordinada à capitania de Pernambuco, da qual se separou novamente em 1799. A Paraíba participou da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador em 1825. Em 1930 João Pessoa, governador do Estado, foi indicado como vice-presidente da República na chapa de Getúlio Vargas. Seu assassinato no mesmo ano constituiu-se um estopim para a Revolução de 1930. Assim como o povo brasileiro, o paraibano é fruto de uma forte miscigenação entre o branco europeu, os índios locais e os negros africanos. Sendo assim, a população é essencialmente mestiça, e o paraibano médio é predominantemente fruto da forte mistura entre o europeu e o indígena, com alguma influência africana (os caboclos predominam entre os pardos, que representam em torno de 60% da população). A menor presença negra na composição étnica do povo deve-se ao fato de a cultura canavieira no estado não ter sido tão marcante como na Bahia, no Maranhão ou em Pernambuco, o que ocasionou a vinda de pouca mão-de-obra africana. Apesar da forte mestiçagem do povo, há, contudo, ainda hoje, bolsões étnicos em várias microrregiões: como povos indígenas (em torno de sete mil pessoas), resquícios de comunidades quilombolas florescendo em vários municípios do Litoral e do Brejo, e a parcela da população (em torno de 25%) de nítida ascendência européia, que vive principalmente nos grandes centros urbanos e nas cidades ao longo do Brejo e do Alto Sertão. Entre os mestiços, os mulatos predominam no litoral centro-sul paraibano e no agreste, os caboclos em todo o interior e no litoral norte. Já os cafuzos são raros e dispersos. Segundo recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2004, 38% das pessoas avaliadas se disseram brancas, 4% negras e 56% pardas (2% não souberam se auto-avaliar). Não houve registro de amarelos ou índios. Esses números, entretanto, devem ser analisados com cautela por dois motivos: primeiro por se tratar de uma pesquisa por amostra, o que revela tendências, mas não tem valor absoluto; segundo, porque há ainda no Brasil uma tendência a se declarar mais para claro do que para escuro, embora isso venha mudando recentemente.

### PARANÁ

Do tupi *para ná*, "semelhante ao mar". Canal que liga dois rios. A História do Paraná é um domínio de estudos de história do Brasil, voltado para a análise dos fatos históricos atinentes ao Estado do Paraná, que se estende desde as primeiras expedições exploradoras, no século XVI, até os dias atuais. No entanto, este artigo também contém informações sobre os primeiros habitantes do Paraná, ou seja, o período em que não houve registros sobre as atividades aqui desenvolvidas pelos povos indígenas. As terras que hoje pertencem ao Paraná eram habitadas, durante a época do descobrimento do Brasil, pelos carijós, do grupo tupi e pelos caingangues do grupo Jê. Durante o século XVI, a região do atual Estado do Paraná ficou abandonada por Portugal. Aproveitando-se disto, inúmeras expedições de outros países visitaram-na. Muitas delas vinham em busca de madeiras de lei. As mais importantes foram as espanholas, que chegaram a criar núcleos de povoamento no oeste paranaense. Província do Paraná: em 29 de agosto de 1853 foi aprovado o projeto de criação da Província do Paraná, por força da lei imperial nº 704 assinada por Dom Pedro II. Embora a lei fosse aprovada, o fato de que a Emancipação política do Paraná ocorreu, isso demorou quatro meses para se concretizar. Como resultado da lei imperial, em 19 de dezembro de 1853, a Província do Paraná separou-se da Província de São Paulo, deixando de ser a 5ª Comarca de São Paulo. Curitiba foi escolhida como capital da nova província e, na mesma data da emancipação política da província, chegou à capital Zacarias de Góis e Vasconcelos o primeiro presidente do Paraná, declarou logo que todos os seus problemas de administração podriam ser resumidos em um só: povoar um território de 200.000 km<sup>2</sup> que contava com apenas 60.626 habitantes. Essa população distribuía-se principalmente nas cidades de Curitiba e Paranaguá. A partir de então, um programa oficial de imigração européia contribuiu para a expansão do povoamento e o aparecimento de novas atividades econômicas. As maiores levadas de imigrantes que chegaram foram os poloneses, ucranianos, alemães e italianos e, os menores contingentes, suíços, franceses e ingleses. Para receber os novos habitantes para a região, foram fundados núcleos coloniais, principalmente no Planalto de Curitiba. Iniciou-se a exploração da madeira. O novo impulso de desenvolvimento ocorreu com a implantação de ferrovias na Província. Em 1880, iniciavam-se as obras de construção da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, atravessando um dos trechos mais íngremes da Serra

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

do Mar. Embora contasse com alguns clubes e dois jornais republicanos, Livre Paraná, em Paranaguá e A República, em Curitiba, o movimento em favor das idéias republicanas foi muito fraco. Na Assembléia Provincial existia apenas um republicano, Vicente Machado da Silva Lima, que se destacaria na política paranaense nos primeiros anos da República. Em 9 de janeiro de 1892, o Estado do Paraná adotou sua primeira bandeira, aprovada pela Assembléia Legislativa, através do Decreto Estadual nº 8, da mesma data em que foi promulgada. A história do Paraná vem sendo objeto de estudo desde meados do século XIX quando aparecem as primeiras obras que estabeleceram um entendimento do nosso passado, ainda que de maneira descritiva, factual e elitista. Atualmente, por mais que esta forma de se escrever a história (positivista) este presente, amplia-se o campo da pesquisa histórica, com novos enfoques e abordagens. Assim, torna-se possível conhecer outras histórias, até então silenciadas, polemizando e dando voz a personagens até então desconsiderados, como os indígenas, negros africanos, posseiros, caboclos, colonos entre tantos outros que fazem parte da história paranaense. Contudo, por mais que esta história regional das comunidades paranaenses ainda não esteja definitivamente difundida como deveria, verificamos a necessidade de se incentivar e facilitar a sua pesquisa para os diferenciados públicos existentes como: professores, alunos do ensino fundamental e médio, profissionais ligados as administrações municipais, iniciantes e autodidatas na pesquisa histórica. Neste sentido apresentamos mesmo que de forma sucinta, um levantamento bibliográfico sobre algumas temáticas que envolvem a nossa história, possibilitando um primeiro contato com as obras paranaenses.

## PARTICULAR

O conceito de rua, logradouro público destinado à coletividade pode ser utilizado no sentido inverso quando se tratar de Rua Particular. É particular aquilo que pertence a certas pessoas ou coisas. É individual, detalhado, circunstanciado, especial, não público, que tem caráter privado. Na construção de um novo bairro, podem existir ruas particulares que fazem divisa com tal área, muito embora sejam alheias ao loteamento. Havendo interesse público, fato que está acima do interesse particular, o Poder Público pode utilizar-se do instrumento jurídico da desapropriação para tornar aquela rua particular um logradouro público.

## PASCHOAL TREVISAN

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## PAULINO GRANATA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## PAULO (São)

Quem foi São Paulo? Como ele transmitiu a mensagem de Jesus? Paulo é o nome grego de Saulo, homem hebreu de religião judia, oriundo de Tarso da Cilícia, cidade situada no sudeste da atual Turquia, e que viveu no século I depois de Cristo. Paulo foi, portanto, contemporâneo de Jesus de Nazaré, embora provavelmente não tenham chegado a encontrar-se em vida. Saulo de Tarso foi educado no farisaísmo, uma das seitas do judaísmo do século I. Como ele próprio conta na sua Epístola aos Gálatas, seu zelo pelo judaísmo levou-o a perseguir o nascente grupo dos cristãos (Gal 1, 13-14), que considerava contrários à pureza da religião judaica, até o dia em que, na estrada de Damasco, o próprio Jesus mostrou-se a ele e o chamou para segui-lo, como antes havia feito com os apóstolos. Saulo respondeu a esse chamado batizando-se e dedicando a sua vida à difusão do evangelho de Jesus Cristo (At 26, 4-18). A conversão é um dos momentos-chave da vida de São Paulo, porque é precisamente quando ele começa a entender o que é a Igreja como Corpo de Cristo: perseguir um cristão é perseguir o próprio Cristo. Na mesma passagem, Jesus apresenta-se como "Ressuscitado" situação a que após a morte chegarão todos aqueles que seguirem os passos de Jesus, e como "Senhor", reforçando o seu caráter divino, uma vez que a palavra "senhor", *kyrie*, é usada na Bíblia grega para referir-se ao próprio Deus. Podemos, pois, dizer que recebeu do próprio Jesus o evangelho que devia pregar, e logo, pela ajuda da graça e pela sua própria reflexão, soube tirar dessa primeira luz muitas das principais implicações do evangelho, tanto para uma maior compreensão do mistério divino como para mostrar as suas conseqüências para a situação e atuação dos homens com ou sem fé em Cristo. Paulo é apresentado no momento da sua conversão com características de profeta e recebe juntamente com a fé uma missão bem concreta. Como diz outro livro do Novo

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Testamento, os Atos dos Apóstolos, o Senhor disse a Ananias, o homem que devia batizar Paulo: "Vai, porque este homem é para mim um instrumento escolhido, que levará o meu nome diante das nações, dos reis e dos filhos de Israel. Eu lhe mostrarei tudo o que terá de padecer pelo meu nome" (At 9, 15-16). O Senhor também disse o mesmo a Paulo: "Eu sou Jesus, a quem persegues, levanta-te e põe-te em pé, pois eu apareci para te fazer ministro e testemunha das coisas que viste e de outras para as quais hei de manifestar-me a ti. Escolhi-te no meio do povo e dos pagãos, aos quais agora te envio para abrir-lhe os olhos, a fim de que se convertam das trevas à luz e do poder de Satanás a Deus, para que, pela fé em mim, recebam perdão dos pecados e herança entre os que foram santificados". (At 26,15-18). São Paulo levou a cabo a sua missão de pregar o caminho da salvação realizando viagens apostólicas, fundando e fortalecendo comunidades cristãs nas diversas províncias do Império Romano por que passava: Galácia, Ásia, Macedônia, Acaia, etc. Os escritos do novo testamento revelam-nos um Paulo escritor e pregador. Quando chegava a um lugar, Paulo ia a sinagoga, lugar de reunião dos judeus, para pregar o evangelho. Depois, dirigia-se aos pagãos, isto em aos não judeus. Depois de deixar alguns lugares, quer por ter deixado a pregação inconclusa, quer para responder as perguntas que as comunidades lhe faziam, Paulo começou a escrever cartas, que desde o início foram recebidas nas igrejas com a maior reverência. Escreveu para comunidades inteiras e para pessoas em particular. O Novo Testamento transmitiu-nos 14 cartas que tem a sua origem na pregação de Paulo: uma carta aos Romanos, duas cartas aos Coríntios, uma carta aos Efésios, uma carta aos Filipenses, uma carta aos Colosenses, duas cartas aos Tessalonicenses, duas cartas a Timóteo, uma carta a Tito, uma carta a Filêmon e uma carta aos Hebreus. Embora não sejam fácil de datar, podemos dizer que a maioria delas foi escrita na década que vai do ano 50 e 60. A redenção efetuada por Cristo, cuja ação mantém relação estreita com a ação do Pai e a do Espírito Santo, marca um ponto de inflexão na situação do homem e na sua relação com Deus. Antes da redenção o homem caminhava no pecado, cada vez mais distante de Deus, mas agora está no Senhor, no *Kyrios*, que ressuscitou e venceu a morte e o pecado, e que constitui uma só verdade com os que crêem e recebem o batismo. Nesse sentido, podemos dizer que a chave para compreender a teologia paulina é o conceito de conversão (*metánoia*), como passo da ignorância à fé, da Lei de Moisés à Lei de Cristo, do pecado à graça.

## PAULO MANZI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## PEDREIRA

Escavação em rocha a céu aberto, destinada à extração de pedras para aplicação direta, com ou sem processamento, com características que dependem de suas propriedades físicas – Trecho pedregoso em uma estrada. Pedra (latim *petra*), matéria mineral dura, sólida, da natureza da rocha, escarpa de pedra. Qualquer pedaço dessa matéria, calhau, seixo. Qualquer pedaço de matéria solidificada e endurecida: pedra de gelo, pedra de sal. Toda rocha natural empregada em construção civil. Pedra britada, aquela reduzida a fragmentos para constituir-se em agregado para concreto. Pedra preciosa, mineral duro, transparente ou translúcido, às vezes opaco, raro, de alto valor, e usado em joalheria e indústria (em muitos países consideram-se como pedras preciosas apenas o diamante, a esmeralda, o rubi e a safira). No Brasil, dentre as chamadas pedras preciosas e semi-preciosas temos a Esmeralda, a água-marinha e a turmalina.

## PEDRO BERNAVA

Natural da Vila Santa Cruz. Conhecido como Pedro Pelado, um dos mais antigos moradores daquele bairro. Homem simples que a todos cativava e através de pedidos, conseguiu construir a capelinha em homenagem a Santa Cruz de Jesus Cristo. Teve casa de negócio, casa de pensão, trabalhou como colono e camarada na Fazenda do Dr. Gonzaga. Como a fazenda foi vendida o Dr. Gonzaga fez um donativo em dinheiro em reconhecimento pelos seus serviços, adquirindo um terreno na Vila Santa Cruz. Fazia pequenas empreitas como partir a lenha, capinar quintais, etc. Começou a construir uma capela, saindo diariamente com uma cesta ou sacola, pedindo tijolos, madeira, além de ovos e frangos, vendidos depois para ajuda-lo na construção de sua capelinha. Muitas vezes foi ofendido, chamado de vagabundo. Não respondia mal a quem quer que fosse. Ajudava na organização da Festa de Santa Cruz, com procissão e festa, voluntário, participava ativamente de tudo. O Fazendeiro Elias Frota forneceu tijolos, madeiras e outros materiais e mandou construir uma casinha ao lado da Capela para ele morar. Terminada a Capela, passou a ser o zelador até que, quando muito velho, precisou do auxílio das pessoas caridosas. Falecido em 09 de julho de 1941.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## **PEDRO BIGAL**

Pietro, como foi registrado, era oriundo de uma das mais antigas famílias de Matão. Foi casado com Amábile Carnevalli, tendo uma segunda núpcias com Dona Armelinda Faroldi e dos dois enlaces, teve os seguintes filhos: Uriela, Luiz, Giovani, Reinaldo, Amábile, Idyllo, Elide e Maria. Em 1908 Pedro Bigal integra o conselho da comissão de compilação dos estatutos do clube Societá Stella D' Itália.

## **PEDRO DE OLIVEIRA BASÍLIO**

Nasceu no dia 14 de abril de 1938, na cidade de Matão. Casou-se com Palmyra Frinchane Basílio e dessa união nasceram os filhos: Adão Aparecido e Eva de Fátima Basílio, sendo ainda avô de 7 netos e 1 bisneto. Pedro trabalhou durante 43 anos na Marchesan e morava na Avenida XV de Novembro, Bairro Alto. Faleceu no dia 16 de julho de 2004.

## **PEDRO GUILHERME NONIS**

Nascido em 27 de junho de 1916 era filho de Santo Nonis e Eugênia Carmella, imigrantes italianos que vieram para Matão trabalhar na lavoura. Pedro residiu com seus pais e seus irmãos: João, Antonio, Vitório, Olindo, Maria, Regina, Amábile e Idalina no Sítio Santa Eugênia, no Município de Matão. Pedro Guilherme Nonis teve os seguintes filhos: Eliseu Gonzaga Nonis e Elisete Doraci Nonis Ferraz. Netos: Elaine Cristina Nonies, Pedro Rogério Nonis, Mônica Luciana Ferraz, Giovana Regina Ferraz e Marcelo Henrique Ferraz. O Sr. Pedro residiu na Rua João Pessoa nº 631 e tinha a profissão de sitiante, exercendo tal atividade até a data de sua partida em 21 de julho de 1996.

## **PEDRO GUERREIRO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **PEDRO IVO FRATINI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **PEDRO JACOMINE**

Nasceu no dia 06 de julho de 1923, na cidade de Dobrada, vindo para Matão por volta de 1960, já casado com Raquel Salla Jacomine e seus filhos: Eva Maria, Adão Luiz, Terezinha, Sebastião, Luiz Paulo e José Luiz. Foi funcionário público municipal, zelando com todo o seu amor e dedicação da praça Laurentino Gabriel, na Vila Santa Cruz. A família de Pedro Jacomine é daquelas que dispensam quaisquer comentários e cuja justificativa para um projeto que dá nome de rua desta cidade é próprio de família laboriosa, caridosa e religiosa. Pedro faleceu em 30 de dezembro de 1974, deixando de herança aos filhos o nome e a perseverança ao trabalho no que foi e está sendo seguido. Em todos os lugares onde trabalhou, Pedro, sempre com zelo e muita responsabilidade conseguir formar um considerável número de amigos, pela sua simplicidade, fidelidade e, acima de tudo, pela marcante humildade. Apesar de sua simplicidade, deixou ainda uma bagagem de conhecimentos, delegando aos filhos a missão de propaga-los, sendo isso consumado através de vida digna que levam, prestando os mais variados serviços dentro de nossa comunidade, honrando com muita grandeza a tradição pelo velho Pedro Jacomine.

## **PEDRO JARDIM**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **PEDRO LAVEZZO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## PEDRO MARTINS

Nasceu em 24 de abril de 1941, na cidade de Araraquara, filho de Antonio Martins e Ana Rosa Marques Martins. Passou sua infância e adolescência na fazenda Pau D'Alho e Las Palmas, aqui em nossa cidade, trabalhando na lavoura. Em 1962, mudou-se para Santo André, na grande São Paulo, indo trabalhar na empresa General Motors do Brasil, como tratorista e empilhadeira. Em 18 de janeiro de 1964, casou-se com Maria Izabel Ragassi Martins e, dessa união, nasceram os filhos: Sueli de Fátima, Sônia Regina, Sandra Aparecida, Sílvia Cristina, Salete Aparecida e Sérgio Augusto. Desempenhou uma vida norteada por muito trabalho, oferecendo aos filhos um exemplo digno dos homens que não se abatem perante as dificuldades, mas sim fazem dela seiva para dar continuidade à luta e aos ideais sonhados. No ano de 1973, voltou para Matão, indo trabalhar na Baldan como tratorista até o ano de 1995, ano em que Deus o levou para junto Dele. Não seria justo que essa pessoa digna, honrada e humilde, desaparecesse diante dos olhos de seus familiares sem que a história pudesse lhe garantir a perpetuação da sua história e do seu nome numa das ruas de nossa querida Matão, onde sua família elegeu para continuar a viver.

## PEDRO MARTINS DE FREITAS

Nascido em União dos Palmares, estado de Alagoas, aos 29 de junho de 1930. Lavrador por profissão, ainda criança já ajudava os pais na busca do sustento e até da sobrevivência, já que eram tempos difíceis. Viveu sua infância, adolescência e juventude na zona rural e, como os demais colonos, enfrentava um trabalho árduo onde o ganho recompensava o esforço e a dedicação, entretanto, não havia outras opções, pois as cidades ainda eram pouco desenvolvidas e não havia oferta de trabalho que não fosse na lavoura. Casou-se com Diva da Cunha, filha de João Fidélis da Cunha e de Adelinda Picim. Dessa união, nasceram os filhos: Antonio, Claudeci, Edisvaldo, Valdecir, Selma, Eliane, Maria José, Maria de Fátima e Sandra Regina Martins de Freitas. Em 1980, muda-se com a família para o estado do Paraná, residindo grande parte da vida na Fazenda Sertãozinho Agropecuária, propriedade da Marchesan. Ali, Pedro trabalhou de sol a sol para o sustento da família. A sua grande preocupação era o estudo para seus filhos, única condição de garantia de um bom emprego. Faleceu no dia 08 de outubro de 1990, com 60 anos de idade, deixando grandes saudades no seio de sua família composta pela esposa, seus filhos, 14 netos e 6 bisnetos, além de muitos amigos. A vida acaba, mas o exemplo fica pela sua rica história de cidadão e ser humano, merecendo sempre ser lembrado por todos nós da Terra da Saudade.

## PEDRO PERCHES DE AGUIAR

Chamado de "Mestre" pelo historiador Januário Groppa é o autor da Valsa Saudades de Matão (1912), Hino Oficial do nosso Município e motivo de muito orgulho para todos os matonenses. Pedro Perches integrou ainda a comissão da fundação da Conferência Vicentina em 1929. Reproduzimos abaixo a letra da Valsa criada por Pedro Perches:

### VALSA SAUDADES DE MATÃO De Pedro Perches de Aguiar

*Neste mundo eu choro a dor  
Por uma paixão sem fim  
Ninguém conhece a razão  
Porque eu choro  
No mundo assim.*

*Quando lá no céu surgir  
Uma peregrina flor  
Pois todos devem saber  
Que a sorte me tirou  
Foi uma grande dor.*

*Lá no céu, junto a Deus  
Em silêncio minh'alma descansa  
E na terra todos cantam*

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

*Eu lamento minha desventura  
Desta pobre Dor.*

*Ninguém me diz  
Que sofreu tanto assim  
Esta dor que me consome  
Não posso viver.*

*Quero morrer  
Vou partir pra bem longe daqui  
Já que a sorte não quis  
Me fazer feliz.*

Obs: A Lei Orgânica do Município de Matão, em seu Título I (Disposições Preliminares), no Capítulo I (Do Município), traz, no Parágrafo Único, o seguinte texto: "... A Valsa "Saudades de Matão", de autoria de Pedro Perches de Aguiar, Hino Oficial de Matão, deverá ser obrigatoriamente executada em todas as solenidades oficiais do Município.

### **PEDRO RONDANIM**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

### **PERIMETRAL**

Comprimento de uma linha que delimita os contornos de uma superfície. Zona definida, determinada, reservada para alguém ou para alguma coisa, linha que limita uma determinada área ou região. Antecede expansão futura. Recentemente, o Município de Matão instituiu o Novo Plano Diretor Participativo, conjunto de normas relativas à expansão planejada da cidade, objetivando um crescimento espacial sustentável. Dentre essas normas, estão previstas algumas diretrizes gerais da política de zoneamento e da expansão urbana, prevendo a criação de novas Avenidas (Perimetrais), e a continuidade de outras já existentes. Como forma de enriquecer nossos conhecimentos, colacionamos algumas dessas previsões legais: Lei nº 3.800, de 05 de outubro de 2006. Artigo 47 Da Expansão Urbana: criação da avenida paralela à Rodovia Brigadeiro Faria Lima, entre a Via Vicente Barbosa até o limite dos Municípios Matão/Dobrada; criação da avenida compreendida do Trevo de acesso ao Município de Motuca até o encontro com a Av. Ludwig Eckes; continuidade da Av. Habib Gabriel até o encontro com a Via Augusto Bambozzi, continuidade da Av. Trolesi, entre outras. Outro aspecto a se destacar é que o desenvolvimento urbano deve assegurar como princípios específicos à implementação de uma reforma urbana com instrumentos urbanísticos inovadores e produção de uma município e cidade sustentável, com justiça social, ambiental e qualidade de vida urbana, visando o bem-estar dos seus munícipes, a promoção da cidadania e a participação democrática na gestão pública municipal, como instrumento básico da melhoria na qualidade e acesso aos serviços públicos colocados à disposição dos seus habitantes, conforme esculpido no art.5º da referida Lei.

### **PERNAMBUCO**

Do topônimo Pernambuco. Elemento substantivo masculino plural, Brasil, RS. Usado na locução "estar nos pernambucos": achar-se à vontade, a gosto, na situação desejada. A origem do Estado de Pernambuco encontra-se nas terras doadas como capitania hereditária pelo Rei de Portugal a Duarte Coelho, que chegou a Pernambuco, então denominada Nova Lusitânia, em 1535, estabelecendo-se em Olinda. Em 1537 foram fundadas as vilas de Igarassu e de Olinda, a primeira capital do Estado. A prosperidade de Pernambuco que teve início com o cultivo da cana-de-açúcar e do algodão, atraiu grande número de europeus para a região. Entre 1630 e 1654 a região foi ocupada pelos holandeses, que incendiaram Olinda e fizeram de Recife a capital de seu domínio brasileiro. Durante esse período, o Conde Maurício de Nassau governou o Brasil holandês, administração que foi marcada por mudanças de natureza econômica, social e cultural. A forte resistência dos portugueses e brasileiros de origem lusitana, africana e índia, já cristianizados, acabou resultando na expulsão dos holandeses. A história do Estado de Pernambuco é permeada por conflitos e revoltas de vários tipos. Em 1710 explodiu a Guerra dos Mascates, conflito que

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

opôs os comerciantes portugueses instalados em Recife aos senhores de engenho de Olinda, muito influentes na capitania, uma vez que em Olinda encontrava-se a sede do poder público na época. A partir desse episódio a região passou por uma fase de declínio que durou quase um século. Em 1811, ocorreram várias revoltas de cunho separatistas. Em 1817, o descontentamento com a administração portuguesa provocou a chamada Revolução Pernambucana, que resultou no surgimento da Confederação do Equador, movimento separatista de inspiração republicana. Vinte anos mais tarde, explode a Rebelião Praieira, trazendo de volta os ideais republicanos. O movimento foi sufocado quatro anos mais tarde, em 1848. Pernambuco foi uma das primeiras áreas brasileiras ocupadas pelos portugueses. Em 1535, Duarte Coelho torna-se o donatário da Capitania, fundando a vila de Olinda e espalhando os primeiros engenhos da região. A histórica cidade de Igarassu abriga uma preciosidade: a mais antiga igreja do Brasil, Cosme e Damião, construída em 1535. No período colonial, Pernambuco torna-se um grande produtor de açúcar e durante muitos anos é responsável por mais da metade das exportações brasileiras. Essa riqueza atrai novos colonos europeus que constroem no estado um dos mais ricos patrimônios arquitetônicos da América Colonial. A riqueza de Pernambuco foi alvo do interesse de outras nações. No século XVII, os holandeses se estabelecem no estado. Entre 1630 e 1654, Pernambuco é administrado pela Companhia das Índias Ocidentais. Um dos seus representantes, o príncipe João Maurício de Nassau, traz para Pernambuco uma forma de administrar renovadora e tolerante. Realiza inúmeras obras de urbanização no Recife, amplia a lavoura da cana, assegura a liberdade de culto. No período holandês, é fundada no Recife a primeira sinagoga das Américas. Amante das artes, Nassau tem na sua equipe inúmeros artistas como Frans Post e Albert Eckhout, pioneiros na documentação visual da paisagem brasileira e do cotidiano dos seus habitantes. Os pernambucanos se orgulham de sua participação ativa na História do Brasil, sempre mantendo altos ideais libertários, como na Guerra dos Mascates, entre 1710 e 1712; a Revolução Pernambucana, em 1817; a Confederação do Equador, em 1824; a Revolta Praieira, em 1848. Com o advento da República, Pernambuco procura ampliar sua rede industrial, mas continua marcado pela tradicional exploração do açúcar. O Estado moderniza suas relações trabalhistas e lidera movimentos para o desenvolvimento do Nordeste, como no momento da criação da Sudene. A partir de meados da década de 60, Pernambuco começa a reestruturar sua economia, ampliando a rede rodoviária até o sertão e investindo em pólos de investimento no interior do estado. Na última década, consolidam-se os setores de ponta da economia pernambucana, sobretudo aqueles atrelados ao setor de serviços (turismo, informática, medicina) e estabelece-se uma tendência constante de modernização da administração pública.

## **PERSI MANTOVANI**

Nasceu aos 06 de novembro de 1930 na Fazenda Cambuy de Café (Matão). Filho de Luiz Mantovani e Maria de Santi Mantovani. Aos cinco anos de idade, logo após a morte de seu pai, transferiu-se para a cidade de Matão, juntamente com sua mãe e seu único irmão Geraldo. Sua infância foi um tanto quanto sofrida, porém, tendo adquirido responsabilidade muito precocemente, começou a trabalhar aos oito anos de idade para sustentar sua família. Casou-se com Marli Aparecida Gróggia, no ano de 1958, na Igreja do Senhor Bom Jesus e, após casamento, passou a residir na capital paulista, onde, dentro dos padrões mais elevados de caráter e trabalho, construiu uma família exemplar com cinco filhos: Rita, Maria de Fátima, Luiz Carlos, Perci Filho e Izabel Cristina. Com os filhos já criados, retornaram para Matão, vindo a trabalhar na empresa Nitro Química, Minatel Vimusa, Pilom, Narciso Baldan e Imbrau Alimentos. Formou-se em contabilidade na Escola do Comércio Afonso Lemos. Homem íntegro, honesto, cristão possuidor de perseverante fé, trabalhou entusiasticamente nos cursinhos de cristandade, PLC e TLC. Seu falecimento deu-se no dia 31 de agosto de 2003, após alguns meses de luta contra o câncer. Cumprindo sua missão com honra e dignidade, deixou-nos um exemplo de amor a Deus, à família e ao próximo.

## **PHILOMENA CIORLINO**

Nascida no ano de 1899 era filha de Salvador Ciorlino e Concetta Gerinello. Vinda da Itália com seus pais, sempre residiu em Matão. Mulher de fibra lutou muito para criar os filhos Armando, Maria de Lourdes, Antonieta e Cecília. Dotada de um coração de ouro, educou seus filhos dentro dos mais elevados padrões de honestidade, dignidade e decência e esses, por sua vez, repassaram tais ensinamentos aos filhos e netos, constituindo assim uma família exemplar. Prova desta afirmação temos de sobra, visto que um de seus filhos, o Sr. Armando, prestou serviço no Armazém Gimenez, por mais de trinta e cinco anos, sendo considerado como membro da própria família Gimenez, já que acompanhou de perto e de forma muito participativa, a vida de todos, e seus exemplos espelharam seus integrantes. Através de Armando, a família

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Gimenez conviveu diretamente com a saudosa Dona Philomena, atestando que a sua trajetória, o seu espírito de caridade, e de amor ao próximo a fizeram merecedora da homenagem de figurar como uma de nossas vias públicas. Falecida no dia 08 de julho de 1990, com 91 anos.

## PHILOMENA DURANTE GARBIM

Nascida em 26 de abril de 1914. Falecida em 07 de setembro de 2003, com 89 anos. Filha de Pedro Durante e Inês Pinotti Durante. Casou-se em 1938 com Roberto Garbim, que adquiriu fama nacional como o "Chico Fumaça", artista circense e cinematográfico. Desse casamento nasceram: Célia Aparecida, casada com Argemiro, Maria Antonia, casada com Jurandir, João Roberto, casado com Maria Helena e José Pedro, casado com Aparecida. Seus quatro avós vieram da Itália. Por parte de mãe eram Antonio e Palmira Setti Pinotti. Por parte de pai eram Domingos Durante e Anunciatta Lutz Durante. Vieram para o Brasil trabalhar na roça. Seu avô Domingos veio da Itália para ser o chefe dos escravos, em Araraquara, na estaçãozinha do Ouro. Seu pai nasceu em Araraquara. Sua mãe veio da Itália, de Mântua (Mantova). Dona Philomena sempre morou na Vila Santa Cruz, na Rua João Pessoa, nº 1863, criando os filhos sozinha, com honra e muito trabalho. Trabalhou como empregada doméstica e como cozinheira da Prefeitura Municipal de Matão, onde se aposentou. Trabalhou também como cozinheira em vários casamentos, sem contar as quermesses, nas quais ela trabalhava com muita dedicação e orgulho. Sua família representava para ela a sua maior fortuna e sua residência era o local de maior aconchego e calor humano para o encontro dos filhos, filhas, noras, genros e netos, num total de 11 e bisnetos num total de 18, exemplo típico de família matonense, que vêem nos mais velhos um porto seguro para ancorar suas alegrias e buscar sabedoria para resolver seus problemas. Felizes daqueles que tiveram um lar como de Vó Filomena como abrigo.

## PIAUI

O Piauí é uma das 27 unidades federativas do Brasil e está localizada a noroeste da região Nordeste. Tem como limites o oceano Atlântico (N), Ceará e Pernambuco e (L), Bahia (S e SE), Tocantins (SO) e Maranhão (O e NO). Ocupa uma área de 252.378 km². Sua capital é Teresina. Existem estudos sobre a decifração da origem do nome Piauí. A maioria defende que este nome foi derivado de um rio, denominado Piauí, o qual caminho obrigatório dos estradistas, na época do desenvolvimento. Dentre os estudos, citamos Rodolfo Garcia, cuja opinião é a de que, sendo o rio abundante de Piau, não há motivos para refugar a etimologia clássica do Piau, um peixe de pele manchada. Já os indígenas de início denominaram Piaguí, mais tarde, chamaram as terras de Piagoí e somente depois é que ficaram conhecidos por Piauí, sendo a mesma de origem Tupi: "Piau" significa peixe e o "i" existência indígena. No dicionário vamos também encontrar que o termo Piauí é um adjetivo, diz-se de um tipo de gado bovino de pequeno porte e com cornos desenvolvidos, o gado piauí. As cidades mais populosas são: Teresina, Parnaíba, Picos e Floriano. O relevo é moderado e a topografia regular, com mais de 53% abaixo dos 300 metros. Parnaíba, Poti, Canindé, Piauí e São Nicolau são os rios principais. O povoamento da região do Piauí começou no século XVII, a partir do interior, quando os vaqueiros, vindos principalmente da Bahia, chegaram procurando pastos. Em 1718, o território, até então sob a jurisdição da Bahia, passou para a do Maranhão. Em 1811, o Piauí tornou-se uma capitania independente. Por ocasião da Independência, em 1822, a cidade de Parnaíba foi ocupada por tropas fiéis a Portugal; o grupo recebeu adesões, mas acabou derrotado por ocasião da Batalha do Jenipapo, em Campo Maior, o qual saiu enfraquecido e acabou por ser preso em Caxias. Alguns anos depois, movimentos revoltosos, como a Confederação do Equador, que em 1823, atingiram também o Piauí. Em 1852, a capital foi transferida de Oeiras para Teresina, tendo início um período de crescimento econômico. A partir da república, o Estado apresentou tranquilidade no terreno político, mas grandes dificuldades no desenvolvimento econômico-social. Existe uma séria polêmica na historiografia piauiense em relação ao início da colonização desta região. Durante muito tempo acreditou-se que, diferente de outros territórios nordestinos, a colonização teria sido feita do interior para o litoral, devido à penetração da pecuária, desenvolvida longe da costa onde se cultivava a cana-de-açúcar. Por proibição régia, no começo do século XVIII (1701), "a criação de gado só era permitida à distância de 10 léguas a partir da costa marítima. A esta altura, as fazendas criatórias já se achavam adentradas pelo sertão nordestino, até o interior do Piauí e Maranhão. Eram chapadas distantes do mar, onde se localizavam os primeiros currais, aproveitando as várzeas dos rios e onde as populações indígenas tinham seu habitat", de acordo com Jacob Gorender. E segundo as mais recentes pesquisas realizadas por Pe. Cláudio Melo nos arquivos portugueses, o povoamento do norte do Piauí antecedeu ao do sul. Ele acentua que "nossa civilização começou pelo litoral, ainda no século XVI", que "Domingos Jorge Velho realmente se antecipou a Mafrense" e que "a implantação dos primeiros currais teve a sua marcha pela Ibiapaba e não pelos vales do Piauí e Gurguéia". Com esta revisão historiográfica, Pe. Cláudio coloca mais "lenha na fogueira" da polêmica sobre a época da penetração, início da colonização e prioridade do povoamento pelo colonizador.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Segundo ele, no final do século XVI o náufrago Nicolau de Resende esteve no litoral, mais especificamente no Delta do rio Parnaíba, mantendo contato com os nativos Tremembés durante 16 anos, o que contradiz a historiografia tradicional de que as primeiras penetrações do colonizador teriam se dado pelos idos dos anos 1660/70.

## PINDORAMA

Pindorama é um município do estado de São Paulo. Localiza-se a uma Latitude 21°11'09" e a uma Longitude 48°54'26", estando a uma altitude de 527 metros. Sua população estimada em 2001 era de 13.486 habitantes. Pindorama é uma palavra indígena que significa "terra boa para plantar". O devassamento da região ocorreu no início do século XX, a partir do leste paulista e da conseqüente ampliação da rede ferroviária. Nessa época, 1907, os primeiros desbravadores, Fernando Mota, irmãos Lainetti e irmãos Costa, procederam ao desmatamento para as lavouras de café e deram início ao núcleo urbano, após a construção de uma capelinha. A denominação adotada, Pindorama, de origem indígena, que significa "região de palmeiras", provêm da abundância dessa espécie, comum naquela área. Dois anos depois, a localidade foi atingida pela Estrada de Ferro Araraquarense, que possibilitou um grande desenvolvimento, sendo elevado à categoria de distrito de paz, em 1917. O Município de Pindorama, na época de sua criação, 1926, despontou como um dos maiores centros produtores de café, cultura que, aliada à rizicultura e agro-indústrias, mantém a base sócio-econômica atualmente. Gentílico: pindoramense. Distrito criado com a denominação de Pindorama, por Lei Estadual no 1494, de 29 de dezembro de 1917, no Município de Santa Adélia. Nos quadros do Recenseamento Geral de 01-IX-1920, Pindorama figura como Distrito do Município de Santa Adélia. Elevado à categoria de município com a denominação de Pindorama, por Lei Estadual nº 2125, de 31 de dezembro de 1925, desmembrado de Santa Adélia e Ariranha. Sua instalação verificou-se no dia 21 de março de 1925. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o Município de Pindorama compõe-se do Distrito Sede. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937 bem como no quadro anexo ao Decreto-Lei Estadual no 9073, de 31 de março de 1938, o município pertence ao termo judiciário de Catanduva, da comarca de Catanduva, e se compõe do Distrito Sede. No quadro fixado, pelo Decreto-Lei Estadual no 9775, de 30 de novembro de 1938, para 1939-1943, o município é composto do Distrito Sede. No quadro fixado, pelo Decreto-Lei Estadual nº 9775, de 30 de novembro de 1938, para 1939-1943.

## PISA

Pisa é uma comuna italiana da região da Toscana, província de PISA, com cerca de 85.379 habitantes, tendo uma densidade populacional de 462 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Cascina, Collesalvetti (LI) Livorno, (LI), San Giuliano Terme. Descobertas arqueológicas recentes revelaram a existência de um grande porto fluvial da época romana no seu subsolo. Nessas descobertas foram encontradas mais de 30 embarcações de vários modelos, algumas delas intactas e ainda com a mercadoria que transportavam, tendo sido recuperados muitos objetos. Tal fato deve-se a conservação possibilitada pelos sedimentos depositados ao longo do tempo pelo Rio Arno. Há 20 séculos o estuário encontrava-se a 4 km do mar o que fazia do Porto das Maravilhas o maior porto romano, só igualado na sua importância pelo porto de Ostia, perto de Roma; atualmente a cidade encontra-se a 17 km do litoral. Acredita-se que a inclinação da famosa Torre de Pisa se deva ao fato de lá ter existido mar ou um estuário maior que o atual. O porto encontra-se sob a estação ferroviária de San Rossore. Diz a tradição que foi no Porto de Pisa que S. Pedro desembarcou para pregar o Evangelho, tendo daí seguido para Roma. Uma das Repúblicas Marítimas, Pisa, em 1016 junto com Gênova e outros aliados expulsaram os sarracenos conquistando a Córsega e a Sardenha, e adquiriram o controle do mar Tirreno. Um século depois conquistaram as ilhas Baleares. Pisa, que naquele tempo estava à beira-mar, na foz do rio Arn, alcança o ápice de seu esplendor entre o século XII e o século XIII, quando os seus navios controlavam o Mediterrâneo ocidental. A rivalidade entre Pisa e Gênova se aguçou no século XII e resultou na batalha naval da Meloria (1284), que marcou o declínio da potência pisana, com a renúncia de Pisa a qualquer pretensão sobre a Córsega e com a cessão a Gênova de parte da Sardenha (1299). O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## PRATA

Metal precioso, branco, brilhante e muito dúctil (maleável), inoxidável. A prata é o mais claro de todos os metais e, depois do ouro, o mais maleável. No estado puro, é bastante mole. É a melhor de todas as substâncias condutoras. Inoxidável ao ar, ela se enegrece em presença de traços de sulfeto de hidrogênio. O ácido nítrico a dissolve a frio. Entre seus principais compostos, onde se apresenta quase sempre monovalente, temos o óxido solúvel em amoníaco, o cloreto e o brometo, insolúveis em água e se decompõem lentamente pela ação da luz, propriedade aproveitada em fotografia. A produção mundial de prata é de 10.000t. A ex-URSS, o México, o Canadá, o Peru e os EUA, fornecem mais da metade desse total. O Brasil não possui reservas significativas e sua produção é proveniente da Bahia. O nitrato de prata é empregado em medicina como cáustico e cicatrizante sob a forma de bastão ou líquido. Algumas pomadas contêm 15% de prata coloidal e são utilizadas como anti-séptico local. A prata, metal precioso, teve muito cedo um uso monetário. No século XIV, o sistema monetário francês colocou-a ao lado do ouro. Na Europa, a prata deixou de ter um papel importante durante o século XIX, subsistindo apenas nas moedas divisionárias.

## PRIMO ZANAZZI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## PRUDENTE DE MORAES

Prudente José de Moraes e Barrôs ( Itu, 4 de outubro de 1841 de — Piracicaba , 3 de dezembro de 1902). Filho de José Marcelino Barros e Catarina Maria de Barros. Foi um político brasileiro presidente do Brasil e primeiro civil a assumir este cargo, eleito pelo sufrágio universal. Prudente de Moraes representava a ascensão da oligarquia ao poder nacional, após um período em que essa oligarquia mantinha-se dominando apenas o legislativo. Bacharel em direito, já em 1866, ingressa na política como deputado. Prudente de Moraes fez sua carreira no Partido Republicano Paulista (PRP), ao qual se filiou em 1870. Em 1890, após um ano como presidente da junta governativa de São Paulo, é eleito senador; no cargo, chegou a presidir a Assembléia Nacional Constituinte e ser vice-presidente do senado. Disputou a presidência da república em 1891, perdendo o pleito (indireto) para Deodoro da Fonseca por pequena margem de votos. Com a fundação do Partido Republicano Federal (PRF), consegue a indicação para a presidência, e vence as eleições presidenciais de 1894, tomando posse no dia 15 de novembro daquele ano. Durante seu governo, abandonou uma a uma as medidas inovadoras de Floriano Peixoto. Essa cautela de Prudente foi necessária, já que os florianistas ainda tinham uma certa força, principalmente no Exército. Além disso, o vice-presidente estava ligado às idéias de Floriano. Resumindo, Prudente de Moraes imprime uma direção ao governo que atende mais aos cafeicultores. No início do seu governo consegue pacificar a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, assinando a paz com os rebeldes, que receberam anistia. Mas pouco tempo depois enfrentaria um movimento rebelde ainda maior: a Guerra dos Canudos, no sertão. Afastou-se do poder entre 10 de novembro de 1896 e 4 de março de 1897, por estar com a saúde debilitada. Assumiu nesse período o Vice-Presidente, Manuel Vitorino Pereira, que trocou todo o ministério colocando florianistas no poder. As divergências internas no PRF e a Guerra de Canudos desgastam o governo. Mesmo com a vitória das tropas do governo na guerra, os ânimos não se acalmam. Prudente de Moraes sofreu um atentado a 5 de novembro de 1897 ; escapou ileso, mas perdeu seu Ministro da Guerra, Carlos Machado Bittencourt. O presidente decretou, então, estado de sítio para o Distrito Federal (Rio de Janeiro e Niterói) conseguindo assim livrar-se dos opositoristas mais incômodos. Terminado o mandato, Prudente de Moraes retirou-se para Piracicaba, onde exerceria a advocacia por alguns anos. Faleceu devido a uma tuberculose em 1902.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Q

## QUÉZIA FERREIRA

Nasceu no dia 20 de outubro de 1996, em Matão. Era filha de José Roselino Ferreira e Vera Lúcia Lopes de Mira Ferreira. A pequena Quézia freqüentava a Creche/Emei Iris Bocchi Marchesan, no Jardim São José. Conforme relato de monitoras, professoras e coordenadora daquele estabelecimento de ensino, era uma criança alegre, sempre sorridente e que participava de todas as atividades propostas, com bastante interesse. Relacionava-se muito bem com todos os seus coleguinhas da Turma do Jardim II. Sua partida, que ocorreu de forma trágica e desumana, deixou perplexa toda a população de nossa cidade. A proposta de perpetuar seu nome, transformando-o em uma via pública de nossa cidade foi uma forma encontrada para reverenciar a memória de todos aqueles que tiveram suas vidas ceifadas na mais tenra idade, vítima da imperdoável violência urbana vivida em nosso mundo atual. A lembrança de seu nome ficará para sempre no coração daqueles que a conheceram e também dos que não tiveram tal privilégio, pois sempre chamará à reflexão e soará para sempre como um símbolo, clamando para o rigor da lei e o fim da impunidade nos casos de crimes bárbaros e hediondos repugnados pela sociedade.

## QUINZE DE NOVEMBRO

No final da década de 1880, a monarquia brasileira estava numa situação de crise; pois representava uma forma de governo que não correspondia mais às mudanças sociais em processo. Fazia-se necessário a implantação de uma nova forma de governo que fosse capaz de fazer o país progredir e avançar nas questões políticas, econômicas e sociais. A crise do sistema monárquico brasileiro pode ser explicada através de algumas questões: Interferência de D. Pedro II nos assuntos religiosos, provocando um descontentamento na Igreja Católica; Críticas feitas por integrantes do Exército Brasileiro, que não aprovavam a corrupção existente na corte. Além disso, os militares estavam descontentes com a proibição, imposta pela Monarquia, pela qual os oficiais do Exército não podiam se manifestar na imprensa sem uma prévia autorização do Ministro da Guerra; A classe média (funcionários públicos, profissionais liberais, jornalistas, estudantes, artistas, comerciantes) estava crescendo nos grandes centros urbanos e desejava mais liberdade e maior participação nos assuntos políticos do país. Identificada com os ideais republicanos, esta classe social passou a apoiar o fim do império; Falta de apoio dos proprietários rurais, principalmente dos cafeicultores do Oeste Paulista, que desejavam obter maior poder político, já que tinham grande poder econômico; Diante das pressões citadas, da falta de apoio popular e das constantes críticas que partiam de vários setores sociais, o Imperador e seu governo encontravam-se enfraquecidos e frágeis. Doente, D. Pedro II estava cada vez mais afastado das decisões políticas do país. Enquanto isso, o movimento republicano ganhava força no Brasil. No dia 15 de novembro de 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca, com o apoio dos republicanos, demitiu o Conselho de Ministros e seu presidente. Na noite deste mesmo dia, o marechal assinou o manifesto proclamando a República no Brasil e instalando um governo provisório. Após 67 anos, a monarquia chegava ao fim. No dia 18 de novembro, D. Pedro II e a família imperial partiam rumo à Europa. Tinha início a República Brasileira com o Marechal Deodoro da Fonseca assumindo provisoriamente o posto de presidente do Brasil. A partir de então, o país seria governado por um presidente escolhido pelo povo através das eleições. Foi um grande avanço rumo a consolidação da democracia no Brasil. Não houve um só tiro que pudesse revelar que se tratava de um golpe e não de um desfile. Se disparos ecoassem (de fato, houve dois, mas ninguém os escutou), talvez aqueles 600 soldados percebessem que não estavam ali para participar de uma manobra, mas para derrubar um regime. Na verdade, vários militares ali presentes sabiam que estavam participando de uma quartelada. Mesmo os que pensavam assim achavam que quem estava caindo era o primeiro-ministro de Ouro Preto. Jamais o imperador D. Pedro II - muito menos a monarquia que ele representava. Não é de se estranhar a ignorância dos soldados do 1º e do 3º Regimento de Cavalaria e do 9º Batalhão. Afinal, até poucas horas antes, o próprio líder do golpe estava indeciso. Mais: estava doente, de cama, e só chegou ao Campo de Santana quando os canhões já apontavam para o quartel. Talvez ele não tenha dado o "viva o Imperador" que alguns juraram ouvi-lo gritar. Mas com certeza impediu que pelo menos um cadete berrasse o "Viva a República" que supostamente estava entalado em muitas gargantas. A cena foi bem estranha. Montado no seu belo cavalo, o marechal Deodoro da Fonseca desfilou longa lista de queixas, pessoais e corporativas, contra o governo - o governo do ministro Ouro Preto, não o do imperador. O imperador - isso ele fez

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

questão de deixar claro - era seu "amigo: Devo-lhe favores". Mas só o Exército fora mal-tratado. Por isso, derrubava-se o ministério. Difícil imaginar que Deodoro estivesse dando um golpe, anda mais golpe republicano - ele era monarquista. Ao seu lado estava o tenente-coronel Benjamin Constant, militar que odiava andar fardado, não gostava de armas e tiros e, até cinco anos antes, também falava mal da república. Ambos, Deodoro e Constant contavam agora com o apoio de republicanos civis. Mas não havia sinal de "paisanos" por perto - esses apenas tinham incentivado a aventura golpista dos dois militares (por coincidência ou não, dois militares ressentidos). O fato é que naquela mesma hora o ministro de Ouro Preto foi preso e o gabinete derrubado. Mas ninguém teve coragem de falar em república. Só à noite, quando golpistas civis e militares se reuniram, foi que proclamaram - em silêncio e provisoriamente - uma república federativa. "Provisoriamente" porque se aguardaria "o pronunciamento definitivo da Nação, livremente expressado pelo sufrágio popular". E o povo a todas essas? Bem, o povo assistiu a tudo "bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava", disse Aristides Lobo. Embora Lobo fosse republicano convicto e membro do primeiro ministério, seu depoimento tem sido contestado por certos historiadores (que citam as revoltas populares ocorridas na época). De qualquer forma, o segundo reinado, que começara com um golpe branco terminava agora com um golpe esmaecido. A monarquia, no Brasil, não caiu com um estrondo, mas com um suspiro. E o plebiscito para "referendar" a república foi convocado em 1993 - com 104 anos de atraso. O império já havia terminado. Nossa pesquisa encontrou ainda em outro site, o mesmo tema em forma de perguntas e respostas: A Proclamação da República. Entenda este período da nossa história:

## Quando a República foi proclamada?

A República do Brasil foi proclamada 15 de novembro de 1889. A data marcou o fim da monarquia brasileira. Um governo provisório foi estabelecido. No mesmo dia 15, o decreto número um, redigido por Rui Barbosa, anunciava a escolha da forma de República Federativa, com as antigas províncias constituindo, juntamente com a federação, os Estados Unidos do Brasil.

## Quem proclamou a República?

A República do Brasil foi proclamada pelo marechal Deodoro da Fonseca. No dia 15 de novembro, o marechal entrou no Quartel-General do Exército (hoje Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste, no Rio de Janeiro), montado num cavalo, e terminou com o último Gabinete da Monarquia, que se encontrava em reunião naquele local.

## Como se deu a proclamação da República?

O estabelecimento da República no Brasil não teve uma participação popular. A conspiração que derrubou a monarquia ficou restrita a poucos republicanos. Entre eles estavam Rui Barbosa, deputado e jornalista, Aristides Lobo e Quintino Bocaiúva, as maiores lideranças republicanas do Rio de Janeiro, Francisco Glicério, proeminente chefe do Partido Republicano Paulista, e Benjamin Constant, estadista, militar e professor. Benjamin Constant começou a conspirar para a derrubada da monarquia no início de novembro de 1889. No dia 11 do mesmo mês, Rui Barbosa, Aristides Lobo, Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, entre outros, conseguiram a adesão do Marechal Deodoro da Fonseca, figura de maior prestígio do Exército que relutara em participar do movimento devido à sua amizade com o imperador. Eles decidiram que o golpe seria efetuado no dia 20 de novembro. Diversos boatos foram espalhados pelos jovens oficiais, entre os quais o Major Sólton Ribeiro. Circulava a notícia que o governo tinha ordenado a prisão dos envolvidos, em especial Deodoro e Benjamin Constant, transferido batalhões para as províncias e, até mesmo, extinto o Exército, substituindo-o pela Guarda Nacional. Essas especulações provocaram uma reação imediata. Na manhã de 15 de novembro de 1889, Deodoro, à frente de um batalhão, marchou para o Ministério da Guerra, depondo o Gabinete de Ouro Preto. Não houve resistência. Os revoltosos conseguiram a adesão das tropas governistas. Deodoro, que estava doente, retirou-se para a sua residência e os militares voltaram aos quartéis. Alguns republicanos, entre os quais José do Patrocínio, preocupados com a indefinição do movimento, dirigiram-se à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, proclamando a República. Patrocínio intitulou-se "proclamador civil da República".

## Quais os fatos que levaram à proclamação?

Existia um descompasso entre a monarquia escravista e uma boa parcela da oficialidade jovem do Exército, abolicionista e republicana. Este abismo não foi solucionado com a abolição da escravidão, em 13 de maio

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

do mesmo ano. A propaganda republicana também se tornava mais intensa através da imprensa e de comícios buscando a adesão da população. As críticas contundentes aos membros da família imperial, em especial ao "decrépito" imperador Pedro II, visavam evitar o estabelecimento de um Terceiro Reinado, sob a égide da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, seu marido de nacionalidade francesa. Criticava-se o Poder Moderador, a vitaliciedade do Senado, a ausência de liberdade religiosa e a inexistência de autonomia das províncias. Enfim, desejava-se uma descentralização administrativa e política. O estabelecimento do último Gabinete do Império, liderado pelo liberal Visconde de Ouro Preto, em junho de 1889, foi uma tentativa de implementar as reformas reivindicadas pelos setores oposicionistas, porém sem sucesso.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# R

## **RAFAEL JUAREZ SOLA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **RAFAEL TRAVALHONI**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **RAIMUNDA RIBEIRO LIMA**

Nascida em Quixeramobim, estado do Ceará, em 11 de julho de 1936. Passou sua infância na cidade natal, onde cresceu, estudou e trabalhou na lavoura para ajudar a família. Casou-se no ano de 1953, aos 17 anos, com Bernardo Ribeiro Lima, e dessa união nasceram os filhos: José Carlos, Maria Liduina, Luciano, Carlos Alberto, Antonio, Maria José, Perpétuo e Jorge Alberto. Mudou-se para o estado de São Paulo, chegando à cidade de Matão no ano de 1978. Era do lar, mãe e esposa dedicada, participativa na comunidade, católica do IV Centenário, onde morou nos últimos doze anos, na Rua José Artimonte, 1474, em frente à Viação Paraty. Faleceu em junho de 1996, vítima de problemas coronários, deixando muitas saudades a todos que a admiravam.

## **RAUL ERASMO CAPPARELLI**

Nascido em 13 de abril de 1930, no bairro de Silvânia, Raul Erasmo Capparelli era filho de Belarmino Caparelli e de Dona Camila Generosa Pinoti Capparelli, foi casado com Dona Cesulei Therezinha Pauli Capparelli, com quem teve três filhos: Yara, Yeda e Raul Fernando. cursou o primário no Grupo José Innocência da Costa e o ginásio onde é hoje a atual Escola Técnica. Trabalhou como caminhoneiro, levando turmas para construir as estradas que estavam sendo abertas naquela época para unir cidades vizinhas. Amante da agricultura ajudava seu pai na lavoura e com o passar do tempo adquiriu seu próprio sítio. Diante da necessidade de vendê-lo, posteriormente, dedicou-se exclusivamente ao comércio de café, onde obteve relativo sucesso. Sua trajetória de agricultor ainda incluiu a de comerciante, de político e administrador em nossa cidade. Paralelamente às atividades de comerciante e de agricultor, desenvolveu a sua admiração pela política, candidatando-se para o cargo de vereador no ano de 1964, sendo bem sucedido. Daí em diante, nunca mais abandonou seu ideal político. Foi vereador por cinco legislaturas (1964-1969, 1970-1973, 1989-1992, 1993-1996 e 1997-2000), sempre procurando ajudar os que dele precisavam. Neste período foi o fundador da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), sendo presidente do Diretório Municipal até janeiro de 1971. Foi ainda Presidente da Câmara no ano de 1965 e vice-presidente em 1972. Por ocasião de sua passagem na Presidência da Arena, sempre procurou de forma ímpar, visar em primeiro plano os interesses da coletividade matonense, razão pela qual, foi escolhido, no ano de 1972, como candidato a Prefeito de nossa cidade. Em 1982, tentou novamente a candidatura à Prefeitura e, no ano de 2004, foi candidato a Vice Prefeito de Matão. Nos dias atuais, em que muito se discute a reforma política e a fidelidade partidária, Raul, desde sua entrada na esfera política sempre procurou delinear seus ideais de forma ímpar, permanecendo fiel às cores do partido que abraçou desde sua criação, que mudou de nome através de décadas (Arena, PDS, PPB e PP). A festejada instalação da empresa Citrosuco Paulista S/A, embora muitos não saibam, foi uma vitória da cidade como um todo, mas um dos seus maiores responsáveis pela escolha definitiva de Matão como cidade que receberia os vultosos investimentos foi Raul Erasmo, que sempre batalhou incansavelmente pelos cidadãos matonenses e nunca se vangloriou ou se envaideceu diante de suas conquistas. Raul sempre lutou pelo bem de Matão, independentemente do partido dos prefeitos, sempre ajudando e colaborando na busca de subsídios para o nosso município junto aos governos da época. Pessoa dócil, caráter ilibado, determinação inquebrantável, era assim que Raul conquistava as pessoas, tendo um círculo de amizades que extrapolou o seu campo político, atuando em diversas áreas tais como a administração de empreendimentos imobiliários, tendo como último ofício o de corretor de imóveis, que exerceu até os últimos dias de sua vida. Sua família não poderia ter nos ofertado,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

espécie melhor de ser humano e seus descendentes fincaram o pé na cidade que ele ajudou a construir, multiplicando os seus exemplos e seguindo suas qualidades, que eram muitas. Faleceu por problemas cardíacos, numa quarta-feira, dia 26 de abril de 2006, aos 76 anos de idade. Sua família e seus amigos fazem questão de ressaltar que Raul Capparelli foi um grande pai, um bom marido e um político atuante. Matão tem uma dívida de gratidão com Raul Erasmo Capparelli e a escolha de seu nome para ostentar uma das obras viárias mais importantes de nossos dias atuais é sinal de reconhecimento e de agradecimento pela sua edificante passagem entre nós.

## REYNALDO ROMANELLI

Oriundo de uma das famílias de comerciantes mais antigos de nossa cidade era filho de Amadeu Romanelli e de Dona Avelina Bocaletti Romanelli, nascido em 03 de dezembro de 1905, em Matão, na Fazenda La Plata. Reynaldo cursou o primário no antigo Grupo Escolar de Matão, hoje a Escola Estadual José Innocêncio da Costa. Casou-se em 29 de setembro de 1929 com Dona Isaura Bellodi, com quem teve três filhas: Luzia, Lizeti e Lucília. Na juventude e até na maturidade, foi um grande incentivador dos esportes, principalmente do futebol, sendo jogador, árbitro e um dos fundadores do antigo "Padilha Futebol Clube". Dedicou-se à criação de cavalos de raça, sendo um jóquei fanático nas corridas de cavalo; as famosas raias, junto com seu pai e irmãos, atuando também na agricultura, no comércio e na pecuária. Em reportagem da Revista "A Comarca" de 1991, publicou-se matéria relativa as raias ou corridas de cavalos dos tempos idos. Entre os anos 20 a 40, o interior do estado de São Paulo viveu o esporte intensamente. A Raia se constituía de uma disputa entre dois animais: dois cavalos, duas éguas, ou um cavalo e uma égua (explicava a matéria). Havia um local, uma pista projetada de extensão relativa, dois quilômetros, aproximadamente. De um ponto inicial – a partida-, os animais saíam em desabalada carreira para atingir o ponto final ou chegada. Apostas eram realizadas atingindo muitas vezes importâncias bem razoáveis. Alguns termos ligados ao esporte ficaram registrados: "cola e luz", por exemplo, era o nome que se dava à vantagem de um corpo inteiro, isto é, da cabeça ao rabo. Quando um animal vencida uma corrida, com essa vantagem, ganhava por "Cola e luz". A raia de Matão ficava na divisa com as terras da Fazenda dos Ingleses, lá na Vila Santa Cruz, numa extensão que se dirigia da vila para a propriedade da família Picchi. Em termos de disposição de hoje (na época da reportagem) ficava a partir da esquina onde se localiza a oficina Grande Prêmio (Av. Araraquara esquina com a Rua Itápolis) e se dirigia para a propriedade que atualmente pertence ao Sr. Décio Miniussi. A reportagem comenta sobre os aficionados do esporte, como a família Romanelli (o Reinaldo, o Irineu e o Amadeu), os Silveira Leite (o Quim, o Antídio, o Bento e outros), os Artimonte, os Pereira de Aguiar (Urbano, Brasilino, Ismael), os Barreto, os Cardim e outros, muitos outros. A Professora Ceci Romanelli Prado colaborou com a matéria e apresentou um contrato de corrida de cavalos da época. O contrato foi pactuado entre os senhores Bento Silveira Leite e Pedro Cardim, para correr os cavalos de propriedade dos senhores Amadeu Romanelli e Dirceu de Camargo. O Cavalo de Amadeu era o célebre Sereno, tordilho pedrez e o de Dirceu Camargo era o Mouro, com uma pequena estrela na testa. O trato estipulava uma distância a ser percorrida de 274 metros, inclusive o partidor de dez metros, mais 66 metros de aumento, com duas paradas. O Valor da aposta foi de 3:000\$000 (três contos de réis). O documento foi assinado por Pedro Cardim, Bento Silveira Leite, Manoel Mendes Silveira e Brasilino Pereira de Aguiar. Data: Matão, 08 de fevereiro de 1931, assinado também por Reynaldo Romanelli. Local: Raia da Vila Santa Cruz. Para que as corridas fossem realizadas dentro da estrita legalidade, outro documento histórico é um Alvará da Delegacia de Polícia de Matão em favor de Gino de Biasi, para realizar uma corrida de cavalos na Raia da Vila Santa Cruz desta cidade de Matão, pelo prazo de um dia. Tal Alvará de licença está datado de 18 de julho de 1936, assinado pelo Delegado de Polícia João Nepomuceno Freitas Júnior. Um terceiro documento, mais interessante ainda é uma cópia de um Ofício da Companhia Agrícola Fazendas Paulistas, assinado pelo seu gerente geral, Dan Haggard, dirigido ao Sr. Reynaldo Romanelli, reclamando de danos causados nas cercas da fazenda, quando da realização das corridas de cavalos. Tal documento está datado de 24 de julho de 1936. Quanta história !! Durante anos Reynaldo Romanelli dirigiu o antigo "Açougue Modelo", instalado na Rua João Pessoa. Senhor Reynaldo deixou a todos a lembrança, principalmente a sua honradez e honestidade. Folheando históricos relatos de nossa cidade, encontramos uma passagem escrita por Januário Groppa, historiador que conheceu Reynaldo em 1925, como *"...um mocinho pouquinho baixo da estatura mediana, de fisionomia normalmente séria e semblante de quem levaria, dentro de um futuro distante, os traços marcantes dum personalidade digna do melhor respeito e consideração..."* Ainda, segundo os livros pesquisados, Reynaldo teria sido sub-delegado em nossa cidade. O senhor Reynaldo deixou a todos a lembrança, principalmente a sua honradez e honestidade. Os filhos, genros, netos e bisnetos sentem-se orgulhosos e agradecidos pela homenagem que a Câmara lhes proporcionou, colocando seu nome em uma das avenidas de Matão. Reynaldo Romanelli faleceu no dia 14 de janeiro de 1991.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## RENATO PICCHI

Nascido no seio de uma das mais antigas famílias de Matão era filho de Emílio Picchi e de Dona Arminda Benassi. Foi casado com Zaira Bocaletti.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## RICARDO CARDIM

Proveniente de uma das mais antigas famílias de Matão era filho de Pedro Cardim e de Dona Santina Gaino. Foi casado com Maria Nonis. Em reportagem da Revista "A Comarca" de 1991, publicou-se matéria relativa as raias ou corridas de cavalos dos tempos idos. Entre os anos 20 a 40, o interior do estado de São Paulo viveu o esporte intensamente. A Raia se constituía de uma disputa entre dois animais: dois cavalos, duas éguas, ou um cavalo e uma égua (explicava a matéria). Havia um local, uma pista projetada de extensão relativa, dois quilômetros, aproximadamente. De um ponto inicial – a partida-, os animais saíam em desabalada carreira para atingir o ponto final ou chegada. Apostas eram realizadas atingindo muitas vezes importâncias bem razoáveis. Alguns termos ligados ao esporte ficaram registrados: "cola e luz", por exemplo, era o nome que se dava à vantagem de um corpo inteiro, isto é, da cabeça ao rabo. Quando um animal vencía uma corrida, com essa vantagem, ganhava por "Cola e luz". A raia de Matão ficava na divisa com as terras da Fazenda dos Ingleses, lá na Vila Santa Cruz, numa extensão que se dirigia da vila para a propriedade da família Picchi. Em termos de disposição de hoje (na época da reportagem) ficava a partir da esquina onde se localiza a oficina Grande Prêmio (Av. Araraquara esquina com a Rua Itápolis) e se dirigia para a propriedade que atualmente pertence ao Sr. Décio Miniussi. A reportagem comenta sobre os aficionados do esporte, como a família Romanelli (o Reynaldo, o Irineu e o Amadeu), os Silveira Leite (o Quim, o Antídio, o Bentô e outros), os Artimonte, os Pereira de Aguiar (Urbano, Brasilino, Ismael), os Barreto, os Cardim e outros, muitos outros. A Professora Ceci Romanelli Prado colaborou com a matéria e apresentou um contrato de corrida de cavalos da época. O contrato foi pactuado entre os senhores Bento Silveira Leite e Pedro Cardim, pai de Ricardo Cardim, para correr os cavalos de propriedade dos senhores Amadeu Romanelli e Dirceu de Camargo. O Cavalo de Amadeu era o célebre Sereno, tordilho pedrez e o de Dirceu Camargo era o Mouro, com uma pequena estrela na testa. O trato estipulava uma distância a ser percorrida de 274 metros, inclusive o partidor de dez metros, mais 66 metros de aumento, com duas paradas. O Valor da aposta foi de 3:000\$000 (três contos de réis). O documento foi assinado por Pedro Cardim, Bento Silveira Leite, Manoel Mendes Silveira e Brasilino Pereira de Aguiar. Data: Matão, 08 de fevereiro de 1931, assinado também por Reynaldo Romanelli. Local: Raia da Vila Santa Cruz. Para que as corridas fossem realizadas dentro da estrita legalidade, outro documento histórico é um Alvará da Delegacia de Polícia de Matão em favor de Gino de Biasi, para realizar uma corrida de cavalos na Raia da Vila Santa Cruz desta cidade de Matão, pelo prazo de um dia. Tal Alvará de licença está datado de 18 de julho de 1936, assinado pelo Delegado de Polícia João Nepomuceno Freitas Junior. Um terceiro documento, mais interessante ainda é uma cópia de um Ofício da Companhia Agrícola Fazendas Paulistas, assinado pelo seu gerente geral, Dan Haggard, dirigido ao Sr. Reynaldo Romanelli, reclamando de danos causados nas cercas da fazenda, quando da realização das corridas de cavalos. Tal documento está datado de 24 de julho de 1936. Quanta história !!

## RICARDO SALVI

Ingressou na Polícia Militar em 19 de maio de 1978, como Soldado, realizando sua formação na cidade de Santos. Em 1979 foi transferido para a cidade de Matão, onde desempenhou atividades no Primeiro Pelotão de Polícia Militar, exercendo a função de patrulhamento, Ronda Escolar, Supervisor de Policiamento, entre outras. Em 07 de setembro de 2004 foi promovido a Cabo PM, continuando a exercer suas funções militares em nossa cidade. Reconhecido por seus pares como um amigo, pessoa de comportamento ético irreparável, o Cabo PM Salvi sempre gozou da admiração de todos com que trabalhou. Junto à comunidade foi tido como um PM coerente, de bom senso, educado e prestativo, recebendo por isso muitos elogios ao longo de toda a sua carreira. Faleceu no dia 12 de novembro de 2005, deixando na Corporação um vácuo que muito tempo levará para ser reparado. Pelos serviços prestados ao povo de Matão, pela sua trajetória de bem defender a nossa comunidade, justa homenagem foi prestada ao PM Ricardo Salvi, forma de perpetuar seu nome, sua história e sua ascensão dentro da Polícia, Corporação que ininterruptamente alivia nossas preocupações com as transgressões da lei e da ordem.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## RINCÃO

Rincão, nome de origem espanhola: A denominação vem da expressão espanhola rincón, que significa lugar bem-protegido, rodeado de matas ou rios. Batizada por tropeiros gaúchos que passavam pelas terras do sítio chamado Paciência se desligou de Araraquara em 24 de dezembro de 1948. Este município do estado de São Paulo tem uma população estimada de 10.317 habitantes (2004). A história atual da cidade de Rincão muito se prende a de Araraquara, pois desde a sua formação (1884) até 1948, esteve ligada a ela. Os primeiros habitantes primitivos da região foram os Guayanás, de uso e costumes próprios, sedentários e não antropófagos, que aqui construíram suas tabas. Na linguagem comum, rincão é um lugar qualquer, mas o aspecto geográfico a que se refere, o vocabulário colhido em tempos remotos, tem características próprias. De origem castelhana, provém da época em que o arame não era utilizado na Campanha Gaúcha. A criação de gado exigia o uso de lugares apropriados para manter o rebanho, sendo as águas dos rios um dos obstáculos naturais, como também os morrões, capões de matas. Rincão era a curva do rio que permitia manter reunido o gado ou tropas, porque fechada por três lados ocupava o quarto a pionada encurralando os animais. Como o rincão é acidente comum na paisagem gaúcha, a pionada ou tropa, escolhia tais lugares para acampar, daí veio o derivado arrinconar: por os animais num rincão, fazer pouso durante a jornada. O nome atual da cidade de Rincão tem essa origem castelhana, pois foram os tropeiros gaúchos que antes da criação do Distrito de Paz, lhe deram essa denominação. Em tempos remotos passavam conduzindo suas tropas pela região e no lugar onde acampavam, existe um córrego de cada lado, protegendo por morros e matas, sendo hoje a fazenda São José da Cachoeira, enquanto que o sítio urbano da cidade de Rincão era chamado Paciência, nome do córrego que margeia. Em 1790- Pedro José Neto – de Itu, foragido da justiça, penetrou pelas matas, hoje São Carlos, fundando Araraquara; explorou a região e estabeleceu as posses de Ouro, Rancho Queimado, Cruzes, Lageados, Cambuí e Monte Cruzes. Eram grandes proprietários com grande número de mão-de-obra escrava e o cultivo na sua maioria, era o café. Por volta de 1880 existiam em Paciência três casebres de taipas e barro. Em 1884 ocorre a notícia de que a Companhia Paulista de Estrada de Ferro iria passar pelos trilhos pelo "rincon", com isso os proprietários fundaram em Paciência uma vila onde foi construída uma capela e deram o nome ao local de Rincão. A povoação situava a direita do Córrego da Paciência continuando a Fazenda com o nome de São José da Cachoeira. Em 01/04/1892, a Companhia de Estrada de Ferro concluía o assentamento dos trilhos e deu a inauguração da Estação de Rincão, influenciando em motivos especiais como a atividade agrícola, que na época era o café, e a pecuária constituindo o local numa espécie de garganta por onde passavam todos os produtos, com destino a capital, e também a localização geográfica próxima de grandes centros na época. Os fundadores foram os donos da fazenda: João Luís e Francisco Caetano Sampaio, cujas terras se estendiam até o local da Vila em fundação. Para a formação do patrimônio paroquial, João Caetano Sampaio doou as terras onde foi construída a Igreja e vieram os primeiros habitantes.

## RIO DE JANEIRO

Coube à primeira expedição exploradora da costa leste do Brasil, realizar o descobrimento, a 1º de janeiro de 1502, da magnífica baía da Guanabara. Pela data e pelo costume, então vigente, de ser designado rio qualquer embocadura, mesmo não sendo de caráter estritamente fluvial, a esta foi dada a denominação, e sempre mantida, de Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro é a segunda maior cidade do Brasil e capital do estado de mesmo nome, situado no sudeste do Brasil. A cidade é famosa por suas praias turísticas, como Copacabana e Ipanema; pela estátua do Cristo Redentor no morro do Corcovado, e por seu Carnaval. Além de suas belezas naturais, que encantam milhões de turistas que a visitam todo o ano, a cidade, que foi sede do governo durante o período colonial e capital do Brasil (de 1822 a 1960), abriga um importante acervo arquitetônico e histórico. A cidade tem o epíteto de *Cidade Maravilhosa* e aquele que nela nasce é chamado de "carioca". O Rio foi alcunhado de *Cidade Maravilhosa* por Coelho Neto, em 1908, nas páginas do jornal "A Notícia". O apelido se manteve e é reconhecido internacionalmente. Isso é devido a sua paisagem natural e ao espírito de seu povo, marcadamente cosmopolita. A floresta da Tijuca, com 14,8 milhões de m<sup>2</sup>, faz parte do Parque Nacional da Tijuca. Com 34,5 milhões de m<sup>2</sup>, o parque abriga outros dois trechos de mata atlântica: a Serra da Carioca e a Pedra da Gávea. A baía à margem da qual a cidade se organizou - baía de Guanabara -, foi descoberta pelo explorador português Gaspar de Lemos em 1º de janeiro de 1502. Erroneamente afirma-se que o nome da cidade - *Rio de Janeiro* - foi escolhido porque os portugueses acreditavam que a Baía era um rio. Na verdade, na época não havia qualquer distinção de nomenclatura entre rios, sacos e baías, motivo pelo qual foi o corpo d'água corretamente designado como rio. Os franceses estabeleceram-se na zona em 1555, sendo expulsos pelos portugueses. A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi fundada por Estácio de Sá, que desembarcou num istmo entre o Morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar, subjugando franceses calvinistas da Bretanha e da Normandia, os quais, aliados a grupos indígenas hostis, alimentavam o projeto de Nicolas Durand de estabelecer no Brasil uma colônia

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

francesa chamada França Antártica. A idéia aprovada pelo almirante Gaspar de Coligny e apoiada pelo rei de França, Henrique II, ameaçava, 63 anos depois, a grande conquista portuguesa. A vitória de Estácio de Sá foi o ato histórico criador da Cidade, quando os portugueses garantiram, em 1º de março de 1565, a posse do Rio de Janeiro, rechaçando a partir daí novas tentativas de invasões estrangeiras e expandindo, à custa de guerras, o seu domínio sobre as ilhas e o continente. Construiu na entrada da baía, em uma praia protegida pelo morro do Pão de Açúcar, uma fortificação composta por simples casinhas feitas de troncos de madeira e barro, que foi mais tarde destruída para um novo povoamento no entorno do morro do Castelo (completamente arrasado em 1922), região onde atualmente ocupa a região central da cidade. O novo povoado marca de fato, o começo da expansão urbana. Durante quase todo o século XVII a Cidade teve um desenvolvimento lento. Uma rede de pequenas ruelas conectava entre si as igrejas, ligando-as ao Paço e ao Mercado do Peixe, à beira do cais, nascendo a partir delas as principais ruas do atual Centro. Com cerca de 30 mil habitantes na segunda metade do século XVII, o Rio de Janeiro tornara-se a cidade mais populosa do Brasil, passando a ter importância fundamental para o domínio colonial. Essa importância tornou-se ainda maior com a exploração de jazidas de ouro em Minas Gerais, no século XVIII, pois sua proximidade levou a consolidação da cidade como um importante centro portuário e econômico. Em 1763, o ministro português Marquês de Pombal transferiu a sede da colônia para o Rio de Janeiro, onde Salvador até esta data ocupava esta condição. O Rio de Janeiro foi a capital do Brasil de 1763 a 1960, quando o governo foi transferido para Brasília, mas se mantém a segunda maior cidade do país, depois de São Paulo. Entre 1808 e 1815 foi a capital do *Reino de Portugal e dos Algarves*, como era oficialmente designado após a elevação do Brasil à parte integrante do Reino Unido. Após a independência, a cidade continua como capital, enquanto a província enriquece com a agricultura canavieira da região de Campos e, principalmente, com o novo cultivo do café no Vale do Paraíba. Para separar a província e a capital do Império, a cidade converte-se, em 1834, em município neutro e a província do Rio de Janeiro passa a ter como capital Niterói. Como centro político do país, o Rio concentra a vida político-partidária do Império e os movimentos abolicionista e republicano. Durante a República Velha, com a decadência de suas áreas cafeeiras, o estado perde a força política para São Paulo e Minas Gerais. Com a proclamação da República, nas últimas décadas do século XIX e início do XX, o Rio de Janeiro enfrentava graves problemas sociais de seu crescimento rápido e desordenado. Com o declínio do trabalho escravo, a cidade passara a receber grandes contingentes de imigrantes europeus e de ex-escravos, atraídos pelas oportunidades que ali se abriam ao trabalho assalariado. Entre 1872 e 1890, sua população duplicou, passando de 274 mil para 522 mil habitantes. O aumento da pobreza agravou a crise habitacional, traço constante da vida urbana no Rio desde meados do século XIX. O epicentro dessa crise era ainda, e cada vez mais, o miolo do Rio – a Cidade Velha e suas adjacências –, onde se multiplicavam as habitações coletivas e onde eclodiam as violentas epidemias de febre amarela, varíola e cólera que conferiam à cidade fama internacional de porto sújo. Muitas campanhas de erradicação dessas doenças, feitas pelos governos na época, não foram bem recebidas pela população carioca. Houve várias revoltas populares, entre elas a Revolta da Vacina em 1904, além das reformas urbanas do Centro, executadas pelo engenheiro Pereira Passos, o qual demoliu e deslocou sua população, pobre que habitavam a região central para as encostas de morros, na Zona portuária e Caju, como os morros da Saúde e Providência, que cresceram de maneira muito desordenada iniciando o processo de favelização, ainda não muito preocupante na época, o que não impediu a execução de várias outras reformas urbanas e sanitárias que estavam por vir, que mudaram a imagem da então capital da República. Após a mudança da Capital Federal para Brasília em 1960, esta cidade até 1975 foi transformada numa cidade-estado com o nome de estado da Guanabara. Ocorreu então sua fusão com o antigo estado do Rio de Janeiro em 15 de março de 1975 e em 23 de julho foi a promulgação da constituição do estado do Rio de Janeiro. Em 1992, a cidade foi sede da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico (CNUCED), mais conhecida como *Rio-92*, ou *ECO-92*. Foi a primeira reunião internacional de peso a se realizar depois do fim da Guerra Fria e contou com a presença de delegações de 175 países. Os Jogos Pan-americanos de 2007 teve o Rio de Janeiro como sede, com brilhante participação de nossos melhores competidores. A população estimada do Rio de Janeiro em 1º de Julho de 2005 pelo IBGE era de 6.094.183 habitantes. A Região Metropolitana tem mais de 12 milhões de habitantes. A cidade é considerada a segunda cidade mais portuguesa do mundo, depois de Lisboa, sendo a segunda maior cidade do Brasil em população. Há muitos afro-descendentes do período colonial e de migrações do Nordeste, alemães, italianos, russos, suíços, libaneses, judeus e chineses, muito presentes no Rio. Existem mais de 60 grupos étnicos na cidade.

## RIO GRANDE DO NORTE

Estado localizado na Região Nordeste. Limita-se a norte e a leste com o Oceano Atlântico, ao sul com a Paraíba e a oeste com o Ceará. Ocupa uma área de 52.796,791 km<sup>2</sup>. Sua capital é Natal. As cidades mais populosas são: Natal, Mossoró, Parnamirim, Caicó e Ceará-Mirim. O território apresenta um relevo modesto, com mais de 80% de sua área possuindo menos de 300m de altura. Moçoró, Apodi, Açu,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Piranhas, Potengi, Tariri, Jundiá, Jacu, Seridó e Curimataú são os rios principais. O clima é tropical e sua economia está em franca expansão. Na extração mineral a produção é principalmente de petróleo (segundo maior produtor do País) e sal marinho. No setor agropecuário, destaca-se a carcinocultura, a fruticultura irrigada (abacaxi, banana, melão e coco-da-baía, dentre outros) e a tradicional pecuária. Na indústria, são relevantes o parque têxtil e as instalações de processamento de petróleo e gás natural da Petrobrás. Embora o maior litoral dentre os estados brasileiros seja o da Bahia, o Rio Grande do Norte é o Estado com maior projeção para o Atlântico, já que se situa em uma região onde o litoral brasileiro faz um ângulo agudo, a chamada "esquina do Brasil". Foi por esse motivo, que os americanos decidiram estabelecer uma base aérea no estado durante a Segunda Guerra Mundial. Tal base, de tão importante que foi para o sucesso no desembarque na Normândia, foi apelidada na época de "Trampolim da Vitória", devido ao grande "salto" que ela proporcionou para a frente aliada. A história do Rio Grande do Norte tem início com a divisão do Brasil em Capitânicas Hereditárias. Em carta datada de 11.03.1535, El-Rei, D. João III, doou um quinhão de terra com 100 léguas, que tomou o nome de Capitania do Rio Grande, a João de Barros. Continuou com o nome de Rio Grande até meados do século XVIII, ocasião em que foi verificada a complementação, em razão de haver outra capitania com esse nome lá nos rincões do Sul, sendo necessário acrescentar Norte e Sul às duas Capitânicas. O Rio Grande do Norte está localizado no ponto em que o Brasil está mais próximo da Europa, América e África. Apresenta uma forma alongada no sentido leste-oeste. Situado na chamada região Nordeste oriental, é um Estado costeiro e marítimo. O Estado, integrando 150 municípios, está dividido em 10 micro-regiões homogêneas, que são as seguintes: Salineira Norte-rio-grandense; Litoral de São Bento do Norte; Açú e Apodi; Sertão de Angicos; Serra Verde; Natal; Serrana Norte-rio-grandense; Seridó; Borborema Potiguar e Agreste Potiguar. Dentre as cidades, merecem destaque por seu desenvolvimento além de Natal, Capital do Estado, Mossoró, Macau, Caicó, Açú, Currais Novos, Nova Cruz e Areia Branca. Sua economia, como já mencionado, é baseada na agricultura e na extração de sal marinho. Possui as maiores salinas brasileiras. É o 2.º produtor de cera de carnaúba e o 3.º em castanha de caju. O algodão, que já foi sustentáculo da economia da região norte-rio-grandense, estende sua área pelos municípios de Jardim do Seridó, Caicó e Ouro Branco. O algodão produzido nesta região é o que há de melhor para a comercialização, do tipo mocó de fibra longa. Entre as indústrias instaladas no Rio Grande do Norte, destacam-se as confecções Guararapes, Soriedem, Sucar, Impasa (papel), Pastoni (pesca), Jossan (pregos) etc. É rico em minerais, inclusive atômicos. O Programa Químico do Governo do Estado está voltado para o aproveitamento de sal, calcário, gipsita, fluorita, argila, petróleo, gás e outros bens minerais. Implanta-se a ALCANORTE - Alcalis do Rio Grande do Norte S/A e apóia-se a criação, no âmbito estadual, da Rio norte Magnésio S/A Riomag, que irá desenvolver o projeto de aproveitamento das águas residuais das salinas. Valorizar o homem, fixando-o à terra e dando-lhe condições de promover o seu desenvolvimento e consolidar o seu bem-estar é a meta prioritária do Governo norte-rio-grandense e o programa habitacional pode ser considerado o ponto alto da atual política governamental.

## RIO GRANDE DO SUL

Estado brasileiro da região sul localiza-se entre o Estado de Santa Catarina e faz fronteiras ao Norte com o Uruguai, ao Sul com a Argentina, a Oeste com o Oceano Atlântico. Sua Capital é Porto Alegre. Possui 427 municípios divididos em 35 micro-regiões. Tem um dos setores agropecuários mais produtivos do Brasil. É o primeiro produtor brasileiro de arroz, soja, aveia e uva (para produção de vinho), o segundo produtor nacional de trigo e de fumo, o terceiro na produção de cebola e o sexto na produção de milho. Possui o maior rebanho nacional de ovinos, responsável por 90% da lã brasileira. É também o segundo maior rebanho de suínos além de ter expressivo rebanho bovino de raças selecionadas para corte e produção de leite. O Estado é também o terceiro parque industrial do Brasil. Em 1627, jesuítas espanhóis, vindos do Paraguai instalaram reduções na margem oriental do rio Uruguai, organizando expedições para capturar indígenas já aculturados pelos religiosos, catequizados e acostumados ao trabalho na lavoura. Além disso, é forte também no turismo, revestindo-se de grande importância, principalmente na região serrana Caxias do Sul, Gramado e Canela, Bento Gonçalves e alguns pontos do litoral como Tramandai e Torres. O povoamento intensificou-se com a migração de casais coreanos entre 1740/1760. Em 1801, os sete povos das Missões foram incorporados ao território gaúcho. Em 1807, elevou-se à Capitania-Geral pelo príncipe Regente Dom João, com o nome de São Pedro do Rio Grande do Sul, deixando de ser subordinada à Capitania do Rio de Janeiro. Virou Província do Império com a Independência do Brasil. Durante mais de 50 anos, recebeu europeus. Em 1835, ocorreu a Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha, de fundo republicano e Federalista (que durou 10 anos). Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias foi nomeado Governador em 1842. O Rio Grande do Sul foi palco da Revolução Federalista de 1893, até 1923, recomeçada no outro ano e só contornada por Getúlio Vargas, eleito Presidente do Estado em 1928. Após a Revolução de 1930, cessaram as lutas armadas. A importância do Estado do Rio Grande do Sul tem se manifestado em várias ocasiões. Em 1961, quando da renúncia do Presidente Jânio Quadros, a posse do Vice-Presidente gaúcho João Goulart, só foi possível graças à intervenção e do apoio de outro gaúcho, o

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

então Governador do Rio Grande do Sul (1959/1963), Leonel Brizola.

## RIVADÁVIA FARIA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou pelo e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ROBERTO GARDINI

Proveniente de uma das mais antigas famílias de nossa cidade, Roberto era filho de Ângelo Gardini e de Dona Tereza Bocchi. Foi casado com Beatriz Zanardi.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## ROMA

Roma é a cidade capital da Itália e sede da comuna italiana e da província com o mesmo nome, na região do Lácio. Conhecida internacionalmente como *A Cidade Eterna* pela sua história milenar, Roma espalha-se pelas margens do rio Tibre, compreendendo o seu centro histórico com as suas sete colinas: Palatino, Aventino, Campidoglio, Quirinale, Viminale, Esquilino e Celio. Segundo o mito romano, a cidade foi fundada a cerca de 753 a.C. (data convencional) por Rômulo e Remo, dois irmãos criados por uma loba, que são atualmente símbolos da cidade. Desde então se tornou no centro da Roma Antiga (Reino de Roma, República Romana, Império Romano) e, mais tarde, dos Estados Pontifícios, Reino de Itália, e, por fim, da República Italiana. No interior da cidade encontra-se o estado do Vaticano, residência do Papa. Roma é uma das cidades com maior importância na história mundial, sendo um dos símbolos da civilização. Conserva inúmeras ruínas e monumentos na parte antiga da cidade, especialmente da época do Império Romano, e do Renascimento, o movimento cultural que nasceu em Itália. A área metropolitana tem cerca de 2.546.804 habitantes (2001), e estende-se por uma área de 1.285 km<sup>2</sup>, tendo uma densidade demográfica de 1.981 hab/km<sup>2</sup>, o que a torna na maior cidade da Itália e também na capital europeia de maiores dimensões. O presidente da câmara (*Sindaco*) em 2006 era Walter Veltroni. A história de Roma Antiga é fascinante em função da cultura desenvolvida e dos avanços conseguidos por esta civilização. De uma pequena cidade, tornou-se um dos maiores impérios da antiguidade. Dos romanos, herdamos uma série de características culturais. O direito romano, até os dias de hoje está presente na cultura ocidental, assim como o latim, que deu origem a língua portuguesa, francesa, italiana e espanhola. Como já mencionado, os romanos explicavam a origem de sua cidade através do mito de Rômulo e Remo. Segundo a mitologia romana, os gêmeos foram jogados no rio Tibre, na Itália. Resgatados por uma loba, que os amamentou, foram criados posteriormente por um casal de pastores. Adultos, retornam a cidade natal de Alba Longa e ganham terras para fundar uma nova cidade que seria Roma. De acordo com os historiadores, a fundação de Roma resulta da mistura de três povos que foram habitar a região da península itálica: gregos, etruscos e itálicos. Desenvolveram na região uma economia baseada na agricultura e nas atividades pastoris. A sociedade, nesta época, era formada por patrícios (nobres proprietários de terras) e plebeus (comerciantes, artesãos e pequenos proprietários). O sistema político era a monarquia, já que a cidade era governada por um rei de origem patrícia. A religião neste período era politeísta, adotando deuses semelhantes aos dos gregos, porém com nomes diferentes. Nas artes destacava-se a pintura de afrescos, murais decorativos e esculturas com influências gregas. República Romana (509 a.C. a 27 a.C.) Durante o período republicano, o senado Romano ganhou grande poder político. Os senadores, de origem patrícia, cuidavam das finanças públicas, da administração e da política externa. As atividades executivas eram exercidas pelos cônsules e pelos tribunos da plebe. A criação dos tribunos da plebe está ligada às lutas dos plebeus por uma maior participação política, visando melhores condições de vida. Uma das conquistas destas lutas foi a Lei das Doze Tábuas que, entre outras conquistas, acabou com a escravidão por dívidas. Após dominar toda a península itálica, os romanos partiram para as conquistas de outros territórios. Com um exército bem preparado e muitos recursos, venceram os cartagineses nas Guerras Púnicas (século III a.C.). Esta vitória foi muito importante, pois garantiu a supremacia romana no Mar Mediterrâneo. Os romanos passaram a chamar o Mediterrâneo de *Mar Nostrum*. Após dominar Cartago, Roma ampliou suas conquistas, dominando a Grécia, o Egito, a Macedônia, a Gália, a Germânia, a Trácia, a Síria e a Palestina. Com as conquistas, a vida e a estrutura de Roma passaram por significativas mudanças. O império romano passou a ser muito mais comercial do que agrário. Povos conquistados foram escravizados ou passaram a pagar impostos para o império. As províncias (regiões controladas por Roma) renderam grandes recursos para Roma. A capital do Império Romano enriqueceu e a vida dos romanos mudou. Os principais imperadores romanos foram: Augusto (27 a.C. - 14 d.C.), Tibério (14-37), Calígula (37-41), Nero (54-68),

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Marco Aurelio (161-180), Comodus (180-192). Com o crescimento urbano vieram também os problemas sociais para Roma. A escravidão gerou muito desemprego na zona rural, pois muitos camponeses perderam seus empregos. Esta massa de desempregados migrou para as cidades romanas em busca de empregos e melhores condições de vida. Receoso de que pudesse acontecer alguma revolta de desempregados, o imperador criou a política do Pão e Circo. Esta consistia em oferecer aos romanos, alimentação e diversão: Quase todos os dias ocorriam lutas de gladiadores nos estádios (o mais famoso foi o Coliseu de Roma), onde eram distribuídos alimentos. Desta forma, a população carente acabava esquecendo os problemas da vida, diminuindo as chances de revolta. A cultura romana foi muito influenciada pela cultura grega. Os romanos "copiaram" muitos aspectos da arte, pintura e arquitetura grega. Os balneários romanos espalharam-se pelas grandes cidades. Eram locais onde os senadores e membros da aristocracia romana iam para discutir política e ampliar seus relacionamentos pessoais. A língua romana era o latim, que depois de um tempo espalhou-se pelos quatro cantos do império, dando origem na Idade Média, ao português, francês, italiano e espanhol. A mitologia romana representava formas de explicação da realidade que os romanos não conseguiram explicar de forma científica. Trata também da origem de seu povo e da cidade que deu origem ao império. Entre os principais mitos romanos, podemos destacar: Rômulo e Remo e O rapto de Proserpina. Os romanos eram politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses. A grande parte dos deuses romanos foram retirados do panteão grego, porém os nomes originais foram mudados. Muitos deuses de regiões conquistadas também foram incorporados aos cultos romanos. Os deuses eram antropomórficos, ou seja, possuíam características (qualidades e defeitos) de seres humanos, além de serem representados em forma humana. Além dos deuses principais, os romanos cultuavam também os deuses lares e penates. Estes deuses eram cultuados dentro das casas e protegiam a família. Principais deuses romanos: Júpiter, Juno, Apolo, Marte, Diana, Vênus, Ceres e Baco. Por volta do século III, o império romano passava por uma enorme crise econômica e política. A corrupção dentro do governo e os gastos com luxo retiraram recursos para o investimento no exército romano. Com o fim das conquistas territoriais, diminuiu o número de escravos, provocando uma queda na produção agrícola. Na mesma proporção, caía o pagamento de tributos originados das províncias. Em crise e com o exército enfraquecido, as fronteiras ficavam a cada dia mais desprotegidas. Muitos soldados, sem receber salário, deixavam suas obrigações militares. Os povos germânicos, tratados como bárbaros pelos romanos, estavam forçando a penetração pelas fronteiras do norte do império. No ano de 395, o imperador Teodósio resolve dividir o império em : Império Romano do Ocidente, com capital em Roma e Império Romano do Oriente (Império Bizantino), com capital em Constantinopla. Em 476, chega ao fim o Império Romano do Ocidente, após a invasão de diversos povos bárbaros, entre eles, visigodos, vândalos, burgúndios, suevos, saxões, ostrogodos, hunos, etc. Era o fim da Antiguidade e início de uma nova época chamada de Idade Média. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

## RONDÔNIA

Situado na Região Norte, na divisa com Amazonas, Mato Grosso e Bolívia, o estado possui dois terços de sua área cobertos pela floresta Amazônica. O cerrado recobre os pontos mais altos do território – a chapada dos Parecis e a serra dos Pacaás, onde há um parque nacional. O clima predominante é o equatorial, com chuvas abundantes e temperatura média anual de 26°C. A capital, Porto Velho, nasce a partir de núcleos populacionais que se formam em torno das instalações da ferrovia Madeira-Mamoré, megaprojeto idealizado por norte-americanos e ingleses, que começa a ser construída em 1907. Desativada definitivamente em 1972, possui um trecho de 7 km a partir de Porto Velho em funcionamento para atender ao turismo. Até o início da década de 90, recebe um grande número de migrantes em decorrência da euforia econômica estimulada, entre outros fatores, por investimentos federais nas décadas de 60 a 80. Em 1990 a população ultrapassa 1,1 milhão de habitantes. Rondônia possui hoje a maior densidade demográfica entre os estados da Região Norte. A urbanização, porém, é baixa: 38% da população ainda permanece no campo. Em meados da década de 90, o crescimento demográfico apresenta sinais de declínio. Expansão da pecuária – A atividade agropecuária, de baixo padrão tecnológico, ocupa 37% da área estadual e concentra-se, sobretudo na porção leste. Nos últimos anos se verifica uma redução da área destinada às lavouras, que ocorre paralelamente ao crescimento da pecuária. O rebanho bovino, destinado principalmente ao corte, aumenta de 770,5 mil para 3,9 milhões de cabeças entre 1985 e 1996. No campo

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

persistem conflitos pela posse da terra, que envolvem grupos indígenas, posseiros e garimpeiros. Com a economia limitada à agropecuária e ao extrativismo vegetal e mineral, um dos grandes problemas do estado é a falta de infra-estrutura urbana. A escassa produção de energia elétrica é um dos obstáculos para o incremento do setor industrial. Destacam-se indústrias de laticínios e frigoríficos, na região do município de Ouro Preto do Oeste, e de móveis, em Ji-Paraná. Como a maioria dos estados da região da floresta Amazônica, Rondônia enfrenta problemas como o garimpo informal e a devastação da floresta. Estimativa da Secretaria do Desenvolvimento Ambiental de Rondônia revela que a área total desmatada da região atinge cerca de 5.000.000 de ha em 1997, o que corresponde, aproximadamente, a 20% da área estadual. O aumento foi de 20,6% apenas nos últimos dois anos. Um dos principais motivos para o avanço do desmatamento é o crescimento da pecuária extensiva. Os primeiros colonizadores portugueses começam a percorrer o atual estado de Rondônia no século XVII. Somente no século seguinte, com a descoberta e a exploração de ouro em Goiás e Mato Grosso, aumenta o interesse pela região. Em 1776, a construção do Forte Príncipe da Beira, às margens do rio Guaporé, estimula a implantação dos primeiros núcleos coloniais, que só se desenvolvem no final do século XIX com o surto da exploração da borracha. No início do século XX, a criação do estado do Acre, a construção da ferrovia Madeira-Mamoré e a ligação telegráfica estabelecida por Cândido Rondon representam novo impulso à colonização. Em 1943 é constituído o Território Federal de Guaporé, com capital em Porto Velho, mediante o desmembramento de áreas pertencentes aos estados de Mato Grosso e Amazonas. A intenção é apoiar mais diretamente a ocupação e o desenvolvimento da região, que em 1956 passa a se chamar Território de Rondônia. Até a década de 60, a economia se resume à extração de borracha e de castanha-do-pará. O crescimento acelerado só ocorre, de fato, a partir das décadas de 60 e 70. A política de incentivos fiscais e os intensos investimentos do governo federal, como os projetos de colonização dirigida, estimulam a migração, em grande parte originária do Centro-Sul. Além disso, o acesso fácil à terra boa e barata atrai grandes empresários interessados em investir na agropecuária e na indústria madeireira. Nessa época, a descoberta de ouro e cassiterita também contribui para o aumento populacional. Entre 1960 e 1980, a população cresce quase oito vezes, passando de 70 mil para 500 mil habitantes. Em 1981, Rondônia ganha a condição de estado. O Território Federal de Rondônia foi criado em 13 de setembro de 1943 com o nome de Território do Guaporé, mudando posteriormente, em 17 de fevereiro de 1956 para Território Federal de Rondônia, em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Em 22 de dezembro de 1981 pela lei complementar número 41, foi criado o Estado de Rondônia. É constituído por áreas desmembradas dos Estados do Amazonas e Mato Grosso, com uma superfície de 238.378 Km<sup>2</sup>. Em superfície o Estado de Rondônia representa 7,11 % da área da Região Norte e 3% do Brasil. Ocupa o 12º lugar no Brasil em área geográfica. Possui clima tipo equatorial super-úmido com elevados índices pluviométricos e de umidade 82% ao ano. Tem um período de estio que vai de maio a setembro e um de chuvas que vai de Outubro a Abril. Vegetação constituída pela floresta Amazônica. O regime hidrográfico de enchentes e vazantes relacionados aos períodos de estio e de chuvas, sendo o sistema hidrográfico constituído pelo rio Madeira e seus afluentes. Este rio é importante para a vida econômica do Estado, visto ser a via natural de acesso ao oceano Atlântico e aos mercados das Américas Central e do Norte, da África e da Europa, e internamente na região com seus principais centros comerciais e urbanos. É via natural de exportação e importação. Numerosas vilas, cidades e povoados alinham-se em suas margens, inclusive Porto Velho, Capital. Fica no fuso horário de 4(quatro) horas negativas em relação à hora de Greenwich. Isso representa 01 (uma) hora negativa com relação aos Estados do Sul (horário de Brasília), e uma hora a mais do que o Estado do Acre.

## ROSSI

Homenagem à família Rossi. Uma delas é a família de João Rossi. Oriundo de uma família tradicional de Matão, João Rossi era filho de Davi Rossi e de Adele Bonini. Foi casado com Saide Giglioli. João Rossi exerceu a função de juiz de paz e casamenteiro até o ano de 1980. Retrospectiva da Revista de "A Comarca" de 1981, relatava: Durante 54 anos, João Rossi foi o Juiz de Casamentos do Cartório do Registro Civil de Matão e, vencido pela idade, se aposentava. A família forense local não deixou, entretanto, de lhe prestar significativa homenagem, colocando na Sala de Casamentos uma grande fotografia de Rossi.

## RUGGERO BALDAN

A história da Família Baldan remonta aos primeiros passos que nossa querida Matão deu, enquanto novo horizonte de perspectivas buscado pelas famílias que aqui se instalaram e fizeram de nossa cidade o porto seguro que hoje vivenciamos. A família Baldan, composta de uma linhagem de comerciantes, um dos primeiros a fixar moradia aqui, estabeleceu-se em janeiro de 1928, construindo seu primeiro campo de

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

trabalho num pequeno barracão alugado e coberto de zinco na Avenida Tiradentes, estrutura que até hoje podemos visualizar. Dois anos mais tarde mudou de dependências e nos anos 40, consolidava sua estrutura definitiva. Em 1928 chegaram aqui Narciso e Carillo os dois irmãos mais velhos, depois vieram o Patriarca Pietro e os irmãos Adolfo, Serafim, Pierim e Maria, provenientes de Noale, Veneza. Iniciou a produção de implementos e maquinários para a agricultura pioneira no Brasil (discos para arados e grades). O peixe é símbolo do cristianismo, é homenagem aos homens de fé, que regam a terra com o suor dos seus rostos. Colacionamos abaixo a homenagem feita pela Câmara Municipal de nossa cidade:

*"...Falar do merecimento que reveste a matéria, seria inócuo para não dizer desnecessário, posto que a empresa Baldan Implementos Agrícolas S/A, desde a sua instalação em 1928, vem oferecendo grande contribuição para o nosso Município. Paginando velhos acontecimentos da história de Matão, saltam aos nossos olhos, velhas imagens que manifestam a evidência de uma trajetória de luta, competência, capacidade e desenvolvimento e dentro desse contexto, vem à tona a empresa Baldan, que delineou ao longo de sua vida, um caminho de trabalho, de fé e de perseverança, acreditando sempre no progresso e no desenvolvimento do nosso Município. Somado a essas razões, também é de se considerar que essa homenagem de dar denominação à Avenida onde está instalada a empresa, teve seu início nos idos de 1972, quando o então Prefeito Municipal denominou através do Decreto nº 789, de 26 de outubro de 1972, que a área que abrangia a totalidade da Perimetral Sul teria o nome de Avenida Baldan, ao longo dos seus 3.200 metros. Ocorre que, com o passar dos anos e com o advento da Constituição Federal de 1988, e, por consequência, da Lei Orgânica do Município de Matão, a atribuição de denominar vias e próprios municipais, passou a ser sacramentada através de Lei. Isto posto, o legislador teve oportunidade de fragmentar, através das Leis Municipais nºs 1.918, de 19 de novembro de 1990, e nº 2.177, de 28 de agosto de 1992, a homenagem já sacramentada através do Decreto citado, levando toda a ilustre família Baldan ao constrangimento. Buscamos, com a redação dada através de seu artigo 1º, por nós ora apresentado, somar à denominação instituída através da Lei Municipal nº2.336, de 04 de abril de 1994, um pequeno trecho que vai desde a Avenida Trolezi, até encontrar com a divisa do aeródromo Armando Natalle, para que no futuro não se dê ao mesmo, uma outra denominação..."* Em edição da Revista "A Comarca" do ano de 1982, foi escrito um artigo destinado a contar a história do surgimento de nossas indústrias e a história da Baldan, a mais antiga das fábricas de implementos agrícolas da cidade, foi relembada. Fundada nos anos 20, por Narciso Baldan. Na década de 60 a empresa conheceu uma fantástica explosão, situando-a entre as maiores fábricas de implementos da América. Em 1º de junho de 2003, a Câmara Municipal de Matão concedeu o Título de Honra ao Mérito pelos 75 anos dos produtos Baldan, homenagem que ficou estampada nas páginas da Revista de "A Comarca" do mesmo ano, reportagem que ainda apresentou uma antiga foto da família com os seguintes integrantes: Adolfo, Carillo, Pietro, Narciso, Serafim, Pedro, Oscar, Matilde, Walter, Maria, Vilmer e Elza. A matéria fez uma retrospectiva da família originária de Noale, Província de Veneza, Itália, que desembarcou na década de 20 no Brasil para concretizar um sonho: a Narciso Baldan & Irmãos. Era o primeiro passo para uma das mais modernas produções de máquinas para o preparo do solo e plantio direto/convencional. Mas a história não conta apenas o sucesso e, sim, os momentos de muita dedicação da Família Baldan, que aplicava seu suor na moldagem do ferro e do aço, idealizando as máquinas agrícolas com uma tecnologia inigualável. Os produtos Baldan possuem a tradição que os inclui no seletivo grupo de empresas empenhadas no desenvolvimento do Brasil, desde a inauguração da primeira oficina até a consolidação de um grande patrimônio. Todos esses anos foram construídos com o envolvimento de milhares de pessoas. A Agri-Tillage, empresa que comercializa os produtos Baldan continua essa história com muita alegria e satisfação. Na oportunidade da homenagem foi lançada a revista comemorativa aos 75 anos dos produtos Baldan, com páginas em três idiomas: português, inglês e espanhol. A revista descreve a chegada dos Baldan no Brasil, as primeiras oficinas, inovações, etapas, os meios de transporte, o atual parque fabril, produtos, o primeiro disco fabricado no Brasil, inaugurações, visitas ilustres, comemorações, etc. Repleta de fotos – muitas da família Baldan –, a revista se constitui numa importante fonte de informação sobre o trabalho da Família e dos produtos Baldan até a Agri-Tillage.

## RUI BARBOSA

Ruy Barbosa de Oliveira (Salvador, 5 de novembro de 1849 — Petrópolis, 1º de março de 1923) foi um jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador brasileiro. Nasceu em 1849, na rua dos Capitães, hoje rua Ruy Barbosa, freguesia da Sé, na cidade do Salvador, Bahia. Aos cinco anos, fez seu professor Antônio Gentil Ibirapitanga exclamar: "Este menino de cinco anos de idade, é o maior talento que eu já vi. (...) Em quinze dias aprendeu análise gramatical, a distinguir orações e a conjugar todos os verbos regulares". Em 1861, aos onze anos, quando estudava no Ginásio Baiano de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, fez o mestre declarar a seu pai, João Barbosa: "Seu filho nada mais tem a aprender comigo". Ali, como disse mais tarde, viveu a maior emoção de toda a sua vida, quando recebeu uma medalha de ouro do Arcebispo da Bahia. Em 1864, concluiu o curso ginasial, mas sem idade para entrar

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

na Universidade, passou o ano estudando alemão. No ano seguinte ingressa na Faculdade de Direito de Olinda. Em 1867, adoece de incômodo cerebral. Em 1868 abriga Castro Alves, seu antigo colega no Ginásio Bahiano, em sua casa por alguns dias, em razão do rompimento dele com Eugênia Câmara. Profere o famoso discurso saudando José Bonifácio, o moço. Em 1870, torna-se bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo e retorna à Bahia acometido, novamente, de incômodo cerebral. Em 1871 começa a advogar e estréia no júri. Eis seu testemunho: "Minha estréia na tribuna forense foi, aqui, na Bahia, a desafronta na honra de uma inocente filha do povo contra a lascívia opulenta de um mandão." Em 1872 vêm o jornalismo no Diário da Bahia e a primeira crise amorosa. Brasília era o nome da senhorinha e morava no bairro de Itapagibe. Em 1873 assume a direção do Diário da Bahia e faz conferência no Teatro São João sobre "eleição direta". O pai confessa, numa carta, que "poucos o igualam", que ele "foi aplaudido de um modo que me comoveu", e ainda "dizem-me que é superior a José Bonifácio e sustentam que certamente hoje não se fala melhor do que ele". Em 1876 casa-se com a baiana Maria Augusta Viana Bandeira. Em 1877 é eleito deputado à Assembléia da Bahia. No ano seguinte é eleito deputado à Assembléia da Corte. Em 1881 promove a Réforma Geral do Ensino. Em 1885, no auge da campanha abolicionista, José do Patrocínio escreve: "Deus acendeu um vulcão na cabeça de Ruy Barbosa". Duas semanas antes da abolição, em 30 de abril de 1888, Barbosa vaticina: "A grande transformação aproxima-se de seu termo". Aos 7 de março de 1889 Joaquim Nabuco diz: "Evaristo, na imprensa, fez a Regência e Ruy fará a República". Em 9 de junho de 1889 recusa o convite para integrar o Gabinete Ouro Preto. "Não posso ser membro de um Ministério que não tome por primeira reforma a Federação". Em novembro daquele mesmo ano Benjamin Constant escreve a Ruy: "Seu artigo de hoje, *Plano contra a Pátria*, fez a República e me convenceu da necessidade imediata da revolução". Dias depois, em 15 de novembro de 1889, Barbosa redige o primeiro decreto do governo provisório e é nomeado Ministro da Fazenda. Em 1890 D. Pedro II diz: "Nas trevas que caíram sobre o Brasil, a única luz que alumia, no fundo da nave, é o talento de Ruy Barbosa." Ainda neste ano, lança os decretos de reforma bancária, no qual foi criticado por Ramiro Barcelos, que, anos depois, se penitenciou: "A desgraça da República foi nós, os históricos, não termos compreendido logo a grandeza de Ruy". Elaborava-se o projeto de Constituição em sua casa. Em 1891 é nomeado Primeiro Vice-Chefe do Governo Provisório. Em 1892 abandona a bancada do Senado, depois de feita a justificativa em discurso. Dias mais tarde lança um manifesto à nação no qual diz a famosa frase: "Com a lei, pela lei e dentro da lei; porque fora da lei não há salvação. Eu ousou dizer que este é o programa da República". Em 23 de abril do mesmo ano sobe as escadarias do Supremo Tribunal Federal, sob ameaça de morte, para defender, como patrono voluntário, o *habeas corpus* dos desterrados de Cucui. Em 7 de fevereiro de 1893 volta à Bahia para um encontro consagratório com Manuel Vitorino, ocasião em que fala de sua terra: "Ninho onde cantou Castro Alves, verde ninho murmuroso de eterna poesia". Em setembro do mesmo ano, a Revolta. Refugia-se na Legação do Chile. Sob ameaça de morte, exila-se em Buenos Aires. Ainda em exílio, no ano seguinte Ruy viaja a Londres, de onde escreve as "Cartas da Inglaterra" para o *Jornal do Commercio* a partir de 7 de janeiro de 1895. No ano seguinte produz textos a serviço dos insurrectos de 1893. Escreve na imprensa: "E jornalista é que nasci, jornalista é que eu sou, de jornalista não me hão de demitir enquanto houver imprensa, a imprensa for livre (...)" Em 1897 recusa convite para ser Ministro Plenipotenciário do Brasil na questão da Guiana, feito por Manuel Vitorino, então vice-presidente do governo de Prudente de Moraes. Critica a intervenção militar em Canudos. Torna-se membro fundador da Academia Brasileira de Letras, e recebe de Joaquim Nabuco a seguinte citação, no livro "Minha Formação": "Ruy Barbosa, hoje a mais poderosa máquina cerebral do nosso país" Em 3 de abril de 1902 pública parecer-crítico ao Projeto do Código Civil. Ao final do ano, em 31 de dezembro, lança réplica às observações feitas por Ernesto Carneiro Ribeiro (filólogo, seu antigo mestre na Bahia) A tréplica de Carneiro só veio a público em 1923. Foi a maior polêmica filológica da Língua Portuguesa. Três anos depois se projeta à sua primeira candidatura à presidência, promovida pelo governo baiano contra Hermes da Fonseca – iniciando as primeiras campanhas eleitorais à presidência da história brasileira. Recusa em favor de Afonso Pena. Em junho de 1907, Ruy vai à Conferência de Haia, sendo sua consagração mundial. Sobre isso escreveu W. Stead: "As duas maiores forças pessoais da Conferência foram o Barão de Marschall da Alemanha, e o Dr. Barbosa, do Brasil. Todavia ao acabar a conferência, Dr. Barbosa pesava mais do que o Barão de Marschall". Em 21 de outubro de 1908 discursa em francês na ABL, em recepção a Anatole France. A partir do ano seguinte, e até 1910, inicia a Campanha Civilista. Já em 1911 retorna ao Diário de Notícias. Em junho de 1913 inicia sua segunda candidatura à Presidência pela Convenção Nacional, no Teatro Polietama do Rio de Janeiro: "A maior solenidade popular registrada, até hoje, na história brasileira". Na iminência de perder para Epitácio Pessoa, lança em dezembro o "Manifesto à Nação", renunciando à candidatura. Três anos depois, aos 9 de julho, participa do Centenário de Tucuman. Dias depois, da Conferência na Faculdade de Direito e Ciências Sociais de Buenos Aires e, em 14 de Julho, sobre o "Dever dos Neutros" diante da Grande Guerra. Victorino de La Plaza, presidente da Argentina, após o banquete que ofereceu a Ruy, falou: "Já disse aos meus ministros que, aqui, o Sr. Ruy Barbosa, com credenciais ou sem elas, será considerado sempre o mais legítimo representante do Brasil". Em 1917, durante a Conferência sobre a Guerra, profere: "Ou o gênero humano há de exterminá-la ou ela exterminará o gênero

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

humano". Em 1917 colabora no projeto da Tradução Brasileira. Ocorre em 1918 o Jubileu Cívico. Paul Claudel, ministro da França, entrega-lhe as insígnias de Grande Oficial da Legião de Honra. Recusa convite de Rodrigues Alves para ser Chefe da Delegação Brasileira ao Congresso de Paz, em Paris. Em 1919 concorre pela última vez à Presidência, e, como anteriormente, contra a sua vontade. Promove conferências pelo sertão da Bahia. No ano seguinte, dada a intervenção de Epitácio Pessoa na Bahia, reitera a recusa de representar o Brasil na Liga das Nações feita um ano antes. Em 1921 renuncia à cadeira de Senador de "coração enjoado da política". Participa do Jubileu político ao lado dos moços doutorandos de São Paulo. A Bahia, que ele chamou de "mãe idolatrada", reelege-o senador novamente, e ele diz: "É um ato de obediência, em que abduco da minha liberdade, para me submeter às exigências do meu Estado natal". Recusa o cargo de Juiz Permanente na Corte de Haia (ocupado posteriormente por Epitácio Pessoa). Ainda no mesmo ano, recusa projeto do senador Felix Pacheco para que fosse concedido a Ruy um prêmio nacional em dinheiro, dizendo: "A consciência me atesta não estar eu na altura de galardão tão excepcional". Em julho de 1922 sucumbe a um grave edema pulmonar, com iminência de morte. Meses depois, em fevereiro de 1923, sofre paralisia bulbar. Ruy diz a seu médico: "Doutor, não há mais nada a fazer". Ao 1 de março de 1923 falece em Petrópolis, à tarde, tendo como últimas palavras: "Deus tende compaixão de meus padecimentos".

**Genealogia:** Ruy Barbosa de Oliveira era filho do médico João José Barbosa de Oliveira (1818-1874) e de Dona Maria Adélia Barbosa de Almeida (falecida em 1867). Maria Adélia era prima sobrinha de João José e, graças a isso, Ruy Barbosa era primo neto de seu próprio pai. João José Barbosa de Oliveira era filho de Rodrigo Antônio Barbosa de Oliveira, nascido em Salvador em 1768, e de Maria Soares Simas. Era neto paterno do sargento-mor de ordenanças Antônio Barbosa de Oliveira, natural do Porto (Portugal) e de Ana Maria de Sousa e Castro. Maria Adélia Barbosa de Almeida era filha do major Caetano Vicente de Almeida (falecido em 1857) e de Luisa Clara Joaquina Barbosa de Oliveira (falecida em 1867). Luisa era filha do capitão Antônio Barbosa de Oliveira e de Ignacia Feliciano Joaquina Soares Serpa e era neta paterna do sargento-mor de ordenanças Antônio Barbosa de Oliveira, natural do Porto (Portugal) e de Ana Maria de Sousa e Castro. Quanto à ascendência paterna de Maria Adélia, ver as informações sobre o clã Almeida no Portal Histórico de Alcobaça-Bahia. Os descendentes de Ruy Barbosa com Dona Maria Augusta Viana Bandeira levam o sobrenome "Ruy Barbosa". Em suas primeiras gerações, esta foi uma família de diplomatas, o que ajudou a fortalecer o mito de que a carreira diplomática é transmitida de pai para filho. Entre os descendentes de Ruy Barbosa está a atriz mirim da Rede Globo, sua tetraneta. Marina nasceu no Rio de Janeiro em 1995 e é filha do fotógrafo Paulo Ruy Barbosa e da artista plástica Gioconda Sousa. É neta paterna de Paulo Marcos Saraiva e de Marina Ruy Barbosa, que por sua vez é filha do diplomata e de Yolette Miranda. "O maior coco da Bahia": Logo após sua morte, o jurista baiano João Mangabeira, seu discípulo, fez o discurso em sua homenagem e memória. Aos 5 de novembro de 1924, Otávio Mangabeira, lembrando a data de seu nascimento, fez o seguinte discurso: *"Na data de hoje, Sr.. Presidente, na capital da Bahia, (...) nasceu Ruy Barbosa. (...) Recordando a figura do grande evangelista que com a pena e com a tribuna, irradiando e bramindo, nas vanguardas, a peito aberto, no alto jornalismo de combate, nos comícios populares, nas casas do Parlamento, nos pretórios; nas assembleias internacionais, em toda a parte primus inter pares a eloquência, de mãos dadas com a bravura, robustecida pela abnegação e animada pela fé, não precisou de outras armas, para servir, por mais de meio século construindo, deslumbrando, (...) dominando as opiniões que dirigia, às Letras, ao Direito, à Liberdade. Enriqueceu a língua portuguesa, pela palavra falada e pela escrita, com as mais belas obras de arte. Em Haia e em Buenos Aires, para um auditório que era a humanidade, falou, por idiomas estrangeiros, em alocuções imortais que comoveram o Universo, a linguagem das mais lídmas aspirações humanas. Nunca fraqueou ante a injustiça, ante a ingratidão, ante os revezes. Nunca se acobardou ante o perigo. (aplausos) (...) Construtor, por excelência, da República, foi principalmente na República, franzino e débil no corpo, quão rijo, e forte, e valoroso no espírito, a ponta de platina, impávido a receber e a desviar (...) a eletricidade das tormentas." (...) Feliz do povo que estremeceu a justiça! Feliz do povo que viver no trabalho! Sobre tudo, sr. Presidente, feliz do povo que não perdeu o ideal. (...) Volvamos o nosso espírito pára a tranqüillidade onde repousa o magno sacerdote da nossa democracia, o grande semeador a quem devemos os frutos mais excelentes do nosso liberalismo constitucional. Para que seu fulgor nos ilumine! Para que o seu exemplo nos ampare! (...) Para que desçam, portanto, sobre o coração e a consciência dos que se digladiam no Brasil, ao sol das lutas políticas, a misericórdia, a clemência, as inspirações do Senhor! Para que estremeçamos a Justiça, para que vivamos no Trabalho, para que não percamos o Ideal!"* Última frase: Ruy fez seu testamento político na fórmula de um epitáfio, que ele mesmo escreveu para sua pedra funerária: **Estremeceu a Justiça; viveu no Trabalho; e não perdeu o Ideal.**

### RUTH TOLEDO MALZONI

Nasceu em Matão e Faleceu em Nova York (1987). Foi esposa do Dr. Livio Malzoni. Fez muito por Matão na prática da caridade e no tanto amor dedicado durante sua vida. Menina dotada de uma vivacidade fora

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

do comum, pulando, correndo e brincando sempre, feita mensageira de alegrias aladas. Em 1923 representou a mulher brasileira quando da visita do General Pietro Bagoglio, comandante supremo do Exército Italiano em visita oficial à Matão. Fraterna, humana, caridosa, durante vários anos foi a responsável pela montagem do presepio, armando na Fazenda Primavera, verdadeira jóia religiosa, arrastando uma multidão de católicos. Foi sepultada em São Paulo.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

S

## SALDANHA DA GAMA

Luis Filipe de Saldanha da Gama, almirante brasileiro – Nasceu em Campos- RJ, em 1846. Fez o curso da Academia da Marinha, onde ingressou aos dezesseis anos, sempre galgando postos até alcançar o posto de Contra Almirante sob o comando do almirante Tamandaré, tomou parte na Campanha Cisplatina. Distinguiu-se no assédio e tomada de Paioçandu. Se viu por quatro anos na esquadra em operações contra o Paraguai. Comandou o corpo de marinheiros e se notabilizou como diretor da Escola Naval. Aderindo à Revolta da Armada (1893-1894), dividiu o comando da esquadra com o almirante Custódio de Melo, depois de haver recusado a pasta da Marinha, que lhe fora oferecida por Floriano Peixoto. Principal fundador do Clube Naval, foi seu primeiro presidente. Recebeu condecorações da Campanha Oriental, da Rendição de Uruguaiana e a do Mérito Militar. Além de relatórios e informes, publicou Os Torpedos da Guerra do Paraguai (1873), Estudos Sobre a conservação das madeiras (1875), Planos das fases da guerra do Paraguai (1881), Geografia Física do Brasil (1894), etc. Ferido no combate da Armação (9 de fevereiro de 1894), num choque armado com as forças governistas durante a Revolução Federalista, tombou morto em batalha, em Campo Osório em 1895, nas mãos de Salvador Tambeiro, um oriental comandado pelo caudilho João Francisco.

## SALUSTIANO FERREIRA DOS SANTOS

Filho de Otaviano Ferreira dos Santos e Rosa Maria da Conceição, nascido em 02 de janeiro de 1918. Salustiano foi pai dos seguintes filhos: Jesus, José Aparecido, Nelson, Vera, Antonio José, Maria, José Roberto, Laércio, Samuél e Luci Mara. Exerceu a atividade de trabalhador rural até a data de seu falecimento, ocorrida em 28 de janeiro de 1981, na cidade de Guarantã. Após a sua partida, seus filhos foram muito bem criados pela sua querida esposa aqui na cidade de Matão, sendo que quatro deles são empresários que geram emprego para várias pessoas de nossa cidade.

## SALVADOR T. GALRÃO (Dr.)

Na biografia da Professora Chlorita de Oliveira Penteado Martins encontramos uma referência sobre o Dr. Galrão que sempre atendia os menos favorecidos gratuitamente.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SANDRA ELISA PICCHI COMAR

Nascida em Matão em 04/03/1963, Sandra Elisa Picchi era filha de Nelson Picchi e Elsa Aparecida Maccagnan Picchi. Estudou no Grupo Escolar José Innocêncio da Costa entre os anos de 1970 a 1974 e no Henrique Morato, entre os anos 1975 a 1979. Entre os anos 1980/1981 frequentou a Escola São José, em Ribeirão Preto. No final de 1981, prestou vestibular e entrou no Curso de Direito de Araraquara, cursando dois anos (1982/1983), quando abandonou os estudos para contrair matrimônio com o Dr. Marco Antonio Comar, em 17/12/1983, quando passou a assinar seu nome como Sandra Elisa Picchi Comar. Sandra era uma jovem religiosa que participava ativamente dos eventos da igreja e cantava no coral dirigido pelas irmãs Rosário e Celeste Enge, na Igreja Matriz, onde, além de cantar, também tocava violão. Foi coordenadora do setor onde residia, juntamente com Márcia Ribeiro e ainda encontrava tempo para se dedicar a outro coral, juntamente com Márcia Ribeiro e o Sr. Pedro Tagliavini, figuras que abrilhantavam os encontros. Coração bondoso, alma caridosa, a jovem Sandra foi voluntária por diversas vezes na Campanha da Vacinação contra a Paralisia Infantil de nossa cidade. Sempre que podia, auxiliava famílias carentes, levando alimentos arrecadados para os mais necessitados, além de pão que entregava no Educandário. Após o nascimento de sua filha, retirava seu leite materno, em abundância, para doar ao Hospital que encaminhava para criancinhas que necessitavam. Era muito caridosa e tinha a amizade de todos. Participou ativamente de peças teatrais dirigidas pelo Olavo Picchi, em diversos locais, inclusive no

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Ginásio de Esportes. Apresentou-se em recitais de canto e violão, comandados pela escola das irmãs Rosário e Celeste Enge. Foi também professora substituta, lecionando na Escola Estadual Professora Chlorita de Oliveira Penteado Martins. Sua vida foi ceifada por um acidente em 11/07/1987, quando tinha apenas 24 anos de vida, deixando amigos e familiares inconsoláveis.

## SANTA CRUZ

A chamada Terra de Santa Cruz, Ilha do Brasil, ou mais comumente a Ilha do Brazil, é uma das ilhas míticas do Oceano Atlântico ligadas à tradição brendaniana das terras afortunadas sitas a oeste do continente europeu. A cartografia medieval europeia inclui com grande constância a Ilha do Brazil, a par da Antília, da Ilha de São Brandão, das Sete Cidades e das Ilhas Afortunadas, entre as ilhas que existiriam no mar oceano. A posição e as dimensões da ilha variam de carta para carta, mas a partir de meados do século XIV a ilha começa consistentemente a ser colocada no Atlântico Norte centro-ocidental. A presença desta ilha mítica na cartografia fixa o topônimo em data muito anterior a 1500, a data da descoberta "oficial" das Terras de Santa Cruz, o atual Brasil, e invalida de todo a teoria de que o nome estaria ligado ao vermelho do pau-brasil. Na realidade, àquela data, o Brasil como lugar mítico já estava presente no vocabulário dos povos do ocidente europeu há muitos séculos. A procura da Ilha do Brazil foi uma constante nas navegações renascentistas do Atlântico. Desde o oeste da Irlanda, seu lugar inicial, a posição da suposta ilha migrou para oeste, primeiro para os Açores, onde a atual ilha Terceira aparece por vezes com esta designação e onde, muito antes de 1500, já a península fronteira à cidade de Angra ostentava o nome de Monte Brasil, que ainda hoje mantém. Esta ilha, «erupção do maravilhoso celta», segundo diz a Enciclopédia dos Lugares Mágicos de Portugal de Paulo Pereira, volume 8, Lisboa, 2006, surge na cartografia náutica desde o século XIII. Tem diversos nomes, variantes do nome original e está localizada perto da Irlanda ou no meio do oceano Atlântico. Aparece num mapa da Catalunha de 1325-1330, no mapa de Dulcert de 1339, no mapa dos irmãos Pizagani de 1375-1378, no mapa do cartógrafo veneziano Andrea Bianco de 1436 (onde já se menciona explicitamente o Mar dos Sargaços. Esta ilha surge no mapa atlântico do cartógrafo veneziano Zuane Pizzigano e no mapa anônimo chamado de Weimar, ambos de 1424, com o arquipélago dos Açores, e as ilhas Antília, Satanazes, Saya e Ymana. O historiador português Armando Cortesão sugere uma «hipotética eventualidade do conhecimento tardo-medieval dos Açores, do Atlântico Central, dos arquipélagos das Caraíbas ou Antilhas», bem como do continente americano, pelos portugueses. Tais ilhas aparecem de forma idêntica na carta do cartógrafo genovês Battista Beccario, de 1435 (onde as ilhas lendárias são clara e implicitamente identificadas com os Açores reais na expressão adjunta figurante "ilhas novas ou recentemente descobertas") bem como nas de Bartolomeu Pareto, de 1455, e Gracioso Benincasa, de 1470 e 1482. Como «O'Brasil» é atualmente um nome próprio irlandês; «Hy Bressail» ou «O Brazil» (que significa «Ilha Afortunada»), «Brasil», «Bracil», «Bracir», que são corruptelas da palavra original gaélica. Acompanham-na nos mapas ilhas como a dos Demônios; Avalon, da lenda do rei Artur, ilha de São Brandão, Drogio, Emparedada, Estotiland e Grocelandia. Foi intensamente procurada, inclusive pelo desconcertante Cristóvão Colombo, comenta a Enciclopédia acima citada. Os portugueses foram responsáveis por fixar tal nome a uma terra pois inicialmente denominaram ilha Brasil à ilha que se conhece hoje no arquipélago dos Açores como Ilha Terceira (ainda hoje ali existe um Monte Brasil). Depois que Pedro Álvares Cabral desvendou o continente sul-americano, o atual Brasil foi primeiro chamado Terra de Vera Cruz, depois Mundo Novo e depois ainda Terra dos Papagaios. Não retirou seu nome da madeira avermelhada, mas sim das narrativas míticas que levaram à sua identificação. Pergunta o mesmo autor acima citado: «De resto, porque se chamaria àquela madeira pau-brasil, se a palavra *brasil* não tivesse um significado mítico, ligado com certeza às *brasas*, porque assim o admite a etimologia céltica e germânica?» Mas mesmo após a consagração do nome Brasil para o continente descoberto, a ilha mítica permanece na cartografia, como no mapa de Fernão Vaz Dourado, de 1568. Santa Cruz também é o nome da Paróquia de nossa cidade, nascida em 03 de maio de 1986, criada pelo Bispo Dom Constantino Amstaldem, tendo como seu primeiro vigário o Padre José Luiz Ferrari. A Igreja de Santa Cruz, localizada na Rua Sinharrinha Frota é uma obra arquitetônica idealizada pela grandeza da religiosidade de Matão e durante toda a sua edificação, contou com o apoio de empresários e de inúmeras almas que ajudaram a erigir tão belo templo em nossa cidade. O Dia de Santa Cruz é comemorado em 14 de setembro.

## SANTO NONIS

Casado com Dona Eugênia Carmella, Santo e sua esposa eram imigrantes italianos que vieram para Matão para trabalhar na lavoura. A família que residia no Sítio Santa Egênia, no Município de Matão, teve ainda os filhos: João, Antonio, Vitória, Pedro, Olindo, Maria, Regina, Amábile e Idalina.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## SAUDADE

### CHEGA DE SAUDADE

(Composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes)

Vai minha tristeza e diz a ela que sem ela  
Não pode ser, diz-lhe uma prece  
Que ela regresse, porque eu não posso  
Mais sofrer. Chega de saudade a realidade  
É que sem ela não há paz, não há beleza  
É só tristeza e a melancolia  
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai

Mas se ela voltar, se ela voltar,  
Que coisa linda, que coisa louca,  
Pois há menos peixinhos a nadar no mar  
Do que os beijinhos que eu darei  
Na sua boca, dentro dos meus braços  
Os abraços não de ser, milhões de abraços  
Apertado assim, colado assim, calado assim  
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim  
Que é pra acabar com esse negócio de você viver sem mim,  
Não quero mais esse negócio de você longe de mim...

Quando João Gilberto gravou a célebre 1 minuto e 59 segundos da canção "chega de saudade", em 1958, a nascente bossa nova parecia estar respondendo à hegemonia dos sentimentos dramáticos e da dor-de-cotovelo na música brasileira. A bossa nova preferia cantar os puros momentos presentes. Mas a saudade, combustível da poesia em língua portuguesa desde os tempos de Luís de Camões, continuou acesa. Também é chama eterna do fado português e da música das antigas colônias – Cesária Évora, a dama descalça da canção cabo-verdiana, é a grande interprete da saudade além-mar. O professor Eduardo Lourenço, de 73 anos, dedicou dois livros à interpretação dessa palavra enraizada na alma lusitana. O primeiro deles, "O Labirinto da Saudade", publicado há 20 anos atrás, era um estudo com tintas psicanalíticas. Mas é em "Mitologia da Saudade", o primeiro editado no Brasil, que Lourenço se debruça com mais fervor sobre essa palavra-chave. São nove elegantes ensaios a respeito do imaginário português. Vão de Camões ao sebastianismo, chegando ao século XX. Fernando Pessoa, um poeta refratário ao sentimentalismo, ganha dois textos que falam de tempo e melancolia. O livro tem poucas páginas, mas trata do assunto épico. Para a cultura portuguesa, a saudade pesa tanto quanto a civilização. "No seu berço céltico, o da Galícia e Portugal, a saudade parece modulada pelo ritmo universal do mar", escreveu Lourenço. O "país da saudade" nunca se teria recuperado do fim do apogeu náutico que conheceu entre os séculos XV e XVI. O que ficou foi a saudade de um tempo sepultado, a sensação de perda do bonde da história. Talvez o maior mito relacionado com a palavra saudade seja o de que ela só existe em nossa língua. Eduardo Lourenço mostra como a lenda nasce com o rei Dom Duarte, no século XV. Os românticos do século XIX perpetuaram o mito, mas é possível encontrar o mesmo significado em alemão ("Sehnsucht"), italiano ("Nostalgia"), árabe ("Shauck"), japonês ("Natsukashi") e até macedônio ("Nedôstatok"). Já o tamanho da nostalgia parece fazer a diferença entre Brasil e Portugal – a saudade épica dos portugueses e o sentimento individual, triste e suave que carregamos. "Ainda penso em escrever sobre a saudade brasileira", diz o professor Lourenço, que mora na França e sente saudades "nada trágicas" da terra onde nasceu, São Pedro do Rio Seco, em Almeida, Portugal. Trecho de Mitologia da Saudade: "... Com a saudade, não recuperamos apenas o passado como paraíso; inventamo-lo (...) Mais quixotescos que d. Quixote, os portugueses não dão realmente muita atenção à realidade empírica. Suportam-na, mas não se dobram diante de nenhum desmentido da realidade. Nem mesmo diante da mais irrefutável de todas: a Morte. Na sua ilha-saudade, a um tempo ilha dos mortos e ilha dos amores, como crianças, ignoram a Morte. Ou, noutra versão, ela é-lhes de tal modo substancial ("Morte, irmã coeterna da minha alma") que acabou por se lhes tornar invisível. Ninguém morre no país da saudade. Como nos sonhos..." À primeira vista, pode parecer contraditório que o homem comum tenha a saudade como dor, como nas inúmeras canções brasileiras. Uma dor que, de certa forma, ele gosta e se orgulha de ter. Por outro lado, porém, fica claro, também, que o que faz com que alguém goste de ter saudade é o amor. Só quem ama tem saudade. Saudade é aquela doce lembrança que gostamos de ter. É aquele delicioso pungir de acerbo espinho, no dizer de Almeida Garret. Gostamos de ter saudade, porque é sinal de que temos coração, de que amamos, de que somos normais, de que temos uma sã interioridade. Como é possível gostar de sofrer? Como é

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

possível gostar da dor da saudade? Tomás de Aquino, no século XIII (quando mal havia português e não estava formada a palavra saudade), fez um agudo diagnóstico: a dor, disse ele, é por si contrária ao prazer, mas pode acontecer que um efeito colateral da dor seja deleitável, como quando produz a recordação daquilo (pessoa, terra, etc) que se ama e faz perceber o amor daquilo por cuja ausência nos doemos. E assim, sendo o amor algo deleitável, a dor e tudo quanto provém desse amor também o serão. Pronto, está aí a melhor definição de saudade. Como não poderia deixar de ser, se falamos de saudade e vivemos na Terra da Saudade, terminamos com o Hino Oficial do Município de Matão:

## VALSA SAUDADES DE MATÃO

De Pedro Perches de Aguiar

*Neste mundo eu choro a dor  
Por uma paixão sem fim  
Ninguém conhece a razão  
Porque eu choro  
No mundo assim.*

*Quando lá no céu surgir  
Uma peregrina flor  
Pois todos devem saber  
Que a sorte me tirou  
Foi uma grande dor.*

*Lá no céu, junto a Deus  
Em silêncio minh'alma descansa  
E na terra todos cantam  
Eu lamento minha desventura  
Desta pobre Dor.*

*Ninguém me diz  
Que sofreu tanto assim  
Esta dor que me consome  
Não posso viver.*

*Quero morrer  
Vou partir pra bem longe daqui  
Já que a sorte não quis  
Me fazer feliz.*

Obs: A Lei Orgânica do Município de Matão, em seu Título I (Disposições Preliminares), no Capítulo I (Do Município), traz, no Parágrafo Único, o seguinte texto: "... A Valsa "Saudades de Matão", de autoria de Pedro Perches de Aguiar, Hino Oficial de Matão, deverá ser obrigatoriamente executada em todas as solenidades oficiais do Município..."

## SAULE BORTOLANI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SAVÉRIO PINOTTI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SEBASTIANA A. FERNANDEZ

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SEBASTIANA SCARPINATI DE MORAES

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Nasceu em 14 de julho de 1939, vindo a falecer no dia 04 de julho de 2001. Natural de Catanduva, onde trabalhou na lavoura com seus pais e irmãos. Casou-se em 15 de julho de 1957 com o Sr. Adelino de Moraes, vivendo com o mesmo durante 44 anos. Deste casamento nasceram: Agostinha Aparecida de Moraes, Jesus Benedito de Moraes e Sérgio Leandro de Moraes. A família veio para Matão há 23 anos, sendo uma das primeiras a residirem no Jardim do Bosque. Dona Sebastiana era chamada por todos de Dona Nega. Aos domingos, costumava ir às missas, sempre disposta a ajudar quem precisava sendo uma pessoa muito querida, de alma caridosa. Em dezembro de 2000, Dona Nega adoeceu, permanecendo internada até junho de 2001, quando veio a falecer. Os moradores do Jardim do Bosque que a conheceram sentiram a falta de Dona Nega, bem como seus familiares, esposo, filhos, noras e irmãos. Saudades do exemplo de vida a ser seguido por todos. Sua presença será sempre cultivada, pois quem é amado não morre, apenas muda de endereço. Uma de nossas ruas ostenta a sua história de vida, de forma a reverenciar seus exemplos, sua caridade e sua determinação.

## **SEBASTIANA SILVEIRA DE MENDONÇA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **SEBASTIÃO C. SILVA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **SEBASTIÃO JUNQUEIRA**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## **SEBASTIÃO LIMA**

Natural de Caculé, estado da Bahia, nascido em 23 de abril de 1932. Exerceu várias atividades em Matão: metalúrgico, marceneiro, vendedor ambulante, retireiro e pipoqueiro. Tratava-se de uma pessoa muito comunicativa e querida pela população matonense. Além disso, consta de sua trajetória de vida que foi vereador na cidade de Itaúna do Sul, estado do Paraná. Sebastião faleceu no dia 02 de fevereiro de 1999.

## **SEBASTIÃO PHELPE**

Nasceu no dia 18 de setembro de 1929 em Jaci-SP, onde viveu toda a sua infância. Era o décimo-primeiro filho de Fernando e de Ermelinda Izabel Phelipe, casal que teve doze filhos, sendo 10 homens e 2 mulheres. Na adolescência, mudou-se com a família para a fazenda Cruzeiro, em Guariba-SP, onde trabalhava na lavoura. Aos 20 anos, mudou-se para o Horto Florestal e trabalhou na FEPASA durante 5 anos. Morou também na Fazenda Bento Carlos. Casou-se com Lucia Vicente, no dia 04 de fevereiro de 1954, em Bueno de Andrade, onde nasceu a primeira filha do casal. Do Horto Florestal, transferiu-se para a fazenda Santa Cecília em Motuca. Viveu ali por três anos, durante os quais trabalhou como campeiro. Em 1960, mudou-se para a fazenda Bonfim, trabalhando também como campeiro. Nesta fazenda residiu por 14 anos e, por isso, teve oportunidade de fazer grandes amizades, não só ali, como também em Motuca, Rincão e Guariba. Por ter facilidade em domar cavalos, conheceu pessoas ligadas à companhia de rodeio e entre elas conheceu o saudoso Lolo Chiozzine, na época, morador de Matão. Em 1974, a fazenda Bonfim foi vendida para a Usina São Martinho e, por essa razão, a família Phelipe mudou-se para Matão onde compraram uma casa no Bairro Nova Matão. Por 18 anos trabalhou na Bambozzi como faxineiro e operário de fundição. Neste empresa, fez também grandes amigos. Por precisar trabalhar desde pequeno para ajudar sua família, não teve chance de ir à escola, mas quando teve oportunidade, participou por dois anos do Mobral, onde conseguiu o certificado do primário. Trabalhou ainda por três anos na fábrica de facas Bússola, sendo este o seu último emprego. Com muita luta conseguiu se aposentar em setembro de 1995, mas pouco pode usufruir a tão sonhada aposentadoria, pois faleceu em 28 de janeiro de 1996. Pessoa simples que a todos que conheceram deixou saudades. Em 04 de fevereiro de 1996 iria completar 42 anos de vida conjugal. O casal teve seis filhos: Maria Aparecida, casada com Paulo Maurício, filhos: Lucia Rosana, Paulo César e Natalia Aline; José Carlos, casado com Vera Lúcia Jorge, filhos: Bruno Henrique e Larissa Fernanda; Benedito Donizete, casado com Maria Regina Innocência da Costa, filhos: Eduardo Henrique e Juliana Cristina; Jair Paulo, casado com Maria José Lavezzo, filha: Naiara Fernanda; Antonio, casado com Maria José Urbino: filhos: Antonio e Gabriel; Diva Hermelinda, única filha solteira. Sua história de luta, dignidade e determinação ficaram registradas nas páginas da história de nossa cidade, recebendo a homenagem de ostentar uma das vias públicas de Matão, perpetuando seus exemplos e sua trajetória

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

dentro da sociedade em que viveu.

## SEBASTIÃO VERÍSSIMO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SEGUNDO GATTI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SERAFIM HERMIDA SOARES

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SÉRGIO FELÍCIO DE SOUZA

Em 10 de agosto de 1944 participa da fundação do São Lourenço Atlético Clube, sendo o primeiro tesoureiro da primeira Diretoria. Foi eleito vereador em 1968.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## SERGIPE

Sergipe origina-se do tupi *si'ri ù pe*, que significa "rio dos siris". Mais tarde foi adotado *Cirizipe* ou *Cerigipe*, que significa "ferrão de siri"; nome de um dos cinco caciques que se opuseram ao domínio português. As origens do Estado de Sergipe datam de 1534, quando a divisão do Brasil em capitanias hereditárias integrou o território sergipano à Capitania da Baía de Todos os Santos. Desta época, até conseguir sua autonomia, a região passou por invasões de piratas, expulsão de índios, domínio de holandeses, retomada do governo português, até chegar à província independente. A ausência de portugueses nas terras sergipanas incentivou a invasão de piratas franceses que contrabandeavam pau-brasil. A necessidade de colonização era urgente. Além de bloquear a ação de intrusos, a conquista das terras facilitaria a comunicação com a importante região de Pernambuco. A primeira tentativa de colonização aconteceu em 1575, com os jesuítas, que encontraram forte resistência dos índios. A conquista definitiva aconteceu em 1590, após violentos combates pela posse da terra, resultando no domínio dos índios por parte das tropas portuguesas comandadas por Cristóvão de Barros. Por ordem da Coroa portuguesa Cristóvão de Barros fundou o Arraial de São Cristóvão, sede da capitania, à qual deu o nome de Sergipe Del Rey. Com o crescente povoamento de Sergipe, inicia-se a criação de gado e o plantio de cana-de-açúcar. O gado serviu de base para a economia, mas foi superado pela cana-de-açúcar, cultivada principalmente no Vale do Cotinguiba. O cultivo da cana trouxe os primeiros escravos da África para trabalhar na lavoura. A presença dos holandeses no Brasil, em 1637, deixou marcas em Sergipe. Ao contrário da invasão a Pernambuco, que resultou em conseqüências positivas, em Sergipe foi só destruição. Em São Cristóvão, ocupam e incendiam a cidade, destruindo lavouras, roubando gado, desestruturando toda a vida social e econômica da área. Somente em 1645 as terras são retomadas pelos portugueses e é reiniciado o processo de povoamento e recuperação da economia. Em 1696 foi criada a comarca de Sergipe, separada da Capitania da Bahia. Em seguida, surgem as vilas de Itabaiana, Lagarto, Santa Luzia, Vila Nova do São Francisco e Santo Amaro das Brotas. A autonomia durou pouco, e em 1763 Sergipe foi novamente anexado à Capitania da Bahia. Mas a consciência da capacidade econômica de Sergipe, que era responsável por um terço da produção açucareira baiana, e as constantes intervenções na vida sergipana provocaram vários protestos contra a dependência. Foi então que, em 8 de julho de 1820, Sergipe volta a ser autônomo, elevado por Dom João VI à categoria de Província do Império do Brasil. A prosperidade com a produção e exportação de açúcar leva à transferência, em 1855, da capital São Cristóvão para o povoado de Santo Antônio de Aracaju. A nova capital é uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, com seu traçado geométrico de ruas direcionadas às margens do rio Sergipe. O império declinava e forma-se na cidade de Laranjeiras o Partido Republicano, que em 1889 consegue eleger seus primeiros representantes para o Congresso Federal. Em 1892 é promulgada a primeira Constituição do Estado de Sergipe. Sergipe é tradição e modernidade, ao mesmo tempo. Aracaju, a sua jovem capital, foi projetada em 1855 pelo Engenheiro-militar Pirro, e tem se desenvolvido bastante nos últimos tempos, apresentando ares de modernidade, apesar da falta de uma política urbanística mais consentânea com o disposto no "Estatuto da Cidade". O seu Plano Diretor, aprovado pela Câmara Municipal, em 1999, difere do Projeto encaminhado à Câmara Municipal, em

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

fins de 1996, pelo Poder Executivo, na gestão do atual Senador Almeida Lima, que, se aprovado, traria para a capital sergipana uma política urbanística e ambiental muito mais próxima da realidade e da necessidade de sua gente. O moderno porto de Sergipe tem contribuído satisfatoriamente para o escoamento da produção mineral e industrial, além de atrair exportadores de Estados vizinhos. O turismo cresce a cada dia, mas precisa crescer ainda mais, com a implantação de obras e serviços. As belezas da costa sul de Sergipe, que se estende até Mangue Seco, na divisa com a Bahia, o casario colonial de São Cristóvão e Laranjeiras, o melhor São João do Brasil, o Carnaval fora de época, destacado pela imprensa nacional como um dos melhores do país, o rio São Francisco, com a beleza do seu "canyon", atraem um certo número de turistas, e atrairiam muito mais se houvesse uma melhor política de divulgação turística. O pequeno espaço geográfico de Sergipe nunca foi e jamais será motivo para tornar pequeno o povo sergipano. Povo formado pela miscigenação promovida por europeus, ameríndios e africanos, que juntos "construíram o que temos e constituíram o que somos". Cabe-nos, agora, aperfeiçoar tudo isso. Em Sergipe, "fundem-se tradição e modernidade, sob o fulgor do sol nordestino e sob as bênçãos de Deus". Todavia, não se pode esquecer dos graves problemas sociais que ainda rondam o povo sergipano. Um dia, que se espera não esteja distante, a prática executiva mudará esse quadro. Afinal, a alguns dos filhos de Sergipe não falta e não faltará a coragem necessária para promover as tão esperadas mudanças sociais.

## SERVIDÃO

Na definição do emérito Professor Washington de Barros Monteiro, o instituto jurídico da servidão integra a classificação do direito das coisas, assim chamado pelo complexo de normas reguladoras das relações jurídicas referentes às coisas suscetíveis de apropriação pelo homem. Servidões Prediais, ou mais simplesmente, servidões, são os direitos reais mais antigos, talvez os únicos existentes, ao lado da propriedade, no primitivo "jus civile" dos romanos. Servidão significa uma restrição imposta a um prédio para uso e utilidade de outro prédio, pertencente a proprietário diverso. Para que exista a servidão, devem existir dois prédios distintos: o serviente e o dominante. O primeiro é aquele que sofre as restrições em benefício do segundo. Priva-se o proprietário daquele de certos poderes inerentes ao domínio, em proveito deste. Os proprietários de ambos os prédios têm de ser diferentes, pois, se forem do mesmo dono inexistente a servidão. Conforme diz a regra clássica *nulli res sua servit*, não há servidão sobre a própria coisa. Outra regra é que, em todas as servidões, apenas serve a coisa, não o dono. Essa regra distingue servidão e obrigação, uma vez que o dono do prédio serviente não se obriga à prestação nenhuma apenas assume o encargo de suportar certas limitações instituídas a favor do dominante. Geralmente os prédios serviente e dominante são vizinhos, mas podem deixar de ser, havendo casos em que as restrições vão alcançar prédios separados ou remotos como acontece com a servidão de aqueduto e com a servidão de passagem. Entre várias características apontadas na servidão, a primeira delas é que são elas estabelecidas voluntariamente, por acordo entre os proprietários, ou impostas por lei (servidões legais), devendo, em ambos os casos ser registrada em Cartório de Registro de Imóveis. São direitos reais que incidem sobre bens imóveis e perduram indefinidamente, enquanto subsistirem os prédios vinculados. Mesmo que os imóveis sejam vendidos, subsistem as servidões gravando inalteradamente os imóveis. A servidão de passagem apresentava-se no Direito Romano sob três aspectos: Iter, Actus e Via. O primeiro era o direito de passar a pé, a cavalo ou de carro; o segundo o direito de passar conduzindo carro ou rebanho e o terceiro, mais amplo, incluía os dois primeiros abrangendo o direito de transportar materiais em qualquer espécie de veículo. Hoje, o mesmo acontece. A servidão maior inclui a de menor ônus e a de menor exclui a mais onerosa. Se o dono do prédio dominante tem o direito de passar conduzindo veículos, claro que pode passar a pé, mas se o direito restringe à passagem a pé, não pode fazê-lo de carro. Para a extinção das servidões é necessário o cancelamento de sua transcrição no Registro de Imóveis. Ato que autorizam o cancelamento: renúncia, abertura de estrada fazendo cessar o encravamento e o resgate. As servidões são elementos essenciais na vida social, condição de paz e de cordialidade no trato das relações do importantíssimo fato da vizinhança. Afinal de contas, a vizinhança ocupa o primeiro lugar, depois da amizade. (WASHINGTON DE BARROS MONTEIRO, *Direito das Coisas*, Edit. Saraiva-SP, 2003, 37ª Edição).

## SETE DE SETEMBRO

Em 2 de setembro, as novas ordens vindas de Lisboa chegaram ao Rio de Janeiro. D. Pedro estava em São Paulo, com o objetivo de resolver disputas pelo controle da Junta provincial paulista. A princesa D. Leopoldina e o ministério de José Bonifácio, tomando conhecimento das últimas notícias vindas de Portugal, resolveram enviar as ordens das Cortes, juntamente com cartas da princesa, dos ministros e de sir Chamberlain, representante inglês no Rio de Janeiro. O correio alcançou D. Pedro, no dia sete de setembro de 1822, às margens do riacho do Ipiranga. Ao receber os decretos e a correspondência, proclamou a

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

Independência, retirando de seu chapéu as fitas com as cores vermelha e azul das Cortes portuguesas. Formalizava-se a separação entre Brasil e Portugal. Na visão da historiografia romântica do século XIX o dia sete de setembro foi escolhido para marcar o momento de nossa emancipação política, apesar da Independência ter se concretizado, na realidade, em agosto, com os manifestos de Gonçalves Ledo e José Bonifácio, e com o decreto de D. Pedro declarando inimigas as tropas portuguesas que aqui desembarcassem. A concepção da historiografia romântica - oficial pode ser observada no quadro do pintor Pedro Américo, que retrata o sete de setembro sob uma visão heróica. Nele, D. Pedro, no alto da colina do Ipiranga, envergando uniforme de gala e montando em um belo cavalo, acompanhado de seus dragões erguia a espada e gritava solene: "independência ou morte". A cena, que passou para a História como a imagem oficial e marco simbólico da nossa Independência, não reflete o que ocorreu de fato. No Rio de Janeiro e nas províncias próximas, a Independência foi saudada com entusiasmo. Absolutistas, aristocratas e democratas, que incentivaram o rompimento com as Cortes, acreditavam poder, a partir desse momento, realizar seus projetos políticos. Para os absolutistas, o sete de setembro significava a derrota das forças constitucionalistas em Portugal, que limitavam o absolutismo do rei. Para os democratas, o ato do Ipiranga representava o início de mudanças mais profundas, permitindo a possibilidade de implantação no Brasil de um governo constitucional, em que "a vontade do maior número deve ser a lei de todos". Para os aristocratas, a Independência era a garantia das vantagens conquistadas desde a instalação da Corte no Rio de Janeiro. Apesar da intensa agitação que ocorria no Rio, as populações rurais do interior mantinham-se indiferentes e mal - informadas sobre os acontecimentos. Segundo relatos do naturalista Saint-Hilaire, em suas viagens pelo vale do Paraíba paulista ... "as revoluções que operam em Portugal e no Rio de Janeiro não tiveram a menor influência sobre os habitantes desta zona paulista; ... a mudança de governo não lhes fez mal nem bem, ... A única coisa que compreendem é que o restabelecimento do sistema colonial lhes causaria danos, porque se os portugueses fossem os únicos compradores de seu açúcar e café, não mais venderiam suas mercadorias tão caro quanto agora o fazem." Para compreender o verdadeiro significado histórico da independência do Brasil, levaremos em consideração duas importantes questões: Em primeiro lugar, entender que o 07 de setembro de 1822 não foi um ato isolado do príncipe D. Pedro, e sim um acontecimento que integra o processo de crise do Antigo Sistema Colonial, iniciada com as revoltas de emancipação no final do século XVIII. Ainda é muito comum a memória do estudante associar a independência do Brasil ao quadro de Pedro Américo, "O Grito do Ipiranga", que personifica o acontecimento na figura de D. Pedro. Em segundo lugar, perceber que a independência do Brasil, restringiu-se à esfera política, não alterando em nada a realidade sócio-econômica, que se manteve com as mesmas características do período colonial. Valorizando essas duas questões, faremos uma breve avaliação histórica do processo de independência do Brasil. Desde as últimas décadas do século XVIII assinala-se na América Latina a crise do Antigo Sistema Colonial. No Brasil, essa crise foi marcada pelas rebeliões de emancipação, destacando-se a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana. Foram os primeiros movimentos sociais da história do Brasil a questionar o pacto colonial e assumir um caráter republicano. Era apenas o início do processo de independência política do Brasil, que se estende até 1822 com o "sete de setembro". Esta situação de crise do antigo sistema colonial, era na verdade, parte integrante da decadência do Antigo Regime europeu, debilitado pela Revolução Industrial na Inglaterra e principalmente pela difusão do liberalismo econômico e dos princípios iluministas, que juntos formarão a base ideológica para a Independência dos Estados Unidos (1776) e para a Revolução Francesa (1789). Trata-se de um dos mais importantes movimentos de transição na História, assinalado pela passagem da idade moderna para a contemporânea, representada pela transição do capitalismo comercial para o industrial. A Inconfidência Mineira destacou-se por ter sido o primeiro movimento social republicano-emancipacionista de nossa história. Eis aí sua importância maior, já que em outros aspectos ficou muito a desejar. Sua composição social, por exemplo, marginalizava as camadas mais populares, configurando-se num movimento elitista estendendo-se no máximo às camadas médias da sociedade, como intelectuais, militares, e religiosos. Outros pontos que contribuíram para debilitar o movimento foram a precária articulação militar e a postura regionalista, ou seja, reivindicavam a emancipação e a república para o Brasil e na prática preocupavam-se com problemas locais de Minas Gerais. O mais grave, contudo foi a ausência de uma postura clara que defendesse a abolição da escravatura. O desfecho do movimento foi assinalado quando o governador Visconde de Barbacena suspendeu a derrama -- seria o pretexto para deflagrar a revolta - e esvaziou a conspiração, iniciando prisões acompanhadas de uma verdadeira devassa. Os líderes do movimento foram presos e enviados para o Rio de Janeiro responderam pelo crime de inconfidência (falta de fidelidade ao rei), pelo qual foram condenados. Todos negaram sua participação no movimento, menos Joaquim José da Silva Xavier, o alferes conhecido como Tiradentes, que assumiu a responsabilidade de liderar o movimento. Após decreto de D. Maria I é revogada a pena de morte dos inconfidentes, exceto a de Tiradentes. Alguns tiveram a pena transformada em prisão temporária, outros em prisão perpétua. Cláudio Manuel da Costa morreu na prisão, onde provavelmente foi assassinado. Tiradentes, o de mais baixa condição social, foi o único condenado à morte por enforcamento. Sua cabeça

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

foi cortada e levada para Vila Rica. O corpo foi esquartejado e espalhado pelos caminhos de Minas Gerais (21 de abril de 1789). Era o cruel exemplo que ficava para qualquer outra tentativa de questionar o poder da metrópole. O exemplo parece que não assustou a todos, já que nove anos mais tarde iniciava-se na Bahia a Revolta dos Alfaiates, também chamada de Conjuração Baiana. A influência da loja maçônica "Cavaleiros da Luz" deu um sentido mais intelectual ao movimento que contou também com uma ativa participação de camadas populares como os alfaiates João de Deus e Manuel dos Santos Lira. Eram pretos, mestiços, índios, pobres em geral, além de soldados e religiosos. Justamente por possuir uma composição social mais abrangente com participação popular, a revolta pretendia uma república acompanhada da abolição da escravatura. Controladas pelo governo, as lideranças populares do movimento foram executadas por enforcamento, enquanto que os intelectuais foram absolvidos. Outros movimentos de emancipação também foram controlados, como a Conjuração do Rio de Janeiro em 1794, a Conspiração dos Suaçunas em Pernambuco (1801) e a Revolução Pernambucana de 1817. Esta última, já na época que D. João VI havia se estabelecido no Brasil. Apesar de contidas todas essas rebeliões foram determinantes para o agravamento da crise do colonialismo no Brasil, já que trouxeram pela primeira vez os ideais iluministas e os objetivos republicanos. Se o que define a condição de colônia é o monopólio imposto pela metrópole, em 1808 com a abertura dos portos, o Brasil deixava de ser colônia. O monopólio não mais existia. Rompia-se o pacto colonial e atendia-se assim, os interesses da elite agrária brasileira, acentuando as relações com a Inglaterra, em detrimento das tradicionais relações com Portugal. Esse episódio, que inaugura a política de D. João VI no Brasil, é considerado a primeira medida formal em direção ao "sete de setembro". Há muito Portugal dependia economicamente da Inglaterra. Essa dependência acentua-se com a vinda de D. João VI ao Brasil, que gradualmente deixava de ser colônia de Portugal, para entrar na esfera do domínio britânico. Para Inglaterra industrializada, a independência da América Latina era uma promissora oportunidade de mercados, tanto fornecedores, como consumidores. Com a assinatura dos Tratados de 1810 (Comércio e Navegação e Aliança e Amizade), Portugal perdeu definitivamente o monopólio do comércio brasileiro e o Brasil caiu diretamente na dependência do capitalismo inglês. Em 1820, a burguesia mercantil portuguesa colocou fim ao absolutismo em Portugal com a Revolução do Porto. Implantou-se uma monarquia constitucional, o que deu um caráter liberal ao movimento. Mas, ao mesmo tempo, por tratar-se de uma burguesia mercantil que tomava o poder, essa revolução assume uma postura recolonizadora sobre o Brasil. D. João VI retorna para Portugal e seu filho aproxima-se ainda mais da aristocracia rural brasileira, que sentia-se duplamente ameaçada em seus interesses: a intenção recolonizadora de Portugal e as guerras de independência na América Espanhola, responsáveis pela divisão da região em repúblicas. A aristocracia rural brasileira encaminhou a independência do Brasil com o cuidado de não afetar seus privilégios, representados pelo latifúndio e escravismo. Dessa forma, a independência foi imposta verticalmente, com a preocupação em manter a unidade nacional e conciliar as divergências existentes dentro da própria elite rural, afastando os setores mais baixos da sociedade representados por escravos e trabalhadores pobres em geral. Com a volta de D. João VI para Portugal e as exigências para que também o príncipe regente voltasse, a aristocracia rural passa a viver sob um difícil dilema: conter a recolonização e ao mesmo tempo evitar que a ruptura com Portugal assumisse o caráter revolucionário-republicano que marcava a independência da América Espanhola, o que evidentemente ameaçaria seus privilégios. A maçonaria (reaberta no Rio de Janeiro com a loja maçônica Comércio e Artes) e a imprensa uniram suas forças contra a postura recolonizadora das Cortes. D. Pedro é sondado para ficar no Brasil, pois sua partida poderia representar o esfacelamento do país. Era preciso ganhar o apoio de D. Pedro, em torno do qual se concretizariam os interesses da aristocracia rural brasileira. Um abaixo assinado de oito mil assinaturas foi levado por José Clemente Pereira (presidente do Senado) a D. Pedro em 9 de janeiro de 1822, solicitando sua permanência no Brasil. Cedendo às pressões, D. Pedro decidiu-se: "Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico". É claro que D. Pedro decidiu ficar bem menos pelo povo e bem mais pela aristocracia, que o apoiaria como imperador em troca da futura independência não alterar a realidade sócio-econômica colonial. Contudo, o Dia do Fico era mais um passo para o rompimento definitivo com Portugal. Graças a homens como José Bonifácio de Andrada e Silva (patriarca da independência), Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira e outros, o movimento de independência adquiriu um ritmo surpreendente com o cumprimento, onde as leis portuguesas seriam obedecidas somente com o aval de D. Pedro, que acabou aceitando o título de Defensor Perpétuo do Brasil (13 de maio de 1822), oferecido pela maçonaria e pelo Senado. Em 3 de junho foi convocada uma Assembleia Geral Constituinte e Legislativa e em primeiro de agosto considerou-se inimigas as tropas portuguesas que tentassem desembarcar no Brasil. São Paulo vivia um clima de instabilidade para os irmãos Andradas, pois Martim Francisco (vice-presidente da Junta Governativa de São Paulo) foi forçado a demitir-se, sendo expulso da província. Em Portugal, a reação tornava-se radical, com ameaça de envio de tropas, caso o príncipe não retornasse imediatamente. José Bonifácio transmitiu a decisão portuguesa ao príncipe, juntamente com carta sua e de D. Maria Leopoldina, que ficara no Rio de Janeiro como regente. No dia sete de setembro de 1822 D. Pedro que se encontrava às margens do riacho Ipiranga, em São Paulo, após a leitura das cartas que chegaram em suas mãos, bradou: "É tempo... Independência ou

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

morte... Estamos separados de Portugal".Chegando no Rio de Janeiro (14 de setembro de 1822), D. Pedro foi aclamado Imperador Constitucional do Brasil. Era o início do Império, embora a coroação apenas se realizasse em primeiro de dezembro de 1822. A independência não marcou nenhuma ruptura com o processo de nossa história colonial. As bases sócio-econômicas (trabalho escravo, monocultura e latifúndio), que representavam a manutenção dos privilégios aristocráticos, permaneceram inalteradas. O "sete de setembro" foi apenas a consolidação de uma ruptura política, que já começara 14 anos atrás, com a abertura dos portos.

## SHIZUKO KAVAHARA ("TEREZA KAVAHARA")

Conhecida por todos por Dona Tereza KavaHara nasceu numa pequena província de Kumamoto no Japão, filha de uma família bem humilde e trabalhadora, emigrou para o Brasil por volta dos anos 30, quando ainda tinha apenas 3 anos de idade. Aqui no Brasil sua família reconstituiu a trajetória de vida de diversos imigrantes japoneses que com muita bravura, dedicação e trabalho lançaram suas raízes. Seguindo a tradição japonesa (Miai), Dona Tereza KavaHara conheceu Sr. Jorge KavaHara com o qual contraiu matrimônio. Dessa união teve 7 filhos: 6 homens e uma mulher. O Sr. Jorge, verdureiro como era conhecido, percorria a cidade de Matão inteira vendendo frutas e verduras que de madrugada buscava no Ceasa. Dona Tereza por sua vez, cuidava das crianças e da "quitanda" que tinha em casa. Mulher guerreira e de muita fibra apesar de todas as dificuldades que enfrentou para educar os filhos e garantir-lhes melhores condições de vida jamais perdeu a ternura e o sorriso no rosto, sua marca registrada. Sociável, gostava da convivência com muitos amigos e, afável e generosa, soube conquistar muitos amigos. Com a determinação e seriedade peculiar do povo japonês superou todos os obstáculos e construiu uma família digna e honrada. Sua vida foi uma lição de fé, esperança e determinação.

## SILVINO CAMPI

Nasceu em 10 de fevereiro de 1929, no Distrito de São Lourenço do Turvo, filho de Domingos Campi e de Dona Maria da Conceição Dias. Casado com Dona Zaira Vieira Campi viveu com ela até 1990, tendo formado uma família composta por seus filhos e muitos netos e bisnetos. Sua primeira atividade profissional foi a lavoura até mudar-se para Matão, tendo trabalhado na Citrusuco Paulista como operário, indo posteriormente trabalhar na Organização Agrícola e Técnica Agritec. Em 1979 ingressou na Prefeitura de Matão, onde exerceu a função de trabalhador braçal até 1990, quando veio a falecer. Em todos os lugares onde trabalhou, sempre com zelo e muita responsabilidade, conseguiu formar um número considerável de amigos, pela sua simplicidade, fidelidade e, acima de tudo, pela marcante humildade. Baseado no exemplo que deixou a todos como marido, pai e amigo, seu nome hoje figura em uma via pública de nossa cidade, homenagem justa a quem escreveu parte da história de nossa Terra da Saudade.

## SÍLVIO MOREIRA MELO

Nasceu em Gromogol, estado de Minas Gerais, em 17 de julho de 1911. Conheceu Dona Idalina com que contraiu núpcias e, dessa união foram gerados cinco filhos. Com o falecimento de Dona Idalina, Sílvio escolheu como segunda companheira Dona Maria de Lourdes com quem se casou e teve onze filhos. Trabalhava como lavrador, retirando da terra o sustento para sua numerosa família. Com o passar do tempo, seus filhos passaram a auxiliá-lo nas tarefas do lar e nas jornadas no campo. Em busca de novas perspectivas de vida, Sílvio, apoiado pelos filhos, mudou-se para o estado do Paraná, residindo em várias cidades paranaenses. Em meados da década de 70, o Sr. Sílvio muda-se para Matão com toda a sua família, sob influência de seu filho José Eurípedes, que se encontrava deslumbrado com a grande oferta de trabalho e intenso progresso desta cidade. Registrou-se a felicidade do Sr. Sílvio em ver seus filhos trabalhando nas indústrias metalúrgicas e a gratidão do mesmo para com esta cidade pelo acolhimento e pela prosperidade que era proporcionada à sua família. Destacou-se como sendo um homem de personalidade forte, que amava o certo, o correto, além da honradez, da honestidade e da seriedade que vinham constantemente à tona, dirigindo seus passos e suas decisões. Aos 14 de agosto de 1983, faleceu este homem cheio de virtudes, deixando uma enorme lacuna entre nós. Sílvio Moreira foi um homem de bem que sempre ajudou os seus semelhantes.

## SÍLVIO QUARÉZIMA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## **SÍLVIO TOMASELLI**

Nasceu em Trento, na Áustria, em 16 de junho de 1886. Era filho de Raphael e Elvira Tomaselli. Veio para o Brasil no ano de 1901, para trabalhar com seu pai que já estava radicado em Matão, exercendo a profissão de ourives e relojoeiro. A família Tomaselli foi uma das primeiras famílias de comerciantes a se instalar em nossa cidade. Com a morte de seu pai, tornou-se proprietário da Relojoaria Tomazelli, onde trabalhou cerca de 50 anos. Foi casado com Catharina Nardi Tomaselli, natural de Toscana, Itália e dessa união nasceram duas filhas: Helvira, casada com Américo Marchezzi, e Yolanda, casada com João Cecchetto. Sylvio faleceu em 20 de fevereiro de 1973.

## **SINHARINHA FROTA**

Esposa do Coronel Elias Teixeira Frota, um dos maiores benfeitores do Hospital de Caridade de Matão. Querendo perpetuar em uma obra de beneficência, a memória de sua virtuosa esposa, Dona Sinharinha Frota, há pouco falecida, o Sr. Elias Teixeira da Frota, importante fazendeiro de Matão resolveu construir um pavilhão anexo ao hospital de caridade, destinado as pacientes do sexo feminino (doou 60 contos de réis). O Coronel Elias Teixeira Frota faleceu em 20 de agosto de 1941, com 82 anos.

## **SIQUEIRA CAMPOS**

Antônio de Siqueira Campos nasceu em Rio Claro (SP), em 1898. Militar, concluiu o curso da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, em 1918. Foi um dos líderes, em julho de 1922, da revolta do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, contra o governo federal, que deu início aos levantes tenentistas que marcaram a década de 20 no Brasil. Nessa ocasião, foi gravemente ferido. No ano seguinte, após deixar a prisão em virtude de um habeas-corpus concedido pelo Supremo Tribunal Militar (STM), exilou-se no Uruguai. Dedicou-se, então, às atividades de comerciante em Montevidéu e, posteriormente, em Buenos Aires. Em 1924, retornou clandestinamente ao Brasil e retomou as atividades revolucionárias sublevando uma guarnição do Exército em São Borja (RS). Em seguida, juntou-se ao grupo de rebeldes liderados por Luís Carlos Prestes que haviam se levantado contra o governo em outros pontos do interior gaúcho. Derrotados, seguiram para o Paraná, onde se juntaram às forças que haviam sublevado a capital paulista sob o comando do general Isidoro Dias Lopes e pelo major da Força Pública paulista, Miguel Costa. Da junção desses dois agrupamentos, em abril de 1925, surgiu a Coluna Prestes, que percorreu cerca de 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil em campanha contra o governo de Artur Bernardes. A Coluna dividia-se em quatro destacamentos, cabendo a Siqueira Campos o comando de um deles. Em fevereiro de 1927, após quase dois anos de marcha, os revolucionários resolveram interromper a luta armada e se internaram em território boliviano. Siqueira Campos, em seguida, fixou-se em Buenos Aires, dedicando-se a reagrupar os revolucionários brasileiros exilados na Argentina e no Uruguai. Para solucionar as dificuldades financeiras enfrentadas pelos conspiradores, propôs pedir ajuda à Internacional Comunista, proposta que foi rejeitada pelos demais líderes, inclusive por Prestes. No final da década, realizou algumas viagens clandestinas ao Brasil com o objetivo de aliciar jovens militares para a causa revolucionária. Em 1929, iniciaram-se os entendimentos entre os militares rebeldes e políticos dissidentes que formaram a Aliança Liberal com o objetivo de impedir que Washington Luís fizesse seu sucessor na presidência da República. Apesar das restrições que fazia a uma aliança com representantes das oligarquias que por anos havia combatido, Siqueira Campos foi designado para preparar um levante na capital paulista. Descoberto pela polícia, foi obrigado a fugir. De volta a Buenos Aires, tentou, em vão, convencer Prestes a apoiar o movimento, ainda que concordasse. Em 1929, iniciaram-se os entendimentos entre os militares rebeldes e políticos dissidentes que formaram a Aliança Liberal com o objetivo de impedir que Washington Luís fizesse seu sucessor na presidência da República. Apesar das restrições que fazia a uma aliança com representantes das oligarquias que por anos havia combatido, Siqueira Campos foi designado para preparar um levante na capital paulista. Descoberto pela polícia, foi obrigado a fugir. De volta a Buenos Aires, tentou, em vão, convencer Prestes a apoiar o movimento, ainda que concordasse e com várias das restrições que esse fazia aos membros da Aliança Liberal, incluindo o próprio Getúlio Vargas. Morreu em maio de 1930, antes da revolução ser deflagrada, quando o avião em que retornava ao Brasil caiu nas águas do rio da Prata.

## **SIZENANDO SILVEIRA LEITE**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## SYLVIO DE MATTOS CARVALHO

Nascido em 13 de dezembro de 1913, na Fazenda do Chimbó, em Dobrada, foi filho de Bernardino de Oliveira Carvalho e de Dona Zilda de Mattos Carvalho, antiga família dobradense. Sylvio iniciou seus estudos no Colégio São Luiz em Jaboticabal, concluindo-os no Colégio Diocesano em Campinas. No ano de 1935, graduou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Casou-se no ano de 1939, em Santos, com Dona Inah G. de Mattos Carvalho, com quem teve duas filhas: Yara e Zilda. Em 02 de janeiro de 1941, é um dos nomeados pelo Prefeito José Bartholomeu Ferreira para avaliar o prédio e o terreno, de propriedade do Hospital de Caridade, para fins de desapropriação e da instalação do Ginásio a ser criado. Como a comissão entendeu que o terreno era pequeno, formou-se nova comissão em 14 de março de 1941 que avaliou outro terreno, entre as ruas Cesário Motta e Sinharinha Frota e avenidas Sete de Setembro e Siqueira Campos. Este terreno foi desapropriado em 27 de outubro de 1941. Sylvio foi o primeiro diretor do Ginásio Estadual e Escola Normal de Matão, atualmente conhecida como Escola Técnica, onde lecionou as matérias de História, Ciências e Sociologia. Em 23 de setembro de 1945, Dr. Sylvio faz parte do Diretório da UDN- União Democrática Nacional, antigo PRP. É sorteado para o corpo de jurados da Comarca de Matão em 1956. Neste mesmo ano, Dr. Sylvio de Mattos Carvalho declina do convite de vir a ser candidato à prefeito de Matão, já que seu nome era muito cogitado na época. Foi membro do Conselho Deliberativo do CEMIC- Centro de Estudos do Menor e Integração da Comunidade em 15 de abril de 1968 e, no mesmo ano, eleito Presidente honorário do GLERB- Grêmio Literário e Esportivo Ruy Barbosa. Seu falecimento deu-se em 29 de abril de 1979, devido a problemas cardíacos. O Professor e Advogado Sylvio de Mattos Carvalho, vulto de nossa história, foi um grande educador e orientador durante várias gerações, ministrando aulas em Matão e na vizinha Dobrada, sua terra natal. Paralelamente à sua função de professor, foi um dos primeiros advogados de Matão, em cujo trabalho destacou-se como um profissional que não visava unicamente o lucro, muitas vezes exercendo seus conhecimentos profissionais gratuitamente. O historiador Januário Groppa, oriundo da cidade de Dobrada como o Dr. Sylvio, deixou, em seu livro "Matão de Meu Deus", o seguinte texto sobre o amigo: "... sob os auspícios e tradição da família Carvalho, espigadinho e pronto para os estudos, certamente deixou saudoso sua Dobrada. Estudioso, correto, capaz e revestido com a ombridade secular dos carvalhos, foi chefe de família duma honorabilidade à toda prova, cidadão de elevado conceito social, professor emérito, igual de um lado a outro da sua personalidade marcante e de maneira evidentíssima. Estimado como elemento de confiança, conquistada pelos seus pendores morais e honestidade bárbara..." Pelos relevantes serviços prestados à comunidade, no campo educacional e na área do Direito, o Professor Sylvio teve seu nome perpetuado para sempre na memória do povo matonense, tornando-se patrono da Escola Técnica, recebendo também a honraria de ter seu nome numa das praças de Matão.

## STÉFANO D'AVASSI

Stéfano foi um técnico eletrônico admirado por todos pela sua capacidade e força de vontade que muito colaborou para que Matão fosse a primeira cidade do interior a receber imagens de televisão. Nos anos 60, quando a televisão ainda era um sonho para o interior paulista, Stéfano e Ângelo de Rizo já tinham projeto de implantação da TV Tupy, através do aparelho de TV chamado ABC. Também conhecido como "Fany", foi através de sua persistência que Matão pode acompanhar, nos idos anos 70, o programa Cidade X Cidade entre Matão e Álvares Machado (vencido pela cidade de Álvares Machado por 18x10), transmitido pela TV Tupi. Além disso, foi um incansável colaborador da Paróquia de Matão em todos os seus eventos. Stéfano, falecido no ano de 1970, partiu desta vida ainda moço, mas deixou seus filhos para engrandecer nossa sociedade com exemplos de dignidade e de trabalho.

## SUSANNA KATHARINA PETER

Nascida em 25 de abril de 1856 no reino da Baviera, na Alemanha, migrou para o Brasil em 1867, fixando-se primeiramente em Rio Claro, cidade onde se casou com Wilhelm Peter, na Igreja Luterana, no ano de 1875. Em 1889 o casal fixou suas raízes definitivamente na cidade de Matão, adquirindo uma extensa área de terra delimitada pelo Rio São Lourenço com a Avenida XV de Novembro, grande parte do Bairro Alto e da Vila Guarani, até a estação rodoviária, área de aproximadamente 30 alqueires. Em nosso município o casal explorou o ramo de olaria, cujos tijolos foram utilizados na construção da primeira igreja de Matão. Além disso, alugavam pastagem para os tropeiros da época que transitavam pela região, com a movimentação de cargas, transporte de pessoas, bem como pouso de boiadeiros que conduziam boiadas rumo ao sertão da província de São Paulo, além de atuarem na agricultura e na pecuária. Como pioneiros, participaram da fundação de nosso município sendo inclusive o tronco da árvore genealógica que originou famílias tradicionais em nossa cidade, como, por exemplo, as famílias Bastia, Mastropietro, Nex, Pauli, etc... Após o

## A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

falecimento de seu marido, ocorrido em 1915, Susanna administrou heroicamente o seu patrimônio até o seu falecimento, ocorrido em 15 de setembro de 1934, quando tinha 80 anos de idade. A trajetória de vida desta matonense de coração confunde-se com a própria história de Matão. Ao trilhar o destino que a trouxe da Alemanha, Matão não só recebeu uma filha, mas um casal de propósitos claros, que com o seu trabalho, dignificou todos que viveram na mesma época, lançando um olhar de prosperidade para o futuro da Terra da Saudade e, se hoje, nossa geração colhe tais dádivas é porque muitos personagens, como Susanna, ajudaram na árdua tarefa de preparar os nossos cantinhos.

### **SYLVIA PARDI BUENO**

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# T

## TABATINGA

Tabatinga (tupi): Significa argila branca ou barro branco. É o nome de um município paulista com população de 10.797 habitantes e 443km<sup>2</sup> de extensão que faz divisa com a nossa cidade. No século 19, existiam na região, dois grandes núcleos, as fazendas Sant'Ana e São João das Três Barras, que deram origem ao município. Ganhou autonomia em 18 de dezembro de 1925, separando-se de Ibitinga. Tabatinga e Benjamin Constant originalmente estavam integrados ao Município de São Paulo de Olivença e com a criação do Município de Benjamin Constant, Tabatinga passou a pertencer administrativamente, como subdistrito, a Benjamin até 10 de dezembro de 1981, quando então passou a condição de município, que foi instalado em 1º de fevereiro de 1983. Tabatinga, que já teve a alcunha de "Princesinha da Laranja", hoje é considerada a capital dos bichos de pelúcia. Tabatinga é também o nome de um pico localizado no estado de Roraima, na serra que leva o mesmo nome com 1.000 m de altura e de outro município, localizado no estado do Amazonas, com uma população de 27.943 habitantes e 3.154km<sup>2</sup>, cuja história é contada assim: Vinte anos de emancipação política, trouxeram a cidade desenvolvimento e progresso, quer no campo estrutural quer no campo social, assim como outras conquistas sócio-culturais, mas nem por isso podemos desprezar a rica história que nos antecede. Somos sucessores da próspera nação omagua que habitou originalmente este território. Vários cronistas do século XVI e XVII informam em seus relatos a riqueza e abundância aqui existente, no período pré-colonial. Por conta da insanidade explorativa do conquistador restam apenas os registros destes habitantes, senhores da várzea do Gran Aparia, que compreendida a área do Napo a foz do Jandiatuba. Durante a união ibérica a chegada dos franciscanos espanhóis Domingos de Brieva e Andrés de Toledo a Belém, em uma canoa vindos de Quito, alertou o governo português do Grão-Pará sobre a presença espanhola na Amazônia, fato preponderante para determinar a execução da expedição de Pedro Teixeira, em 1637 que tomou posse dessas terras em nome da coroa portuguesa. Posse esta ratificada em 28 de julho de 1866 pela Comissão de Limites. Posteriormente, o próprio Mal Rondon, ícone do Exército Brasileiro inaugura o marco divisório na margem do Igarapé Santo Antonio, linha divisória Brasil/Colômbia. Para evitar as constantes invasões castelhanas ao território luso, foram erigidos diversos fortes entre eles o de São Francisco Xavier de Tabatinga, fundado em 1776 pelo Sargento-Mor Domingos Franco, ao lado de uma aldeia fundada por Jesuítas, provavelmente em 1710, segundo registrou Antonio Porro em "As crônicas do Rio Amazonas". Esta fortificação dura até 1932 quando as águas do Rio Solimões destroem este quartelamento. E o Forte, portanto, o primeiro marco da presença luso/brasileira neste sítio e origem da atual cidade de Tabatinga. Desde seus primórdios, a ocupação humana em Tabatinga (civil e militar) tem assumido o importante papel de controle e defesa do território brasileiro, particularmente, pela sua localização estratégica. Por isso, em 20 de abril de 1967 é criada a Colônia Militar de Tabatinga, com a finalidade de "nacionalizar as fronteiras do País; criar e fixar núcleos de população; promover o desenvolvimento e manter a segurança da área pela vigilância permanente". A presença missionária também é antiga e, sabe-se que, em Tabatinga, desde o ano de 1873, havia uma igreja de alvenaria, junto ao Forte, dedicada a São Francisco Xavier. Os missionários mantinham uma ótima relação com os oficiais e praças daquele Pelotão Independente, várias vezes ao ano, ali estavam para dar assistência religiosa aos militares e civis. A capela de Nossa Senhora de Nazaré foi construída pelo Revmo. Pe.Frei Silvestre de Pontepattoli juntamente com os militares, quase todos paraenses e devotos de Nossa Senhora. Monsenhor Tomas e Frei Silvestre, acalentavam a idéia da construção de uma capela dedicada aos Santos Anjos no marco brasileiro e, em 1949 o Revmo. Pe.Frei Felipe a construiu a margem esquerda do Rio Solimões. Contar a trajetória dos vinte anos de emancipação é falar sobre a conquista e sonhos realizados, sobre expansão populacional, sobre o fortalecimento das instituições. Desde seus primórdios, a ocupação humana em Tabatinga (civil e militar) tem assumido o importante papel de controle e defesa do território brasileiro, particularmente, pela sua localização estratégica. Por isso, em 20 de abril de 1967 é criada a Colônia Militar de Tabatinga, com a finalidade de "nacionalizar as fronteiras do País; criar e fixar núcleos de população; promover o desenvolvimento e manter a segurança da área pela vigilância permanente". O município de Matão, que faz divisa com a cidade de Tabatinga, homenageou-a com o nome de uma de suas ruas.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## TANCREDO NEVES

Tancredo de Almeida Neves ( São João del-Rei, 4 de março de 1910 – São Paulo, 21 de abril de 1985 ). Foi eleito presidente do Brasil pelo Colégio Eleitoral em 15 de janeiro de 1985, mas não chegou a tomar posse no cargo. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo exercido o cargo de promotor público. Foi casado com Risoleta Guimarães Tolentino, com quem teve três filhos. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. Aécio Neves, atual governador de Minas Gerais, é seu neto. Filho de Francisco de Paula Neves e Antonina de Almeida Neves, transferiu-se para Belo Horizonte após concluir os estudos em sua cidade natal e na capital mineira ingressou na Faculdade de Direito onde, simpatizante da Aliança Liberal que levou Getúlio Vargas ao poder com a eclosão da Revolução de 1930, deu início à sua atividade política. Em 1932 bacharelou-se em Direito pela UFMG e dedicou-se à advocacia em sua cidade natal após uma rápida passagem como promotor. Filiado ao Partido Progressista não pôde viabilizar sua candidatura a deputado estadual em 1934, mas em 1935 foi eleito vereador em São João Del Rey chegando à presidência da Câmara Municipal filiando-se ao Partido Nacionalista Mineiro (PNM) depois de extinto o Partido Progressista. Decretado o Estado Novo em 10 de novembro de 1937 teve extinto o seu mandato de vereador o que o fez retornar à advocacia exercendo por algum tempo a profissão de empresário do setor têxtil. Foi deputado estadual em 1947, deputado federal em 1950. Em 1953, licenciou-se do cargo eletivo e assumiu o cargo de Ministro da Justiça a partir de 25 de junho, entregando o cargo com o suicídio de Vargas semanas após o início da crise política que culminou com o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda e resultou na morte do Major da Aeronáutica Rubem Florentino Vaz. Segundo consta nos arquivos da Fundação Getúlio Vargas Tancredo recebeu das mãos do próprio Getúlio a carta-testamento que seria divulgada por ocasião da morte do político gaúcho. Em 1982 foi eleito Governador de Minas Gerais, renunciando ao governo em 14 de agosto de 1984 para concorrer à Presidência da República, uma vez que começavam os debates sobre a sucessão do presidente João Figueiredo. Nomes fortes já surgiam na época, como o do vice-presidente Aureliano Chaves, do Ministro do Interior Mário Andreazza, do Senador Marco Maciel e do deputado federal Paulo Maluf, todos do PDS. A oposição agiu pedindo o restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República sendo que o primeiro ato dessa campanha ocorreu no município pernambucano de Abreu e Lima em 31 de março de 1983, dia em que o Regime Militar de 1964 completava dezenove anos. Convocada por políticos do PMDB a manifestação havida no Nordeste resultou em manifesto divulgado em São Paulo em 26 de novembro do mesmo ano quando os dez governadores da oposição (nove do PMDB e um do PDT) exigiram o restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República. No dia seguinte um comício pró-Diretas se realizou na capital paulista reunindo dez mil pessoas após uma convocação feita pelo PT, fato que se repetiria entre janeiro e abril de 1984 num evento que passaria à história como o movimento das Diretas-Já, frustrado pela rejeição da emenda Dante de Oliveira em 25 de abril de 1984 apesar da proposta contar com um apoio significativo dentro do próprio PDS, contudo nem mesmo esse fato arrefeceu os debates em torno da questão sucessória. Ciente dos riscos que se avizinhavam em razão de tamanha fragmentação o senador José Sarney propôs a realização de prévias para a escolha do candidato governista, proposta que foi rechaçada pelos malufistas que a interpretaram como uma tentativa de inviabilizar a candidatura de seu líder, fato que levou Sarney a deixar a presidência do PDS e dias depois abandonar o partido, no que foi seguido pelo também senador Jorge Bornhausen. Cerca de dez dias mais tarde os governadores do PMDB e mais Leonel Brizola do PDT anunciavam apoio ao nome de Tancredo Neves como candidato oposicionista na disputa do Colégio Eleitoral ao passo que no PDS houve a retirada dos nomes de Aureliano Chaves e Marco Maciel da disputa, o que deixou Paulo Maluf e Mário Andreazza como postulantes à vaga de candidato, todavia a vitória de Maluf fez com que seus adversários migrassem em peso para a cidadela oposicionista e após um acordo firmado entre o PMDB e a dissidência Frente Liberal do PDS ficou estabelecido que Tancredo Neves teria em José Sarney (recém filiado ao PMDB) seu candidato a vice-presidente. A chapa Tancredo-Sarney foi então oficializada e assim os oposicionistas foram às ruas para defender suas propostas em comícios tão concorridos quanto os da campanha pela Diretas-Já. Saudado como candidato da conciliação, Tancredo Neves foi eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral numa terça-feira, 15 de janeiro de 1985 recebendo 480 votos contra 180 dados a Paulo Maluf e 26 abstenções. Sua vitória foi entusiasticamente recebida pela população e é tida ainda hoje com uma das mais complexas e bem-sucedidas operações políticas na história política do Brasil. Conta-se até que Tancredo vinha silenciosamente trabalhando sua candidatura desde 1983. Tão bem sucedidas foram suas articulações que fizeram com que até mesmo Ulysses Guimarães, o "Senhor Diretas", abdicasse da disputa para apoiá-lo. Sofrendo fortes dores no estômago, durante os dias que antecederam sua posse, Tancredo foi aconselhado por médicos a procurar tratamento, mas temia que os militares mais reacionários se recusassem a passar o poder ao vice-presidente, no caso de um impedimento. Porém, a sua saúde não resistiu e, na véspera da posse (14 de março de 1985), adoeceu com fortes dores abdominais sequenciais

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

durante uma cerimônia religiosa no Santuário Dom Bosco. Foi às pressas internado no Hospital de Base de Brasília. José Sarney assumiu a presidência em 15 de março, aguardando o restabelecimento de Tancredo. Mas, devido às complicações cirúrgicas ocorridas, seu estado de saúde se agravou, e teve de ser transferido em 26 de março para o Hospital das Clínicas de São Paulo. Durante todo o período em que ficou internado, Tancredo sofreu sete cirurgias. No entanto, em 21 de abril (na mesma data e hora da morte do mártir nacional Tiradentes), os aparelhos de circulação e respiração artificial que o mantinham em estado vegetativo são desligados e Tancredo falece vítima de infecção generalizada, aos 75 anos. A morte de Tancredo foi tristemente anunciada pelo seu porta-voz, Antônio Brito. Vinte anos após, o corpo médico do Hospital de Base de Brasília revelou que não divulgou o laudo correto da doença, à época, que não teria sido diverticulite porém um tumor. Embora benigno, o anúncio de um tumor poderia ser interpretado como câncer, causando efeitos imprevisíveis no andamento político no momento. Em seu lugar, assumiu a presidência seu vice José Sarney, encerrando o período de governos militares, apelidado Anos de Chumbo, iniciando com o Golpe de 1964. Mesmo sem nunca ter tomado posse, Tancredo Neves é, por força de lei, elencado entre os ex-presidentes do Brasil. Pela lei 7465, de 21 de abril de 1986, "o cidadão Tancredo de Almeida Neves, eleito e não empossado, por motivo de seu falecimento, figurará na galeria dos que foram ungidos pela Nação brasileira para a Suprema Magistratura, para todos os efeitos legais".

## TAQUARITINGA

*Taquaritinga (tupi): O nome significa taquara fina e branca. Trata-se de uma vegetação que era muito comum na região, principalmente na fazenda de Bernardino José de Sampaio, que doou muitas terras para a instalação dos primeiros habitantes. O nome também quer dizer TA haste, COARA furo e o diminutivo TINGA branco: Tacoaratinga, ou Taquaritinga. Foi fundada em 8 de junho de 1868, como São Sebastião dos Coqueiros. Virou município em 16 de agosto de 1892, com o nome de Ribeirãozinho. Ganhou o atual em 25 de novembro de 1907. Taquaritinga é um município brasileiro do estado de São Paulo. Localiza-se a uma latitude 21°24'22" sul e a uma longitude 48°30'17" oeste, estando a uma altitude de 565 metros. Sua população estimada em 2004 era de 54 704 habitantes. A economia da cidade é baseada na agricultura (Cana de açúcar, laranja, limão, goiaba e outras frutas) e serviços. A cidade possui uma antiga e regionalmente famosa escola de música (Conservatório Santa Cecília), uma escola técnica estadual (ETE) e três faculdades. A mais importante delas, a FATEC, é pública com cursos de tecnologia. A população é formada basicamente por Europeus e descendentes de Italianos, Espanhóis e Portugueses, Afro-descendentes e Japoneses formam uma importante minoria. Nos arquivos da Câmara Municipal de Taquaritinga, há o 1º livro de atas da "Vila de São Sebastião do Ribeirãozinho", de 1892, onde em sua 2ª página consta a seguinte inscrição: "Saiba a posteridade, que este livro do registro de atas da Câmara Municipal da Vila de Ribeirãozinho, a partir da instalação da sua primeira Câmara em 22/12/1892, foi recuperado pelo Secretário interino da Prefeitura José Romanelli, em janeiro de 1935, quando pretendiam incinerá-lo por ser considerado velho e inútil". Felizmente essa atitude do Secretário preservou o registro histórico e documental de nossas origens e hoje, 58 anos depois, nos auxilia a compreender os acontecimentos de um século atrás na antiga Vila São Sebastião do Ribeirãozinho - hoje Taquaritinga. Mas muito de nossa história deve ter sido consumida pelo fogo do desprezo à memória. Quanto? O que resta? Essa resposta, esse resgate, somente o compromisso, o "mergulho" na história, a pesquisa metódica poderá devolver e responder sobre o nosso passado. E este livro do Prof. Arnaldo Ruy Pastore representa exatamente isto, este primeiro passo de voltarmos ao passado para resgatá-lo e assim entendermos as raízes do nosso presente e da projeção do futuro melhor que haveremos juntos de construí-lo. Sobre o autor maiores referências são dispensáveis, porque ele próprio é a referência da historiografia da cidade. A exemplo do cidadão Romanelli, o Prof. Arnaldo Ruy Pastore tomou a si a responsabilidade do registro da memória histórica de Taquaritinga, certamente sabedor que mais importante que o conhecimento é a nobreza de sua transmissão. E isso ele tem feito ao longo de sua vida, como agora, percorrendo nossas escolas e ensinando aos nossos estudantes os "marcos registrados" em 109 anos de nossa história, que com a caneta ou o suor no rosto, nos auxiliam na longa travessia de mais um século de história. Os doadores das terras (64 alqueires) de Taquaritinga foram: Bernardino José de Sampaio e sua Senhora Francisca Olegária da Silva, Antonio Paes de Camargo e sua Senhora Maria Antonia de Ataíde, Manoel Luiz de Souza e sua Senhora Ana Rita de Faria, José Joaquim Esteves e sua Senhora Maria Umbelina de Jesus, Joaquim Pedro da Fonseca e sua Senhora Rita Pereira Guimarães, Joaquim Pereira da Costa e sua Senhora Emerécia Anacletá de Jesus, Isaias Joaquim de Santana e sua Senhora Francisca Maria de Jesus, dona Joaquina Maria do Espírito Santo, dona Gertrudes Florinda de Castro, João Ferreira da Costa, Joaquim Alves da Silva Leite e sua esposa Ana Luiza de Jesus. Foram Fundadores de Taquaritinga: Bernardino José de Sampaio, Sebastião Domingues da Silva, José Domingues da Silva, Adrelino Domingues da Silva, Bento Soares de Camargo e outros. Em 8 de junho de 1868, deu-se a doação das terras de São Sebastião dos Coqueiros. A lei n. 99, de 16 de março de 1880, cria o Distrito de*

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

*Ribeirãozinho. Por decreto datado de 25 de julho de 1892, é criada a vila de São Sebastião do Ribeirãozinho. A lei estadual nº 60, de 16 de agosto de 1892, cria o município de Ribeirãozinho, sendo que a primeira Câmara Municipal se instalou em 22 de dezembro de 1892, constituída dos seguintes vereadores: Bernardino José de Sampaio (Presidente), Maximiliano Antonio de Moraes, Joaquim Corrêa de Freitas, Rafael Aiêlo e José Camilo de Camargo (1º Intendente). A Paróquia de São Sebastião foi criada em 1897, sendo, então, Vigário o Pe. Vicente Ruffo. A lei estadual nº 1.038, de 19 de dezembro de 1906, eleva a sede do município à categoria de Cidade. A lei estadual nº 1.102-A, de 25 de novembro de 1907, cria a Comarca de Taquaritinga, cuja instalação ocorreu em 4 de fevereiro de 1908, sendo o senhor Antonio de Paiva Azevedo o 1º Juiz de Direito. A situação do município é NNO, em relação à Capital do Estado. Taquaritinga se limita ao Norte - Jaboticabal e Monte Alto; Oeste - Guariba; Sudeste - Santa Ernestina e Dobrada; Sul - Matão; Sudoeste - Itápolis e Noroeste - Fernando Prestes e Cândido Rodrigues. O município conta com 582 quilômetros quadrados, sendo de 330 quilômetros quadrados a área do Distrito-Sede, Área Habitável = 530 km<sup>2</sup> e Área Urbana = 28,83 km. Os terrenos de Taquaritinga datam da era mesozóica. E o chamado Arenito Bauru que corresponde ao período cretácio. Quanto à topografia é ondulada. A altitude da sede é de 532 metros. Latitude-S 21° 24' 44". Longitude - O 48° 29' 53". O clima é ameno e a temperatura oscila entre 20.°C. a 26.°C. A queda pluviométrica anual é de 1,78 m. Patm. = 712 mmHg. Destacam-se as serras: Jaboticabal e Monte Alto. "Monte de Broa" (ponto mais Alto) com 718 m de altitude. Os principais cursos d'água são Ribeirão dos Porcos, Ribeirão Dobrada, Ribeirão Jurema, Córrego Guariroba, Córrego Rico e Ribeirãozinho que atravessa a parte Sudeste do Distrito-Sede.*

## TEREZINHA RIBEIRO DE FREITAS BARBOSA

Nasceu no dia 09 de fevereiro de 1938, na cidade de Miguelópolis. Mudou-se para Matão em 1980, juntamente com quatro filhos: Clóvis Roberto, Maria Aparecida, Amarildo Donizete (vereador por duas legislaturas -1997/2000 e 2001/2004- atual suplente na vereança), e Marcos. Dona Terezinha era evangélica da Igreja Congregação Cristã do Brasil, morando por vários anos da Vila Santa Cruz. Viúva ainda muito jovem se desdobrou para criar os seus filhos, sendo sempre um exemplo de dedicação e bondade. Faleceu no dia 30 de janeiro de 1988, deixando um grande exemplo de fé, coragem e determinação a quem teve o privilégio de conhece-la. A homenagem prestada à Terezinha Ribeiro de Freitas Barbosa foi a forma encontrada para selar o agradecimento de toda a comunidade matonense às mães que não se acomodam diante das dificuldades impostas pela vida, vencendo barreiras, sustentando suas famílias e fazendo de seus filhos cidadãos dignos de pertencer à nossa comunidade. Muitas mães, da lavra de Dona Terezinha, fincaram os pés em Matão e, com o suor de seus rostos, com o amor interminável e com inúmeros exemplos de perseverança, determinação e fé, nos deram homens e mulheres honrados, multiplicando a sua história e enaltecendo todas as suas gerações.

## TERIGI BASTIA

Oriundo de tradicional família de comerciantes instaladas em nossa cidade, faleceu com 93 anos, dos quais mais de 80 vividos em Matão, plantando e tratando o café e ajudando a bater os primeiros tijolos das primitivas construções. Foi casado com Dona Felisbinia Peter Bastia com quem teve os filhos: Velia, Constantino, Djalma, Vilmeira, Íris, Leônidas, Horácia, Fany, Dolores, Marcengo, Clito e Dolly. Lídimo colaborador da fundação de Matão. Sua família foi comerciante no Bairro Alto. Foi revisor das contas da comissão de compilação do estatuto do Societá Stella D'Itália, no ano de 1938. Pessoa de caráter nobre e incapaz do mal ao próximo, intangível personalidade. Seu filho, o Dr. Leônidas Calígola Bastia, além de renomado médico de família, foi ainda Prefeito de nossa cidade no período de 01/01/1948 a 31/12/1951, eleito através de voto direto, após 17 anos de prefeitos nomeados.

## THEÓPHILO DIAS DE TOLEDO

Se hoje podemos retroceder no tempo para rememorar os fatos históricos de nossa cidade, muito devemos ao seu fundador de fato e de direito, o Capitão Theóphilo Dias de Toledo. Foi ele quem propôs o levantamento da Capela e do cemitério da futura cidade de Matão. Juntamente com o seu irmão Mathias e na companhia de Antonio da Silveira Leite, de Innocêncio Antonio da Costa, de Joaquim Gabriel de Carvalho e de José Hipólito Fernandes, todos moradores nas fazendas que pertenciam a Jaboticabal, Theophilo lançou a idéia de edificar uma cidade, convocando a primeira reunião entre os principais moradores da região, resolvendo que tal edificação se daria sob o patrocínio do Senhor Bom Jesus. Formou-se a comissão que adquiriu de Innocêncio Antonio da Costa 10 alqueires de terra. Theophilo foi o tesoureiro desta comissão e os quarteirões da área adquirida foram divididos em datas. Criada a Paróquia

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

do Distrito de Paz, o território desligou-se de Jaboticabal, passando a fazer parte da cidade de Araraquara. Além disso, Theophilo foi um dos primeiros vereadores eleitos na instalação da Comarca, no ano de 1902, tornando-se o primeiro Presidente da Câmara Municipal de Matão. Antes disso, foi Intendente do Município no período de 07/10/1899 a 18/08/1900. O desprendimento e a coragem de Theophilo, ficou mais uma vez gravada nos anais de nossa história quando resolveu ser voluntário na revolução de 1930, demonstrando seu idealismo em servir à comunidade. Em 1965, integra o conselho deliberativo da CEM – Centro de Estudos do Menor que logo depois teve o nome alterado para CEMIC. Faleceu a bordo de um navio que viajava para Suíça, sendo sepultado em Tenerife, nas Ilhas Canárias (África).

## THOMÁZ SPINELLI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## TIRADENTES

Vamos contar a vida deste importante personagem da História do Brasil, sua luta pela independência do Brasil, o movimento da Inconfidência Mineira, morte de Tiradentes. O nome do líder da Inconfidência Mineira era Joaquim José da Silva Xavier. Nasceu na Vila de São José del Rei (atual cidade mineira de Tiradentes) em 1746, porém foi criado na cidade de Vila Rica (atual Ouro Preto). Exerceu diversos trabalhos entre eles minerador e tropeiro. Tiradentes também foi alferes, fazendo parte do regimento militar dos Dragões de Minas Gerais. Junto com vários integrantes da aristocracia mineira, entre eles poetas e advogados, começa a fazer parte do movimento dos inconfidentes mineiros, cujo objetivo principal era conquistar a independência do Brasil. Tiradentes era um excelente comunicador e orador. Sua capacidade de organização e liderança fez com que fosse o escolhido para liderar a Inconfidência Mineira. Em 1789, após ser delatado por Joaquim Silvério dos Reis, o movimento foi descoberto e interrompido pelas tropas oficiais. Os inconfidentes foram julgados em 1792. Alguns filhos da aristocracia ganharam penas mais brandas como, por exemplo, o açoite em praça pública ou o degredo. Tiradentes, com poucas influências econômicas e políticas, foi condenado à forca. Foi executado em 21 de abril de 1792. Partes do seu corpo foram expostas em postes na estrada que ligava o Rio de Janeiro a Minas Gerais. Sua casa foi queimada e seus bens confiscados. Conclusão: Tiradentes pode ser considerado um herói nacional. Lutou pela independência do Brasil, num período em que nosso país sofria o domínio e a exploração de Portugal. O Brasil não tinha uma constituição nem direitos de desenvolver indústrias em seu território e o povo sofria com os altos impostos cobrados pela metrópole. Nas regiões mineradoras, o quinto (imposto pago sobre o ouro) e a derrama causavam revolta na população. O movimento da Inconfidência Mineira, liderado por Tiradentes, pretendia transformar o Brasil numa república independente de Portugal. Foi um dentista prático, tropeiro, minerador, comerciante, militar e ativista político. Nascido numa roça no distrito de Pombal, próxima ao arraial de Santa Rita do Rio Abaixo, à época território do município de São João del Rei (atual Tiradentes), em Minas Gerais. Tiradentes era filho do português Domingos da Silva Santos, proprietário rural, e da brasileira Maria Antônia da Encarnação Xavier, o quarto dos sete irmãos. Em 1755 após o falecimento de Maria Antônia, segue junto com seu pai e irmãos para Vila São José, dois anos depois, estando agora com onze anos (1757) morre seu pai. Não fez estudos regulares e ficou sob a tutela de um padrinho, que era cirurgião. Trabalhou como mascate e minerador e tornou-se sócio de uma botica de assistência à pobreza na ponte do Rosário, em Vila Rica, e se dedicou também às práticas farmacêuticas e ao exercício da profissão de dentista, o que lhe valeu o cognome Tiradentes. Com os conhecimentos que adquirira no trabalho de mineração, tornou-se técnico em reconhecimento de terrenos e na exploração dos seus recursos, começou a trabalhar para o governo no reconhecimento e levantamento do sertão brasileiro. Em 1780 alistou-se na tropa da capitania de Minas Gerais, em 1781 foi nomeado pela rainha Maria I, comandante da patrulha do Caminho Novo, estrada que conduzia ao Rio de Janeiro, que tinha a função de garantir o transporte do ouro e dos diamantes extraídos da capitania. Nesse período, começou a criticar a exploração do Brasil pela metrópole, que ficava evidente quando se confrontava o volume de riquezas tomadas pelos portugueses e a pobreza em que o povo permanecia. Insatisfeito por não conseguir promoção na carreira militar, alcançando apenas o posto de alferes, pediu licença da cavalaria. Morou por volta de um ano na capital, período em que desenvolveu projetos de vulto como a canalização dos rios Andaraí e Maracanã para melhoria do abastecimento de água do Rio de Janeiro, porém não obteve deferimento dos seus pedidos para execução das obras. Esse desprezo fez com que aumentasse seu desejo de liberdade para a colônia. De volta a Minas Gerais, começou a pregar em Vila Rica e arredores, a favor da independência do Brasil. Organizou um movimento aliado a integrantes do clero e pessoas de certa projeção social, como Cláudio Manuel da Costa, antigo secretário de governo, Tomás Antonio Gonzaga, ex-ouvidor da Comarca e Inácio José de Alvarenga Peixoto, minerador. O movimento ganhou reforço

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

ideológico com a independência das colônias americanas e a formação dos Estados Unidos. Fatores regionais e econômicos contribuíram também para a articulação da conspiração de Minas Gerais, pois na capitania começara a declinar a mineração do ouro. Os moradores já não conseguiam cumprir o pagamento anual de cem arrobas de ouro destinado à Real Fazenda, motivo pelo qual aderiram à propaganda contra a ordem estabelecida. O sentimento de revolta atingiu o máximo com a decretação da derrama, uma cobrança forçada de 538 arrobas de ouro em impostos atrasados (desde 1762), a ser executada pelo novo governador de Minas Gerais, Luis Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena. O movimento se iniciaria na noite da Insurreição: os líderes da inconfidência sairiam às ruas de Vila Rica dando vivas à república, com o que ganhariam a imediata adesão da população. Porém, antes que a conspiração se transformasse em revolução, foi delatada pelos portugueses: coronel Joaquim Silvério dos Reis, tenente-coronel Basílio de Brito Malheiro do Lago e o açoriano Inácio Correia de Pamplona, em troca do perdão de suas dívidas com a Fazenda Real. E assim, o visconde de Barbacena suspendeu a derrama e ordenou a prisão dos conjurados (1789). Avisado o inconfidente escondeu-se na casa de um amigo no Rio de Janeiro, porém foi descoberto por Joaquim Silvério dos Reis (que mais tarde, por sua delação, dentre outras coisas, receberia da coroa o título de Fidalgo) que sabia de seu paradeiro, já que o acompanhara em sua fuga a mando de Barbacena. Entre os inconfidentes, destacaram-se os padres Carlos Correia de Toledo e Melo, José de Oliveira Rolim e Manuel Rodrigues da Costa; o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, os coronéis Domingos de Abreu e Joaquim Silvério dos Reis (um dos delatores do movimento); os poetas Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Tomás Antonio Gonzaga. Os principais planos dos inconfidentes eram de estabelecer um governo independente de Portugal, criar uma universidade em Vila Rica, criar indústrias e fazer de São João Del-Rei a nova sede da capitania. Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, era provavelmente o participante da conspiração de menor posição social (era alferes e dentista prático). No entanto, foi o único a assumir a responsabilidade pelo movimento. Negando a princípio sua participação, assumiu posteriormente toda a responsabilidade pela Inconfidência, inocentando seus companheiros. Presos, todos os inconfidentes aguardaram durante três anos pela finalização do processo, alguns foram condenados à morte e outros ao degredo, posteriormente, a mando da Rainha Dona Maria I, todas as sentenças foram alteradas para degredo, com exceção apenas para Tiradentes, que permaneceu com a sentença de execução. E assim, numa manhã de sábado, 21 de abril de 1792, Tiradentes percorreu em procissão as ruas engalanadas do centro da cidade do Rio de Janeiro, no trajeto entre a cadeia pública e o largo da Lampadosa, atual praça Tiradentes, onde fora armado o patíbulo. Executado e esquartejado, com seu sangue lavrou-se a certidão de que estava cumprida a sentença, e foi declarada infame sua memória. Sua cabeça foi erguida em um poste em Vila Rica, os restos mortais foram distribuídos ao longo do Caminho Novo: Cebolas, Varginha do Lourenço, Barbacena e Queluz, antiga Carijós, lugares onde fizera seus discursos revolucionários, arrasaram a casa em que morava e declararam infames os seus descendentes. Tiradentes permaneceu, após a Independência do Brasil, uma personalidade da história relativamente obscura dado o fato de que, durante o Império, os dois monarcas, D. Pedro I e D. Pedro II, pertenciam à linha masculina da Casa de Bragança, sendo, respectivamente, neto e bisneto de D. Maria I, que havia emitido a sentença de morte de Tiradentes. Foi a República - ou mais exatamente, os ideólogos positivistas que presidiram à sua fundação - que buscaram na figura de Tiradentes uma personificação da identidade republicana do Brasil, mitificando a sua biografia. Daí a sua iconografia tradicional, de barba e camisolão, à beira do cadafalso, vagamente assemelhada a Jesus Cristo e, obviamente, desprovida de verossimilhança. Como militar, o máximo que Tiradentes poder-se-ia permitir era um discreto bigode. Na prisão, onde passou os últimos três anos de sua vida, os detentos eram obrigados a fazer a barba. Alguns dizem que Tiradentes teria sido enforcado com a barba feita e o cabelo raspado. Tiradentes nunca se casou, mas teve dois filhos, João com a mulata Eugênia Joaquina da Silva e Joaquina, com a ruiva Antonia Maria do Espírito Santo, que vivia em Vila Rica. Tiradentes é considerado atualmente Patrono Cívico do Brasil, sendo a data de sua morte (21 de abril) feriado nacional.

## TITO BURINI

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## TOLEDO MALTA

A biografia do Deputado Estadual Dr. Francisco de Toledo Malta ficou gravada na história de Matão, sendo um incansável defensor da instalação do nosso Município. A pesquisa em torno da sua biografia foi muito árdua. Encontramos, como já nos referimos anteriormente, "fragmentos biográficos" que contam que, ferramentas utilizadas na inauguração da Estrada de Ferro Santos-Jundiáí (SPR Railway), em 1860, estariam expostas no hall de entrada do Museu Paulista. A peça maior, um carrinho-de-mão, em jacarandá brasileiro e ornamentos de prata inglesa, utilizado por pedreiros e uma peça menor, uma pá especial, simbólica, também em prata e jacarandá. A pá tem em uma das faces o brasão do Império do Brasil e do

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

lado oposto, a inscrição: "...A Província de São Paulo, por ocasião da inauguração dos trabalhos da Estrada de Ferro Santos a Jundiáhy, no dia 15 de maio de 1860, respectivamente oferecem os empresários Roberto Sharpe e Filhos...". Estas peças foram encaminhadas ao Museu Paulista em 1902, pelo Dr. Francisco de Toledo Malta, então Secretário dos Negócios da Fazenda do Estado de São Paulo. Tal solenidade representou a parceria comercial entre Brasil e Inglaterra.

## TORINO

Turim (*Torino* em italiano) é uma comuna italiana, capital e maior cidade da região do Piemonte, província de Turim, com cerca de 908.000 habitantes. Estende-se por uma área de 130km<sup>2</sup>, tendo uma densidade populacional de 6596 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Venaria Reale, Settimo Torinese, Borgaro Torinese, San Mauro Torinese, Colegnò, Rivoli, Baldissero Torinese, Grugliasco, Pino Torinese, Orbassano, Pecetto Torinese, Beinasco, Moncalieri e Nichelino. Foi a capital de Itália entre 1861 e 1865. É em Turim que se encontra o Santo Sudário. Foi sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2006. Turim está localizada no noroeste da Itália. É cercada a oeste e norte pelos Alpes e no sul pelas montanhas de Monferrato. Três grandes rios passam pela cidade: o Pó e dois de seus tributários, o Dono Riparia (do celta *duria*, água, mais tarde alterado para "Duria Minor" pelos romanos) e o Stura di Lanzo e Sangone. A cidade de Turim cresceu em torno de 0,88% durante os últimos três anos, que foi atribuído a uma taxa de nascimento baixa, contribuindo para o envelhecimento da população. Cerca de 16,4% da população possui menos de 14 anos de idade, enquanto aqueles em idade de aposentadoria são 18,8%. A cidade viu um crescimento no número de imigrantes, incluindo as áreas suburbanas. A população continua na maioria italiana (96,1%), mas há grupos significantes de outras nacionalidades. É uma cidade mágica, considerada a capital da indústria italiana (a fábrica da Fiat está instalada lá), uma das maiores empresas automobilísticas do mundo e também um dos maiores pontos turísticos da Itália. Na catedral da cidade de Torino, fica guardado o Santo Sudário, o antigo lençol de linho que segundo a tradição envolveu o corpo de Cristo quando este foi tirado da cruz. Em Torino localiza-se o Museu Egípcio, que possui um acervo extraordinário de arte do Antigo Egito e a galeria de Savoy, rica em trabalhos artísticos de importantes artistas europeus. Em Torino há obras monumentais que provam o papel importante que Piedmont teve na história italiana durante os últimos séculos, como a Casa de Savoy (dinastia que reinou na Itália até 1946) e a primeira capital do Reino Italiano: o Palácio Real, o Palácio Madama, a Missa de Antonelliana, o palacete real de Stupinigi. O cenário natural é esplendoroso e diversificado: vales, montanhas (os famosos "langhes", onde muitas histórias de Caesar Pavese e Beppe Fenoglio são desenvolvidas, famosos escritores de Piedmont), lagos (Mayor, Orta, Viverone), o parque nacional de Valgrande. Suas tradições culinárias e de vinho são ricas e prestigiosas (alguns dos melhores vinhos italianos são produzidos em Piedmont). O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

## TRABALHADOR (Rodovia dos Trabalhadores)

Trabalhador é aquele que trabalha, ativo, laborioso. Indivíduo que trabalha e sobre o qual se aplicam as leis do direito do trabalho. Empregado, operário, funcionário, trabalhador autônomo, aquele que presta serviços sem vínculo empregatício. Trabalho vem do latim *tripalium*, instrumento de tortura composto de três paus, da idéia de sofrer, passou-se à de esforçar-se, lutar e, enfim, trabalhar. Atividade humana aplicada à produção, à criação, ao entretenimento: trabalho manual, intelectual. É o produto da atividade profissional, regular e remunerada: viver do seu trabalho. Significa uma tarefa a ser executada, serviço, tarefa, obrigação. A economia classifica como um processo de uso da força de trabalho, o dispêndio de energias físicas e mentais por um indivíduo para produzir um valor de uso ou um valor de troca. Tal conceito foi elaborado por Adam Smith e desenvolvido por Ricardo Maltus e Marx. O trabalho é uma condição imanente à existência da espécie humana e, desde suas formas mais rudimentares, está relacionado com o desenvolvimento de técnicas e caracterizado pela divisão do trabalho. Era exercido de forma coletivista e solidária nas sociedades tribais. Depois, com as peculiaridades próprias às diversas sociedades e épocas históricas, assumiu as formas de escravidão, servidão e trabalho assalariado. Enquanto no escravismo e no

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

feudalismo o trabalho sofria uma coerção extra-econômica, sancionada pela lei, no capitalismo o trabalhador sofre uma coerção puramente econômica, pois é juridicamente livre para contratar com um empresário a venda de sua força de trabalho por um prazo determinado. Com a Revolução Industrial, surgiu o moderno proletariado, que criou os sindicatos e impôs limitações crescentes ao liberalismo no âmbito das relações trabalhistas. Surgiram também os movimentos políticos inspirados pelo comunismo e pelo marxismo, ligados aos trabalhadores. Do ponto de vista da tecnologia o trabalho evoluiu do artesanato para a manufatura e para a fábrica, distinguindo-se pela elevação constante da produtividade mediante o emprego de processos cada vez mais complexos e sofisticados de mecanização e de automação. O dia do trabalho foi fixado em primeiro de maio na maioria dos países industrializados, em que é internacionalmente celebrada a figura do trabalhador. Originou-se nas manifestações de operários de Chicago iniciadas em primeiro de maio de 1886, que culminaram no dia 4 num violento conflito com a polícia, que várias pessoas morreram. Em consequência, oito anarquistas foram presos e condenados à morte (quatro morreram na forca, um suicidou-se e três foram perdoados). Nos EUA o Dia dos Trabalhadores é comemorado na primeira segunda-feira de setembro, desde 1894.

## TROLESI

(Se você é da família ou a conhece, ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

U

## URBANO PEREIRA DE AGUIAR

Consta, no livro do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, uma lista dos primeiros 100 casamentos realizados em nossa cidade. Entre os anos de 1897/1898 o sexto da lista é o casamento de Urbano Pereira de Aguiar. Em reportagem da Revista "A Comarca" de 1991, publicou-se matéria relativa as raias ou corridas de cavalos dos tempos idos. Entre os anos 20 a 40, o interior do estado de São Paulo viveu o esporte intensamente. A Raia se constituía de uma disputa entre dois animais: dois cavalos, duas éguas, ou um cavalo e uma égua (explicava a matéria). Havia um local, uma pista projetada de extensão relativa, dois quilômetros, aproximadamente. De um ponto inicial – a partida-, os animais saíam em desabalada carreira para atingir o ponto final ou chegada. Apostas eram realizadas atingindo muitas vezes importâncias bem razoáveis. Alguns termos ligados ao esporte ficaram registrados: "cola e luz", por exemplo, era o nome que se dava à vantagem de um corpo inteiro, isto é, da cabeça ao rabo. Quando um animal vencía uma corrida, com essa vantagem, ganhava por "Cola e luz". A raia de Matão ficava na divisa com as terras da Fazenda dos Ingleses, lá na Vila Santa Cruz, numa extensão que se dirigia da vila para a propriedade da família Picchi. Em termos de disposição de hoje (na época da reportagem) ficava a partir da esquina onde se localiza a oficina Grande Prêmio (Av. Araraquara esquina com a Rua Itápolis) e se dirigia para a propriedade que atualmente pertence ao Sr. Décio Miniussi. A reportagem comenta sobre os aficionados do esporte, como a família Romanelli (o Reynaldo, o Irineu e o Amadeu), os Silveira Leite (o Quím, o Antídio, o Bento e outros), os Artimonte, os Pereira de Aguiar (Urbano, Brasilino, Ismael), os Barreto, os Cardim e outros, muitos outros. A Professora Ceci Romanelli Prado colaborou com a matéria e apresentou um contrato de corrida de cavalos da época. O contrato foi pactuado entre os senhores Bento Silveira Leite e Pedro Cardim, para correr os cavalos de propriedade dos senhores Amadeu Romanelli e Dirceu de Camargo. O Cavalo de Amadeu era o célebre Sereno, tordilho pedrez e o de Dirceu Camargo era o Mouro, com uma pequena estrela na testa. O trato estipulava uma distância a ser percorrida de 274 metros, inclusive o partidor de dez metros, mais 66 metros de aumento, com duas paradas. O Valor da aposta foi de 3:000\$000 três contos de réis. O documento foi assinado por Pedro Cardim, Bento Silveira Leite, Manoel Mendes Silveira e Brasilino Pereira de Aguiar. Data: Matão, 08 de fevereiro de 1931, assinado também por Reynaldo Romanelli. Local: Raia da Vila Santa Cruz. Para que as corridas fossem realizadas dentro da estrita legalidade, outro documento histórico é um Alvará da Delegacia de Polícia de Matão em favor de Gino de Biasi, para realizar uma corrida de cavalos na Raia da Vila Santa Cruz desta cidade de Matão, pelo prazo de um dia. Tal Alvará de licença está datado de 18 de julho de 1936, assinado pelo Delegado de Polícia João Nepomuceno Freitas Junior. Um terceiro documento, mais interessante ainda é uma cópia de um Ofício da Companhia Agrícola Fazendas Paulistas, assinado pelo seu gerente geral, Dan Haggard, dirigido ao Sr. Reynaldo Romanelli, reclamando de danos causados nas cercas da fazenda, quando da realização das corridas de cavalos. Tal documento está datado de 24 de julho de 1936. Quanta história! Além disso, Urbano Pereira de Aguiar, junto com Antonio da Silva Coelho, foram os responsáveis pelo esquadrejamento da cidade de Matão, lá no início de sua história. Consta da biografia de Antonio da Silva Coelho que foi ele quem definiu e demarcou as vias públicas do Arraial do Senhor Bom Jesus das Palmeiras, gleba recém-adquirida de 10 alqueires, propriedade de Innocência Antonio da Costa, que virou patrimônio da Paróquia, tendo como um dos seus assessores "técnicos" o "Nhô Urbano que, com varas de sápuva, cordas e laços de couro cru, mediram a cidade. Biografia tão rica assim jamais poderá ser apagada de nossas memórias e eterniza-la neste trabalho foi muito gratificante, para que não deixemos a marca do tempo esconder nossas raízes, nossos ilustres personagens e o nosso próprio passado.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski



## VALDOMIRA MARIA FACHIN

Nasceu em Ibicaré no Estado de Santa Catarina no dia 27 de agosto de 1.932. Mudou-se para Matão no ano de 1.978, adotando a Terra da Saudade como sua terra natal. Prestou serviços na Citrosuco, Fischer, Confecções Elite e no Asilo de Matão, desempenhando suas funções e enfrentando todas as suas dificuldades, com a garra e a força que trouxe como bagagem do valente povo catarinense. Dentro da sua simplicidade e humildade, criou e educou seus filhos, norteando-os dentro do espírito de luta e da coragem com que sempre conduziu a sua própria vida, preparando-os para contribuir com o desenvolvimento e engrandecer o nome da nossa querida Matão. São seus filhos: Daniel Fachin, comerciante; Danilo Fachin, comerciante; Devanir Fachin, motorista autônomo; Decláudia Fachin, do lar; Deonides Fachin, do lar; Deolindo Fachin, aposentado e Delvir Fachin, agricultor. Na história da construção do desenvolvimento e progresso de Matão, seus filhos Danilo e Daniel, escreveram uma página de extrema importância para o município, gerando renda e, principalmente, dezenas de empregos através das empresas: São Paulo Automóveis, Auto Posto 21 de Matão Ltda., Auto Posto 23 Ltda., Reage Segurança Empresarial e Auto Posto 13, este último a ser inaugurado no próximo dia 12 de junho. Este breve e modesto relato vem ilustrar o alto teor de justiça que embasa a presente homenagem. Mulheres, como dona Valdomira, representam o esteio da nossa comunidade, servindo de exemplo para todas aquelas que não vêem nas dificuldades da vida, barreiras para viver com decência e dignidade.

## VALENTIM BONONI

Nascido na Itália, na cidade de Castel Guglielmo, no dia 14 de fevereiro de 1920, filho de Lucindo Bononi e Stoces Eleonora. Aos quatro anos de idade, juntamente com a família e centenas de italianos, migrou para a América do Sul em busca de melhores condições de vida, já que a Europa vivia os efeitos desastrosos da primeira Guerra Mundial. Chegou ao Brasil em 24 de maio de 1924 e, junto com a família e outros imigrantes chegaram em nossa região para trabalhar como colonos, pois, na época, era grande o movimento no cultivo do café. Valentim, ainda criança, já ajudava os pais na busca do sustento e até da sobrevivência, já que eram tempos muito difíceis. Viveu o resto de sua infância, adolescência e juventude na zona rural e, como os demais colonos, enfrentava um trabalho árduo onde o ganho não recompensava tanto esforço e dedicação. Entretanto, não havia outras opções, uma vez que as cidades eram ainda pouco desenvolvidas na época e não criavam ofertas atraentes de trabalho e a lavoura era praticamente a única opção de ganhar a vida. Com 23 anos de idade, casou-se com Adélia Périco, filha de Ângelo Périco e Ana Serigato, sendo que o casal permaneceu como colonos por mais de uma década. Da união, nasceram os filhos: Antonio, José Valentim, Maria Aparecida, Gerson, Fernando, Maria Isabel, Paulo Roberto, Ana Maria e Maria Estela. Por volta do ano de 1950, quando a família Malzoni adquiriu as terras dos antigos proprietários e transformou-a em fazenda, denominada até hoje de Aquidabam, Valentim foi contratado como camarada, depois como carpinteiro sendo mais tarde promovido a fiscal de lavoura.

Nesse período, Valentim e Adélia criaram e educaram seus filhos dentro de um ambiente de humildade, com muito respeito e dignidade. No ano de 1964, já no período do êxodo rural regional, Valentim se mudou com toda a família para a cidade (Matão), na busca de melhores dias para os seus filhos. Sua grande preocupação era o estudo, pois, na época, estudar os filhos era a primeira condição para garantir um emprego futuro. Mesmo morando na cidade, mas sem opção de emprego, continuou a trabalhar nas fazendas como carpinteiro ou empreiteiro de trabalhos braçais. A partir dos anos 80, já com o peso da idade e também com os filhos já encaminhados para a vida, Valentim passou a trabalhar só como carpinteiro de obras residenciais, onde ganhava o suficiente para viver ao lado de sua esposa. Nos últimos anos de sua vida, adoeceu e passou por grandes sofrimentos mas, mesmo assim, conservou seus princípios de um grande cidadão, especialmente pela sua humildade. Faleceu no dia 21 de janeiro de 2004, com 84 anos de idade e deixou muitas saudades para a esposa, filhos, netos, bisnetos e muitos amigos. A vida acaba, o exemplo fica. Pela sua rica história de cidadão e ser humano, Valentim merece ser sempre lembrado.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

## VANDERLEI APARECIDO PEREIRA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## VENINA CHIACHIO ARROYO

Sobre Dona Venina, assim descreveu o escritor e historiador Januário Groppa: "... *Vida infinitamente preciosa, trazia em si a conduta dos lírios e meiguice pouco comum na gente deste mundo, semblante dócil e mansa como o perdão, vivia na prática do bem, construindo pedra por pedra o amparo aos pobres. Mães extremada, esposa singular, irmã carinhosa, em favor da caridade humana...*"

## VENEZIA

Veneza (em italiano *Venezia*) é uma comuna italiana da região do Vêneto, província de Veneza, com cerca de 266.181 habitantes conhecida pelos seus canais e pela catedral de São Marcos. Estende-se por uma área de 412km<sup>2</sup>, tendo uma densidade populacional de 646 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Campagna, Lupia, Cavallino-Treporti, Chioggia, Jesolo, Marcon, Martellago, Mira, Mogliano Veneto, (TV), Musile di Piave, Quarto d'Altino, Scorzè, Spinea. A cidade se tornou uma potência comercial a partir do século X, no qual sua frota já era uma das maiores da Europa. Como cidade comercial, tinha várias feitorias e controlava várias rotas comerciais no Levante. Eram suas feitorias cidades como Negroponto e Dirraquium, assim como ilhas inteiras: Creta, Rodes, Cefalônia e Zante, por exemplo. O historiador Fernand Braudel classificou-a como a primeira capital econômica do Capitalismo. A famosa ponte Rialto, em Veneza, foi construída em 1588. O projeto, assinado por Antonio da Ponte, venceu um concurso que teve participação de célebres artistas, como Michelangelo. Até 1854, esta ponte era a única maneira de os pedestres cruzarem o grande canal. É uma cidade muito conhecida pelos seus passeios românticos, levando muitos casais a viverem suas luas de mel lá. Passeios de barco e visitas a todos os lugares são programas promovidos por esses casais apaixonados... Nesta Cidade Nasceram os Papas: Gregório XII, Eugênio IV, Paulo II, Alexandre VIII, Clemente XIII e Pio X. De uma espantosa beleza, Veneza é uma cidade única verdadeiro museu a céu aberto. Foi nessa cidade, construída sobre ilhas, que, durante o renascimento, floresceu uma comunidade judaica cosmopolita, das mais importantes da Europa. Apesar de entre Veneza e os judeus as relações sempre terem sido marcadas por relativa tolerância, foi lá que surgiu o primeiro gueto. A história de Veneza, no nordeste da Itália, tem início com a decadência do Império Romano do Ocidente, quando, ao procurar abrigo das hordas bárbaras que invadiam a Península Itálica, os habitantes das redondezas se refugiaram nas ilhas da lagoa veneziana, banhada pelas águas do mar Adriático. Segundo a tradição, Veneza foi fundada em 421 desta Era, permanecendo, por séculos, sob tutela do Império Bizantino. No século IX, a cidade se livra dessa tutela, tornando-se um estado autônomo, dirigida por um "Doge" e por uma oligarquia. Até a Era Napoleônica, a "Sereníssima República de Veneza" manteve-se independente. Já no século X, a cidade tornava-se uma potência marítima e comercial. Estrategicamente localizada à beira do Mar Adriático, vizinha ao Império Bizantino, possuía uma das maiores frotas navais da Europa - o que lhe permite o controle de inúmeras rotas comerciais entre Ocidente e Oriente. A partir de 1204, quando a 4ª Cruzada toma Constantinopla, a "Sereníssima" torna-se o poder dominante na região, ponto de intercâmbio cultural e comercial entre Ásia e Europa. E, em meados de 1500, a cidade atingia seu apogeu. A cidade, situada nas ilhas de uma lagoa na costa do Mar Adriático, nordeste da Itália, tem um repertório histórico interessantíssimo. As ilhas foram originalmente habitadas pelos vênets, como refúgio da invasão bárbara do século V. No final do século VI, já se encontravam definitivamente povoadas com suas defesas marítimas construídas. A partir de 726, os doges (governantes) passaram a ser eleitos; no século IX, tornou-se a primeira República Independente do Império Bizantino. Enriqueceu graças ao comércio efetuado com o Oriente, tornando-se uma potência marítima. Exerceu papel proeminente na época das Cruzadas, beneficiando-se do saque a Constantinopla em 1204 e dominou a grande província contígua, conhecida como Venécia, e também, muitas ilhas gregas. A República, em seu auge, dominou o Mediterrâneo, conquistando Chipre, no século XV e governando as cidades de Bérgamo, Bréscia, Pádua, Verona e Vicenza - o chamado Vêneto. Apesar de bem sucedida na batalha naval de Leopanto (1571), contra os turcos, perdeu Chipre e seu poder entrou em declínio, situação agravada com a perda do monopólio comercial dos produtos do Oriente, precipitada pela descoberta do caminho marítimo para as Índias, efetuado pelo português Vasco da Gama em 1498. Sucumbiu facilmente à invasão Francesa de 1797 e foi cedida à Áustria. Contudo, no século XIX, integrou-se ao Reino da Itália. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

## VERGÍLIO DE DEUS MOREIRA

Nascido aos 16 de fevereiro de 1918, na cidade de Alegre, estado do Espírito Santo. Filho de João de Deus Moreira e Rosa Maria da Conceição Moreira foi lavrador e carpinteiro até aposentar-se. Casado com Margarida Emília Moreira, residiram na Av. Napoleão Bottura, nº 421, Jardim Alvorada. Foi pai de 11 onze filhos, entre eles, o Sr. Sebastião de Deus Moreira, muito conhecido em nossa cidade, atuante sindicalista e Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Matão em duas oportunidades, atualmente ocupa o cargo de Secretário de Governo, atendendo a todos com cortesia, atenção e dignidade, fazendo o que se espera de um homem público consciente de seu papel dentro da sociedade. O Sr. Vergílio de Deus Moreira foi um cidadão humilde que se identificou com todos os que, como ele, escolheram Matão como local para criar a sua família, semeando exemplos que deverão ser seguidos por todos nós e, emprestando seu nome e sua história de forma a figurar em uma das vias públicas de nossa cidade, como forma de homenagear as pessoas simples, mas de coração gigante que ajudaram a escrever a trajetória de Matão.

## VERONA

Verona é uma comuna italiana da região do Vêneto, província de Verona, com cerca de 256.110 habitantes. Estende-se por uma área de 206,63 km<sup>2</sup>, tendo uma densidade populacional de 1182 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Bussolengo, Buttapietra, Castel d'Azzano, Grezzana, Mezzane di Sotto, Negrar, Pescantina, Roverè Veronese, San Giovanni Lupatoto, San Martino Buon Albergo, San Mauro di Saline, San Pietro in Cariano, Sommacampagna, Sona, Tregnago, Villafranca di Verona. Constitui um entroncamento viário e um centro turístico com algumas indústrias. Antigo burgo celta transformado em colônia romana (século 11 a.C.). Verona foi conquistada em 498 por Teodorico, que a adotou como uma de suas residências favoritas. Um século mais tarde, caiu sob o domínio dos reis lombardos e foi elevada a sede de marca do reino Carolíngio da Itália (século IX), depois anexada por Otão I, ao ducado da Baviera (Século X). Em 1164 foi transformada em comuna. De 1261 a 1387, foi governada pela Família Della Scalla, que a tornou centro de um grande Estado que compreendia Vicenza, Pádua e Treviso. Em 1797 revoltou-se contra a destruição do Estado Veneziano por Bonaparte (Páscoas Veronesas), palco de célebre matança de franceses. Em 1814 foi anexada ao Império da Áustria e virou sede de um congresso da Santa Aliança (Congresso de Verona 1822), e, finalmente, anexada ao reino da Itália em 1866. Verona é banhada pelo rio Adige e está localizada a 30 km do Lago da Gardá. A cidade de Verona, ao que parece foi fundada pelos celtas. Mais tarde foi uma colônia romana em 89, com o nome de *Augusta*. Foi capital de ducados durante a monarquia lombarda. Verona chegou a ostentar a supremacia artística de toda a Itália, sendo sede de uma escola pictórica onde se destacou Paolo Veronese. O bairro Residencial Villa Romana de Matão, empreendimento de propriedade da família Graziosi, decidiu homenagear os inúmeros imigrantes italianos que escolheram nossa cidade para construir suas vidas e criarem seus filhos. A forma escolhida, enviada a Câmara Municipal, foi a de denominar suas ruas com nomes de cidades italianas. A justificativa do ato foi assim redigida: "...aspiração da Família Graziosi, proprietária do empreendimento denominado Residencial Villa Romana, conforme pedido anexo. Através disso, a família homenageou todos os imigrantes italianos que aqui fincaram sua raízes para engrandecer e amar a nossa Matão, trazendo a sua contribuição para o seu progresso e desenvolvimento. Matão muito deve aos imigrantes italianos. Muito deve à família Graziosi..."

## VICENTE BARBOSA DA SILVA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou pelo e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## VICENTE CORDOA

Malgrado de origem humilde e honesta, nascido em São Carlos e tendo aportado em Matão aos 03 anos de idade, Vicente Cordoa daí em diante jamais se afastou das raízes matonenses. Primeiro veio com os pais para a Fazenda Passa Giço, onde morou e trabalhou a terra ao longo de 36 anos. Lavrador incansável,

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

depois rumou para a Fazenda dos Pinotti, onde também residiu e trabalhou por mais 20 anos, rumando em seguida à cidade para viver os últimos anos de vida. É inegável que Vicente Córdoa emprestou sua força de trabalho. Humilde, é verdade, figura quase anônima, mas não é menos verdadeiro que com suas mãos tirou da terra frutos que alimentaram gerações. Homem cômico, dedicado ao trabalho da lavoura, respeitador, pai de família e cidadão exemplar, ao lado da esposa, Elvira Finardi Cordoa, deixou filhos que constituem hoje paradigma de dignidade e amor ao trabalho: Antonio, Pierina, Rosa, Fernando, Aparecida, Laerte e Devair. A homenagem, além de justa, é bastante merecida, e a Câmara Municipal de Matão por certo se sentiu sumamente dignificada com a oportunidade de homenagear o nome de Vicente Cordoa, emprestando sua história e seu nome a uma das ruas de nossa cidade.

## VICENTE INFANTE

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## VICENTE JOÃO BERNARDI

Oriundo de uma das mais tradicionais famílias de Matão, Vicente João Bernardi era filho de Antônio Bernardi e de Dona Carolina Roque, imigrantes italianos oriundos de Mantova, norte da Itália. Nasceu em 04 de dezembro de 1904 no bairro do Bom Retiro, em Matão. O casal Antonio e Carolina teve ainda os filhos: Ida, Ercília, Antonio e Alfredo. Vicente João foi casado com Dona Yole Pauli Bernardi, brasileira nascida em 08 de outubro de 1908, na cidade de Matão. Do enlace, nasceram os filhos: Ineide Wany Bernardi Hasselaar, Nelson Bernardi, Hélio Antonio Bernardi e Helder Bernardi. Vicente era um hábil seleiro e trabalhou consertando selas em diversas fazendas de nosso município, estabelecendo-se em nosso comércio com selaria, bazar e, posteriormente, com uma padaria. Sempre atendendo a todos com solicitude. Era muito caridoso, bondoso, inteligente e prestativo. Vicente gostava muito da zona rural. Comprou chácaras e sítios, negociando com gado, plantações, etc. Criador de cachorros perdigueiros gostava de caçar com os amigos. Além das atividades profissionais era uma pessoa conhecida no meio social em que vivia, integrante do Clube de Tiro ao Alvo que existia naquela época. Além disso, foi um dos fundadores do Clube Societá Stella D' Itália, sociedade que alegrou aos sócios com seus bailes, carnavais e demais eventos realizados. Em 195 integrou o conselho deliberativo do clube, sempre disposto a colaborar com a entidade. Vicente, carinhosamente conhecido por "Joanin", tocava violão com esmero, fazendo parte de vários grupos seresteiros da época. Caso Vicente ainda estivesse no meio de nós sentiria orgulho do progresso da Terra da Saudade onde tanto trabalhou e cidade que muito amou. Que Deus o tenha e abençoe nossa cidade, seus moradores e a família por ele deixada. Faleceu em 30 de agosto de 1971.

## VICENTE MASTROPIETRO

Oriundo de uma das mais antigas famílias de nossa cidade, Vicente Mastropietro foi casado com Dona Rosa Talibert com quem teve os filhos: Porcia, Ana, Francisco, Giacomio, Luiz, Aida, Amleto, Rômolo, Reno, Irene, Armando e Lydia.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## VICENTE RUSSO

Nasceu em 17 de junho de 1912 em Santa Lúcia. Casou-se com Elídia Cisti Russo, e dessa união, nasceram os filhos: Helena, Maria Teresa, Irene, Antonio Paulo e Luiz Carlos. Vicente Russo morou e trabalhou durante 30 anos na Boa Vista (Fazenda dos Ingleses). Depois de 30 anos residiu em Matão por 46 anos, onde trabalhou na Baldan e no Posto Cambuí. Teve 16 netos e 17 bisnetos, todos residentes em Matão. Vicente contribuiu muito para o progresso desta querida terra que tanto amou. Muitos anos de trabalho, muitas conquistas, fé e disposição para continuar nesta luta de crença, no desenvolvimento desta abençoada terra. Foi muito caridoso e sempre auxiliou os pobres e a todos que dele precisavam. Trabalhou muito pelas crianças e idosos de nossa cidade. Vicente Russo e família, em cada parte deste solo, marcaram suas presenças, suas esperanças, seus trabalhos, sua crença nos destinos de Matão. Faleceu no dia 26 de maio de 2002, disseminando na sua passagem pela terra... 90 anos vividos, ofertando amor e auxílio ao próximo. Deixou na história de nossa terra uma marca profunda que lhe credencia a mais alta admiração e respeito. Grande pai, grande amor, grande vida. Foi ficar junto a Deus, deixando saudades aos familiares, aos matonenses e a todos aqueles que o conheceram.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## VICENTE VESPA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## VICTÓRIO CHIOZZINI

Victorio era filho de Lino Chiozzini e de Dona Edwirges Cappi. Oriundo de uma das famílias mais antigas de nossa cidade. Consta, no livro do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, uma lista dos primeiros 100 casamentos realizados em nossa cidade. Entre os anos de 1897/1898 o número 45 da lista é o casamento de seu pai, Lino Chiozzini com Dona Edwirges Cappi com quem teve os filhos: Letícia, Antenesca, Ida, Egydio, Amélia, Mário, Zelinda, Esmeralda e Durvalina, além de Victorio. Victorio Chiozzini foi casado com Dona Cândida Alves.

## VICTÓRIO PINOTTI

Descendente de uma das mais antigas famílias de Matão, Vítório Pinotti foi casado com Dona Hermínia Lozani com quem teve os filhos: Domingos, Thereza, Bento Antonio, Germano, Primo, Antonio José, Ilda, Letícia, Maria, Mário, Dovillo, Diva, Irmã e Idalina.

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## VINTE E OITO DE AGOSTO

No mundo jurídico, por princípio, uma lei só começa a vigor após sua publicação, para que todos dela tomem conhecimento. É neste momento que ela então passa a existir no mundo dos fatos, regulando as relações interpessoais. Como é de costume, a publicação, no Diário Oficial do Estado, sempre ocorre no dia posterior à promulgação da Lei. Foi isso que também imaginaram os novíssimos governantes de Matão. Entretanto, a certidão de nascimento do Município de Matão, Lei nº 567, de 27 de agosto de 1898, foi publicada na Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, aos 27 de agosto de 1898, mesmo dia de sua promulgação. Tal fato teria sido o motivo pelo qual temos a data de 28 de agosto batizada em uma de nossas principais ruas, ou seja, podemos utilizar a expressão "day after" (dia seguinte) como ponto de partida, marco inicial do nascimento da Terra da Saudade. No entanto, independentemente dessas conjecturas, tentamos contato com a Imprensa Oficial paulista, com o objetivo de conseguir cópia do Diário Oficial dos dias 27 e 28 de agosto daquele longínquo 1898, pois, segundo conta a história do DOE, ele começou a circular no ano de 1891, sete anos antes da instalação do município de Matão, mas até o término do nosso trabalho de pesquisa não havíamos conseguido alcançá-lo. A imprensa oficial do estado de São Paulo foi criada em 28 de abril de 1891 pelo governador Américo Brasiliense e se destinava à publicação dos Atos e do expediente das diversas repartições públicas do estado. A primeira edição foi publicada em 1º de Maio do mesmo ano, em meio a uma grande crise na recém criada República, em que o Marechal Deodoro da Fonseca lutava para sustentar-se frente aos ataques dos monarquistas. A primeira edição era apenas uma folha dupla. Atualmente o DOESP é um dos maiores jornais do mundo, circulando diariamente com aproximadamente 2 mil páginas e inteiramente acessível via internet. Sabemos que o dia 27 de agosto é o dia da Emancipação Político-Administrativa da Comarca de Matão, conforme Lei nº 567 de 1898. A atual Avenida 28 de agosto é a antiga Avenida 10, assim denominada quando da criação do Município. Anos depois, houve algumas alterações nos nomes das ruas e avenidas, quando a antiga Avenida 10 passou a ser 28 de agosto. Vamos conhecer mais um pouco da história de nossa cidade. - **MATÃO - HISTÓRICO** - Na região entre as nascentes do rio Itaquerê, afluente do Jacaré-Guaçu e ribeirão Dobrado, afluente do rio dos Porcos, em terras de Innocência Antonio da Costa, começaram a chegar colonizadores vindos de Municípios vizinhos, formando-se o Arraial do Senhor Bom Jesus das Palmeiras, a partir de 1880. Em 1892, reuniram-se os moradores da região, sob a presidência do Juiz de Direito da Comarca de Araraquara, decidindo-se constituir uma comissão, autorizada a angariar fundos para aquisição de uma área e a convidar pessoas interessadas em construir casas nos lotes a serem concedidos. Essa comissão, levantando recursos, adquiriu de Innocência Antonio da Costa, antigo morador, dez alqueires de terras, doando-as ao patrimônio, onde, entre 1893 e 1894, foi erguida uma capela dedicada ao Senhor Bom Jesus das Palmeiras, nome que se estendeu à vila. Com o afluxo de interessados e a construção de casas residenciais, de comércio e indústria, o povoado acabou por ganhar a condição de Distrito de Paz, por lei Estadual nº 499, de 07 de maio de 1897, no município de Araraquara. Em 27 de agosto de 1898, através da Lei estadual nº 567, o distrito é desmembrado de Araraquara e elevado à condição de município constituído do Distrito Sede e mantendo o nome de Matão em decorrência da exuberância de matas que existiam no local. Sua instalação verificou-se no dia 28 de março de 1899. Reproduzimos abaixo a lei estadual que elevou o distrito de paz à categoria de município:

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

LEI Nº 567 – DE 27 DE AGOSTO DE 1898

*Eleva à categoria de município o districto de paz do "Mattão"*

*O doutor Francisco de Assis Peixoto Gomide, Vice-Presidente do Estado de São Paulo, Faça saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte:*

*Artigo 1º Fica elevado a município o districto de paz do Mattão com as actuaes divisas do mesmo districto de paz, excepto na parte confinante com o município de Araraquara, com o qual as suas divisas serão as seguintes: Do corrego do Retiro, situado na fazenda de Carlos Baptista de Magalhães, seguem as divisas pelo corrego abaixo até a estrada de rodagem entre Jaboticabal e Araraquara, seguem por esta estrada até o corrego do Lageado Pintado, no lugar denominado "João de Campos", seguem pelo dito corrego acima até a sua mais alta cabeceira, desta em linha reta até a agua da Lagoa e por esta agua acima até a agua denominada "José Hyppolito", desta agua em procura das contra-vertentes do ribeirão "Itaquerê", por este ribeirão abaixo até a estrada de rodagem entre Araraquara e Boa Vista das Pedras e por esta estrada ao rumo de baixo da fazenda Cambuhy, seguindo as divisas deste último ponto em diante pelas actuaes divisas do districto de paz até fechar o seu respectivo perimetro.*

*Artigo 2º A primeira camara municipal compor-se-á de seis vereadores.*

*Artigo 3º O novo município pertencerá à comarca de Araraquara.*

*Artigo 4º Não poderá realizar-se a instalação municipal sem que se verifique a existencia de predio com as accomodações necessarias para o funcionamento da camara e cadeia.*

*Artigo 5º Revogam-se as disposições em contrario.*

*O Secretario de Estado dos Negocios do Interior assim a faça executar.*

*Palacio do Governo do Estado de São Paulo, aos vinte e sete de Agosto de mil e oitocentos e noventa e oito.*

**FRANCISCO A. PEIXOTO GOMIDE**  
João Baptista de Mello Peixoto

*Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 27 de agosto de 1898 – O director, Álvaro de Toledo.*

Em 1898, chegavam em Matão os trilhos da Estrada de Ferro Araraquara. Foi elevado à categoria de Cidade pela lei estadual nº 1038, de 19 de dezembro do ano de 1906. Transformado em divisão administrativa (1911), era composto por três Distritos: Matão, Dobrada e São Lourenço do Turvo. No ano de 1933 manteve a mesma divisão administrativa. Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, bem como no quadro anexo ao Decreto-Lei Estadual nº 9073, de 31 de março de 1938, o município de Matão pertencia ao termo judiciário de Araraquara, da comarca de Araraquara, permanecendo com os mesmos três distritos. No quadro fixado pelo Decreto-Lei Estadual nº 9775 de 30 de novembro de 1938, para 1939-1943, o município de Matão mantinha os mesmos três distritos, permanecendo ligado à comarca de Araraquara. Assim aparece nos quadros fixados pelas leis nºs 233, de 24 de dezembro de 1948 e 2456, de 30 de dezembro de 1953, para 1949-1953 e 1954-1958. Permanecendo com a mesma divisão territorial datada de 01 de julho de 1960. Em 28 de fevereiro de 1964, através da Lei estadual nº 8092, o distrito de Dobrada desmembra-se de Matão e passa à condição de município. Em divisão territorial datada de 01 de junho de 1995, o município é constituído de dois distritos: Matão e São Lourenço do Turvo, repetindo-se tal divisão em 15 de julho de 1999, permanecendo assim até os dias atuais.

## **VIRGÍLIO BALLISTA**

Descendente de uma das famílias mais tradicionais de Matão, Virgílio Ballista era oriundo de Mantova, Veneza, Itália. Casou-se, em Dobrada com Dona Paula Rocatelli com quem teve os filhos: Plínio, Olga, Constantina, Yolanda, Ricordina e Benvindo. Durante alguns anos, a família permaneceu em Dobrada, depois, vieram morar no bairro Pau D' Alho, bem afastado de Matão. Neste local, Virgílio adquiriu um armazém de secos e molhados, empregando toda sua família, já que muitos sítiantes começaram a comprar seus mantimentos no armazém, quer pela distância de outros concorrentes, mas muito mais pelo bom

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

atendimento que a família Ballista oferecia aos seus clientes. Depois, os filhos Plínio e Benvindo, por idéia do pai, adquiriram um armazém já existente e deram início a Casa Ballista, no Bairro do Retiro, no ano de 1941. Através de um grande amigo, Sr. Fleury, Virgílio começou a comprar café em todas as regiões onde houvesse lavoura. Ia até Cândido Rodrigues a cavalo. O café era despachado para Matão para ser beneficiado e catado pelas mulheres que tiravam todas as suas impurezas. Depois era despachado para Santos, pela ferrovia, para ser exportado. Pela sua trajetória de vida, enriquecendo Matão com sua história e com seus descendentes, Virgílio Ballista figura em uma das vias públicas de nossa cidade como sinal de reverência, respeito e gratidão de uma comunidade inteira que com ele conviveu nos saudosos tempos da velha e querida Matão.

## VIRGÍLIO TAGLIAVINI

Descendente de uma das mais antigas famílias de comerciantes que se instalaram em nosso município, Virgílio Tagliavini chegou em Matão em 1887 e foi um dos artífices que ajudou a construir Matão. Lavrador da zona rural, realizando empreitadas cafeeiras em doze anos de trabalho na Fazenda Piratininga, regando a abundante e morna terra matonense com o suor de seu rosto. Instalou-se o comércio, depois montou um pastificio com produtos de primeira qualidade, chamada Casa do Tagliavini. Imigrante italiano era incapaz de praticar o mal e dono de um coração adorável. Foi casado com Dona Adele Rossi com quem teve os filhos: Amélia, Pedro, Genoveva, Yolanda (esposa de Januário Groppa), Vitorio, Olga, Cezarino, Oreste, Anita e Osvaldo. Januário, quando da morte de seu sogro, reclamou das autoridades que se "esqueceram" da história do Virgílio, não o homenageando com nome de rua, (fonte: Januário Groppa "Matão de Meu Deus", IMAG - 1987). Anos depois, Matão pôde reverenciar o nome de Virgílio, que, juntamente com sua história, foram emprestadas à uma das vias públicas de nossa cidade.

## VIRGÍLIO TURCATO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## VITAL BOMTEMPO

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

# W

## WALDEMAR AMBROGGIO BOTTURA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

## WALSIR PAIOLA

Nasceu nesta cidade de Matão aos 04 de Janeiro de 1937, filho de Humberto Paiola e Emilia Albanuzzi Paiola. Casou-se com a Sr<sup>a</sup> Maria Helena Manechini Paiola com quem teve 4 filhos: Henrique, Karina, Walsir Júnior e Eduardo. Foi metalúrgico trabalhou na Indústria Bambozzi por 23 anos e 13 anos na Citrosuco Paulista até se aposentar. Walsir Paiola, homem trabalhador, honesto, amante do esporte matonense, foi jogador do São Lourenço Atlético Clube, participou de vários campeonatos de bocha na Sorema e no Ginásio de Esportes, onde frequentava diariamente. Teve importante contribuição em sua comunidade religiosa, onde sua esposa ainda participa como membro ativo na pastoral social da comunidade Senhor Bom Jesus, assim agradeço a oportunidade dos meus nobres colegas vereadores para aprovação desta iniciativa que sem dúvida alguma fará um pouco justiça a quem muito contribuiu com a nossa comunidade matonense.

## WASHINGTON LUIZ

Washington Luís Pereira de Souza, político e historiador brasileiro (1870 Macaé-RJ – 1957 São Paulo). Viveu desde a mocidade no Estado de São Paulo. Ocupou a Secretaria da Justiça do Governo do Estado na gestão de Jorge Tibiriçá (1906), continuando no mesmo cargo na administração seguinte, de Albuquerque Lins (1912). Deputado Estadual novamente em 1912, assumiu a liderança política do situacionismo como prefeito da capital do Estado (1914-1919). Desenvolveu extensa atividade, construiu estradas, modernizou o serviço de limpeza pública e enfrentou um período crítico em que a cidade foi assolada por epidemia de gripe (1918). Eleito para o governo do Estado (1920-1924), criou vários órgãos, abrangendo a organização judiciária, terras devolutas e forma de sua alienação, assistência judiciária, Força Pública e Polícia. Deu alento ao Arquivo Público do Estado, favorecendo a divulgação dos documentos históricos por esse órgão. Fundou o Museu Republicano da Convenção de Itu e reestruturou o Museu Paulista. Assumiu em 1926 a Presidência da República, numa fase conturbada da vida política do país, agravada por profunda crise econômica em 1929. Em outubro de 1930, no curso da Revolução (a terceira do decênio), foi deposto por uma junta militar. Foi membro da Academia Paulista de Letras, autor de "Contribuições para a História da Capitania de São Paulo", e de "Na Capitania de São Paulo", além de muitos outros trabalhos sobre a história paulista, publicados em jornais e revistas especializadas.

## WILSON ANTONIO BOVOLIN

Nascido em Tabatinga no dia 12 de junho de 1936, na zona rural, região onde residiu e trabalhou como oleiro até a idade de 17 anos. No ano de 1953 veio trabalhar como lavrador de autos, em postos de gasolina, até junho de 1954, quando então com 18 anos, habilitou-se como motorista profissional, passando a trabalhar no Expresso Líder Maccagnan até junho de 1972. No mesmo ano, mudou-se para Matão. No mês de agosto de 1972 começou a trabalhar como carreteiro da Citrosuco Paulista S/A, função exercida até dezembro de 1974, quando adquiriu o seu próprio caminhão e passou a prestar serviço autônomo até quando se aposentou. Casou-se no ano de 1959 com Maria Aparecida Anselmo Bovolin, com quem teve três filhos: Wilson, Cristina e Jucelaine e os filhos adotados: Ricardo e Kamira. Wilson faleceu em 28 de junho de 1991, na cidade de Catanduva. Seu nome figura em uma das ruas de nossa cidade como forma de homenagear sua trajetória de vida, seus exemplos e a continuidade de sua família, além de prestar um tributo a todos os caminhoneiros, nascidos ou residentes em Matão, pois através dessa importante profissão o nome de Matão foi conduzido aos mais diversos rincões de nosso país, levando nossos produtos, divulgando nossas empresas e nossas habilidades, encurtando fronteiras e ajudando a escrever importante página de nossa própria história.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

## WILSON DE FARIA

(Se você é da família ou foi amigo (a)/conhecido (a) do (a) homenageado (a), ajude-nos a escrever a sua história, através do site: [www.matao.sp.gov.br](http://www.matao.sp.gov.br) ou do e-mail: [eduardomatuiski@hotmail.com](mailto:eduardomatuiski@hotmail.com)).

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

Eduardo Matuiski

Y

## YOLANDA TAGLIAVINI GROPPA

Yolanda foi descendente de uma das mais antigas famílias de comerciantes que se instalaram em nosso município. Era filha de Virgílio Tagliavini e de Dona Adele Rossi. Seu pai chegou em Matão em 1887 e foi um dos artífices que ajudou a construir Matão. Lavrador da zona rural, realizando empreitadas cafeeiras em doze anos de trabalho na Fazenda Piratininga, regando a abundante e morna terra matonense com o suor de seu rosto. Instalou-se o comércio, depois montou um pastificio com produtos de primeira qualidade, chamada Casa do Tagliavini. Imigrante italiano era incapaz de praticar o mal e dono de um coração adorável. Foi casado com Dona Adele Rossi com quem teve os filhos: Amélia, Pedro, Genoveva, Vitorio, Olga, Cezarino, Oreste, Anita, Osvaldo e Yolanda, que foi casada com o escritor e historiador Januário Groppa. Januário, quando da morte de seu sogro, reclamou das autoridades que se "esqueceram" da história do Virgílio, não o homenageando com nome de rua, (fonte: Januário Groppa "Matão de Meu Deus", IMAG - 1987). Anos depois, Matão pôde reverenciar o nome de Virgílio e o de sua filha Yolanda, trajetórias de vida que ficaram marcadas na história de Matão.

## YOLANDA TOMAZELLI CECCHETO

Mais conhecida como "Yole", nasceu em Dobrada no dia 01 de janeiro de 1912, embora tenha sido registrada no dia 03 de fevereiro daquele mesmo ano. Filha caçula dos imigrantes italianos Silvio Tomazelli (relojoeiro) e de Dona Catharina Nardi. A família morou pouco tempo em Dobrada, logo se mudando para Matão, onde o pai começou a trabalhar como seu avô, Rafael Tomazelli. Yole teve uma única irmã, Helvira, casada com Américo Marquezzi. Desde a infância era uma pessoa alegre, prestativa com os vizinhos e muito querida por todos. Gostava de festas, fazendo, inclusive, partes dos teatros da Professora Chlorita de Oliveira Penteado Martins. Sempre trabalhadeira, fazia tricô com agulhas de bambu, costurava, bordava e fazia crochê para ajudar no sustento da casa, além de muito boa cozinheira. Em 1935 casou-se com o Sr. João Cecchetto, viúvo, vindo de Bragança Paulista com seus pais, irmãos e o filho Luiz Cecchetto. A família tinha um armazém abaixo da linha férrea, na Av. XV de Novembro, esquina com a Rua Castro Alves, onde mais tarde construíram um sobrado e, como a maioria dos italianos da época, moravam com o sogro, os filhos e suas novas famílias. João Cecchetto era filho de Arthur Cecchetto e Arquilha irmão de Jorge, casado com Olga Tagliavini e Marcello, casado com Helena Bambozzi Cecchetto. A família completou-se com o nascimento de Maria Aparecida, Thereza, Iracema, Yolanda Bernadete e Sonia Maria. Após sete anos, nasceu a filha Ana Maria e depois de mais dois anos, os gêmeos Silvio Jorge e João Cecchetto. Dona Yole morou alguns anos na Fazenda Varginha, e naquele tempo as roupas eram lavadas com água tirada do poço e a comida cozida no fogão a lenha. Seus maiores donos eram a alegria de viver, seu amor a Deus e em Nossa Senhora, predicações que ela soube plantar com profundas raízes nos corações de seus filhos. Teve 25 netos e 12 bisnetos, até o seu falecimento em 30 de setembro de 2002.

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*

# A HISTÓRIA DO NOME DA MINHA RUA

*Eduardo Matuiski*





